TEOLOGIA PARA PENTECOSTAIS

UMA TEOLOGIA SISTEMÁTICA EXPANDIDA

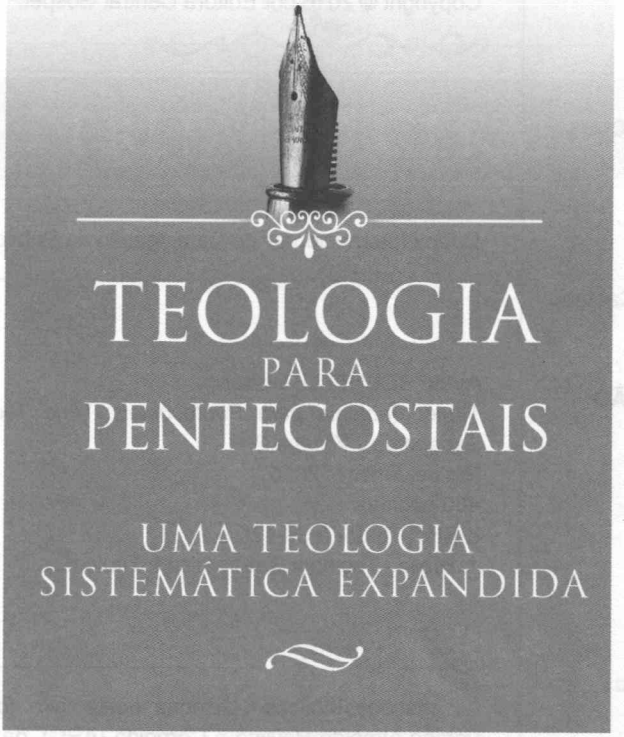
VOLUME 02

CRISTOLOGIA - ESTUDO SOBRE A PESSOA DE CRISTO

PNEUMATOLOGIA - ESTUDO SOBRE O ESPÍRITO SANTO • ANGELOLOGIA - ESTUDO SOBRE OS ANJOS

WALTER BRUNELLI

ACADÊMICO



VOLUME 2

CRISTOLOGIA – ESTUDO SOBRE A PESSOA DE CRISTO
PNEUMATOLOGIA – ESTUDO SOBRE O ESPÍRITO SANTO
ANGELOLOGIA – ESTUDO SOBRE OS ANJOS

WALTER BRUNELLI

CENTRAL GOSPEL

GERÊNCIA EDITORIAL E DE PRODUÇÃO
Gilmar Chaves

GERÊNCIA DE PROJETOS ESPECIAIS
Jefferson Magno

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Michelle Candida Caetano

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO E DESIGN
Regina Coeli

1ª REVISÃO
Izaldil Tavares

REVISÃO FINAL
Maria José Marinho
Welton Torres

CAPA
Thiago Ishibashi

ILUSTRAÇÕES
Thiago Ishibashi
Israel Felipe

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Eduardo Souza

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
RR Donnelley

Copyright © 2016 por Editora Central Gospel.

Digitalização: Escriba Digital

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Autor: BRUNELLI, Walter.
Título: *Teologia para Pentecostais: Uma Teologia Sistemática Expandida - Volume 2*
Rio de Janeiro: 2016
480 páginas
ISBN: 978-85-7689-475-9
1. Bíblia - Teologia Sistemática I. Título II.

As citações bíblicas utilizadas neste livro foram extraídas da Versão Almeida Revista e Corrigida (ARC), da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação específica, e visam incentivar a leitura das Sagradas Escrituras.

É proibida a reprodução total ou parcial do texto deste livro por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos etc.), a não ser em citações breves, com indicação da fonte bibliográfica.

Este livro está de acordo com as mudanças propostas pelo novo Acordo Ortográfico, que entrou em vigor a partir de janeiro de 2009.

1ª edição: abril/2016

Editora Central Gospel Ltda
Estrada do Guerenguê, 1851 - Taquara
Cep: 22.713-001
Rio de Janeiro – RJ
TEL: (21) 2187-7000
www.editoracentralgospel.com

PREFÁCIO GERAL

Estudo a Bíblia há vários anos e, dentre todas as fontes que têm servido de ajuda aos meus estudos, sempre tive um interesse e um respeito todo especial pelas teologias sistemáticas. Porém, sempre senti falta de uma teologia que tratasse sistematicamente dos assuntos teológicos sob a visão pentecostal. Eis que, certo dia, fui procurado pelo pastor Walter Brunelli, meu amigo de muitos anos, informando-me de que estava trabalhando em uma *Teologia para Pentecostais.*

Conversamos longamente sobre a conceituação, o conteúdo, o lastreamento do projeto, e, finalmente, cheguei à conclusão de que eu estava diante da preparação de uma obra escrita sob uma ótica nova, original e prática. Imediatamente, assumi o compromisso de abraçar editorialmente aquele projeto e de colocá-lo em nosso cronograma de lançamentos.

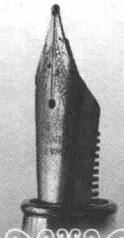
Todo pastor necessita de ferramentas teológicas ricas, diversificadas, de texto acessível e construídas sob rigor acadêmico. Esta *Teologia para Pentecostais – Uma Teologia Sistemática Expandida* é uma obra com estes e outros méritos. Abrangendo os 10 temas da teologia sistemática, o pastor Brunelli disserta, de maneira expandida, sobre: *Bibliologia – Estudo sobre as Escrituras; Teontologia – Estudo sobre o ser de Deus; Cristologia – Estudo sobre a pessoa de Cristo; Pneumatologia – Estudo sobre o Espírito Santo; Angelologia – Estudo sobre os anjos; Antropologia – Estudo sobre o homem; Hamartiologia – Estudo sobre o pecado; Soteriologia – Estudo sobre a salvação; Eclesiologia*

– *Estudo sobre a Igreja; Escatologia – Estudo sobre as últimas coisas;* e ainda brinda os leitores com mais dois estudos: *a História da Teologia Cristã e a História do Movimento Pentecostal.*

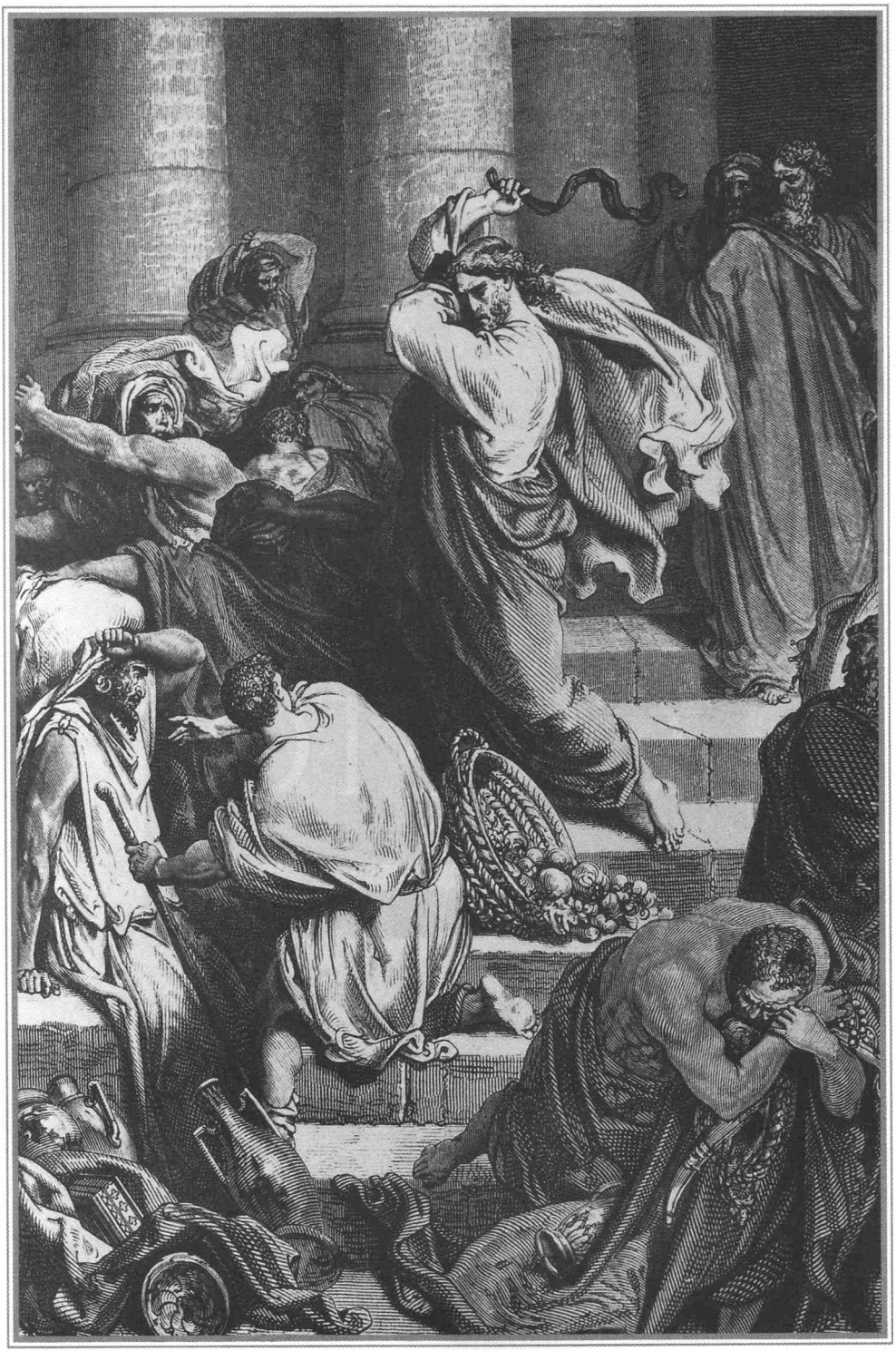
Todo esse arsenal de conhecimentos é o resumo dos estudos de um pastor que sempre dedicou-se ao aprendizado e ao ensino ao longo de sua vida. Em minha opinião, Walter Brunelli é, entre nós, ministros pentecostais, uma das mais autorizadas vozes na ministração do ensino da Palavra de Deus, tanto pelos conhecimentos que tem reunido como pela experiência de cátedra. Tê-lo na lista de nossos autores nacionais com uma obra de tamanha envergadura é algo que nos honra, pois agregará enorme valor ao nosso catálogo.

Tenho certeza de que, publicando esta obra, a Editora Central Gospel estará facilitando a formação curricular de milhares de estudiosos da Bíblia e tornando acessível aos pentecostais uma Teologia Sistemática Expandida e destinada a eles.

Pastor Silas Malafaia
Pastor presidente da Igreja ADVEC, presidente da Editora Central Gospel, psicólogo clínico, conferencista internacional e pastor evangélico.



CRISTOLOGIA
ESTUDO SOBRE A PESSOA DE CRISTO



SUMÁRIO

PREFÁCIO À CRISTOLOGIA 13
Navegadores da divindade de Jesus

O QUE É CRISTOLOGIA? 15
O Messias prometido
O uso da unção em Israel
O uso no Novo Testamento
Profecias messiânicas
Onde aparece o termo
A profecia de Isaías
A profecia de Jeremias
A profecia de Daniel
A profecia de Miqueias
A profecia de Zacarias
O Messias nos Salmos
O anúncio a Maria
Expectativas messiânicas do passado
O fracasso da monarquia
Profecias de um reinado sobre-humano
A expectativa messiânica a partir do reinado helenista
Jesus no contexto galileu
Jesus, Filho de Davi
Jesus, Filho de Deus
Jesus, Filho do Homem
Objeções judaicas à messianidade de Jesus
Os religiosos dos dias de Jesus
As razões principais da rejeição
Jesus não cumpriu todas as profecias
Jesus não tornou o Deus de Israel conhecido do mundo
Jesus igualou-se a Deus
Não aceitam milagres
O último profeta foi Malaquias
Expectativa frustrada
Hábito de rejeitar
A primeira oposição
A ação do Messias em duas etapas

Jesus tornou-se conhecido
Contradições

A PREEXISTÊNCIA DE JESUS 43
A humanidade do Logos
O Logos na cultura helenista
O Logos na cultura judaica
O Logos na literatura joanina
O esvaziamento de Cristo
Na forma de Deus
A figura de servo
Marcado pela diferença
O nascimento de Jesus
Um nascimento arriscado
A união hipostática

A NATUREZA HUMANA DE JESUS 53
Era sujeito às leis naturais
Jesus possuía todas as características de um ser humano
A educação de Jesus
A integridade de Jesus
A contribuição da natureza divina
Consciência de inocência

A NATUREZA DIVINA DE JESUS 61
Consciência da Sua divindade
Sua intimidade com o Pai
Fala do céu
Perdoa pecados
O pensamento gnóstico
Onde e quando nasceu a consciência
Testemunho do céu
O testemunho de João Batista
Encantava pela sabedoria e pelos milagres
Atendia bem a todos
Priorizava a vontade de Deus
O que Jesus sabia sobre as pessoas
O que Jesus sabia sobre situações
O que Jesus não sabia

O SENHORIO DE JESUS 71
Influência helenista
Influência judaica
No cristianismo primitivo

Jesus Salvador
O "Eu sou"

OS OFÍCIOS DE CRISTO 77
Jesus como profeta
O profeta fala em nome de outrem
Figura amparada por Deus
Um profeta semelhante a Moisés
A responsabilidade de quem ouve esse profeta
A figura popular de profeta
O ministério profético de Jesus
Predições proféticas de Jesus
Jesus se autoíntitula profeta
Reconhecido por muitos como profeta
Características de um profeta
Ele era a própria fonte
A revelação do Pai aos Seus
Pouco chamado de profeta
O ministério profético de Jesus perdura com a Igreja

JESUS COMO SACERDOTE 85
O sacerdócio no Antigo Testamento
Pertencer à tribo de Levi
Funções sacerdotais no templo
As ordens sacerdotais
A ordem de Cristo
Outras atribuições sacerdotais
O ministério sacerdotal de Cristo
Sacerdote e sacrifício ao mesmo tempo
Sacrifício perfeito
Intercessor
A superioridade de Cristo
O que dá superioridade ao Seu sacerdócio
Sacerdote sensível
Sumo sacerdote da nossa confissão
O papel do sumo sacerdote

JESUS COMO REI 93
A recusa de um Reino terreno
Afinal, Jesus é Rei ou não?
Suas declarações sobre Seu Reino
O tempo do Seu Reino
A plenitude do Reino
Um Reino espiritual

O anúncio do Reino
Foi reconhecido como Rei por Natanael
Aclamado Rei pelo povo
Pretexto para a Sua condenação
Um Reino de justiça
Um Reino de reis
Um Reino ao lado do Pai
Um Reino futuro
O cumprimento da profecia
Só uma questão de tempo
Declaração dos que o rejeitaram
Jesus, reconhecidamente um Rei

O MINISTÉRIO DE ENSINO DE JESUS 101
Jesus é chamado de Mestre
A posição de Mestre
Consciência dessa posição
Mestre para os discípulos
Mestre para os de fora
Mestre especial
Os métodos de ensino de Jesus
Método discursivo
Método narrativo
Método demonstrativo
Outros métodos
O conteúdo do ensino de Jesus
Ensinamentos éticos
Ensinos sobre o Reino
Prevenções escatológicas
A autoridade no ensino
Ainda é Mestre

JESUS, O OPERADOR DE MILAGRES 109
A noção do milagre
Milagres do Antigo Testamento
Milagres existem
Como encarar os milagres hoje
Milagres no ministério de Jesus

A HUMILHAÇÃO DE CRISTO 115
Previsões do sacrifício de Jesus
A consciência que Jesus tinha do Seu sacrifício
Acertando sem saber
Sacrifício remidor

Sacrifício substitutivo
Os sacrifícios da Lei
Coincidência ou providência?
A satisfação divina
A doutrina da expiação
A necessidade da expiação
Um ato de misericórdia
Por que expiação?
Antes da Lei
A legislação dos sacrifícios
As ordens sacrificiais
Expiação e holocausto
Sacrifícios pacíficos
Sacrifícios pelos sacerdotes
Sacrifício pela nação
Outros tipos de sacrifícios
A oferta sem sangue
Teorias sobre a expiação
Visão ortodoxa
Teoria dos Pais da Igreja
Teoria moral
Teoria governamental
Teoria mística
Analogia moral
Analogia comercial
Analogia legal
Analogia sacrificial
O cumprimento da expiação
Não aperfeiçoavam ninguém
O sacrifício perfeito
O sacrifício obrigatório
A sentença do pecador
Expiação limitada
Os resultados da expiação
Entre a morte e a ressurreição

A RESSURREIÇÃO DE JESUS 137
Predições sobre a ressurreição no Antigo Testamento
As predições feitas pelo próprio Cristo
A aparência do Cristo ressurreto
O fato da ressurreição
As primeiras reações da ressurreição
Resultados da ressurreição
Os quarenta dias na terra

A EXALTAÇÃO DE CRISTO 145
A ascensão de Jesus
Um corpo de glória
Testemunhas oculares
Outras aparições
A posição de Jesus no céu
Exerce o domínio sobre tudo
Jesus, o Rei que voltará
A manifestação do Filho
Todo mundo o exaltará
O reconhecimento dos que o rejeitaram
Regalias celestiais

CONCLUSÃO 151

BIBLIOGRAFIA 153

PREFÁCIO À CRISTOLOGIA

QUANDO DEUS SE FEZ HOMEM E HABITOU ENTRE NÓS

Ao ser preso na Ilha de Santa Helena, Napoleão Bonaparte escreveu a um amigo: "Conheço os homens e garanto-te que Jesus Cristo não foi simplesmente um homem". E, no seu livro *Memorial de Santa Helena,* o imperador que vencera tantas batalhas e agora estava ali, naquela ilha, prisioneiro e vencido, reconheceu:

"Apaixonei as multidões que morriam por mim; mas eram indispensáveis minha presença, a chama do meu olhar, minha voz, uma palavra minha... Agora que estou em Santa Helena, só e exilado neste rochedo, onde estão os cortesãos do meu infortúnio? Onde estão os que me acompanhavam? Para onde foram os meus ministros? Quem se recorda de mim? Quem se move por mim na Europa? Onde estão os meus parentes, os meus amigos? Que abismo tão grande entre a minha profunda miséria e o Reino de Jesus Cristo, mais e mais louvado, a cada dia mais amado, sempre e para sempre adorado em todo o universo!"

Jesus não se apresentou ao mundo somente como o Messias prometido ao povo judeu, e sim como o Filho de Deus, como o próprio Deus, que se fez homem e veio habitar entre nós, "cheio de graça e de verdade" (Jo 1.14b), para salvar-nos.

Estudando atentamente Sua vida na seção Cristologia, o pastor Walter Brunelli consegue esmiuçar os pontos fundamentais acerca de Sua preexistência, Seus atributos, e a atuação do Filho de Deus sobre a face da terra. É maravilhoso vermos como Jesus Cristo atrai a atenção de todos sobre si mesmo, conforme reconheceu o próprio imperador Napoleão Bonaparte. O desenrolar de Sua existência entre nós, a sublimidade de Sua doutrina, a magnitude e os efeitos de Sua obra redentora sobre a humanidade provam que Ele não foi um mero acidente histórico, como os demais homens, e sim Deus que se fez homem e veio habitar entre os seres humanos, para reconduzi-los ao Senhor, ou seja, a si mesmo.

Negadores da divindade de Jesus

Ao longo dos séculos, Satanás tem inspirado a descrença no coração de muitos seres humanos, levando-os a afirmar que Jesus Cristo não é Deus. Muitos o admitem como profeta, legislador, revolucionário e até como Messias, mas não como Deus.

A divindade de Jesus foi negada de forma sistemática no segundo século pelos cerintianos e ebionitas, no quarto século pelos arianos, no século 16 pelos socianos e, em todos os séculos, pelos racionalistas.

Em 1863, o escritor francês e professor de hebraico Ernest Renan publicou o polêmico livro *A Vida de Jesus*, com o propósito de provar que Jesus Cristo fora simplesmente um homem, produto de Sua época. Nessa obra, Renan afirma que, nos Evangelhos, "Jesus jamais declara a ideia sacrílega de que Ele seja Deus".

Jean Stapfer, outro escritor francês, seguindo o mal exemplo de Renan, afirma também que "Jesus não foi mais que um homem". O escritor alemão Johanes Wernle, encabeçando em sua pátria a lista dos modernos negadores da divindade de Jesus, disse que Cristo se apresenta nos Evangelhos "com o sentimento da distância em que toda criatura está de Deus".

Portanto, esses e centenas de outros escritores racionalistas e materialistas disseram que Jesus nunca afirmou ser Deus. Veremos, porém, que, em um dos mais ricos tópicos de seu estudo sobre Cristologia, o pastor Walter Brunelli apresenta os argumentos que provam a divindade de Jesus, demonstrando que esses homens estavam e estão enganados. Jesus Cristo afirmou ser Deus. Nenhum líder religioso reconhecido ousou fazer tal afirmação.

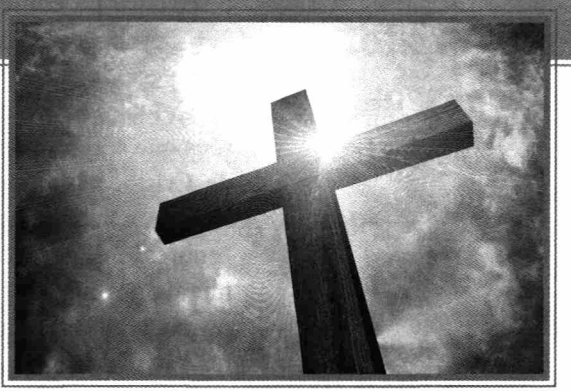
Nem Moisés, nem Buda, nem o apóstolo Paulo, nem Confúcio, nem Maomé, nem Allan Kardec afirmaram ser Deus. Só Jesus Cristo afirmou e apresentou provas disso. O escritor norte-americano F. J. Meldau, diante do assunto, tece o seguinte comentário: "Os ensinamentos de Jesus eram a palavra final – acima dos de Moisés e dos profetas. Ele nunca acrescentou melhoras ou revisões a seus pensamentos; nunca se retratou ou mudou de opinião; nunca falou demonstrando insegurança, incerteza. Isso é absolutamente contrário ao procedimento dos líderes e dos mestres humanos".

Os leitores desta *Teologia para Pentecostais* estão de parabéns pela vastidão de conhecimentos que adquirirão ao estudarem atentamente esta obra, pois ela é o testemunho da vida de um homem que tem passado os seus mais ativos anos debruçado no estudo das Sagradas Escrituras e em inúmeras fontes de conhecimentos bíblicos. O Pr. Walter Brunelli é um dos maiores exemplos de estudioso e ensinador que temos em nosso país.

Jefferson Magno

Ministro e pregador do evangelho, professor, preletor, biógrafo e articulista, além de Gerente de Projetos Especiais na Editora Central Gospel. Graduado em Letras (Português-Literatura) pela Sociedade Unificada de Ensino Superior Augusto Motta (UNISUAM) e bacharel em Teologia pelo Instituto Bíblico Pentecostal (IBP). É autor de dez livros.

O QUE É CRISTOLOGIA?



Cristologia é a área da Teologia Sistemática que estuda a pessoa e a obra de Cristo. Estudar a pessoa de Cristo, do ponto de vista histórico, a partir das Escrituras Sagradas, é relativamente prático; no entanto, do ponto de vista teológico, é complexo. A história de vida, que vai do nascimento à morte, incluindo a ressurreição e a ascensão, abrange um curto período de 33 anos; porém, a complexidade que envolve a humanidade do *Logos*, a união hipostática, a deidade, o ministério messiânico, a mensagem de chegada do Reino, o poder, a morte, a ressurreição e a perpetuação de Sua mensagem e o senhorio por meio da Igreja requerem mais do que um estudo biográfico ou simplesmente histórico.

A dogmática cristológica sofre alguns problemas quando descentralizada das Escrituras Sagradas. Os extremos estão nessas dificuldades, que vão do fanatismo religioso, passando pelo liberalismo teológico e chegando ao existencialismo. No primeiro, deparamo-nos com a mariolatria e as crendices desenvolvidas em torno da mãe de Jesus; no liberalismo teológico, percebemos uma maneira de ver o cristianismo como mais uma religião, entre tantas outras, e a pessoa de Cristo exaltada à condição de Filho de Deus pela comunidade cristã do primeiro século, quando Ele não passava de um gênio; já o existencialismo – tendo como principal representante Rudolf Bultmann –, na falta de elementos que garantam a cientificidade do Jesus histórico, trata do mistério da vinda do Messias como mito. Tais extremos em nada contribuem para uma cristologia bíblica saudável; antes, polarizam opiniões, descentralizando o verdadeiro sentido e o

Cristologia é a área da Teologia Sistemática que estuda a pessoa e a obra de Cristo. Estudar a pessoa de Cristo, do ponto de vista histórico, a partir das Escrituras Sagradas, é relativamente prático.

motivo da fé cristã na pessoa de Jesus Cristo. No meio desses extremos, ainda passamos pelas controvérsias cristológicas que ocorreram nos concílios, onde debatiam Sua divindade-humanidade e o Seu lugar na Trindade divina.

Berkhof distingue a Cristologia em dois períodos distintos: antes e depois do Concílio de Calcedônia. As discussões que surgiram em torno da pessoa de Cristo, na primeira fase, comprometiam a Sua divindade. Os ebionitas, "pobres", um grupo cristão que mantinha os pés fincados na Torá, consideravam Jesus um simples homem, que foi qualificado para ser Messias no ato do batismo, por haver recebido o Espírito Santo. Outro grupo chamado *alogi* ("antiLogos") não aceitava os escritos de João, porque ele apresentava Jesus como o *Logos* encarnado, mas admitia o Seu nascimento virginal; contudo, assim como os ebionitas admitiam que o Messias incorporou em Jesus (homem) no batismo, os monarquistas dinâmicos, representados por Paulo de Samosata, faziam distinção entre Jesus e o *Logos*. Os monarquianistas modalistas negavam a humanidade de Cristo, admitindo que Ele se manifestava, de modos diferentes, ora como Pai, ora como Filho.[1]

No Concílio de Calcedônia[2], afirmou-se o *diofisismo*, isto é, a dupla natureza de Jesus: homem e Deus. À altura do Concílio de Calcedônia, a doutrina de Êutico era muito forte e dizia que a natureza humana de Cristo tinha sido absorvida pela natureza divina. Outra doutrina foi o apolinarianismo, de Apolinário (310–390 d.C.), a qual dizia que Jesus tinha corpo humano, porém mente divina. Entretanto, depois do Concílio de Calcedônia, outras discussões em torno da pessoa de Cristo ainda surgiram, como, por exemplo, o adocionismo, defendido pelo bispo de Urgel, que considerava Cristo o Filho de Deus, por adoção. Na Idade Média, ainda não se tinha uma total clareza acerca da doutrina de Cristo. Havia um conceito docético[3] entre

1. BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. 2. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001.

2. O Concílio de Calcedônia foi realizado na cidade de Bitínia, entre 8 de outubro e 1 de novembro de 451 d.C., para fazer frente à doutrina monofisista de Eutiques. O concílio foi convocado pelo imperador bizantino Marciano e contou com a presença de 350 bispos.

3. Docetismo, do grego *dokeos*, "aparência", era um tipo de gnosticismo que admitia ser Jesus apenas uma aparência humana, sem que, de fato, fosse humano; uma vez que o mal está na matéria, Jesus não pode estar involucrado no próprio mal.

os escolásticos. Após a Reforma (século 16), passou-se a afirmar que os atributos divinos de onipotência, onisciência e onipresença foram comunicados à natureza humana de Cristo.[4]

O Messias prometido

Achamos importante iniciar esta Cristologia pelas profecias que se referem a Jesus, destacando a Sua messianidade. Das profecias acerca do Seu nascimento à Sua ascensão ao céu, a Cristologia lida com um grande mistério. Emanuel, "Deus conosco", esteve aqui. Todos os fatos que envolvem a pessoa de Cristo devem ser considerados, ou seja, cada palavra, cada gesto. Diante de fatos tão complexos, cabe ao estudante da Cristologia fazer esta pergunta, com toda reverência e humildade: Que pessoa é essa que participou da criação do mundo, veio à terra, fez-se homem, realizou coisas extraordinárias, morreu em uma cruz, ressuscitou ao terceiro dia e subiu ao céu, à vista de quase 500 irmãos, se não é Deus? Estudar a vida de Cristo é descobrir o que de mais maravilhoso se pode encontrar na vida de um ser. É algo que transcende qualquer biografia jamais escrita e orna as mais requintadas bibliotecas do mundo. Estudar Cristo não é decifrá-lo, porque ninguém pode decifrar Deus, o Pai; mas é deleitar-se em um

O que é Cristologia?

4. BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. 2. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001. p. 284.

conhecimento sem fim, que se inicia aqui e prossegue por toda a eternidade. "E a vida eterna é esta: que conheçam a ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (Jo 17.3).

O termo *Messias* vem do hebraico מָשִׁיחַ, *Mashiah,* e significa "ungido". O verbo correspondente é "untar" ou "ungir". Untar é um termo muito usado pelas donas de casa quando esfregam óleo na forma, antes de jogarem a massa para assar uma torta ou uma carne. O termo *mashach* também é aplicado para derramamento de óleo para aspersão sobre objetos ou pessoas, algo de profunda significação no Antigo Testamento.[5]

O verbo *masah* aparece, no Pentateuco, 29 vezes no perfeito, no imperfeito, no infinitivo, no particípio de *qale*, no infinitivo de *niphal.* Nos livros proféticos, aparece 30 vezes. Amós usa esse verbo para referir-se aos costumes de mulheres pecadoras que se perfumavam com óleos finos (Am 6.6). O verbo grego ἔχρισέν, *ékrisén,* usado na Septuaginta, é o que aparece também no Novo Testamento (Lc 4.18; At 4.27; 10.38). Ele surge também como qualificativo da pessoa de Jesus em João 1.41 e 4.25.

A grande intriga dos judeus, dos dias de Jesus até hoje, é admitir que Jesus é o Messias, conforme as profecias referentes à Sua pessoa. Por que há tanta implicância em admitir esse fato? Em que consiste, afinal, ser Jesus o Messias? Consiste em ser a manifestação de um Rei divino, que vem para ocupar o Seu legítimo trono em um reino teocrático. De modo geral, no período monárquico, o rei é visto sempre como um enviado de Deus, pois é chamado de "Ungido de Yahweh". Muitos se candidataram a esse trono, dizendo-se Messias, mas cada um foi desmascarado a seu tempo. Conhecemo-lo por meio de revelações históricas e até mesmo bíblicas, que descrevem pelo menos dois casos: Teudas e Judas (At 5.36,37). Os pseudomessias não preenchiam os requisitos indispensáveis para tão elevada posição. No caso de Jesus, houve incessantes batalhas, movidas pelos religiosos, para tentar impugná-lo, e isso foi levado até o fim, até o dia em que conseguiram matá-lo, mas não puderam explicar a Sua ressurreição, engendrando, assim, uma mentira que até hoje sustentam (Mt 28.11-15).

O uso da unção em Israel

Além desse tipo de unção em Israel, dava-se, também, muita importância à unção para pessoas e para alguns objetos. Três ofícios de elevado conceito eram consagrados pela unção: o do profeta (1 Rs 19.16); o do sacerdote (Lv 4.3) e o do rei (1 Sm 24.7-1). Havia também unção para objetos, tais como: o tabernáculo e os apetrechos sagrados que o compunham (Lv 8.7-11).[6]

Embora tenhamos, mais adiante, uma seção específica para tratar dos ofícios de Jesus, adiantaremos aqui uma nota sobre a relação messiânica de Jesus com esses ofícios. O

---

5. GRONINGEN, Gerard Van. *Revelação Messiânica no Velho Testamento.* Campinas: Editora Luz para o Caminho, 1995. p. 27.

6. Ibidem. p. 31.

sacerdócio é representado integralmente por Arão, irmão de Moisés. Para desempenhar essa função, ele foi ungido, dando início a esse costume na comunidade da aliança: "Depois, derramou do azeite da unção sobre a cabeça de Arão e ungiu-o, para santificá-lo" (Lv 8.12; cf. Sl 133.2; Lv 4.3; 10.7). Jesus é chamado de "sumo sacerdote da nossa confissão" (Hb 3.1). Deus mandou Elias ungir Eliseu como profeta em seu lugar (1 Rs 19.16).

Há referências bíblicas que tratam o profeta como alguém ungido para exercer essa função, razão por que deve ser tratado com o devido respeito: "Não toqueis nos meus ungidos e não maltrateis os meus profetas" (Sl 105.15; cf. 1 Cr 16.22). A capa de Elias, herdada por Eliseu, não substitui a unção que certamente ocorrera em cumprimento à ordem divina, embora o fato não esteja relatado na Bíblia. Esse segundo evento tem relação com um pedido particular de Eliseu ao profeta, o qual estava interessado na porção dobrada do espírito de Elias (2 Rs 2.9), para desfrutar da mesma autoridade de seu predecessor na sua capacidade espiritual.

O caso da unção para rei, por sua vez, é bem amplo nas Escrituras. Samuel ungiu o primeiro rei de Israel, Saul (1 Sm 10.1); o sacerdote Zadoque ungiu Salomão (1 Rs 1.39,45); o profeta Elias foi incumbido de ungir Jeú como rei de Israel (1 Rs 19.16). Pelo fato de receberem a unção para exercer o ofício de sacerdote, profeta ou rei, os que exerciam tais ofícios eram chamados, respectivamente, de "ungidos do Senhor" (1 Sm 12.3,5; 2 Sm 1.14,16; Sl 20.6). Jesus foi a única pessoa que ocupou os três ofícios. Saul recebeu unção para ser rei e também profetizou, embora não haja qualquer registro de que ele houvesse recebido unção para ser profeta. A sua profecia foi ocasional, mas, se fosse o caso de ele ser contado também entre os profetas oficiais (ungidos), certamente não acumularia o terceiro ofício. Quando quis agir como sacerdote, adentrando ao templo para oferecer sacrifício, foi impedido (1 Sm 13.8). Caso semelhante é o de Samuel, que era sacerdote e profeta, porém nunca foi rei.

Jesus estava cônscio do Seu messianato. Na sinagoga de Nazaré, levantou-se e leu uma profecia no livro do profeta Isaías, que fala a Seu respeito: "O Espírito do Senhor Jeová está sobre mim, pois que me *ungiu* para evangelizar os pobres, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a apregoar liberdade aos cativos, a dar vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos, a anunciar o ano aceitável do Senhor" (Lc 4.18,19 - grifo do autor).

O uso no Novo Testamento

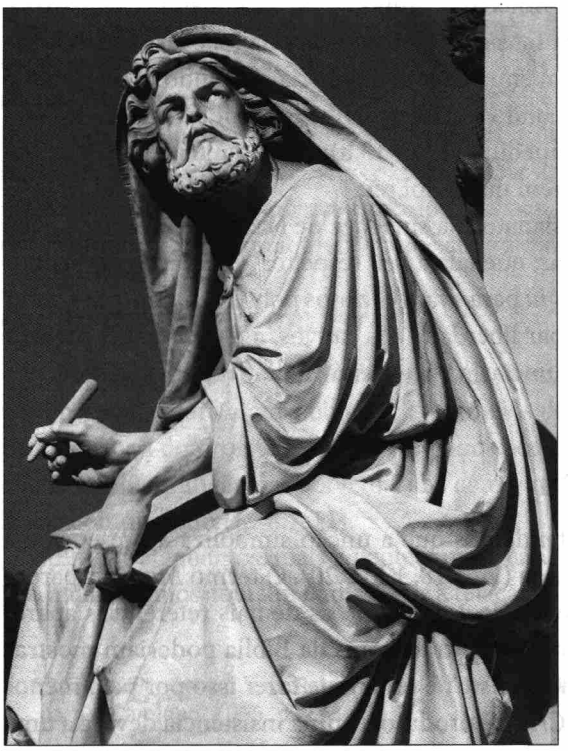
À luz do Novo Testamento, entendemos que a unção simboliza a presença e a atuação do Espírito Santo sobre a pessoa (Lc 4.18; 1 Jo 2.20). O termo *Messias* aparece apenas duas vezes no Novo Testamento (Jo 1.41; 4.25); as demais referências aparecem na versão grega da palavra: *Christós*. Os tradutores da Bíblia poderiam mostrar a palavra como "Ungido", e não como "Cristo", e teriam de fazer isso por pelo menos 569 vezes. Contudo, o uso do termo *Cristo* é produto de uma insistência devida a uma correlação direta com o hebraico *Messias*.

Profecias messiânicas

A esperança messiânica é algo alimentado pelo povo judeu desde longa data, com base nos escritos proféticos de Isaías, Daniel, Jeremias, Miqueias e Zacarias, assim como nos Salmos. Há também outros textos encontrados na literatura intertestamentária (período entre Malaquias e Mateus) que reforçam essa expectativa.

Onde aparece o termo

Quem abrir uma concordância bíblica para pesquisar o termo *Messias* ficará desapontado por encontrá-lo apenas em Daniel 9.25,26: "Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Messias, o Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas; as ruas e as tranqueiras se reedificarão; mas em tempos angustiosos. E, depois das sessentas e duas semanas, será tirado o Messias e não será mais; e o povo do príncipe, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será com uma inundação; e até ao fim haverá guerra; estão determinadas assolações". Como um termo tão raro pode ganhar tanta expressão no pensamento de um povo e gerar tanta expectativa? O fato de o termo aparecer apenas uma vez, referindo-se a uma pessoa, não ganha tanto significado sem motivo.



Isaías

A profecia de Isaías

O profeta Isaías fala de um menino que há de nascer, cujas qualificações pessoais não deixam dúvida de que se trata do Messias; afinal, o principado está sobre os Seus ombros, e o Seu nome descreve qualificações divinas, como: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da eternidade, Príncipe da Paz (Is 9.6,7; veja também Is 7.14; 40.1-3; cf. Jo 1.22,23; Is 63.1; Rm 11.26,27). Isaías não deixa ninguém iludido quanto ao perfil do Messias. Ele o descreve como homem de dores experimentado nos trabalhos, alguém que seria desprezado e sofreria morte vicária para perdoar pecados e sarar doenças (Is 53). Até as mentes

mais indispostas a aceitá-lo não podem ignorar um retrato tão perfeito do Messias! Ainda, em Isaías, a expressão צֶמַח יְהוָה, *Semah Yahweh,* "Renovo de Yahweh" (Is 4.2), aparece diversas vezes, assim como também aparece em outros profetas (Jr 23.5; 33.15; Zc 3.8; 6.2). *Samah* significa "surgir", "brotar", como plantas que surgem, de repente, do solo ou de um tronco e tornam-se um ramo. Ele é o ramo (ou raiz) de Jessé (Is 11.10).[7]

O profeta Isaías fala de um menino que há de nascer, cujas qualificações pessoais não deixam dúvida de que se trata do Messias; afinal, o principado está sobre os Seus ombros; e o Seu nome descreve qualificações divinas.

A profecia de Jeremias

O profeta Jeremias profetiza que jamais faltará sucessor para o trono de Davi (Jr 33.17). "Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que levantarei a Davi um Renovo justo; sendo rei, reinará, e prosperará, e praticará o juízo e a justiça" (Jr 23.5; cf. 33.14-17; Dn 7.14; Ap 11.15).

A profecia de Daniel

As setenta semanas de Daniel são um assunto debatido desde a era patrística[8], que gerou muitas polêmicas e formou diferentes escolas. É nela que o termo *Messias* aparece claramente nas Escrituras (Dn 9.25). As principais interpretações sobre as setenta semanas são as seguintes: 1) a que aceita a septuagésima semana como tempo de morte de Cristo, culminando na conversão de Saulo; 2) a interpretação liberal que se concentra no tempo dos macabeus; 3) os intérpretes simbólicos que rejeitam uma cronologia definida; 4) a interpretação dispensacionalista que traz a sexagésima nona semana até o Domingo de Ramos, colocando a Igreja entre parênteses e esperando o cumprimento da septuagésima semana para Israel, no tempo denominado Grande Tribulação.[9]

7. GRONINGEN, Gerard Van. *Revelação Messiânica no Velho Testamento.* Campinas: Editora Luz para o Caminho, 1995. p. 475.

8. Era patrística refere-se aos Pais da Igreja. Estes foram os primeiros teólogos, desde a era apostólica, que se estendem até o Concílio de Niceia (325 d.C.). Depois desse tempo, surgiram outros chamados "pais" na história da Igreja. Veja o capítulo sobre a história da teologia.

9. Ibidem. p. 751.

O texto profético de Daniel distingue algumas épocas, que totalizam sessenta e nove semanas e culminam com o aparecimento do Messias: "Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até o Messias, o Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas; as ruas e as tranqueiras se reedificarão, mas em tempos angustiosos. E, depois das sessenta e duas semanas, será tirado o Messias e não será mais; e o povo do príncipe, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será com uma inundação; e até ao fim haverá guerra; estão determinadas assolações" (Dn 9.25,26).[10]

A profecia de Miqueias

O profeta Miqueias descreve a cidade do nascimento e a grandeza do seu senhorio: "E tu, Belém Efrata, posto que pequena entre milhares de Judá, de ti me sairá o que será Senhor em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade. Portanto, os entregará até ao tempo em que a que está de parto tiver dado à luz; então, o resto de seus irmãos voltará com os filhos de Israel. E ele permanecerá e apascentará o povo na força do Senhor, na excelência do nome do Senhor, seu Deus; e eles permanecerão, porque agora será ele engrandecido até aos confins da terra" (Mq 5.2-4).

A profecia de Zacarias

A profecia de Zacarias apresenta um sinal significativo, principalmente para os entendidos da Lei nos dias de Jesus: "Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém; eis que o teu rei virá a ti, justo e Salvador, pobre e montado sobre um jumento, sobre um asninho, filho de jumenta" (Zc 9.9; cf. Mt 21.1-11). Há quatro qualidades atribuídas ao Rei que vem montado em um jumento feitas por Zacarias. Ele é צַדִּיק, *sadîq*, "reto". Isaías usou esse termo para descrever o governo messiânico (Is 9.5,6; 11.4,5); Ele é "um Salvador"; expressão também empregada pelo profeta Isaías (45.8; 46.13; 51.4,5); Ele é עָנִיּ, *'ânî*, "pobre", "fraco", "oprimido", "humilde", "brando" (cf. Is 14.32; 51.21; 53.7; 54.11) e "cavalga"; a ideia de um descendente real montando um jumento tinha sido afirmada por Jacó quando abençoou seu filho Judá (Gn 49.11).[11] Em seu Evangelho, Mateus esforça-se para provar aos judeus que Jesus é o Messias, conforme textos conhecidos por eles.

O Messias nos Salmos

Embora o Messias também seja conhecido como Jeová, há distinção entre as duas pessoas, como ressalta o Salmo 2.2: "Os reis da terra se levantam, e os príncipes juntos se mancomunam contra o Senhor e contra o seu ungido".

---

10. Veja as setenta semanas de Daniel no capítulo dedicado à Escatologia.

11. GRONINGEN, Gerard Van. *Revelação Messiânica no Velho Testamento*. Campinas: Editora Luz para o Caminho, 1995. p. 819.

O anúncio a Maria

Quando o anjo Gabriel anunciou a Maria o nascimento de Jesus, ele informou a ela que o menino seria Filho do Altíssimo, que se assentaria no trono de Davi, e o Seu reinado seria para sempre (Lc 1.31-33).

Expectativas messiânicas do passado

A formação das expectativas messiânicas entre os hebreus decorrem de vários fatores, sofrendo também variações na sua forma de interpretar o Messias. Quem seria? Como seria? O que faria pela nação? Qual era a Sua relação com Deus? E assim por diante. Os conceitos messiânicos variaram no tempo e no espaço dentro da comunidade hebreia, havendo, inclusive, na nação, quem esperasse por mais de um messias. Jesus chega ao mundo em um momento bastante propício para ser aceito como Messias (Gl 4.4). As pressões políticas e econômicas que a nação sofria sob a égide dos romanos forçavam-na a proclamar, mais do que nunca, a necessidade do tão aguardado Messias. Ele "precisava" vir para revelar aos invasores estrangeiros quem mandava na nação. O anúncio dessa expectativa ultrapassava as fronteiras da nação: onde quer que os judeus da diáspora se encontrassem, proclamavam essa esperança. No entanto, Jesus frustrou todas as expectativas de Sua gente. Seu movimento não seguia na direção aguardada. A figura de Messias, que passava pela mente dos judeus, era a de um déspota, belicoso, audaz; uma figura política capaz de reverter a situação da nação relativamente a um império pagão, de ideais religiosos tão distantes dos seus e de imposições econômicas que levassem o povo cada dia mais à miséria, devido às insuportáveis taxas elevadas de impostos.

A monarquia durou até 586 a.C., quando foram deportados para a Babilônia. Quando voltaram, estavam completamente desestruturados, dependendo de que emergisse alguém dentre eles para que começasse a reordenar as coisas. Assim, vemos Zorobabel assumindo o posto de governador e reconstruindo o templo; Neemias reconstruindo os muros; e os magistrados reunidos com os sacerdotes, fazendo um pacto para a reordenação da obediência aos mandamentos (Ne 9.38).

O fracasso da monarquia

Depois que possuíram a terra, os hebreus foram dirigidos por juízes, até que chegasse o tempo da monarquia. O povo reivindicou um rei, porque queria ter o mesmo *status* das nações vizinhas. Contrariando a orientação divina – porque, para Deus, ainda não havia chegado o tempo em que Ele daria à nação um rei segundo o Seu coração –, o Senhor permitiu que o profeta Samuel consagrasse alguém para ser capitão diante do Seu povo. Samuel despejou óleo sobre a cabeça de Saul, ungindo-o rei. Desde então, a nação, que esperava ter dias de paz, justiça e liberdade, passou a sofrer nas mãos de um rei tirano.

A queda da monarquia

Isso não era o que Deus planejara para Israel; antes, o rei deveria ser Ele mesmo, por intermédio de alguém que Ele ungisse para exercer o comando da nação. Os livros de Samuel e Reis mostram que os reis que sucederam ao trono depois de Saul não desempenharam fielmente o seu papel. Alguns deles fizeram alianças indevidas com povos pagãos, instituíram cultos a deuses estranhos, embora os mesmos livros descrevam momentos em que outros reis se mostraram fiéis a Deus, restabelecendo a aliança com Ele. A aliança que antes contava com a presença de Deus na tenda agora tinha a sua própria casa estabelecida em forma de templo. Essa casa era, para o povo, um sinal de perpetuação da glória de Deus no meio dele.

Os reis de Israel – mais tarde, Israel e Judá, quando o reino foi dividido – falharam, em sua maioria, não apenas nas alianças erradas e no desvio religioso, mas em não oferecer à nação a paz, a justiça e a liberdade tão anunciadas pelos profetas. Contudo, o anúncio e o clamor dos profetas pareciam não serem ouvidos. Havia, no entanto, uma profecia acerca de um profeta maior que Moisés a quem todos ouviriam (Dt 18.15). Os avisos foram chegando: um aqui, outro ali, e, assim, a expectativa messiânica foi ganhando expressão no coração do povo de Deus.

Depois de voltar do cativeiro babilônico, a sensação de vazio pela falta de paz, justiça e liberdade permanecia, porque não bastava ao povo estar de volta à sua terra natal, por mais que houvesse sonhado com esse dia, enquanto estava na Babilônia. Os

compromissos éticos essenciais ao culto a Deus, como a justiça, a misericórdia e a humildade, faltavam à nação (Mq 6.8).

Profecias de um reinado sobre-humano

Os profetas trouxeram profecias messiânicas tão exuberantes que só poderiam dar aos estudiosos duas saídas: ou elas eram adornadas de beleza poética, ou não eram exatamente para um tempo de vida como o que viviam no passado e como se vive ainda hoje. Os profetas diziam: "E morará o lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará, e o bezerro, e o filho de leão, e a nédia ovelha viverão juntos, e um menino pequeno os guiará" (Is 11.6); "Não haverá mais nela criança de poucos dias, nem velho que não cumpra os seus dias; porque o jovem morrerá de cem anos, mas o pecador de cem anos será amaldiçoado" (Is 65.20); "E, naquele dia, farei por eles aliança com as bestas-feras do campo, e com as aves do céu, e com os répteis da terra; e da terra tirarei o arco, e a espada, e a guerra e os farei deitar em segurança" (Os 2.18). Essa reconciliação redentora deixa evidente que se trata de um reinado messiânico escatológico, e não propriamente para os dias em que Jesus viveu na terra.

O leão e o cordeiro

A expectativa messiânica a partir do reinado helenista

Com a tomada de Israel por Antíoco Epifânio, um rei selêucida[12], as esperanças messiânicas tomaram caminhos diversos. Esse rei tentou incorporar os judeus em seu programa de helenização, proibindo o culto a Deus, sob pena de morte. Antíoco Epifânio, particularmente, profanou o templo sagrado, sacrificando uma porca dentro dele, como previu o profeta Daniel (Mt 24.15; cf. Dn 9.27). A reação contra o espírito helenista foi a guerra armada da família macabeia. A conhecida Revolta dos Macabeus venceu os exércitos helênicos e estabeleceu um reino judaico independente (142—63 a.C.). Depois desse período, veio a organização dos fiéis de Javé, declarando guerra do bem contra o mal. Em seguida, veio o Movimento Essênio. Ainda dentro da mesma linha do anterior, os essênios criaram uma comunidade ascética no sul do país, primando pela purificação da alma por meio de banhos rituais diários, em tanques de água. Os essênios aguardavam a chegada de três messias: um que fosse sacerdote da casa de Arão, um que fosse profeta escatológico[13], e outro que fosse rei da casa de Davi.[14] Alguns deles eram militantes políticos como os zelotes, formando seu próprio grupo militar. Outro movimento foi o dos apocalipsistas. O apocalipsismo foi um movimento que ficou conhecido por sua literatura. Essa literatura se destinava a oferecer consolo em tempo de crise. Daniel foi um apocalipsista, mas, depois dele, principalmente no período intertestamentário, surgiram muitos outros, dos quais muitos apelavam para a pseudonímia.[15]

Com a tomada de Israel por Antíoco Epifânio, um rei selêucida, as esperanças messiânicas tomaram caminhos diversos. Esse rei tentou incorporar os judeus em seu programa de helenização, proibindo o culto a Deus.

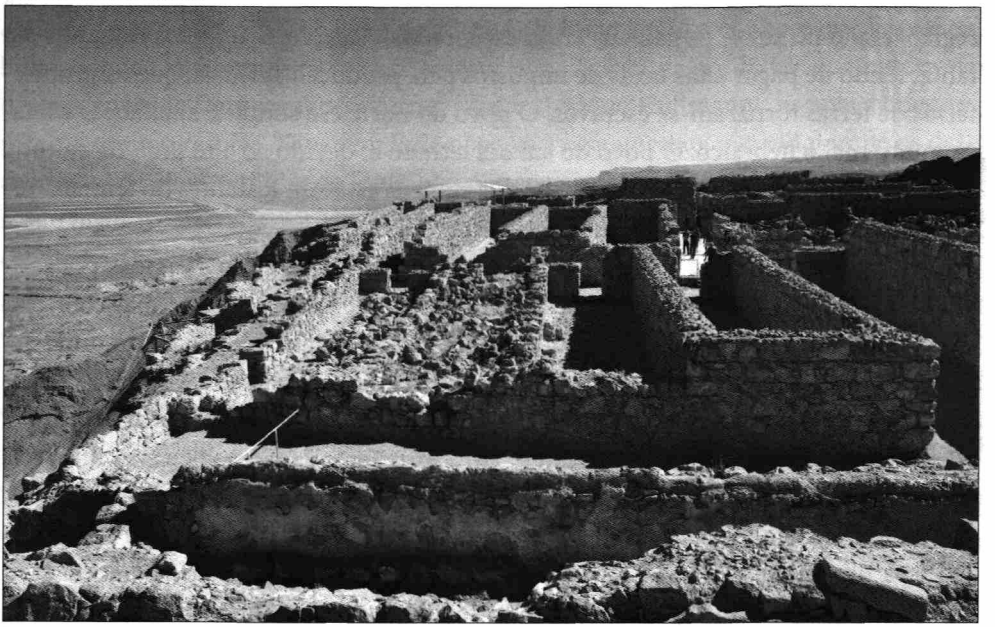
12. Selêucida: uma das quatro divisões do Império Grego - Ptolomeu, Seleuco, Cassandro e Lisímaco.

13. Jesus encaixou-se como profeta escatológico para eles.

14. Os essênios eram muito próximos dos *hassidins*, "os santificados". Estes eram os fariseus. Suas diferenças eram pequenas. Muitos fariseus se tornaram adeptos ao movimento dos essênios.

15. A pseudonímia ocorre quando um autor abre mão do seu nome e concede à autoria de sua obra o nome de alguém que foi famoso na história, a fim de que a sua obra mereça acatamento e aceitação.

Ruínas de Massada



Para os apocalipsistas, o messianismo se daria além da história, diferentemente da expectativa comum do povo. Depois vieram os zelotes. Os zelotes têm origem entre os camponeses da Galileia, totalizando 90% da sua população. Nos dias de Jesus, eles ainda estavam formando-se. Lutaram na tentativa de expulsar os romanos do seu território. Em uma batalha histórica ocorrida em Massada, no extremo sul do país, foram derrotados pelo exército romano. Eram revoltados por sentirem-se explorados pelo governo romano. A esperança messiânica dos zelotes decorria da necessidade que tinham de uma melhora social no seu território. Em Jerusalém, no entanto, não havia essa preocupação. Os sacerdotes guardavam cumplicidade com o Império Romano, tolerando-o e aceitando influências políticas na liderança sacerdotal. O favoritismo entre eles e os romanos serviu para os judeus quando condenaram Jesus. Eles confiaram aos romanos a tarefa da execução, mesmo porque era semana de Páscoa, e eles não podiam sujar as mãos.

Jesus no contexto galileu

A Galileia era também chamada de a Galileia dos gentios (Mt 4.15), porque viviam nela povos estrangeiros, principalmente gregos. Na outra margem do Jordão, situavam-se as dez cidades gregas, região conhecida como Decápolis, por onde Jesus também andou (Mc 5.20; 7.31). No entanto, a Galileia era composta de povos estrangeiros desde a Invasão Assíria, em 722 a.C. (2 Rs 24 *ss*). A Galileia, no norte do país, era a região em que se produzia o alimento para o restante da nação. Apesar de

a Galileia ser terra produtiva – por isso, o rei Herodes tinha o seu palácio naquela região, e não no sul –, os galileus eram explorados. A exploração pelos romanos era tanta, tendo de pagar altas taxas de impostos pela produção agrícola, que os proprietários de terras tornaram-se escravos. O povo do norte era simples, analfabeto e falava muito mal o hebraico. O povo do sul era letrado e, devido ao alto grau de cultura, menosprezava os moradores da Galileia. Os galileus estavam distantes do templo, que se localizava em Jerusalém, no sul do país.

Eles alimentavam-se espiritualmente nas sinagogas que eram dirigidas por fariseus, escribas e saduceus, que vinham do sul somente para isso. Os escribas controlavam a interpretação da Torá. Os assuntos religiosos incluíam política e economia. Jesus morava na Galileia, uma província suspeita para que dela viesse o Messias: "Outros diziam: Este é o Cristo; mas diziam outros: Vem, pois, o Cristo da Galileia?" (Jo 7.41); "Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?" (Jo 1.46). Ser cidadão galileu não favorecia Jesus em nada quando Ele se apresentava em Jerusalém. O povo ignorante, pobre, na sua maioria, cheio de doenças, encontrou em Jesus tanto uma saída para a situação precária de vida que vivia como uma esperança; ele não dispunha de cultura suficiente para pôr em dúvida a messianidade de Jesus, como faziam os religiosos do sul, embora Ele não fosse bem acolhido na sinagoga de Sua cidade natal, Nazaré, também situada na Galileia (Lc 4.14-30). Jesus mostrou sempre o cuidado de não divulgar a alguém que era o Messias. Esse segredo precisava ser mantido, para que o tempo do Seu ministério não fosse abreviado. Se Jesus era discriminado pelos judeus do sul, por Ele ser da Galileia; para a Igreja, que o abraçou como o Cristo, isso não foi motivo de vergonha. Jesus aparece no discurso de Pedro, na casa de Cornélio, como "Senhor de todos (...), começando pela Galileia (...)" (At 10.36,37). Jesus vivia como as pessoas da Sua província, como pobre. Quando enviou os discípulos para a pequena comissão[16], recomendou-lhes que não levassem bolsa, nem alforge e que comessem o que lhes oferecessem (Lc 10.4,7). Sua morte na cruz, para os judeus religiosos, era também uma maneira de humilhar os galileus.

Jesus, Filho de Davi

A identidade de Jesus como Filho de Davi serve para reconhecê-lo como Messias, pois o Messias esperado deveria ser descendente da casa de Davi. Para ter certeza disso, Mateus e Lucas apresentam Jesus como descendente do rei Davi. As genealogias, entretanto, são postas em dúvida pelos teólogos liberais, que acham haver nelas contradição. Os liberais não se dão por satisfeitos se não houver dados comprobatórios acerca dos enunciados, a fim de que se tenha certeza absoluta da informação. À luz da teologia

16. Porque se limitou ao pequeno território de Israel.

liberal, a Igreja primitiva teria criado as duas genealogias, para sustentar a messianidade de Jesus a partir da linhagem davídica. O próprio Paulo reconhece que Jesus é da linhagem de Davi sem pôr em questão este fato: "Acerca de seu Filho, que nasceu da descendência de Davi segundo a carne" (Rm 1.3). Oscar Cullmann[17] levanta a questão, mas ele mesmo resolve. Ninguém faria objeção a essa questão, mesmo porque os descendentes de Davi, nos dias de Jesus, não pertenciam à classe nobre. Cullmann cita um relato histórico narrado por Hegésipo em que o imperador Domiciano, após a destruição de Jerusalém, a fim de resguardar-se da fidelidade dos judeus, ordenou que comparecessem diante dele todos os descendentes de Davi. Entre eles, estavam os netos de Judas, irmão de Jesus. Ao constatar que todos juntos não possuíam mais que 9.000 denários e que trabalhavam no campo para viver, mostrando eles as mãos calejadas como prova, mandou soltá-los com ar de desdém.[18] A genealogia de Davi, portanto, é um ponto favorável à descendência de Jesus e não passou como algo desprezível pela crítica dos liberais, ainda que quisessem.

Outra questão levantada por Cullmann é se Jesus se autodesignou como Filho de Davi. Ele cita Marcos 12.35 como único exemplo – embora haja muitos outros em que Jesus é chamado de Filho de Davi pelo povo (Mt 9.27; 12.23; 15.22; 20.30; 21.9; 22.42). Nessa passagem de Marcos, Jesus cita o Salmo 110.1.

> O Messias que Davi chama de seu "Senhor" deve, pois, ser maior que Davi. Consequentemente, Sua origem verdadeira não pode remontar a Davi, mas a alguém maior. Por detrás dessa palavra de Jesus, estaria então a ideia desenvolvida, por exemplo, no Evangelho de João, segundo a qual Cristo deve, na realidade, Sua origem não aos homens, mas a Deus.[19]

Segundo Cullmann, Jesus não nega Sua descendência de Davi, como também não nega Seu parentesco segundo a carne com Sua família: "Chegaram, então, seus irmãos e sua mãe; e, estando de fora, mandaram-lhe chamar. E a multidão estava assentada ao redor dele, e disseram-lhe: Eis que tua mãe e teus irmãos te procuram e estão lá fora. E ele lhes respondeu, dizendo: Quem é minha mãe e meus irmãos? E, olhando em redor para os que estavam assentados junto dele disse: Eis aqui minha mãe e meus irmãos. Porquanto qualquer que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, e minha irmã, e minha mãe" (Mc 3.31-35). Por que Ele usa esse exemplo? Primeiro, para justificar o fato de que parentesco carnal não tem importância decisiva alguma; e, segundo, que,

---

17. CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Liber, 2001.

18. Ibidem. p. 171.

19. Ibidem. p. 174.

para Ele, o título "Filho de Davi" assim como o título "Messias" devem ser usados com reserva, embora não recuse ser chamado assim.[20]

O fato de Ele ser descendente de Davi dava-lhe prerrogativas para que reivindicasse o trono. O sonho de restaurar a monarquia orbitou em torno de Jesus. Se Ele fosse um líder político que aliciasse forças guerrilheiras para enfrentar Roma, certamente encontraria aliados que se empenhassem ao Seu lado. Quando multiplicou pães e peixes à beira do mar da Galileia, receou ser aclamado rei pelo povo: "Vendo, pois, aqueles homens o milagre que Jesus tinha feito, diziam: Este é, verdadeiramente, o profeta que devia vir ao mundo. Sabendo, pois, Jesus que haviam de vir arrebatá-lo, para o fazerem rei, tornou a retirar-se, ele só, para o monte" (Jo 6.14,15). O povo aflito e esperançoso de dias melhores apostava nele como seu rei; porém, o que dizer quanto aos discípulos? Os interesses materiais que os cercavam, pelo menos no início do relacionamento deles com Jesus, levaram alguns a sonharem com o reinado de Cristo.

Os filhos de Zebedeu, Tiago e João, mostraram-se tão obstinados pelo sonho de ocupar uma posição honrada ao lado de Jesus, quando Ele se assentasse no trono de Israel, que não atinaram pelo assunto da morte que Jesus trazia: "E iam no caminho, subindo para Jerusalém; e Jesus ia adiante deles. E eles maravilhavam-se e seguiam-no atemorizados. E, tornando a tomar consigo os doze, começou a dizer-lhes as coisas que lhe deviam sobrevir, dizendo: Eis que nós subimos a Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas, e o condenarão à morte, e o entregarão aos gentios, e o escarnecerão, e açoitarão, e cuspirão nele, e o matarão; mas, ao terceiro dia, ressuscitará. E aproximaram-se dele Tiago e João, filhos de Zebedeu, dizendo: Mestre, queremos que nos faças o que pedirmos. E ele lhes disse: Que quereis que vos faça? E eles disseram: Concede-nos que, na tua glória, nos assentemos, um à tua direita, e outro à tua esquerda. Mas Jesus lhes disse: Não sabeis o que pedis (...)" (Mc 10.32-38).

Na narrativa de Mateus, quem faz o mesmo pedido a Jesus é a mãe deles, obtendo de Cristo a mesma resposta (Mt 20.20,21). Outra ocasião foi quando Ele entrou na cidade de Jerusalém assentado sobre um jumentinho: "E, quando chegava perto do monte das Oliveiras, toda a multidão dos discípulos, regozijando-se, começou a dar louvores a Deus, em alta voz, por todas as maravilhas que tinham visto, dizendo: Bendito o Rei que vem em nome do Senhor! Paz no céu e glória nas alturas" (Lc 19.37,38). Perante Pilatos, ao ser indagado sobre Sua suposta intenção de ser rei, Jesus foi enfático: "O meu Reino não é deste mundo; se o meu Reino fosse deste mundo, lutariam os meus servos para que eu não fosse entregue aos judeus; mas, agora, o meu Reino não é daqui" (Jo 18.36).

---

20. CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento.* São Paulo: Editora Liber, 2001. p. 175.

Jesus, Filho de Deus

Por que razão Jesus é chamado de Filho de Deus? À luz do que se entende, naturalmente, filho é alguém que vem depois do pai; logo, teria Jesus nascido em um passado muito remoto, por isso, veio a ser Filho de Deus? Absolutamente não. O ato de ser chamado de Filho de Deus não implica essa lógica humana, conforme conhecemos; antes, é uma expressão que identifica Sua procedência divina e respectiva obediência a Deus, assim como também o ato de ser chamado de Filho do Homem reflete Sua natureza humana. Oscar Cullmann traz grandes esclarecimentos sobre a filiação divina de Cristo.[21] Segundo ele, tanto entre os judeus como entre os helenistas, o termo era corrente. Cabe-nos averiguar se a expressão *Filho de Deus* relaciona-se mais com a concepção judaica ou com a helênica, ressalvando-se o fato de que, certamente, tanto os cristãos primitivos quanto Ele próprio teriam dado à expressão um conteúdo novo.[22]

Seremos obrigados, de imediato, a eliminar a possibilidade de Jesus aceitar ser chamado de *Filho de Deus* a partir de uma concepção judaica, visto que, para os judeus, essa expressão era usada para a nação (Êx 4.22; Is 1.2; 30.1; Jr 3.22; Os 11.1), para os reis (2 Sm 7.14; Sl 2.6,7; 89.26), referindo-se a Davi, que se autoproclamava filho de Deus (v. 20), para os anjos (Gn 6.2), embora essa seja uma alusão mítica – "filhos dos deuses" – e não absolutamente confiável (cf. Hb 1.5). Estes eram chamados de filhos de Deus. Nas antigas religiões orientais, acreditava-se que os reis eram gerados pelos deuses. Essa crença era comum no Egito (os reis eram filhos de Rá, o deus sol), em Roma, onde os imperadores eram chamados de *divi filius* (filhos de deus) e, talvez, na Babilônia e na Assíria.[23] Já no Helenismo, toda classe de pessoas que exercia algum tipo de "poder divino" (os taumaturgos) – isso certamente incluía os mágicos – podia ser chamada de filho de Deus. Desse modo,

Por que razão Jesus é chamado de Filho de Deus? À luz do que se entende, naturalmente, filho é alguém que vem depois do pai; logo, teria Jesus nascido em um passado muito remoto, por isso, veio a ser Filho de Deus?

21. CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Liber, 2001. p. 353.

22. Ibidem. p. 354.

23. Ibidem. p. 355.

é também impossível associar a filiação divina de Jesus ao conceito helenista. Neste, era comum pessoas evocarem para si esse título de "filhos de Deus"[24].

O próprio Senhor Jesus raramente se autodenomina Filho de Deus, preferindo apresentar-se todo o tempo como Filho do Homem. Quem mais observa isso é João, ao narrar o diálogo de Jesus com Nicodemos (Jo 3.16,17,18). Ele relata o testemunho de João Batista quanto a Jesus ser o Filho de Deus (Jo 3.35,36). Quando Jesus foi acusado pelos judeus de realizar obras no sábado, Ele respondeu: "Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também. Por isso, pois, os judeus ainda procuravam matá-lo, porque não só quebrava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus" (Jo 5.17,18). Uma vez revelado, prosseguiu falando abertamente da Sua filiação divina (Jo 5.20-23). No dia em que a multidão para a qual Ele multiplicara pães e peixes voltou, esperando ver a repetição do milagre, Jesus preferiu discursar em vez de realizar o milagre esperado. Em meio ao Seu discurso, disse: "Porquanto a vontade daquele que me enviou é esta: que todo aquele que vê o Filho e crê nele tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último Dia" (Jo 6.40). Houve ainda outras situações apresentadas por João em que Jesus se declarou Filho de Deus (Jo 8.36; 14.13; 17.1).

Tais situações foram excepcionais, e isso é perceptível quando se compara às muitas vezes em que Ele se autodenominou Filho do Homem. Em uma das vezes em que disse ser Filho de Deus, mostrou que a relação entre Pai e Filho guarda um segredo: "Todas as coisas me foram entregues por meu Pai; e ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar". A informação de que Jesus é o Filho de Deus também vem de fora: é o Pai dizendo isso no Jordão e, depois, na transfiguração; ou a revelação do Pai a Pedro, quando disse a Jesus: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. E Jesus, respondendo, disse-lhe: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai, que está nos céus" (Mt 16.16,17); ou do diabo, pelos endemoninhados: "E os espíritos imundos, vendo-o, prostravam-se diante dele e clamavam, dizendo: Tu és o Filho de Deus. E ele os ameaçava muito, para que não o manifestassem" (Mc 3.11,12); "E, clamando com grande voz, disse: Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Conjuro-te por Deus que não me atormentes" (Mc 5.7). Isso perdurou até a Sua morte. A revelação aberta da Sua filiação divina prejudicaria o ministério de Jesus, antecipando a Sua morte. A Igreja primitiva adotou, como parte da confissão, a iniciativa de chamar Jesus de Filho de Deus (1 Jo 2.23). João o apresenta como Filho de Deus (Jo 3.16). Em Hebreus, Jesus é identificado abertamente como o Filho de Deus (Hb 1.2,5,8; 3.6; 5.5,8; 7.28).

No judaísmo, fazia-se alguma relação entre o Messias e a realeza, podendo este ser chamado de "Filho de Deus". A suspeita de que Jesus se autoproclamava Messias

---

24. CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Liber, 2001 apud BULTMANN, Rudolf. *Theologie des N.T.* 1953. p. 128,357 ss.

pesou na acusação contra Ele: "Mas ele calou-se e nada respondeu. O sumo sacerdote lhe tornou a perguntar e disse-lhe: És tu o Cristo, Filho do Deus Bendito?" (Mc 14.61). Embora os judeus não aceitassem Jesus como o Messias, Ele era. Na anunciação do Seu nascimento a Maria, o anjo Gabriel o revelou: "Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai" (Lc 1.32). Em Cesareia de Filipe, reunido com os discípulos, por revelação divina, Pedro falou: "E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt 16.16).

A razão por que Jesus é chamado de Filho de Deus não se prende à taumaturgia[25], e sim à obediência demonstrada ao Pai. Esse é o primeiro princípio de relacionamento entre pai e filho. Cullmann diz:

> Em resumo, podemos dizer que, para o Antigo Testamento e o judaísmo, o que caracteriza o Filho de Deus não é primordialmente a posse de uma força excepcional, nem uma relação de substância com Deus em virtude de haver sido divinamente gerado, mas, sim, o fato de ser eleito para realizar uma missão divina particular: obedecer estritamente ao chamado de Deus.[26]

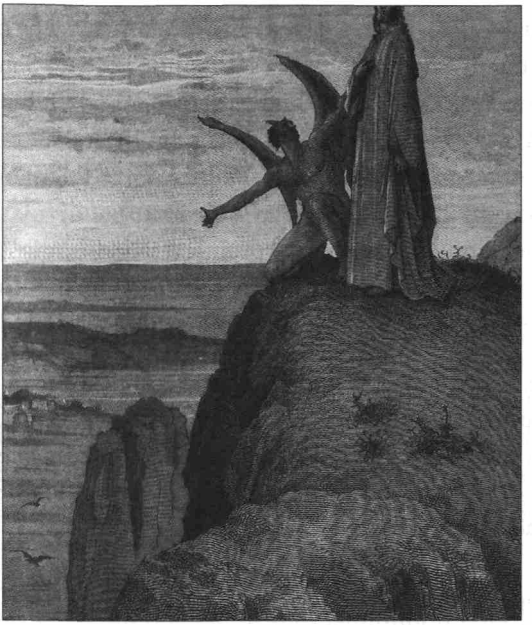
Jesus foi chamado de Filho pelo próprio Deus, em duas ocasiões especiais: no batismo e na transfiguração. Em ambas as ocasiões, a fala divina foi testemunhada por pessoas que ouviram a voz de Deus: "E aconteceu que, como todo o povo se batizava, sendo batizado também Jesus, orando ele, o céu se abriu, e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como uma pomba; e ouviu-se uma voz do céu, que dizia: Tu és meu Filho amado; em ti me tenho comprazido" (Lc 3.21,22). Imediatamente após o batismo, Jesus foi impelido ao deserto pelo Espírito para ser tentado por Satanás. Havia fortes razões para que Ele enfrentasse aquele momento em Sua vida. Sua descida à terra tinha implicações espirituais históricas que precisavam ser tratadas. Sendo Ele o segundo Adão, tinha de enfrentar e vencer aquele que derrotara o primeiro Adão (1 Co 15.45-49). No deserto, após passar 40 dias sem comer, a primeira frase, nos lábios de Satanás, houve a repetição da fala de Deus no Jordão: "E chegando-se a ele o tentador, disse: Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães" (Mt 4.3). Parafraseando: "Uma vez que tu és o Filho de Deus, podes dar uma demonstração de poder. Faça aqui um milagre". O que impediria Jesus de fazer o milagre sugerido? Nada. Todavia, por que Ele faria? Apenas para provar ao diabo que Ele era de fato o Filho de Deus? Disso Satanás tinha absoluta certeza. Por que então o provocou a isso? Porque queria assumir o controle da vida de Jesus. Segundo Cullmann, Satanás queria impingir em Jesus uma concepção "helenística" de Filho de Deus, insinuando a prática da taumaturgia. O mais importante no relacionamento Pai e Filho não estava em realizar grandes milagres, mas

---

25. O fato de Ele realizar milagres.

26. CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento.* São Paulo: Editora Liber, 2001. p. 359.

A tentação de Jesus no deserto



em obedecer. Filho bom obedece ao pai (Hb 5.8).

A segunda vez em que Jesus foi chamado de Filho pelo próprio Deus foi na transfiguração. A narrativa de Lucas 9 é mais específica do que as narrativas de Mateus e Marcos, que falam sobre o motivo de Jesus ir ao monte acompanhado de Pedro, Tiago e João para orar: a Sua morte. "E, estando ele orando, transfigurou-se a aparência do seu rosto, e as suas vestes ficaram brancas e mui resplandecentes. E eis que estavam falando com ele dois varões, que eram Moisés e Elias, os quais apareceram com glória e falavam da sua morte, a qual havia de cumprir-se em Jerusalém" (Lc 9.29,31). O ambiente era de glória. Pedro, que, como os demais, até então estava dormindo, ao ver a glória, sugeriu que fizessem uma tenda para cada um dos três: Jesus, Moisés e Elias. Quem não desejaria permanecer para sempre em um ambiente de glória celestial? E, se Jesus quisesse voltar para o céu dali mesmo, o que o impediria? Porém, ainda não era hora de glória, e sim de cruz. A obediência do Filho consistia, acima de tudo, em ir ao sacrifício, afinal, essa foi a razão da Sua vinda ao mundo (Fp 2.5-8). "A sequência do testemunho dos Sinóticos é clara: Jesus é o Filho de Deus, não como taumaturgo, mas como aquele que realiza Sua missão em obediência e, mais particularmente, como aquele que aceita o sofrimento"[27].

Jesus, Filho do Homem

Filho do Homem é o título preferido de Jesus. Ele faz referência a si mesmo com esse epíteto mais de 60 vezes. Ele prefere esse título a ser chamado de Filho de Deus ou de Messias, embora não recuse tais tratamentos. Embora pareça, de início, que esse tratamento é simples demais para uma pessoa como Jesus, descobriremos que ele esconde grandes riquezas, sobretudo na cultura étnica de Jesus. Os cristãos primitivos não deram ao título *Filho do Homem* tanta importância, preferindo chamá-lo de Cristo. Ficava assentado, de uma vez por todas, que, gostando os judeus ou não, Ele era, sim,

27. CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Liber, 2001. p. 363.

o Messias. Nenhum título o honrou tanto na história como o de Cristo. Todavia, uma vez que o nosso foco está voltado para o título Filho do Homem, devemos descobrir toda a sua importância e a complexidade histórica que o envolve nos escritos bíblicos de Daniel, Ezequiel e outros, como Enoque, 4° Esdras e de Filo.

O profeta Ezequiel o aplica a si mesmo muitas vezes, sem que haja qualquer relação com o título Filho do Homem autoaplicado a Jesus. Já em Daniel, temos o trampolim, do qual Jesus dá o Seu salto para uma aplicação, ao mesmo tempo, discreta, sábia e reveladora: "Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o filho do homem, e dirigiu-se ao ancião de dias, e o fizeram chegar até ele. E foi-lhe dado o domínio, e a honra, e o reino, para que os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino, o único que não será destruído" (Dn 7.13,14). A partir de Daniel, para a literatura judaica, esse título se revestiu do sentido de um salvador escatológico. Na visão de Daniel, o Filho do Homem é alguém que vem de cima, exerce domínio eterno, tem honra, é servido por todos os povos, e o seu reinado é único e permanente.

Os judeus acolheram a versão dada pelo livro do etíope Enoque sobre o Filho do Homem. Sua versão é de que o Filho do Homem é alguém que fora criado antes de todas as demais criaturas. Um dia, ele virá para julgar as criaturas, mas permanecerá oculto. O acolhimento pelos judeus da versão de Enoque, no entanto, não combina em nada com a esperança messiânica alimentada por eles. O Filho do Homem, para Enoque, é um ser celestial, sobrenatural, e não um rei deste mundo.[28] Na cultura judaica, Filho do Homem representa um título majestoso. O filósofo judeu Fílon situa o Filho do Homem na criação. Ele faz uma distinção entre Gênesis 1.27 e 2.7, reclamando a criação de dois homens, sendo o primeiro um outro Adão, distinto do segundo. O primeiro, criado à imagem e à semelhança de Deus, veio do céu e possuía a virtude do Espírito Santo. Ele é isento de pecado e não é perecível. Já o outro homem é o Adão de quem toda a humanidade descende. Assim, temos duas versões sobre o Filho do Homem: a de Enoque, segundo a qual ele aparecerá no fim dos tempos sobre as nuvens para julgar o mundo, e a de Fílon, que o identifica como o primeiro homem vindo do céu. A versão de Fílon foi mais aceita pelos helenistas.

Jesus deu sentido escatológico ao título Filho do Homem de acordo com a profecia de Daniel 7.13. Em Seu sermão escatológico, Jesus disse: "Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até ao ocidente, assim será a vinda do Filho do Homem" (Mt 24.27). "E disse aos discípulos: Dias virão em que desejareis ver um dos dias do Filho do Homem e não o vereis" (Lc 17.22).

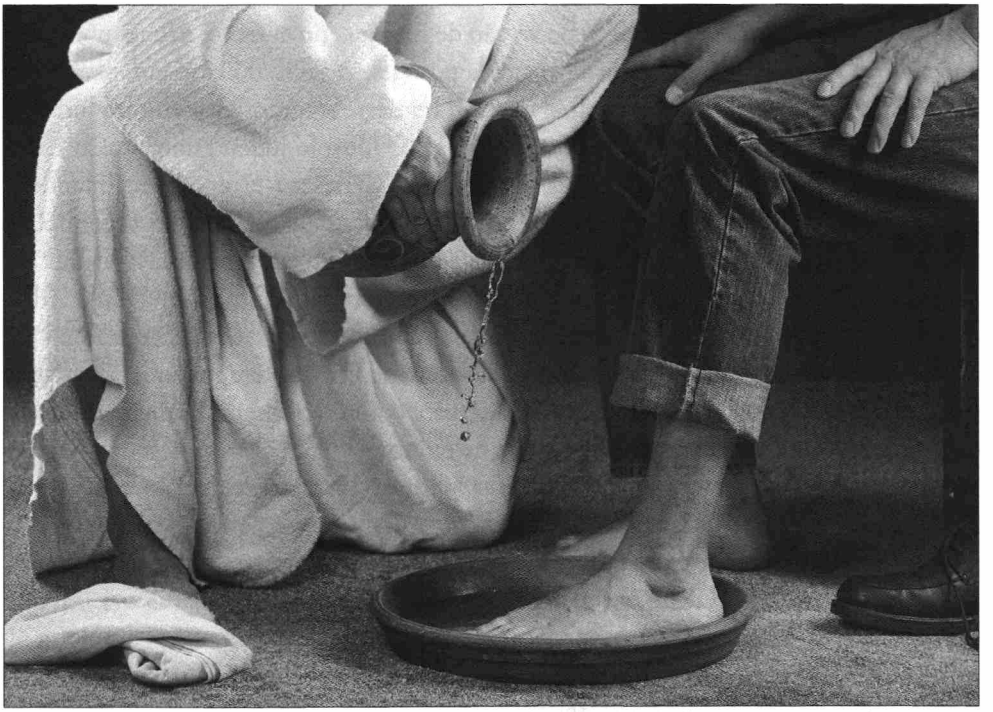
O título Filho do Homem traz consigo algumas implicações importantes, entre elas, a daquele que traz consigo juízo. Cullmann diz:

---

28. CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Liber, 2001. p. 187.

> A função essencial do Filho do Homem que vem (como há nos livros judaicos antigos e, particularmente, no livro do etíope Enoque) é o juízo. Na importante passagem relativa ao juízo final das "ovelhas e dos bodes" (Mt 25.31-46), sem dúvida, o juízo é pronunciado pelo Filho do Homem. Ocorre o mesmo em Marcos 8.38, onde, semelhante aos anjos do judaísmo tardio, Ele exercerá a função de testemunha contra aqueles que dele se envergonharem. A atribuição do juízo a Jesus (que o Novo Testamento costuma atribuir também a Deus) está diretamente relacionada à noção de Filho do Homem. Não temos necessidade de consagrar um capítulo especial a Jesus como "juiz". Essa qualificação nada apresenta senão um aspecto da ideia de Filho do Homem.[29]

Outro aspecto relevante no título Filho do Homem, quando aplicado à missão terrena de Jesus, é que expressa a Sua humilhação. O Filho do Homem veio para servir (Mc 10.45). "E disse Jesus: As raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça" (Mt 8.20). E não somente isso, mas, na Sua humilhação, veio para dar a vida pelos pecadores: "E começou a ensinar-lhes que importava que o Filho do Homem padecesse muito, e que fosse rejeitado pelos anciãos,



Jesus lavando os pés de um dos discípulos (o Filho do Homem veio para servir)

29. CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento.* São Paulo: Editora Liber, 2001. p. 207.

e pelos príncipes dos sacerdotes, e pelos escribas, e que fosse morto, mas que, depois de três dias, ressuscitaria" (Mc 8.31). Vê-se claramente aqui que o Filho do Homem é também o Servo sofredor.[30] Como Filho do Homem, Jesus também representa toda humanidade, participando, em Seu corpo, de todas as suas debilidades.

> Jesus, o Filho do Homem, é esperado como alguém que há de vir, já veio e, "em breve", voltará na plena realização final, quando terá lugar o julgamento do mundo; e voltará não somente como representante escatológico de Deus e do Seu Reino, mas também como representante, de certa maneira, de todos os homens (...).[31]

No judaísmo, a esperança no Filho do Homem estava ligada aos meios esotéricos e era aceita como doutrina secreta. A igreja cristã, por outro lado, não enxergava a importância do título Filho do Homem aplicado a Jesus, mas exaltava-o, naturalmente, como Cristo. Ele sempre foi chamado de Jesus Cristo pelos cristãos. Na cristologia paulina, o título Filho do Homem se resolve. Cullmann diz: "Paulo trouxe a solução cristã ao problema judaico da relação entre o Filho do Homem e Adão, de maneira totalmente em acordo com a consciência que Jesus tinha de si mesmo".

É possível que o apóstolo Paulo conhecesse bem tanto o conceito de Filho do Homem trazido por Enoque como o conceito da teoria dos dois homens apresentada por Fílon de Alexandria, da qual já falamos. Jesus é chamado por Paulo de "último Adão" (1 Co 15.45). Paulo identifica o Filho do Homem não com o homem celestial de Fílon, mas com o Jesus encarnado de Nazaré, à luz de Romanos 5.12-21. Como segundo Adão, o Filho do Homem, como homem celestial preexistente – e não criado conforme ensina Fílon –, tem duas missões: a de representar corretamente a imagem de Deus e a de desfazer outro engano, que era transferir o peso dos pecados de Adão para os anjos (Gn 6), fazendo-se Ele mesmo culpado, a fim de resgatar da morte trazida pelo primeiro Adão todos quanto a Ele se chegam (Rm 5.12). Resumindo, de acordo com o que Jesus revelou de si mesmo como Filho do Homem e o que Paulo trouxe à luz sobre esse título, temos: 1) Filho do Homem é aquele que vem para julgar os homens; 2) representa Jesus em Sua humilhação; 3) representa corretamente a imagem de Deus; 4) é aquele capaz de oferecer o dom gratuito da vida.

Objeções judaicas à messianidade de Jesus

Se, para os cristãos, Jesus é o Messias, por que Ele não é para os judeus? Quais foram as principais razões dessa rejeição? É o que veremos a seguir.

---

30. Conforme as profecias de Isaías e bem percebida por Marcos na extensão do seu Evangelho.

31. SERENTHÀ, Mário. *Jesus Cristo:* Ontem, hoje e sempre. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1986. p. 521.

Os religiosos dos dias de Jesus

Assim que Jesus deu início ao Seu ministério, passou a sofrer oposição dos religiosos, como os fariseus, os saduceus, os escribas e outras seitas religiosas influentes na nação. As razões dessas oposições davam-se pelos seguintes motivos básicos: 1) porque Jesus não preenchia suas expectativas; 2) porque, enquanto buscavam algum erro em Jesus, Ele os acusava de muitos erros, a ponto de chamar os fariseus de hipócritas, fazendo aumentar ainda mais a antipatia contra Ele; 3) porque Jesus atraía muitas pessoas após si, e eles viam isso como uma ameaça à sua religião.

As razões principais da rejeição

Se Jesus fosse aceito pelos judeus nos Seus dias, certamente o decurso da história seria outro. No entanto, a semente de incredulidade plantada pelos religiosos daquele tempo germinou, e, ao longo da história, nada de novo se acrescentou sobre os motivos da rejeição. As alegações principais foram e são:

Jesus não cumpriu todas as profecias

De fato, algumas ainda se cumprirão. Temos, adiante, a Grande Tribulação e o Milênio. A Igreja entende que os judeus terão a sua oportunidade de reconhecer fatos previstos pelos profetas – que os seus antepassados ignoraram – na realização de um plano escatológico previsto.

Jesus não tornou o Deus de Israel conhecido ao mundo

Ora, se o Deus de Israel é conhecido por todos, hoje, isso não se deve aos judeus, que sempre guardaram o seu Deus para si mesmos, mas graças aos cristãos (povo de Jesus), que têm anunciado esse Deus pelos quatro cantos da terra.

Jesus igualou-se a Deus

Nas profecias bíblicas relativas ao Messias, Ele é apresentado como o próprio Deus (Is 7.14; 9.6). Como os judeus queriam que fosse?

Não aceitam milagres

Os judeus não acreditam em milagres, e Jesus fez milagres. Eles dizem que os milagres de Moisés eram pura magia, e que este não precisava fazer milagres para provar que era profeta, pois aquelas ocorrências eram necessárias para aquela ocasião. E o que dizer de outros tantos milagres encontrados no Antigo Testamento, como os de Elias e os de Eliseu? No entanto, esse argumento tem dois lados. Para certificarem-se de que Jesus era mesmo o Messias, "disseram-lhe, pois: Que sinal, pois, fazes tu, para

que o vejamos, e creiamos em ti? Que operas tu?" (Jo 6.30). Paulo também relembra: "Enquanto os gregos buscam sabedoria, os judeus pedem sinal" (1 Co 1.22).

O último profeta foi Malaquias

Os judeus não aceitam Jesus como profeta e dizem que o último foi Malaquias. Eles baseiam-se no fato de que o cânon do Antigo Testamento foi fechado com Malaquias.

Expectativa frustrada

Esperam um Messias triunfalista. Para os judeus, o Messias deve instaurar a era da salvação, trazendo paz, saúde, justiça, vitórias nacionais, o entendimento de muitas coisas que lhes são misteriosas e o cumprimento dos seus sonhos. Os judeus ortodoxos fazem até a oração das dezoito bênçãos referentes ao Messias que "ainda virá". A pergunta é: de onde eles tiraram essas ideias acerca do Messias? Certamente não das Escrituras, mas de tradições e crendices que vão acumulando ao longo da história.

Hábito de rejeitar

José (tipo de Jesus) foi rejeitado pelos hebreus, seus irmãos (Gn 37.18-20), mas foi ele quem os salvou. Moisés também foi rejeitado pelos hebreus logo que começou a negociar com Faraó a saída deles do Egito (Êx 5.21); porém, tornou-se o salvador deles. Esse povo sempre acreditava que algo grande aconteceria, mas, quando acontecia, descria. Os alunos de Elias profetizavam que ele seria tirado do meio deles. Quando aconteceu o fato, eles descreram e pediram a Eliseu autorização para procurar o profeta atrás das montanhas (2 Rs 2.3,16-18). Com Jesus ocorre o mesmo comportamento; e

José rejeitado pelos seus irmãos (José vendido ao Egito)

A visão restrita de um reino material limitou a compreensão dos judeus sobre a pessoa do Messias. Eles esperavam um rei, e não alguém nascido em uma estribaria, cercado por animais.

chegará o dia, quando os que o rejeitam dirão: "Bendito aquele que vem em nome do Senhor" (Lc 13.35).

Os argumentos contrários à messianidade de Jesus pelos judeus não são consistentes. Eles acusam os cristãos de distorcerem e interpretarem mal as Escrituras; porém, eles são os que fazem isso e, ainda, de modo simplista. A recusa simplesmente ocorre porque eles criaram, no imaginário coletivo, a expectativa de um Messias totalmente à parte do que as Escrituras de fato dizem sobre Ele (Dn 9.25,26; Is 7.14; 9.6,7; 63.1; Jr 23.5; Mq 5.2,4).

O povo de Israel, desde o início de sua história, sempre se apoiou em um líder que lhe desse uma direção e garantisse a sua segurança. A consciência de ser uma nação teocrática ajudou os judeus a alimentarem a esperança de que um dia teriam um líder definitivo, o qual satisfaria todos os seus anseios e os colocaria em posição de regalia na face da terra. Essa expectativa foi corroborada pelas profecias de que o próprio Deus se manifestaria na pessoa de um ungido.

Algumas profecias vieram de forma direta, outras de forma poética, e todas eram bem-vindas. Sobre essas profecias, os judeus construíram seus sonhos; mas, como algumas vezes foram enganados com o surgimento de homens que tentaram passar-se por "Messias", tornaram-se desconfiados. Um desses homens foi Teudas, citado por Gamaliel (At 5.36). De acordo com o historiador Flávio Josefo, esse homem atraiu um grande número de seguidores. Prometeu repetir o milagre da abertura do rio Jordão (Js 3), mas ele e os seus seguidores foram dizimados pelo administrador romano da Judeia, Cúspio Fado.

A visão restrita de um reino material limitou a compreensão dos judeus sobre a pessoa do Messias. Eles esperavam um rei, e não alguém nascido em uma estribaria, cercado por animais. Alguém que livrasse a nação das mãos dos romanos, e não que fosse morto por eles. Mesmo assim, o progresso de Jesus intrigava-os: "Depois, os principais dos sacerdotes e os fariseus formaram conselho e diziam: Que faremos? Porquanto este homem faz muitos sinais. Se o deixarmos assim, todos crerão nele, e virão os romanos, e tirar-nos-ão o nosso lugar e a nação" (Jo 11.47,48). O momento era delicado. Estar nas mãos do governo romano criava grande tensão ao povo. Se Jesus se mostrasse um déspota, corajoso a lutar contra os romanos e a defender a causa política

da nação, talvez fosse aceito pela maioria e, ainda, empossado rei, caso vencesse a batalha; mas não era um reino político que o movia, e sim um reino espiritual e eterno: "O meu reino não é deste mundo" (Jo 18.36), asseverou. Os judeus, portanto, estavam decididos a não aceitar Jesus como Messias; e essa decisão é sustentada por eles até hoje.

Os textos aqui selecionados são os principais sobre o assunto, embora haja ainda muitos outros que, nas entrelinhas, falam de alguém especial que viria para trazer mudança na ordem das coisas. Os judeus buscam as profecias referentes ao Messias, por exemplo: Isaías identifica as naturezas humana e divina do Messias; Jeremias ocupa-se com a identificação do ofício real do Messias; Ele preenche o trono de Davi, o rei mais venerado pelos hebreus; Miqueias identifica a cidade do Seu nascimento e diz que o Seu nome será engrandecido até os confins da terra.

Embora tenham a Torá como base doutrinária, o povo judeu diverge muito entre si. As duas escolas de interpretação, *Hilel* e *Shamai*[32], estabeleciam uma parede divisória dentro do judaísmo. De um lado, estavam os saduceus, de outro, os fariseus; cada grupo defendendo pontos de vista diferentes acerca de algumas questões teológicas; entretanto, quando era para fazer oposição à pessoa de Jesus, eles se juntavam.

A primeira oposição

Herodes era o rei na nação e respondia ao imperador romano. Quando soube, pelos magos, que o rei dos judeus havia nascido, preocupou-se; afinal, ele não desconhecia as profecias referentes ao Messias (Mt 2.1-12). A dinastia dos Herodes procedia da família do sacerdote Hircano.[33] Essa família favoreceu o domínio romano sobre a nação.

A ação do Messias em duas etapas

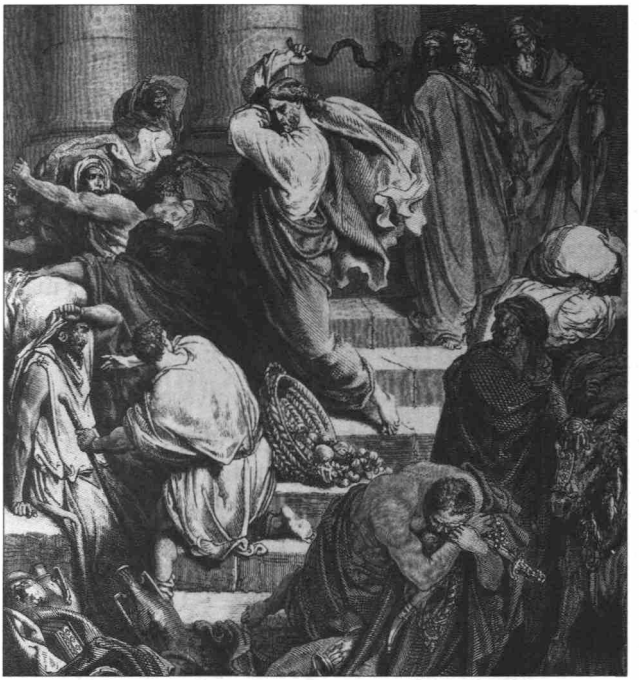
Algumas profecias acerca do Messias cumpriram-se integralmente quanto ao Seu nascimento de uma virgem (Is 7.14): a cidade do Seu nascimento (Mq 5.2); a fuga para o Egito e o retorno de lá (Os 11.1); a morte na cruz (Is 53.1-12), além de muitos outros textos que falam de ocorrências do dia a dia, como, por exemplo, a entrada na cidade de Jerusalém assentado sobre o filhote de uma jumenta (Zc 9.9) e a expulsão dos cambistas do templo (Sl 69.9) etc. Outras profecias que tratam da restauração de Israel

---

32. Hilel (70 a.C.—10.d.C.) era o rabino mais respeitado entre os judeus do primeiro século, e sua influência se estendeu até o quarto século. Sua escola defendia uma interpretação mais liberal da lei. Shamai representava outra escola conservadora e rígida na interpretação e na aplicação da lei.

33. Herodes significa "heroico" e era o título de uma família descendente do sumo sacerdote Hircano, homem rico e poderoso que chegou ao poder político em acordo com o governo de Roma. O ingresso da família na vida política começou quando Antípater (Herodes, o Grande) foi nomeado governador de Idumeia. Os Herodes que governaram a Palestina foram: Herodes Arquelau, Herodes Antipas, Herodes Filipe II, Herodes Agripa I e Herodes Agripa II.

Jesus no templo



pelo Messias que reinará e tornará a nação poderosa sobre toda a terra (Is 2.2-4; 24.23; Dn 2.44; Os 3.5; Ez 37.24,25; Mq 4.3,4; Zc 13.6 etc.) se cumprirão ainda no tempo do Milênio. À igreja (que foi tirada dos gentios) foi dada essa compreensão, mas, aos judeus, não (Rm 9.22-25).

Jesus tornou-se conhecido

Outra grande esperança dos judeus acerca do Messias era que Ele fizesse a nação conhecida no mundo todo. Ora, ninguém tornou Israel mais popular do que Jesus e a Sua mensagem. Jamais houve um judeu que se tornara tão popular e tão conhecido em toda a história como Jesus (Mq 5.4).

Contradições

De acordo com os escritos rabínicos atuais, descobre-se que os judeus não acreditam em milagres, mas nem por isso deixam de ser místicos. Os judeus que se opunham a Jesus por causa dos sinais desafiaram-no a dar-lhes algum sinal que os convencesse de que era o Messias (Jo 2.18). Pedir sinal, portanto, é coisa de judeu (1 Co 1.22). Um grande exemplo disso é a paixão deles pela cabala.[34]

34. Cabala, do hebraico *kabel*, "receber", refere-se às tradições transmitidas e aceitas. É o lado místico e esotérico do judaísmo. Ao que tudo indica, os judeus trouxeram a cabala da Babilônia. A cabala lida com a numerologia e aproxima os judeus do espiritismo na crença da reencarnação.

A PREEXISTÊNCIA DE JESUS

O que os leitores, tanto do evangelho como das epístolas, devem entender é que, diferentemente dos homens, Jesus tem uma preexistência. Nenhum ser humano existiu antes de nascer. Os espíritas acreditam na preexistência humana. Algumas seitas acreditam que a alma existia no céu antes de nascer, mas não há revelação bíblica alguma que prove essas suposições. Os textos bíblicos que eles usam tratam da presciência de Deus, por meio da qual Ele já nos conhecia antes mesmo que nascêssemos (Sl 139.16; Rm 8.29). Portanto, o único ser preexistente que nasceu como homem foi o Filho Unigênito de Deus, o qual foi enviado por Ele; e, se foi enviado, é porque estava com Ele (Jo 3.16).

A doutrina da preexistência de Jesus enfrenta algumas oposições, não apenas dos céticos comuns e dos judeus que rejeitam a Sua messianidade, mas também dos teólogos liberais. Rudolf Bultmann a atribui a mais um mito inserido na doutrina do Novo Testamento. Sua teologia busca um entendimento com fatos que possam ser cientificamente comprovados, pois, para os teólogos liberais, a doutrina da vinda do Messias parece ser algo irracional. Para o cristianismo convencional, fatos extraordinários não carecem de comprovação alguma, porque são sobrenaturais e estão no campo da fé.

A humanidade do Logos

O Evangelho de João empreende grande esforço para assegurar os seus leitores de que Jesus não foi um mero homem que, como os demais mortais, passou pelo mundo e deixou alguns exemplos bonitos de vida. Ele é Deus. E, como o propósito desse Evangelho é dar notoriedade a esse fato, não somente aos judeus, mas a todos os povos da terra, João busca, na filosofia grega, tão difundida naqueles dias, um termo abrangente e forte, com o qual possa descrever a divindade do Filho de Deus: *Logos* — "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus". Já o apóstolo Paulo apresenta-o como o Deus que se esvazia e vem aos homens: "Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz" (Fp 2.6-8).

Para a cristandade em geral, é de grande significância o *Logos* divino revelado por João, embora nem mesmo ele explore tanto o termo, usando-o apenas duas vezes: no início de seu Evangelho (1.1) e em Apocalipse (Ap 1.2). Por que, então, o "Verbo" ganha tanta importância assim? O que há de tão misterioso por trás dessa palavra? Qual é a sua origem e onde João se inspirou para que a usasse?

Curiosamente, João principia o seu Evangelho repetindo as primeiras palavras das Escrituras: "No princípio (...) בְּרֵאשִׁית בָּרָא אֱלֹהִים אֵת הַשָּׁמַיִם וְאֵת הָאָרֶץ" - *berishit bara elohim 'et has-sāmahyim we-'et ha-'ares* (Gn 1.1); "No princípio, criou Deus os céus e a terra"; Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ Λόγος, καὶ ὁ Λόγος ἦν πρὸς τὸν Θεόν, καὶ Θεὸς ἦν ὁ Λόγος - *'En arché ên ó Lógos kai ho Logos ên pros ton Theon kai Theos ên ho Logos* - "No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus" (Jo 1.1). Não foi casual, mas algo bem premeditado da parte do evangelista, já que pretende revelar Jesus como coparticipante da obra criadora: "Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez" (Jo 1.2,3).

O Logos na cultura helenista

Quem melhor pode ajudar-nos com informações a respeito do *Logos* nas culturas pré-cristãs é Oscar Cullmann, na sua cristologia. Na filosofia grega, o título *Logos* foi empregado por Heráclito e pelos estoicos: "O *Logos* aí é a lei suprema do mundo, que rege o universo e que, ao mesmo tempo, está presente na razão humana. Trata-se de uma abstração, e não de uma hipótese"[35]. A noção de *Logos* também foi conhecida pelos platonistas. Agostinho encantou-se ao ver que a terminologia *Logos* aparecia na literatura de Platão, mas, depois, entendeu tratar-se de outra analogia. Rudolf Bultmann, em sua pesquisa sobre o *Logos*, identificou-o na direção do pensamento gnóstico como ser mitológico intermediando a relação Deus-homem. O uso do termo

35. CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Liber, 2001. p. 330.

também há de ser encontrado em religiões do passado: o deus egípcio Thoth e o deus grego Hermes ostentavam esse título. Cullmann diz: "Essa interpretação facilitou a personificação do *Logos*, principalmente para o sentimento religioso popular"[36]. E prossegue: "Assim, constataremos que o Evangelho de João não deduziu, da ampla difusão da ideia de *Logos*, uma revelação geral não necessariamente cristã; pelo contrário, submeteu cabalmente a concepção não cristã ou pré-cristã de *Logos* à suprema e única revelação de Deus em Jesus de Nazaré, dando-lhe, assim, forma inteiramente nova"[37].

As implicações teológicas da humanidade do *Logos* são profundas e revelam a preexistência de Jesus. Como *Logos*, Ele é Deus eterno; como "carne", Ele expressa, voluntariamente, Sua humanidade com Suas fragilidades. Não basta, para João, dizer que o Verbo se fez *homem*. Dizer que Ele se fez *carne* expressa melhor a substância existencial, a qual Ele experimentou. Foi nesse invólucro de "carne", no qual o Verbo habitou, que a Sua glória pôde também ser mostrada: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade" (Jo 1.14).

As implicações teológicas da humanidade do *Logos* são profundas e revelam a preexistência de Jesus. Como *Logos*, Ele é Deus eterno; como "carne", Ele expressa, voluntariamente, Sua humanidade.

O Logos na cultura judaica

A poderosa palavra aparece na obra da criação quando ecoa a voz de Deus, dizendo: "Haja luz" (Gn 1.3). A partir daí, a palavra criadora encarrega-se de toda a obra da criação quando é pronunciada. Assim confirma o salmista: "Pela palavra do Senhor foram feitos os céus; e todo o exército deles, pelo espírito da sua boca" (Sl 33.6). O uso de *Logos* em João mostra uma personificação da palavra ou mesmo da sabedoria – porque, aqui, *logos* e *sophia* são praticamente intercambiáveis –, do mesmo modo como a sabedoria é personificada nos escritos de Salomão: "O Senhor me possuiu no princípio de seus caminhos e antes de suas obras mais antigas. Desde a eternidade, fui ungida; desde o

36. CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Liber, 2001. p. 332.

37. Ibidem. p. 333.

princípio, antes do começo da terra. Antes de haver abismos, fui gerada; e antes ainda de haver fontes carregadas de águas. Antes que os montes fossem firmados, antes dos outeiros, eu fui gerada. Ainda ele não tinha feito a terra, nem os campos, nem sequer o princípio do pó do mundo" (Pv 8.22-26).

O Logos na literatura joanina

As concepções filosóficas helênico-judaicas do Λόγος, *Logos*, certamente não passaram despercebidas por João; mas a sua é peculiar. Jesus é a Palavra que cria o mundo, juntamente com o Pai. A concepção de João sobre o *Logos* distingue-se pela simplicidade e pela sensibilidade. A simplicidade dá clareza ao que é profundo, e a sensibilidade garante profundidade ao que é simples. Jesus, como *Logos*, exprime tudo o que Suas palavras dizem: Ele fala de água e é a Água; fala de pão e é o Pão; fala da luz e é a Luz; fala de caminho e é o Caminho; fala da verdade e é a Verdade. Enfim, Jesus é tudo o que Ele fala! É por essa palavra que os crentes são gerados: "Sendo de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela palavra de Deus, viva e que permanece para sempre" (1 Pe 1.23). Como Palavra, Jesus é mais do que o som emitido pelos lábios de alguém. Cullmann salienta a diferença entre Jesus e João Batista: "É mais que uma mera φωνή, *phoné*. Quando, em João 1.23, João Batista, citando Isaías 40.3, declara ser uma voz, *phoné*, o autor pensa, com certeza, no prólogo que precede imediatamente e que fala daquele que não é, como o Batista, uma *phoné*, mas o *Logos*"[38]. Essa palavra não ecoa: simplesmente acontece! Ela não se reduz a um som, mas implica ação. Se a Bíblia Sagrada é a Palavra de Deus[39], e se Jesus é a Palavra de Deus, logo deve haver mais que uma simbiose entre a Palavra escrita e a Palavra viva. Há uma unidade implícita em que a Palavra escrita revela a viva, e a Palavra viva revela a escrita, formando as duas uma só substância. O *Logos* é a palavra pronunciada e anunciada.

Como *Logos*, Jesus traz a revelação divina. Há diferença entre a Palavra no prólogo de Hebreus e no prólogo de João. "Havendo Deus, antigamente, falado muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos, nestes últimos dias, pelo Filho" (Hb 1.1). Aqui, o autor fala de uma palavra que foi pronunciada, de forma esporádica, aos pais e recentemente foi dita pelo Filho. Há um paralelo com João, no qual o Filho também participou da criação do mundo: "A quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo" (Hb 1.2). Aqui, "não há uma identificação absoluta entre esse Filho e Deus"[40], e "todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez" (Jo 1.3). Em Hebreus, Jesus é a Palavra por meio da qual Deus fala; já em João, há uma identificação direta entre a Palavra e Deus. A palavra *haja*, que foi

38. CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Liber, 2001. p. 341.

39. De acordo com a crença na inspiração verbal e plenária das Escrituras.

40. Ibidem. p. 342.

pronunciada para que a luz fosse feita, deu vida ao mundo e é a palavra que hoje dá vida aos homens. É desse *Logos* que se origina a vida!

O esvaziamento de Cristo

Enquanto João enxerga em Jesus o *Logos* que se faz carne, Paulo enxerga em Jesus a forma divina que se esvazia. A ἐκένωσεν[41] do verbo *kenósis* (esvaziar) forma a base da cristologia paulina: "Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz" (Fp 2.6-8; cf. Rm 15.3; 2 Co 8.9). Esse esvaziamento é visto, pelo menos, de duas maneiras:[42] na primeira, quando Emanuel se fez homem (Is 7.14), Ele abdicou completamente de Sua divindade, deixando de ser Deus e de agir como Deus – pelo menos durante o Seu tempo de vida na terra –, fazendo tudo o que fez pela fé. A segunda maneira de ver o esvaziamento de Jesus é entendendo que, não obstante, Ele abdicou das regalias do céu por um tempo, mas continuava sendo Deus, agindo plenamente como Deus e também como homem, fazendo uso de Suas prerrogativas divinas conforme lhe convinham.

As teorias kenósticas levantam ainda outras questões de difícil explicação, como, por exemplo, o fato de que a transmutação de Deus em homem "subverte completamente a doutrina da imutabilidade de Deus claramente ensinada nas Escrituras (Ml 3.6; Tg 1.17) e também implícita na própria ideia de Deus. O absoluto e o mutável são mutuamente exclusivos; e um Deus mutável certamente não é o Deus da Escritura"[43], conforme menciona Louis Berkhof ao explicar algumas teorias kenósticas.

É possível encontrar em Jesus tanto características completamente humanas como sentimentos de fome, sede, cansaço, sono, ira, alegria, tristeza, tentação e dor; é possível também encontrar nele características absolutamente divinas, como: saber o que as pessoas pensavam, perdoar pecados, exercer poder sobre enfermidades e sobre a natureza, trazer mortos à vida, falar de Sua intimidade com Deus, abalar a terra no instante da Sua morte, ressuscitar e subir ao céu à vista de mais de 500 pessoas. As fragilidades humanas e os poderes divinos eram vistos nele, não como coisas separadas, mas simultâneas. A certeza de ser quem era não o intimidava em alguma circunstância. Enquanto não convinha morrer, Ele se preservava quanto aos títulos que lhe pertenciam, evitando ser identificado como Messias e como o Filho de Deus; mas, quando chegou Sua hora, não havia mais razão para guardar segredos. A convicção de quem Ele era e

---

41. ἐκένωσεν, conforme está no texto.

42. Há diferentes teorias a respeito desse esvaziamento, sendo algumas estranhas, como aquela que admite que Jesus nasceu como homem, sem que houvesse nele qualquer sinal de divindade, mas que, com o passar do tempo, a divindade foi desenvolvendo-se dentro dele. Como essa teoria, há muitas outras que carecem de embasamento bíblico.

43. BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004. p. 301.

a conveniência de não se manifestar expressamente aos que o odiavam conviviam em uma só pessoa. Tais segredos, entretanto, não existiam entre Ele e os Seus discípulos. Ambos, o homem Jesus e o Emanuel, coabitavam no mesmo corpo: "Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade" (Cl 2.9). O destaque das duas naturezas de Jesus, a humana e a divina, é notório nos Sinóticos de um lado e no Evangelho de João de outro. Os Sinóticos destacam a humanidade de Jesus, mas não escondem a Sua divindade; João destaca a divindade de Jesus, mas não esconde a Sua humanidade.

Quanto à doutrina da imutabilidade, não há nela contradição alguma, visto que, por ser Deus, nada lhe é impossível, nem mesmo trocando a "forma de Deus" – conforme diz o texto, e Deus é Espírito – pela forma humana, material. Ele deixou a "forma de Deus", mas não deixou de ser Deus. Pelo contrário, esse esvaziamento vem apenas confirmar que, para Ele, não há limite. Como Deus, Ele pôde fazer-se homem, porém, homem algum terá jamais a capacidade de fazer-se Deus.

Na forma de Deus

Essa expressão usada por Paulo não tem o sentido de descrever o formato ou a compleição física ou aparente de Deus, mas o de identificar o Filho com o Pai na natureza divina. A definição de Jesus é suficiente para aceitarmos Deus como Ele é: "Espírito" (Jo 4.24). É impossível descrever a forma de um espírito. O antropomorfismo de Deus – quando escritores sagrados dão formas humanas para Deus, tais como: as Suas mãos; os Seus ouvidos; as Suas costas; os Seus pés etc. – é uma maneira de expressar, em linguagem compreensível ao homem, Sua força, Sua proteção e Sua atenção prestada a nós por meio das vias sensoriais.

A figura de servo

No esvaziamento, Jesus assume a forma de servo. O paralelo está no termo *forma*: "forma de Deus" e "forma de servo" (Fp 2.6,7). Na humanidade, Ele se faz "semelhante". O apóstolo prioriza o *status* de servo, deixando a humanidade por último. É como servo que Ele faz toda a diferença. Isso não significa que não basta ser homem e ter de ser servo para dar a ideia de extremos, a fim de que nos solidarizemos com Ele, mas sim que, como servo, Ele tem uma missão que transcende a de ser homem. Esse conceito já está formado em Isaías. Nos Evangelhos, a figura do servo sofredor, conforme mostrada pelo profeta, é mais perceptível em Marcos: "Porque o Filho do Homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos" (Mc 10.45).

"Eis aqui o meu servo, a quem sustenho; o meu Eleito, em quem se compraz a minha alma; pus o meu Espírito sobre ele; juízo produzirá entre os gentios. Não clamará, não se exaltará, nem fará ouvir a sua voz na praça. A cana trilhada não quebrará, nem apagará o pavio que fumega; em verdade, produzirá o juízo" (Is 42.1-3; cf. Is 52.13-53.12).

O servo sofredor de que trata o profeta não é a nação de Israel, nem mesmo os remanescentes da casa de Israel, mas uma pessoa especial. O servo sofre, e, pelos Seus

sofrimentos, o "nosso castigo" é transformado em paz (Is 53.5). Os teólogos liberais dizem que Jesus nunca atribuiu sentido expiatório à Sua morte. "Isso é coisa da Igreja primitiva" – dizem. É difícil concordar com os liberais diante de alguns textos em que Jesus não apenas antevê a Sua morte, mas atribui a ela o significado que eles dizem que Ele mesmo não dá. De acordo com o profeta Isaías, a aliança é feita pelo servo (Is 42.6). As alianças no passado eram sempre marcadas por algum sinal: a aliança edênica foi simbolizada pela árvore da vida; a aliança com Noé, de que nunca mais o Senhor destruiria a terra com água, foi o arco-íris (Gn 9.12,13); com Abraão, a circuncisão (Gn 17.10); com Moisés, a aliança foi com sangue (Êx 24.8).

A aliança do Novo Testamento foi também feita com sangue: "E disse-lhes: Isto é o meu sangue, o sangue do Novo Testamento, que por muitos é derramado" (Mc 14.24; cf. Mt 26.28; Lc 22.20; 1 Co 11.24). Ademais, Jesus disse: "Ninguém tem maior amor do que este: de dar a sua vida pelos seus amigos" (Jo 15.13). Por que Jesus teria feito isso? Por um gesto de solidariedade aos amigos? No entanto, Seus amigos não estavam em apuros! Quem estava em questão era Ele mesmo. Não foi uma barganha. A extensão desses "Seus amigos" diz respeito não apenas aos amigos que o rodeavam e faziam parte do colégio apostólico, mas também a todos aqueles que se agregam a Ele. Que outro motivo haveria para Jesus dar a vida por outros, quando isso não era cobrado de ninguém? Jesus apontava sempre para a Sua morte ao avisar: "E começou a ensinar-lhes que importava que o Filho do Homem padecesse muito, e que fosse rejeitado pelos anciãos, e pelos príncipes dos sacerdotes, e pelos escribas, e que fosse morto, mas que, depois de três dias, ressuscitaria" (Mc 8.31). Jesus não apenas estava consciente de que morreria, mas de que Sua morte tinha uma importância singular; por isso, era necessária e não seria fruto de um martírio, mas de um propósito divinamente elaborado. Ele morria como servo para estabelecer a aliança. A conclusão da Igreja é transmitida como doutrina pelos apóstolos, que corroboram com o propósito daquele que aceitou ser chamado de "Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo"(Jo 1.29).[44]

Como servo, Jesus sofre uma morte ignominiosa na cruz: "A si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz" (Fp 2.8). O tipo de morte ao qual Jesus se submeteu era aplicado somente aos piores facínoras. Esses mortos eram considerados "malditos"(Dt 21.23). Foi por isso que Jesus passou: fez-se maldito por nós (Gl 3.13; Hb 12.2). Sua morte no madeiro contribuiu para que os judeus o desprezassem ainda mais.

Marcado pela diferença

Tanto a chegada de Jesus a este mundo como a Sua saída ocorreram atipicamente. Esses acontecimentos (nascimento, ressurreição e ascensão) comprovam que Jesus não

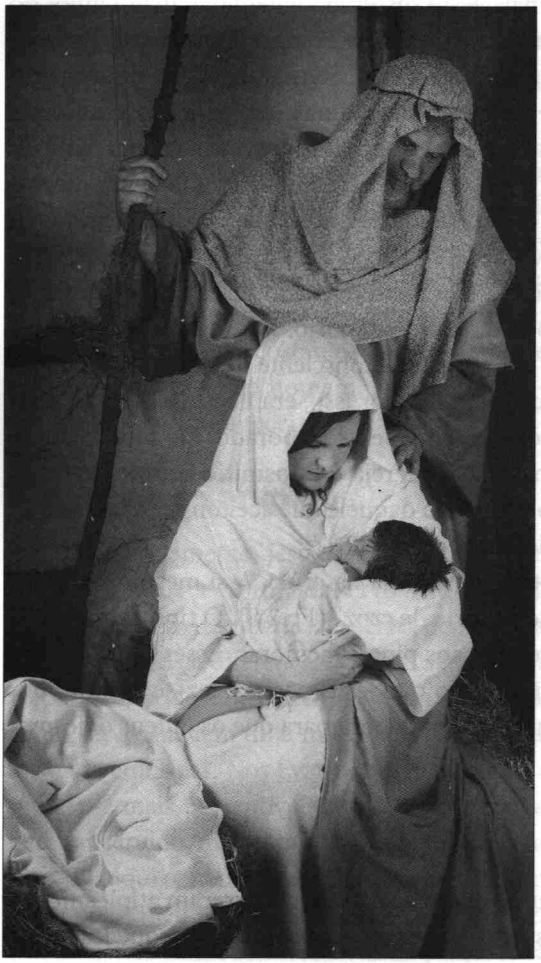
---

44. O que se fazia com o cordeiro? A relação do cordeiro com o pecado era fazer com que aquele servisse de expiação para este.

era uma pessoa comum. Há nele características que o diferenciam de qualquer outro ser humano. Tais diferenças deveriam ser devidamente percebidas pelo Seu povo, mas não houve interesse no povo judeu em atentar-se para elas.

O nascimento de Jesus

A distância entre o homem e o seu Criador gerada pelo pecado foi tão grande que o homem não foi capaz de discernir os tempos e de compreender a chegada do Filho de Deus à terra. O Emanuel (Is 7.14) merecia uma recepção à altura da Sua grandeza; mas, em vez disso, teve o Seu ingresso no mundo em um clima de tensão, improviso e fuga.



O nascimento de Jesus

De acordo com as leis mosaicas, se uma jovem engravidasse sem ser casada, tanto ela quanto o rapaz seriam mortos por apedrejamento (Dt 22.23,24). Àquela altura, Maria tinha apenas o compromisso firmado de casamento com José, mas eles ainda não estavam casados. Como justificar que a sua gravidez era resultado de uma ação divina (Lc 1.35)? Como Maria se explicaria aos pais, aos irmãos, aos vizinhos e aos parentes sobre a sua gravidez?[45] Quem acreditaria na sua versão de que um anjo lhe aparecera e anunciara a sua gravidez? Ou quem se lembraria da profecia de Isaías: "Portanto, o mesmo Senhor vos dará um sinal: eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome Emanuel" (Is 7.14)? Maria temeu por isso (Lc 1.28-31); mas, uma vez convencida pelo anjo Gabriel, aceitou a incumbência: "Disse, então, Maria: Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua

45. YANCEY, Philip. *O Jesus que eu nunca conheci.* São Paulo: Editora Vida, 1998. p. 31.

palavra. E o anjo ausentou-se dela" (Lc 1.38). O Senhor a protegeu até que o menino nascesse.

Um nascimento arriscado

Para atender a um alistamento (tratava-se de um cadastramento de nacionalidade, visto que no país habitavam muitos estrangeiros), José e Maria saíram de Nazaré, a cidade onde habitavam, e foram alistar-se na cidade de Belém (Lc 2.1-7). Maria sentia as contrações do parto, mas as hospedarias da cidade não comportavam tantos visitantes, e ela deu à luz em uma estrebaria, uma espécie de quarto dos fundos da casa onde também abrigam os animais. Era um local inóspito, de grandes riscos de infecção tanto para a criança como para a mãe. Contudo, o Pai celestial protegeu ambas.

Magos vindos do oriente foram até o palácio do rei Herodes, em Jerusalém, pensando encontrar ali o "nascido rei dos judeus". Por ser descendente de uma família de sacerdotes, o rei Herodes e toda a cidade ficaram preocupados, porque conheciam as profecias referentes ao Messias que havia de vir (Mt 2.1-6). Esse foi o primeiro sinal de descrença dos judeus sobre a messianidade de Jesus. Contrariado, o rei assinou um decreto de morte aos meninos de dois anos para baixo (Mt 2.16). Para escapar do massacre, por divina revelação, José e Maria fugiram para o Egito e lá permaneceram até a morte desse rei (Mt 2.19,20).

Maria e José saindo de Nazaré e indo para Belém

Há um conflito instalado entre os céus e a terra, entre Deus e os homens. Ao mesmo tempo que o homem busca benefícios divinos, ele se rebela contra tudo o que vem do céu. O maior exemplo é que o próprio Deus desceu à terra, sendo o criador dela, e os homens o rejeitaram. A rejeição à pessoa de Cristo começou pelo Seu nascimento, prosseguiu até o fim da Sua vida e persiste até hoje (1 Co 1.18). O modo de Deus para enviar Seu Filho ao mundo é incompatível com a lógica humana; mas esse foi o caminho que Ele escolheu (1 Co 1.25).

A união hipostática

Jesus possuía duas naturezas: uma humana e outra divina. A união de ambas é chamada de união *hipostática*. Essa união ocorreu no nascimento de Jesus: Ele foi concebido por obra e graça do Espírito Santo, tendo, de um lado, a participação humana de Maria e, do outro, a sombra do Altíssimo que a cobrira (Lc 1.35). Jesus não é a soma de duas pessoas, sendo uma humana e outra divina. Jesus é uma só pessoa que agrega, naturalmente, as duas naturezas, sendo uma humana e outra divina: "Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade" (Cl 2.9). Ao longo da história da igreja cristã, houve grandes controvérsias a respeito das duas naturezas de Cristo. Os *docetistas* (70 — 170 d.C.) diziam que Jesus não tinha um corpo físico real, apenas uma aparência de homem, como se fosse um fantasma. Os *ebionitas* (170 d.C.) negavam a natureza divina de Jesus. Os *arianos* (quarto século) negavam a integridade da natureza *divina* em Jesus. Os *apolinaristas* (quarto século) negavam a integridade da natureza *humana* de Cristo. Os *nestorianos* negavam a união real entre as duas naturezas de Cristo. Os *eutiquianos* diziam que a natureza humana foi absorvida pela divina, reduzindo as duas naturezas a uma só; e, finalmente, a doutrina *ortodoxa*, firmada no Concílio de Calcedônia em 451 d.C., sustenta que há duas naturezas integrais e distintas de Jesus: uma humana e outra divina. "Então, o que separa o Deus-homem de todos os outros seres criados é essa união de duas naturezas em uma pessoa."[46]

A união hipostática ocorreu quando o Verbo – que estava com Deus no princípio – veio ao mundo (Jo 1.1,2). Jesus é Deus-homem. Sendo Deus, Ele falava com Deus Pai, porque, embora ambos fossem um só Deus, eram duas pessoas distintas. Vê-se, na oração sacerdotal, Jesus deixando isso claro: "Eu dei-lhes a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um. Eu neles, e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade, e para que o mundo conheça que tu me enviaste a mim e que tens amado a eles como me tens amado a mim" (Jo 17.22,23).

---

46. CHAFER, Lewis Sperry. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Hagnos, 2003. v. 3,4. p. 46.

A NATUREZA HUMANA DE JESUS

A distinção clara entre as duas naturezas de Jesus ocorre por meio do Seu nascimento. Jesus nasceu de uma mulher (Gl 4.4), porém a Sua concepção ocorreu por obra do Espírito Santo (Mt 1.18). Seu nascimento é único na história. Essa singularidade tem causado indagações, dúvidas e controvérsias, resultando na aceitação, pela fé, para alguns e na recusa, pela incredulidade, para outros.

"Porque há um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem" (1 Tm 2.5). Na cristologia paulina, encontram-se as respostas necessárias que resolveriam a questão daqueles que opinaram sobre a divindade e a humanidade de Jesus em versões diferentes, gerando polêmicas, controvérsias. Vários concílios foram reunidos ao longo da história para debater questões relativas à pessoa de Cristo, envolvendo Sua humanidade, Sua divindade, Sua distinção em relação ao Pai etc.

Na genealogia apresentada por Mateus, Jesus descende de Davi (Mt 1.1-17); porém, na genealogia de Lucas, Jesus descende de Adão, assim como todos os homens (Lc 3.23-38). O próprio Jesus referiu-se a si mesmo como homem: "Mas, agora, procurais matar-me a mim, homem que vos tenho dito a verdade (...)" (Jo 8.40). Para confirmar a consciência da Sua humanidade, Jesus referiu-se constantemente a si mesmo como o Filho do Homem (Mt 8.20; 20.28; Lc 7.34 etc.). O apóstolo Paulo destaca a humanidade de

A distinção clara entre as duas naturezas de Jesus ocorre por meio do Seu nascimento. Jesus nasceu de mulher (Gl 4.4), porém a Sua concepção ocorreu por obra do Espírito Santo (Mt 1.18). Seu nascimento é único na história.

Jesus: "Mas não é assim o dom gratuito como a ofensa; porque, se, pela ofensa de um, morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça, que é de um só homem, Jesus Cristo, abundou sobre muitos" (Rm 5.15). "Porque, assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem" (1 Co 15.21).

Era sujeito às leis naturais

Como homem, Jesus teve uma vida natural, tão normal como a nossa. Sua natureza humana contraria o pensamento gnóstico de que a divindade não poderia jamais estar presente em um corpo material. O gnosticismo[47] apresentou diferentes formas de justificar sua cristologia: uma delas foi a de que Cristo (o Ungido) entrou em Jesus, no dia do Seu batismo – quando o Espírito Santo desceu sobre Ele em forma de uma pomba (Lc 3.22) – e o abandonou na hora da cruz; por isso, Ele clamou em alta voz: "Eli, Eli, lemá sabactâni, isto é, Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mt 27.46). Em outra fase, os gnósticos criaram a doutrina docética, derivada de *dokeo*, que quer dizer "aparência", em grego. Jesus não era uma pessoa real, era um espírito com aparência humana. Seria uma espécie de fantasma; assim, tudo o que viveu entre os homens não passou de uma dramatização aparente. Sua morte na cruz não passou de uma encenação; desse modo, não houve sofrimento algum". Contra essa heresia, tanto o apóstolo Paulo como o apóstolo João escreveram, mais particularmente João, acerca do docetismo: "E todo espírito que confessa que Jesus Cristo não veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que está já no mundo" (1 Jo 4.3).

Como qualquer bebê, Jesus chorou, aprendeu a andar, a falar e foi à escola: "E o menino crescia e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava

47. Gnosticismo: corrente filosófica que nasceu em meados do primeiro século e ensinava que o mal reside na matéria. A matéria se deteriora. O espírito é bom, não sofre desgaste, havendo incompatibilidade entre eles.

sobre ele" (Lc 2.40). Sujeitou-se às mesmas regras de vida de um cidadão qualquer: "Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu" (Hb 5.8). Por passar pelas mesmas provas que nós, Jesus não apenas pode compreender-nos, mas também nos socorrer nelas: "Porque, naquilo que ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados" (Hb 2.18).

Jesus possuía todas as características de um ser humano

Jesus sentia, em Seu corpo físico, todas as sensações comuns aos seres humanos. Seu corpo era de carne e osso (1 Jo 4.2; 2 Jo 1.7); teve fome (Mt 4.2); sede (Jo 4.7; 19.28); cansaço (Jo 4.6); sono (Mt 8.24); tristeza (Jo 12.27); alegria (Lc 10.21); amor (Mc 10.21); compaixão (Mt 9.36); dor (Is 53.3); choro (Jo 1.35); vida social – ia à festa (Jo 2.1,2), aceitava convite para jantar (Lc 7.36) e visitava lares (Lc 4.38,39); sofreu tentação (Hb 4.15); sofreu agonia (Lc 22.44); sofreu a própria morte (Lc 23.46).

Lucas enfatiza o desenvolvimento natural de Jesus até a idade dos 12 anos: "E, quando acabaram de cumprir tudo, segundo a lei do Senhor, voltaram à Galileia, para a cidade de Nazaré. E o menino crescia e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele. Ora, todos os anos, iam seus pais a Jerusalém, à Festa da Páscoa. E, tendo ele já doze anos, subiram a Jerusalém, segundo o costume da festa" (Lc 2.39-42). Mateus ressalta a expressão *Filho do homem*, repetida outras vezes nos demais Evangelhos, exatamente para fazer ressaltar a natureza humana de Jesus: "E disse Jesus: As raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça" (Mt 8.20). É surpreendente a honestidade do escritor de Hebreus. Ele não esconde a fragilidade humana nem mesmo os riscos que Jesus corria como ser humano: "Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu" (Hb 5.8). O escritor de Hebreus vê, na humanidade de Jesus, razão obrigatória para a aniquilação do império da morte, a qual ele identifica como o próprio diabo: " E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas, para que, pela morte, aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo" (Hb 2.14).

A educação de Jesus

Jesus teve uma vida regular desde a Sua infância, como qualquer outra criança dentro de Sua cultura. Foi à escola para alfabetizar-se. A educação religiosa era responsabilidade dos pais (Dt 11.19; 32.46). A educação comum era recebida na sinagoga, e as aulas eram dadas pelos anciãos. O programa de ensino consistia em memorizar alguns textos-chaves das Escrituras, tais como: o *shemá* (Dt 6.4-7); as leis da obediência (Dt 11.13-21; Nm 15.37-41); o *hallel*, que eram salmos de "aleluia" (Sl 113—118); a história da criação (Gn 1—5) e as leis do sacrifício levítico (Lv 1—8). A sinagoga, por servir também de escola, era chamada de "Casa do Livro". Havia duas fases no aprendizado:

uma em que o aluno somente ouvia, e outra chamada de fase secundária, na qual os alunos podiam discutir questões da Lei com os mestres. O mestre sentava-se em uma plataforma superior, e os alunos, no chão, ao som cruzado de muitas vozes, porque todos tinham de ler as Escrituras em voz alta, pois os sábios acreditavam que somente assim eles poderiam memorizar. Jesus, aos 12 anos, deu provas de que foi um bom aluno (Lc 2.46,47).

A integridade de Jesus

A integridade moral de Jesus, homem, estava acima de qualquer suspeita. Como segundo Adão (1 Co 15.45), Ele veio para dar mostra de que seria possível ao primeiro Adão resistir à força do pecado, mas Adão fracassou; por isso, como segundo Adão, Ele tornou-se o precursor de uma nova raça, capaz de viver em verdadeira santidade (1 Pe 2.9; 1 Co 10.13; Rm 6.12-14). A impecabilidade de Jesus é certificada por Ele mesmo: "Quem dentre vós me convence de pecado? (...)" (Jo 8.46).

O fato de Jesus nunca haver pecado gera desconfiança à integralidade de Sua natureza humana pelos liberais. Qual é o ser humano que nunca pecou? Os liberais Braatem e Jenson citam Berkouwer: "A impecabilidade de Jesus foi questionada por teólogos que creem que pecar implica a humanidade plena de Jesus. Eles consideram a ideia da impecabilidade um câncer docético que se insinuou nas mais antigas formas de retratar a vida de Jesus"[48]. Esses coautores dizem que a impecabilidade de Jesus é uma dedução da dogmática clássica inferida da união hipostática. As hipóteses levantadas pelos teólogos liberais vão além dessa dogmática. Eles questionam a própria humanidade do Filho de Deus. Bultmann diz que não há provas científicas que comprovem o dogma da encarnação. Ele tem razão: não há provas científicas e nunca haverá. O terreno da fé prescinde de tais provas. O dogma não tem de ser provado. Contudo, por outro lado, esses teólogos nos prestam alguma ajuda quando levantam questões que provocam a nossa razão, forçando-nos a pensar, e pensar é necessário. Quem não pensa não teologiza.

Entre as controvérsias em torno da pessoa de Cristo, houve uma levantada pelo *eutiquianismo* (movimento fundado por Eutíquio por volta de 450 d.C.), que dizia que Jesus não pensava com mente humana, mas com mente divina, ou seja, como *Logos*. Eles diziam que Cristo (ser divino) apenas ocupava um corpo humano. Essa linha de ensinamento acaba mutilando parte da natureza humana de Jesus. Quando a Bíblia diz que Ele em tudo foi tentado (Hb 4.15), certamente a tentação incluía a Sua mente, porque não há tentação que não passe pela mente.

A impecabilidade de Jesus nos remete à questão da tentação. Tiago diz que "Deus não pode ser tentado pelo mal" (Tg 1.13), porém lemos que Jesus "em tudo foi tentado, mas sem pecado" (Hb 4.15) – ressalva imediatamente o escritor sagrado: "Mas sem

---

48. BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. *Dogmática Cristã*. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 1990. v. 1. p. 505.

pecado". Temos de admitir que há um conflito entre esses dois versículos, afinal, Jesus é Deus. Não apenas temos essa informação de que Jesus foi tentado, como temos, inclusive, o relato detalhado de uma das Suas tentações: a que Ele sofreu no deserto, após o Seu batismo (Lc 4.2). Bastaria Jesus cair em uma delas para ter pecado. Mas o autor de Hebreus sugere que Jesus passara por outras espécies de tentações. O que Ele quer dizer com "em tudo"? E como conciliar Tiago 1.13 com Hebreus 4.15?

Grudem diz: "Quando compreendemos como as naturezas humana e divina de Jesus agem em conjunto, podemos entender melhor como Ele podia ser tentado em um sentido e, ainda assim, não ser tentado em outro sentido"[49]. A natureza divina e a natureza humana estavam integradas na mesma pessoa, mas era essa mesma pessoa quem tinha a missão de vencer o mal e dar à humanidade – que estava desmoralizada junto a Deus por causa da herança do pecado legada por Adão – a condição de reerguer a cabeça; por isso, Jesus veio como o segundo Adão, para vencer naquilo em que o primeiro fracassou; e não dava para ser diferente porque, se Jesus não enfrentasse as tentações como homem, não poderia conceder ao homem o bastão de vencedor.

A tentação de Jesus no deserto não foi provocada por Ele. Cristo foi levado para lá pelo Espírito. Marcos 1.12 diz que Ele foi "impelido", no grego *ekbalo*, "lançado", "injetado por força". A primeira tentação ocorreu nos mesmos termos do jardim: comida. A diferença é que, no Éden, tanto Adão como Eva estavam de estômago cheio. Os sentidos de Eva (audição, visão, olfato, tato e, finalmente, o paladar) foram corrompidos (2 Co 11.3), e ela caiu, induzindo o marido ao mesmo pecado. Jesus, por Sua vez, sofreu uma tentação que ia muito além da satisfação dos órgãos do sentido: tinha fome. Ele estava com fome quando o diabo o tentou. Deus não sente fome, o homem sim. A natureza divina de Jesus suportaria a proposta de Satanás, mas a humana teria de vencê-la. Como venceu a primeira tentação, o diabo veio ainda com mais duas. O mesmo teria acontecido com Adão, se ele e sua mulher resistissem à primeira tentação. Satanás não desiste, até ser resistido: "Sujeitai-vos, pois, a Deus, resisti ao diabo, e ele fugirá de vós" (Tg 4.7). E se Jesus caísse? Então, pecaria, logo, Deus pecaria e, consequentemente, deixaria de ser Deus, mas essa possibilidade não existiria. Somos obrigados a concordar com a conclusão de Grudem: "Assim, se perguntarmos se, *de fato,* era possível Jesus pecar, parece que precisamos concluir que isso não era possível. A união entre Sua natureza humana e Sua natureza divina em uma pessoa o impedia de pecar"[50]. Entretanto, a tentação do humano serviu como experiência inalienável àquele que – somente Ele, como sumo sacerdote – seria capaz de socorrer os que são tentados: "Pois, naquilo que ele mesmo sofreu, sendo tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados" (Hb 2.18).

---

49. GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática Atual e Exaustiva.* São Paulo: Edições Vida Nova, 2005. p. 443.

50. Ibidem. p. 444.

O grande mistério da união das duas naturezas é que uma, por ser divina, não corre o risco de pecar jamais, é absolutamente santa; a outra natureza é de carne, e elas são incompatíveis em essência.

O grande mistério da união das duas naturezas é que uma, por ser divina, não corre o risco de pecar jamais, é absolutamente santa; a outra natureza é de carne, e elas são incompatíveis em essência. Cada natureza está debaixo de uma lei: a lei do Espírito (natureza divina), que é vida, e a natureza carnal, que está debaixo da lei do pecado (Rm 8.2). Jesus, assumindo a natureza carnal, inverteu a situação, pondo em contradição a força da lei do pecado e vencendo-a: "Porquanto, o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne, para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito" (Rm 8.3,4). O apóstolo dá testemunho da impecabilidade de Jesus: "Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus" (2 Co 5.21). Pedro dá testemunho sobre a impecabilidade de Jesus: "O qual não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano" (1 Pe 2.22). Pilatos disse: "Não acho nele crime algum" (Jo 18.38).

A contribuição da natureza divina

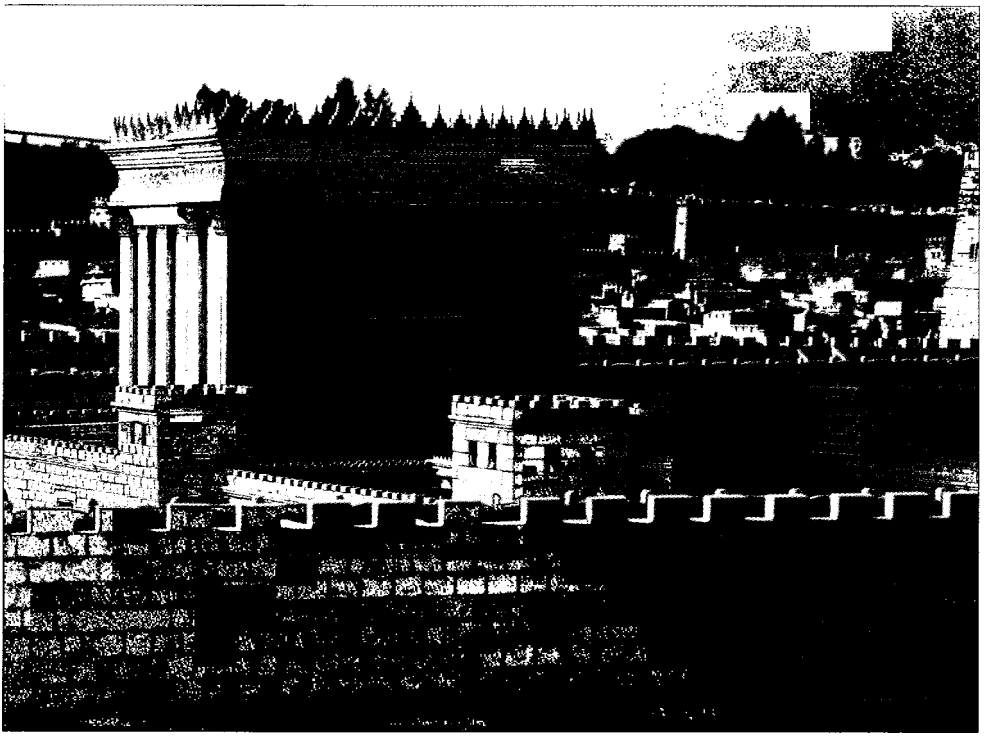
Do mesmo modo como o primeiro Adão foi criado intacto (sem a semente do pecado em si mesmo), Jesus, devido à Sua natureza divina, também foi criado intacto, sem portar a semente maligna do pecado. Entretanto, Ele estava exposto ao mundo, sofrendo os mesmos riscos do primeiro Adão. O que levou o primeiro Adão a pecar foi tão somente a tentação (provocação externa), mas, enquanto estava intacto, não era vítima da concupiscência (provocação interna). A concupiscência nasceu no coração de Adão assim que ele pecou. Quando a tentação e a concupiscência se juntam, elas geram o pecado: "Mas cada um é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência. Depois, havendo a concupiscência concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumando, gera a morte" (Tg 1.14,15). A diferença entre o primeiro e o segundo Adão foi que o segundo resistiu! Tudo o que o primeiro Adão deixou de realizar o segundo realizou!

A natureza divina cooperava com a humana em todo o sentido da vida de Jesus, tanto no sentido pessoal como na realização do Seu ministério. Na Sua vida pessoal, desde a infância, Ele era guardado: "E o menino crescia e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele" (Lc 2.40).

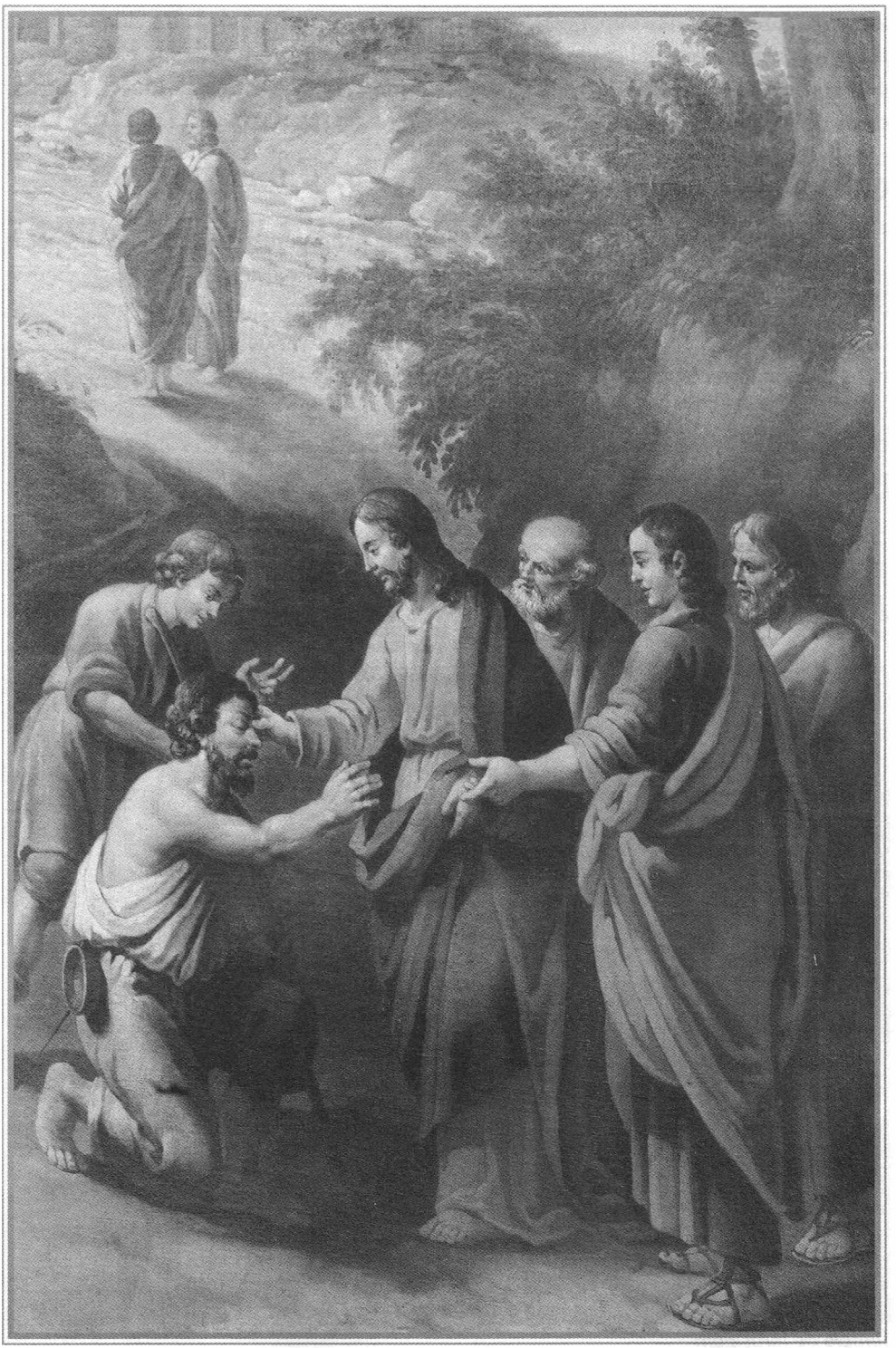
Consciência de inocência

Não se vê e jamais se verá Jesus em oração para pedir perdão por qualquer ato pecaminoso. Ele fazia isso pelos outros: "E dizia Jesus: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lc 23.34). Todavia, quanto a si mesmo, desafiava qualquer um que pudesse convencê-lo de pecado (Jo 8.46). O próprio acusador ficava desarmado contra Ele: "Já não falarei muito convosco, porque se aproxima o príncipe deste mundo e nada tem em mim" (Jo 14.30). A única menção bíblica de pecado em Jesus refere-se aos nossos pecados, e não aos pecados dele: "Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus" (2 Co 5.21; cf. Rm 8.3; Hb 4.15; 1 Jo 3.5).

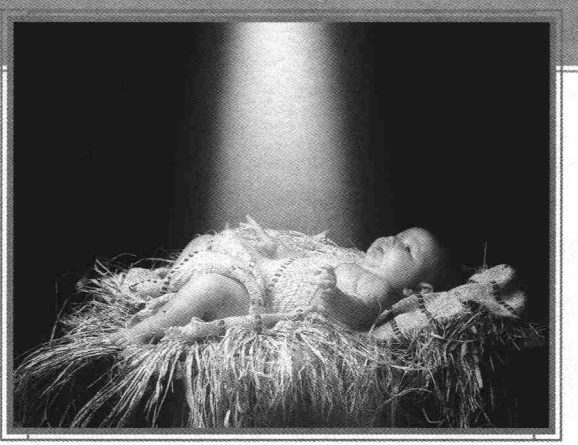
Nos dias de Jesus, o templo ainda estava de pé, e os judeus diariamente compareciam lá, para oferecer sacrifícios por pecados. Há várias menções bíblicas de que Jesus frequentava o templo (Mt 21.12-14; 26.55; Mc 11.27); porém, jamais se lê que, em alguma ocasião, Ele tivesse ido para oferecer sacrifícios por Seus pecados.



Templo de Jerusalém



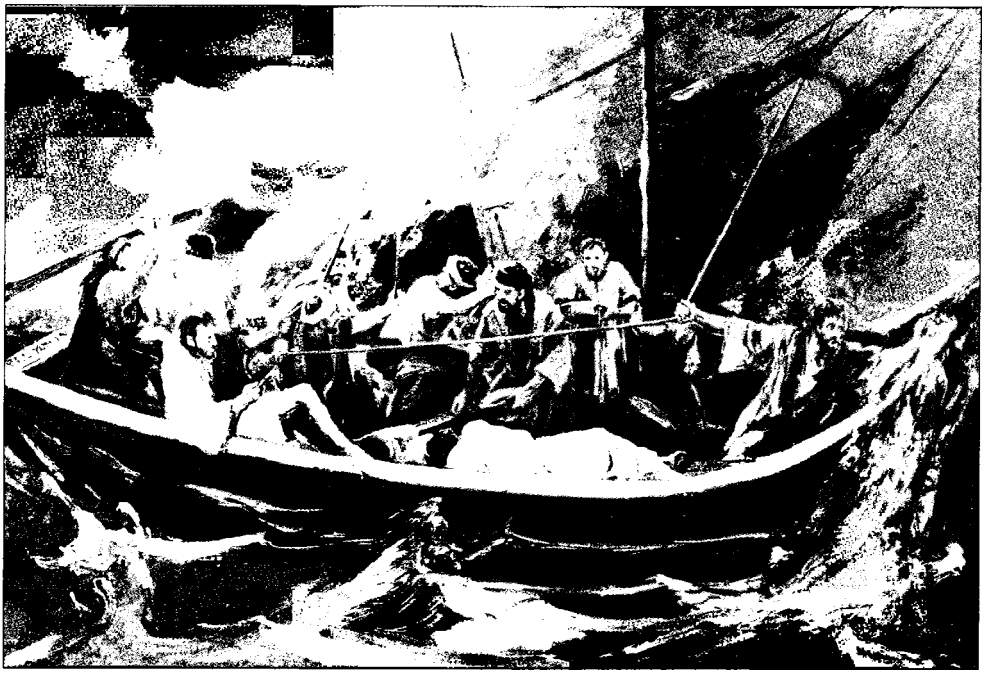
A NATUREZA DIVINA DE JESUS



As discussões acirradas ao longo da história da Igreja sobre as duas naturezas de Jesus deram, aos pensadores que questionaram ou que emitiram opiniões sobre a natureza divina de Jesus, o título de hereges; alguns dos quais sofreram excomunhão. A Bíblia não discute o assunto, apenas declara e dá amostras para que se compreenda a Sua natureza, tanto humana como divina, em uma só pessoa (Mt 3.13-17; 11.27; Jo 3.13).

A humanidade de Jesus é facilmente compreendida pelo modo natural de vida que Ele teve da infância à idade adulta, aprendendo, trabalhando, sentindo fome, comendo, dormindo, sentindo tristeza, amor, alegria, cansaço, chorando, sendo tentado, enfim, tudo o que é normal a um ser humano comum. Mas... e quanto à Sua divindade? Ambas se mostravam presentes e claramente visíveis em Sua vida, e é possível compreendê-las de modo distinto. Contudo, a discussão sobre a união das duas naturezas era para saber qual das duas prevalecia, se é que há uma prevalecente. É simples observar que, até a Sua morte, Jesus homem mostrou-se sujeito às leis da natureza: para atravessar o mar da Galileia, Ele usava barco, embora, em uma ocasião, Ele andara sobre as águas. A natureza divina cooperava com a humana, mas, normalmente, Ele não andava sobre as água, Ele usava o barco. Depois da ressurreição, a Sua natureza divina mostrou-se mais forte: Jesus entrou em uma sala a portas fechadas, onde se encontravam os discípulos e

Jesus no barco



desapareceu, subitamente, diante dos discípulos de Emaús. De qualquer modo, ambas as naturezas são distintas e dizem respeito à mesma pessoa, em um mesmo corpo.

> A natureza divina não sofreu mudança essencial na encarnação. Significa também que ela permaneceu impassível, isto é, sem possibilidade de sofrer e morrer, livre de ignorância e não suscetível de fraqueza e queda na tentação. É bom salientar o fato de que a encarnação foi em um *ato pessoal.* É melhor dizer que a *pessoa* do Filho de Deus encarnou-se do que dizer que a *natureza divina* assumiu a carne humana.[51]

Uma antiga tradição cristã dizia que, já na Sua infância, Jesus prevalecia-se das Suas prerrogativas divinas: fazia pássaros de madeira na oficina de Seu pai José, soprava os pássaros, e eles voavam. Essas e outras historinhas foram elaboradas em uma tentativa de exaltar a divindade de Jesus já desde a Sua infância; porém, tais contos não merecem credibilidade. Pelas Escrituras, entendemos que o Seu primeiro milagre foi realizado em Caná da Galileia, quando transformou água em vinho (Jo 2.1-11). A divindade de Jesus começa a ser revelada na Sua idade adulta, a começar pelo batismo. Além do testemunho de João, baseado em uma visão que teve de uma pomba repousando sobre Ele, há ainda um testemunho vindo do céu: "Este é o meu Filho amado,

51. BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática.* São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003. p. 297.

em que me comprazo" (Mt 3.17). Há também alguns pronunciamentos de Jesus que não deixam dúvida acerca da Sua divindade.

Consciência da Sua divindade

Os judeus, com exceção de parte do povo, não aceitaram Jesus como ser divino; antes, rejeitaram-no e mataram-no. Acharam impossível aceitar alguém que dizia ser igual da Deus. E quanto a nós?

> Diante do testemunho das Escrituras, somos confrontados pelo antigo trilema: ou Jesus é Deus, ou um mentiroso, ou um lunático (*aut deus aut homo malus*). Uma pessoa que reivindica ser o Deus criador todo-poderoso não pode ser um grande mestre de ética e espiritualidade. Normalmente, ao encontrarmos uma pessoa que diz ser Deus, nós a colocamos em um hospital psiquiátrico ou a denunciamos como mentirosa e fraudulosa. Não a aceitamos como uma pessoa sábia e bondosa. Não devemos tratar Jesus de forma diferente. Ele ou merece nossa compaixão como louco, ou nosso desprezo como uma fraude, ou nossa adoração como Deus verdadeiro.[52]

Jesus não precisava desculpar-se das coisas que dizia sobre si mesmo, embora isso incomodasse muito Seus opositores. Os sinais que fazia davam provas suficientes de que Ele não era um ser qualquer. Jesus tinha plena consciência da Sua deidade. Falava do céu como lugar da Sua procedência e da Sua ligação íntima com o Pai. Tais declarações causavam reação nos religiosos que se recusavam, veementemente, a acreditar nele, porém Jesus deu provas incontestáveis do que afirmava sobre si mesmo (Jo 8.53-55).

Sua intimidade com o Pai

Se o Messias prometido é Deus (Is 9.6), nada é mais justo do que manifestar esse fato aos homens; isso Jesus fez sem qualquer temor, gostassem eles ou não. Seus opositores o criticavam com base apenas em opiniões pessoais, sem qualquer fundamentação bíblica que justificasse sua recusa. Os "sábios e entendidos" não compreenderam; porém, aos pequeninos, foi revelado (Mt 11.15; cf. Lc 2.25-38). Jesus foi ainda mais longe ao declarar: "Todas as coisas me foram entregues por meu Pai; e ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar" (Mt 11.27). E, em uma resposta a Filipe, que pediu para ver o Pai, Jesus foi ainda mais incisivo: "(...) Quem me vê a mim vê o Pai (...)" (Jo 14.8,9).

---

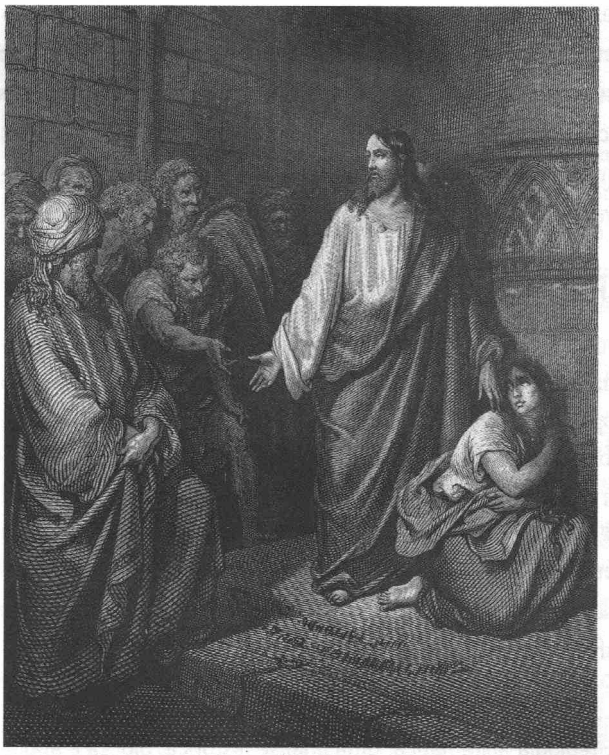
52. MYATT, Alan; FERREIRA, Franklin. *Teologia Sistemática:* uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Edições Vida Nova. p. 510.

Fala do céu

Jesus fez muitas declarações sobre o céu, tais como: quem entrará nele ou não (Mt 5.20; 18.3); entregou as chaves do céu à Igreja, na pessoa do apóstolo Pedro, o qual dirigiu o primeiro culto da Igreja (Mt 16.19; cf. At 2.14-40); deu à Igreja credenciais para ligar e desligar algo entre a terra e o céu (Mt 18.18); falou da importância de ter o nome escrito no céu (Lc 10.20); valorizou o galardão nos céus (Mt 5.12); falou sobre a importância de juntar-se tesouro no céu (Mt 6.20); disse aos discípulos que a eles era possível conhecer os mistérios do Reino dos Céus (Mt 13.11); deu, como sinal de que é verdadeiramente o Messias, aos sacerdotes de Israel, a certeza de que eles o verão vindo sobre as nuvens do céu, assentado à direita do Todo-poderoso (Mt 26.64), lugar onde hoje se encontra (At 7.56). Entretanto, de tudo quanto disse, não há declaração mais forte do que esta: "Ora, ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho do homem, que está no céu" (Jo 3.13).

Perdoa pecados

Outro ato de autoridade máxima demonstrado por Jesus foi o fato de Ele perdoar pecados. Perdoou uma mulher que, apanhada no ato de adultério, estava prestes a ser apedrejada (Jo 8.11). Jesus ofereceu perdão dos pecados a um paralítico em Cafarnaum (Lc 5.20). Continua a ser o único que pode perdoar pecados (1 Jo 1.7-9; 2.2); o único intermediário entre Deus e os homens (1 Tm 2.5) e o único Salvador (At 4.12).



Jesus perdoou a mulher adúltera

O pensamento gnóstico

Entre as opiniões absurdas a respeito da união *hipostática,* há a dos gnósticos ceríntios (corrente filosófica em ascensão no primeiro século), os quais diziam que *aeon* (a divindade), nesse caso, Cristo, apossou-se de Jesus na hora do Seu batismo (Jo 1.32) e o

deixou na hora da Sua morte; por isso, clamou: "Eli, Eli, lemá sabactâni, isto é, Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mt 27.46).

Outro ato de autoridade máxima demonstrado por Jesus foi o fato de Ele perdoar pecados. Perdoou uma mulher que, apanhada no ato de adultério, estava prestes a ser apedrejada (Jo 8.11).

Onde e quando nasceu a consciência

Outra discussão teológica ocorre a respeito de quando Jesus ganhou a consciência de que era divino. Alguns sugerem que essa consciência foi sendo formada em Sua mente a partir dos relatos de Sua mãe acerca do Seu nascimento. Outros dizem que Ele ganhou essa consciência quando o Espírito Santo veio sobre Ele no batismo. Com base em algumas afirmações sobre a Sua intimidade com o Pai e com o céu dadas por Ele mesmo, é possível que Jesus gozasse de alguma experiência sobrenatural muito forte que guardava para si: "Todas as coisas me foram entregues por meu Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar" (Mt 11.27). "Ora, ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho do Homem que está no céu" (Jo 3.13; cf. Jo 8.54-58).

Testemunho do céu

Além do testemunho do céu, ocorrido no dia do seu batismo (Mt 3.17), há outras ocorrências similares. No monte da Transfiguração, quando o rosto de Jesus brilhou como o sol, Pedro, Tiago e João, que ali estavam com o Mestre, ouviram uma voz procedente do céu que dizia: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; escutai-o" (Mt 17.5). Em outra ocasião, quando os discípulos disseram a Jesus que alguns gregos queriam conhecê-lo, Jesus, por alguma razão, viu naquilo um sinal de que Sua hora se aproximava. Ele tocou no assunto da Sua morte e orou, pedindo para ser glorificado, quando, de repente, "veio uma voz do céu que dizia: Já o tenho glorificado e outra vez o glorificarei" (Jo 12.28).

O testemunho de João Batista

A história de João Batista está estreitamente relacionada à de Jesus. Suas mães eram primas, e eles nasceram com seis meses de diferença. No encontro de Maria com Isabel, houve um testemunho do Espírito, no ventre de Isabel, acerca do Salvador que ainda estava sendo gerado no ventre de Maria (Lc 1.41). Embora fossem primos de segundo

grau, João Batista e Jesus não se conheciam (Jo 1.33). Jesus morava no norte do país, e João Batista, no sul, provavelmente em uma comunidade de essênios. Ao ver Jesus passar no momento em que realizava batismo no rio Jordão, não teve dúvida em anunciar: "Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (Jo 1.29), porque vira o Espírito Santo descer sobre Ele como uma pomba (Jo 1.32). João já falava daquele que viria após ele (Jo 1.30). Como profeta, João Batista fez elevados pronunciamentos a respeito de Jesus: "(...) Aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu; não sou digno de levar as suas sandálias; ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo" (Mt 3.11). Apesar de ser divino, Jesus foi até o Jordão para ser batizado por João Batista. Por considerar Jesus alguém superior a ele, relutou em batizá-lo (Mt 3.13-15).

Encantava pela sabedoria e pelos milagres

Aqueles que conheciam Jesus desde a infância ficavam admirados com Ele (Lc 6.1): "De onde lhe vêm essas coisas? E que sabedoria é esta que lhe foi dada? E como se fazem tais maravilhas por suas mãos?" (Mc 6.2). Até mesmo aqueles que rejeitavam Cristo, por medo de que Ele se tornasse grande e fizesse-os sucumbir às forças religiosas e políticas do Seu país, não escondiam a admiração que tinham por Ele: "E todos lhe davam testemunho e se maravilhavam das palavras de graça que saíam da sua boca (...)" (Lc 4.22). Os judeus religiosos opunham-se veementemente contra Jesus, tentando encontrar algo que o desabonasse; porém, Ele sempre tinha uma resposta sábia para cada situação (Mt 21.23-27; 22.17-22).

Atendia bem a todos

Jesus era amoroso e atencioso com todos. Com as criancinhas: "Trouxeram-lhe, então, algumas crianças, para que lhes impusesse as mãos e orasse; mas os discípulos os repreendiam. Jesus, porém, disse: Deixai os pequeninos e não os estorveis de vir a mim, porque dos tais é o Reino dos céus. E, tendo-lhes imposto as mãos, partiu dali" (Mt 19.13-15); com os enfermos: "E Jesus, saindo, viu uma grande multidão e, possuído de íntima compaixão para com ela, curou os seus enfermos" (Mt 14.14); com os oprimidos: "Como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com virtude; o qual andou fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele" (At 10.38); com os desprezados: "E, vendo todos isso, murmuravam, dizendo que entrara para ser hóspede de um homem pecador" (Lc 19.7); com os pecadores: "E os escribas e fariseus trouxeram-lhe uma mulher apanhada em adultério (...), e, na lei, nos mandou Moisés que as tais sejam apedrejadas. Tu, pois, que dizes? (...) E como insistissem, perguntando-lhe, endireitou-se e disse-lhes: Aquele que dentre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela" (Jo 8.3-7); com os aflitos: "E aconteceu, pouco depois, ir ele à cidade chamada Naim, e com ele iam muitos dos

seus discípulos e uma grande multidão. E, quando chegou perto da porta da cidade, eis que levavam um defunto, filho único de sua mãe, que era viúva; e com ela ia uma grande multidão da cidade. E, vendo-a, o Senhor moveu-se de íntima compaixão por ela e disse-lhe: Não chores. E, chegando-se, tocou o esquife (e os que o levavam pararam) e disse: Jovem, eu te digo: levanta-te. E o defunto assentou-se e começou a falar. E entregou-o à sua mãe" (Lc 7.11-15).

Priorizava a vontade de Deus

Fazer a vontade de Deus era a prioridade máxima na vida de Jesus (Jo 4.34). A vitória de Cristo sobre o pecado e sobre o mundo das trevas deve-se às suas qualificações humanas. Como homem, Ele identificou-se integralmente conosco, exceto na prática do pecado; entretanto, assumiu sobre si a culpa de nós todos. Sua morte na cruz não foi uma encenação, mas um ato verídico de sofrimento e dor. Como ser humano, foi, sem dúvida, o mais perfeito que o mundo já conheceu.

A natureza divina é o grande diferencial na pessoa de Jesus. Como homem, foi o que foi graças à divindade presente na mesma pessoa. Jesus tinha, no mesmo corpo, integralmente as duas naturezas. Cabe aqui uma nota especial ao Evangelho de João. Esse Evangelho dá destaque à natureza divina de Jesus, diferentemente dos outros três Evangelhos, que se ocupam em descrever mais a natureza humana do Senhor Jesus.

O que Jesus sabia sobre as pessoas

A chamada de Pedro certamente deixou o discípulo impactado, pois, sem se conhecerem, Jesus pronunciou o seu nome: "(...) Tu és Simão, filho de Jonas (...)" (Jo 1.42). Com Natanael não foi diferente. Ao ouvir seu irmão Filipe falar sobre Jesus e sobre Sua procedência, Nazaré, desprezou-o; porém Jesus o elogiou e revelou algo oculto sobre a vida dele (Jo 1.47,48). Falando com a mulher samaritana à beira do poço de Jacó, revelou a ela particularidades sobre a sua vida conjugal (Jo 4.16-18). Jesus sabia o que os escribas pensavam no instante em que lidava com o paralítico em Cafarnaum (Mt 9.4). Sabia que Lázaro estava morto (Jo 11.14). Avisou Pedro de que ele o negaria (Mt 26.34) e sabia que Judas o trairia (Jo 13.21,26), e outros casos mais.

O que Jesus sabia sobre situações

Ele sabia sobre o jumentinho preso que o carregaria (Mt 21.2). Sabia sobre o cenáculo onde celebrariam a Páscoa e, inclusive, o fato de que o dono da casa estava carregando um cântaro de água (Mc 14.12-15). Informou antecipadamente sobre a destruição de Jerusalém (Mt 24.2). Sabia exatamente onde os discípulos encontrariam cardumes de peixes ao lançarem as redes (Lc 5.6-9; Jo 21.6), e outros casos mais.

Jesus e os discípulos na pesca

O que Jesus não sabia

Ao falar sobre o tempo de Sua volta, Jesus disse que não sabia quando seria: "Mas, daquele Dia e hora, ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, senão o Pai" (Mc 13.32). Por que Jesus desconhecia esse fato se Ele pronunciou alguns discursos escatológicos ao prevenir os discípulos acerca dos últimos dias? Hodge diz que há duas vontades classificadas como falível e finita e dois centros de consciência em Jesus classificados como imutável e infinito. A partir do pensamento de Hodge, Grudem comenta:

> Essa distinção entre duas vontades e dois centros de consciência ajuda-nos a compreender como Jesus podia aprender e, mesmo assim, saber todas as coisas. Por um lado, com respeito à Sua natureza humana, Ele possuía conhecimento limitado (Mc 13.32, Lc 2.52). Por outro lado, Jesus conhecia evidentemente todas as coisas (Jo 2.52; 16.30; 21.27). (...) Mas, em resposta, deve-se simplesmente afirmar que duas vontades e dois centros de consciência não exigem que Jesus seja duas pessoas distintas.[53]

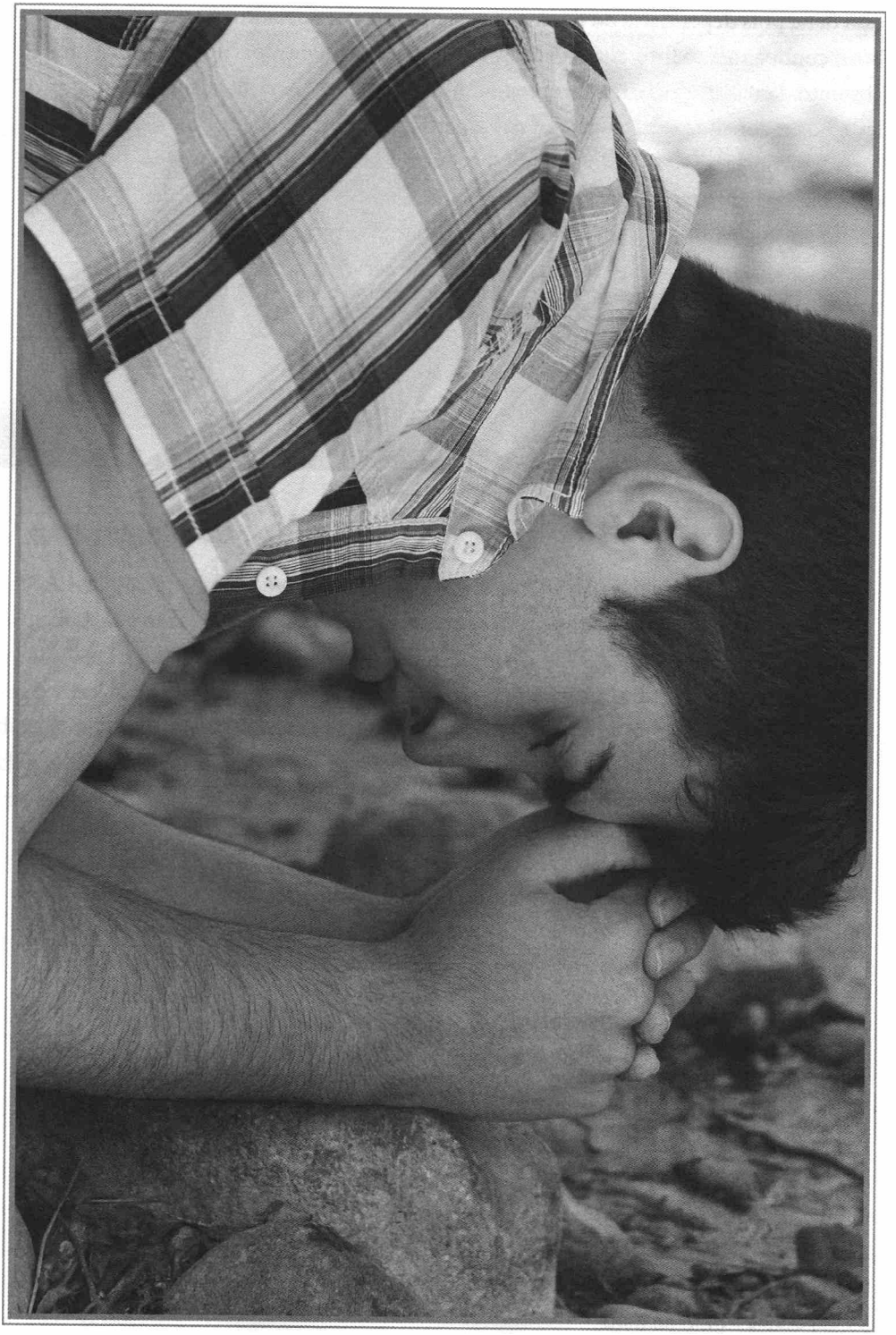
Não é possível sugerir que Jesus desconhecia a data da Sua vinda, para não ser tentado a contar, já que a possibilidade de ser tentado fazia parte do Seu cotidiano (Hb 4.15). Nem é possível pensar que o próprio Deus ainda não estivesse certo quanto a

53. GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática, Atual e Expositiva*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2005. p. 463.

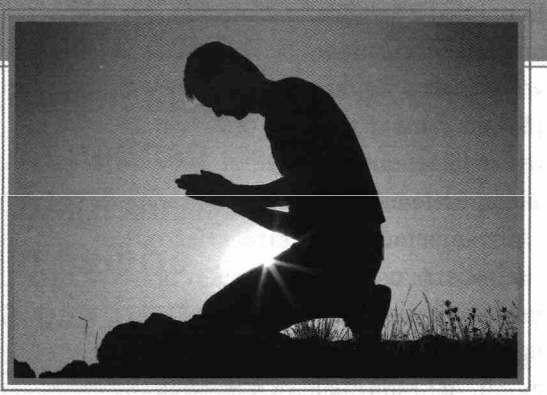
essa data, pois dependeria do desenrolar da história para decidir.[54] O que Hodje diz sobre o conhecimento limitado da natureza humana, em contrapartida ao conhecimento absoluto da natureza divina, formando dois centros de consciência em uma só pessoa, leva-nos a concluir que havia, em cada natureza, a capacidade de uma resguardar o direito da outra, em razão do cuidado necessário que o contexto humano e terreno no qual Ele vivia impunha; daí a necessidade de *kénosis,* "esvaziamento" de Cristo: "Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-se (ἐκένωσεν)[55] a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens" (Fp 2.6,7).

54. Pensamento que coincide com o modo de pensar da Teologia Relacional.

55. ἐκένωσεν - grifo do autor.



O SENHORIO DE JESUS



Dentre os títulos atribuídos a Jesus, o de *Kyrios* merece uma atenção especial pela importância que ganhou no decorrer da história. Sua origem remonta à tradição helênica, segundo a opinião de W. Bousset, que a situa no terreno helenístico e também na tradição judaica, conforme discussão apresentada por Oscar Cullmann e por outros de que a Igreja primitiva já o venerava como Senhor, independentemente de qualquer influência externa à Sua cultura.

Influência helenista

No helenismo, o título Κύριος, *kyrios,* era empregado em sentidos diferentes, podendo referir-se a um "dono" ou a um "proprietário", e, no sentido de cortesia, como fazemos ao chamarmos as pessoas, respeitosamente, de "senhor" ou "senhora". "E os servos do pai de família, indo com ele, disseram-lhe: Senhor, não semeaste tu no teu campo (...)" (Mt 13.27). Pode significar um patrão ou senhor de escravo: "Ninguém pode servir a dois senhores (...)" (Mt 6.24). Paralelamente ao título *kyrios*, podia-se também empregar o termo *déspotas* para referir-se a "senhor" quando se tratava de um senhor tirano, conforme indica o termo transliterado como "déspota" para a língua portuguesa. Usava-se, entretanto, *Kyrios* quando se tratava de uma divindade nas regiões da Ásia Menor, do Egito e da Síria, como os deuses Serápis, Ísis e Osíris.

Os soberanos exigiam que assim fossem chamados, não apenas pelo uso cortês comum, mas pela sua implicação superior, pois queriam ser honrados como deuses, embora, originalmente, o título tivesse sentido político e jurídico. O imperador romano devia ser chamado e saudado como *Kyrios Kayser*, "Senhor César". A aclamação de *Iesus Kyrios* punha em risco os cristãos quando, em vista dos romanos, defendiam o senhorio absoluto do imperador. O apóstolo Paulo reconhecia o uso que se fazia do termo entre os helenistas e os romanos, distinguindo, entretanto, o seu sentido moral e espiritual, fazendo sobressair a sua singularidade e superioridade em relação a Cristo Jesus: "Porque, ainda que haja também alguns que se chamem deuses, quer no céu quer na terra (como há muitos deuses e muitos senhores), todavia, para nós há um só Deus, o Pai, de quem é tudo e para quem nós vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós por ele" (1 Co 8.5,6).

Dentre os títulos atribuídos a Jesus, o de *Kyrios* merece uma atenção especial pela importância que ganhou no decorrer da história. Sua origem remonta à tradição helênica.

Influência judaica

Oscar Cullmann fala de um desenvolvimento do termo *Adon* que ganhou um significado mais preciso de Senhor com o passar do tempo. O tetragrama JHVH, impronunciado pelo povo hebreu, foi substituído por *Adonai* na leitura sagrada. *Adonai* é "Senhor" entre o primeiro século a.C. e o segundo século d.C. e, quando elaboraram a tradução grega da LXX[56], *Adonai* foi traduzido como *Kyrios*. Cullmann acrescenta: (...) "O emprego absoluto de *Kyrios* em lugar de 'Deus' não havia ainda penetrado na língua corrente, porém era considerado revestido de caráter litúrgico e sagrado (...). Contudo, não podemos perder de vista que todo judeu sabia que, em hebraico, Deus 'é o Senhor', *Adonai*"[57]. No Antigo Testamento, o nome *Kyrios* é empregado 6.814 para traduzir o nome do Senhor. No cenário do nascimento Jesus, é anunciado como Senhor por

56. LXX (Septuaginta), versão dos Setenta (tradução do texto hebraico para o grego do AT) no terceiro século a.C., na Alexandria.

57. CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Liber, 2001. p. 265.

Isabel, ao receber a visita de sua prima Maria: "E de onde me provém isso a mim, que venha visitar-me a mãe do meu Senhor?" (Lc 1.43). João Batista, citando o profeta Isaías, diz: "Porque este é o anunciado pelo profeta Isaías, que disse: Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai suas veredas" (Mt 3.3; cf. Is 40.3).

No cristianismo primitivo

Jesus não reivindicava para si esse título de Senhor e, nas poucas vezes que fez isso, como, por exemplo, em Marcos, não atribuiu ao termo um sentido absoluto. Quando Jesus e os discípulos se aproximavam de Betfagé, ordenou-lhes que soltassem um jumentinho e o trouxessem a Ele: "E, se alguém vos disser: Por que fazeis isso?, dizei-lhe que o Senhor precisa dele, e logo o deixará trazer para aqui" (Mc 11.3). Outra vez, usou o título de modo indireto, fazendo referência a um escrito de Davi: "O próprio Davi disse pelo Espírito Santo: O Senhor disse ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés. Pois, se Davi mesmo lhe chama Senhor, como é logo seu filho? E a grande multidão o ouvia de boa vontade" (Mc 12.36,37; cf. Sl 110.1). Outra ocorrência está em Mateus: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus" (Mt 7.21). Em João, onde o termo *Senhor* – tão raro quanto nos outros Evangelhos – aparece somente uma vez, em 13.13, Jesus o expressa com demonstração de plena consciência de ser Ele o *Kyrios*: "Vós me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem, porque eu o sou". Apesar disso, nunca Ele recusou ser chamado pelos outros de Senhor. O tratamento de Senhor dispensado a Jesus não era o simples tratamento de cortesia, como o que adotamos comumente, mas carregava consigo o reconhecimento de que Ele era Ὁ Διδάσκαλος καὶ ὁ Κύριος, *Didáskalos kai ó Kyrios*, "Senhor e Mestre", e Ὁ Κύριός μου καὶ ὁ Θεός μου, *Ó kýrios mou kaì ó Theós mou*, "Senhor meu e Deus meu".

O título *Kyrios* ganhou pleno significado após a glorificação do Filho de Deus. Esse título se desenvolveu junto com a salvação: "Saiba, pois, com certeza, toda a casa de Israel que a este Jesus, a quem vós crucificaste, Deus o fez Senhor e Cristo" (At 2.36); "Pelo que também Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo o nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai" (Fp 2.9-11). O escritor de Hebreus aduz o senhorio de Cristo à obra da criação: "E: Tu, Senhor, no princípio, fundaste a terra, e os céus são obra de tuas mãos; eles perecerão, mas tu permanecerás; e todos eles, como roupa, envelhecerão, e, como um manto, os enrolarás, e, como uma veste, se mudarão; mas tu és o mesmo, e os teus anos não acabarão" (Hb 1.10-12). No Apocalipse, Seu senhorio vem como nome: "E na veste e na sua coxa tem escrito este nome: Rei dos reis e Senhor dos senhores".

Jesus Salvador

Jesus Σωτήρ, *Soter*, é empregado como complemento de Jesus Κύριος, *Kýrios*, no Novo Testamento: "Se, com tua boca, confessares ao Senhor Jesus e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo" (Rm 10.9); "Mas a nossa cidade está nos céus, donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo" (Fp 3.20); "Porque assim vos será amplamente concedida a entrada no Reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (2 Pe 1.11); "Para que vos lembreis das palavras que primeiramente foram ditas pelos santos profetas e do mandamento do Senhor e Salvador, mediante os vossos apóstolos" (2 Pe 3.2); "Antes, crescei na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo (...)" (2 Pe 3.18).

No Antigo Testamento, Deus é chamado de Salvador: "Este receberá a bênção do Senhor e a justiça do Deus da sua salvação" (Sl 24.5); "O Senhor é a minha luz e a minha salvação (...)" (Sl 27.1); "Eis que Deus é a minha salvação; eu confiarei e não temerei porque o Senhor Jeová é a minha força e o meu cântico e se tornou a minha salvação" (Is 12.2); "Porquanto te esqueceste do Deus da tua salvação (...)" (Is 17.10); "Porque eu sou o Senhor teu Deus, o Santo de Israel, o teu Salvador; dei o Egito por teu resgate, a Etiópia e Sebá por ti" (Is 43.3); "Eu, porém, esperarei no Senhor; esperei no Deus da minha salvação; o meu Deus me ouvirá" (Mq 7.7). Como Salvador, no Antigo Testamento, Deus é Libertador do Seu povo, conceito que, no entanto, difere do Novo Testamento, em que o Senhor Jesus, como Salvador, é aquele que livra o homem, preponderantemente, da condenação do inferno.

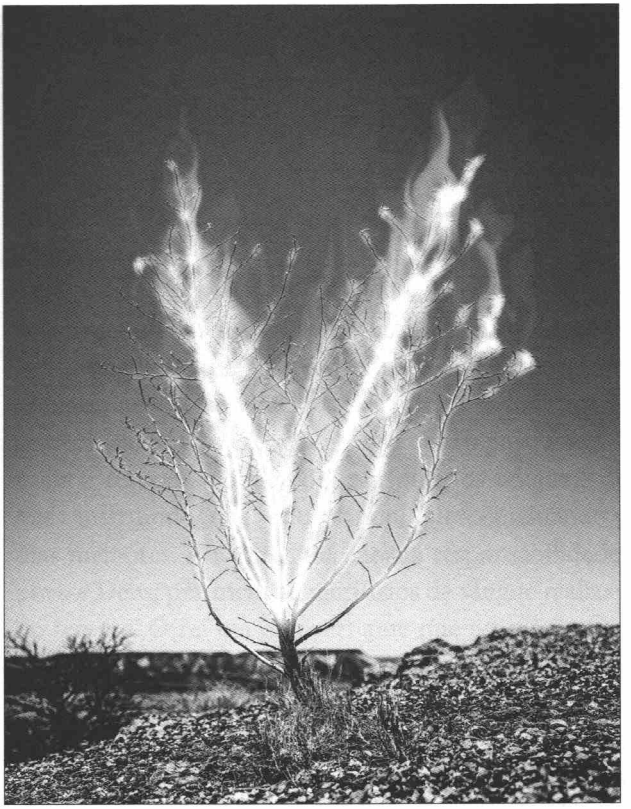
Cullmann encerra sua sessão acerca do senhorio de Cristo com uma informação interessante: "Porém, o alcance do título *Sotér* só chega à sua plena expansão no final da época apostólica, quando esse título, associado a outros atributos importantes do nome de Jesus, toma lugar na antiga fórmula *Ichthys*: "*Iesoûs Xristòs Theoû Yíòs Sotér*"[58]. No Novo Testamento, onde normalmente se atribui a salvação a Cristo, ainda se encontram textos que apresentam Deus como Salvador (Lc 1.47; 1 Tm 1.2; 2.3; 4.10; Tt 1.3,4; 2.10; 3.4; Jd 25). São maiores as ocorrências em que Deus aparece como Salvador. Nas epístolas paulinas, Jesus aparece como Salvador em menor quantidade de vezes: "Mas a nossa cidade está nos céus, donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo" (Fp 3.20) e "Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele o salvador do corpo" (Ef 5.23). Essas contas, apesar de serem curiosas, não desmerecem o fato de que Jesus seja o Salvador das nossas almas, mas indica, ao mesmo tempo, que a salvação é um ato de iniciativa de Deus (Jo 3.16) e que é, portanto, um ato integrado, em que está presente a Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo, o agente persuasivo da salvação (Jo 16.8). "Quando alguém é salvo em

---

58. CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Liber, 2001. p. 319. Obs.: o símbolo do cristianismo primitivo era o peixe (*Ichthys*).

Cristo Jesus, isso significa que ele compartilha, finalmente, de toda a plenitude de Deus (Ef 3.19), e não apenas tem os pecados perdoados ou torna-se impecável."[59]

Embora a iniciativa da salvação dos homens fosse do Pai (Jo 3.16), a teologia do Novo Testamento apresenta Jesus como o autor da nossa salvação: "E, sendo ele consumado, veio a ser a causa de eterna salvação para todos os que lhe obedecem" (Hb 5.9). A razão disso está no fato de que Ele pagou o preço da nossa culpa diante de Deus: "O qual se deu a si mesmo por nós, para nos remir de toda a iniquidade e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras" (Tt 2.14). A Igreja primitiva submetia-se mais conscientemente a Jesus como Senhor do que como Salvador, onde o via como aquele que abria para a porta de entrada à graça de Deus. Com a tarefa mais recente de evangelização, a Igreja prendeu-se mais ao termo *Salvador* do que *Senhor*. "O alcance teológico do título *Sotér* só chega à sua plena expansão no final da época apostólica."[60]



A sarça ardente

O "Eu sou"

No Evangelho de João, cuja finalidade é destacar o *Logos divino* mais do que os Sinóticos, que exaltam a humanidade de Cristo, a locução ἐγώ εἰμι, *egò eimí*, "Eu sou", aparece 26 vezes, enquanto, em Mateus, aparece uma vez, em Marcos, duas vezes, e, em Lucas, é expressada duas vezes por Jesus. Os trechos de maior destaque são João 8.24,28,58. O ponto de referência quanto ao uso da locução é Êxodo 3.1, quando o Senhor se apresenta a Moisés como o "EU SOU O QUE SOU". Diante da sarça ardente, no monte Horebe, quando Moisés é incumbido de tirar os hebreus da terra

59. CHAMPLIN, R. N.; BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. São Paulo: Editora Candeia, 1991. v. 6. p. 83.

60. CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Liber, 2001. p. 319.

do Egito rumo à terra de Canaã, Moisés recebe todas as garantias de Yahweh de que Sua presença com ele é real, ativa e fiel. Com esse nome, advindo do tetragrama YHWH, que passou a ser pronunciado como Jeová no século 14 e também de modo abreviado nas Escrituras como *Yah* (Sl 68.4), traduzido em português como "Já"[61] em algumas versões, יָהּ, *Yahu* ou *Yeho*. Ao apresentar-se com esse nome, o Deus eterno mostra que é Senhor do tempo e que, portanto, está fora dele. Ele é sempre! Ele sempre é! Não há, para Ele, passado ou futuro. O Senhor continua apresentando-se como "Eu sou": "Vós sois as minhas testemunhas, diz o Senhor, e o meu servo, a quem escolhi; para que o saibas, e me creais, e entendais que eu sou o mesmo, e que antes de mim deus nenhum se formou, e depois de mim nenhum haverá. Eu, eu sou o Senhor, e fora de mim não há Salvador" (Is 43.10,11). Em Ezequiel, novamente o Senhor se apresenta assim (Ez 16.62; 20.42; 23.49). Para o *Logos* Eterno, é a mesma coisa. No uso de *egò eimí*, Jesus mostra Sua identidade com o Pai. Em Jesus, a própria presença do Deus fiel se realiza. Ele assume, com essa identidade "Eu sou", as prerrogativas próprias de Yahweh.[62]

61. "Já" nada tem a ver com o advérbio de tempo: "já", "agora". É apenas a transliteração da abreviação do nome hebraico *Javé*. Algumas impressões mais atuais da Bíblia o apresentam como Jeová.

62. SERENTHÀ, Mario. *Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre*. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1986. p. 165.

OS OFÍCIOS DE CRISTO

Em Israel, os ofícios mais importantes eram os de profeta, sacerdote e rei. Todos os três prefiguravam a pessoa de Cristo. Por ser um reino teocrático, diferentemente das demais nações, em Israel, os três ofícios se interligavam e mereciam o respeito e o acatamento do povo – embora nem sempre o povo fosse tão fiel a esse princípio. Ao profeta, cabia a responsabilidade de transmitir os oráculos de Deus ao povo, quer exortando, quer instruindo, quer consolando, quer vaticinando juízos ou trazendo promessas de dias melhores. Ao sacerdote, cabia a responsabilidade de intermediar a relação entre o povo e Deus, por meio de sacrifícios de sangue realizados no tabernáculo e, mais tarde, no templo. O rei era o governante que representava a própria força divina na nação, tanto que as leis que a regiam não foram elaboradas por uma assembleia de legisladores, como é comum em todos os países, mas foram dadas pelo próprio Deus, por meio de Moisés, no monte Sinai. A junção dos três ofícios era o que se esperava do Messias, e estes são claramente encontrados na pessoa de Jesus.

Jesus como profeta

Profeta não é apenas uma pessoa que prediz o futuro, mas um intérprete da vontade de Deus. Sob inspiração divina, ele comunica a mensagem de Deus aos homens. A figura do profeta é altamente respeitada no conceito judaico, tanto que as Escrituras,

para eles, são divididas em duas partes: Leis e Profetas. Os livros históricos e os poéticos estão inclusos nos proféticos, porque os judeus entendem que tais livros foram escritos por profetas. Por Israel ser um reino teocrático, tudo nele – o templo, os símbolos, os sacrifícios, bem como os ofícios preponderantes – aponta para a pessoa do Filho de Deus.

Hodje faz uma distinção entre o ministério profético e o de mestre no Novo Testamento, para ressaltar a importância do ministério profético. Ele diz:

> Uma ampla distinção se faz tanto no Antigo como no Novo Testamento entre profetas e mestres. Os primeiros são inspirados; os últimos não são. Qualquer pessoa que recebe uma revelação de Deus, ou é inspirada na comunicação dela, é chamada de profeta nas Escrituras. Daí o fato de todos os escritos sagrados serem chamados de proféticos (...). Portanto, quando foi predito que o Messias seria um profeta, também se predisse que Ele seria o grande órgão de Deus para comunicar Sua mente e Sua vontade aos homens.[63]

É necessário compreender que o conceito bíblico-teológico de "inspiração" transcende ao sentido comum dado ao termo. Por inspiração, entende-se o que é dado pelo sopro divino; por isso, não é correto dizer que o cantor inspirado entoou um determinado cântico ou que o poeta inspirado declamou etc. Ao dizer que o profeta é inspirado, subentende-se que ele falou da parte do Senhor. O mestre, por uma vez, estuda, aprende e comunica o aprendizado a outros.

Em Israel, os ofícios mais importantes eram os de profeta, sacerdote e rei. Todos os três prefiguravam a pessoa de Cristo. Por ser um reino teocrático, diferentemente das demais nações, em Israel, os três ofícios se interligavam.

O profeta fala em nome de outrem

Todo crente familiarizado com a Bíblia tem uma noção do que significa ser um profeta. Os profetas aparecem no Antigo e no Novo Testamento. A Bíblia apresenta o ofício profético como um *ministério* e como um *dom* espiritual. Por mais que nos esmeremos em estabelecer a distinção entre

63. HODJE. 2003. p. 828.

ministério (conhecido tanto no Antigo como no Novo Testamento – veja At 21.10 e Ef 4.11) e *dom* (1 Co 12.4,10; 14.37,39; At 21.9), observamos que, em ambos os casos, o profeta é sempre aquela pessoa que tem uma mensagem de Deus para entregar aos homens.

Embora Moisés seja considerado, pelo povo hebreu, o primeiro profeta da Bíblia, Deus levantou seu irmão, Arão, para falar por ele: "Então disse o Senhor a Moisés: Eis que te tenho posto por Deus sobre Faraó; e Arão, teu irmão, será o teu profeta" (Êx 7.1; cf. Jr 15.19). O profeta é alguém que fala em nome de Deus. A razão de Moisés ter seu irmão Arão como amparo foi devida ao fato de ele sentir-se despreparado para articular a fala naquele início de carreira (Êx 4.10-16); no entanto, Moisés parece ter o seu problema de fala resolvido, tornando-se destaque como profeta.

Figura amparada por Deus

Deus tem um carinho todo especial pela pessoa do profeta. Quando Abraão, por medo, ofereceu Sara, sua esposa, a Abimeleque, antes que aquele rei tocasse nela, o Senhor o advertiu em sonho de que ela era mulher de profeta, e, se tocasse nela, morreriam ele e toda a sua casa (Gn 20.7). Esse fato é lembrado pelo salmista como advertência a todos (Sl 105.13-15). Apesar disso, profetas foram mortos em Israel (Mt 23.37).

Um profeta semelhante a Moisés

O Senhor prometeu que suscitaria um profeta semelhante a Moisés: "O Senhor, teu Deus, te despertará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, como eu; a ele ouvireis" (Dt 18.15,18). Depois que Jesus multiplicou pães e peixes, alguns da multidão se lembraram do que Deus prometera a Moisés: "Vendo, pois, aqueles homens o milagre que Jesus tinha feito, diziam: Este é, verdadeiramente, o profeta que devia vir ao mundo" (Jo 6.14; cf. 7.40). Essa profecia foi ratificada por Pedro em seu discurso após a cura do coxo, em frente à porta Formosa (At 3.22); afinal, ela cumpriu-se integralmente na pessoa de Jesus. Na sua esperança messiânica, os judeus incluem essa profecia por entenderem que o "Ungido" será também profeta. A mulher samaritana guardava fortemente esse conceito de Messias profeta: "Disse-lhe a mulher: Senhor, vejo que és profeta" (Jo 4.19); e depois: A mulher disse-lhe: Ei sei que o Messias (que se chama Cristo) vem; quando ele vier, nos anunciará tudo" (Jo 4.25). "O profeta comumente unia três métodos para cumprir o seu ofício: ensino, predição e operação de milagres. Em todos estes, Jesus realizou a Sua obra profética (Dt 18.15; cf. At 3.22; Mt 13.57; Lc 13.33; Jo 6.14)."[64]

---

64. STRONG. 2003. p. 371.

A responsabilidade de quem ouve esse profeta

Ao ouvir esse profeta, a responsabilidade está posta. O próprio Pai celestial cobrará severamente daqueles que não atenderem às palavras desse profeta: "E será que qualquer que não ouvir as minhas palavras, que ele falar em meu nome, eu o requererei dele" (Dt 18.19). Quando o profeta veio, o próprio Deus confirmou o que havia predito: "E, estando ele ainda a falar, eis que uma nuvem luminosa os cobriu. E da nuvem saiu uma voz que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; escutai-o" (Mt 17.5). Jesus, por Sua vez, tinha plena consciência de ser esse profeta digno de acatamento: "Quem não me ama não guarda as minhas palavras; ora, a palavra que ouvistes não é minha, mas do Pai que me enviou" (Jo 14.24).

A figura popular de profeta

É mais fácil admitir que alguém diferente, que porte uma mensagem especial corroborada ainda por sinais, seja profeta do que averiguar toda a verdade sobre essa pessoa para, depois de constatar que ela é alguém que porta o dom profético, entender quais são as implicações reais do seu ofício. Assim, Jesus foi chamado de profeta, da mesma maneira que foi chamado de Rabi (Mestre). Chamar Jesus de profeta não o engrandecia tanto, porque o ofício profético, conhecido no passado, não estava mais em vigor nos Seus dias. Jesus era visto, por parte do povo, como profeta. Quando perguntou aos discípulos sobre a opinião que o povo tinha dele, a resposta veio: "E eles disseram: Uns, João Batista; outros, Elias, e outros, Jeremias ou um dos profetas" (Mt 16.14). Visto nessa perspectiva, Jesus podia ser um profeta do mesmo modo como poderiam surgir outros, não com o mesmo peso dos profetas escritores do passado. Só se deram conta de que Jesus era o profeta – e não simplesmente mais um – quando despertaram pelas coisas que ouviam ou viam-no realizar.

O profeta era visto como alguém que estava nas extremidades do tempo, ou no passado ou no futuro, representando uma figura escatológica, conforme Joel 2.28. João Batista, embora se parecesse com os profetas do passado, era visto como profeta escatológico. A desconfiança de que João Batista fosse um profeta levou-os a perguntar-lhe: "És tu profeta?" (Jo 1.21). Por outro lado, o povo aguardava o cumprimento da profecia de Malaquias sobre o retorno do profeta Elias. Eles associavam o profeta Elias ao Messias aguardado. Jesus disse tacitamente que João era o Elias que haveria de vir (Mt 11.14). E, quanto a Jesus, seria Ele um profeta escatológico? Se fosse, Ele estava dando início a uma nova era. Aos poucos, o povo começou a ver em Jesus uma verdadeira figura de profeta, conforme o entendimento que tinha desenvolvido sobre esse ofício, com base nos profetas ancestrais. Por exemplo, todos ficaram espantados com Ele quando interrompeu o cortejo fúnebre do filho da viúva de Naim e deu ordem ao morto que se levantasse, e este atendeu: "E de todos se apoderou o temor, e glorificavam a Deus, dizendo: Um grande profeta se levantou entre nós, e Deus visitou o seu povo"

(Lc 7.16). A fama do ministério profético de Jesus chegou até o palácio de Herodes : "E ouviu isso o rei Herodes (porque o nome de Jesus se tornara notório) e disse: João, o que batizava, ressuscitou dos mortos, e por isso estas maravilhas se operam nele" (Mc 6.14).

O ministério profético de Jesus

A expectativa messiânica do povo judeu levava-o a esperar um profeta escatológico. Os judeus compreendiam haver duas categorias de profetas נָבִי, *nabi,* o profeta extático e o profeta profissional que emitia oráculos. A nação não queria um profeta que pertencesse a uma corporação profissional, mas que tivesse uma vocação pessoal e direta.[65]

O ofício de profeta cabe perfeitamente à pessoa de Cristo, por dois motivos: primeiro, por Ele ser o mais autêntico porta-voz de Deus na terra e, segundo, por Ele ser a própria Palavra encarnada, que tem o poder de oferecer a esperança escatológica requerida pela nação. Ele tanto fala em nome do Pai (Jo 8.26) como também por Sua autoridade pessoal: "Eu, porém, vos digo" (Mt 5.22). Apesar disso, não foi aceito como profeta pelos que alimentavam essa esperança.

Predições proféticas de Jesus

Uma das características do profeta do Antigo Testamento era anunciar algum fato que ocorreria no futuro. Somente Deus pode capacitar alguém a anunciar o fim de algo antes mesmo do seu começo, e é isso que dá credibilidade ao profeta: "Que anuncio o fim desde o princípio e, desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo, o meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade" (Is 46.10). Jesus, a exemplo desses profetas, anunciou, por exemplo, a destruição de Jerusalém: "Jesus, porém, lhes disse: Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada" (Mt 24.2). Os acontecimentos que marcarão o fim da história foram preditos por Jesus em Seu discurso escatológico em Mateus 24 e 25, incluindo o Seu retorno nas nuvens do céu (Mt 24.30).

Jesus profetiza sobre o Seu próprio futuro, bem como o da cidade de Jerusalém: "Portanto, eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas; e a uns deles matareis e crucificareis; e a outros deles açoitareis nas vossas sinagogas e os perseguireis de cidade em cidade, para que sobre vós caia todo o sangue justo, que foi derramado sobre a terra, desde o sangue de Abel, o justo, até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o santuário e o altar. Em verdade vos digo que todas essas coisas hão de vir sobre esta geração. Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os

65. CULLMANN. 2001. p. 32.

seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste! Eis que a vossa casa vos ficará deserta. Porque eu vos digo que, desde agora, me não vereis mais, até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor!" (Mt 23.34-39). Nesse texto, percebe-se que é o próprio Pai quem fala pelos lábios de Jesus, na terceira pessoa, e, no versículo 39, fala na primeira pessoa.

Jesus se autointitula profeta

Jesus nunca omitiu qualquer fato importante relativo à Sua pessoa. Os judeus ficavam escandalizados a ponto de quererem apedrejá-lo por isso. Parecia-lhes presunçoso demais o que Jesus afirmava sobre si mesmo; no entanto, era pura verdade (Jo 8.55-59). Jesus mostra claramente que não apenas tinha consciência de ser profeta como se dizia profeta, mesmo sabendo o quanto isso incomodava os Seus opositores: "E escandalizavam-se nele. Jesus, porém, lhes disse: Não há profeta sem honra, a não ser na sua própria casa" (Mt 13.57); "Importa, porém, caminhar hoje, amanhã e no dia seguinte, para que não suceda que morra um profeta fora de Jerusalém" (Lc 13.33). Colocou-se no mesmo nível de igualdade dos profetas do Antigo Testamento conhecidos do Seu povo: "Portanto, eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas; e a uns deles matareis e crucificareis; e a outros deles açoitareis nas vossas sinagogas e os perseguireis de cidade em cidade" (Mt 23.34).

Reconhecido por muitos como profeta

Independentemente de autoproclamar-se profeta, pessoas, de forma circunstancial, reconheciam-no também como profeta. Quando Jesus perguntou aos discípulos qual era a opinião do povo a respeito dele, uma das respostas foi a de que Ele era um profeta (Mt 16.14). Ao ressuscitar o filho da viúva de Naim, o povo entendeu que Ele era um grande profeta (Lc 7.16). A mulher samaritana, que nada sabia sobre Jesus, depois de ouvi-lo, concluiu que Ele era profeta (Jo 4.19). Na primeira multiplicação dos pães, entenderam ser Ele o profeta esperado (Jo 6.14). Após discursar ao final da Festa dos Tabernáculos, no templo, muitos entenderam que Ele era o profeta esperado e, portanto, o Messias de Israel (Jo 7.40,41). Quando perguntado sobre o homem que o curara, o

Jesus mostra claramente que não apenas tinha consciência de ser profeta como se dizia profeta, mesmo sabendo o quanto isso incomodava os Seus opositores.

cego de nascença referiu-se a Jesus como profeta (Jo 9.17). Os principais sacerdotes e os fariseus queriam prender Jesus, mas "recearam o povo, porquanto o tinham por profeta" (Mt 21.46).

Jesus na multiplicação

Características de um profeta

Os profetas conhecidos em Israel possuíam pelo menos uma dessas quatro características: ensinar, denunciar, prever e operar milagres. Jesus cobriu todos esses itens em Seu ministério profético. Moisés, Elias e Eliseu parecem ser os únicos profetas do passado que atingiram esse nível; quanto aos demais, nota-se que não operaram milagre algum. Alguns dos profetas menores denunciaram, mas também não ensinaram, nem fizeram qualquer previsão do futuro. Jesus ensinava (Mt 5—7), denunciava (Mt 23.31), fazia previsões (Mt 24—25) e operava milagres (Lc 6.19).

Ele era a própria fonte

Enquanto os profetas do passado dependiam de uma inspiração de cima para proferir uma profecia, Jesus era a própria fonte do conhecimento e da revelação, porque o poder profético emanava dele mesmo: "E toda a multidão procurava tocar-lhe, porque saía dele virtude que curava a todos" (Lc 6.19; cf. Jo 8.38,58; 10.18).

A revelação do Pai aos Seus

A principal obra profética de Jesus em relação aos discípulos e, posteriormente, à Igreja formada era revelar o Pai. Ele principiou essa revelação, mas não a concluiu, e prometeu dar continuidade a ela por meio do compartilhamento com os Seus discípulos: "E eu lhes fiz conhecer o teu nome e lho farei conhecer mais, para que o amor com que me tens amado esteja neles, e eu neles esteja" (Jo 17.26; cf. 1 Co 13.12; Jo 1.18).

Pouco chamado de profeta

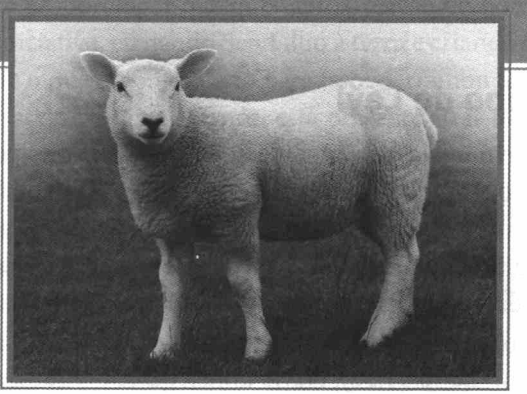
Curiosamente, as epístolas do Novo Testamento não falam de Jesus como profeta. A razão disso é que os escritores não têm preferência por esse título, para não colocarem Jesus no mesmo nível de igualdade dos profetas que foram antes dele. Observa-se bem isso em Hebreus. No passado, Deus falou aos pais pelos profetas e, agora, pelo Filho (e não pelo profeta Jesus - Hb 1.1). Para sobrepor Jesus à posição mais honrada, depois de compará-lo a Moisés, o autor pede a todos que considerem Cristo como apóstolo e sumo sacerdote, ressaltando que Ele é superior ao grande profeta Moisés (Hb 3.1,3). Isso não subtrai de Jesus o seu *status* de profeta, nem mesmo é intenção do autor de Hebreus diminuí-lo dessa posição; trata-se apenas de dar-lhe a honra mais elevada que aquela que os profetas do antigo pacto mereciam.

O ministério profético de Jesus perdura com a Igreja

O ministério profético de Jesus não cessou. Cabe à Sua Igreja o dever de dar continuidade a todo o trabalho iniciado por Ele. Isso não é presunção, é delegação. Moisés anelou por isso para seu povo. Setenta anciãos receberam do Espírito que estava sobre Moisés e profetizaram. Depois deles, mais dois homens, no arraial, Eldade e Medade, estavam profetizando. Escandalizado, um moço correu até Moisés para denunciar os dois, contando com o apoio de Josué (Nm 11.25-28); mas, para surpresa deles, Moisés respondeu: "Tens tu ciúmes por mim? Tomara que todo o povo do Senhor fosse profeta, que o Senhor lhes desse o seu Espírito!" (Nm 11.29). Esse privilégio não foi dado ao povo de Moisés, mas, sim, ao povo de Cristo, em cumprimento à profecia de Joel 2.28 (cf. Jo 14.10-12): "E há de ser que, depois, derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos os vossos jovens terão visões".

Por ser quem era (e quem é), não se podia esperar menos de Jesus. Sua intimidade com o Pai e Sua divindade não lhe permitiam estar alheio a qualquer fato, exceto a um: o de não saber o dia nem a hora da Sua vinda. "Porém daquele Dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, mas unicamente meu Pai" (Mt 24.36). Esse segredo de fato lhe era oculto enquanto esteve na terra, seguramente por alguma razão estratégica.

JESUS COMO SACERDOTE



Enquanto o profeta faz a intermediação entre Deus e os homens, o sacerdote segue uma via inversa: ele faz a intermediação entre os homens e Deus. Jesus é tanto profeta como sacerdote. O sacerdote era alguém escolhido para atuar em favor de outra pessoa nas coisas pertinentes a Deus. Competia ao sacerdote apresentar-se a Deus portando sempre algum sacrifício trazido pela pessoa que ele representava. A necessidade do sacerdócio decorria do fato de que ninguém podia apresentar-se ao Deus Santo, porque o pecado não apenas separava, mas também distanciava o homem de Deus a tal ponto que Ele nem sequer podia ouvi-lo: "Mas as vossas iniquidades fazem divisão entre vós e o vosso Deus, e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça" (Is 59.2).

O sacerdócio no Antigo Testamento

Para compreendermos mais esse ofício de Jesus, precisamos recorrer à doutrina do sacerdócio vigente no Antigo Testamento. Quais as exigências e quais as atribuições para o exercício do sacerdócio? No antigo pacto, ninguém ousava dirigir-se diretamente a Deus em busca de perdão; precisava dirigir-se ao sacerdote, no templo, levando consigo um sacrifício para a *expiação* (perdão) e outro para o *holocausto* (consagração). Eram sempre os dois. No novo pacto, após a morte de Jesus, cada crente ocupa

a função de sacerdote de si mesmo, tendo ousadia para penetrar no Santo dos Santos celestial, no nome de Jesus, o qual ocupa a função de sumo sacerdote da nossa confissão (Hb 10.19). Não se pode compreender o ofício de sacerdote aplicado a Cristo, senão com base no Antigo Testamento, porque é lá onde estão o templo, os sacrifícios e os sacerdotes. O templo, os sacrifícios e o sacerdócio eram figuras do verdadeiro sacerdote: Cristo.

Pertencer à tribo de Levi

O sacerdócio teve início com Arão, irmão de Moisés, e, por ele ser um levita, tornou-se obrigatório que todo sacerdote pertencesse à tribo de Levi. A tribo de Levi não teria direito a terras, como as demais tribos, porque sua vocação estabelecida por Deus não era cultivar a terra, nem lidar com gado e outras atividades artesanais. Cabia aos levitas o dever de cuidar das coisas sagradas. Nem todo levita se tornaria sacerdote, mas todo sacerdote tinha de ser levita. É por isso que se distinguem a figura do sacerdote e a do levita (Lc 10.31,32). Havia uma tríplice divisão do sacerdócio: o sumo sacerdote; o sacerdote e o levita.

Funções sacerdotais no templo

Os sacerdotes cuidavam do templo e de tudo aquilo que se relacionava ao sagrado. Os sacerdotes deviam: a) manter acesa a chama do altar (Lv 6.9,12); b) limpar as cinzas do altar (Lv 6.10,11); c) oferecer sacrifícios pela manhã e à tarde (Êx 29.39); d) aspergir o sangue sobre o altar do sacrifício (Lv 7.2); e) acender as lâmpadas (Êx 27.20,21); f) acender o incenso (Êx 30.7); g) preparar a mesa dos pães (Lv 24.5-9) etc.

As ordens sacerdotais

Quando Davi, avançado em idade, transferiu o trono para o seu filho Salomão, reuniu e contou todos os sacerdotes e levitas com idade superior a 30 anos. O número deles chegou a 38 mil. Destes, escolheu 24 mil para supervisionarem os trabalhos do templo: seis mil para oficiais e juízes, quatro mil para guardarem as portas, e quatro mil para o serviço musical (1 Cr 23.15). Depois, constatou que, dentre os filhos de Arão, havia 16 chefes das casas sacerdotais descendentes de Eleazar e oito chefes das casas descendentes de Itamar. Ele repartiu os sacerdotes em turnos de 24 ordens específicas, para dar oportunidade de trabalho a todos (1 Cr 24.7,18).

A ordem de Cristo

Segundo o autor de Hebreus, Jesus, como sumo sacerdote, pertencia à ordem de Melquisedeque. Não existia essa ordem na lista acima, porém o autor sagrado encontrou

respaldo profético nas Escrituras para o sacerdócio de Jesus, na ordem de um sacerdote misterioso que é chamado de rei de justiça e para quem o patriarca Abraão deu o dízimo (Gn 14.18-20; cf. Hb 7.1-3): "Jurou o Senhor e não se arrependerá: Tu és sacerdote eterno, segundo a ordem de Melquisedeque" (Sl 110.4).

Nenhum ser humano tem noção da distância que o separa do seu Criador. Não haveria nada capaz de proporcionar qualquer aproximação do homem a Deus, porém Ele mesmo tomou a iniciativa, enviando Seu Filho à terra e criando condições para essa aproximação. Jesus fez o que era necessário para isso: derramou Seu próprio sangue e, com o crédito desse sacrifício feito por nós, está presente atrás do véu, diante do Pai, apresentando-nos diariamente a Ele: "A qual temos como âncora da alma segura e firme e que penetra até ao interior do véu, onde Jesus, nosso precursor, entrou por nós, feito eternamente sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque" (Hb 6.19,20). Nos dias de Jesus, já se interpretava o Salmo 110 messianicamente, e alguns relacionavam Melquisedeque ao Messias ou pelo menos a outras figuras escatológicas.[66]

Outras atribuições sacerdotais

Os sacerdotes eram diferenciados do povo não apenas nos direitos, mas também na aparência. Usavam vestes próprias, e isso lhes dava um *status* de respeitabilidade incomum (Êx 29.8,9). Aos sacerdotes competia: a) encabeçar as festas (Nm 10.8-10); b) julgar os casos de mulheres suspeitas de adultério (Nm 5.15); c) julgar demandas judiciais (Dt 17.8; 19.17); d) dar o veredito sobre casos de lepra (Lv 13.3; cf. Mt 8.2-4); e) ter os dízimos e as ofertas para seu sustento (Nm 18.13,21) etc.

Outras atribuições sacerdotais

Encabeçar as festas
Nm 10.8-10

Julgar os casos de mulheres suspeitas de adultério
Nm 5.15

Julgar demandas judiciais
Dt 17.8; 19.17

Dar o veredito sobre casos de lepra
Lv 13.3; cf Mt 8.2-4

Ter os dízimos e as ofertas para seu sustento
Nm 18.13,21

66. CULLMANN. 2001. p. 115.

O ministério sacerdotal de Cristo

Todo ministério, culto, símbolos ou valores religiosos adotados no Antigo Testamento exerceram uma função de representatividade alusiva ao Messias que haveria de vir. Paulo identifica todos esses elementos como "sombras": "Que são sombras das coisas futuras, mas o corpo é de Cristo" (Cl 2.17; cf. Hb 9.23).

A epístola aos Hebreus trata, como nenhum outro livro do Novo Testamento, do sacerdócio de Cristo, mas, nessa carta, o autor fala com naturalidade de algo que os seus leitores conheciam bem. Por serem hebreus, estavam acostumados com o assunto; mas quem hoje sabe o que é, de fato, um sacerdote? A Igreja Católica insiste em chamar seus párocos de sacerdotes. Por denominar-se cristã, a Igreja Católica deveria aplicar o termo adequado, no caso, presbítero (ou pastor), e não sacerdote, ou vigário, ao líder da sua congregação (ou paróquia). A Reforma Protestante, ocorrida em 31 de outubro de 1517, resgatou o uso dos termos. Cada cristão exerce um sacerdócio individual, e Jesus, o sumo sacerdócio, de acordo com o ensinamento bíblico. A Igreja Católica rejeitou à Reforma de Martinho Lutero, excomungando-o; porém, a partir dele, nasceu o protestantismo, do qual nós, evangélicos do mundo todo, descendemos.

Hebreus oferece-nos um ensinamento claro e seguro sobre o sacerdócio de Cristo. A leitura de Hebreus torna-se ainda mais completa quando se compreende tal doutrina, conforme ensinada na Torá. O texto bíblico (Hb 4.14—5.6) parte do pressuposto de que os leitores sabem o significado de sumo sacerdote, de véu, de confissão, de compadecimento, de dons e sacrifícios e de Arão. A intenção do autor é demonstrar esse *status* de sumo sacerdote na pessoa de Cristo, visto que tanto a Sua oferta como a Sua ousadia em ultrapassar o véu são superiores, quer pela qualidade, quer por serem atos definitivos.

Sacerdote e sacrifício ao mesmo tempo

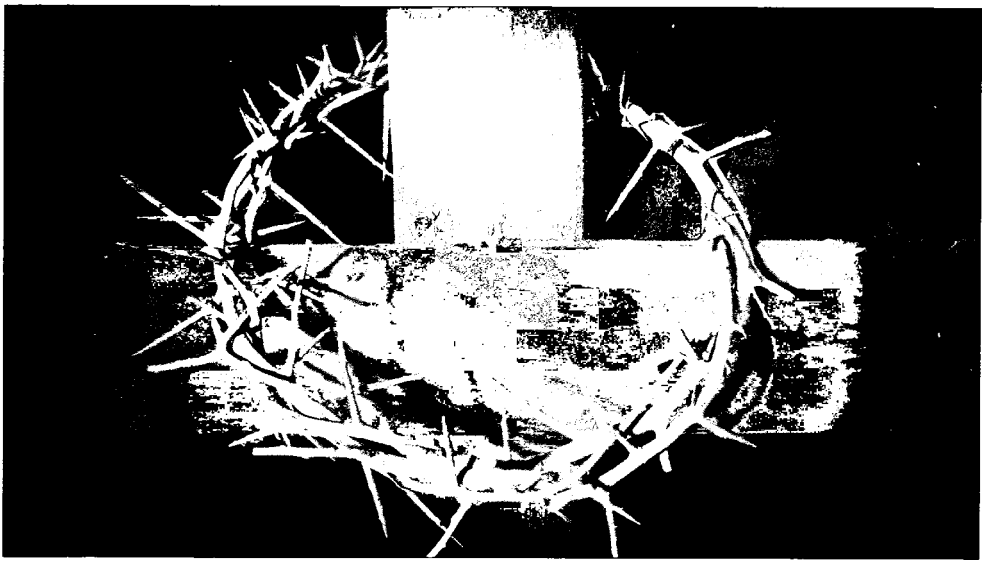
Jesus assumiu todas as funções conhecidas no culto do Antigo Testamento, porque todas apontavam para Ele (Hb 5.7-9). Ele é, ao mesmo tempo, o sacerdote (aquele que oferece o sacrifício) e o próprio sacrifício (aquele que é morto). Por isso, foi apresentado publicamente como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1.29). O que faziam com o cordeiro?

> O pecador necessita de um *sacrifício*, o crente necessita de um *sacerdote*. Nós temos tanto um como o outro em Cristo que, havendo-se oferecido a si mesmo a Deus sem mácula, entrou na esfera do Seu ministério sacerdotal, no santuário celeste. Não precisamos de outro sacrifício nem de nenhum outro sacerdote, Jesus é divinamente suficiente.[67]

---

67. MACKINTOSH, C. H. *Levítico*: Depósito de Literatura Cristã. Diadema, SP: 2010. v. III. p. 115.

Jesus, sacrifício perfeito



Sacrifício perfeito

Jesus ofereceu sacrifício perfeito por nós. Os sacrifícios oferecidos no passado eram de animais – "Porque é impossível que o sangue de touros e dos bodes tire pecados" (Hb 10.4) – e se repetiam. Cristo ofereceu a si mesmo, e o Seu sacrifício foi definitivo e abrangente ao mundo todo: "Doutra maneira, necessário lhe fora padecer muitas vezes desde a fundação do mundo; mas, agora, na consumação dos séculos, uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo" (Hb 9.26).

Intercessor

O sacerdote exercia a função de intercessor do pecador junto a Deus. Depois que foi aos céus, esta é a atividade contínua de Jesus por nós: "Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles" (Hb 7.25); "Quem os condenará? Pois é Cristo quem morreu ou, antes, quem ressuscitou dentre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós" (Rm 8.34).

Como intercessor, é chamado também de Παράκλητος, *Parákletos*, "Advogado" (1 Jo 2.1). Trata-se de alguém chamado para socorrer. É um ajudador, qualquer que seja a necessidade que requeira a Sua ajuda. Ele representa o recorrente diante de um tribunal. Como base na justiça, Ele apresenta Sua obra de obediência e sacrifício em favor do réu.[68]

---

68. HODJE. 2001. p. 926.

A superioridade de Cristo

A superioridade de Cristo é o assunto da Carta aos Hebreus. Ele é superior aos anjos (Hb 2.5,6); aos sacerdotes (Hb 4.14-16); Seu sacrifício é superior ao do passado; Ele é superior a Moisés (Hb 3.1-3); é superior ao templo (Hb 9.11) e é mais sublime que os céus (Hb 1.3).

O que dá superioridade ao Seu sacerdócio

A função sacerdotal não teria significado algum se Jesus comparecesse diante de Deus de mãos vazias. Como ministro religioso, o sacerdote podia gozar de alguns privilégios perante os homens, mas o que dava a ele a regalia de comparecer perante Deus eram os sacrifícios. Até mesmo para oferecer sacrifícios pelos outros, o sacerdote precisava oferecer sacrifícios por seus próprios pecados, afinal, era homem também (Hb 5.3). O que eleva Jesus à posição de sacerdote superior (por isso, "sumo") é a qualidade do Seu sacrifício a Deus: perfeito, completo e definitivo: "E assim todo sacerdote aparece cada dia, ministrando e oferecendo muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca podem tirar pecados; mas este, havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, está assentado para sempre à destra de Deus" (Hb 10.11,12).

Sacerdote sensível

Houve um tempo na história de Israel em que os sacerdotes eram insensíveis. Quem não se lembra de Hofni e Fineias, filhos de Eli? Embora sacerdotes e filhos de um sumo sacerdote e juiz, o texto nos diz que eles não conheciam Deus e que tiravam do sacrifício para si maior porção do que a determinada pela Lei, não se importando com a pessoa que trazia a sua oferta (1 Sm 2.12-17). Não era assim que o sacerdote, por lei, deveria agir. O sacerdócio era um ofício que exigia não apenas o uso da razão, mas também do coração. O sacerdote participava do espírito compungido com o qual o pecador arrependido trazia a sua oferta. Foi exatamente assim que Jesus se apresentou diante de Deus por nós: quebrantado, totalmente solidário à nossa causa. Até hoje, Ele se compadece de nós nas nossas fraquezas. Isso é o que a Bíblia afirma. As palavras-chaves para isso são "compadecimento" – "Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado" (Hb 4.15) – e "ternura": "E possa compadecer-se ternamente dos ignorantes e errados, pois também ele mesmo está rodeado de fraqueza" (Hb 5.2). O nosso sumo sacerdote não tem como características a intolerância e o ódio. "Porque todo sumo sacerdote, tomado dentre os homens, é constituído a favor dos homens nas coisas concernentes a Deus, para que ofereça dons e sacrifícios pelos pecados" (Hb 5.1). A função sacerdotal requeria daquele que a exercia um coração sensível. O sacerdote não podia agir como um profissional insensível, que distribuía uma senha para cada ofertante que aguardava na fila para ser atendido.

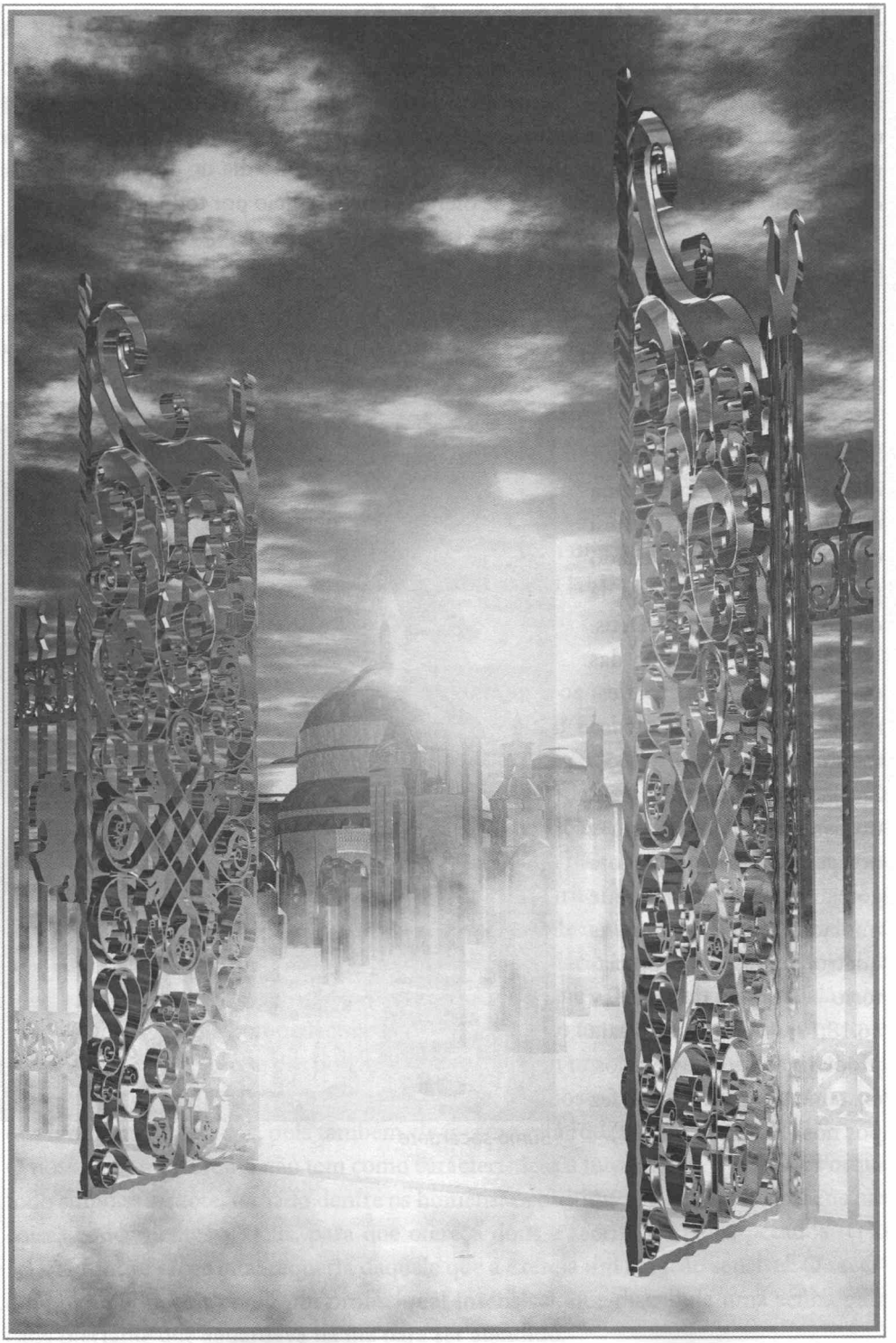
Sumo sacerdote da nossa confissão

Jesus não é um sacerdote qualquer, mas o sumo sacerdote da nossa confissão (Hb 3.1). O termo *sumo* quer dizer "superior". Havia essa função no templo. Os sacerdotes exerciam tarefas diárias, já o sumo sacerdote entrava no lugar mais secreto e mais sagrado do templo, o "Santo dos Santos", uma vez por ano, no dia do *Yom Kippur*. Esse era o dia do sacrifício anual, no qual se oferecia um sacrifício por toda a nação.

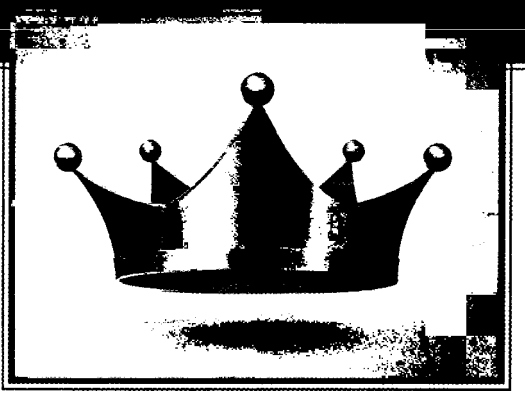
O papel do sumo sacerdote

Somente nesse dia, o sumo sacerdote entrava em ação. Devidamente paramentado, após haver passado três dias em total consagração, banhando-se e trocando de vestes, ele atravessava o véu, adentrava ao Santo dos Santos com temor e tremor diante de Deus, tendo uma corda amarrada na cintura ou no pé para ser arrastado para fora, caso morresse lá dentro, na presença de Deus. Havia sinetes ao redor das suas vestes para que pudesse ser ouvido enquanto se movimentava (Êx 28.33-35). Do lado de dentro do véu, no Santo dos Santos, com o polegar, o sumo sacerdote gotejava o sangue do bode imolado três vezes sobre as quatro pontas do propiciatório – a tampa da arca (Lv 16.18,19). Assim ele fazia propiciação pelos pecados, exatamente o que Jesus fez por nós (Hb 2.17; 1 Jo 2.2).

Sumo sacerdote



JESUS COMO REI



Não é possível compreender os ofícios de Jesus somente na perspectiva terrena. Sua vida e Seu ministério seguem uma ordem atemporal, por isso, diz o escritor de Hebreus: "Jesus Cristo é o mesmo ontem, e hoje, e eternamente" (Hb 13.8). Para compreender Jesus como Rei, é preciso juntar Sua história de vida na terra e continuar acompanhando-a depois da ascensão aos céus, até o cumprimento da Sua promessa de voltar.

Jesus é Rei de um Reino eterno. Assim que iniciou Seu ministério terreno, Ele anunciou a chegada do Reino celestial: "É chegado o Reino dos céus" (Mt 10.7). Mateus emprega mais a palavra "céus" do que "Deus", para referir-se ao Reino. Ele não está diferenciando uma coisa da outra, apenas restringindo o uso do nome Deus porque os judeus não gostam de repeti-lo, em respeito ao quarto mandamento (Êx 20.7).

O tema "Reino de Deus" espalha-se por toda a Bíblia e tem implicações sérias e profundas. É assunto de grandes reflexões teológicas. Muitos livros já foram escritos para tratar do Reino de Deus: sua natureza, sua extensão e os tempos da sua manifestação. O Reino de Deus abrange o domínio do Criador sobre a natureza; a nação de Israel; o estado dos salvos em Cristo; a vida da Igreja; as virtudes cristãs; a manifestação do Messias e o futuro governo de Deus.

Jesus é Rei de um Reino eterno. Assim que iniciou Seu ministério terreno, Ele anunciou a chegada do Reino celestial: "É chegado o Reino dos céus" (Mt 10.7).

Um reino requer, necessariamente, um rei. A monarquia em Israel nasceu com Saul. Porém, Israel sofreu uma divisão nos dias de Roboão, filho de Salomão, passando a nação a ser constituída por dois reinos, respectivamente: reino do Norte (Israel) e reino do Sul (Judá). Oseias foi o último rei de Israel. O reino do Norte deixou de ter um rei após a invasão Assíria em 722 a.C. (2 Rs 17.24-41). O último rei do reino do Sul foi Zedequias (2 Rs 25.1-7). Esse rei teve os olhos perfurados e foi levado cativo, juntamente com o povo, para a Babilônia em 586 a.C. Desde então, nunca mais a nação voltou a ter um rei.

Quando Jesus nasceu, a nação estava sob o domínio de Roma. Quem mandava era o imperador, mas havia um rei da dinastia dos Herodes. Foram, ao todo, cinco reis com esse título. A nação, mais do que nunca, ansiava pela chegada do seu Messias. Todos alimentavam a esperança de que o "Ungido" fosse rei, nascido da casa de Davi, e os livrasse do jugo estrangeiro para sempre.

Quando os magos vieram do Oriente a Jerusalém em busca de Jesus, perguntaram: "Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? (Mt 2.2). Por serem conhecedores das profecias messiânicas e por estarem sob a orientação de uma estrela, estavam também certos de que o Messias havia nascido. Se Jesus era o Messias, então era rei, o Rei dos judeus.

O rei Herodes respondia pela nação perante o imperador romano. Homem perverso, sem misericórdia, mas que conhecia bem a história dos judeus, não só porque era judeu, mas também porque descendia de uma família de sacerdotes, cuja linhagem procedia da família dos hasmoneanos, da ordem de Jeoiaribe (1 Cr 24.7). Obcecado pelo poder, ao ouvir a pergunta dos magos do Oriente sobre o Rei nascido, perturbou-se, pois sabia, como todo judeu, que um dia o Messias viria e, quando viesse, Ele seria o Rei. A ordem de matar os meninos de dois anos para baixo pressupõe que, àquela altura, Jesus já estivesse beirando os dois anos de idade (Mt 2.16).

A recusa de um Reino terreno

Dos quatro Evangelhos, o que mais enfatiza o Reino de Deus é o Evangelho de Mateus. Sua abordagem acerca do Reino serve para testificar o fato de que Jesus é o Messias tão aguardado pelo povo judeu, conforme as antigas profecias. Se Jesus é o

Messias, logo é também rei, da linhagem de Davi. Todos nós sabemos, entretanto, que os judeus recusaram e até hoje recusam aceitar Jesus como esse Rei Messias.

Como pode alguém que anuncia a chegada de um reino não querer ser rei e, ao mesmo tempo, queixar-se dos que não o reconheceram como Rei? Chega a parecer contradição, mas o assunto é muito mais abrangente do que se possa imaginar.

Afinal, Jesus é Rei ou não?

Se Jesus, de fato, era o Messias, então era também o Rei dos judeus; e, se era o Rei dos judeus, por que fugiu quando quiseram entronizá-lo como rei? "Sabendo, pois, Jesus que haviam de vir arrebatá-lo, para o fazerem rei, tornou a retirar-se, ele só, para o monte" (Jo 6.15). Jesus de fato era o Messias, aceitando-o os judeus ou não. Os argumentos favoráveis são convincentes, e os contrários, simplesmente frutos de uma expectativa mal elaborada acerca do Messias. Quando inquirido sobre se era ou não o Rei dos judeus, Ele respondeu com outra pergunta: "Se eu disser que sim, vocês acreditarão em mim e me soltarão?" (Lc 22.67,68). Jesus sabia que os judeus não estavam prontos para recebê-lo, nem mesmo para compreendê-lo como Rei, por isso, declarou: "O meu Reino não é deste mundo (...)" (Jo 18.36).

> Portanto, nada é mais certo, segundo as Escrituras, do que Cristo como Rei; e, consequentemente, se quisermos reter a verdade acerca dele e de Sua obra, então teremos de considerá-lo como tal em nossa teologia e religião.[69]

Apesar da certeza de que era o Messias, Jesus não se projetou como rei na terra, impedindo, inclusive, que Seus seguidores fizessem isso. Os judeus cometeram vários equívocos acerca do Messias. Suas expectativas a respeito dele não correspondiam inteiramente à verdade. Para os judeus, o reinado do Messias os levaria a posição de vantagem perante os demais povos da terra. Eles alimentavam a expectativa de um reino político terreno para Jesus. Até mesmo alguns dos Seus discípulos não escondiam essa ideia, como Tiago e João, cuja pretensão era gozar das melhores oportunidades ao lado dele (Mc 10.37). Outra vez, foi a mãe deles quem expressou a Jesus a ambição dos filhos (Mt 20.20,21). Após a primeira multiplicação dos pães e peixes, o povo queria, a todo custo, promover Jesus como rei, mas Ele escapou da multidão (Jo 6.15).

Suas declarações sobre Seu Reino

Jesus deixou bem claro que o Seu Reino era de outra ordem, superior à da terra e mais: teria quem lutasse por Ele para colocá-lo sobre um trono se assim quisesse, mas esse não era o caso (Jo 18.36; Mt 2.2; 10.7; Jo 6.15; Lc 19.38; 22.69; Jo 19.19; Mt 6.10; Ap 19.16).

---

69. HODGE. 2001. p. 931.

Esses textos identificam a realeza de Cristo, variando entre as expectativas a respeito dele geradas pelas profecias, tais como: o anúncio pelos magos do Oriente (Mt 2.2); a chegada de um Reino espiritual (Mt 10.7); o reconhecimento do reinado de Cristo pela população (Lc 19.38; 22.69); a precipitação do povo em querer entronizá-lo (Jo 6.15), a rejeição do reinado de Cristo pelas autoridades do Sinédrio (Lc 22.67-71); a condenação jurídica que o levou à morte (Jo 19.19); a oração pela vinda plena do Reino (Mt 6.10) e a manifestação definitiva do Reino (Ap 19.16).

O tempo do Seu Reino

A compreensão dos judeus acerca do Reino do Messias era de que, assim que o Messias surgisse, seria alguém tão extraordinário que teria força política para libertar a nação do domínio romano. Jesus, entretanto, veio com um projeto muito maior, que não se limitaria à nação de Israel, mas se estenderia ao mundo todo: "Porque o reino é do Senhor, e ele domina entre as nações" (Sl 22.28). A chegada do Reino que Jesus anunciou (Mt 10.7) apenas deu início a algo que se estenderia pelos anos, até a instalação do Milênio (Ap 20.1-10), quando todas as profecias ainda não cumpridas sobre a nação de Israel se cumprirão, a começar pela extensão do seu território conforme, prometido a Abraão (Gn 15.18-21; Mq 7.20).

A plenitude do Reino

As informações bíblicas sobre as qualificações do Messias, bem como o alcance do Seu reinado, somente poderiam ser compreendidas pelo Espírito. Trata-se de algo que está além da razão natural. Por isso, Jesus fundou a Igreja e deu a ela o Seu Espírito (Jo 7.37; 16.16,17; Lc 24.49; At 2), porque somente por intermédio dele é possível alcançar a plenitude dos tempos da revelação divina (1 Co 2.14); por isso, os judeus não compreenderam o reinado espiritual de Cristo e não o compreenderão até que se cumpra o calendário estabelecido por Deus para que esse tempo chegue (Rm 9—11). Chegará o dia quando compreenderão e exaltarão aquele a quem rejeitaram: "Porque eu vos digo que, desde agora, me não vereis mais, até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor!" (Mt 23.39).

Um Reino espiritual

Jesus manifestou um reino que estaria acima das forças políticas da terra. O Reino que Ele inaugurou tem suas bases sólidas no céu, portanto, é um Reino eterno. Sua manifestação é diferente daquela que os homens esperavam. Os seres humanos precisam ser capazes de compreender a realidade espiritual que transcende a realidade material. Jesus traslada a alma do ímpio do reino das trevas para o Seu Reino: "Ele nos tirou da potestade das trevas e nos transportou para o Reino do Filho do seu amor" (Cl 1.13).

"Esse Reino de Cristo sobre todo Seu povo é exercido não só pelo Seu poder na proteção e na direção deste, mas especialmente por Sua Palavra e Seu Espírito, por meio da qual e por intermédio de quem Ele reina no povo e sobre ele governa."[70]

O anúncio do Reino

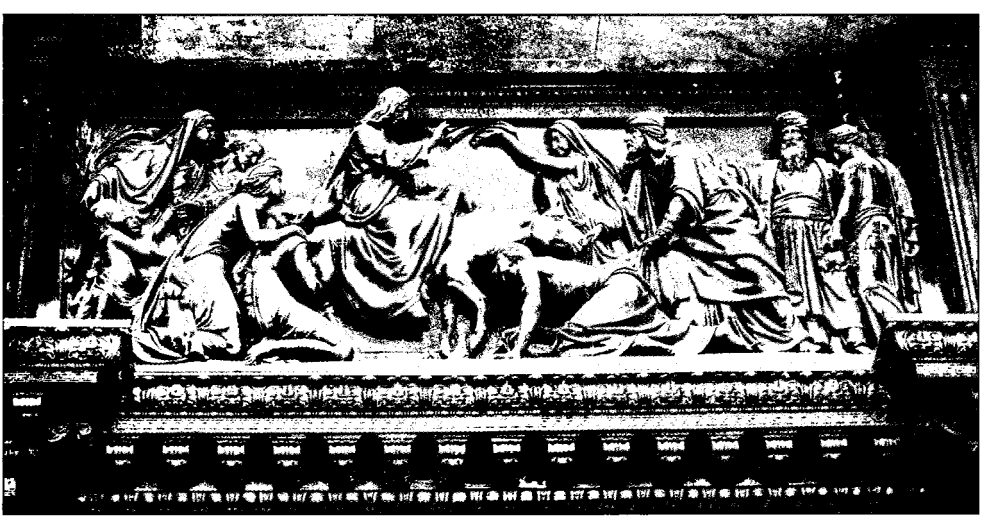
Quando Jesus anunciou que o Reino era chegado (Mt 10.7), Ele criou uma dupla expectativa. Primeira: os judeus estavam esperançosos pela reimplantação da monarquia interrompida por Zedequias, em 586 a.C. (2 Rs 25.7). Segunda: Ele mesmo plantou isso no coração dos Seus discípulos. Jesus nunca negou ser Rei – embora evitasse apresentar-se como tal; todavia, com Sua vinda à terra, o Reino chegou com Ele.

Foi reconhecido como Rei por Natanael

Depois de ter provado para Natanael que era, de fato, o Messias, por um ato secreto de revelação, Natanael declarou: "(...) Rabi, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel" (Jo 1.49). Entretanto, não era comum que os discípulos o chamassem de Rei, porque sabiam da reação negativa que isso causava contra Ele.

Aclamado Rei pelo povo

Jesus saía de Betfagé e adentrava à cidade de Jerusalém assentado sobre um jumentinho. Algumas pessoas estendiam suas vestes, outras cortavam ramos de árvores e lançavam-nos sobre o caminho enquanto clamavam: "Bendito o Rei que vem em



Jesus, aclamado como Rei

70. HODGE. 2001. p. 934.

nome do Senhor! Paz no céu e glória nas alturas!" (Lc 19.38). No entanto, os religiosos que presenciavam aquilo, insatisfeitos, diziam: "Mestre, repreende os teus discípulos" (Lc 19.39). Jesus não atendeu ao pedido deles. Se o povo não anunciasse a Sua realeza, de outro modo ela seria anunciada (Lc 19.40).

Pretexto para a Sua condenação

Os judeus procuraram, de todas as formas, arranjar qualquer justificativa que incriminasse Jesus. Por fim, exploraram o fato de Ele aceitar ser aclamado Rei pelo povo. Nada mais que suficiente para o rei Herodes, que respondia perante o imperador romano. Isso bastava para que o condenassem. Zombaram de Jesus. Submeteram-no a um espetáculo ridículo, oferecendo-lhe, por cetro, uma cana e, por coroa de ouro cravejada de pedras preciosas, uma coroa de espinhos sobre a cabeça (Mt 27.29). Assim, o motivo jurídico que levou Jesus a ser julgado, condenado e morto, foi o fato de Ele ser aclamado Rei dos judeus pelo povo. Sua sentença foi colocada em cima da cruz: "JESUS NAZARENO, REI DOS JUDEUS" (Jo 19.19). Mais uma vez, o equívoco. Jesus era Rei, sim, mas não como eles pensavam que fosse.

Um Reino de justiça

A Igreja primitiva tinha plena consciência do significado do Reino espiritual manifestado por Jesus. Seu Reino não é feito de guerra, mas de "justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo" (Rm 14.17).

Os judeus procuraram, de todas as formas, arranjar qualquer justificativa que incriminasse Jesus. Por fim, exploraram o fato de Ele aceitar ser aclamado Rei pelo povo. Nada mais que suficiente para o rei Herodes.

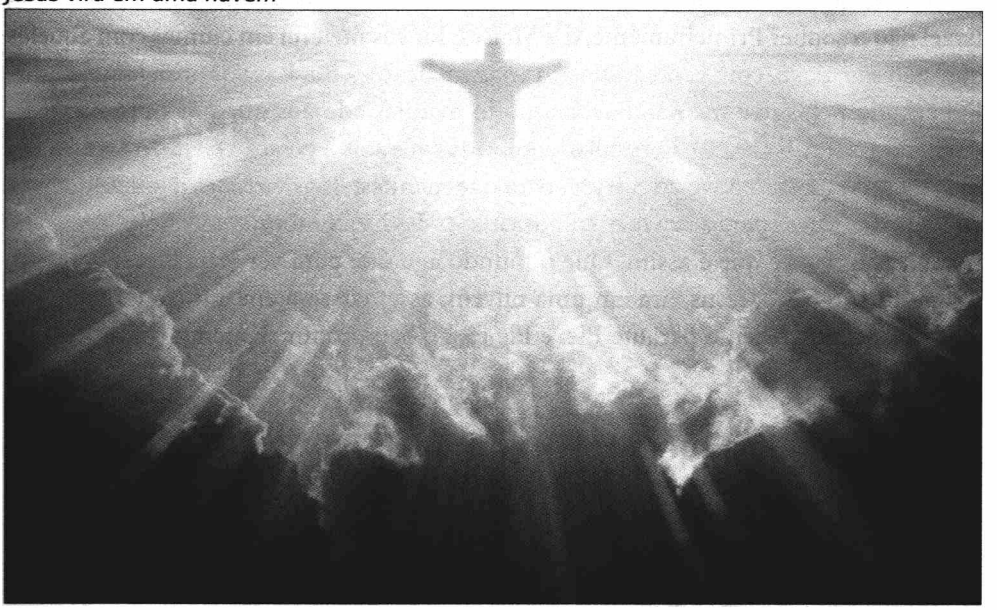
Um Reino de reis

Todos os que pertencem a esse Reino são feitos reis: "E nos fez reis e sacerdotes para Deus e seu Pai, a ele, glória e poder para todo o sempre. Amém!" (Ap 1.6). Daí Jesus ser chamado de "Rei dos reis" (Ap 19.16).

Um Reino ao lado do Pai

Após a ressurreição, Jesus ascendeu aos céus e assentou-se à direita do trono do Pai: "Desde agora o Filho do Homem se assentará à direita do poder de Deus" (Lc 22.69; cf. Ef 1.20; Hb 1.3; 8.1), onde permanece até que se manifeste integralmente ao mundo (1 Co 15.25). Jesus ensinou os discípulos a

Jesus virá em uma nuvem



orarem pela manifestação do Reino: "Venha o teu Reino. Seja feita a tua vontade, tanto na terra como no céu" (Mt 6.10).

Um Reino futuro

Hoje, o Reino espiritual de Cristo é conhecido pela Igreja, porém, o Seu Reino virá em sua plenitude, depois que o Senhor levar a Igreja e retornar com ela: "Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, também vós vos manifestareis com ele em glória" (Cl 3.4). Participarão desse Reino quem for redimido, quem for considerado digno e quem for declarado santo.[71]

O cumprimento da profecia

As profecias messiânicas alimentam o povo judeu até hoje. Dentre elas, está a restauração do reino davídico (Sl 2.6-8). O escritor de Hebreus entendeu que essa profecia cumpriu-se em Cristo (Hb 1.5; 5.5).

Só uma questão de tempo

A plena manifestação de Jesus como Rei Messias não se deu, nem se dará ao mundo pelo povo judeu, em razão da sua cegueira: "Escureçam-se-lhes os olhos para não verem, e encurve-se-lhes continuamente as costas" (Rm 11.10), mas por meio da Igreja, um

71. HODGE. 2001. p. 937.

povo santo que Ele mesmo levantou para pôr ciúmes em Israel: "Mas digo: Porventura, Israel não o soube? Primeiramente, diz Moisés: Eu vos meterei em ciúmes com aqueles que não são povo, com gente insensata vos provocarei à ira. E Isaías ousadamente diz: Fui achado pelos que me não buscavam, fui manifestado aos que por mim não perguntavam" (Rm 10.19,20). O resultado foi: "Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que manifesteis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz" (1 Pe 2.9). Embora tudo, hoje, esteja-lhe sujeito, não parece que é assim. Que o mundo aguarde para ver (Hb 2.8; 2 Ts 1.7-9). No momento certo, Jesus virá em uma nuvem, assentar-se-á em um trono de glória, as nações comparecerão perante Ele, e Ele fará o Seu pronunciamento como Rei (Mt 25.31,32,34).

Declaração dos que o rejeitaram

Aqueles que o desprezaram um dia o reconhecerão como Filho do rei Davi e dirão: "Bendito o que vem em nome do Senhor!" (Mt 23.39). Como Messias, Jesus necessariamente é Rei. Se foi rejeitado como Messias, logo, também foi rejeitado como Rei. Não há rei sem reino nem reino sem rei. Em Sua vinda ao mundo, Jesus manifestou a chegada do Seu Reino. A Igreja vive para anunciar o Reino de Cristo na terra. Chegará o dia em que a Igreja, juntamente com Cristo, manifestará ao mundo esse Reino, quando estiver acompanhada do próprio Rei Jesus!

Jesus, reconhecidamente um Rei

Não há como não aceitar que, com a vinda de Jesus ao mundo, Ele manifestou a chegada de um Reino espiritual (Mt 10.7). Houve o reconhecimento do Seu reinado pela população (Lc 19.38; 22.69). A precipitação do povo em querer entronizá-lo comprova isso (Jo.6.15), até mesmo a rejeição do Seu reinado pelas autoridades (Lc 22.67-71), a condenação jurídica que o levou à morte (Jo 19.19), a oração pela vinda plena do Reino (Mt 6.10) e a manifestação definitiva do Reino de Cristo (Ap 19.16) formam um conjunto de evidências acerca do Seu Reino eterno!

O MINISTÉRIO DE ENSINO DE JESUS

O ministério docente de Jesus nos Evangelhos recebe mais destaque do que o ministério de pregação e o de milagres. Tudo o que Jesus fazia estava diretamente relacionado ao ensino. Seus seguidores não são chamados de fiéis, mas de discípulos. Mesmo depois que uma pessoa passava por uma grande transformação em sua vida, ela não estava pronta: devia andar com Jesus como aprendiz dele. Esse princípio permanece: "E, sendo ele consumado, veio a ser a causa de eterna salvação para todos os que lhe obedecem" (Hb 5.9).

Jesus nasceu e foi criado no meio de um povo que valorizava o ensino. Não se conhece, na história, um povo que se importe mais com o conhecimento das Suas leis do que o povo judeu. A razão disso é que as leis que regem a vida civil dessa nação têm implicações religiosas, e não apenas civis e morais. Assim, para tornar as suas leis conhecidas, os judeus tinham e ainda têm, como regra, ensiná-las aos seus filhos: "Não se aparte da tua boca o livro desta Lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer conforme a tudo quanto nele está escrito; porque, então, farás prosperar o teu caminho e, então, prudentemente te conduzirás" (Js 1.8).

O ensino traz informação e também formação. Pessoas que aprendem dispõem do conhecimento e de uma educação moldada por aquilo que aprenderam. Pessoas

O ministério docente de Jesus nos Evangelhos recebe mais destaque do que o ministério de pregação e o de milagres. Tudo o que Jesus fazia estava diretamente relacionado ao ensino.

instruídas comportam-se de maneira diferente de pessoas não instruídas. Jesus tinha uma mensagem e queria compartilhá-la com as pessoas; não apenas pelo prazer de dividir, mas pela necessidade de que elas se ajustassem a um plano de vida idealizado no céu para todos os homens. Os ensinamentos de Jesus tinham por objetivo treinar os homens para viverem dentro do Seu Reino como reis (1 Pe 2.9; Ap 5.10; 19.16).

Não encontraremos nas Escrituras um texto único que sirva como tratado sobre o ministério docente de Jesus. Há vários textos em que Ele é chamado de Mestre, outros que tratam dos Seus ensinos, e muitos outros que falam dos Seus seguidores como discípulos. O ensino fazia parte do ministério tríplice de Jesus: ensinar, pregar e curar (Mt 4.23). De acordo com o Evangelho de Mateus, Jesus principiou Seu ministério reunindo uma grande multidão em um monte, onde ensinava (Mt 5.1,2). O ensino de Jesus não era como o de intelectuais da Sua época. Havia algo que o diferenciava: a autoridade. "E aconteceu que, concluindo Jesus este discurso, a multidão se admirou da sua doutrina, porquanto os ensinava com autoridade e não como os escribas" (Mt 7.28,29). Os judeus haviam sobrecarregado o povo, acrescentando normas e regras sobre a lei que nem eles mesmos eram capazes de suportar: "Pois atam fardos pesados e difíceis de suportar, e os põem sobre os ombros dos homens; eles, porém, nem com o dedo querem movê-los" (Mt 23.4). Jesus, por Sua vez, oferecia uma norma de vida que tirava da alma todo o peso que os legalistas impunham: "Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para a vossa alma" (Mt 11.29). No entanto, para assumir a condição de Mestre, é preciso ter o que ensinar, e, até então, não havia alguém capaz de ensinar o que Jesus ensinava; por isso, Ele impôs restrição aos discípulos (Mt 23.8,10). Chegaria o dia em que eles estariam aptos para também ensinar os outros. Nesse tempo, o ministério do ensino estaria também à disposição deles, e eles deveriam fazer isso com dedicação (Ef 4.11; cf. Rm 12.7).

Jesus é chamado de Mestre

Embora os judeus se recusassem a aceitar Jesus como o Messias prometido, eles não encontravam dificuldades em reconhecê-lo como Mestre, mesmo porque havia

muitos mestres na nação, e isso, embora garantisse maior respeito, não dava singularidade alguma a Jesus. O título "Mestre" aparece tanto na forma hebraica, *rabi*, como na forma grega, *didáskalos*. Jesus era chamado de "Mestre" tanto pelos de dentro como pelos de fora do Seu grupo.

A posição de Mestre

Nos dias de Jesus, o *status* de mestre era elevado na nação. Normalmente, o ensino ficava a cargo dos anciãos – homens idosos –, mas Jesus era mestre ainda jovem e recebia elogios de todo o povo pela qualidade do Seu ensino. Era admirado pelo Seu conhecimento já desde a infância (Lc 2.47). Os que o conheciam não podiam compreender de onde lhe vinha tanta sabedoria (Mt 13.55).

O mestre ocupava posição de grande respeito na nação. O termo hebraico *Rabi*, usado para designar "mestre", significa "grande"; portanto, aquele que exercia o ministério do ensino era chamado por um termo que o exaltava. Por isso, Jesus restringiu o uso desse título aos discípulos enquanto esteve com eles: "Vós, porém, não queirais ser chamados Rabi, porque um só é o vosso Mestre, a saber o Cristo, e todos vós sois irmãos" (Mt 23.8). Mais tarde, Ele mesmo outorgou essa posição de mestre aos Seus sucessores no âmbito da Igreja, passando então o título a fazer parte do ministério cristão (Ef 4.11; Rm 12.7; 1 Tm 2.7).

Consciência dessa posição

Jesus evitava ser reconhecido como Messias, mas não como Mestre. Quando curava alguém, recomendava que não se contasse sobre o milagre, porque sabia que, em vez de ajudar, isso anteciparia o Seu tempo, fazendo aumentar o furor dos inimigos contra Ele: "E ordenou-lhes que a ninguém dissessem; mas, quanto mais lho proibia, tanto mais o divulgavam" (Mc 7.36). Entretanto, Jesus assumiu facilmente Sua posição de Mestre: "Vós me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem, porque eu o sou" (Jo 13.13).

Mestre para os discípulos

Os discípulos o chamavam corretamente de Mestre e, uma vez que assumiram a posição de discípulos, começaram a andar com Jesus. Isso ocorreu com os dois irmãos, Pedro e André, os quais o chamaram de *Rabi* (Mestre) no primeiro encontro que tiveram com Ele (Jo 1.38). Não há discípulo sem mestre, nem mestre sem discípulo: um pressupõe a necessidade do outro (Mc 9.5; Lc 8.24,45).

Mestre para os de fora

Até mesmo os de fora o reconheciam como mestre. Um escriba o chamou de Mestre e dispôs-se a segui-lo (Mt 8.19); outra vez, um grupo de escribas e fariseus que

o desafiou a dar um sinal tratou-o por Mestre (Mt 12.38). Um jovem rico que procurou Jesus para falar com Ele sobre a vida eterna tratou-o como bom Mestre (Mt 19.16). Entretanto, às vezes, o tratamento vinha com certa ironia e deboche: "E enviaram-lhe os seus discípulos, com os herodianos, dizendo: Mestre, bem sabemos que és verdadeiro e ensinas o caminho de Deus, segundo a verdade, sem te importares com quem quer que seja, porque não olhas à aparência dos homens. Jesus, porém, conhecendo a sua malícia, disse: Por que me experimentais, hipócritas?" (Mt 22.16,18).

Mestre especial

Jesus chamava atenção pela singularidade dos Seus ensinamentos, bem como por Sua postura. "E aconteceu que, concluindo Jesus este discurso, a multidão se admirou da sua doutrina, porquanto os ensinava com autoridade e não como os escribas" (Mt 7.28,29).

Os métodos de ensino de Jesus

Jesus foi um Mestre cativante, a ponto de os Seus inimigos temerem por Sua popularidade. Eles tinham receio de que Jesus esvaziasse as suas sinagogas e, por fim, tirasse o domínio deles sobre a nação: " Se o deixamos assim, todos crerão nele, e virão os romanos e tirar-nos-ão o nosso lugar e a nação" (Jo 11.48). Para tornar-se convincente, quais eram os métodos adotados por Jesus? (Mt 4.23; 5.1,2; 7.28,29; 11.29; 23.8,10).

Os métodos de ensino de Jesus

Método discursivo

Jesus fala abertamente sobre alguns dos Seus propósitos.

Método narrativo

Nos Evangelhos Sinóticos, Jesus aparece empregando o método narrativo.

Método demonstrativo

Jesus empregava todos os esforços para ser compreendido.

Método de indagação

Jesus usava o método de indagação, a fim de provocar o raciocínio de Seus ouvintes.

Provérbios populares

Jesus usava provérbios populares, aforismos e símbolos.

Método discursivo

Jesus falava abertamente sobre alguns dos Seus propósitos. Os Seus discursos ocorriam nas sinagogas, nas ruas, nas praias, sobre barcos, montanhas ou sob árvores,

e Ele os fundamentava nas Escrituras Sagradas, bem conhecidas pelos Seus ouvintes (Lc 4.15-17).

Método narrativo

Nos Evangelhos Sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas), Jesus aparece empregando o método narrativo, ou seja, aquele em que se utiliza uma narração para expor uma ideia. Jesus fazia muito uso das parábolas (Mc 4.2). Foram 41 parábolas contadas por Ele. Jesus tirava lições do reino animal (Lc 15.3-7), do reino mineral (Mt 13.44-46), do reino vegetal (Mc 4.1-9), da vida doméstica (Mc 4.21-25), da vida política, social e econômica (Lc 19.11-27) e até dase brincadeiras infantis (Lc 7.31,32).

Método demonstrativo

O Senhor Jesus empregava todos os esforços necessários para ser compreendido. Sua didática era extraordinária. Certa vez, para ilustrar o grau de importância dos discípulos no Reino dos Céus, chamou uma criança, colocou-a no meio deles e disse que quem não se fizesse como ela não entraria nesse Reino (Mt 18.1-6). Ele lavou os pés dos discípulos para ensinar-lhes a humildade (Jo 13.4-7). Milagres também compõem esse método: uma figueira seca para ensinar a lição de que uma árvore que não dá o fruto esperado não tem importância alguma (Mt 21.18-22). Ao acalmar uma tempestade em alto mar, ensina que se deve ter confiança nele (Mt 8.23-27); e assim foi também em relação aos demais milagres realizados por Ele.

Outros métodos

Jesus usava o método da indagação, a fim de provocar o raciocínio de Seus ouvintes: "E, estando reunidos os fariseus, interrogou-os Jesus, dizendo: Que pensais vós do Cristo? De quem é filho? Eles disseram-lhe: De Davi. Disse-lhes ele: Como é, então, que Davi, em espírito, lhe chama Senhor, dizendo: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés? Se Davi, pois, lhe chama Senhor, como é seu filho? E ninguém podia responder-lhe uma palavra; nem desde aquele dia ousou mais alguém interrogá-lo" (Mt 22.41-46). Jesus usava também provérbios populares, aforismos e símbolos (como o batismo em águas e a Santa Ceia) para ilustrar de maneira significativa a união dos discípulos com Ele.

O conteúdo do ensino de Jesus

Por viver no meio dos judeus, Jesus soube lidar bem com esse povo. Conhecia bem suas tradições e o modo como liam e interpretavam as Escrituras, mas também anunciou o surgimento de uma nova comunidade: a Igreja, cuja função era dar continuidade aos Seus ensinamentos pelo mundo todo: "Portanto, ide, ensinais todas as

nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos. Amém!" (Mt 28.19,20).

Ensinamentos éticos

Os primeiros discursos de Jesus tocavam a ética dos judeus, conforme se lê no Sermão do Monte (Mt 5.7). A ética judaica era baseada não apenas nas Escrituras, mas também nas tradições. Jesus recriminava o modo errôneo e supérfluo como os judeus tratavam certas questões, por isso protestava, dizendo: "Ouvistes que foi dito (...). Eu, porém, vos digo (...)" (Mt 5.33,34). As exigências éticas de Jesus eram muito severas, indo além do que os Seus contemporâneos almejavam. Para Ele, basta cobiçar a mulher do próximo para que o adultério esteja consumado (Mt 5.27,28). O assassinato ocorre não quando se mata alguém, mas quando se odeia (Mt 5.21,22). O divórcio e o recasamento somente são tolerados em caso de infidelidade conjugal (Mt 19.19).

Ensinos sobre o Reino

O tema central dos ensinamentos de Jesus é o Reino de Deus. "E percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas suas sinagogas, e pregando o evangelho do Reino, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo" (Mt 4.23). A primeira implicação desse Reino é o domínio absoluto de Deus sobre a vida do homem (Lc 17.21). Esse Reino começa dentro do indivíduo e se amplia até o dia em que o Senhor o estabelecerá soberanamente em toda a terra (Mt 6.10.)

Se Jesus se manifestou ao mundo como Mestre, por excelência, e chamou os Seus seguidores de discípulos (alunos), compete a nós, Seus fiéis seguidores, assumirmos conscientemente nossa posição de discípulos.

Prevenções escatológicas

É notório o modo como Jesus vai mudando o conteúdo dos Seus ensinamentos: Ele inicia tratando das questões éticas do Seu povo – sobretudo no Sermão da Montanha (Mt 5-7); dá grande ênfase ao Reino e, já no fim do Seu ministério, fala dos acontecimentos futuros que dizem respeito tanto à nação de Israel como ao mundo. Nesses ensinos, deixou os discípulos bem instruídos acerca da Sua segunda vinda

(Jo 14.3; Mc 13.26); Sua intenção era tê-los consigo no céu (Jo 14.2; 17.24) e preparar cada um para não ser apanhado de surpresa (Mt 24.42,43).

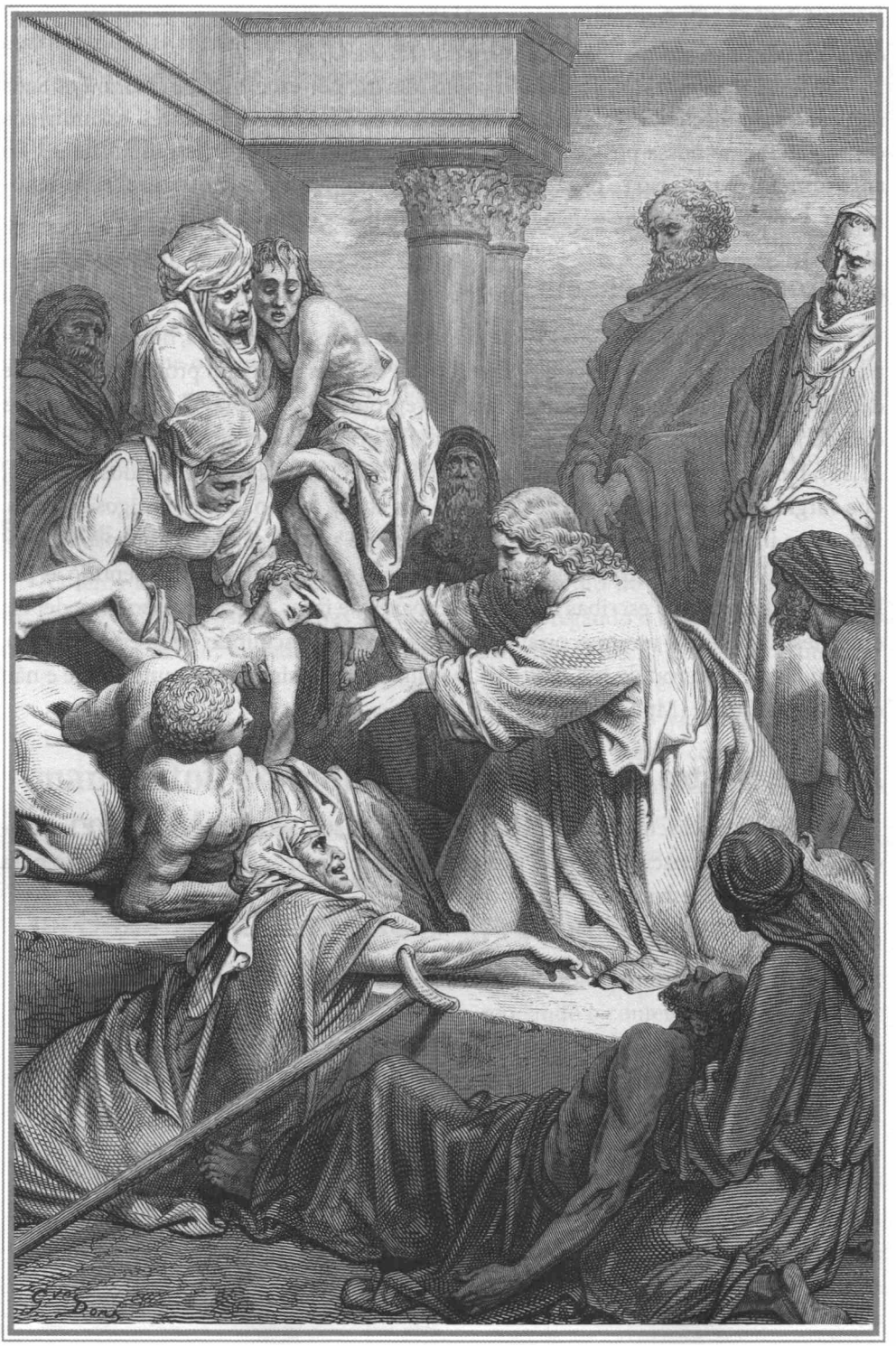
Se Jesus se manifestou ao mundo como Mestre, por excelência, e chamou os Seus seguidores de discípulos (alunos), compete a nós, Seus fiéis seguidores, assumirmos conscientemente nossa posição de discípulos, levando mais a sério a importância do aprendizado. Quem não se prontifica a aprender com Jesus não tem o direito de denominar-se discípulo Seu; logo, não pode denominar-se cristão.

A autoridade no ensino

Quando Jesus foi distinguido pela autoridade com que ensinava, houve uma comparação feita entre Ele e os escribas. Os escribas, no passado, eram profissionais que se dedicavam à escrita de documentos, atas ou reprodução de cópias das Escrituras. Nos dias de Jesus, formavam uma classe intelectual e eram ligados aos sacerdotes (Mt 2.4; 21.15), bem como ao partido dos fariseus (Mt 23). O rabinato (a classe dos rabinos), que surgiu mais tarde, emergiu dos escribas. Os atuais rabinos são os antigos escribas. Eles eram frios: ensinavam tanto as Escrituras como as tradições orais, apenas intelectualmente. Já o Senhor Jesus colocou vida nos Seus ensinos, e mais: deu sentido às palavras da Lei, o que os escribas não foram capazes de fazer. Ouvir os escribas e depois ouvir Jesus não era a mesma coisa: "E aconteceu que, concluindo Jesus este discurso, a multidão se admirou da sua doutrina, porquanto os ensinava com autoridade e não como os escribas" (Mt 7.28,29).

Ainda é Mestre

O convite ao discipulado permanece (Mt 11.28,29). Ser crente em Jesus é ser discípulo, e quem é consciente da sua posição de discípulo deve estar sempre pronto para aprender com o Mestre dos mestres.



JESUS, O OPERADOR DE MILAGRES

Os milagres de Jesus deram mais popularidade a Ele do que os Seus ensinamentos, e a razão é simples: as pessoas sentem-se mais atraídas pelos milagres do que pelo aprendizado. O milagre vem pronto, e o aprendizado requer esforço. Certamente, é por isso que, hoje, as igrejas que enfatizam o milagre são bem mais frequentadas do que as igrejas que dão importância ao ensino.

Por mais que realizasse milagres, Jesus não fazia deles um fim em si mesmos. Se os milagres que realizava não se prestassem à glorificação de Deus ou dessem ao povo necessitado a consciência de quem Jesus era, não fazia sentido algum, para Ele, realizá-los. Os milagres tinham, em essência, o sentido de sinais, principalmente na ótica de João: "Jesus, pois, operou também, na presença de seus discípulos, muitos outros sinais, que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome" (Jo 20.30,31).

A noção do milagre

Os seres humanos mais primitivos evocavam os poderes sobrenaturais em busca de milagres, quer operados na natureza, quer em forma de cura física. Assim, surgiram as

religiões animistas, as quais prestavam cultos aos deuses para obterem favor deles em benefício da lavoura no envio de chuvas; ou os índios que, desde muito tempo, realizam seus rituais de pajelança, a fim de obterem curas para os males físicos. Segundo os teólogos liberais, os escritores bíblicos herdaram a ideia de milagres das culturas primitivas e a aplicaram às Escrituras, nos eventos veterotestamentários e, posteriormente, nos neotestamentários. Dizem o mesmo a respeito dos rituais de sangue, que aplacavam a ira dos deuses por meio de sacrifícios, considerando-os uma categoria de mitos. O principal deles é o teólogo Rudolf Bultmann[72], e, após ele, há muitos outros. Entretanto, é de consenso geral entre os teólogos – reformados ou não – que as ocorrências bíblicas nas quais os milagres do Antigo e do Novo Testamento, tanto quanto os rituais de sangue praticados nas religiões animistas, decorrem de heranças reminiscentes de uma relação homem-Deus que foram transmitidas às gerações futuras. Portanto, não foram os escritores bíblicos que imitaram os gestos de outros povos, transmitindo-os pela escrita, mas tais ocorrências servem de testemunhos para corroborar algumas crenças que o homem traz dentro de si, desde o início da sua história, assinalando haver um antigo elo estabelecido entre Deus e os homens, cuja compreensão correta se perdeu ao longo dos anos. A crença em um Deus que intervém está estabelecida no íntimo do espírito de cada ser humano, por mais ignorante que ele seja das coisas de Deus.

Verdade é que, com o desenvolvimento das ciências, o homem passou a buscar formas técnicas e científicas de resolver seus problemas de saúde, passando também a desprezar as antigas crenças no milagre, pondo em dúvida suas ocorrências e atribuindo tudo ao campo das crendices populares. Outros, que admitem a ocorrência de milagres, atribuem-nos ao poder da mente, e, assim, as opiniões descambam para diversas direções.

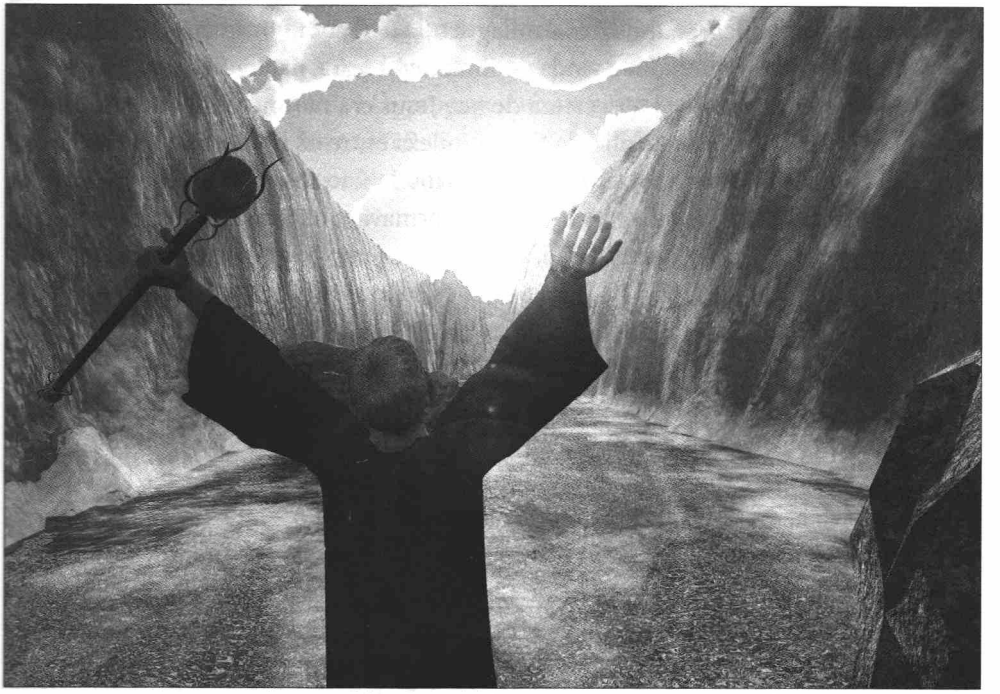
Milagres do Antigo Testamento

A doutrina da provisão divina já é um testemunho do milagre diário do Criador. A harmonia do universo, o ciclo da vida que inclui os movimentos da Terra em torno do Sol, a temperatura adequada à biogênese da Terra, as estações do ano, o nascimento dos seres animais segundo as características genéticas, o instinto dos animais, a produção

---

72. Rudolf Bultmann (20/08/1884—30/07/1976), teólogo alemão, tornou-se famoso por desenvolver uma teologia sobre a demitologização da Bíblia. Influenciou muito o pensamento teológico do século 20. Esse teólogo avilta o teor misterioso das Escrituras, pouco restando em conteúdo digno de ser crido. Sua teologia consiste em descobrir um conceptualismo em que pudessem aproximar a mensagem do Novo Testamento a uma cosmovisão moderna e científica. Dizia que a humanidade contemporânea acostumou-se com os avanços da ciência e não pôde aceitar o conceito mitológico do mundo expresso nos escritos bíblicos. Escreveu as seguintes obras: *Jesus* (1926), *Novo Testamento e Mitologia* (1941), *Teologia do Novo Testamento* (1948—1953) e *Religião sem Mito* (1954), em parceria com Karl Jaspers.

O mar Vermelho abrindo-se



dos alimentos e o sistema digestivo etc. formam um interessante conteúdo de maravilhas que não pode passar despercebido pelo homem, por mais que ele queira rebelar-se contra a ideia de um Deus criador e sustentador de todas as coisas.

Algumas intervenções extraordinárias somam-se a todo esse conjunto de evidências em que a provisão de Deus é inegável, quebrando leis da natureza pela excepcionalidade da alteração de um elemento material que, de outra forma, não ocorreria, senão por uma intervenção externa invisível chamada milagre. A abertura do mar Vermelho não pôde ter sido fruto da coincidência de um vento que soprou em tempo de estiagem, para que os hebreus passassem, e, coincidentemente, o exército de Faraó que vinha logo atrás fosse afogado, como supõe Werner Keller.[73] As dez pragas do Egito, o maná no deserto, a cura das águas amargas de Mara, a rocha vertendo água, a vara transformada em serpente, a abertura do rio Jordão, a detenção do sol para o povo de Deus ganhar tempo em uma guerra, o homem que teve força suficiente em seus braços para destruir um palácio, o profeta que deu ordem para o céu parar de mandar chuva e fez descer fogo do céu, o ato de mandar o leproso banhar-se no rio Jordão sete vezes até ele ficar purificado, o machado que flutuou no rio Jordão, o ato de deitar-se sobre um rapaz morto e este ressuscitar, os três jovens que foram lançados em uma fornalha de fogo e saíram

73. KELLER, Werner. *E a Bíblia Tinha Razão.* Melhoramentos, 2002.

ilesos, outro jovem que foi jogado na cova de leões famintos e não aguçou o apetite das feras... são, enfim, milagres, milagres e milagres.

Por que imaginar que, com a vinda do Emanuel à terra, não pudessem ocorrer milagres? E como seria possível ter certeza de que Jesus era mesmo o Filho unigênito de Deus se Ele não desse testemunho da Sua grandeza entre os homens? Seus discursos, por mais encantadores que fossem, seriam vazios se não fossem corroborados pelos sinais que Ele realizou. Os milagres de Jesus desarmavam os Seus opositores, por mais que tentassem achar neles contradição, como, por exemplo, o ato de realizar cura em um sábado (Mt 12.10-12). Não podiam perceber quão secundário se tornava esse fator diante de um fenômeno tão grande que eles jamais seriam capazes de reproduzir.

Jesus começou Seu ministério transformando água em vinho, em Caná da Galileia (Jo 2.1-11). Ele purificou um leproso (Mt 8.2; Mc 1.40-42; Lc 5.12,13); curou o servo de um centurião romano (Mt 8.5-13; Lc 7.1-10); curou a sogra de Pedro (Mt 8.14,15; Mc 1.30,31; Lc 4.38,39); curou um paralítico em Cafarnaum (Mt 9.2-7; Mc 2.3-12; Lc 5.18-25); estancou a hemorragia de uma mulher (Mt 9.20-22; Mc 5.25-29; Lc 8.43-48); curou dois cegos de uma vez (Mt 9.27-31); curou um endemoninhado mudo (Mt 9.32,33); curou um homem de mão mirrada (Mt 12.10-13; Mc 3.1-5; Lc 6.6-10); deu liberdade a um endemoninhado surdo-mudo (Mt 12.22; Lc 11.14); libertou de demônios a filha de uma mulher cananeia (Mt 15.21-28; Mc 7.24-30); libertou um menino endemoninhado (Mt 17.14-18; Mc 9.17-29; Lc 9.38-43); curou dois cegos em Jericó, inclusive o Bartimeu (Mt 20.29-34; Mc 10.46-52; Lc 18.35-43); curou em Decápolis um homem que era surdo e gago (Mc 7.31-37); libertou um endemoninhado na sinagoga de Cafarnaum (Mc 1.23-26; Lc 4.33-35); curou um cego em Betsaida (Mc 8.22-26); curou uma mulher paralítica (Lc 13.11-13); curou um homem hidrópico (Lc 14.1-4); curou dez leprosos (Lc 17.11-19); curou o servo do sumo sacerdote (Lc 22.50,51); curou o filho de um oficial do rei (Jo 4.46-54); curou o paralítico no tanque de Betesda (Jo 5.1-9); curou o cego de nascença (Jo 9.1-7).

A Igreja de Cristo está polarizada nesse sentido. De um lado, os que desprezam completamente a atualidade dos milagres, e, de outro, os que exploram com o uso do sensacionalismo, reunindo multidões.

Outros milagres ocorreram no campo da natureza, como: acalmou as tempestade no mar (Mt 8.23-27; Mc 4.37-41; Lc 8.22-25); andou sobre o mar (Mt 14.25; Mc 6.48-51; Jo 6.19-21); alimentou cinco mil homens (Mt

14.15-21; Mc 6.35-44; Lc 9.12-17; Jo 6.5-13); alimentou quatro mil homens (Mt 15.32-38; Mc 8.1-9); encontrou moeda na boca do peixe (Mt 14.24-27); secou a figueira (Mt 21.18-22; Mc 11.12-14,20-25); proporcionou a pesca milagrosa (Lc 5.4-11); transformou a água em vinho (Jo 2.1-11); proporcionou a segunda pesca milagrosa (Jo 21.1-11); ressuscitou a filha de Jairo (Mt 9.18,19,23-25; Mc 5.22-24,38-42; Lc 8.41,42,49-56); ressuscitou o filho da viúva de Naim (Lc 7.11-15) e Lázaro (Jo 11.1-44).[74]

Milagres existem

Sem qualquer desprezo à ajuda científica no tratamento de doenças, como crentes, não podemos descrer das declarações bíblicas acerca dos milagres de Jesus. Do mesmo modo como cremos nos Seus ensinamentos, na Sua doutrina, na morte expiatória de Jesus e no Seu poder de salvar o mais vil pecador, devemos também crer que os milagres eram reais e que sinalizavam Sua origem celestial. Sendo Jesus Cristo o mesmo ontem, hoje e eternamente (Hb 13.8), não há por que descrer de que ainda hoje Ele opera milagres, sinais e maravilhas no meio do Seu povo: "Testificando também Deus com eles, por sinais, e milagres, e várias maravilhas, e dons do Espírito Santo, distribuídos por sua vontade?" (Hb 2.4; cf. 1 Co 2.4).

Como encarar os milagres hoje

A Igreja de Cristo está polarizada nesse sentido. De um lado, os que desprezam completamente a atualidade dos milagres, e, de outro, os que exploram com o uso do sensacionalismo, reunindo multidões, na expectativa de milagres, com finalidade mais acentuadamente "marqueteira" e financeira, do que em glorificar a Deus e beneficiar pessoas que realmente sofrem. Ambos os extremos estão errados. Os que descreem forjam argumentos para provar que os milagres não são mais necessários; os que exploram buscam popularidade e dinheiro. Todavia, nem um caso nem outro invalidam a verdade sobre o poder que há no nome de Jesus para operar milagres.

Milagres no ministério de Jesus

Mateus é conciso no seu relatório de que Jesus, com a Sua palavra, tanto expulsou os demônios como curou todos os enfermos, em uma só ocasião: "E, chegada a tarde, trouxeram-lhe muitos endemoninhados, e ele, com a sua palavra, expulsou deles os espíritos e curou todos os que estavam enfermos" (Mt 8.16). Para o escritor sagrado, o poder sobrenatural de Jesus era tão abundante que Ele não entrava em discussão sobre o que as pessoas pensavam a respeito dessas ocorrências; afinal, todo milagre é algo extraordinário, pois consiste em quebrar algumas leis da natureza. Mais do que curar,

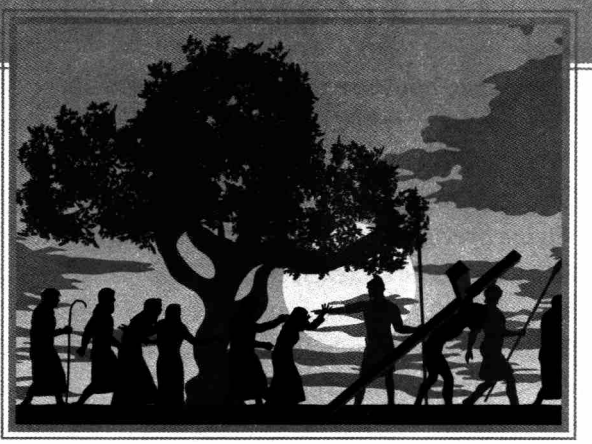
---

74. *Bíblia Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995. p. 1620.

é exercer autoridade sobre a morte, trazendo de volta alguém que já passou por ela: "E, chegando-se, tocou o esquife (e os que o levavam pararam) e disse: Jovem, eu te digo:Levanta-te. E o defunto assentou-se e começou a falar. E entregou-o à sua mãe" (Lc 7.14,15).

Os que presenciavam os milagres ficavam maravilhados, e não era para menos: "E todos ficaram maravilhados, e glorificaram a Deus, e ficaram cheios de temor, dizendo: Hoje, vimos prodígios" (Lc 5.26). Jesus, aquietou os ventos em alto mar: "E os seus discípulos, aproximando-se, o despertaram, dizendo: Senhor, salva-nos, que perecemos. E ele disse-lhes: Por que temeis, homens de pequena fé? Então, levantando-se, repreendeu os ventos e o mar, e seguiu-se uma grande bonança" (Mt 8.25,26). Somente alguém que está acima das forças da natureza pode ser capaz de dar ordens a ela. Para estar acima dessas forças, a condição absoluta é ser Deus; é ter participado da obra da criação. Jesus enquadra-se plenamente nessa condição (Jo 1.1,2). No entanto, tudo o que fez atendia a dois propósitos: o de compaixão pelas pessoas: "Então, Jesus, movido de íntima compaixão, tocou-lhes nos olhos, e logo viram; e eles o seguiram" (Mt 20.34); e o de provar que Ele realmente era quem dizia ser: alguém enviado do céu: "Mas eu tenho maior testemunho do que o de João, porque as obras que o Pai me deu para realizar, as mesmas obras que eu faço testificam de mim, de que o Pai me enviou" (Jo 5.36).

A HUMILHAÇÃO DE CRISTO



A humilhação de Jesus é um acontecimento narrado nos quatro Evangelhos. Ela implica desde o esvaziamento – *Kénosis* – até a Sua morte ignominiosa na cruz. Paulo descreve essa decida moral de Jesus, lembrando que não bastou para Ele ter-se humanizado. Como homem, não gozou de melhor posição social; antes, tornou-se servo e, como servo, sofreu morte vergonhosa de cruz (Fp 2.6-8).[75] Basta pensarmos um pouco em quem era Jesus, na Sua participação na obra da criação, no lugar de onde veio e em Sua relação com o Pai e consideraremos a Sua chegada ao mundo, como: nascer em um lugar inóspito, entre animais; experimentar uma fuga para o Egito com os pais, ainda na Sua primeira infância; conviver com pessoas humildes em uma cidade de pescadores, chamada Nazaré; lidar com religiosos opositores durante todo o Seu ministério de três anos; sofrer a incredulidade dos irmãos dentro do próprio lar; ser traído por um amigo, negado por outro; ser humilhado pelas autoridades políticas e religiosas que o julgaram e o condenaram; ser zombado, ridicularizado com uma coroa de espinhos na

75. A morte por crucificação - castigo próprio dos romanos - era uma forma de humilhar ainda mais o condenado.

cabeça e uma cana para fazer de conta que era um cetro e parecer que estava trajado de rei; carregar uma pesada cruz por entre as ruas estreitas da antiga Jerusalém, até a porta dos fundos da cidade que dava acesso ao monte Calvário; ser cuspido, insultado, esbofeteado e, por fim, pregado em uma cruz. Não há como não se chocar com o contraste entre a origem celestial e o modo como encerrou Sua vida entre os homens! Assim foi recebido o Filho de Deus pela humanidade, que se queixa de que haja tantas desgraças no mundo.

Se Jesus, no entanto, não houvesse morrido e ressuscitado, poderia até haver uma religião fundada por Ele, mas, certamente, sem o efeito que tem. Jesus não passaria de mais um precursor de religião, como tantos outros, que elaboraram um credo e destacaram-se por sua liderança carismática. A morte e a ressurreição de Jesus completam toda a mensagem divina prevista tipologicamente[76] no Antigo Testamento. O povo da antiga aliança praticava rituais de sacrifícios, exigidos pela lei, sem ter o devido entendimento da sua razão (Rm 10.1-4), mas, quando Jesus veio, Ele deu cumprimento e entendimento aos Seus do que era simbolizado pelos sacrifícios de animais.

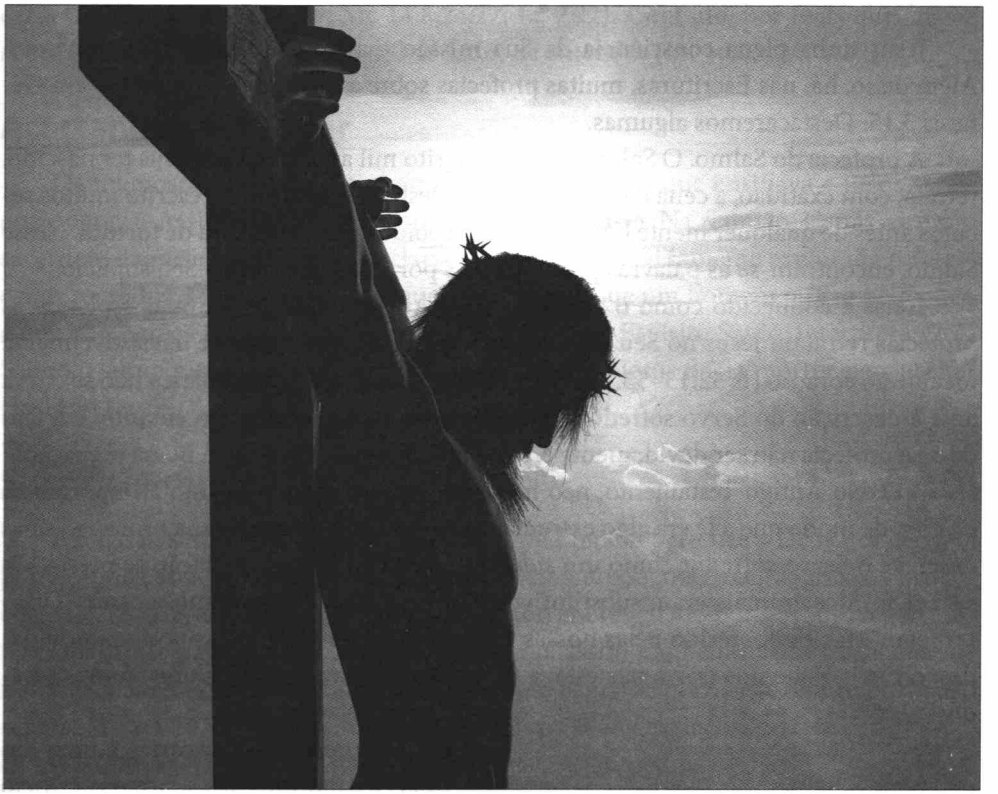
Os judeus alimentavam algumas expectativas ilusórias acerca do Messias. A visão que tinham dele era a de um líder enviado de Deus, mas com propostas extremamente políticas e materiais. Eles esperavam um Messias que fosse grande, mas não tão grande, cuja obra teria de ser completada ao longo de milênios. O Messias veio, segundo a agenda prescrita por Daniel (Dn 9.24-26), e completará a Sua obra na plenitude dos tempos dos gentios (Rm 11.25). A eficácia do Seu ministério está garantida no fato de Ele haver cumprido satisfatoriamente a exigência do Pai, consumando a obra de redenção do mundo na cruz (Jo 19.30; cf. 17.30).

De todos os assuntos que dizem respeito à pessoa de Cristo, o mais marcante é a Sua morte na cruz do Calvário. Milhões de livros foram escritos, filmes foram gravados, peças de teatro, músicas, poesias e discursos têm difundido esse acontecimento. Contudo, para garantir a lembrança ininterrupta da Sua morte, Jesus instituiu a Santa Ceia. Ele disse: "Fazei isso em memória de mim", e, logo em seguida, completa o apóstolo Paulo: "Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor, até que venha" (1 Co 11.24,26). O sacrifício de Jesus na cruz deve chamar a atenção de toda a humanidade, porque ali se encontra o antídoto para o pecado: o perdão, a purificação, a justificação, a reconciliação, a libertação; enfim, tanto a causa como o efeito pelo sacrifício de Jesus são removidos. Para ilustrar isso, Jesus usa a figura da serpente levantada no deserto. Todos os que eram picados, ao olharem para ela, ficavam imunizados do efeito de seu veneno (Jo 3.14,15).

---

76. A tipologia é uma área da Hermenêutica (ciência da interpretação) que trata das figuras ou dos símbolos que se realizam no futuro. É uma ciência que estuda os tipos (formas, modelos). Os sacrifícios do Antigo Testamento eram tipologias do verdadeiro sacrifício de Jesus. Jesus é o antítipo (cumprimento) do tipo.

Jesus na cruz



Assim que o homem pecou, Deus prometeu que, da semente da mulher, Ele levantaria um que feriria a cabeça da serpente (Gn 3.15). Essa foi a primeira profecia acerca do sacrifício de Jesus. Esse dia chegou (Gl 4.4). O profeta Isaías, no capítulo 53 do seu livro, toca o coração quando descreve, 700 anos antes de acontecer, o sacrifício de Jesus. Destacamos os versículos 5 e 12 desse capítulo. Em ambos, os versículos estão explicitamente declarando que Ele assumiu a culpa de todos, pagando por ela. Que ato mais nobre do que esse os judeus esperam do Messias? Um dia, Ele voltará. Os Seus pés tocarão o monte das Oliveiras. O monte se fenderá (Zc 14.4). Ele entrará na antiga cidade de Jerusalém. Um sinal de ferimento em Suas mãos chamará a atenção do Seu povo. Quando lhe perguntarem o que aquilo significa, Ele responderá: "(...) São as feridas com que fui ferido em casa dos meus amigos" (Zc 13.6). Sem dúvida, esse era aquele que veio! Toda condenação do pecado prevista pela Lei recaiu sobre Jesus no madeiro, e, segundo a Lei, quem fosse nele pendurado seria maldito, porque somente os piores eram mortos assim (Dt 21.23). Jesus fez-se maldição por nós (Gl 3.13). Ele merecia isso? Jesus submeteu-se a isso por ser essa a vontade absoluta de Deus. O antigo modo de lidar com o pecado foi substituído pelo novo: o imperfeito pelo perfeito.

Previsões do sacrifício de Jesus

Jesus tinha plena consciência da Sua missão e a transmitia aos Seus ouvintes. Além disso, há, nas Escrituras, muitas profecias sobre a Sua morte, a começar em Gênesis 3.15. Destacaremos algumas.

A profecia do Salmo. O Salmo 22.1-21, escrito mil anos antes de Jesus ter nascido, retrata, com exatidão, a cena da crucificação de Jesus. Esse Salmo foi escrito muitos séculos antes de qualquer mente humana ter concebido aquela maneira de tortura. Nesse Salmo, encontram-se as palavras pronunciadas por Jesus na hora do Seu suplício.

Isaías é conhecido como o evangelista do Antigo Testamento. Suas esplêndidas profecias retratam Jesus no Seu sofrimento, em linguagem poética e irresistivelmente tocante ao coração (Is 52.13–53.12). Só mesmo uma pessoa muito apática não se curva ante à descrição do Servo sofredor. O maior lamento do profeta, no entanto, é o fato de essa profecia não ser devidamente creditada: "Quem deu crédito à nossa pregação?" (Is 53.1). No Antigo Testamento, não havia insistência alguma quanto à importância de crer, de modo que a fé era algo extremamente raro (Gn 15.6). Na sua profecia, Isaías descreve o Servo sofredor como um *substituto,* e é a isso que a expiação se presta. Os sacrifícios dos animais eram substitutivos, por isso, conhecidos como *vicários.* Diz o profeta: "Mas ele foi ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e, pelas suas pisaduras, fomos sarados" (Is 53.5).

Isaías é conhecido como o evangelista do Antigo Testamento. Suas esplêndidas profecias retratam Jesus no Seu sofrimento, em linguagem poética e irresistivelmente tocante ao coração (Is 52.13-53.12).

A profecia de Zacarias é uma das mais extraordinárias sobre o sacrifício do Messias. Ela diz respeito às marcas guardadas nas mãos, as quais serão um dia exibidas diante daqueles que o rejeitaram. Assim que Jesus retornar com a Igreja (Cl 3.4) e adentrar à velha cidade de Jerusalém pelas portas, exibirá as Suas mãos, e os judeus lhe perguntarão: "Que feridas são essas nas tuas mãos?, dirá ele: São as feridas com que fui ferido em casa dos meus amigos" (Zc 13.6).

A consciência que Jesus tinha do Seu sacrifício

Jesus tinha plena consciência da Sua missão na terra. No batismo, João apresentou-o como o Cordeiro de Deus,

que tira o pecado do mundo (Jo 1.29). Jesus falava abertamente sobre a Sua morte vicária (Mt 17.22,23; 20.17-19; Mc 14.8,24,27; Lc 9.22). Contudo, por mais que falasse sobre isso, os discípulos tinham dificuldades de entender (Mt 16.22; Mc 9.32).

Acertando sem saber

Os religiosos judeus não tinham como detê-lo pelo que ensinava e pelos sinais que operava. Assim, fizeram um conselho para matá-lo. Na reunião, Caifás, o sumo sacerdote daquele ano, fez uma declaração acertada e devidamente explorada pelo escritos sagrados: "Nem considerais que nos convém que um homem morra pelo povo e que não pereça toda a nação" (Jo 11.50). João, pelo Espírito Santo, interpreta: "(...) Sendo o sumo sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus devia morrer pela nação" (Jo 11.51).

Sacrifício remidor

Remissão significa "comprar de volta". Todo homem pertence a Deus por criação, porém todos estão sob a égide do príncipe deste mundo, obedecendo às suas instruções (Ef 2.2,3). Assim como um escravo foragido era resgatado por seu antigo proprietário mediante pagamento no mercado romano, assim também fomos resgatados da nossa vã maneira de viver mediante o pagamento efetuado por Cristo, por meio do Seu sangue (1 Pe 1.18,19). Assim, tornamo-nos propriedade exclusiva de Deus (1 Pe 12.9; cf. Mt 20.28; Ap 5.9).

Sacrifício substitutivo

Também chamado de sacrifício vicário. Na cruz do Calvário, Jesus tomou o nosso lugar, fazendo-se exatamente aquilo que nós somos, malditos (Gl 3.13), para tornar-nos semelhantes a Ele (2 Co 3.18). "Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; mortificado, na verdade, na carne, mas vivificados pelo Espírito" (1 Pe 3.18).

Os sacrifícios da Lei

Como tivemos oportunidade de estudar, o perdão dos pecados era buscado por meio de sacrifícios de animais. Enquanto o templo estava de pé, os sacrifícios eram praticados diariamente, mas, com a sua destruição, no ano 70 de nossa era, os sacrifícios cessaram. Para substituir a ausência dos sacrifícios, os judeus fazem três orações diárias. Essa prática é mera repetição do que ocorreu na primeira destruição, quando eles foram para a Babilônia (Dn 6.10), porém não está prevista na Lei de Moisés. Nesse caso, eles se acomodaram e criaram a sua própria lei e, assim, convivem até que "o Messias venha e resolva o problema".

Coincidência ou providência?

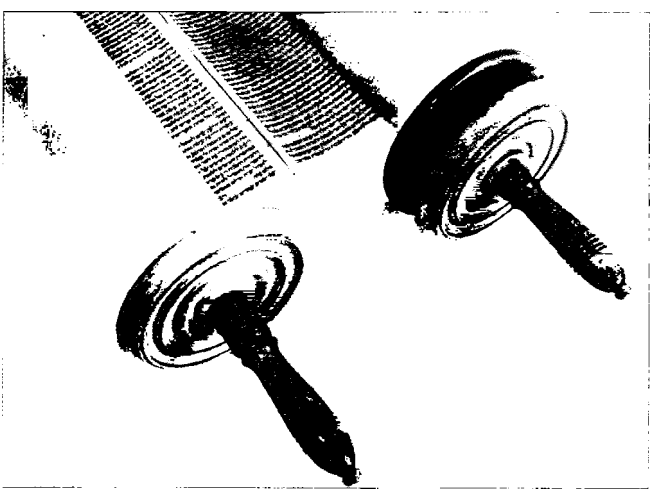
Assim que Jesus expirou, o véu do templo rasgou-se de alto a baixo (Mt 27.51). O véu rasgou-se de alto a baixo justamente no instante em que Jesus padeceu. Teria sido coincidência ou providência divina? Esse foi um recado do céu para os judeus: agora não é mais necessário fazer propiciação dentro do Santo dos Santos. O sacrifício perfeito acaba de ser consumado (Hb 10.14).

A satisfação divina

Teologicamente, dá-se o nome de "satisfação" ao cumprimento integral da exigência divina. Ao tornar-se sacrifício vicário (substitutivo) na cruz do Calvário, Jesus satisfez plenamente à exigência da Lei. A partir do sacrifício, a Lei não condena mais o pecador que crê em Cristo, e este tem direito à comunhão e ao favor divino. Ele está quite com a Lei e com a justiça divina (Rm 3.21-29).

A doutrina da expiação

A humilhação de Jesus, que culminou na Sua morte, tem implicações legais muito significativas e precisam ser consideradas. A expiação ocupa lugar central nas Escrituras Sagradas. É o tema mais enfatizado na Torá (os livros da Lei mosaica, também conhecida como o rolo dos cinco livros, o Pentateuco) e também no Novo Testamento. Tanto o relato histórico do sacrifício de Jesus como os escritos doutrinários que o explicam somente podem ser compreendidos à luz das práticas sacrificiais conhecidas no Antigo Testamento.



Torá

A necessidade da expiação

Se o homem não houvesse pecado, não haveria necessidade de expiação, porém, na Sua infinita bondade, Deus usou de misericórdia para com ele, criando um caminho pelo qual pudesse obter o perdão dos pecados. Esse caminho foi a expiação, e a expiação é feita com sangue. Deus providenciou o primeiro sacrifício expiatório para

o homem que pecou, matando animais com os quais lhe fez vestes, pois o homem se viu nu após a queda (Gn 3.21). A partir de então, ficou aprendida a lição de que "sem derramamento de sangue não há remissão" (Hb 9.22).

Um ato de misericórdia

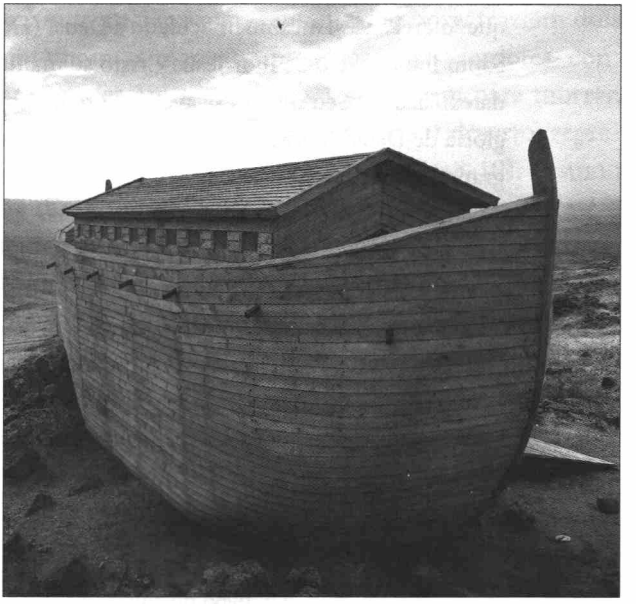
Muito antes do homem, anjos cometeram pecado, e, no entanto, Deus não ofereceu a eles oportunidade alguma de perdão: "Porque, se Deus não perdoou aos anjos que pecaram, mas, havendo-os lançado no inferno, os entregou às cadeias da escuridão, ficando reservados para Juízo" (2 Pe 2.4). Já com o homem foi diferente: "Porque Deus encerrou a todos debaixo da desobediência, para com todos usar de misericórdia" (Rm 11.32). Por que há distinção entre anjos e homens? Porque os anjos não foram feitos à imagem e semelhança de Deus, como o homem foi.

Por que expiação?

Se Deus é o dono do universo, Ele não poderia resolver esse assunto de modo mais prático e simples? Por que exigir algo tão funesto? Por que sangue? Porque o contraste entre a Sua natureza santa e o pecado é tão grande que Deus não poderia exigir nada menos do que a expressão máxima da vida: o sangue. Por isso, o salário do pecado é a morte (Rm 6.23). Entretanto, para expressar a ira divina, até mesmo a morte não poderia ocorrer de forma natural. O derramamento de sangue daria a expressão exata de quanto o pecado incomoda Deus (Hb 9.22).

Antes da Lei

Assim que Noé saiu da arca com sua família, ofereceu sacrifício a Deus (Gn 8.20). Abraão, quando se dispôs a entregar Isaque, seu filho, em obediência a Deus, ofereceu um substituto que ali surgiu (Gn 22.13). Jacó ofereceu sacrifício a Deus, após ter feito pacto com Labão (Gn 31.54). Jó, cuja história é anterior às leis, oferecia sacrifícios por seus filhos (Jó 1.5). Portanto, essa consciência já era comum a todos.



A arca de Noé

A legislação dos sacrifícios

Deus deu, por intermédio de Moisés, uma legislação acerca dos sacrifícios, para que houvesse consciência da sua importância (Hb 9.19). Os sacrifícios praticados diariamente no tabernáculo e, mais tarde, no templo deveriam seguir uma ordem estipulada, para que o ofertante tivesse consciência tanto da gravidade do seu pecado como da santidade de Deus.

As ordens sacrificiais

Quando se estuda Levítico, adentra-se ao campo das liturgias praticadas no Antigo Testamento. Tais cultos eram oferecidos quase sempre com sacrifícios de animais. Cada sacrifício seguia uma modalidade e um propósito específico, como veremos a seguir.

Expiação e holocausto

Cada vez que um pecador comparecia diante do sacerdote para oferecer sacrifício por pecado, trazia dois animais: dois bezerros, ou dois cabritos, ou duas ovelhas, ou dois pombinhos, ou duas rolinhas. Por que dois e por que essa variedade nos tipos de animais? Porque um animal era para a expiação (*perdão* dos pecados), e o outro para o holocausto (*consagração* do pecador perdoado), e essa variação era devida às condições econômicas do ofertante. Ele oferecia os sacrifícios de acordo com as suas posses. Se fosse tão pobre que não pudesse oferecer um animal caro, podia oferecer dois pombinhos ou duas rolinhas (Lv 5.7).

> No holocausto, com o qual se abre o livro de Levítico, temos uma figura de Cristo, que "ofereceu a si mesmo imaculado a Deus" (Hb 9.14). Daí a posição que o Espírito Santo lhe dá. Se o Senhor Jesus Cristo se manifestou para realizar a obra gloriosa da expiação, o Seu mais desejável e supremo objetivo na Sua consecução estava na glória de Deus. "Eis aqui venho, para fazer, ó Deus, a tua vontade" (Hb 10.9) era o grande lema em todas as cenas e circunstâncias da Sua ida e em nenhuma tão completamente como a obra da cruz.[77]

Nos sacrifícios do passado, o ofertante devia impor a sua mão sobre a cabeça do holocausto. Esse ato expressava completa identificação com a vítima. Ambos, o ofertante e a vítima, tornavam-se um. Como o holocausto sucedia ao sacrifício da expiação, ao impor a mão sobre o holocausto, o adorador assegurava-se de que a sua oferta havia sido aceita. Esse ato prefigurava a identificação e a aceitação do crente em Cristo: "(...) Qual ele é, somos nós também neste mundo" (1 Jo 4.17); "(...) E no que é verdadeiro estamos, isto é, em seu Filho Jesus Cristo (...)" (1 Jo 5.20).

---

77. MACKINTOSH. 2003. p. 6.

Sacrifícios pacíficos

O sacrifício pela paz era também identificado como sacrifício de louvor ou ação de graças (Lv 7.11,12). Esse tipo de sacrifício compreendia, ainda, outras modalidades, como *sacrifício votivo*, o cumprimento de um voto, e *sacrifício volitivo*, um ato voluntário (Lv 7.16).

Nos sacrifícios do passado, o ofertante devia impor a sua mão sobre a cabeça do holocausto. Esse ato expressava completa identificação com a vítima. Ambos, o ofertante e a vítima, tornavam-se um.

Sacrifícios pelos sacerdotes

Os sacerdotes, cuja função era oferecer sacrifícios pelo povo, também precisavam oferecer sacrifícios por si mesmos, para que estivessem em boas condições diante de Deus para o exercício da sua função e, também, porque eram homens como os demais (Lv 4.3; 5.19-23; Hb 5.3).

Sacrifício pela nação

O sacrifício pela nação visava a expiar os pecados cometidos por ela (Lv 16.30). Nesse dia, conhecido como *Yon Kipur*, anciãos representantes do povo traziam dois bodes iguais, sobre os quais impunham as mãos, na presença dos sacerdotes, confessando os pecados da nação. Os bodes eram sorteados[78], sendo um para morrer, e outro, conhecido como *azazel* (emissário), para ser levado para o deserto, representando a remoção dos pecados para o mar do esquecimento (Lv 16.8-10). O sumo sacerdote entrava em ação nesse dia. Com uma bacia, ele carregava o sangue até o Lugar Santíssimo, onde estava a arca da aliança. Com uma corda amarrada na cintura ou em um dos pés, com nove sinetes que batiam em nove romãs pregados na volta de sua veste, ele ia até o propiciatório (a tampa da arca). Com o polegar direito, ele gotejava o sangue nas quatro pontas, por três vezes. Enquanto ele se movia, os sinetes

78. Em uma caixinha de madeira, havia dois tabletes de madeira de ébano. Um sacerdote agitava a caixinha, pegava um tablete em cada mão e colocava um deles sobre a cabeça do bode que estava à sua direita e o outro sobre o bode da esquerda. Em um tablete, estava escrito "a Jeová" e, no outro, "a Azazel" - termo cuja tradução ninguém conhece, mas é usualmente entendido como "emissário". Colocava-se uma fita vermelha no pescoço do bode sorteado para Jeová e uma fita dourada no pescoço do bode "emissário". Este era levado para o deserto, representando a remoção dos pecados do povo, e o outro morria.

ALGUNS TIPOS DE SACRIFÍCIOS

Pelos erros do príncipe

Pelos pecados ocultos

Por jurar, fazer mal a alguém

Pelo pecado por ignorância

Pela apropriação indébita

Por não devolver algo achado

Pela cura de um leproso

faziam barulho, o que dava certeza de que ele estava vivo. Caso morresse, todos saberiam pelo silêncio dos sinetes, e, como ninguém poderia entrar no Lugar Santíssimo, ele deveria ser puxado pela corda amarrada ao seu corpo.[79]

Outros tipos de sacrifícios

A lista dos sacrifícios gerais era grande e compreendia sacrifícios pelos erros do príncipe (Lv 4.22-26); pelos pecados ocultos, como tocar em alguma coisa imunda; por jurar, fazer mal a alguém; pelo ato de pecar por ignorância (Lv 5); por apropriação indébita; por não devolver ao proprietário algo achado (Lv 6.1-3); pela mulher, depois de haver dado à luz uma criança (Lv 12.1-6); pela cura de um leproso (Lv 14.20) etc.

A oferta sem sangue

Todas as ofertas eram sacrificiais, tipificando a morte vicária de Jesus na cruz do Calvário; porém, havia uma que não envolvia sangue: a oferta de manjares. Essa oferta tipificava Jesus em vida. Consistia em misturar azeite e sal à flor da farinha (o melhor da farinha), formando uma massa. Depois de pronta, jogava-se outra porção de azeite sobre a massa e a colocava no forno (Lv 2). Esse sacrifício fala, figurativamente, do "Pão da Vida" (Jo 6.35), que foi concebido pelo Espírito Santo (Mt 1.18), que aqui é representado pelo azeite. Depois de homem feito, o Espírito veio sobre Ele no batismo (Mt 3.16).[80]

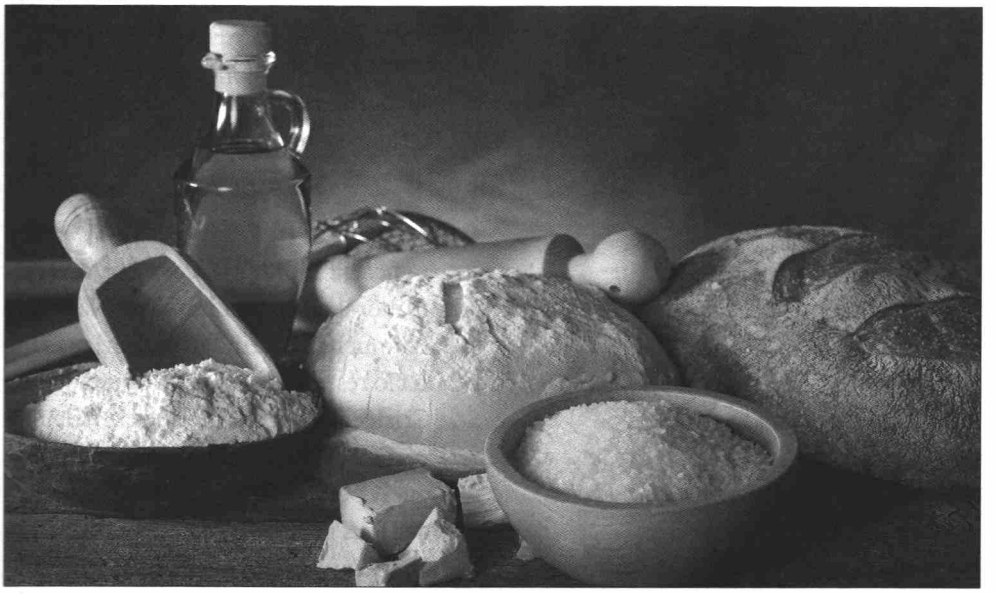
Teorias sobre a expiação

Ainda que se desconheçam hoje outras formas de pensar a respeito da doutrina bíblica da expiação, devemos, a título de conhecimento e informação histórica, conhecer algumas teorias a respeito dessa doutrina. Ela passou por três períodos distintos: o Patrístico; o Escolástico e a época da Reforma. Os proponentes dessas doutrinas a que nos referiremos a seguir eram teólogos/filósofos. Eles compreenderam a doutrina

79. Não há, na Bíblia, registro algum de fatalidade no dia do *Yom Kipur*.

80. MACKINTOSH. 2003. p. 30-39.

Pão da vida



da expiação mais à luz da razão do que da revelação. Devemos, de antemão, reconhecer que Deus veio preparando o terreno para a expiação de Seu Filho, por meio dos sacrifícios veterotestamentários. Assim, a Igreja e, particularmente, os apóstolos tiveram uma compreensão mais nítida sob a revelação dada pelo Espírito Santo, para transmitir-nos o que deveríamos saber sobre a necessidade de Jesus morrer na cruz. Hodge[81] discorre didaticamente sobre as cinco teorias da expiação, começando pela:

Visão ortodoxa

Referimo-nos à visão que é comum às igrejas latina, luterana e reformada e ao cristianismo evangélico em geral. Trata-se da doutrina que satisfaz todas as exigências de Deus em favor dos pecadores, pela morte de Cristo, o qual assumiu a penalidade que lhes era devida, reconciliando-os com Deus, dando-lhes o direito de receberem o Espírito Santo e a vida eterna, desde que reconheçam esse sacrifício e confessem Cristo Jesus como Salvador.

Teoria dos Pais da Igreja

Essa doutrina já é bastante estranha, porque vincula a obra expiatória de Cristo a um preço pago a Satanás. Pela morte, Cristo liberta-nos do poder de Satanás e remove-nos da sua escravidão. Depois que Adão perdeu para Satanás, este se tornou o legítimo dono da sua posteridade; por isso, é chamado de deus e príncipe deste mundo. Ainda

81. HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Hagnos, 2003. p. 904.

que essa doutrina tenha apresentado três formas diferentes de ser exposta, uma delas não considera Cristo o resgate pago a Satanás, mas o conquistador; em nossa natureza, Ele venceu Satanás. A terceira forma diz que, como Satanás se excedeu, provocando a morte de Cristo, sendo este isento de pecado, ele perdeu totalmente sua autoridade sobre os homens. Essa teoria foi sustentada por Orígenes, teólogo de Alexandria.

Teoria moral

Essa teoria atribui ao sacrifício de Jesus uma eficácia moral nos corações dos homens. Ensina que Jesus veio promover uma reforma moral no caráter humano. Não resta a menor dúvida de que a intenção de Cristo é que os homens mudem seu caráter; mas Ele não teria pago um preço tão alto por um significado tão restrito. Havia uma questão muito maior a ser resolvida do que o bom exemplo de Cristo: a culpa dos pecados. Essa culpa precisava ser paga para que a justiça fosse cumprida. Assim, essa teoria está muito aquém dos propósitos a que a expiação de Cristo se prestou. A perspectiva bíblica oferece outra leitura dessa teoria: demonstra um gesto de amor de Deus para com os homens: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16); "Vemos, porém, coroado de glória e de honra aquele Jesus que fora feito um pouco menor do que os anjos, por causa da paixão da morte, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todos" (Hb 2.9); "Porque para isto sois chamados, pois também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as suas pisadas, o qual não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano, o qual, quando o injuriavam, não injuriava e, quando padecia, não ameaçava, mas entregava-se àquele que julga justamente. Levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para o pecado, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas pisaduras fostes sarados" (1 Pe 2.21-24).

As teorias acerca da obra expiatória de Cristo Jesus não passam de especulações teológico-filosóficas a respeito do assunto, prevalecendo, evidentemente, o que as Escrituras têm a dizer sobre ela.

Teoria governamental

Essa teoria foi introduzida na Igreja por Grotius. Ela se parece, em parte, com a visão ortodoxa, mas difere em alguns pontos importantes. Por ser advogado, Grotius viu o caráter da expiação em uma perspectiva jurídica:

"Deus não deve ser considerado parte ofendida, nem credor, nem senhor, mas governante moral"[82]. Grudem explica a teoria de Grotius: "Essa teoria sustenta que Deus não tinha realmente de exigir castigo pelo pecado, mas, uma vez que Ele era Deus onipotente, poderia deixar de lado essa exigência e simplesmente perdoar os pecados, sem o pagamento de uma pena"[83]. Em outras palavras, Jesus não morreu para pagar o preço dos nossos pecados, mas para uma "exibição do desprazer de Deus contra o pecado"[84].

Hugo Grotius

Teoria mística

Concorda com a visão mística, a partir da qual a morte nos ensina a vencer o mal da sua natureza; fala também de uma união entre Deus e o homem, entre a natureza humana e a divina, não pela operação do Espírito Santo, conforme aprendemos nas Escrituras.

As teorias acerca da obra expiatória de Cristo Jesus não passam de especulações teológico-filosóficas a respeito do assunto, prevalecendo, evidentemente, o que as Escrituras têm a dizer sobre ela. Strong[85] fala de métodos para a Escritura representar a expiação com as seguintes analogias: moral, comercial, legal e sacrificial.

Analogia moral

A expiação é descrita como uma "provisão originada no amor de Deus", manifestando-a ao universo"[86], mas demonstra também um exemplo de "amor desinteresseiro de assegurar nossa libertação do egoísmo"[87].

---

82. HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Hagnos, 2003. p. 912.

83. GRUDEM. 2005. p. 485.

84. HODGE. 2001. p. 913.

85. STORNG, Augustus Hopkins. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Hagnos, 2003. v. II. p. 380-389.

86. Ibidem. p. 380.

87. Ibidem. p. 380.

Analogia comercial

Essa analogia está presente no termo *resgate*, que nada mais é do que troca, câmbio, redenção efetuada por um preço: "Porque o Filho do Homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos" (Mc 10.45); "O qual se deu a si mesmo em preço de redenção por todos, para servir de testemunho a seu tempo" (1 Tm 2.6); "Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus" (1 Co 6.20); "Fostes comprados por bom preço; não vos façais servos dos homens" (1 Co 7.23); "Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que, por tradição, recebestes dos vossos pais, mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado" (1 Pe 1.18,19).[88]

Analogia legal

A morte de Cristo cumpre a uma exigência legal, pois é um ato de obediência à lei que os pecadores transgrediram. Para ser a pessoa capaz de cumprir essa exigência em favor dos homens, o substituto teria de estar à altura dessa condição. Por isso, a Bíblia descreve tais credenciais em Cristo, a partir do Seu nascimento: "Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos" (Gl 4.4,5); "Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim, pela obediência de um, muitos serão feitos justos" (Rm 5.19); "Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós, porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro" (Gl 3.13); "Porque o fim da lei é Cristo para justiça de todo aquele que crê" (Rm 10.4).[89]

Analogia sacrificial

O trabalho contínuo dos sacerdotes, para representar o povo diante de Deus mediante uma oferta trazida pelo pecador, foi o que Jesus fez; com a diferença de que Ele é, ao mesmo tempo, o sacerdote e a oferta de sacrifício: "Mas, vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação, nem por sangue de bodes e bezerros, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção" (Hb 9.11,12); "E que, havendo feito a paz pelo sangue da cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão nos céus" (Cl 1.20).

---

88. STORNG, Augustus Hopkins. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Hagnos, 2003. v. II. p. 381.

89. Ibidem. p. 382.

O cumprimento da expiação

Todos os sacrifícios praticados no Antigo Testamento apontavam para o sacrifício perfeito de Jesus. Eles eram eficientes, porém não eficazes. Perdoavam pecados: "Também queimará sobre o altar toda a sua gordura como a gordura do sacrifício; assim, o sacerdote por ele fará expiação do seu pecado, e este lhe será perdoado" (Lv 4.26); Porém, não os removiam: "Porque é impossível que o sangue dos touros e dos bodes tire pecados" (Hb 10.4). Eram imperfeitos, por isso, repetidos.[90]

Não aperfeiçoavam ninguém

Os sacrifícios do passado aliviavam a culpa, mas não aperfeiçoavam ninguém. Serviam apenas de sombra do sacrifício perfeito que viria no futuro: "Porque, tendo a lei a sombra dos bens futuros e não a imagem exata das coisas, nunca, pelos mesmos sacrifícios que continuamente se oferecem cada ano, pode aperfeiçoar os que a eles se chegam" (Hb 10.1). O sacrifício de Jesus, além de perdoar, tem o poder de remover o pecado (purificação – 1 Jo 1.7) e de santificar (Hb 10.10).

O sacrifício perfeito

O autor de Hebreus prossegue demonstrando que o sacrifício de Jesus foi perfeito e definitivo. Os outros eram provisórios, por isso, não agradavam a Deus. O de Jesus é definitivo e plenamente satisfatório: "Holocaustos e oblações pelo pecado não te agradaram. Então, disse: Eis aqui venho (no princípio do livro está escrito de mim), para fazer, ó Deus, a tua vontade. Como acima diz: Sacrifício, e oferta, e holocaustos, e oblações pelo pecado não quiseste, nem te agradaram (os quais se oferecem segundo a lei). Então, disse: Eis aqui venho, para fazer, ó Deus, a tua vontade. Tira o primeiro, para estabelecer o segundo. Na qual vontade temos sido santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo, feita uma vez" (Hb 10.6-10).

O sacrifício obrigatório

Não haveria outra saída para a humanidade fora do sacrifício prestado por Jesus na cruz do Calvário. Nem mesmo Jesus foi atendido quanto à possibilidade de que fosse de outra forma: "(...) Meu Pai, se é possível, passa de mim este cálice (...)" (Mt 26.39), mas não era possível. Os discípulos no caminho de Emaús estranharam a morte de Jesus. Ao encontrarem-se com eles, Jesus exortou-os, dizendo: "(...) Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura, não convinha que o Cristo padecesse essas coisas e entrasse na sua glória?" (Lc 24.25,26). O sacrifício

---

90. STORNG, Augustus Hopkins. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Hagnos, 2003. v. II. p. 383.

expiatório de Jesus ocorreu por uma decisão peremptória do conselho divino[91]: "A este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, tomando-o vós, o crucificastes e matastes pelas mãos de injustos" (At 2.23; cf. Ap 13.8).

Ao longo da história do cristianismo, muita discussão foi feita, muitos livros foram escritos, e muitas opiniões foram levantadas sobre a doutrina da expiação: sua necessidade, sua importância e seus motivos. Para alguns teólogos de renome, o sacrifício de Jesus não passou de uma decorrência da incompreensão humana; para outros, apenas uma exemplo de vida abnegada. Há os que defendem Sua morte como um fato meramente moral; entretanto, à luz da revelação bíblica do Antigo Testamento, bem como da compreensão dos autores do Novo Testamento, entende-se claramente que a expiação era algo inexorável para a aproximação do homem decaído com o Deus Santo!

De todas as doutrinas bíblicas, não há qualquer outra que se assemelhe à da expiação. Esse é, sem dúvida, o assunto mais sério de que trata a Palavra de Deus. A expiação aponta para a gravidade do pecado. O pecado não é simplesmente algo que destrói o homem: é ofensa grave contra o Criador. Se Deus, na Sua infinita sabedoria, abriu um caminho de reconciliação por meio do sangue, cabe ao homem acatar, e não discutir, jamais, as razões divinas, as quais vão muito além do que o ser humano está preparado para entender!

Assim que o homem pecou, Deus providenciou o primeiro sacrifício. Há uma profunda mensagem embutida em um só versículo da Bíblia que deve ser observada: "E fez o Senhor Deus a Adão e a sua mulher túnicas de peles e os vestiu" (Gn 3.21). A primeira mensagem foi a da nudez. O pecado desnuda o homem diante de Deus, causando-lhe vergonha (Gn 3.9-3). A segunda e principal mensagem foi a de que animais morreram antes do homem, quando, ao homem, foi dada, em primeiro lugar, a sentença de morte. Por que, então, animais morreram antes? Porque os substitutos tomaram a vez dos culpados, anunciando já, desde o Éden, a importância de um sacrifício substitutivo.

O pleno cumprimento da vontade de Deus somente se daria quando o sacrifício que o satisfizesse fosse realizado. E esse dia chegou! O primeiro não foi apenas esquecido, mas tirado: "Então, disse: Eis aqui venho, para fazer, ó Deus, a tua vontade. Tira o primeiro, para estabelecer o segundo" (Hb 10.9). Não foi à toa que, além do véu do templo ser rasgado na hora em que Jesus expirou, o templo foi totalmente destruído poucos anos depois, transmitindo, assim, uma mensagem que, a partir do sacrifício de Jesus, ela se tornara inútil.

---

91. O conselho divino expressa a vontade peremptória de Deus. O termo grego para isso é *boulé*, "vontade", porém não no sentido de *thélema*, "vontade comum", de onde se traduz a vontade preceptiva de Deus. *Boulé* é também "conselho". Trata-se de uma ação inexorável, imutável, definitiva de Deus acerca de uma situação que nem mesmo a oração, por mais intensa que seja, pode mudar. Esse assunto é mais expandido no capítulo "Deus", na seção em que tratamos da "vontade de Deus".

A sentença do pecador

Deus sentenciou o pecador à morte. Apesar da morte física, a alma está condenada a uma existência eterna no mesmo lugar preparado para o diabo e seus anjos (Mt 25.41); entretanto, por causa da expiação, o destino do homem foi mudado. O sacrifício perfeito garantiu-lhe outro destino. Contudo, como pode um homem que ofendeu tanto a Deus com os seus pecados obter perdão e ter a presunção de morar no céu? É que toda a ira divina que recairia sobre ele caiu sobre Jesus, na cruz do Calvário: "Todavia, ao Senhor agradou o moê-lo (...)" (Is 53.10).

Só existe uma condição para tornar legítimo esse novo estado de pecador salvo: confessar sua culpa a Deus e requerer a Sua salvação, confessando o substituto como seu Senhor e Salvador (Rm 10.8-10). Essa mensagem precisa ser dita a todos os homens da terra.

Expiação limitada

Resta, no entanto, resolver-se uma questão sobre o alcance da expiação. Segundo a teologia calvinista, a expiação foi realizada em favor apenas dos eleitos. No entanto, essa afirmação põe em contradição textos que dizem que Jesus morreu por todos e deseja a sua salvação (At 17.30; Rm 1.16; 5.18; 11.32; 1 Tm 2.3,4; Mt 10.32; 11.28; Lc 12.8; Jo 1.12; 3.16; 6.40; Rm 1.5; Mt 7.24,26; 11.29; Lc 3.6; Jo 1.9; Cl 1.28). Há teólogos calvinistas renomados que defendem a expiação limitada. Alguns calvinistas chamam a expiação limitada de "expiação objetiva", "definitiva", "particular" ou "eficaz". Há, também, aqueles que, no curso de suas vidas, têm mudado de posição.

É imperioso ao pensamento calvinista buscar explicações para textos que põem em contradição as suas afirmações eletivas acerca da salvação. Que todos não serão salvos é fato óbvio.

É imperioso ao pensamento calvinista buscar explicações para textos que põem em contradição as suas afirmações eletivas acerca da salvação. Que todos não serão salvos é fato óbvio. As Escrituras não negam isso, antes, afirmam. Entretanto, o fato de que alguns são eleitos para a salvação, em detrimento de outros a quem Deus deliberadamente não quis para si, põe em xeque as Escrituras quando afirmam que Deus não faz acepção de pessoas. Foi necessário, aos calvinistas, criar uma saída para o "todos" – conforme as referências dadas anteriormente – para a doutrina da expiação, porque a conta

tem de fechar. Quando se estabelece uma tese, para firmar-se nela, é preciso cercar-se de argumentos que a sustentem. Os mais radicais deles insistem em dizer que a morte de Jesus não foi para todos. O apóstolo Paulo não pensava assim: "E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que por eles morreu e foi ressuscitado" (2 Co 5.15).

De acordo com a doutrina calvinista da expiação, se entendermos que Jesus morreu por todos, cairemos no universalismo[92], o que também não faz o menor sentido. O fato de Jesus ter morrido por todos implica que o Seu sangue é capaz de perdoar todos os pecadores que o confessam como Salvador. Daí a razão de a Igreja esmerar-se em evangelizar. A tarefa de salvar é do Senhor, a de alcançar o mundo é da Igreja (Rm 10.11-15).

Depois de perpassar pelos quatro volumes de *As Institutas,* de Calvino, em busca do assunto, fiquei surpreso por não encontrar alguma nota sobre a expiação limitada, diferentemente do que se encontra, com certa facilidade, em obras escritas por teólogos da persuasão calvinista. Fiquei mais aliviado ainda depois que li o que Roger Olson diz sobre a posição de Calvino acerca do assunto: "Antes de aprofundarmo-nos nas inúmeras fortes objeções à expiação limitada, é ao menos interessante observar que o próprio João Calvino não acreditava nessa doutrina"[93]. Ainda em defesa da acusação feita por calvinistas de que os arminianos são os que limitam a expiação, Olson responde: "O próprio Calvino não acreditava que a expiação salvasse alguém até que certas condições fossem atendidas – a saber, arrependimento e fé"[94].

Um dos grandes problemas que encontramos na "expiação limitada" é que, além de negar os textos "todos", anteriormente citados, ela tolhe a liberdade de um pregador sincero citar, genuinamente, a verdadeira afirmação bíblica de que Deus ama a todos (Jo 3.16).[95] Alguém disse que "o aprisionamento dogmático engessa o raciocínio e veta os horizontes do saber".

Os resultados da expiação

Nenhum homem se salvaria por suas obras de justiça, por maiores que elas fossem, e, ainda que desse todos os seus bens, não haveria preço para pagar o resgate da sua alma (Sl 49.8). Do mesmo modo como o sacrifício de Cristo é completo, suficiente e definitivo para o homem, aquele que rejeitar esse sacrifício pagará pelos seus pecados eternamente no inferno, sem poder, jamais, sair de lá.

O sacrifício de Cristo justifica. O sacrifício de Cristo isenta o homem de toda a culpa do pecado, tornando-o inocente (Ef 1.7; 2 Co 5.17,21).

---

92. O universalismo é a crença de que, no final, todos, sem exceção, serão salvos.

93. OLSON, Roger. *Contra o Calvinismo.* 1. ed. São Paulo: Editora Reflexões, 2013. p. 226.

94. Ibidem. p. 215.

95. Discorremos sobre a teologia calvinista no capítulo referente à Soteriologia.

O sacrifício de Cristo purifica. Além de conceder-nos perdão, o sangue de Jesus tem o poder de purificar-nos: "Mas, se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado" (1 Jo 1.7).

O sacrifício de Cristo inclui-nos na nova aliança. Deus havia estabelecido algumas alianças com o Seu povo no passado, porém, a melhor aliança é a atual (Hb 7.22; 8.6). O sacrifício de Jesus incluiu-nos nessa aliança, reunindo pessoas de todas as etnias e classes sociais, fazendo delas um novo povo, que goza de comunhão plena com Ele (1 Co 11.25).

Garante ao homem vida eterna. O que mais um ser humano poderia desejar? Que recompensa maior na vida alguém poderia desfrutar do que receber um prêmio gigantesco que lhe garantisse a possibilidade de jamais morrer, sentir dor, tristeza ou qualquer preocupação (Ap 21.4), em um lugar maravilhoso e sem ter de pagar nada por ele? (Jo 3.14-16).

Entre a morte e a ressurreição

De acordo com o Credo Apostólico[96], lê-se que Jesus "foi crucificado, morto e sepultado. Desceu ao inferno. Ao terceiro, dia ressuscitou dentre os mortos". Jesus desceu mesmo ao inferno? E, se desceu, por que foi até lá? A menção, repetida por meio de um credo de que Jesus desceu ao inferno, formou uma mentalidade suspeita acerca de Cristo – até mesmo entre teólogos reformados –, como se a cruz não bastasse, e Ele tivesse de sofrer, por um tempo, ainda que pequeno, um castigo também no inferno, para que a Sua obra fosse completa.

---

96. O Credo Apostólico nasceu no terceiro século e foi desenvolvendo-se aos poucos, até o ano de 750, mas nunca sofreu o crivo de algum concílio. O credo diz: "Creio em Deus Pai, Todo-poderoso, criador do céu e da terra. E em Jesus Cristo, Seu Filho unigênito, nosso Senhor, o qual foi concebido pelo Espírito Santo, nasceu da virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado. Desceu ao inferno. Ao terceiro dia, ressuscitou dentre os mortos. Subiu ao céu e assenta-se à direita de Deus Pai, Todo-poderoso. Dali virá para julgar vivos e mortos. Creio no Espírito Santo, na santa igreja cristã, na comunhão dos santos, no perdão dos pecados, na ressurreição do corpo e na vida eterna. Amém".

Alguns textos bíblicos são usados para dar apoio à descida de Jesus ao inferno: "Pois não deixarás a minha alma no Hades, nem permitirás que o teu Santo veja a corrupção" (At 2.27); "Mas a justiça que é pela fé diz assim: Não digas em teu coração: Quem subirá ao céu (isto é, a trazer do alto a Cristo)? Ou: Quem descerá ao abismo (isto é, a tornar a trazer dentre os mortos a Cristo)?" (Rm 10.6,7); "Pelo que diz: Subindo ao alto, levou cativo o cativeiro e deu dons aos homens. Ora, isto – ele subiu – que é, senão que também, antes, tinha descido às partes mais baixas da terra?" (Ef 4.8,9); "No qual também foi e pregou aos espíritos em prisão, os quais em outro tempo foram rebeldes, quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca; na qual poucas (isto é, oito) almas se salvaram pela água" (1 Pe 3.19,20); "Porque, por isto, foi pregado o evangelho também aos mortos, para que, na verdade, fossem julgados segundo os homens, na carne, mas vivessem segundo Deus, em espírito" (1 Pe 4.6).

Para cada texto, há uma explicação significativa para o uso da palavra *inferno*, ou *hades*, e, se não forem levadas em conta, podem, sim, suscitar a ideia de que Jesus tenha sofrido os horrores daquele lugar, quando, na verdade, não foi isso o que aconteceu. No texto de Atos 2.27, Pedro está citando o Salmo 16.10. A palavra *hades*, traduzida, às vezes, como "inferno", quer dizer "lugar dos mortos" ou simplesmente "sepultura", de acordo com o contexto. Por que o Messias se alegraria por saber que iria para lá, se aquele lugar era de sofrimento? O versículo 26 diz: "Por isso, se alegrou o meu coração, e a minha língua exultou; e ainda a minha carne há de repousar em esperança".

O apóstolo Paulo faz uma pergunta que abrange os extremos, céu e abismo, para falar de dois lugares ocupados por Jesus: céu, antes da Sua vinda e do abismo; morte, não significando, com isso, necessariamente o inferno, mas o lugar dos mortos: "Mas a justiça que é pela fé diz assim: Não digas em teu coração: Quem subirá ao céu (isto é, a trazer do alto a Cristo)? Ou: Quem descerá ao abismo (isto é, a tornar a trazer dentre os mortos a Cristo)?" (Rm 10.6,7). A ênfase da pergunta recai sobre a justiça que vem pela fé no Filho de Deus.

Em Efésios 4.8,9, Paulo fala a respeito de Jesus ter descido às partes mais baixas da terra. Há aqui duas formas de interpretação. Wayne Grudem[97] entende que essa descida "às partes mais baixas da terra" faz alusão ao nascimento de Jesus, de acordo com o texto da NIV[98], onde se lê que Ele desceu "às regiões terrenas inferiores". Essa interpretação parece um tanto peculiar, não coincidindo com a da maioria dos intérpretes. Ele desceu, sim, às partes mais baixas da terra[99], não para sofrer, mas para cumprir um propósito previsto, como veremos mais adiante.

---

97. GRUDEM. 2005. p. 492.

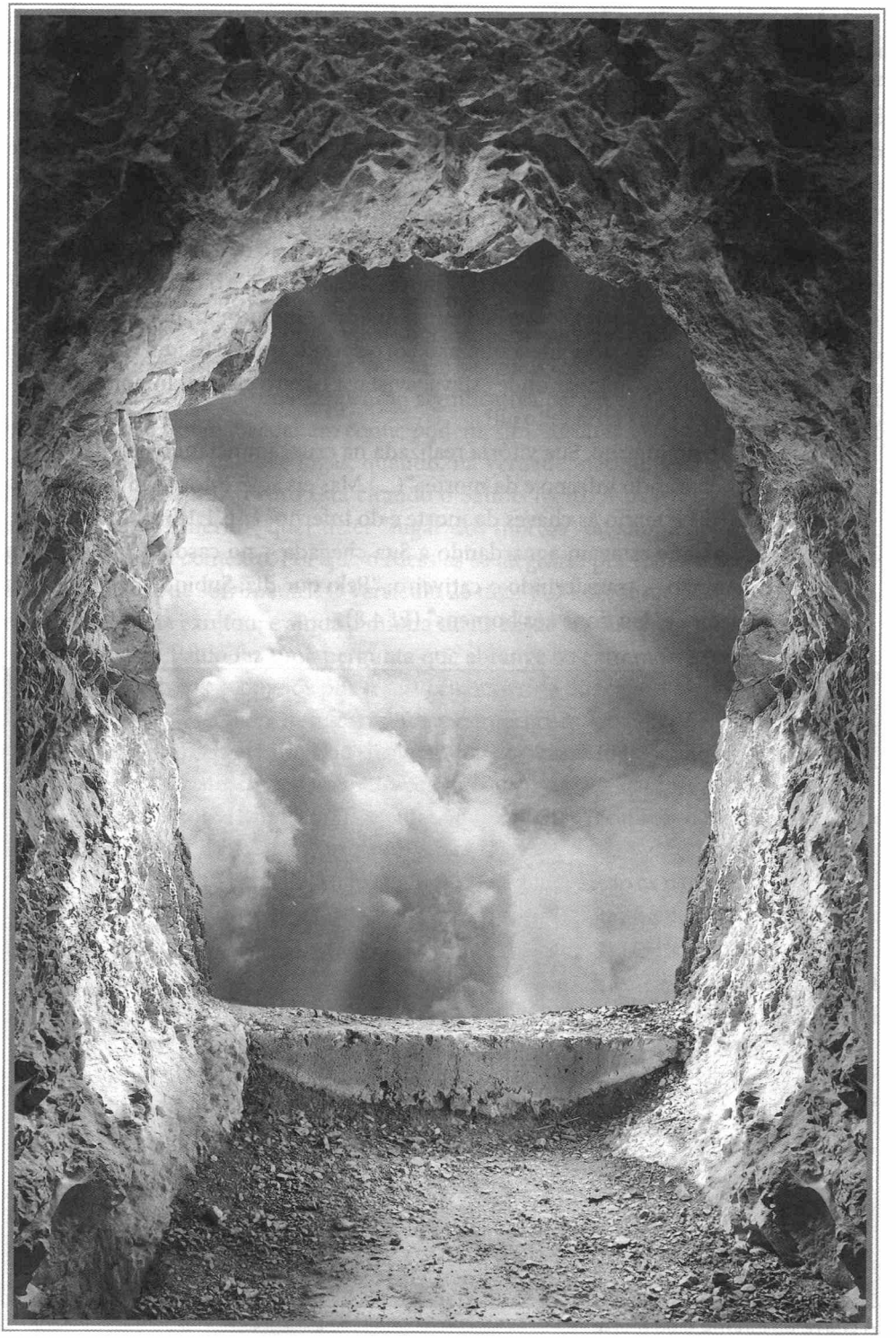
98. NIV - Nova Versão Internacional da Bíblia em Inglês; em Português, o texto da NVI diz que Ele havia "descido às profundezas da terra".

99. A expressão "partes mais baixas da terra" era como se entendia, geograficamente, o inferno, do mesmo modo como se entende que o céu é para cima. O fato é que tanto o céu como o inferno, embora sejam lugares, e não ideias, estão em uma dimensão espiritual que não podem ser mensurados pela lógica humana, que depende de referências para situar-se.

O texto de 1 Pedro 3.18-20, que também fala da pregação de Jesus aos mortos, remonta à época dos antediluvianos. O texto completa-se com 4.6, que diz que Jesus "pregou aos mortos", pressupondo uma segunda oportunidade, conforme entendem alguns. No entanto, por mais solidários que esses intérpretes se mostrem com aqueles que foram postos no inferno, devemos levar em conta que não há mais oportunidade para quem lá está (Lc 16.19-31; Hb 9.27). Além do mais, aqueles antediluvianos foram "rebeldes", o que pressupõe que eles tivessem resistido à pregação de Noé (2 Pe 2.5). Ademais, o *hades* espiritual era um lugar separado entre "seio de Abraão" e o "inferno" propriamente dito, conforme se depreende da parábola do rico e o Lázaro contada por Jesus (Lc 16.19-31). Jesus jamais usaria de uma figura de linguagem, por mais didática que fosse, para implantar uma ideia que não correspondesse à verdade. O rico estava em tormentos (v. 23) e, do lugar onde estava, avistava Lázaro clamando por oportunidade. O que, então, Jesus teria feito ali?

1. Foi proclamar, no inferno, Sua vitória realizada na cruz, anunciando Seu triunfo.
2. Foi tomar as chaves do inferno e da morte: "(...) Mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. Amém! E tenho as chaves da morte e do inferno" (Ap 1.18; cf. 1 Co 15.54).
3. Foi ter com os que estavam aguardando a Sua chegada – no caso, os que estavam no seio de Abraão –, transferindo o cativeiro: "Pelo que diz: Subindo ao alto, levou cativo o cativeiro e deu dons aos homens" (Ef 4.8).

A chave do inferno e da morte



A RESSURREIÇÃO DE JESUS

A ressurreição de Cristo constituiu o tema mais enfatizado pelos pregadores da Igreja primitiva (At 17.18,32). Foi um marco histórico; sinal incontestável da divindade de Jesus; motivo de entusiasmo e o mais forte argumento da veracidade do evangelho a ser pregado pelo mundo. A ressurreição não apenas servia de evidência histórica, mas também era a garantia de que [Seu discípulos] estavam sendo acompanhados por aquele que ressuscitara (Mt 28.20).

A ressurreição de Jesus diferencia o cristianismo das demais religiões; embora todas elas apresentem um conteúdo doutrinário de esperança, ética e rituais, com o intuito de oferecer algo que satisfaça o coração do homem, nenhuma delas tem o seu precursor vivo. Os fundadores de todas as religiões mundiais morreram; Jesus, porém, está vivo. A ressurreição de Jesus é também a garantia da ressurreição dos que morreram nele. Os sistemas doutrinários das religiões mundiais dispõem de padrões éticos que apregoam o bem comum, mas, também, alguns deles trabalham com rituais repetitivos e crendices estranhas. Quanto à conceituação de Deus, há grandes variações entre as religiões. Para os monoteístas, como o judaísmo e o islamismo, há um só Deus, do mesmo modo entendido pelo cristianismo. Para as religiões panteístas, há deus nas forças da natureza. Os orientais tendem a identificar um deus como resultado de uma energia. Algumas religiões creem na vida após a morte, outras não. Algumas são restritas, outras são abertas ao diálogo.

O cristianismo bíblico difere de todas as religiões, porque não dispõe de sistemas ritualísticos, nem de crendices que escravizam o indivíduo. É simples e prático. Os cultos evangélicos são feitos de pregação, testemunhos, música, oração e comunhão entre os crentes, em clima de cordialidade, alegria e amor. O que garante sua vitalidade é o fato de seu Senhor estar vivo e presente em cada reunião (Mt 18.20). O cristianismo, como religião, jamais daria certo se o seu fundador não estivesse vivo. Ele funciona por causa dessa interatividade entre Jesus e os crentes. Por isso, o apóstolo Paulo afirma que, se Cristo não houvesse ressuscitado, nossa pregação e nossa fé de nada valeriam (1 Co 15.14).

Quem ousaria falar de sua própria morte e respectiva ressurreição? Ou teria de ser louco ou muito seguro do que estivesse afirmando. No caso de Jesus, a plena certeza de que isso aconteceria dava-lhe segurança para anunciar ambos os eventos. Assim que falou pela primeira vez sobre a Igreja que fundaria, anunciou também a Sua morte e ressurreição. Isso causou forte reação em Pedro que, em um rompante de "amigo protetor", ousou repreendê-lo, afirmando que, de modo algum, isso lhe aconteceria (Mt 16.21,22). Como nenhuma ação audaciosa contra a divindade vem desacompanhada, Jesus imediatamente repreendeu Satanás, que explorava a boa intenção do seu discípulo ainda desinformado (Mt 16.23). Que notícia melhor poderia haver do que aquela que as mulheres ouviram do anjo quando foram ao sepulcro e o viram vazio? O anjo disse-lhes: "Já ressuscitou, não está aqui (...) (Mc 16.6). A ressurreição tornou-se o carro-chefe das pregações apostólicas. Em Atenas, confundiram Jesus com a ressurreição, como se fossem duas pessoas: provavelmente marido e mulher. Os gregos acreditavam em muitos deuses; para eles, todo deus era casado com uma deusa (At 17.18). A ressurreição de Jesus estabelece os fundamentos da doutrina cristã como a da justificação (Rm 4.25) e a da ressurreição dos salvos, no dia do arrebatamento (1 Co 15.20-23).

A ressurreição de Cristo constituiu o tema mais enfatizado pelos pregadores da Igreja primitiva (At 17.18,32). Foi um marco histórico; sinal incontestável da divindade de Jesus; motivo de entusiasmo.

Predições sobre a ressurreição no Antigo Testamento

No Antigo Testamento, há várias profecias acerca da ressurreição (Is 26.19; Dn 12.2; Os 6.1,2; 13.14). Esse era um assunto com o qual os judeus não sabiam lidar, por não o encontrarem na Torá, onde estão as bases doutrinárias da sua religião. Tais profecias seriam

compreendidas pela Igreja, anos mais tarde. Quanto à ressurreição de Jesus, há alguns Salmos que foram, inclusive, mencionados por escritores do Novo Testamento (Sl 16.9,10; cf. At 2.24-31; 13.34-37; Sl 22.22-31; cf. Hb 2; Sl 118.22-24; cf. At 4.10,11). Além disso, há também figuras tipológicas que apontam para a ressurreição de Jesus, como as duas aves do sacrifício: uma morta, e a outra viva, sendo esta banhada no sangue da morta (Lv 14.4-7). A vara de Arão que floresceu (Nm 17.8; cf. Hb 4.14; 5.4-10) e as primícias (Lv 23.10,11; cf. 1 Co 15.23).

Jesus e os discípulos no caminho para Emaús

O apóstolo Paulo era contemporâneo dos acontecimentos relativos à pessoa de Jesus, embora sua conversão se desse depois de Jesus ascender ao céu. Seu relacionamento pessoal com os discípulos que conviveram com Jesus e que presenciaram Sua morte, ressurreição e ascensão, era-lhe suficientemente claro e forte, para que tivesse plena confiança nos relatos e absoluta certeza dos efeitos da ressurreição. Entretanto, Paulo vale-se de um expediente ainda mais interessante: as Escrituras. Ele agiu como Jesus, junto aos discípulos que caminhavam para Emaús: em vez de fazer-se notar por eles que Ele era o próprio Senhor acerca de quem conversavam, preferiu citar-lhes as Escrituras: "E, começando por Moisés e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras" (Lc 24.27). Acerca da ressurreição, o apóstolo diz: "Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras" (1 Co 15.3,4).

Ao evocar as Escrituras, em vez das testemunhas oculares do evento, o apóstolo chama a atenção dos leitores para o fato de que a ressurreição de Jesus era um acontecimento predito, quer tipológica, quer literalmente, nas Escrituras (Lv 14.53; Sl 2.7; cf. At 13.33; Is 55.3; cf. At 13,34; Sl 16.10; cf. At 13.35).[100]

---

100. CULVER, Robert D. *Teologia Sistemática:* Bíblica e Histórica. São Paulo: Shedd Publicações, 2005. p. 800.

As predições feitas pelo próprio Cristo

Jesus tinha plena consciência de Sua morte e Sua ressurreição, e isso Ele não escondia, antes falava sobre o assunto abertamente com os discípulos que tinham dificuldade de entender: "Desde então, começou Jesus a mostrar aos seus discípulos que convinha ir a Jerusalém, e padecer muito dos anciãos, e dos principais dos sacerdotes, e dos escribas, e ser morto, e ressuscitar ao terceiro dia. E Pedro, tomando-o de parte, começou a repreendê-lo, dizendo: Senhor, tem compaixão de ti; de modo nenhum te acontecerá isso" (Mt 16.21,22; cf. 17.22,23; Mc 9.31; Lc 9.22).

A aparência do Cristo ressurreto

Todos nós sabemos que Jesus ressuscitou no mesmo corpo em que nascera; entretanto, há vários tratados teológicos que discutem a aparência de Jesus após a ressurreição. Maria Madalena confundiu-o com o jardineiro (Jo 20.15). Os discípulos, no caminho de Emaús, só entenderam que era o próprio Jesus quem falava com eles no instante em que Ele partiu o pão (Lc 24.30,31). Marcos diz que Ele se manifestou "em outra forma" aos discípulos pelo caminho (Mc 16.11). Lucas diz que "(...) os olhos deles estavam como que fechados para que o não conhecessem" (Lc 24.16). Talvez tenham guardado a última imagem de Jesus na cruz; por isso, houve dificuldade de identificá-lo com aparência restaurada em tão pouco tempo.

A última vez que os discípulos viram Jesus foi na cruz. Lá, Ele estava desfigurado, com o rosto inchado e ensanguentado. Como a última imagem é a que fica fortemente registrada na mente, era-lhes difícil identificá-lo, ainda que em tão pouco tempo. É possível, também, que Seu rosto estivesse com aparência até mais jovial do a que demonstrava aos 33 anos de idade. Contudo, há de se pensar também que, assim como Sua aparência foi mudada por um breve período de tempo na transfiguração (Mt 17.2), Ele podia irradiar um novo brilho no rosto. Foi confundido tanto com um jardineiro como com um fantasma, mas, em nenhum dos casos, a dúvida permaneceu. Ele conservava as propriedades humanas: carne e osso, tanto que pediu para ser tocado (Jo 20.27) e, à beira do mar de Tiberíades, comeu com eles (Jo 21.12-15). A grande diferença é que esse corpo estava revestido de incorruptibilidade (1 Co 15.50-53). O apóstolo João, em seu arrebatamento na ilha de Patmos, viu o Senhor Jesus na Sua glória já de modo especial: cabelos, olhos, pés e voz diferentes (Ap 1.13-15).

Havia uma séria questão, que não podia ficar sem a devida resposta, concernente ao corpo humano de Jesus: a que envolvia a teoria gnóstica sobre Sua corporeidade física. Os gnósticos negavam a materialidade do corpo de Jesus, porque acreditavam que o mal está na matéria; logo, Jesus não podia ter um corpo material. Para explicar a pessoa visível de Jesus, criaram a doutrina *docética*, do grego *dokéos*, "aparência". Jesus seria como um fantasma: apenas uma aparência humana, sem que, de fato, fosse isso.

João teve a preocupação de desmentir essa versão, dizendo: "Todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa que Jesus veio em carne não é Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que está já no mundo"(1 Jo 4.2,3).

> O corpo era parte permanente da natureza humana do nosso Senhor, no qual Ele ascendeu ao céu e retornará, como deixaram claro os mensageiros celestiais quando ocorreu Sua ascensão (At 1.10,11). Os credos antigos enfatizavam (talvez em resposta aos erros já vigentes, então, da parte dos gnósticos e dos maniqueus) que a Sua ressurreição tinha sido "na carne" ou "no mesmo corpo" (em paralelo a "sofreu na carne; e ressuscitou".[101]

Os antigos Credos da Igreja, como a Confissão Belga, a Confissão de Westminster, a Confissão Batista, a Confissão Congregacional, a Metodista e muitas outras faziam sempre questão de salientar o fato de que a ressurreição de Jesus ocorrera de modo corpóreo, físico, como meio de assegurar à Igreja a verdade sobre a ressurreição, protegendo-a da heresia gnóstica e maniqueísta. A divindade de Jesus nunca, jamais, negou a Sua humanidade.[102]

O fato da ressurreição

A morte não podia vencer a vida. Aquele que declarou ser a ressurreição e a vida não podia ficar detido na morte (Jo 11.25). Além do mais, houve um poder extraordinário que atuou no terceiro dia, levantando Jesus de entre os mortos (Ef 1.19,20).

A ressurreição é um fato que desafia as leis da natureza. A desintegração do corpo, após três dias, é suficiente para que não haja possibilidade de ele retornar à vida. Certamente, foi por isso que Jesus esperou o tempo passar para chegar à aldeia de Betânia, a fim de ressuscitar Lázaro após quatro dias de sepultamento. O milagre não podia dar margem a qualquer ideia de fraude.

Há várias teorias contrárias à ressurreição de Jesus. Berkhof apresenta quatro delas: a *teoria da falsidade*. Essa teoria diz que os discípulos de Jesus roubaram o Seu corpo e disseram que Ele ressuscitou (Mt 28.11-15). Houve realmente fraude; entretanto, não por parte dos discípulos de Jesus, mas das autoridades que compraram os soldados para que eles mentissem acerca da ressurreição, alegando que os discípulos de Jesus haviam roubado o Seu corpo. A *teoria do desmaio*, segundo a qual Jesus não teria morrido, apenas desfalecido, em razão de tanto sofrimento. A *teoria da visão* diz

---

101. CULVER, Robert D. *Teologia Sistemática:* Bíblica e Histórica. São Paulo: Shedd Publicações, 2005. p. 805.

102. Ibidem. p. 806.

que a vontade que os discípulos de Jesus tinham de que Ele ressuscitasse era tanta que, a começar por Maria Madalena, mulher temperamental, todos se deixaram ludibriar pela ideia de que também o viram. Como isso seria possível se eles mesmos não esperavam pela ressurreição de Jesus? – questiona Berkhof. Por último, as *teorias místicas*, que somam algumas concepções importadas da Babilônia e de outros países orientais acatadas pelo judaísmo.[103]

As primeiras reações da ressurreição

Três mulheres, Maria Madalena, Salomé e Maria, mãe de Tiago, foram ao sepulcro para perfumar o corpo de Jesus (Mc 16.1). Das três, a primeira a ver Jesus ressuscitado foi Maria Madalena; foi dada a ela a primeira incumbência de anunciar a ressurreição aos discípulos (Mc 16.10). A primeira reação dos discípulos foi a descrença (Mc 16.11). O mesmo ocorreu com outros discípulos, cujos nomes desconhecemos (Mc 16.13). O último foi Tomé, que manifestou maior incredulidade ainda (Jo 20.25). Entretanto, a descrença dos discípulos foi facilmente resolvida: eles não permaneceram nela; mas a mentira dos soldados que vigiavam o túmulo, os quais foram pagos para negarem a ressurreição, foi um dos golpes mais cruéis dos judeus contra o Messias (Mt 28.11-15).

Jesus ressuscitou no mesmo corpo, porém, glorificado. A glorificação do corpo de Jesus não ocorreu depois que Ele ascendeu aos céus, mas quando saiu da sepultura. Alguns fatos comprovam isso.

Resultados da ressurreição

Jesus ressuscitou no mesmo corpo, porém, glorificado. A glorificação do corpo de Jesus não ocorreu depois que Ele ascendeu aos céus, mas quando saiu da sepultura. Alguns acontecimentos comprovam isso, como o fato de Ele impedir de ser tocado por uma mulher, porque ainda não havia subido para o Pai em um corpo glorificado, retornando para o Seu próprio lugar, o céu, onde um dia nos encontraremos com Ele (Jo 17.24). A ressurreição foi a mais extraordinária prova da superioridade desse homem maravilhoso e foi necessária pelas seguintes razões:

Por causa da justificação. A salvação do pecador é assunto tratado no

103. BERKHOF. 2004. p. 320,321.

tribunal divino. Não é algo banal, nem subproduto da imaginação humana. Trata-se de uma absolvição de efeitos eternos (infindos). A ressurreição de Cristo garante esse efeito jurídico sobre o pecador perdoado.

Para elevar a Igreja às regiões celestiais. Antes mesmo do grande dia do arrebatamento, a Igreja já está posicionada, geograficamente, nas regiões celestiais em Cristo, devido à ressurreição (Ef 1.19-22).

Para constituir Cristo como cabeça da Igreja. Jesus prometeu edificar a Sua Igreja. Isso aconteceu no dia de Pentecostes (At 2). A Igreja não passaria de mais uma instituição religiosa, como tantas outras, se Cristo não houvesse ressuscitado. Nessa condição, Ele tornou-se cabeça da Igreja (Ef 1.19-22).

RAZÕES PARA A NECESSIDADE DA RESSURREIÇÃO

Por causa da justificação

Para elevar a Igreja às regiões celestiais

Para constituir Cristo como cabeça da Igreja

Para ser as primícias dos que dormem

Para garantir a ressurreição dos salvos

Para determinar o Dia do Senhor

Para ser as primícias dos que dormem. Embora haja, na Bíblia, exemplos de pessoas que ressuscitaram, todas tornaram a morrer. Tais ressurreições ocorreram como milagres temporais; entretanto, com Jesus foi diferente. Ele foi o primeiro a ressuscitar em um corpo glorioso e, com esse corpo, ascender aos céus, para garantir a ressurreição futura dos salvos (1 Co 15.20-23).

Para garantir a ressurreição dos salvos. As profecias acerca da ressurreição citadas anteriormente, não compreendidas pelos judeus, ganharam clareza na ressurreição de Jesus, que fez promessas de ressurreição aos salvos. Isso ocorrerá no glorioso dia do arrebatamento da Igreja. Jesus foi o primeiro; para nós, os salvos, essa porta agora está aberta (1 Ts 4.13-17; Fp 3.20,21; 1 Co 15). Uma vez com Cristo nos céus, seremos semelhantes a Ele (2 Co 3.18; 1 Co 13.12).

Para determinar o Dia do Senhor. O sábado judaico, tão defendido por uma parte de cristãos ainda hoje, nunca foi imposto aos gentios (Êx 31.16,17) e nunca foi doutrina para a vida da Igreja; pelo contrário, há textos que combatem a insistência dos judaizantes em querer situá-lo na vida da Igreja (Cl 2.16,17). Como Jesus ressuscitou em um domingo, esse dia passou a vigorar como o Dia do Senhor (Mc 16.9). Que notícia melhor do que essa um ser humano poderia desejar? Haveria, no mundo todo, algo que conquistasse mais o coração dos homens do que a certeza de que Jesus ressuscitou e estendeu essa possibilidade aos que creem nele? Por que, então, preocupamo-nos

com tantas coisas efêmeras quando temos de Deus essa certeza? (1 Co 15.14,48-54). Os sabatistas acusam toda a cristandade de não guardar o dia do sábado, obrigatoriamente exigido do povo judeu. Alegam que foi por influência pagã que o domingo se instituiu o dia do descanso. Na verdade, foi a ressurreição de Jesus, na manhã de um domingo, que deu a esse dia o *status* de "dia do Senhor" (Mt 28.1).

Os quarenta dias na terra

A Bíblia não desenvolve esse assunto, mas é curioso que Jesus já não andasse com os discípulos após a ressurreição. Antes de morrer, nosso Senhor esteve diariamente com eles. Quando o Evangelho de João, no último capítulo, narra a pesca maravilhosa, ele relata que aquela era a terceira vez que Jesus se manifestou aos discípulos depois de haver ressuscitado (Jo 21.14) e dá-nos a entender que Cristo não tinha mais um endereço fixo na terra, onde pudesse ser encontrado. Paulo diz que, uma vez, Ele apareceu a mais de quinhentos irmãos (1 Co 15.6), fazendo-nos compreender que estavam todos juntos, talvez em uma reunião. O que alguns estudiosos do assunto supõem é que Jesus, desde que ressuscitara, tinha a Sua morada no céu, indo e vindo, até que fosse para lá definitivamente.

A EXALTAÇÃO DE CRISTO

Há um importante contraste entre a humilhação de Cristo (Sua dor e Sua morte) e o Seu ressurgimento dentre os mortos com poder; e, por fim, na presença de alguns discípulos, ascende aos céus, até ser envolvido em uma nuvem de glória que o absorve (At 1.9-11). No céu, para onde foi, ocupa posição de elevada honra junto ao Pai, exercendo domínio sobre todas as coisas.

A ascensão de Jesus

Após ter vivido 33 anos sobre a terra, cumprido cabalmente o Seu ministério e treinado os discípulos para darem continuidade ao que Ele iniciara, Jesus não tinha mais razão para estar fora de casa. Finalmente, ascendeu aos céus: "E, quando dizia isto, vendo-o eles, foi elevado às alturas, e uma nuvem o recebeu, ocultando-o a seus olhos. E, estando com os olhos fitos no céu, enquanto ele subia, eis que junto deles se puseram dois varões vestidos de branco, os quais lhes disseram: Varões galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir" (At 1.9-11).

Um corpo de glória

O corpo da ressurreição era exatamente o mesmo que possuía desde o Seu nascimento. Os discípulos, ao verem Jesus pela primeira vez, depois da ressurreição, pensavam ver

um fantasma. A diferença é que o corpo de Jesus foi revestido de incorruptibilidade (1 Co 15.50-53). Nesse corpo, Ele podia surgir em um lugar que estivesse fechado (Jo 20.19) e também podia desaparecer instantaneamente (Lc 24.31). Também no corpo humano ressurreto, Jesus comeu com os discípulos (Jo 21.12-15; Lc 24.30; Jo 24.43) e permitiu que os discípulos tocassem nele para terem certeza de que não era um fantasma (Jo 24.39). Mas, com a ascensão, a glorificação atingiu o seu auge. "Podemos afirmar, entretanto, que, em certo sentido, a ascensão foi a consumação da ressurreição."[104]

Testemunhas oculares

Depois de Sua ressurreição, ao longo de 40 dias em que ainda esteve na terra, Jesus foi visto por muita gente. Paulo, escrevendo aos Coríntios, entre os anos 55 e 56 da era cristã, declara a respeito de um grupo de irmãos que, provavelmente, estavam juntos e o viram: "Depois, foi visto, uma vez, por mais de quinhentos irmãos, dos quais vive ainda a maior parte, mas alguns já dormem também" (1 Co 15.6).

Outras aparições

Após Sua ascensão, Jesus foi visto por Estêvão, no instante do Seu martírio, que declarou: "Eis que vejo os céus abertos e o Filho do Homem, que está em pé, à mão direita de Deus" (At 7.56). Foi visto por Saulo de Tarso no caminho de Damasco, quando empreitava uma jornada de perseguição contra os cristãos de lá (At 9.3-9), e foi visto também por João, na revelação que teve do Apocalipse, quando esteve exilado na ilha de Patmos (Ap 1.12,17).

A posição de Jesus no céu

Ao retornar para o Seu lar de glória, Jesus assumiu novamente a Sua posição, porém, mais exaltado do que antes. Ao declarar: "É-me dado todo o poder no céu e na terra" (Mt 28.18), Jesus dá-nos a entender que, após a Sua jornada na terra, Ele foi recebido com maior exaltação no céu. De fato, antes, Ele ocupava lugar de honra ao lado do Pai; depois de ter realizado a obra de redenção na terra, tornou-se Salvador: "Pelo que também Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo o nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai" (Fp 2.9,11).

Está assentado à direita do Pai (Hb 1.3). O escritor da Carta aos Hebreus faz questão de estabelecer ainda uma comparação entre Jesus e os anjos. Certamente, estava pensando naqueles anjos usurpadores, que desejaram a mesma posição agora ocupada

---

104. MYATT; FEREIRA. 2007. p. 642.

pelo Filho: "E a qual dos anjos disse jamais: Assenta-te à minha destra (...)?" (Hb 1.13). Tem domínio sobre as hostes angelicais (1 Pe 3.22; Cl 2.10).

Tem Seu nome exaltado. Depois de ter-se submetido a uma condição de esvaziamento, humilhando-se até a morte de cruz, o Senhor Jesus foi exaltado soberanamente. Seu nome tornou-se o maior e mais famoso nome da história. Jamais houve alguém cujo nome fosse digno de tanta exaltação, tanto na terra como no céu (Fp 2.9). O nome de Jesus é o único que pode ser exaltado no céu, sem que ofenda a honra do Pai; afinal, o Pai compartilhou com o Filho a mesma glória (Jo 8.54; 17.5). Um dia, todo joelho se dobrará, e toda língua confessará o excelso nome de Jesus (Fp 2.10,11).

Exerce o domínio sobre tudo

Todas as coisas no universo estão submetidas às Suas determinações (Ef 1.22). Essa é uma declaração que pode parecer estranha quando se veem tantas coisas ruins acontecendo na terra, mas o escritor de Hebreus explica: "Todas as coisas lhe sujeitaste debaixo dos pés. Ora, visto que lhe sujeitou todas as coisas, nada deixou que lhe não esteja sujeito. Mas, agora, ainda não vemos que todas as coisas lhe estejam sujeitas" (Hb 2.8). Confira a mesma explicação dada por Paulo (1 Co 15.27,28). É, portanto, só uma questão de tempo. Há um quadro apocalíptico sendo montado diante de nós. Haverá um momento em que Aquele que tem o domínio de todas as coisas desatará os selos do livro dos sete selos, e, nele, os juízos sobre a terra se desencadearão (Ap 5.2-5; cap. 6). Esse é o começo de um tempo preparatório para que Ele se aposse completamente do mundo.

Principal ocupação de Jesus. Enquanto a Igreja permanece no mundo, a principal atividade do Filho junto ao Pai é de intercessor: "Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles" (Hb 7.25).

Tem Seu nome exaltado. Depois de ter-se submetido a uma condição de esvaziamento, humilhando-se até a morte de cruz, o Senhor Jesus foi exaltado soberanamente. Seu nome tornou-se o maior e mais famoso nome da história.

Jesus, o Rei que voltará

Em Sua missão na terra, Jesus veio abrir um novo caminho para um povo que desconhecia a Sua revelação especial, transmitida, até então, somente ao povo de Israel pelos profetas. O Seu propósito era manifestar o Seu Reino e incluir nele pessoas de todas a raças, tribos, línguas e nações (Ap 5.9). Os preparativos para a manifestação concreta do Reino estão sendo feitos. A cada dia, cresce o número de seus participantes. Chegará o dia em que Ele arrebatará a Igreja, celebrará a Sua união com ela e, por fim, retornará com ela, para então ser perfeitamente reconhecido de todos (Ap 1.7). Depois de arrebatada, a Igreja passará por um tempo de celebração com Ele, em um período denominado "Bodas do Cordeiro". Findo esse tempo, Jesus retornará à terra com os Seus santos (Cl 3.4; Zc 14.4,5; Mt 25.31). Ele virá com poder e grande glória, para julgar as nações e estabelecer o Seu Reino milenar. Esse tempo agendado por Deus servirá para dar aos judeus tudo o que, de fato, esperava-se do Messias, segundo as profecias. As promessas de Deus jamais falharão, e aqueles que o rejeitaram terão a oportunidade de entender o que não entenderam antes. O Milênio também será uma mostra de como funcionaria a terra se Satanás não tivesse se tornado o príncipe deste mundo (Jo 14.30; Ef 2.2), assim que tirou o domínio das mãos do homem, no Éden (Gn 1.28). No Milênio, ele estará preso. No fim do Milênio, Satanás será solto, haverá uma revolta final, ele será definitivamente vencido por Jesus (Ap 20.7-10), e os salvos em Cristo viverão eternamente com Ele na glória celestial!

A manifestação do Filho

A Igreja que, a essa altura, já estará no céu, virá com Ele: "Quando Cristo, que é a nossa vida se manifestar, então, também vós vos manifestareis com ele em glória" (Cl 3.4; Zc 14.4,5). Naquele Dia, voltaremos com Ele; não viremos para uma missão pacífica ou evangelizadora, mas para o julgamento das nações (Jd 14.15).

Todo mundo o exaltará

Cumprir-se-á a palavra do apóstolo Paulo de que todo joelho se dobrará, e toda língua confessará que Jesus Cristo é o Senhor (Fp 2.10). Quantas pessoas há no mundo que não demonstram o menor respeito pelo Senhor Jesus. Pessoas que descreem, zombam, blasfemam do Seu santo nome e perseguem os mensageiros das boas-novas de salvação. Pessoas influentes, autoridades, políticos, poderosos, todos, enfim, um dia, declararão que somente Ele é o Senhor. Será lindo assistir a essa cena!

O reconhecimento dos que o rejeitaram

Aqueles que o rejeitaram e até hoje persistem na sua incredulidade, apregoando a chegada de um Messias que em nada se parece com Jesus, serão enganados por um

falso messias. Sofrerão grande desilusão com ele (2 Ts 2.1-12). Quando, porém, assistirem à linda cena do verdadeiro Messias, que pisará no monte das Oliveiras (Zc 14.4), atravessará o vale que dá acesso à cidade de Jerusalém, entrando nela pela porta Oriental, depois de perguntarem-lhe sobre o sinal das feridas que preserva em Suas mãos (Zc 13.6), não poderão dizer outra coisa, senão o que foi profetizado pelo próprio Senhor Jesus: "Porque eu vos digo que, desde agora, me não vereis mais, até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor" (Mt 23.39).

Regalias celestiais

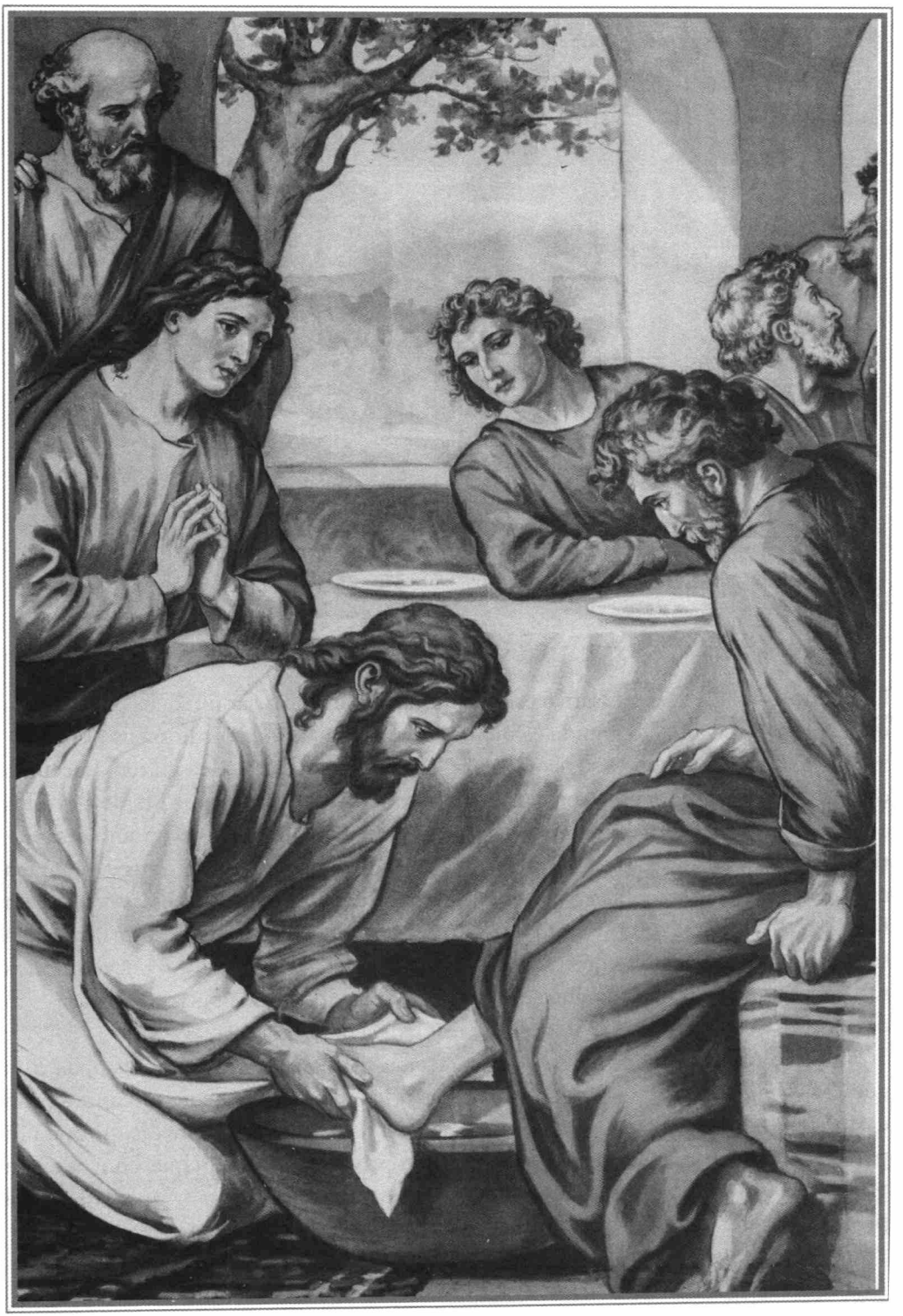
Além de estar assentado no mesmo trono do Pai, Jesus exerce o domínio de todas as coisas e tem o Seu nome tão exaltado que todo favor que se obtém da parte de Deus deriva do crédito que há no Seu nome. Ele já havia predito isso aos discípulos que, em Seu nome, todos os pedidos seriam atendidos (Jo 14.3). Contudo, não apenas pedir, mas também fazer: "E, quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei tudo em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai" (Cl 3.17).

L. YONDY

CONCLUSÃO

Enquanto as religiões expressam o esforço humano para alcançar um deus por meio da mente, o cristianismo é o grande esforço de Deus para alcançar os homens por intermédio de Cristo. Para que isso acontecesse, Jesus esvaziou-se da Sua glória, desceu do céu, identificou-se com os homens na sua classe social mais inferior, a fim de elevá-los a uma condição de extrema grandeza (Fp 2.6-8). O desabafo de Jesus à mulher samaritana ainda deve soar entre os homens: "Se tu conheceras o dom de Deus e quem é o que te diz: Dá-me de beber (...)" (Jo 4.10). Parafraseando: "Se tu soubesses com quem falas!". Ah! Se os que se opuseram a Cristo soubessem! Ah! Se os que o maltrataram soubessem! Ah! Se os que hoje o desprezam soubessem! No entanto, um dia, todos saberão. Naquele dia, todo joelho se dobrará diante dele, e toda língua confessará "(...) que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus" (Fp 2.11).

Não é possível estudar a vida de Cristo sem considerar os embates e as oposições que Ele viveu, porque isso forma um viés histórico que culmina com a manifestação de Cristo Jesus, em glória. A maravilha nesse desenlace histórico é que Ele formou um povo denominado por Ele Igreja, dando-lhe o privilégio de participar com Ele, em posição de honra, desses grandes momentos que ainda acontecerão. Quanta honra é pertencer a Jesus! A Ele, o Messias, seja a glória para todo sempre! Amém.



BIBLIOGRAFIA

BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática.* 2. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.

CHAFER, Lewis Sperry. *Teologia Sistemática.* 2. ed. São Paulo: Editora Hagnus, 1976. 4 v.

CHAMPLIN, R. N, Ph.D.; BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* São Paulo: Editora e Distribuidora Candeia, 1991. 6 v.

CULVER, Robert D. *Teologia Sistemática:* Bíblica e Histórica. São Paulo: Shedd Publicações, 2012.

CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento.* São Paulo: Editora Liber, 2001.

ELWELL, Walter. *Enciclopédia histórico-teológica da Igreja Cristã.* São Paulo: Edições Vida Nova, 1990. 3 v.

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia Sistemática.* 1. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 2007.

GEISLER, Norman; BOCHINO, Peter. *Fundamentos Inabaláveis.* São Paulo: Editora Vida, 2003.

GRONINGEN, Gerard Van. *Revelação Messiânica no Velho Testamento.* 1. ed. Campinas, SP: Editora Luz para o caminho, 1995.

GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática.* São Paulo: Edições Vida Nova, 1999.

HODGE, Charles. *Teologia Sistemática.* São Paulo: Editora Hagnos, 2001.

HORTON, Stanley. *Teologia Sistemática:* uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

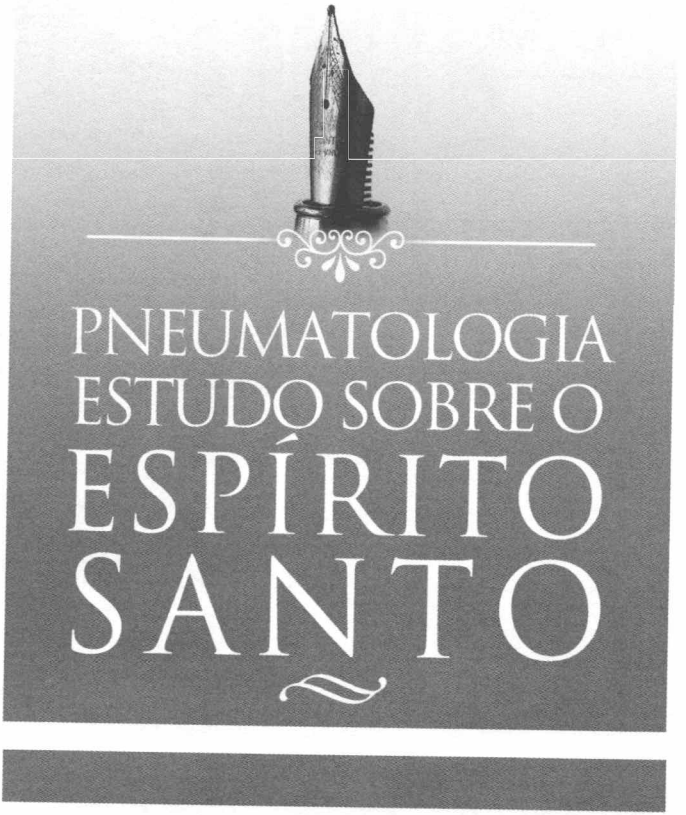
MCDOWELL, Josh. *As Evidências da Ressurreição de Cristo.* São Paulo: Editora e Distribuidora Candeia, 1985.

_____. *Novas evidências que demandam um veredito.* São Paulo: Editora Hagnos, 2013.

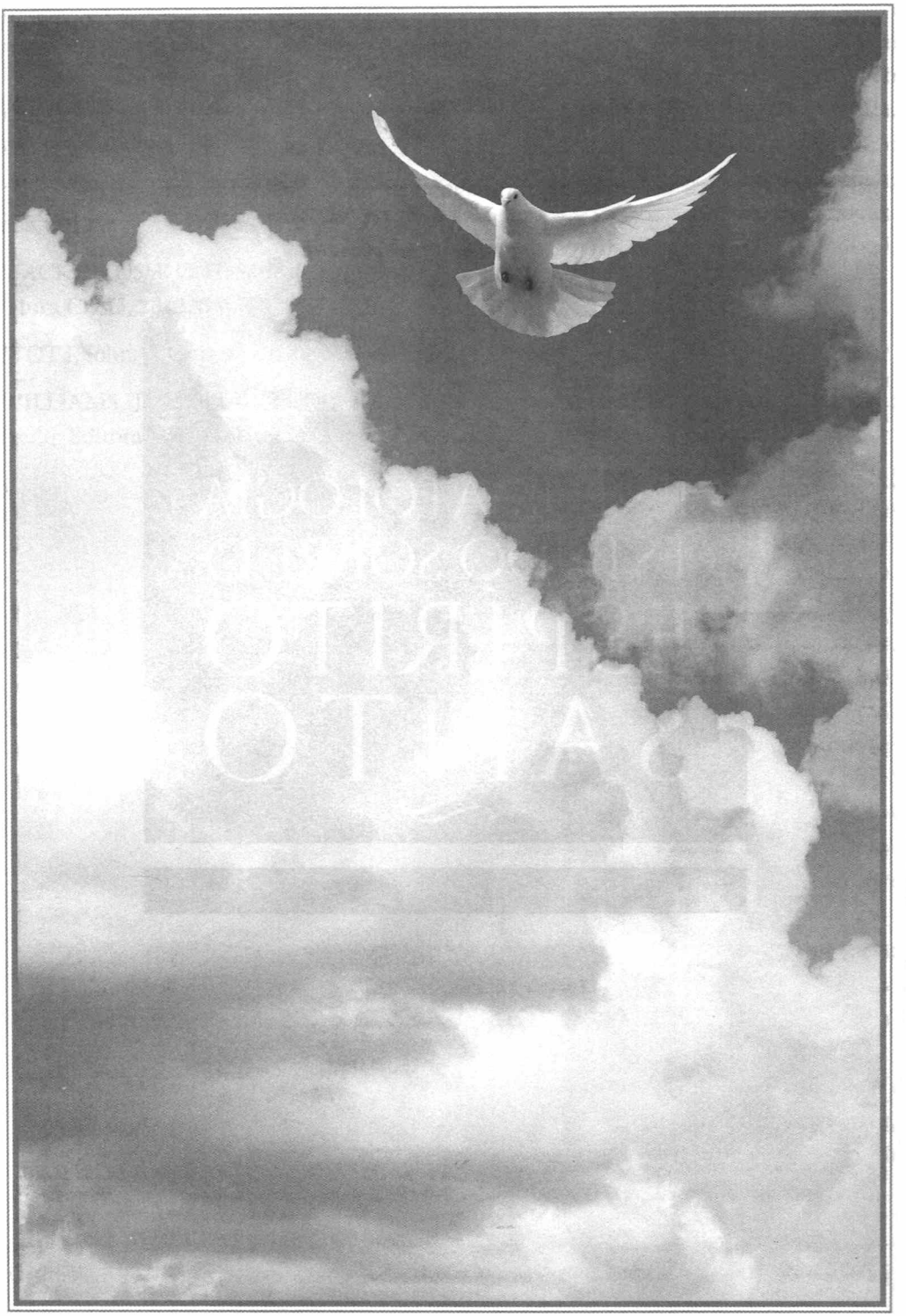
MACKINTOSH, C. H. *Série de notas sobre o Pentateuco.* Diadema, SP: Depósito de Literatura Cristã, 2012. 6 v.

STOTT, John. *A Cruz de Cristo.* Miami, FL: Editora Vida, 1991.

WILLIAMS, J. Rodman. *Teologia Sistemática:* uma perspectiva pentecostal. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 2001.



PNEUMATOLOGIA
ESTUDO SOBRE O
ESPÍRITO SANTO



SUMÁRIO

PREFÁCIO À PNEUMATOLOGIA 163

O ESPÍRITO SANTO É UMA PESSOA 167
Quem é o Espírito Santo?
A deidade do Espírito Santo
Conflitos sobre a divindade do Espírito Santo

TÍTULOS DO ESPÍRITO SANTO 175
Espírito de Deus, do Senhor e de Cristo
Espírito de vida
Espírito de graça
Espírito de adoção
Espírito da verdade
Espírito consolador
Espírito de santidade
Espírito da glória
Espírito de oração
Espírito eterno

SÍMBOLOS DO ESPÍRITO SANTO 181
Fogo
Vento
Água
Chuva e orvalho
Pomba
Óleo
Selo

O ESPÍRITO SANTO NO ANTIGO TESTAMENTO 187
O Espírito Santo sempre existiu
Cuidando do planeta
Sustentando a natureza
Pondo fim à contenda com os homens
Capacitando pessoas para exercerem liderança
Capacitando para a construção do tabernáculo e do templo
Habilitando juízes para governarem o povo
Colocando palavras proféticas nos lábios de quem não era profeta
Concedendo poder
O Espírito Santo na vida dos profetas
Usando-os para que fizessem proezas
Usando-os para que vaticinassem
Usando-os para que escrevessem

O ESPÍRITO SANTO NO NOVO TESTAMENTO 199
O Espírito Santo operando no nascimento virginal
Apresentação no templo
No início do ministério
Guiando-o
No exercício do Seu ministério
Desafiando a morte
Ressuscitado pelo poder do Espírito Santo
Promessa do Espírito Santo aos discípulos
O Espírito Santo no Milênio
O Espírito Santo na vida de Jesus

A PESSOA DO ESPÍRITO SANTO 205
A personalidade do Espírito Santo
Intelecto
O Espírito Santo tem sensibilidade
Vontade
A obra do Espírito Santo no pecador
Na salvação
No salvo
Dando testemunho da salvação
O Espírito Santo purifica
Ajuda o crente a vencer o pecado
Batiza no Corpo de Cristo
Sela
O Espírito Santo ilumina
O Espírito Santo guia
O Espírito Santo substitui a Lei
O Espírito Santo chama e envia para o campo
Dá orientações detalhadas
Intercede
Assiste
Conforta

PECADOS CONTRA O ESPÍRITO SANTO 215
Entristecer
Extinguir
Resistir
Tentar
Blasfemar

SER PENTECOSTAL 221
O batismo com o Espírito Santo
Relação entre o batismo com o Espírito e o batismo nas águas
Um sinal de evidência
O Espírito Santo em Cesareia
O Espírito Santo em Éfeso
Casos em que não há referência ao falar em línguas

A importância de pedir para ser batizado
A importância da imposição de mãos
O batismo também pode ocorrer de forma espontânea
O falar em línguas não é um transe inconsciente
A importância da oração em Espírito
Orar em Espírito
Ignorância no pedir
Que línguas são essas?

NOMES BÍBLICOS DADOS À SEGUNDA EXPERIÊNCIA 241
Batismo com o Espírito Santo
Dom do Espírito Santo
A promessa
O Espírito Santo
Para quem é o batismo com o Espírito Santo?
O batismo é pessoal, e não coletivo

OS DONS DO ESPÍRITO SANTO 247
Os nove dons do Espírito
Classificação dos dons espirituais
Dons de revelação
A palavra da sabedoria
Palavra do conhecimento
Discernimento de espírito
Dons de poder
O que é fé?
Fé e salvação
Fé e mensagem
Fé e evangelho
Fé e justiça
Fé como modo de vida
A dimensão da fé
A fé como virtude
A fé como crença
Fé prodigiosa
Dons de curar
Dons de operação de maravilhas
Dons de locução
Variedade de línguas
A interpretação de línguas
O dom de profecia
Profetas do Antigo e do Novo Testamento
A profecia é superior ao dom de línguas
Extensivo a todos
Um dom sujeito à autoridade
A profecia não é maior que as Escrituras
A função tríplice da profecia

Tipos de profetas no passado
Profetas orais
Profetas verbais
Profetas videntes e não videntes
Profetas pré e pós-cativeiro
Profetas verdadeiros e falsos
A procedência das profecias
Procedência divina
Procedência maligna
Procedência humana
A profecia pode ser preditiva
Profecias do Antigo Testamento
Profetas do Novo Testamento
A profecia limpa
Não deve ser desprezada
Deve ser avaliada
Pode vir embutida na pregação

UMA AVALIAÇÃO GERAL DE 1 CORÍNTIOS 14 307
Por que os dons hoje?

A PLENITUDE DO ESPÍRITO 315
Cheios do Espírito para cultuarem
Entoando cânticos espirituais
Entoando hinos
Salmodiando
Cheios do Espírito para agradecerem
Cheios do Espírito para conviverem
Efeitos da plenitude do Espírito
A plenitude do Espírito para os remanescentes
Atraindo a multidão
Causando admiração
Despertando curiosidade
Na plenitude para ganhar coragem
Plenitude para orar
Uma oração unânime
Um pedido certo
O mover do Espírito
Na plenitude para servir
O que é servir?
Na plenitude para encarar a morte
Uma vida poderosa
Autocontrole na adversidade
Estêvão falava com sabedoria
Estêvão falava no Espírito
Estêvão falava com conhecimento
Estêvão avistou a Glória de Deus

Estêvão perdoou aos inimigos
Na plenitude para evangelizar
Na plenitude do Espírito para enfrentar perseguição
O evangelista notável
Foi um transmissor de alegria
Um evangelista despretensioso
Um pai feliz
Na plenitude para desapegar-se das coisas materiais
Um espírito doador
Um espírito solidário
Um temperamento conciliador
Um homem bom
Um homem de fé
Um grande ganhador de almas
Na plenitude por ser um vaso escolhido
Uma vida determinada
Uma vida dirigida pelo Espírito
A pregação de Paulo
Paulo, o grande doutrinador
Na plenitude para enfrentar demônios
Na plenitude para um viver alegre

O FRUTO DO ESPÍRITO 351
Amor
Alegria
Paz
Longanimidade
Benignidade
Bondade
Fé
Mansidão
Temperança
Conclusão

BIBLIOGRAFIA 361

PREFÁCIO À PNEUMATOLOGIA

O leitor tem em mãos um comentário exegético e explicativo sobre a doutrina do Espírito Santo que surge em boa hora. O presente capítulo é uma reafirmação bíblica da doutrina pentecostal apresentada com clareza por alguém que conhece e vive o assunto como poucos no Brasil. É, sem dúvida, uma contribuição significativa na construção da teologia evangélica. Sabe-se que, no passado, não se dava a devida atenção ao Espírito Santo nos tratados teológicos, o que é denunciado por muitos teólogos. Stanley Horton, por exemplo, afirma em seu livro *O Avivamento Pentecostal*: "Os antigos compêndios de teologia sistemática, em sua maioria, não possuem nenhum capítulo sobre pneumatologia" (p. 14,15). Aqui, essa denúncia também é apontada.

O assunto é apresentado com abrangência. O texto trata de uma lista completa dos nomes do Espírito Santo, e não apenas de alguns nomes representativos. O mesmo ocorre quando se refere aos Seus títulos e símbolos. Cada um deles, com a definição, a explicação e as referências bíblicas por extenso. O tema sobre a personalidade e a divindade do Espírito Santo é tratado de maneira elucidativa, com fundamentação bíblica. O texto traz uma lista de todas as obras do Espírito Santo no Antigo e no Novo Testamento, com as respectivas referências bíblicas por extenso e comentadas. Ele esclarece, também, o significado da blasfêmia contra o Espírito Santo. Todos esses temas são comuns a pentecostais e tradicionais, mas o capítulo assume um tom apologético quando passa a falar sobre o batismo no Espírito Santo, o falar em línguas, conhecido como a glossolalia, dons do Espírito Santo, ou seja, a teologia pentecostal.

Com a expansão da obra pentecostal, a partir do Movimento da Rua Azusa, tornou-se mais visível a questão do sobrenatural na Igreja. Os teólogos estão divididos em cessacionistas, os que não acreditam na atualidade dos dons e nas manifestações do Espírito Santo; os continuístas, os pentecostais que seguem o pensamento bíblico da atualidade desses dons e dessas manifestações na Igreja e na vida de cada crente em Jesus; e os conformistas, que acreditam nessas coisas, mas, na avaliação deles, tais dons e manifestações do Espírito são desnecessárias. O enfoque primordial aqui é uma resposta aos teólogos cessacionistas, que se opõem aos pentecostais de forma aguerrida e, às vezes, até de maneira debochada e injusta. Eles consideram todos os pentecostais ignorantes e analfabetos bíblicos; no entanto, os argumentos "bíblicos" desses tradicionais são baseados em uma exegese ruim. E, neste capítulo, as falácias exegéticas deles são desmascaradas. Na verdade, muitos deles sequer possuem qualificação técnica para argumentar sobre o assunto, como bem afirma o autor da matéria: "Quem vive distante dos dons não pode falar sobre eles, porque pensa que conhece o assunto, porém diz coisas absurdas sobre o que conhece e experimenta. Nem ao menos se dá ao trabalho de examinar mais de perto o objeto da sua discussão". É chocante ver como teólogos tão letrados se deixam levar por um pensamento tão distante das Escrituras, forçando uma hermenêutica paupérrima. O que eles falam de 1 Coríntios 12—14 não faz sentido algum para qualquer pentecostal, independentemente do seu grau de instrução. O leitor encontrará aqui algumas interpretações aleatórias e, como elas são refutadas à luz da Bíblia, argumentos defendidos por quem conhece muito bem cessacionistas e continuístas.

A experiência acadêmica e de vida do autor é conhecida por muitos e é inquestionável. Quando era ainda menino, ouviu estas palavras do missionário Daniel Berg, que se despedia da família em direção ao aeroporto, pois estava de regresso à Suécia: "Meu filho, nunca deixe Jesus, porque Jesus é bom". Esse menino cresceu e foi pastoreado por pastores pentecostais, mas estudou Teologia em seminários tradicionais, teve professores de ambas as correntes, no entanto, sempre soube defender aquilo em que acreditava e pregava. Ele conhece as extravagâncias neopentecostais e as meninices de alguns pentecostais, por isso, apresenta as condições para refutar as ideias cessacionistas desses deístas evangélicos. Trata-se de alguém com experiência, familiarizado com esse ambiente. A refutação é apresentada de maneira respeitosa, reconhecendo o mérito desses teólogos tradicionais e a sua contribuição em outras áreas, sem deixar de responder à afronta deles ao pentecostalismo. A crítica a eles é severa, porém fundamentada na Palavra de Deus.

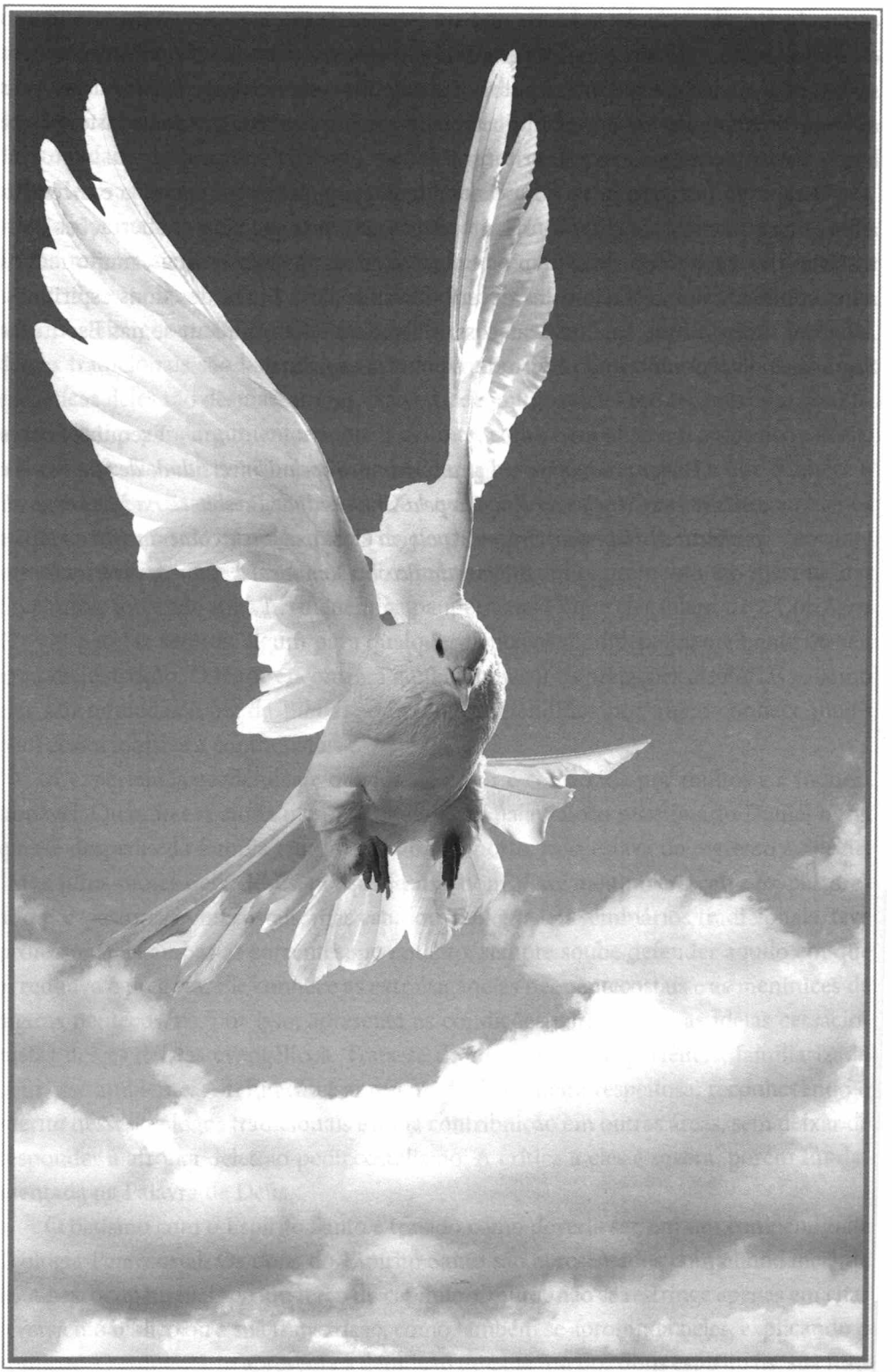
O batismo com o Espírito Santo é tratado como deveria ser, em um compêndio de Teologia Pentecostal. Os dons do Espírito Santo são apresentados com abundância de detalhes, ocupam mais de um terço do capítulo. O autor não se restringe apenas em citar o versículo bíblico ou a sua transcrição, como também se aprofunda neles, explicando o contexto. O comentário apresenta a definição de cada um dos dons espirituais, sua fun-

ção na Igreja e na vida de cada crente. Essa riqueza de informação e a maneira como ela é apresentada tornam a leitura agradável e facilitam a sua compreensão. Como nem só de teologia vive o estudante, o autor conta alguns testemunhos e experiências, pois as emoções humanas existem. É importante ressaltar que a teologia pentecostal não se baseia nas emoções, e sim nas Escrituras.

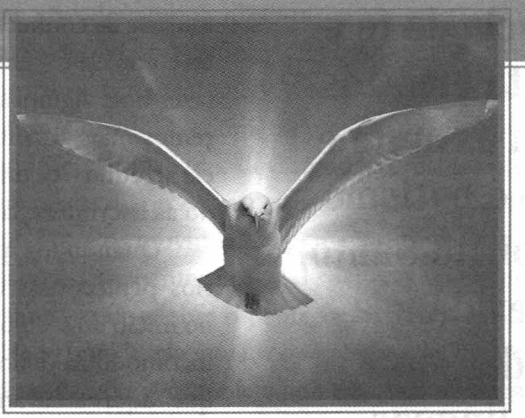
O capítulo instrui o povo no tocante à teologia pentecostal, encoraja e incentiva a busca no batismo com o Espírito Santo, deixando claro que nem as aberrações doutrinárias dos neopentecostais, nem os exageros de alguns pentecostais, muito menos a incredulidade dos cessacionistas devem desestimular a busca dos dons espirituais. A leitura sugere, ainda, que os pentecostais estudem e aprofundem-se nas Escrituras Sagradas, pois ignorância não é virtude, é pobreza espiritual.

Esequias Soares

Pastor graduado em Letras (Hebraico) pela Universidade de São Paulo e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. É professor de Hebraico, Grego e Apologia Cristã, além de comentarista de Lições Bíblicas da Escola Dominical e autor de diversos livros.



O ESPÍRITO SANTO É UMA PESSOA



De modo geral, o crente pentecostal é visto como alguém que baseia toda a sua experiência de fé e vida cristã em Atos 2, e o seu assunto é somente o batismo com o Espírito Santo, com a evidência no falar em outras línguas. Para muitos tradicionais, ser pentecostal é pertencer a uma categoria de cristianismo inferior ou de segunda classe; afinal, os bons teólogos nunca foram pentecostais, pelo contrário, sempre combateram suas crenças, seus ensinos e seus costumes. Ser pentecostal é não ter bons modos, é ser barulhento e informal, principalmente se tiver sangue latino. Durante muitos anos, os alunos pentecostais foram discriminados nos seminários tradicionais. Apesar disso, muitos acusaram os pentecostais de acharem-se espiritualmente superiores por falar as línguas do Espírito. Pode haver uma certa razão em ver o povo pentecostal como classe social menos privilegiada – porque o pentecostalismo alcançou, no passado, na sua maioria, pessoas desprovidas do saber humano; embora isso não justifique a associação do padrão social ao espiritual –, mas acusar os pentecostais de sentirem-se espiritualmente superiores, ou vaidosos, não faz o menor sentido, mesmo porque, no meio pentecostal, não são todos os que falam línguas; logo, isso dividiria a própria casa. O problema é que a oposição ao pentecostalismo tem sido tão forte, ao longo da história, que se buscou todo tipo de crítica para desmerecê-lo como parte do Corpo de Cristo.

De modo geral, o crente pentecostal é visto como alguém que baseia toda a sua experiência de fé e vida cristã em Atos 2, e o seu assunto é somente o batismo com o Espírito Santo, com a evidência no falar em outras línguas.

O crente pentecostal, entretanto, não apoia sua vida espiritual na experiência da glossolalia, como afirmam, mas nas Sagradas Escrituras. O crente pentecostal, à moda antiga, conhece não apenas a experiência, mas também a doutrina. Já é tempo de mudar essa tônica e de conhecer o crente pentecostal como ele é – embora seja necessário fazer hoje algumas ressalvas, como veremos mais adiante – e expor em que ele acredita – e como acredita –, segundo as Escrituras Sagradas!

Quando os primeiros missionários pentecostais chegaram ao Brasil, no início do século 20, causaram muito incômodo às denominações históricas que aqui atuavam. Os missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren, por serem batistas de origem, principiaram sua atuação em uma igreja Batista, em Belém do Pará, mas foram expulsos de lá assim que o pastor local percebeu que eles adotavam uma doutrina diferente da que os batistas esposavam. Ninguém pode tirar a razão daquele pastor batista. O pentecostalismo iniciado na Rua Azusa, em Los Angeles, estava espalhando-se pelo mundo, e, com ele, vinham as notícias, acompanhadas de críticas; afinal, tratava-se de algo desconhecido na vida da Igreja, embora pudesse ser encontrado na Bíblia. O fato é que aquilo era algo novo e, por mais maravilhoso que fosse, precisava ser devidamente compreendido por todos; mas o ambiente de discórdia já estava estabelecido, e não havia como remediar, pelo menos naquele instante. A Bíblia declara duas coisas sobre o caminho de Deus: "(...) O SENHOR tem o seu caminho na tormenta e na tempestade (...)" (Na 1.3); e : "O caminho de Deus é perfeito (...)" (Sl 18.30).

As primeiras impressões causadas pela doutrina pentecostal não foram as melhores, a ponto de duvidar-se de que o pentecostalismo era realmente cristão. O pentecostalismo foi recebido no Brasil sob muito preconceito pelas denominações históricas e, ainda hoje, apesar dos avanços no relacionamento evangélico, tanto o povo pentecostal como as doutrinas referentes à atuação plena do Espírito Santo são alvos de crítica e discriminação por parte de muitos. Nos púlpitos pentecostais, pastores batistas, presbiterianos, congregacionais, episcopais e luteranos sempre foram honrados, tiveram a palavra e o assento de honra nos púlpitos, embora a recíproca nem sempre fosse a

mesma. Para as grandes concentrações públicas, especialmente a do Dia da Bíblia – dirigida por eles –, o povo pentecostal sempre era muito lembrado por lotar praças públicas, a fim de causar uma impressão de "força evangélica" para os de fora, mas, internamente, era discriminado. Os pentecostais lotaram o estádio do Pacaembu para receber o famoso pregador batista Billy Graham, na década de 1960; mas a finalidade, como sempre, era a mesma: a presença da grande massa humana.

O avanço do pentecostalismo tem chamado a atenção do mundo acadêmico, sendo, em primeiro lugar, alvo de estudos, dissertações de mestrado e teses de doutorado em Ciências Sociais, Sociologia e História, passando, posteriormente, a ser também objeto de estudo nos seminários teológicos e nos centros de pós-graduação dos seminários teológicos tradicionais. O fenômeno pentecostal, aos poucos, começou a ser visto como algo digno de ser avaliado, devido ao expressivo crescimento numérico e também, em alguns casos, digno de respeito. É claro que, dentro dele, é necessário estabelecer a distinção entre os movimentos pentecostais de origem e os novos movimentos, classificados como neopentecostais. O sociólogo canadense Paul Freston[1] faz isso muito bem em seus estudos sobre o pentecostalismo brasileiro, quando o classifica em três ondas. Na primeira, ele situa o que chama de "Pentecostalismo clássico" (Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus); na segunda onda, fala das igrejas pentecostais que chegaram com ênfase na cura divina (Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo, Deus é Amor, Maravilhas de Jesus e outras com o mesmo perfil) e, como terceira onda, aborda o surgimento do neopentecostalismo.[2]

O pentecostalismo é crescente no Brasil e, dada a sua relevância numérica, merece ser avaliado, sobretudo nas suas doutrinas básicas. É claro que não se pode fazer vistas grossas às novas expressões de fé pentecostal que diferem em muito do pentecostalismo clássico, nem estas podem ser usadas como referência para representá-lo. O neopentecostalismo inclui práticas inovadoras e extrabíblicas que, em alguns casos, chegam a comprometer a reputação, não apenas do pentecostalismo em geral, mas do próprio evangelho em si, com discursos agressivos, testemunhos de cura suspeitos, vendas de bugigangas e amuletos da sorte (embora se use o termo *sorte* no lugar de "bênção"), petição escancarada de dinheiro, com promessas de prosperidade etc. Seus programas de rádio e TV são, em geral, muito malfeitos, e seus cultos, marcados por estripulias e exageros. Mas não se pode jogar a água da banheira junto com o bebê. O avivamento pentecostal do início do século 20 veio para ficar, do mesmo modo como a Reforma Protestante, no século 16, veio para ficar.

---

1. Tive a honra de recebê-lo em uma visita especial ao meu gabinete no ano de 2011.

2. *Neopentecostalismo* não é um termo criado por ele. Já fora usado pelo Dr. Antônio Mesquita e, depois, repetido por outros autores. O termo *neopentecostal* pode trazer consigo dois sentidos distintos: um pejorativo, e outro apenas para referir-se a um estilo mais recente de pentecostalismo.

Outro fator relevante nas lides pentecostais está no processo de mobilidade social. Os nossos pioneiros eram, em sua maioria, homens iletrados, embora cheios do Espírito Santo. Eles, na sua simplicidade, atravessaram décadas, pautando a fé pentecostal na Palavra de Deus, protegendo-a de exageros. Atualmente, já contamos com grande número de pessoas instruídas. Temos bons teólogos, muitos dos quais, por ironia, lecionam em cursos de graduação e de pós-graduação nos centros teológicos acadêmicos das denominações históricas. Isso demonstra duas coisas: a primeira é que a nova geração, tanto dos históricos como dos pentecostais, não está disposta a alimentar clima algum de beligerância antigo; segundo, graças a Deus, nesses casos, as portas do respeito mútuo foram abertas.

Os primeiros missionários pentecostais se mostraram muito preocupados com a doutrina, por isso, eles chamavam, com frequência, pastores preparados da Suécia – uma vez que essa era a origem deles – para realizarem escolas bíblicas para os pastores brasileiros. Não muitos anos depois, começaram a vir para o Brasil também missionários pentecostais norte-americanos, que instruíram os pastores brasileiros. Vários livros foram escritos, e, no caso das Assembleias de Deus, o uso de uma revista de Escola Bíblica Dominical, produzida pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus, contribuiu enormemente para a manutenção de uma fé pentecostal monolítica.

Escrever um estudo sobre o Espírito Santo não significa apresentar algo exclusivo, que não se encontrará em outras obras de Teologia Sistemática, escritas por autores não pentecostais – embora as Teologias Sistemáticas de autores não pentecostais dediquem menor espaço para falar do Espírito Santo do que de outros temas dessa disciplina –, e, sim, pôr em relevo textos e situações em que as Escrituras não somente aprovam o ponto de vista pentecostal, como também incentivam a busca pelas experiências com o Espírito Santo. Nesse particular, não tenho, como autor, a presunção do ineditismo, uma vez que muita coisa sobre o assunto já foi escrita por autores pentecostais, mas, por tratar-se de uma obra em que o tema é sistematicamente distribuído, vejo-me no dever de adentrar mais profundamente nele, oferecendo maior número possível de informações bíblico-teológicas sobre a pessoa e as obras do Espírito Santo e, ao mesmo tempo, oferecer ajuda a todos aqueles que ainda não tiveram acesso a outra literatura do gênero, a fim de que conheçam um pouco mais, e melhor, a doutrina do Espírito Santo, conforme as Escrituras Sagradas a apresentam.

Estudar o Espírito Santo é mais do que se ater aos termos *ruach*, רוּחַ – no hebraico – ou *pneuma*, πνεῦμα – no grego; é adentrar no campo da divindade e encontrar Aquele que atua juntamente com o Pai e com o Filho. Não se trata de uma energia vigorosa que atuou na criação do mundo; mas de um ser, uma pessoa que faz parte da Trindade santa, sendo um só Deus com o Pai e com o Filho. O Espírito Santo, por ser Deus, é tão indecifrável quanto o Pai e quanto o Filho na Sua divindade; entretanto, temos o dever de conhecer Aquele que, em substituição ao Filho que deixou este mundo, veio para atuar diretamente na Igreja e em cada crente, em particular. O estudo acerca do Espírito Santo

não pode ir além do que as Escrituras Sagradas têm a dizer sobre Ele, nem ficar aquém, aviltando Seu divino poder e Sua atuação no mundo em que vivemos.

É verdade que o povo pentecostal aprofunda-se mais no campo das experiências com o Espírito Santo, quer no uso dos dons, quer nas práticas litúrgicas desinibidas, do que os irmãos das denominações tradicionais; entretanto, essas pessoas sabem – e as que não sabem devem saber – que as experiências servem para confirmar, e não para nortear a vida cristã, quer na conduta, quer no conhecimento doutrinário. Por essa razão, o nosso estudo, assim como os demais tópicos da Teologia Sistemática, será totalmente pautado nas Escrituras Sagradas.

Quem é o Espírito Santo?

O termo *espírito*, רוּחַ, *ruach* e πνεῦμα, *pneuma*, no sentido comum, dá a ideia de um ente desencarnado, desprovido de corpo e é entendido desse modo pelos salvos e também pelos que não conhecem a Deus. Rodman Williams diz: "A palavra 'espírito' carrega a nota de intangibilidade, incorporeidade; portanto *imaterialidade* (...) é diferente do corpo e, assim, não possui existência substancial em sua forma mais rarefeita ou vaga"[3]. É a própria definição de Deus: "Deus é Espírito", *compreende* essa concepção. Mas todos sabemos, até mesmo os que não conhecem a Deus, que, em se tratando de um ser divino, um "ente" desprovido de corpo não se assemelha àquilo que é popularmente conhecido como fantasma. O Espírito Santo é um espírito, é santo e é uma pessoa. O fato de o Espírito Santo não ser provido de um corpo material não significa que Ele não tenha a força que se conhece no mundo material, onde as leis da Física são predominantes. A dimensão espiritual gerou a material, e não o inverso; logo, é imperioso à materia curvar-se ante o imaterial proveniente de Deus e submeter-se a ele. A terceira pessoa da Trindade divina é espírito e é santa; por isso, é chamada de Espírito Santo, indicando, ao mesmo tempo, Sua natureza e o Seu nome.

Ser santo é ser Deus, porque Ele é absolutamente santo. Ninguém é chamado de santo (no singular). Somos chamados de santos como um todo (Igreja). A designação de São Paulo, São Pedro, Santo Agostinho de Hipona ou qualquer outro "São" (apócope de santo) é criação da Igreja Católica Romana. A santidade de Deus é única, incomparável e exaltada. Os serafins que Isaías viu entoavam o cântico da santidade de Deus, dizendo: "Santo, Santo, Santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória" (Is 6.3). O Pai, o Filho e o Espírito Santo – essas três pessoas – constituem juntas esse Deus único que é absolutamente santo. E o que significa ser santo? Significa ser mais do que "separado" – conforme indica o termo. Ser santo, no sentido como a Bíblia apresenta, é ocupar a mais elevada posição de respeito, honra e justiça intocáveis que há em todo o universo!

---

3. WILLIAMS, Rodman J. *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. São Paulo: Editora Vida, 2011. p. 472.

O que significa ser santo? Significa ser mais do que "separado". Ser santo, no sentido como a Bíblia apresenta, é ocupar a mais elevada posição de respeito, honra e justiça intocáveis que há em todo o universo!

A deidade do Espírito Santo

O Espírito Santo é Deus! O monoteísmo judaico força o povo judeu a entender a expressão "o Espírito de Deus", todas as vezes em que ela aparece, como o espírito de Deus, do mesmo modo como cada um de nós tem seu próprio espírito, e não como a pessoa do Espírito Santo, conforme nós, cristãos, entendemos. De fato, para quem não compreende a doutrina da Trindade, é difícil entender claramente essa distinção. Entretanto, basta pensar em Gênesis 1.2 – "E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas" – para concluir que, enquanto Deus estava lá no céu, na Sua excelsa glória, o Seu Espírito pairava sobre a face das águas. Que fenômeno era aquele? O Seu espírito se desprendia dele e descia separadamente? O Seu Espírito se movia pelo mistério da onipresença, cuidando, particularmente, daquele território? Ou tratava-se da terceira pessoa da Trindade, vindo pessoalmente sobre a face das águas?

Em nosso estudo sobre a Trindade[4], apresentamos várias referências bíblicas que demonstram que o Espírito Santo é Deus! Voltamos a essa afirmação neste capítulo, porque, nele, nossa dedicação ao estudo sobre o Espírito Santo requer essa recorrência.

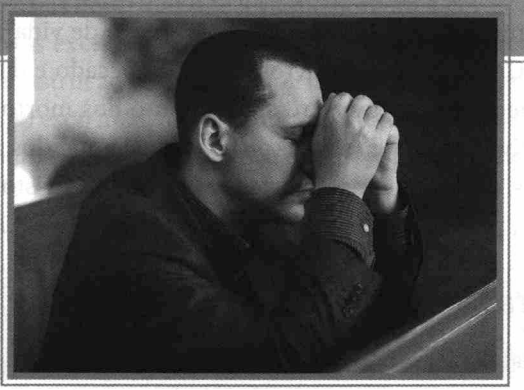
Conflitos sobre a divindade do Espírito Santo

Assim como houve grandes conflitos em torno da divindade de Jesus (conforme tratados nos capítulos referentes à História da Teologia, a Deus e a Jesus), levantaram-se também questões referentes à divindade do Espírito Santo. O modalismo, por exemplo, ensinava que o Pai, o Filho e o Espírito Santo eram três modos como Deus age, aviltando a distinção da pessoalidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, reduzindo-a a aspectos ou modos distintos de agir de uma só pessoa. Assim, Pai, Filho e Espírito Santo seriam três diferentes nomes para referir-se à mesma pessoa.

4. Veja o capítulo em que tratamos sobre Deus.

Os modalistas são unicistas. Usam textos, como Marcos 12.29; 1 Coríntios 8.4; 1 Timóteo 1.17; 2.5, para sustentar a sua tese. Mas, segundo as Escrituras, o Filho é Deus e é distinto do Pai (Is 9.6; Cl 2.9; Ap 1.8,17). Quando esteve na terra, orava ao Pai (Jo 17.1). Por sua vez, também o Espírito Santo é outra pessoa. Jesus referiu-se a Ele como o "outro Consolador": "E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre" (Jo 14.16); "Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito" (Jo 14.26); "Todavia, digo-vos a verdade: que vos convém que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, enviar-vo-lo-ei" (Jo 16.7); "Mas, quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará o que há de vir. Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar" (Jo 16.13,14). Portanto, trata-se de um só Deus, em três pessoas distintas, cada uma exercendo uma função específica. Quando Deus criou o homem, convocou o Conselho divino: "E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança (...)" (Gn 1.26). A quem Deus dirigiu essas palavras?

TÍTULOS DO ESPÍRITO SANTO



O Espírito Santo é conhecido também por vários títulos que lhe são atribuídos na Palavra de Deus, e todos eles representam algum atributo ou alguma qualidade peculiar, que lhe dizem respeito.

Espírito de Deus, do Senhor e de Cristo

Esses títulos estabelecem relação direta do Espírito Santo com a Trindade. O Espírito Santo é chamado de "O Espírito de Deus". Essa é uma expressão comumente usada no Antigo Testamento e entendida pelos *monistas* como o espírito pessoal (particular) do próprio Deus, mas, na verdade, refere-se ao Espírito Santo nessa porção das Escrituras. A relação da Trindade é tão íntima que o Espírito Santo é identificado com o Pai e com o Filho. Referindo-se ao artífice do templo, Bezalel, lê-se: "E o Espírito de Deus o encheu de sabedoria, entendimento e ciência em todo artifício" (Êx 35.31). No Novo Testamento, esse título reaparece, referindo-se claramente à pessoa do Espírito Santo: "Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?" (1 Co 3.16); "Indagando que tempo ou que ocasião de tempo o Espírito de Cristo, que estava neles, indicava, anteriormente testificando os sofrimentos que a Cristo haviam de vir e a glória que se lhes havia de seguir" (1 Pe 1.11). A identificação íntima que há entre o Espírito Santo, o Pai e o Filho não os torna uma só pessoa. Jesus chamou o Espírito

Santo de Espírito do Senhor e não o identificou como Ele próprio, mas alguém que veio sobre Ele: "O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a curar os quebrantados de coração" (Lc 4.18).

Espírito de vida

O Espírito Santo é chamado também de "Espírito de vida": "Porque a lei do espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte" (Rm 8.2). O mesmo Espírito que atuou em Jesus, ressuscitando-o dos mortos, atuará na vida dos salvos para a sua vivificação: "E, se o Espírito daquele que dos mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dos mortos ressuscitou a Cristo também vivificará o vosso corpo mortal, pelo seu Espírito que em vós habita" (Rm 8.11).

Espírito de graça

"De quanto maior castigo cuidais vós será julgado merecedor aquele que pisar o Filho de Deus, e tiver por profano o sangue do testamento, com que foi santificado, e fizer agravo ao Espírito da graça?" (Hb 10.29). Por que o Espírito Santo é chamado de "Espírito da graça"? Porque Ele coopera com o pecador, conduzindo-o a receber a graça salvadora do Senhor Jesus Cristo (Ef 2.8,9). Essa expressão profética, referente ao Espírito Santo, é extraída do Antigo Testamento: "E sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém derramarei o Espírito de graça e de súplicas; e olharão para mim, quem transpassaram; e o prantearão como quem pranteia por um unigênito; e chorarão amargamente por ele, como se chora amargamente pelo primogênito" (Zc 12.10).

Espírito de adoção

A nossa filiação divina ocorreu por adoção (Jo 1.12). Quem cuidou disso foi o Espírito Santo, também chamado de Espírito de adoção: "Porque não recebestes o espírito de escravidão, para, outra vez, estardes em temor, mas recebestes o espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai" (Rm 8.15). A maior certeza de que somos salvos se dá pelo testemunho do Espírito de adoção no nosso interior, testificando que somos filhos de Deus: "E, se nós somos filhos, somos, logo, herdeiros também, herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo; se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados" (Rm 8.17).

Espírito da verdade

"E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco e estará em vós" (Jo 14.16,17).

O Espírito Santo não toma o lugar do Filho, que declarou ser a própria verdade. "Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida (...)" (Jo 14.6). Por isso, Ele é o Espírito da verdade. Por que Ele é chamado de Espírito da verdade? Porque Ele guia os discípulos em toda a verdade (Jo 15.26). Assim, é necessário que cada ser humano tenha a humildade para submeter-se ao Espírito Santo naquilo que aprende, a fim de não ser enganado por falsas doutrinas que levam o homem à perdição. O conhecimento humano atingiu níveis excepcionalmente elevados, mas, no que se refere ao Reino de Deus, somente pela instrução dada pelo Espírito Santo é que alguém pode aprender alguma coisa. No campo espiritual, há somente um Mestre capaz de instruir o homem, dando-lhe conhecimento e entendimento, que é o Espírito da verdade: "Ora, o homem

TÍTULOS DO ESPÍRITO SANTO

1. Espírito de Deus, do Senhor e de Cristo

Esses títulos estabelecem relação direta do Espírito Santo com a Trindade.

2. Espírito de Vida

O Espírito Santo é chamado também de "Espírito de vida" (Lc 4.18).

3. Espírito de Graça

Coopera com o pecador, conduzindo-o a receber a graça salvadora do Senhor Jesus Cristo (Ef 2.8,9).

4. Espírito de Adoção

A nossa filiação divina ocorreu por adoção (Jo 1.12).

5. Espírito da Verdade

Guiará os discípulos em toda a verdade (Jo 15.26).

6. Espírito Consolador

Como consolador, o Espírito Santo atua como nosso advogado misericordioso.

7. Espírito de Santidade

Foi o Espírito Santo quem se encarregou de imprimir a santidade absoluta na vida do Filho.

8. Espírito da Glória

A glória vindoura, com toda a sua beleza e magnitude, já é manifesta por antecipação na vida dos salvos.

9. Espírito de Oração

O Espírito Santo subsidia as nossas orações, expressando a Deus exatamente o que precisaríamos expressar (Rm 8.26).

10. Espírito Eterno

O escritor aos Hebreus foi sensível para transmitir esse dado importante da ação do Espírito Santo também na esfera do tempo sem fim, na obra expiatória de Cristo Jesus.

natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente" (1 Co 2.14).

Espírito consolador

Jesus prometeu aos discípulos que rogaria ao Pai, para que enviasse o "Consolador' – *Parácleto*, em grego. Como Consolador ou *Parácleto*, Παράκλητος –, o Espírito Santo atua como nosso advogado misericordioso. Jesus não podia ser substituído por alguém que não tivesse as mesmas qualificações pessoais que Ele. Ao deixar este mundo, Jesus sabia o quanto os discípulos estavam preocupados em saber que Ele os deixaria. O *Parácleto* divino cumpriu e continua a cumprir essa função na vida da Igreja. Não era pequeno o sofrimento dos nossos irmãos do passado: "Assim, pois, as igrejas em toda a Judeia, e Galileia, e Samaria tinham paz e eram edificadas; e se multiplicavam, andando no temor do Senhor e na consolação do Espírito Santo" (At 9.31). Os sofrimentos no mundo são grandes; eles fazem parte da vida. Algumas vezes, deparamo-nos com situações nas quais não temos palavras para amenizar o sofrimento de alguém. É, por exemplo, o caso de um luto na família de um irmão que é fiel a Deus. Em uma hora como essa, tudo o que podemos fazer é recorrer ao Espírito Consolador. Para ser consolador de verdade, somente sendo Deus!

Espírito de santidade

"Foi designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos mortos, a saber, Jesus Cristo, nosso Senhor" (Rm 1.4 ARA). Isso pode parecer óbvio, já que o Seu nome principal é Espírito Santo. No entanto, por que razão o apóstolo dá esse destaque? Porque foi o Espírito Santo quem se encarregou de imprimir a santidade absoluta na vida do Filho, desde a concepção até a Sua ressurreição.

Espírito da glória

"Se, pelo nome de Cristo, sois vituperados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória de Deus" (1 Pe 4.14). A glória vindoura, com toda a sua beleza e magnitude, já é manifesta por antecipação na vida dos salvos. Isso explica a razão de tanto gozo ser capaz de levar o crente ao êxtase espiritual, mesmo em meio a lutas e sofrimentos. Neste sentido, o Espírito Santo atua como agente encorajador dos crentes, para que não desistam da batalha, mas continuem olhando para a frente, sabendo que, seguramente, há uma glória que os aguarda e é incomparavelmente superior a tudo aquilo que a mente humana é capaz de imaginar: "Porque para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada" (Rm 8.18). Foi assim que Estêvão enfrentou a morte por

apedrejamento, avistando a própria glória celestial: "E disse: Eis que vejo os céus abertos e o Filho do Homem, que está em pé à mão direita de Deus" (At 7.56).

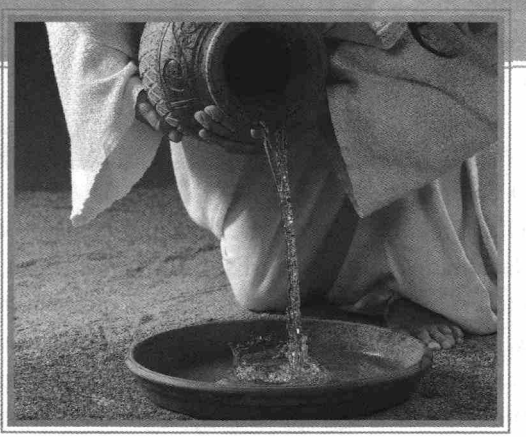
Espírito de oração

"O Espírito ajuda as nossas fraquezas, porque não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o mesmo espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis. E aquele que examina os corações sabe qual é a intenção do Espírito; e é ele que segundo Deus intercede pelos santos" (Rm 8.26,27). Essa é uma das razões por que se deve orar em línguas. Paulo diz: "Porque o que fala língua estranha não fala aos homens, senão a Deus; porque ninguém o entende, e em espírito fala de mistérios (...). Porque, se eu orar em língua estranha, o meu espírito ora bem (...)" (1 Co 14.2,14). Zacarias profetizou sobre o Espírito Santo, dizendo que Ele seria um Espírito de súplicas (Zc 12.10). Nem sempre temos palavras suficientes para expressar o que realmente sentimos ou precisamos. O Espírito Santo subsidia as nossas orações, expressando a Deus exatamente o que precisamos expressar: "(...) Porque não sabemos o que havemos de pedir como convém (...)" (Rm 8.26).

Espírito eterno

"Quanto mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará a vossa consciência das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo?" (Hb 9.14). O sacrifício de Cristo tinha implicações eternas, não meramente contemporâneas. O escritor de Hebreus foi sensível para transmitir esse dado importante da ação do Espírito Santo também na esfera do tempo sem fim, na obra expiatória de Cristo Jesus.

SÍMBOLOS DO ESPÍRITO SANTO

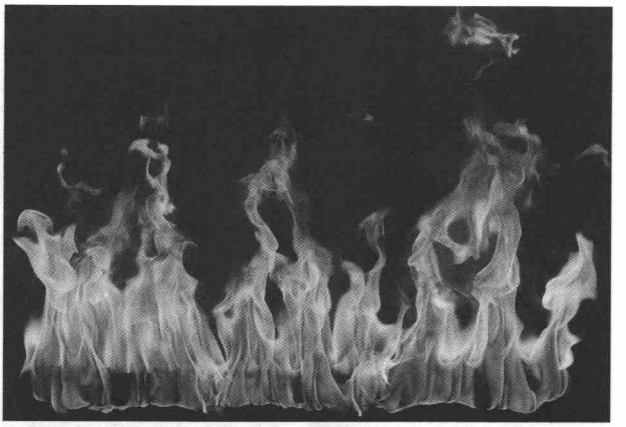


Há vários símbolos para revelar o Espírito Santo. Cada um deles carrega consigo significados peculiares, dependendo do momento, da situação e da ação do Espírito. Isso faz parte da didática divina para ensinar quem é a terceira pessoa da Trindade e como age. Sobre os símbolos do Espírito Santo, Mark D. McLean comenta:

> Os símbolos oferecem quadros de coisas abstratas, como a terceira pessoa da Trindade. Os símbolos do Espírito Santo também são arquétipos. Em literatura, arquétipo é um personagem, tema ou símbolo comum a várias culturas e épocas. Em todos os lugares, o vento representa forças poderosas, porém invisíveis; a água límpida que flui representa o poder e o refigério sustentador da vida a todos os que têm sede, física ou espiritual; o fogo representa uma força purificadora (como na purificação de minérios) ou destruidora (frequentemente citada no juízo). Tais símbolos representam realidades intangíveis, porém genuínas.[5]

5. HORTON, Stanley M. *Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 1966. p. 387.

Fogo



João Batista profetizou acerca de Jesus e, na sua profecia, fez também alusão ao Espírito Santo: "E eu, em verdade, vos batizo com água, para o arrependimento; mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu; não sou digno de levar as suas sandálias; ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo" (Mt 3.11). Depois dessa profecia, há algumas ocorrências em que o fogo está diretamente relacionado à pessoa do Espírito Santo, como, por exemplo, o dia de Pentecostes, quando o Espírito Santo veio sobre os quase 120 irmãos reunidos no cenáculo do templo: "E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles" (At 2.3). O fogo fala de força, de poder destrutivo; desse modo, muitos relacionam a ação do Espírito Santo, quando simbolizada pelo fogo, como um poder que destrói o pecado, trazendo purificação.

Vento

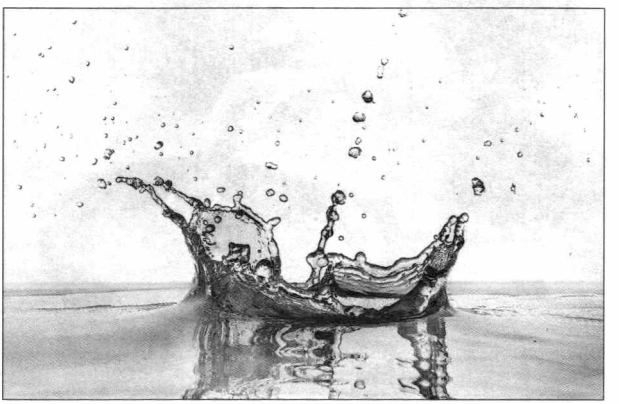
O vento é uma das representações mais diretamente relacionadas ao Espírito Santo, já que "espírito", em grego, é *pneuma* (sopro, vento). No dia de Pentecostes, além do fogo, ouviu-se também o som de uma ventania: "E, de repente, veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados" (At 2.2). Antes, porém, após a ressurreição, em um encontro que teve com os discípulos, Jesus assoprou sobre eles: "E, havendo dito isso, assoprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo" (Jo 20.22).

Água

A água é um símbolo aplicado também a Jesus. Ele se ofereceu como água da vida para a mulher samaritana, à beira do poço de Jacó (Jo 4.14). Mas Jesus fez alusão à

água para referir-se ao Espírito Santo: "Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre. E isso disse ele do Espírito, que haviam de receber os que nele cressem; porque o Espírito Santo ainda não fora dado, por ainda Jesus não ter sido glorificado" (Jo 7.38,39). Essa figura da água, representando o Espírito Santo, foi profetizada por Isaías: "Porque derramarei água sobre o sedento e rios, sobre a terra seca; derramarei o meu Espírito sobre a tua posteridade e a minha bênção, sobre os teus descendentes" (Is 44.3).

Chuva e orvalho



Uma das figuras mais comuns sobre avivamento do Espírito encontradas no Antigo Testamento diz respeito à chuva, "chuva serôdia". Há duas chuvas conhecidas: a "temporã" (moderada) e a "serôdia" (também conhecida como chuva tardia). A primeira prepara a terra para o plantio, e a segunda, para a colheita: "Conheçamos e prossigamos em conhecer o Senhor: como a alva, será a sua saída; e ele a nós virá como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra" (Os 6.3). O profeta Joel, no contexto da sua profecia a respeito do derramamento do Espírito sobre toda a terra, fala da chuva serôdia: "E vós, filhos de Sião, regozijai-vos e alegrai-vos no Senhor, vosso Deus, porque ele vos dará ensinador de justiça e fará descer a chuva, a temporã e a serôdia, no primeiro mês" (Jl 2.23). Ambas as chuvas têm sempre o tempo certo para vir, mesmo assim, o profeta Zacarias recomenda: "Pedi ao Senhor chuva no tempo da chuva serôdia; o Senhor, que faz os relâmpagos, lhes dará chuveiro de água e erva no campo a cada um" (Zc 10.1). A Igreja do Senhor deve buscar essa chuva de avivamento, até mesmo quando o avivamento já estiver ocorrendo. O profeta Elias, mesmo sabendo que choveria, pôs a cabeça entre os joelhos para orar.

Pomba

A pomba é uma ave inocente e de voo suave. Ela aparece no Antigo Testamento,

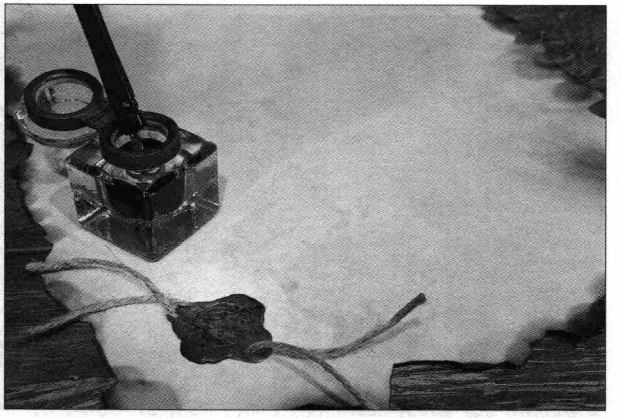
como elemento de anunciação de que o dilúvio havia cessado. Nos sacrifícios, Deus aceitava as pombas oferecidas pelos pobres, já que cordeiro, ovelha, cabrito ou bezerro eram mais caros. Quando o mundo ainda estava vivendo o período caótico, o Espírito de Deus pairava (voava) sobre a face das águas (Gn 1.2). João viu o Espírito Santo descer sobre Jesus em forma de uma pomba, no dia em que o batizou: "E João testificou, dizendo: Eu vi o Espírito descer do céu como uma pomba e repousar sobre ele" (Jo 1.32).

Óleo

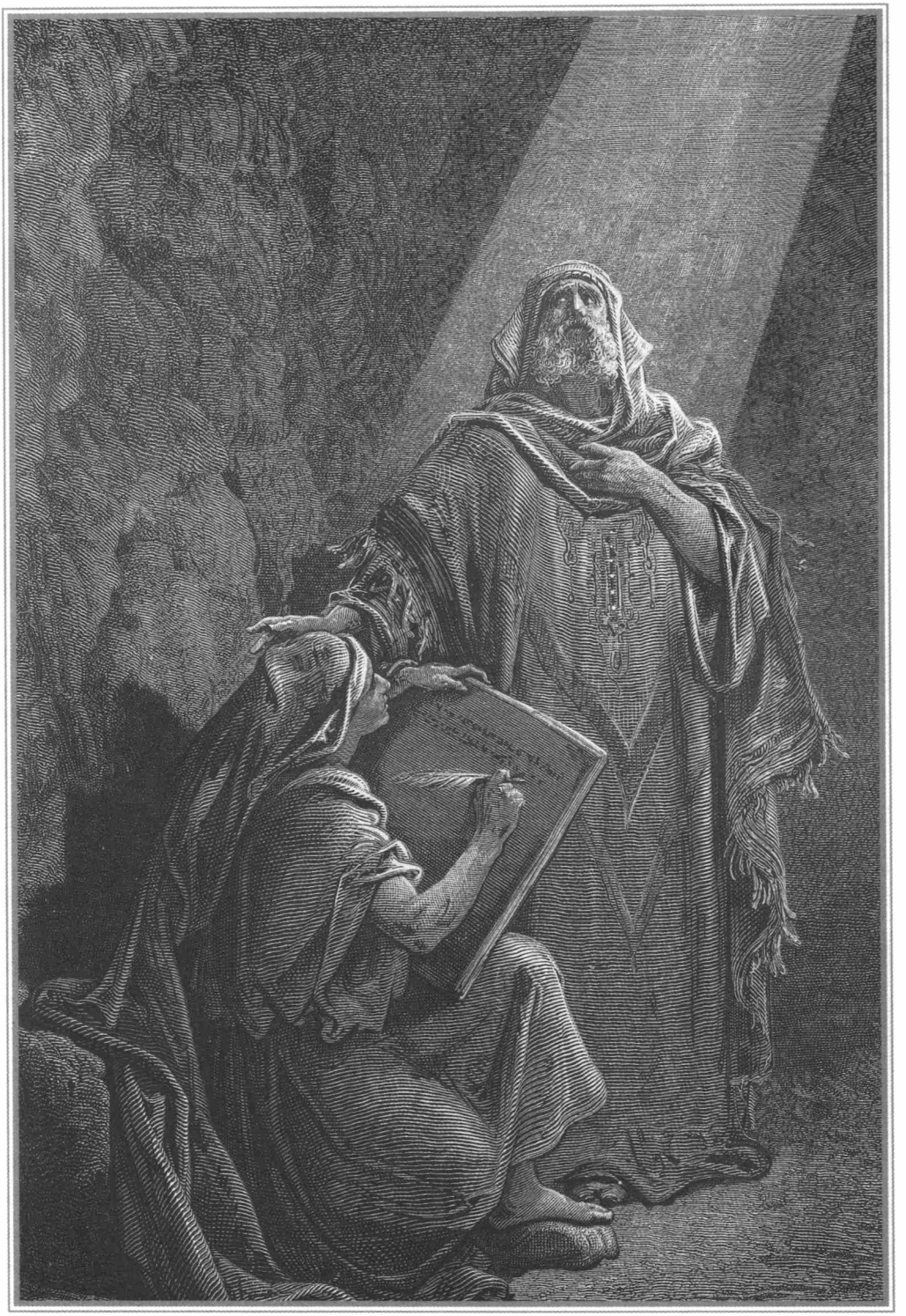
O azeite era usado na consagração de reis, profetas e sacerdotes (Sl 133.2; 1 Sm 16.13). No Novo Testamento, é aplicado sobre os enfermos: "Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da Igreja, e orem sobre ele, ungindo-o com azeite em nome do Senhor" (Tg 5.14). A unção, feita com óleo, passou a ser empregada como a operação do Espírito Santo na pessoa, uma vez que Ele é a própria unção: "E vós tendes a unção do Santo e sabeis tudo" (1 Jo 2.20,27). A unção é também uma das características próprias de Jesus como Messias. O nome Messias (no hebraico) ou Cristo (no grego) significa "ungido".

Selo

"(...) Fostes selados com o Espírito Santo da promessa; o qual é o penhor da nossa herança, para a redenção da possessão de Deus, para louvor da sua glória" (Ef 1.13,14). A figura do selo volta a aparecer na carta aos Efésios: "E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o Dia da redenção" (Ef 4.30). Nos tempos antigos – e, ainda hoje, ocorre entre algumas tribos africanas –, era comum marcar-se o rosto de um escravo para identificá-lo com o seu proprietário. O apóstolo Paulo diz que os sal-



vos têm um selo, ou seja, uma marca de pertencimento, para que, no grande dia do arrebatamento, sejam identificados e subam como Igreja que são. Essa marca é a própria presença do Espírito Santo: "O qual também nos selou e deu o penhor do Espírito em nosso coração" (2 Co 1.22). Todo crente salvo em Jesus possui o selo do Espírito. Ele não pode ser confundido com o batismo com o Espírito Santo. Nem todo salvo é batizado; porém, todo salvo tem o selo do Espírito.



O ESPÍRITO SANTO NO ANTIGO TESTAMENTO

O Espírito Santo sempre existiu

O Espírito Santo é eterno; por isso, também sempre se manifestou. Sua presença no Antigo Testamento é notória, como veremos a seguir; mas não era tão intensa quanto hoje. O Espírito Santo vinha à terra, mas não estava na terra. Jesus deixou isso claro quando disse aos discípulos que a vinda permanente do Espírito Santo à terra dependia de que Ele subisse para junto do Pai: "Todavia, digo-vos a verdade: que vos convém que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, enviar-vo-lo-ei" (Jo 16.7). Suas manifestações eram esporádicas e também seletivas. Jesus falou sobre a vinda definitiva do Espírito Santo: "Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre. E isso disse ele do Espírito, que haviam de receber os que nele cressem; porque o Espírito Santo ainda não fora dado, por ainda Jesus não ter sido glorificado" (Jo 7.38,39). Essa vinda do Espírito Santo sobre a terra era algo previsto no Antigo Testamento: "E vos darei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei o coração de pedra da vossa carne e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu espírito e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis os meus juízos, e os observeis" (Ez 36.26,27; cf. 37.14); "E há de ser que, depois, derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas

empreendimento? O rei perguntou: "Acharíamos um varão como este em que há o Espírito de Deus?" (Gn 41.38). Então, escolheu José, julgando que aquele moço, que pudera receber interpretação divina dos sonhos, poderia receber sabedoria administrativa para a emergência nacional. José recebeu a incumbência e, pelo Espírito do Senhor, administrou a vida econômica do Egito com tanta sabedoria que salvou a vida de muitos. Pessoas que exercem funções administrativas, ainda que seculares, nos dias atuais, podem receber a mesma sabedoria, se o Espírito assim conceder.

Moisés foi cheio do Espírito Santo: "Todavia, se lembrou dos dias da antiguidade, de Moisés e do seu povo, dizendo: Onde está aquele que os fez subir do mar com os pastores do seu rebanho? Onde está aquele que pôs no meio deles o seu Espírito Santo?" (Is 63.11). O Espírito que habitou em Moisés foi transmitido aos 70 anciãos, de maneira que "pousou sobre eles o Espírito". Isso demonstra que Moisés era um homem cheio do Espírito Santo (Nm 11.17,25).

Capacitando para a construção do tabernáculo e do templo

O Senhor dotou Bezalel de capacidade para ser o artífice do tabernáculo: "Depois, disse Moisés aos filhos de Israel: Eis que o Senhor tem chamado por nome Bezalel, filho de Uri, filho de Hur, da tribo de Judá. E o Espírito de Deus o encheu de sabedoria, entendimento e ciência em todo artifício" (Êx 35.30,31). Josué, que substituiu Moisés após sua morte, recebeu sobre si o Espírito Santo: "Então, disse o Senhor a Moisés:

Tabernáculo

Toma para ti a Josué, filho de Num, homem em quem há o Espírito, e põe a tua mão sobre ele" (Nm 27.18; cf. Dt 34.9).

Habilitando juízes para governarem o povo

O livro dos Juízes apresenta alguns nomes de homens sobre os quais o Espírito Santo também veio, como Otniel: "E veio sobre ele o Espírito do Senhor, e julgou a Israel e saiu à peleja; e o Senhor deu na sua mão a Cusã-Risataim, rei da Síria; e a sua mão prevaleceu contra Cusã-Risataim" (Jz 3.10); Gideão: "Então o Espírito do Senhor revestiu a Gideão, o qual tocou a buzina, e os abiezritas se juntaram após ele" (Jz 6.34); Jefté: "Então o Espírito do Senhor veio sobre Jefté, e atravessou ele por Gileade e Manassés; porque passou até Mispa de Gileade e de Mispa de Gileade passou até aos filhos de Amom" (Jz 11.29); Sansão: "E o Espírito do Senhor o começou a impelir de quando em quando para o campo de Dã, entre Zorá e Estaol" (Jz 13.25; cf. 14.6,19; 15.14).

Colocando palavras proféticas nos lábios de quem não era profeta

Diferentemente de hoje, após o derramamento do Espírito Santo "sobre toda a carne", em que todo crente em Jesus é templo do Espírito Santo (1 Co 3.16; 2 Co 6.16), no passado, as manifestações do Espírito, com exceção dos que portavam cargos majoritários, como reis, profetas e sacerdotes, eram esporádicas. Os 70 anciãos que lideravam o povo ao lado de Moisés receberam, em uma ocasião, o mesmo Espírito que repousava sobre Moisés e profetizaram: "Então, o Senhor desceu na nuvem e lhe falou; e, tirando do Espírito que estava sobre ele, o pôs sobre aqueles setenta anciãos; e aconteceu que, quando o Espírito repousou sobre eles, profetizaram; mas, depois, nunca mais" (Nm 11.25). Contudo, dois homens ficaram no arraial: Eldade e Medade, que profetizavam. Aquilo era algo tão atípico que um moço correu para levar a notícia a Moisés. O próprio Josué achou aquilo estranho e pediu a Moisés que os proibisse de profetizarem, e Moisés se mostrou favorável a eles, dizendo: "(...) Tomara que todo o povo do Senhor fosse profeta, que o Senhor lhes desse o seu Espírito!" (Nm 11.29). Conhecemos também o caso de Balaão: "E levantando Balaão os olhos e vendo a Israel que habitava segundo as suas tribos, veio sobre ele o Espírito de Deus, e alçou a sua parábola e disse: Fala Balaão, filho de Beor, e fala o homem de olhos abertos" (Nm 24.2,3).

Tanto Saul quanto Davi receberam o Espírito Santo para exercer o reinado sobre a nação de Israel. O primeiro foi Saul que, mal acabara de ser ungido rei pelo profeta Samuel, experimentou a palavra de profecia em seus lábios. Assim que Samuel o ungiu rei, disse a ele que se dirigisse ao outeiro de Deus, onde se encontrava um rancho de profetas que tocavam instrumentos e profetizavam. Disse ainda que, no caminho, haveria alguns sinais. Tudo aconteceu conforme predito pelo profeta Samuel: "E, chegando eles

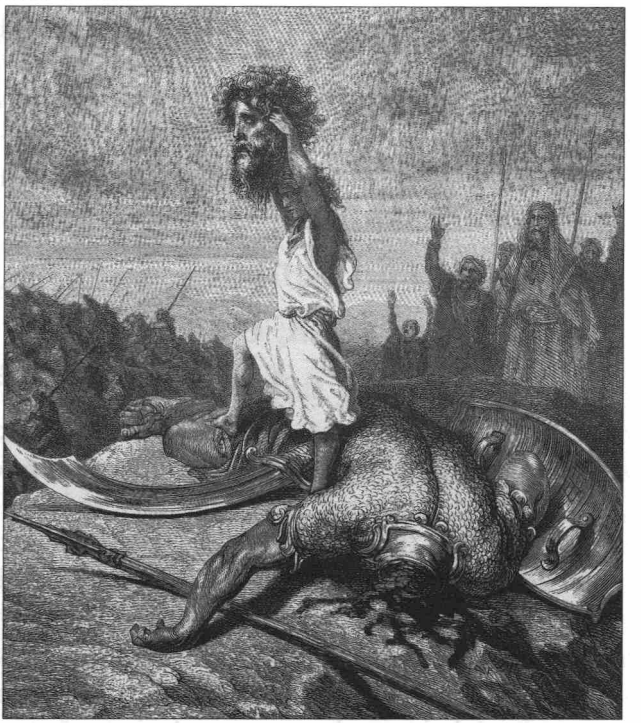
ao outeiro, eis que um rancho de profetas lhe saiu ao encontro; e o Espírito de Deus se apoderou dele, e profetizou no meio deles" (1 Sm 10.10). Como Saul era conhecido naquela região, ficaram todos admirados e perguntaram: "(...) Que é o que sucedeu ao filho de Quis? Está também Saul entre os profetas?" (1 Sm 10.11). Não muito depois, deparou-se com um problema. O povo ainda não conhecia o seu rei. Nessa ocasião, o amonita Naás subiu contra Jabes-Gileade.

Os homens daquela cidade, temendo pela incapacidade de o novo rei protegê-los, propuseram um acordo com o inimigo, mas os amonitas foram maus e dificultaram o acordo, impondo sobre eles condições bárbaras. A covardia do povo de Jabes desencorajou o restante da nação. Todos choravam. Saul voltava do campo e, quando viu o povo chorando, perguntou o que se passava: "Então, o Espírito de Deus se apoderou de Saul, ouvindo estas palavras, e acendeu-se em grande maneira a sua ira" (1 Sm 11.6). Saul teve uma iniciativa capaz de dar, ao mesmo tempo, temor, responsabilidade e confiança ao povo: "E tomou um par de bois, e cortou-os em pedaços, e os enviou a todos os termos de Israel pelas mãos dos mensageiros, dizendo: Qualquer que não sair atrás de Saul e atrás de Samuel, assim se fará aos seus bois. Então caiu o temor do Senhor sobre o povo, e saíram como um só homem" (1 Sm 11.7). Mas, infelizmente, Saul não manteve sempre o Espírito do Senhor sobre ele, pelo contrário: "E o Espírito do Senhor se retirou de Saul, e o assombrava um espírito mau, da parte do Senhor" (1 Sm 16.14). Quando Davi entra no cenário e torna-se popular entre o povo, Saul passa a persegui-lo. Seu desejo é tirar Davi do seu caminho. Certa vez, o rei mandou seus homens procurarem Davi em Naiote, onde ele se encontrava em companhia de Samuel. Quando os homens chegaram, viram que o profeta presidia uma reunião de profetas. Naquele instante, o "Espírito de Deus veio sobre os mensageiros de Saul, e também eles profetizaram" (1 Sm 19.20). Sabendo disso, Saul enviou um segundo e, depois, ainda, um terceiro grupo de mensageiros, que

Saul contra Davi

profetizaram. Por fim, foi ele mesmo, pessoalmente, e, quando lá chegou, profetizou também e de forma um tanto estanha: "E ele também despiu as suas vestes, e ele também profetizou diante de Samuel, e esteve nu por terra todo aquele dia e toda aquela noite; pelo que se diz: Está também Saul entre os profetas?" (1 Sm 19.21-24)[7]. Embora não saibamos qual tenha sido o conteúdo da profecia de Saul, dispomos da informação de que tanto ele – em mais de uma ocasião – quanto seus homens profetizaram. Certamente, havia, da parte do profeta Samuel, uma unção especial que, de certa forma, contagiava quem tivesse algum contato com ele. Não sabemos.

Davi e Golias



Depois, foi Davi. De todos os casos do Antigo Testamento, um dos mais lindos de se ler é o de Davi, quando foi ungido para ser rei de Israel: "Então, Samuel tomou o vaso do azeite e ungiu-o no meio dos seus irmãos; e desde aquele dia em diante, o Espírito do Senhor se apoderou de Davi (...)" (1 Sm 16.13). Foi essa unção que capacitou Davi a vencer o filisteu Golias e, subsequentemente, a reinar tão bem. Quando Davi tomou consciência da gravidade do pecado que cometera contra Urias, compreendeu a tragédia que seria para ele se Deus lhe retirasse o Espírito. Davi orou: "Não retires de mim o teu Espírito" (Sl 51.11). Mas, no fim de sua vida, Davi fez uma declaração interessante: "O Espírito do Senhor falou por mim, e a sua palavra esteve na minha

7. O caso de Saul não é o único. O profeta Isaías andou três anos nu e descalço (Is 20.3). A nudez, entretanto, não deve ser entendida como ausência total de vestes. O termo hebraico *haram* indica também ausência das vestes de ofício. No caso do rei Saul, ele estava sem as vestes reais, usando apenas as vestes inferiores. O Senhor disse ao profeta Isaías: "Vai, solta o cilício [túnica feita de pele de animais] de teus lombos e descalça os sapatos dos teus pés. E assim o fez, indo nu e descalço" (Is 20.2). Ninguém fica completamente nu apenas porque tira uma túnica que usa sobre os ombros. A falta das vestes de ofício dá à pessoa a sensação de nudez. Seria o mesmo que um soldado sem farda no exercício da sua função. A ausência das vestes reais possibilitava ao Espírito de Deus agir livremente em Saul, sem qualquer vínculo com sua autoridade real. Naquele instante, era somente Saul, e não o rei Saul.

No fim de sua vida, Davi fez uma declaração interessante: "O Espírito do Senhor falou por mim, e a Sua palavra esteve na minha boca".

boca" (2 Sm 23.2). Contudo, curiosamente, depois desses dois reis, nunca mais se leu que qualquer outro rei de Israel – ou de Judá, quando o reino estava dividido – recebera o Espírito de Deus em sua vida. Há outros casos de pessoas, como Amasai, que era guerreiro de Davi (1 Cr 12.18), e Zacarias, que era sacerdote (2 Cr 24.20).

Concedendo poder

O profeta Ezequiel menciona várias vezes que o Espírito o levantou e o levou (Ez 3.12,14; 8.3; 11.1,24; 43.5). Assim, o profeta descreve a ação do Espírito de Deus sobre a sua vida. Obadias, mordomo do rei Acabe, foi incumbido de procurar Elias. Logo que encontrou o profeta, entregou-lhe uma mensagem para dar ao rei, mas Obadias temeu que, ao voltar, não encontrasse novamente Elias. Então, disse: "E poderia ser que, apartando-me eu de ti, o Espírito do SENHOR te tomasse, não sei para onde, e, vindo eu a dar as novas a Acabe, e não te achando ele, me mataria; porém eu, teu servo, temo ao SENHOR desde a minha mocidade" (1 Rs 18.12). Essa foi também a curiosidade dos profetas que acompanharam Elias até a outra margem do Jordão, no dia em que ele seria tirado da terra. Como não o viram subindo – como Eliseu pôde ver –, apenas notaram, pediram autorização a Eliseu para procurarem Elias (2 Rs 1.16-18). Já o profeta Zacarias, em meio a uma das suas oito visões, recebeu uma que visava a encorajar o governador a reconstruir a casa de Deus. Em meio às muitas dificuldades que enfrentasse, deveria ser determinado, porque conseguiria: "E respondeu e me falou, dizendo: Esta é a palavra do Senhor a Zorobabel, dizendo: Não por força, nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos" (Zc 4.6).

O Espírito Santo na vida dos profetas

No Antigo Testamento, o Espírito Santo manifestou-se de três maneiras na vida dos profetas: 1) fazendo proezas, 2) vaticinando e 3) escrevendo.

Usando-os para que fizessem proezas

Sabendo que o profeta Elias seria tirado da terra de forma espetacular, Eliseu, seu aluno e sucessor, interessou-se em herdar suas virtudes espirituais, afinal, como pessoa mais próxima do profeta, era aquele que jogava água em suas mãos, acompa-

nhava-o em todas as suas jornadas e assistia a todos os seus trabalhos. Caminharam juntos de Gilgal ao vale do Jordão, onde ele seria tirado por um carro de fogo, em forma de um redemoinho. "Sucedeu pois, que, havendo eles passado, Elias disse a Eliseu: Pede-me o que queres que eu te faça, antes que seja tomado de ti. E disse Eliseu: Peço-te que haja porção dobrada de teu espírito sobre mim. E disse: Coisa dura pediste; se me vires quando for tomado de ti, assim se te fará; porém, se não, não se fará. E sucedeu que, indo eles andando e falando, eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao céu num redemoinho" (2 Rs 2.9-11). O pedido de Eliseu soou estranho aos ouvidos do profeta; afinal, ninguém pode dar o dobro do que tem; todavia, por mais estranho que parecesse o seu pedido, Deus o honrou.

O espírito que atuava no profeta não era o seu próprio, mas o Espírito Santo, caso contrário, ele jamais teria condições de realizar tantas proezas, tais como: ordenar ao céu que parasse de mandar chuva (1 Rs 17.1) e, três anos e meio depois, dar ordem à natureza para que voltasse a chover (1 Rs 18.41-46); enfrentar 450 profetas de Baal, fazendo descer fogo sobre um altar encharcado de água (1 Rs 18.31-39); multiplicar o azeite e a farinha na casa da viúva de Sarepta (1 Rs 17.8-16); ressuscitar o filho da mesma viúva (1 Rs 17.17-24); ser alimentado por um corvo durante um tempo de recesso, fugindo por 40 dias, do centro urbano, para o extremo sul do país (1 Rs 19.8); suplicar que fogo do céu consumisse dois grupos de 50 soldados cada (2 Rs 1.9-14). Para atravessar o Jordão, simplesmente tocou as águas com a sua capa, e o rio se abriu para que ele e Eliseu o atravessassem a seco (2 Rs 2.8). Sua despedida da terra foi algo extraordinário. Quando o profeta subiu, sua capa caiu. Eliseu, apoderando-se dela como um símbolo do legado espiritual, começou a fazer proezas imediatamente, tocando com ela o rio que novamente se abriu para que ele passasse. Dali em diante, constatam-se pelo menos o dobro de milagres realizados pelo profeta Elias.

Milagres aconteceram no Antigo Testamento, porém, não com a mesma frequência que ocorreram no Novo Testamento; mas, pode-se, seguramente, dizer que os que Eliseu realizou decorreram da ação poderosa do Espírito Santo que veio sobre ele, em resposta ao seu pedido.

Usando-os para que vaticinassem

Os profetas de Deus proferiam palavras, quer de exortação ao povo, aos sacerdotes e aos reis, quer de vaticínio, profetizando bênçãos ou juízos, e eles faziam isso pelo Espírito de Deus que neles atuava. Ezequiel, por exemplo, trouxe palavras proféticas sobre o retorno dos judeus do cativeiro babilônico para a sua terra natal. Como profeta de Deus, seu ministério foi marcado por muitas visões de Deus, e ele era consciente de que o Espírito do Senhor atuava nele: "Então, entrou em mim o Espírito quando falava comigo, e me pôs em pé, e ouvi o que me falava" (Ez 2.2; cf.

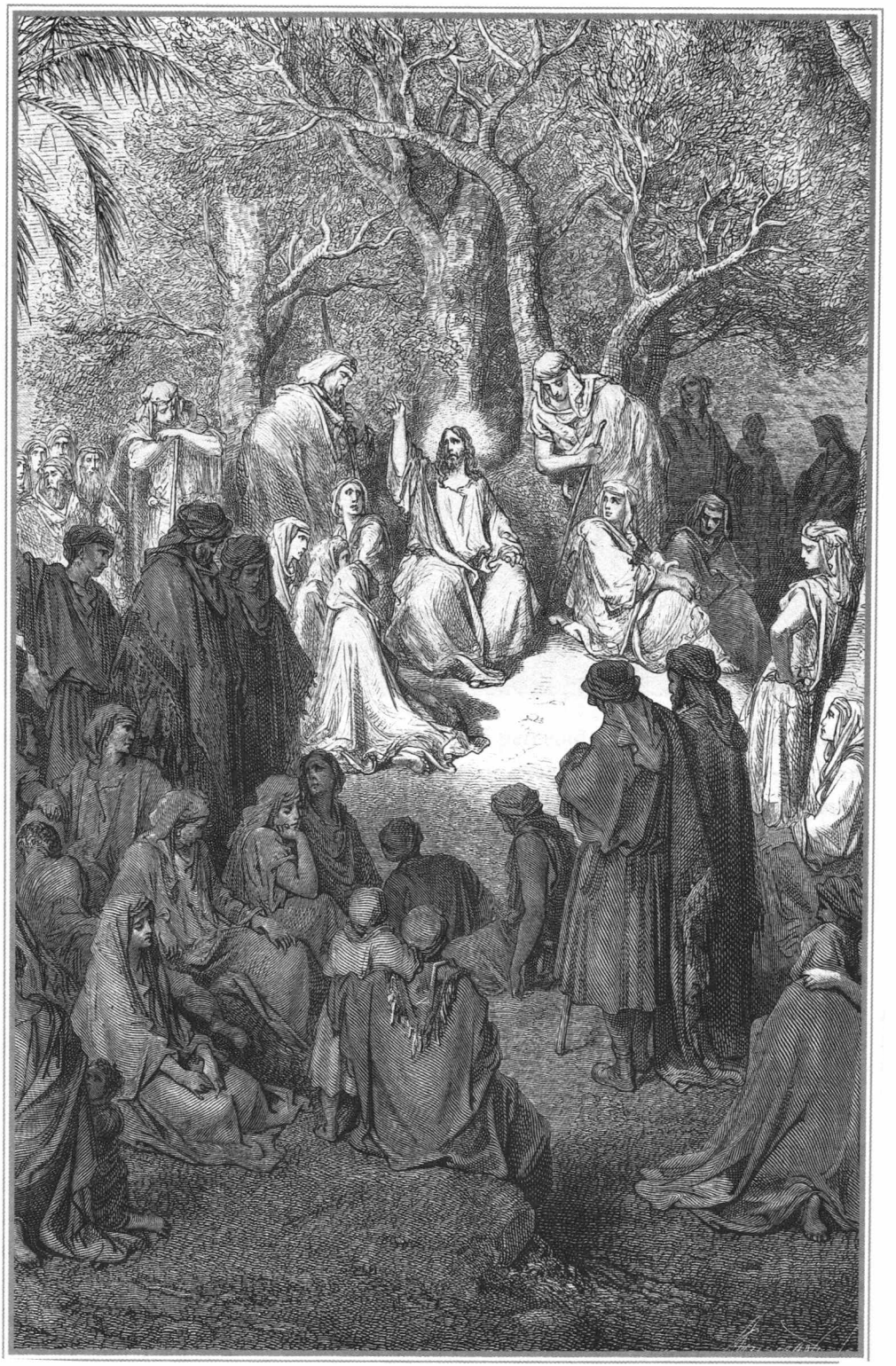
Nabucodonosor

3.24). O mesmo aconteceu com Daniel, e isso foi percebido até mesmo pelo rei Nabucodonosor que, na sua narrativa – segundo a compreensão pagã que tinha –, relatou do seu jeito o que notou em Daniel: "Mas, por fim, entrou na minha presença Daniel, cujo nome é Beltessazar, segundo o nome do meu deus, e no qual há o espírito dos deuses santos; e eu contei o sonho diante dele: Beltessazar, príncipe dos magos, eu sei que há em ti o espírito dos deuses santos, e nenhum segredo te é difícil; dize-me as visões do meu sonho que tive e a sua interpretação (...). Isso em sonho eu, rei Nabucodonosor, vi; tu, pois, Beltessazar, dize a interpretação; todos os sábios do meu reino não puderam fazer-me saber a interpretação, mas tu podes; pois há em ti o espírito dos deuses santos" (Dn 4.8,9,18). Mais tarde, quando era rei, Belsazar – que era filho de Nabucodonosor – viu uma mão escrevendo palavras desconhecidas na parede e apavorou-se. Então, a rainha sugeriu que mandassem chamar Daniel para decifrar aquelas palavras: "Há no teu reino um homem que tem o espírito dos deuses santos; e nos dias de teu pai se achou nele luz, e inteligência, e sabedoria, como a sabedoria dos deuses; e teu pai, ó rei, o constituiu chefe dos magos, dos astrólogos, dos caldeus e dos adivinhadores" (Dn 5.11). Outro profeta que reconhecia ter em si mesmo a presença do Espírito Santo foi Miqueias: "Mas, de certo, eu sou cheio da força do Espírito do Senhor e cheio de juízo e de ânimo, para anunciar a Jacó a sua transgressão e a Israel o seu pecado" (Mq 3.8).

Usando-os para que escrevessem

A inspiração das Escrituras – como já foi demonstrada no capítulo em que tratamos da Bibliologia – é obra exclusiva do Espírito Santo. A única literatura verdadeiramente "inspirada" – já que inspiração significa "dado pelo sopro de Deus" – é a Bíblia Sagrada. Assim, resta-nos aceitar, como algo inexorável, que o Espírito Santo atuou em todos os escritores bíblicos, para que eles escrevessem as Escrituras Sagradas. Os profetas falaram e escreveram. Pedro disse: "Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo" (2 Pe 1.21).

O Espírito Santo é mencionado 71 vezes no Antigo Testamento. Treze dessas referências encontram-se no Pentateuco. Em Isaías, quatorze vezes, e, em Ezequiel, há 12 menções ao Espírito Santo. Juízes e 1 Samuel o mencionam sete vezes, e o livro dos Salmos, cinco. Somente 16 dos 39 livros do Antigo Testamento não fazem referência ao Espírito Santo.



O ESPÍRITO SANTO NO NOVO TESTAMENTO

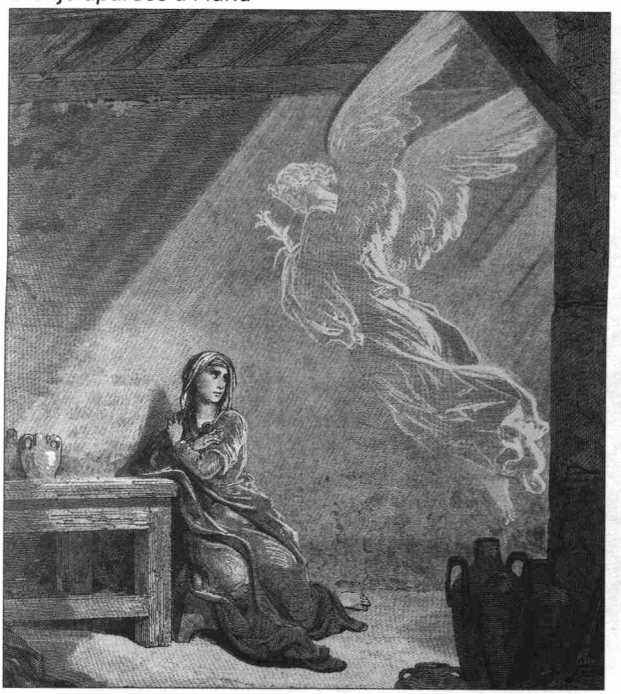
Embora o ministério do Espírito no Antigo Testamento tenha sido muito poderoso, no Novo Testamento, Seu ministério é ainda mais amplo em Sua manifestação na vida e no ministério de Jesus, bem como na vida da Igreja estabelecida por Ele.

Durante 400 anos, aproximadamente, antes do nascimento de Jesus, não se tem conhecimento, pelas Escrituras, de que o Espírito Santo tenha falado aos homens – embora Deus nunca deixe de falar. Nenhuma voz profética havia proclamado a mensagem de Deus ao Seu povo. Então, iniciou-se, de repente, um período de atividade espiritual incomum: o velho sacerdote Zacarias e sua esposa Isabel ouviram um mensageiro celeste dizer-lhes que, contrariando as leis da natureza, eles teriam um filho. Essa profecia se cumpriu com o nascimento de João Batista, que era "cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe" (Lc 1.15). O próprio pai, Zacarias, também foi cheio do Espírito Santo, em razão de haver proferido a maravilhosa profecia concernente ao menino, registrada em Lucas 1.67-79.

O Espírito Santo operando no nascimento virginal

Um anjo apareceu a Maria, em Nazaré, anunciando-lhe que, pelo Espírito Santo, ela conceberia e daria à luz um filho: o Salvador do mundo. O anjo também apareceu a José, com quem ela era desposada, assegurando-lhe de que a gravidez era resultado

O anjo aparece a Maria



da obra do Espírito Santo (Lc 1.26-45). O anjo que falava com ela disse: "Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho do Altíssimo" (Lc 1.35). Durante o tempo de gestação, em uma visita que Maria fez à sua prima Isabel, também gestante de João Batista, o Espírito Santo se manifestou em seu ventre: "E aconteceu que, ao ouvir Isabel a saudação de Maria, a criancinha saltou no seu ventre; e Isabel foi cheia do Espírito Santo" (Lc 1.41).

Apresentação no templo

Após o período da purificação (de Maria), conforme a Lei, o casal, José e Maria, foi ao templo apresentar o menino. Lá, encontrou o velho Simeão, a quem Deus havia revelado que ele não morreria sem antes conhecer o Messias (que é Cristo). O Espírito manifestou-se de modo especial a Simeão. Justamente naquele dia, pelo Espírito, ele foi ao templo, quando levaram o menino (Lc 2.25-30).

No início do ministério

Quando Jesus foi batizado por João no rio Jordão, o Espírito Santo desceu sobre Ele, assinalando o início do Seu ministério (Mt 3.13-17). Que cena aquela! Ao imergir Jesus, o Filho de Deus, João Batista viu o sinal que Deus lhe indicara: "Sobre aquele em que vires descer o Espírito Santo e sobre ele repousar, esse é o que batiza com o Espírito Santo" (Jo 1.33). Assim, quando os céus se abriram, e o Espírito Santo desceu em forma de pomba, João teve a garantia dada pelo próprio Deus de que Aquele a quem ele batizava era, de fato, o Cristo.

Guiando-o

Assim que Jesus saiu do Jordão, onde fora batizado por João Batista, foi guiado pelo Espírito Santo ao deserto, para ser tentado pelo diabo (Mt 4.1). Em Marcos 1.12,

o termo empregado é ἐκβάλλει, *ekballei* – "lançado", "atirado", "impelido" para εἰς τὴν ἔρημον, *eis tèn érmon* – "para dentro do deserto". Uma vez que se esvaziou da Sua soberania (Fl 2.6), Jesus passou a depender diretamente da direção dada pelo Espírito Santo. Quem pensaria que o Espírito Santo "impeliria" Jesus para que fosse tentado? O Espírito não levou Jesus ao deserto para abandoná-lo diante de Satanás, mas para cumprir um propósito que estava na agenda de Deus. Foi pelo Espírito que Jesus ganhou a vitória sobre toda a tentação, usando a espada do Espírito, a Palavra de Deus (Hb 4.12).

No exercício do Seu ministério

Na casa de Cornélio, Pedro fez um belíssimo relato de como o Espírito Santo agia na vida de Jesus: "Como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com virtude; o qual andou fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele" (At 10.38). As palavras do apóstolo confirmam o que o profeta Isaías vaticinara sobre Jesus: "E repousará sobre ele o Espírito do Senhor, e o Espírito de sabedoria e de inteligência, e o Espírito de conselho e de fortaleza, e o Espírito de conhecimento e de temor do Senhor" (Is 11.2). Na sinagoga de Cafarnaum, Jesus leu as palavras do profeta Isaías a Seu respeito: "E foi-lhe dado o livro do profeta Isaías; e, quando abriu o livro, achou o lugar em que estava escrito: O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a apregoar liberdade aos cativos, a dar vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos, a anunciar o ano aceitável do Senhor" (Lc 4.17-19; cf. Is 61.1). Pelo Espírito Santo, Jesus expulsava demônios: "Mas, se eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, é conseguintemente chegado a vós o Reino de Deus" (Mt 12.28).

Durante 400 anos, aproximadamente, antes do nascimento de Jesus, não se tem conhecimento, pelas Escrituras, de que o Espírito Santo tenha falado aos homens - embora Deus nunca deixe de falar. Nenhuma voz profética havia proclamado a mensagem de Deus.

Desafiando a morte

Foi pelo poder do Espírito Santo que Jesus teve coragem de oferecer-se para morrer pelos pecados dos homens. Humanamente falando, é difícil pensar

que uma pessoa tenha a coragem que Jesus teve para ir até o fim no Seu propósito de salvar os homens. Se a morte fosse rápida, vá lá, mas uma morte dolorosa e lenta requeria algo além de um grande ideal para ser possível. O escritor aos Hebreus explica: "Quanto mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará a vossa consciência das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo?" (Hb 9.14).

Ressuscitado pelo poder do Espírito Santo

O apóstolo Paulo faz questão de dizer duas coisas ao mesmo tempo: que Jesus ressuscitou pelo poder do Espírito e que o mesmo Espírito que levantou Jesus de entre os mortos garantirá a nossa ressurreição: "E, se o Espírito daquele que dos mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dos mortos ressuscitou a Cristo também vivificará o vosso corpo mortal, pelo seu Espírito que em vós habita" (Rm 8.11; cf. Rm 1.4).

Promessa do Espírito Santo aos discípulos

Após a Sua ressurreição, Jesus prometeu enviar o Espírito Santo sobre os discípulos assim que voltasse para o céu. Os discípulos deveriam permanecer em Jerusalém e aguardar o cumprimento da promessa: "E eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai: ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder" (Lc 24.49). Jesus acrescentou dizendo que a razão de eles receberem o poder do Espírito Santo era a necessidade de poder para testemunharem: "Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra" (At 1.8). De fato, o que Ele prometeu Ele também cumpriu (At 2.4; 33).

O Espírito Santo no Milênio

Além de atuar na vida da Igreja, durante o Seu tempo na terra, na era da graça, há também promessa bíblica de que o Espírito Santo atuará no Milênio, ou seja, nos mil anos de paz que haverá sobre a terra no reinado de Cristo Jesus (Ap 20.1-10). Enquanto a obra de Deus não estiver completamente concluída, o Espírito Santo não cessará a Sua obra. Haverá um tempo, ainda aguardado pelos crentes, em que algumas promessas feitas por Deus – ainda não cumpridas – serão realizadas. O Espírito Santo ali estará presente para executá-las. Durante o Milênio, quando Cristo reinar sobre a terra, o Espírito Santo exercerá a plenitude de Seu ministério: haverá um derramamento como nunca houve no mundo. Uma expectativa foi criada pelos profetas da antiga aliança sobre um tempo em que o Espírito Santo virá de maneira peculiar para os judeus. O profeta Isaías assim descreve esse avivamento do Espírito Santo: "Até que se derrame sobre nós o Espírito lá do alto" (Is 32.15). O profeta continua a descrever as condições reinantes durante o Milênio, como tempo de justiça, paz, repouso e segurança (v. 16,17).

O Espírito manifestar-se-á em toda parte do mundo, em escala nunca vista entre os homens. Ezequiel viu esse movimento espiritual assim: "E porei dentro de vós o meu Espírito" (Ez 36.27). Essa é a consumação da nova aliança entre Deus e os homens. Que privilégio conhecer pessoalmente o Espírito Santo!

O Espírito Santo na vida de Jesus

Mesmo sendo Deus, Jesus não prescindiu da presença do Espírito Santo em Sua vida. O Seu nascimento ocorreu de maneira peculiar. O anjo Gabriel, que anunciou a Maria que ela seria mãe, disse: "Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra (...)" (Lc 1.35). Assim, "Maria (...) achou-se ter concebido do Espírito Santo" (Mt 1.18). José recebeu do anjo o seguinte anúncio a respeito de Maria, sua mulher: "(...) O que nela está gerado é do Espírito Santo" (Mt 1.20). Na idade adulta, quando foi ao deserto para ser batizado por João Batista, assim que saiu da água, "o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea de uma pomba (...)" (Lc 3.22); Em seguida, lê-se: "E Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto" (Lc 4.1).

Do mesmo modo como Ele, pelo Espírito, foi levado ao deserto para ser tentado pelo diabo, pelo mesmo Espírito, foi levado para a Galileia (Lc 4.14). Jesus era dirigido pelo Espírito Santo. Na Galileia, entrou em uma sinagoga em Nazaré, em um sábado. Valendo-se de uma oportunidade aberta a todos que quisessem fazer a leitura de um texto e dar a explicação, Jesus abriu o livro do profeta Isaías 61.1, que diz: "O Espírito do Senhor Jeová está sobre mim, porque o SENHOR me ungiu para pregar boas-novas aos mansos; enviou-me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos e a abertura de prisão aos presos" (Lc 4.18,19). Ele estava ciente de que o Espírito Santo atuava plenamente nele para realizar a Sua obra.

Porém, certa ocasião, Jesus foi acusado de expulsar demônios por Belzebu. Ele retrucou, dizendo duas coisas: primeira, que Ele expulsava os demônios pelo Espírito de Deus; segunda, que atribuir coisas de Satanás ao Espírito Santo é blasfêmia (Mt 12.22-32). No entanto, Jesus não teve só momentos assim. O Espírito Santo causava-lhe exultação. Quando os setenta[8] voltaram da obra missionária pelo país, eles estavam felizes com os resultados obtidos na obra. "Naquela mesma hora, se alegrou Jesus no Espírito Santo e disse: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste essas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste às criancinhas; assim é, ó Pai, porque assim te aprouve" (Lc 10.21).

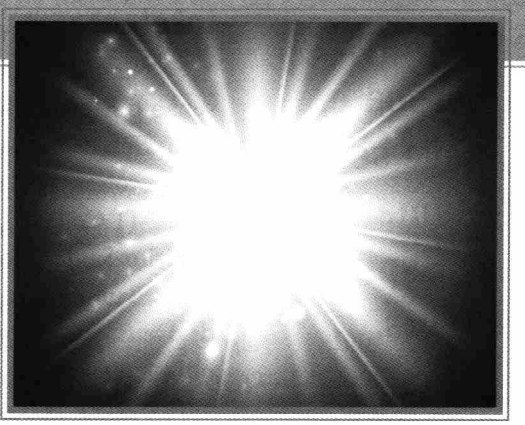
A plenitude do Espírito Santo em Jesus capacitava-o para realizar a obra de Deus. Enquanto esteve na terra, Jesus sofreu as limitações do corpo humano; por isso, era

---

8. O envio dos setenta é conhecido como a pequena comissão, para diferenciar-se da grande comissão de Mateus 28.18-20.

imprescindível a ação do Espírito Santo nele, e João Batista estava plenamente ciente dessa verdade quando disse: "Porque aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus, pois não lhe dá Deus o Espírito por medida" (Jo 3.34).

A PESSOA DO ESPÍRITO SANTO



O Espírito Santo não é uma energia, uma força ou uma simples expressão do Espírito inerente de Deus. Ele é uma pessoa e, como tal, deve ser reconhecido, amado e respeitado. O Espírito Santo é Deus! Do mesmo modo como a Bíblia trata individualmente do Pai e do Filho, ela faz isso em relação ao Espírito Santo. Por ser Deus, o Espírito Santo goza de todos os atributos da divindade, assim como o Pai e o Filho. Consideraremos agora algumas características e atitudes peculiares do Espírito Santo.

A personalidade do Espírito Santo

O Espírito Santo é uma pessoa e, como tal, tem personalidade, que é o conjunto de características que define uma pessoa. A personalidade reúne *intelecto, sensibilidade* e *vontade.* Charles Hodge reúne sete exemplos da pessoalidade do Espírito Santo: 1) deriva do uso dos pronomes pessoais em relação a Ele; 2) as relações que mantemos com Ele só podem ser mantidas com uma pessoa; 3) Ele exerce ofícios que ninguém, senão uma pessoa, pode manter ou exercer; 4) no exercício dessa função e de outras funções, atos pessoais são, na Bíblia, constantemente atribuídos ao Espírito Santo, porque são atos que implicam inteligência, vontade e poder; 5) inteligência, vontade e subsistência individual são atribuições distintivas; 6) manifestações pessoais do Espírito, ao descer

O Espírito Santo não é uma energia, uma força ou uma simples expressão do Espírito inerente de Deus. Ele é uma pessoa e, como tal, deve ser reconhecido, amado e respeitado. O Espírito Santo é Deus.

sobre Cristo depois do Seu batismo e sobre os crentes no dia de Pentecostes, envolvem, necessariamente, Sua subsistência pessoal; 7) o povo de Deus sempre considerou o Espírito Santo uma pessoa.[9]

Intelecto

"Ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus" (1 Co 2.11). Com Sua capacidade de "penetrar todas as coisas, ainda nas profundezas de Deus" (1 Co 2.10), não há nada que o Espírito Santo não possa saber. O Espírito Santo não é um espírito à parte de Deus, Ele é Deus, logo, é também onisciente.

O Espírito Santo tem sensibilidade

Além de entristecer-se quando alguém do Corpo comete pecado (Ef 4.25-30), Tiago diz que o Espírito Santo também tem ciúmes. Ele tem ciúmes de nós: "Ou cuidais vós que em vão diz a Escritura: O Espírito que em vós habita tem ciúmes?" (Tg 4.5). Sabemos que o ciúme não está na lista dos melhores sentimentos humanos, e chega a parecer inadequado aplicá-lo à pessoa do Espírito Santo, conquanto se entenda que o ciúme é um "sentimento doloroso, causado pelas exigências de um amor inquieto, pelo desejo de possuir a pessoa amada, pela suspeita ou a certeza da infidelidade; zelos" (Novo Dicionário Aurélio). Contudo, segundo o mesmo dicionário, o ciúme é também "receio de perder alguma coisa, cuidado, zelo". Com certeza, é nesse sentido que Tiago revela o ciúme próprio do Espírito Santo. Deve-se entender que o ciúme do Espírito Santo revela um profundo sentimento de "cuidado zeloso" por nós, tal qual o marido que vela pela sua esposa, protegendo-a de ser alvo da cobiça de outrem. O Espírito Santo tem a responsabilidade de apresentar a Noiva "(...) sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível" ao Cordeiro (Ef 5.27). Ele junta-se à "Esposa" – como a Igreja será chamada naquela ocasião – para clamar pela chegada do Esposo: "E o Espírito e a esposa dizem: Vem!" (Ap 22.17).

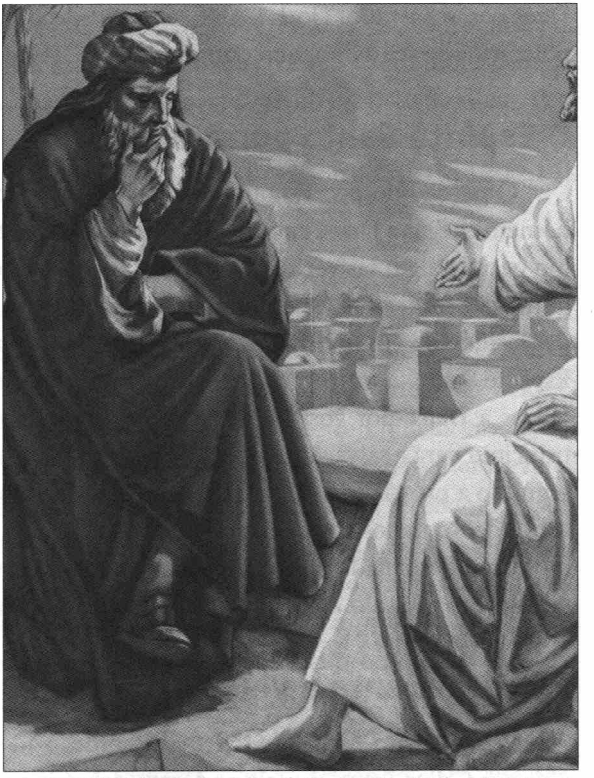
9. HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Hagnos, 2001. p. 391.

Vontade

Depois de discorrer sobre os nove dons do Espírito, o apóstolo Paulo conclui, dizendo: "Mas um só e o mesmo Espírito opera todas essas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer" (1 Co 12.11). O Espírito Santo é soberano para decidir, segundo a Sua própria vontade, qual o dom que Ele deseja repartir com os membros da Igreja para o que for útil, visando a edificação do Corpo. Sua vontade também se expressa na intercessão que faz pelos crentes: "E aquele que examina os corações sabe qual é a intenção do Espírito; e é ele que segundo Deus intercede pelos santos" (Rm 8.27).

A obra do Espírito Santo no pecador

A primeira obra do Espírito Santo na vida de alguém é alcançá-lo para Jesus. Ninguém pode ser alcançado para a salvação sem que o Espírito Santo faça o Seu trabalho de persuasão no íntimo do seu ser. Quando o pecador ouve a Palavra de Deus, é conduzido à fé. "Pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes; e nos gloriamos na esperança da glória de Deus" (Rm 5.2). O acesso da fé é pelo ouvido: "De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus" (Rm 10.17); mas, concomitantemente à palavra da fé está a operação do Espírito Santo, convencendo o pecador do seu real estado diante de Deus. Jesus prometeu que, quando o Espírito Santo viesse, após a Sua partida para o céu, Ele convenceria o mundo do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.8). Jesus foi, o Espírito Santo veio; portanto, esse é o Seu primeiro trabalho na vida do ser humano: convencê-lo de que é pecador.



Jesus e Nicodemos

Na salvação

O próximo trabalho na vida do pecador arrependido e rendido a Cristo é a regeneração. Jesus chama a regeneração de "novo nascimento" ou "nascer do Espírito" (Jo 3.6), em um

diálogo que mantém com Nicodemos, príncipe dos judeus: "Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito" (Jo 3.5). A regeneração é a entrada do pecador arrependido para uma nova vida em Jesus, no gozo de uma nova natureza (1 Pe 1.3,23; 1 Co 6.11).

No salvo

Uma vez regenerado, o homem desfruta de uma vida plena de benefícios trazidos pelo Espírito Santo. O primeiro deles é que ele se torna templo do Espírito: "Ou não sabeis que o nosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos?" (1 Co 6.19). A partir disso, o Espírito Santo passa a exercer uma atividade ampla, quanto maior for a liberdade que Ele tiver na vida do salvo.

Dando testemunho da salvação

Quem é salvo sabe que é salvo, porque goza do testemunho do Espírito de que é salvo. "O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus" (Rm 8.16). A filiação divina não é de todos, mas somente dos que receberam o Filho de Deus como Salvador (Jo 1.12). "E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai" (Gl 4.6).

O Espírito Santo purifica

O perdão do pecado obtido por meio do sacrifício de Jesus abre caminho para o homem chegar a Deus; entretanto, o ser humano está propício a cair novamente no mesmo pecado algumas vezes. É como o mato que se corta, mas torna a crescer. A natureza humana é recorrente. Para livrar-se da reincidência, é necessário passar por um processo de purificação em que a raiz é removida. Isso é purificação, e essa obra é efetuada pelo Espírito Santo. A purificação consiste na própria santificação: "Mas devemos sempre dar graças a Deus, por vós, irmãos amados do Senhor, por vos ter Deus elegido desde o princípio para a salvação, em santificação do Espírito e fé da verdade" (2 Ts 2.13); "Eleito segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito (...)" (1 Pe 1.2). O capítulo 8 de Romanos descreve a operação do Espírito Santo na vida do crente. É o capítulo da vitória desfrutada pelo crente para viver no Espírito, em contraste com a derrota registrada no capítulo 7. Pela purificação, o Espírito capacita o crente a:

Ajuda o crente a vencer o pecado

Pelo Espírito, a vida de Cristo se reproduz na vida do cristão. A lei "do espírito de vida em Cristo Jesus" é mais poderosa do que "a lei do pecado e da morte": "Porque a

lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte" (Rm 8.2). Nessa mesma passagem, Paulo apresenta o homem "espiritual", em contraste com o homem "natural". O homem "natural" anda segundo a carne, isto é, obedece às inclinações de sua natureza carnal, atitude que resultará em morte; por isso, tornou-se inimigo de Deus e não pode agradar-lhe. Mas, se Cristo está em nós, pelo poder do divino Executivo, o Espírito Santo, então podemos ter uma verdadeira experiência cristã com o domínio dos desejos da carne: "Porque os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o Espírito, para as coisas do Espírito. Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito é vida e paz. Porquanto, a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser. Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus. Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós. Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele" (Rm 8.5-9).

Batiza no Corpo de Cristo

Há uma expressão usada pelo apóstolo Paulo que muitos não compreendem. O batismo no Espírito – como conhecemos – é uma experiência individual, nem todos os salvos o têm. Trata-se de uma segunda experiência. Já o batismo no Corpo de Cristo refere-se à inclusão de todos os salvos no Corpo de Cristo – isto é, na Sua Igreja – por intermédio do Espírito Santo: "Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também. Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito" (1 Co 12.12,13).

Sela

O selo do Espírito é outra expressão que alguns confundem com o batismo no Espírito Santo. Todos os salvos são selados com o Espírito Santo. O selo do Espírito é sinal de possessão: "Todavia, o fundamento de Deus fica firme, tendo este selo: O Senhor conhece os que são seus (...)" (2 Tm 2.19). Aqueles 144 mil judeus castos, seguidores do Cordeiro e separados dos homens, antes do início dos juízos mais severos sobre as forças da natureza, durante o período da Grande Tribulação, recebem um selo para serem diferenciados como propriedades de Deus (Ap 7.3; cf. 14.1-4).

Algumas igrejas pentecostais entendem o "selo" como batismo, em razão de Paulo ter usado o termo *promessa* em Efésios 1.13, por entender que a promessa é um termo exclusivo do batismo. Com a expressão "o Espírito Santo da promessa", o apóstolo está simplesmente fazendo alusão ao Espírito Santo prometido. Nem todos os salvos em Cristo são batizados com o Espírito Santo. É clara essa distinção na Bíblia: "Falam todos diversas línguas (...)?" (1 Co 12.30). A resposta é "não", deixando claro que nem

todos os salvos são batizados com o Espírito Santo, embora sejam todos selados: "Em quem, também, vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo também nele crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa" (Ef 1.13). Nós o recebemos no dia da nossa salvação. "E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o Dia da redenção" (Ef 4.30). O selo é uma garantia para o dia da redenção.

O Espírito Santo é dado a nós como penhor *arrabona,* ἀρραβῶνα: "Que também nos selou e nos deu o penhor do Espírito em nossos corações" (2 Co 1.22). Paulo aqui faz uso de uma expresssão comercial, como se o Espírito Santo fosse um "depósito" feito por Deus em nós, como garantia de que, como "propriedades" – afinal, se fomos "comprados" –, não podemos deixar de ser dele. Penhor é garantia, testemunho, caução.

O Espírito Santo ilumina

Jesus disse acerca do Espírito Santo: "Ele vos ensinará todas as coisas" (Jo 14.26). Ele também prometeu: "(...) O Espírito Santo vos guiará em toda a verdade (...)"(Jo 16.13). O ensino do Espírito Santo não se relaciona tanto com a revelação de verdades novas ou desconhecidas, mas com a iluminação das verdades já conhecidas e reveladas. Ele abre a nossa mente e o nosso coração para compreendermos a Bíblia, que é a Palavra de Deus. Realmente, podemos esperar isso. Sendo o Espírito Santo o divino autor desse livro, naturalmente, é Ele o seu melhor intérprete. O mesmo que inspirou os homens a escreverem a Bíblia capacita o salvo a entendê-la. O mundo de Deus está em um nível muito superior ao mundo dos homens: "As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem são as que Deus preparou para os que o amam. Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus" (1 Co 2.9,10). "Mas nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus" (1 Co 2.12).

Ele abre a nossa mente e o nosso coração para compreendermos a Bíblia, que é a Palavra de Deus. Realmente, podemos esperar isso. Sendo o Espírito Santo o divino autor desse livro, naturalmente, é Ele o seu melhor intérprete.

Quando estudamos as Escrituras, precisamos da Hermenêutica, que é a ciência da interpretação da Bíblia. A Hermenêutica disponibiliza métodos que vão do sentido simples, usual e comum de uma palavra às suas implicações exegéticas, ou seja, como aquela palavra aparece no texto original, seja no hebraico ou no grego; vão de uma simples frase ao contexto histórico-cultural em que era empregada quando foi escrita. A Hermenêutica é realmente necessária àquele que estuda a Palavra de Deus e trata o texto bíblico com a seriedade e o respeito que ele merece. Mas a Hermenêutica não é autossuficiente. Ela tem suas limitações; haja vista que há inúmeros pontos de vista divergentes entre os teólogos acerca de alguns assuntos.

Alguns teólogos são inteiramente devotados à Hermenêutica sem, no entanto, mostrar interesse e submissão à ação do Espírito Santo para a compreensão das Sagradas Escrituras. Os teólogos liberais, por exemplo, tratam a Bíblia como uma literatura qualquer, mesmo que a reverenciem pelo seu tempo de escrita e por fatores socioculturais que ela represente. Não muito longe dos liberais, encontram-se muitos fundamentalistas que restringem a ação do Espírito Santo para os dias de hoje, alegando que algumas práticas sobrenaturais que envolvem a ação do Espírito Santo sejam próprias da Igreja primitiva e que hoje não fazem o menor sentido.

A razão dessa conclusão está na escolha que esses teólogos fazem na hora de interpretar as Escrituras. Alguns deles chegam a atribuir à Hermenêutica o mesmo nível de canonicidade da Bíblia, como se a Hermenêutica fosse uma ciência exata. Ninguém poderá chegar a conclusões acertadas acerca de alguns assuntos importantes sem contar com a iluminação dada pelo Espírito Santo. No entanto, muitos teólogos consideram a busca pela iluminação algo muito ingênuo e simplista.

O Espírito Santo guia

É muito fácil errar o caminho, pois "todos nós andávamos desgarrados como ovelhas" (Is 53.6). Mesmo depois da conversão, ainda precisamos de quem nos guie. Esse guia é o Espírito Santo. Com efeito, o fato de sermos guiados pelo Espírito Santo constitui prova da nossa filiação com Deus (Rm 8.14). O Espírito Santo guiou Simeão ao templo, quando os pais de Jesus levaram o menino para procederem segundo o costume da lei (Lc 2.27).

O Espírito Santo substitui a Lei

Nos tempos do Antigo Testamento, o povo de Deus era guiado pelas Leis de Moisés, mas, depois do advento do Espírito Santo sobre os judeus convertidos a Cristo, nunca mais aquele povo foi dirigido pelas leis mosaicas, mas pelo Espírito Santo. "Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais debaixo da lei" (Gl 5.18). A lei serviu de *aio* ("pedagogo"): "De maneira que a lei nos serviu de aio, para nos conduzir a Cristo, para que, pela fé, fôssemos justificados" (Gl 3.24).

O Espírito Santo chama e envia para o campo

Isso ocorreu na Igreja de Antioquia, quando o Espírito Santo designou Barnabé e Saulo para a obra missionária: "E, servindo eles ao Senhor e jejuando, disse o Espírito Santo: Apartai-me a Barnabé e a Saulo, para a obra que os tenho chamado (...). E assim estes, enviados pelo Espírito Santo, desceram (...)" (At 13.2,4). Outro exemplo notável é o de Paulo e Silas, quando planejavam pregar a Palavra na Ásia e foram impedidos pelo Espírito Santo. A razão é que o Espírito Santo tinha pressa em mandá-los para a cidade de Filipos, na Macedônia (At 16.6,9). Mas Ele também guiou Jesus para o deserto, para ser tentado pelo diabo (Mt 4.1). Ser tentado pelo diabo fazia parte da Sua missão.

Dá orientações detalhadas

Observa-se a orientação do Espírito, no caso de Filipe, quando se encontrou com o eunuco etíope ao sair de Samaria, descendo para Gaza: "E disse o Espírito a Filipe: Chega-te e ajunta-te a este carro" (At 8.29).

Intercede

O Espírito Santo é nosso intercessor. Nossas palavras não são suficientes para alcançar o coração de um Deus tão perfeito, mas o Espírito Santo subsidia os nossos pedidos: "(...) Mas, o mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis" (Rm 8.26).

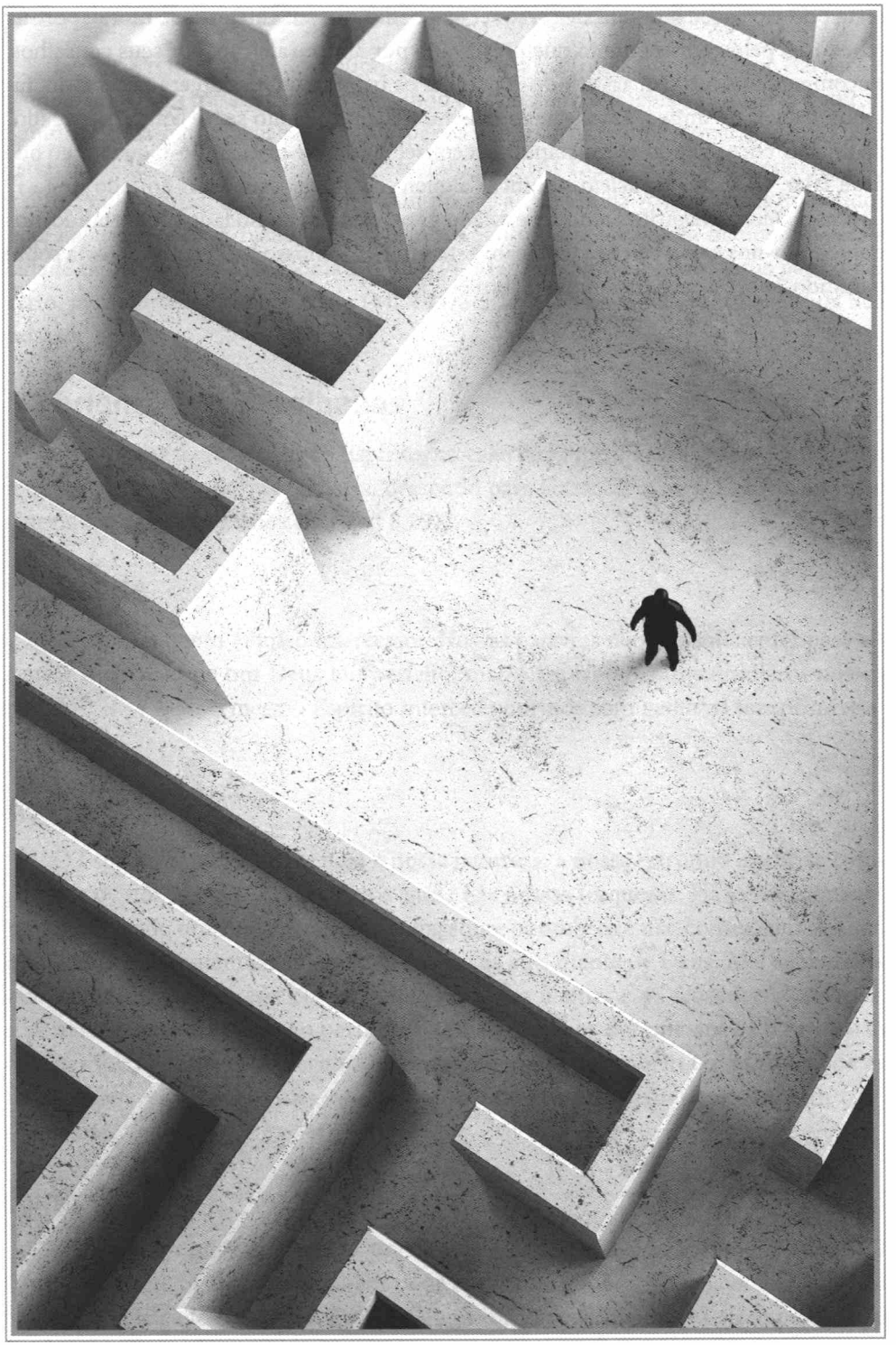
Assiste

O Espírito Santo conhece bem a nossa natureza, a nossa estrutura e sabe se compadecer de nós junto a Deus. Ele nos ajuda nas nossas fraquezas. Há pessoas que vivem carregando um enorme peso de culpa sobre os ombros e não conseguem, sequer, orar, porque se sentem envergonhadas dos seus atos diante de Deus. Mal sabem elas que quem mais insere esses pensamentos em suas mentes é o "acusador". Devemos, sim, afastar-nos do mal e não permitir que o pecado nos domine, mas a batalha não está perdida, porque está escrito: "E da mesma maneira também o Espírito ajuda as nossas fraquezas; porque não sabemos o que havemos de pedir como convém (...)" (Rm 8.26).

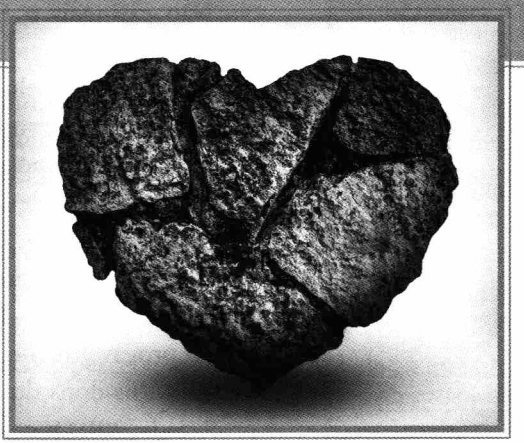
Conforta

A expressão mais empregada por Jesus em referência ao Espírito Santo foi "O Consolador"(Jo 14.16), que também pode ser traduzida por "Advogado". O Espírito Santo é o advogado do crente. Entre os antigos romanos, *advogatus* eram pessoas de

certa posição social, homens de caráter, conhecidos por sua integridade moral, por sua sabedoria, pelo conhecimento que prestavam, por amor e afeição, por seus conselhos, e acompanhavam o réu, assistindo-o perante os tribunais. Quando era necessário, falavam a favor do amigo. Da mesma maneira, o Espírito Santo serve como "advogado" do cristão, encorajando-o, exortando-o, aconselhando-o e instruindo-o quanto ao que deve falar. O termo *parácleto* significa "alguém chamado para estar ao lado de (...)". Graças a Deus, o Espírito Santo foi enviado para "estar ao nosso lado", suportando-nos e ajudando-nos a não cair em tentação. Estando Ele ao nosso lado, temos vitória sobre o mundo, sobre a carne e sobre o diabo.



PECADOS CONTRA O ESPÍRITO SANTO



Quando o Espírito Santo chega, todos notam, quando se afasta, ninguém percebe. Todo pecado que o homem comete, seja ele ímpio ou salvo, ofende a Trindade divina. A graduação de pecado varia em intensidade, trazendo consigo diferentes consequências; por isso, no caso do salvo, o apóstolo Paulo adverte: "(...) Nós que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?" (Rm 6.2). Cada vez que pecamos, infelizmente, entristecemos o Espírito Santo; devemos, então, evitar o pecado. Os pecados contra o Espírito são claramente descritos nas Escrituras, como passaremos a ver.

Entristecer

"E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o Dia da redenção" (Ef 4.30). O crente entristece o Espírito Santo quando anda do mesmo modo como os gentios: "E digo isto e testifico no Senhor, para que não andeis mais como andam também os outros gentios, na vaidade do seu sentido" (Ef 4.17). Esse era o antigo modo de viver dos crentes destinatários dessas palavras. Em seguida, o apóstolo Paulo apresenta uma lista de pecados característicos dos gentios, tais como: a mentira, a ira, o furto, o uso de palavras vis, os insultos; e recomenda aos crentes que não os repitam

dentro da comunidade cristã: "Porque somos membros uns dos outros" (Ef 4.19,25-31). É nesse contexto que ele fala do pecado de entristecer o Espírito Santo. Isso é sério!

PECADOS CONTRA O ESPÍRITO SANTO

1. Entristecer

"E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o Dia da redenção" (Ef 4.30).

2. Extinguir

"Não extingais o Espírito" (1 Ts 5.19).

3. Resistir

"Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e ouvido, vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim, vós sois como vossos pais" (At 7.51).

4. Tentar

"Então, Pedro lhe disse: Por que é que entre vós vos concertastes para tentar o Espírito do Senhor?" (At 5.9).

5. Blasfemar

"Portanto, eu vos digo: todo pecado e blasfêmia se perdoará aos homens, mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada aos homens" (Mt 12.31).

Extinguir

"Não extingais o Espírito" (I Ts 5.19). A Igreja primitiva, que começou com pleno entusiasmo trazido pelo Espírito Santo, viveu ainda os seus primeiros anos naquele êxtase espiritual, mas, aos poucos, foi esfriando-se. No que dependesse de Paulo, a Igreja estaria sempre bem aquecida: "Não sejais vagarosos no cuidado; sede fervorosos no Espírito, servindo ao Senhor" (Rm 12.11). A extinção do Espírito provavelmente tem a ver com o esfriamento dos dons do Espírito, dentre eles, a profecia (v. 20). Os cultos alegres e fervorosos, marcados pela manifestação dos dons do Espírito, tão comuns nas igrejas do primeiro século, foram esfriando-se, tornando-se letárgicos. A simplicidade da fé foi dando lugar a intermináveis discussões teológicas. Foi assim que a Igreja tomou o seu caminho rumo à Idade Média. A institucionalização foi tomando conta do grande rebanho, e o Espírito Santo já não tinha lugar na Igreja. Mesmo depois da Reforma Protestante, no século 16, os teólogos protestantes, de certa forma, contribuíram para que a Igreja ficasse engessada no formalismo litúrgico. As igrejas que descendem diretamente deles se estagnaram de tal forma que, ainda hoje, não são capazes de acreditar que o Espírito Santo seja capaz de revigorar a Igreja do Senhor por meio dos dons distribuídos por Sua vontade.

Quando nos tornamos autossuficientes e não buscamos mais, humildemente, a participação e a condução do Espírito de Deus na realização das nossas tarefas; quando alteramos critérios de adoração para ajustar-nos aos padrões mundanos, especialmente aos estilos musicais de grande sucesso no mundo; quando adotamos os métodos intelectuais para entender as coisas de Deus, associando-nos aos pensadores incrédu-

ciente, tem a sua origem no espírito de rebelião e em uma consciência cauterizada; 2) *Procrastinação* – o adiamento é outra maneira de resistir à voz do Espírito. A pessoa que constantemente adia a decisão de aceitar a Cristo descobrirá que a comoção provocada pelo Espírito se tornará cada vez mais rara, até desaparecer de todo. "Como escaparemos nós, se não atentarmos para uma tão grande salvação (...)" (Hb 2.3); "Portanto, como diz o Espírito Santo, se ouvirdes hoje a sua voz, não endureçais o vosso coração (...)" (Hb 3.7,8).

Tentar

Ananias e Safira, querendo imitar uma atitude de Barnabé – que vendera uma propriedade e depositara o valor aos pés dos apóstolos – venderam também uma propriedade e combinaram entre si de reter uma parte do valor e depositar a outra parte aos pés dos apóstolos, dizendo que aquele era o valor total da venda (At 4.36,37; 5.1,2). O apóstolo Pedro, discernindo a trama, disse: "(...) Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo e retivesses parte do preço da herdade?" (At 5.3). Quase três horas depois, chegou sua mulher, Safira, com a mesma mentira: "Então, Pedro lhe disse: Por que é que entre vós vos concertastes para tentar o Espírito do Senhor? (...)" (At 5.9). O termo *tentar* (gr. *peiráso*) significa "intentar", "provar", "experimentar" (Jo 6.6; 8.6; Mc 8.11; Mt 4.3; 1 Ts 3.5). Eles decidiram correr o risco de provar sua bazófia. Parafraseando em uma linguagem mais coloquial, seria: "Vamos ver se cola" ou "vai que dá certo". O casal, certamente, pleiteava uma posição de maior respeito na comunidade. Todos os que olhassem para ele diriam: "Oh, esse casal, sim, é que é crente. Que exemplo de generosidade e de desprendimento!". Quem saberia que, por trás da atitude de Ananias e Safira, estava o próprio Satanás, instigando-os à jactância? A tentação (provocação, teste) ao Espírito Santo custou a vida deles. Ambos morreram imediatamente.

Blasfemar

"Portanto, eu vos digo: todo pecado e blasfêmia se perdoará aos homens, mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada aos homens. E, se qualquer disser alguma palavra contra o Filho do Homem, ser-lhe-á perdoado, mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste século nem no futuro" (Mt 12.31,32). Há muitos textos que ensinam ser possível alguém ir tão longe de Deus que não encontre o caminho para retornar. Paulo adverte sobre os que têm consciências insensíveis: "Pela hipocrisia dos homens que falam mentiras, tendo cauterizada a sua própria consciência" (1 Tm 4.2). Hebreus fala de corações endurecidos: "Não endureçais o vosso coração, como na provocação, no dia da tentação no deserto" (Hb 3.8). Fala também daqueles que foram tão longe que não podem ser trazidos de volta ao arrependimento: "Porque é impossível que os que já uma vez foram iluminados,

A pessoa que constantemente adia a decisão de aceitar a Cristo descobrirá que a comoção provocada pelo Espírito se tornará cada vez mais rara, até desaparecer de todo.

e provaram o dom celestial, e se fizeram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus e as virtudes do século futuro, e recaíram sejam outra vez renovados para o arrependimento; pois assim, quanto a eles, de novo crucificam o Filho de Deus e o expõem ao vitupério" (Hb 6.4-6). João fala daqueles cujos pecados levam à morte, uma vez que eles se recusam a arrepender-se e a confessá-los (1 Jo 5.16,17). O próprio Jesus fala do solo que foi pisoteado e compactado a ponto de nenhuma semente poder germinar (Lc 8.5). Cada passo que damos, afastando-nos de Deus, aproxima-nos do ponto sem retorno.

Entretanto, antes de considerarmos os efeitos desse pecado, concentremo-nos na sua essência. Quando Jesus tratou a respeito do pecado da blasfêmia, Ele falou de uma ofensa direta. Blasfemar é ultrajar, é praguejar. Jesus acabara de expulsar o demônio que cegava e emudecia um homem. Esse demônio havia trancado as principais vias de comunicação daquele homem com o mundo. Enquanto a multidão festejava a cura, os religiosos fariseus diziam que Jesus expulsava os demônios em nome de Belzebu, o príncipe dos demônios. Jesus, então, provocou o raciocínio deles: "E, se Satanás expulsa a Satanás, está dividido contra si mesmo; como subsistirá, pois, o seu reino?" (Mt 12.26). A rejeição a Jesus pelos religiosos era tanta que eles ultrapassavam os limites do bom senso, atribuindo levianamente o poder do Espírito de Deus ao espírito do diabo. Foi exatamente nesse contexto que Jesus falou sobre o pecado de blasfêmia contra o Espírito Santo. A blasfêmia constitui-se em atribuir ao diabo a obra do Espírito Santo, subentendendo-se também a possibilidade da ação inversa: atribuir ao Espírito Santo a obra do diabo. A razão de esse pecado constituir-se em ofensa irremediável reside no fato de que, no exercício da Sua função, exclusiva de convencer o homem do pecado, da justiça e do juízo, o Espírito Santo está privado de levar o homem ao arrependimento pelas circunstâncias criadas por ele mesmo.

O problema, naturalmente, não está na indisposição de Deus para perdoar o pecador: "O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se" (2 Pe 3.9). O arrependimento sempre abre o caminho de volta para Deus; o problema ocorre quando a pessoa perde essa capacidade de arrepender-se. Quem irá convencê-la de pecado se somente o Espírito Santo é quem pode fazer

isso (Jo 16.8)? Deus, alegremente, aceita e perdoa todos que se arrependem. Para aqueles que se recusam e se voltam contra o Espírito Santo, Deus não tem nenhum outro plano. Não há outro sacrifício pelo pecado (Hb 10.26-31). Aqueles, cujo estado endurecido faz com que recusem o rogo final de Deus, nunca serão perdoados. Isso se torna claro porque não há como a pessoa não ficar impossibilitada de alcançar o perdão, sendo, portanto, condenada a seguir seu caminho para o inferno, sem que possa retornar.

SER PENTECOSTAL

Antes de qualquer explicação sobre o povo pentecostal e suas práticas, é importante pensar na relação que há entre o Espírito Santo e o termo *pentecostes*. A maioria dos pentecostais sabe que o termo *pentecostes* refere-se a uma festa correspondente ao "dia do trabalho" para o povo judeu. O termo grego é πεντηκοστῆς e significa "cinquenta". Tratava-se de uma das sete festas comemoradas pelos judeus, sendo a quarta delas. As festas eram: *Festa da Páscoa; Festa dos Pães Asmos; Festa das Primícias; Festa de Pentecostes; Festa das Trombetas; Expiação* e *Tabernáculos*. A *Festa de Pentecostes* ocorria 50 dias após a *Festa das Primícias*.[10]

Como o Espírito Santo desceu sobre os quase 120 irmãos que aguardavam a Sua vinda, segundo a promessa feita por Jesus, no dia em que a cidade de Jerusalém estava em festa comemorando o "Dia de Pentecostes", tal acontecimento ganhou esse apelido, identificando-se com ele apenas no calendário (Lc 24.49; At 1.8; 2.1,4). O termo mais apropriado para definir os pentecostais seria *carismáticos, dons* – por acreditarem na atualidade dos dons do Espírito Santo. Contudo, o termo já foi consagrado pelo uso, e

10. GILBERTO, Antonio. *Teologia Sistemática Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2013. p. 180.

o carro-chefe dos dons do Espírito Santo buscados e experimentados pelos "pentecostais" é o batismo com o Espírito Santo.

O batismo com o Espírito Santo é, sem dúvida, o assunto que mais tem gerado controvérsia no seio da cristandade evangélica. Desde que a experiência do falar em outras línguas, de modo sobrenatural, começou a ser um fenômeno comum em alguns grupos cristãos tradicionais, tem havido muita reação por parte dos conservadores que não o aceitam como algo normal para os dias de hoje, mesmo lendo nas Escrituras que isso era algo experimentado na Igreja primitiva. Muita literatura tem sido escrita a fim de combater a prática da glossolalia, e muitos teólogos têm-se esmerado em fazer arranjos exegéticos para tentar tirar da frente tanto a crença como a prática do que eles denominaram "práticas pentecostais".

Desde que o avivamento na pequena Rua Azusa, em Los Angeles, eclodiu, e muitos crentes advindos de diversas igrejas, como Metodistas, Batistas, Presbiterianas e Luteranas, passaram pela experiência da glossolalia, eles começaram a ser exortados por seus pastores a abandonar aquelas reuniões ou a deixar suas igrejas, caso insistissem em permanecer naquele movimento. Para identificar o movimento, os crentes de denominações tradicionais tacharam-no de "pentecostal", em alusão ao dia de Pentecostes (At 2). Fizeram isso com certo ar de escárnio, do mesmo modo como em Antioquia os discípulos foram chamados pela primeira vez de "cristãos" (At 11.26). De qualquer modo, o adjetivo "pentecostal", antes de parecer algo pejorativo e incômodo, foi recebido pelo nosso povo sem trauma ou desdém; antes, com a mesma importância com que aceitamos o apelido de cristãos com prazer e orgulho; não é o caso de alguns grupos tradicionais que hoje se pentecostalizam. Estes rejeitam o rótulo de "pentecostais"; preferem dizer que são avivados ou renovados; porém, nunca "pentecostais". Mas não importa: eles servem de sinal para as suas próprias denominações de origem de que os "pentecostais" não estavam equivocados, como anteriormente haviam aprendido em suas igrejas. São inúmeras as igrejas e inúmeros os pastores que, antes, rejeitavam a doutrina pentecostal e, hoje, abraçam-na.

Mas o rótulo "pentecostal" com que nos apelidaram não foi o único adjetivo aplicado pelos antipentecostais. Fomos – e ainda somos por alguns – chamados de "fanáticos", "loucos", "desordeiros", "hereges" e até "endemoninhados". Que o Senhor não leve em conta tais ofensas cometidas por eles. Se não encontrássemos base bíblica suficiente para o que cremos e praticamos, ainda assim, teríamos outro problema a resolver: a experiência! Jesus deixou claro que Deus jamais trairia quem lhe pedisse um peixe, dando-lhe, em lugar de peixe, um pau. Não daria um escorpião por um ovo, nem daria uma pedra em lugar de pão (Lc 11.11-13). Se, com toda a sinceridade do nosso coração, pedissêmos pelo Seu Espírito e, em lugar disso, recebêssemos algo suspeito, então o problema não estaria em nós, mas em Deus, e Ele não seria confiável! Seria possível algo assim? Mas, pela graça de Deus, temos ambos: o respaldo bíblico e a experiência.

O batismo com o Espírito Santo

João Batista

A primeira profecia que faz alusão ao "batismo com o Espírito Santo" foi dada por João Batista: "Ele, porém, vos batizará com o Espírito Santo" (Mc 1.8). A que batismo se referia João Batista se ele praticava um batismo em águas ao qual o próprio Senhor Jesus se submeteu? E, quando Jesus instruiu os discípulos a fazerem discípulos pelo mundo todo, ordenou-lhes que batizassem em água: "Portanto, ide e ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo" (Mt 28.19). Apesar de o termo *água* não aparecer aqui, todos sabemos que se trata do batismo com água, porque isso ficou claro para os discípulos; afinal, o batismo da Igreja cristã primitiva era feito em água, como é realizado até os dias de hoje (At 8.36-39). Logo, o batismo a que Jesus se referiu era o batismo com água, e esse batismo era e é praticado pelos discípulos. Nós batizamos com água, mas o batismo com o Espírito Santo não é determinação nossa, e sim do Filho: "Ele vos batizará". Desse modo, deve ficar entendido que o batismo com o Espírito Santo não pode e jamais deve ser confundido com o batismo em águas.

A razão de eu iniciar assim o meu argumento acerca do batismo com o Espírito Santo reside no fato de que, entre as muitas tentativas dos teólogos antipentecostais negarem a experiência pentecostal, está a confusão que eles fazem entre os dois batismos, apenas para não admitir que haja um "batismo com o Espírito Santo" à parte do batismo nas águas. Para isso, apelam às palavras de Paulo aos efésios: "Um só Senhor, uma só fé, um só batismo" (Ef 4.5).[11]

---

11. Curiosamente, os teólogos reformados, na sua maioria, não despendem de muitas páginas para tratar da doutrina do Espírito Santo. Busquei, entre os mais proeminentes, a *Teologia do Espírito Santo,* de Frederick Dale Bruner. Os seus escritos me servirão de base para apresentar a versão pentecostal do assunto, mesmo porque Bruner, apesar de ser um excelente e respeitado teólogo, comete alguns equívocos na análise que faz do povo pentecostal, atribuindo-lhe alguns pontos de vista que não lhe são peculiares ou, às vezes, dizendo que fugimos de alguns textos porque não podemos resolvê-los. Teríamos essa dificuldade se a Bíblia fosse contraditória, mas ela não é, como se forjássemos alguns textos para defender a nossa crença; pelo contrário, os textos que usamos são tão claros que não precisamos fazer apelos, nem nos esmerar em exegeses complicadas para dizer que "não é bem isso que o texto está dizendo". Bruner identifica o batismo com o Espírito Santo com o batismo nas águas. Se a doutrina pentecostal não fosse o que se lê na Bíblia, então, cada crente teria de ser um teólogo com elevadas habilidades linguísticas no hebraico e no grego, para fazer arranjos exegéticos e provar o que está escancarado nela.

Relação entre o batismo com o Espírito e o batismo nas águas

Como na maioria dos casos, os relatos sobre o batismo com o Espírito Santo estão ligados ao início da fé – o que inclui o batismo com água. Bruner[12] entende que se trata de uma coisa só. Quando, no dia de Pentecostes, o povo que foi atraído para o cenáculo viu, admirado, o que estava ocorrendo ali, perguntou: "Que quer isso dizer?" (At 2.12). Pedro levantou-se e, baseado na profecia de Joel, explicou que se tratava do derramamento do Espírito Santo (At 2.14-36). Sua fala despertou outra questão entre os presentes aturdidos com tudo: "Que faremos, varões irmãos?" (At 2.37). Pedro complementou, conclamando o povo para o arrependimento e para o batismo: "E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo" (At 2.38). Pronto: isso basta para que se tire a conclusão de que o batismo com água e o batismo com o Espírito Santo sejam a mesma coisa. Ora, os quase 120 irmãos que ali estavam aguardando pela promessa do Pai acerca do envio do Espírito Santo não eram ainda batizados nas águas? A ordenança acerca do batismo não era até então praticada? E por que achar que ambos os batismos constituem a mesma natureza e categoria pelo fato de Pedro haver dito que, depois de batizados, receberiam o dom do Espírito Santo? Para os que estavam chegando naquele instante, o "dom"[13] do Espírito Santo se tornaria uma possibilidade comum, já que ela era restrita. Ao dar a promessa acerca do envio do Espírito Santo, Jesus deixou bem claro que tal experiência não é para os de fora; tem de ser salvo para recebê-la: "O Espírito da verdade, que o mundo não pode receber" (Jo 14.17) – disse Jesus. Bruner diz:

> Um dos propósitos principais de Atos é mostrar como o batismo e o dom do Espírito Santo permanecem indissoluvelmente juntos. Essa é a lição de Atos 8 e 19 (...). Não são os sinais do Pentecostes que são registrados, e sim o sinal do batismo. O batismo na água fica sendo o *medium exhibitivum* do batismo no Espírito (...). O batismo em nome de Cristo não pode ser outra coisa senão o batismo no Espírito Santo; o batismo cristão não pode deixar de ser acompanhado pelo dom do Espírito Santo.[14]

---

12. BRUNER, Frederick Dale. *Teologia do Espírito Santo*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1989.

13. O batismo com o Espírito Santo é, às vezes, também chamado de "dom", sem que isso se refira aos dons do Espírito propriamente ditos, conforme pormenorizados em 1 Coríntios 12.8-10; é, por vezes, também chamado simplesmente de "Espírito Santo", sem que isso signifique a presença do Espírito Santo que toda pessoa recebe no ato de conversão.

14. BRUNER. 1989. pp.

Essa associação entre os dois batismos cria um sério problema em Samaria, porque Filipe esteve pregando a Palavra naquela cidade, mas, até que descessem Pedro e João para lá, ninguém ainda havia sido batizado com o Espírito Santo: "Porque sobre nenhum deles tinha ainda descido, mas somente eram batizados em nome do Senhor Jesus" (At 8.16). "Então, lhes impuseram as mãos, e receberam o Espírito Santo" (v. 17). Na casa de Cornélio, enquanto Pedro pregava a Palavra, os que o ouviam receberam o Espírito Santo, mas o batismo em águas veio depois: "E, dizendo Pedro ainda estas palavras, caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra (...). Porque os ouviam falar em línguas e magnificar a Deus. Respondeu, então, Pedro: Pode alguém, porventura, recusar a água, para que não sejam batizados estes que também receberam, como nós, o Espírito Santo?" (At 10.44,46,47). Eram, portanto, dois eventos distintos, embora imediatos. E, no caso dos discípulos de Éfeso, receberam o Espírito Santo quando entraram na água ou isso ocorreu por um ato distinto mediante a imposição de mãos do apóstolo Paulo? "E os que ouviram foram batizados em nome do Senhor Jesus. E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e falavam línguas e profetizavam" (At 19.5,6).

De fato, há um só batismo nas águas; é a isso que o apóstolo Paulo se refere quando escreve aos efésios; não como pressupõe Bruner, que se trata do mesmo batismo em água e no Espírito Santo. São dois assuntos diferentes, ou teríamos de usar o termo *batismo*, empregado por Jesus, que também não tem nada a ver com o batismo nas águas. Quando Tiago e João pediram ao Senhor para terem o privilégio no Reino, assentando-se um à Sua direita e outro à Sua esquerda, o que disse Jesus? "Mas Jesus lhes disse: Não sabeis o que pedis; podeis vós beber o cálice que eu bebo e ser batizados com o batismo com que eu sou batizado?" (Mc 10.38). Jesus falava de um batismo de sofrimento, que nada tinha a ver com o batismo em água, nem mesmo com o Espírito Santo. Se, como Bruner, apelarmos para a afirmação de Paulo em Efésios 4.8 – "um só batismo" –, estaremos pondo em contradição o próprio texto; a menos que compreendamos que se trata de categorias diferentes de batismo.

Um sinal de evidência

A vinda do Espírito Santo em caráter permanente na terra foi apoteótica. Viram "línguas repartidas como que de fogo" e ouviram o "som de um vento veemente e impetuoso, que encheu toda a casa em que estavam assentados" (At 2.2). Já, nas pessoas, o sinal foi fônico: "Todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem" (At 2.4). Era necessário que algo diferente, peculiar, confirmasse a chegada de alguém tão especial como o Espírito Santo prometido. Depois de reunirem-se por alguns dias, aguardando por Ele, em obediência à instrução dada por Jesus – "Ficai, pois, em Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder" (Lc 24.49)–, como poderiam saber que aquele dia chegara, se não fosse marcado por algo novo, diferente e desconhecido?

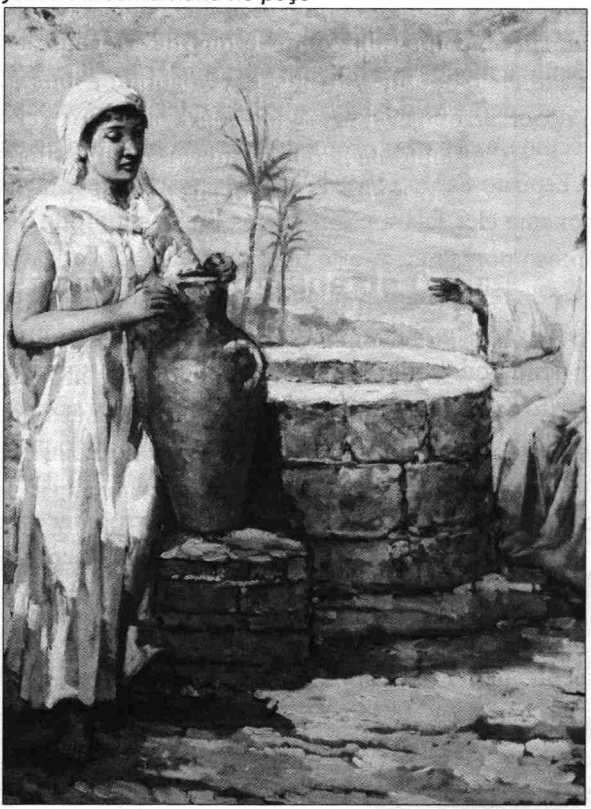
As línguas de fogo e o vento foram sinais que não se repetiram, mas as línguas sim, porque elas se tornaram evidência do recebimento do Espírito Santo em forma de batismo. O texto que narra aquele acontecimento é didático também em anunciar a repetição da glossolalia: "E começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem" (At 2.4). Em um relato jornalístico, o mais simples e lógico seria dizer: "falaram línguas". No entanto, o verbo "começar", aqui, faz toda a diferença, porque implica haver, necessariamente, uma continuação, e é o que constatamos em outras leituras do livro de Atos dos Apóstolos. Trataremos logo mais dos eventos de Cesareia e de Éfeso, mas, por ora, iremos deter-nos em analisar o caso de Samaria.

Devido à perseguição movida contra a Igreja em Jerusalém, os crentes começaram a dispersar-se pelas terras de Judeia e Samaria (At 8.1). A perseguição não atingiu a classe apostólica. Filipe, que ocupava a função de diácono, fez parte dessa dispersão indo parar em Samaria. Pregar em Samaria era algo extraordinariamente significativo, porque a província era discriminada pelo povo de toda a nação, principalmente pelos moradores da Judeia, ao sul do país. O clima de beligerância histórica decorria de um conflito étnico desde o ano 722 a.C., quando os assírios a invadiram e levaram para lá estrangeiros, obrigando os samaritanos a casarem-se e a terem filhos com eles, resultando em uma raça miscigenada (2 Rs 17.24), quebrando a pureza da etnia.

Os samaritanos pagavam com a mesma moeda. Até Jesus e os Seus discípulos foram discriminados pelos samaritanos quando, passando por sua cidade, pediram para alojar-se ali, mas os samaritanos trataram-nos com desprezo, incitando a fúria dos discípulos que queriam assumir o heroísmo do profeta Elias: "E os discípulos Tiago e João, vendo isso, disseram: Senhor, queres que digamos que desça fogo do céu e os consuma, como Elias também fez?" (Lc 9.54). Curiosamente, os discípulos demonstraram certa presunção em dizer a Jesus que eles seriam capazes de imitar Elias, bastando apenas Jesus querer. Eles estavam equivocados tanto sobre o poder que achavam possuir como em relação à reação correta. Em resposta ao gesto nada generoso dos samaritanos, Jesus devolveu: "Voltando-se, porém, repreendeu-os e disse: Vós não sabeis de que espírito sois" (Lc 9.55).

Apesar desse triste incidente, contamos com um relato favorável de Jesus, falando com uma mulher samaritana à beira do poço de Jacó. Não sabemos se a ausência dos discípulos – que haviam ido à cidade em busca de pão – na narrativa é proposital e faz parte de um propósito divino ou se é mera coincidência, porque chegamos a suspeitar que alguns deles fossem capazes de entrar na conversa de Jesus com ela, dando algum palpite inconveniente, já que houve momentos tensos, como: "Como sendo tu judeu, me pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana (...)?" (Jo 4.9); "(...) Senhor, tu não tens com que a tirar, e o poço é fundo; onde pois tens água viva? És tu maior do que Jacó, nosso pai (...)?" (v. 11,12); "Nossos pais adoraram neste monte, e vós dizeis que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar" (v. 20). A fala da mulher samaritana revela

Jesus e a samaritana no poço



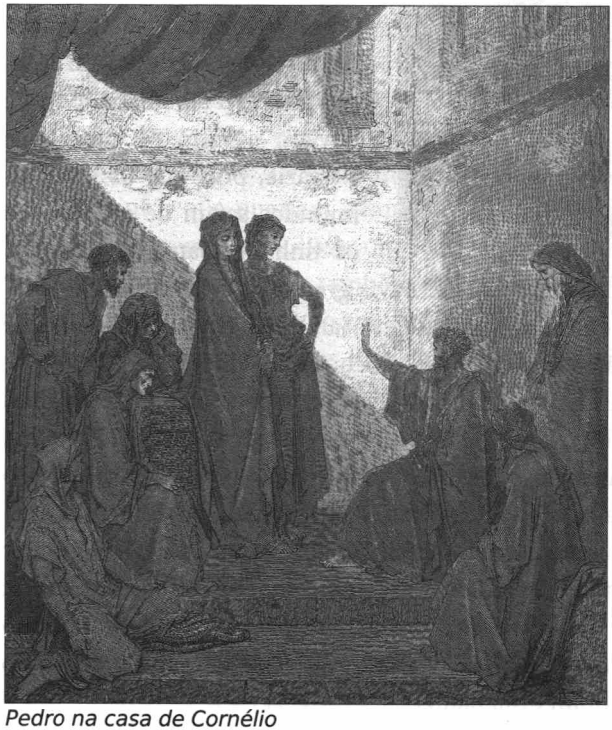
certo ar de desconfiança o tempo todo, até ser desarmada por Jesus, que se revela a ela como profeta; assim, ela conclui estar diante do próprio Messias, vai à cidade e anuncia aos homens de lá que vão com ela para conhecer a Jesus (Jo 4.28-30).

Certamente, esse episódio abriu a porta do diálogo entre os judeus (cristãos) e os samaritanos, facilitando a entrada de Filipe naquela província. O diácono pregou sobre Cristo com êxito, em Samaria: "E, descendo Filipe à cidade de Samaria, lhes pregava a Cristo. E as multidões unanimemente prestavam atenção ao que Filipe dizia, porque ouviam e viam os sinais que ele fazia, pois que os espíritos imundos saíam de muitos que os tinham, clamando em alta voz; e muitos paralíticos e coxos eram curados. E havia grande alegria naquela cidade" (At 8.5-8). O texto de Atos 8, no qual o avivamento em Samaria é narrado, não diz que eles falaram em outras línguas, mas os indícios dessa ocorrência são fortes.

No primeiro episódio, os discípulos de Jesus quiseram repetir o milagre de Elias diante dos profetas de Baal, fazendo descer fogo do céu; porém, não o fizeram. *Primeiro*, porque Jesus os reprovou pela intenção, e, *segundo*, ao que tudo indica, eles ainda não eram tão poderosos assim, ainda que, quando Jesus os enviou para a pequena comissão, de dois a dois – a exemplo do que fizera também com os setenta –, deu-lhes poder para curar os enfermos e expulsar os demônios. Eles, maravilhados com os resultados, trouxeram o relatório, ao final do trabalho, dizendo que tiveram êxito ao lidar no campo do sobrenatural (Lc 10.17). O poder que lhes havia sido conferido era específico para o exercício da incumbência a que foram designados.

Filipe não era apóstolo, nem fora designado como missionário pela igreja de Jerusalém, mas, lá em Samaria, ele realizou alguns sinais, como cura e expulsão de demônios. Entretanto, não houve ali batismo com o Espírito Santo por meio do seu ministério. Como a fama do avivamento em Samaria chegou a Jerusalém, enviaram para lá Pedro e João. Esses apóstolos oraram e impuseram as mãos sobre os crentes, para que

recebessem o Espírito Santo (At 8.15,17). Por que Filipe não disse que receberam o Espírito Santo, uma vez que creram e se alegraram? (At 8.8). Como sabiam os apóstolos que as pessoas recebiam o Espírito Santo a menos que houvesse um sinal característico para dar-lhes essa certeza? E mais, considerando o fato de que os samaritanos viviam em conflito havia pelo menos sete séculos, e eles mostravam grande desconfiança pelos judeus, o sinal do recebimento do Espírito Santo teria de ser, necessariamente, algo poderoso e inequívoco. Concluímos que eles falaram em outras línguas, porque Simão, um homem que se tornou famoso por praticar arte mágica, creu e foi batizado – como acontece com muitos artistas de televisão que, quando se convertem, querem logo microfone e destaque, porque estão acostumados com isso.[15] Simão ofereceu propina aos apóstolos, a fim de ter o mesmo poder que eles, para impor as mãos sobre as pessoas, para que recebessem o Espírito Santo (At 8.18,19). Aquele homem foi severamente repreendido por Pedro: "Mas disse-lhe Pedro: O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois cuidaste que o dom de Deus se alcança por dinheiro" (At 8.20). Ora, Simão não se interessaria por algo que não fosse notório. Como poderiam saber que haviam sido batizados com o Espírito Santo, a menos que o demonstrassem por um meio que fosse além de um êxtase expressado em alegria? Para corroborar o sinal da evidência, recorreremos, ainda, a dois outros episódios: Cesareia e Éfeso.



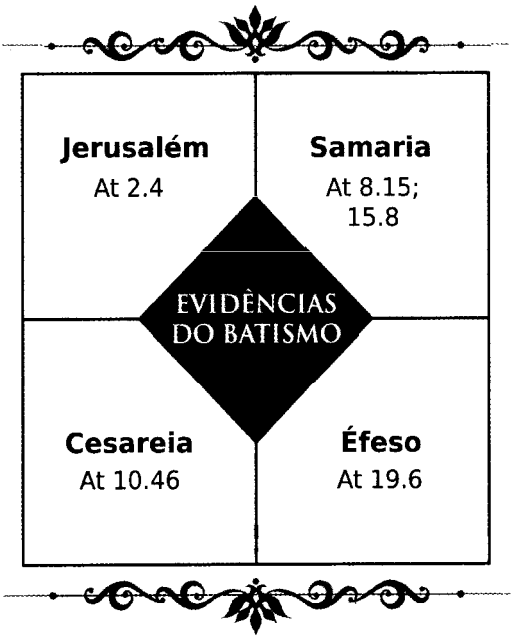
Pedro na casa de Cornélio

O Espírito Santo em Cesareia

Os capítulos 10 e 11 de Atos narram a história de Cornélio, um centurião romano que levava uma vida piedosa, mas que ainda não conhecia o Senhor Jesus. Depois de ter uma visão em que lhe apareceu um anjo, orien-

15. Essa menção tem a intenção de advertir os pastores a ajudarem os artistas que se convertem a assentar-se para aprender a Palavra de Deus, antes de ganhar destaque dentro das fileiras cristãs. Jesus disse: "Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração" (Mt 11.29). Sem a humildade, ninguém se torna um crente de verdade.

tando-o a mandar chamar um pregador de nome Simão, que se encontrava na cidade de Jope, Cornélio imediatamente enviou dois criados e um soldado em busca daquele homem, segundo as instruções que recebera. Quando chegaram, encontraram Pedro já preparado para segui-los, porque ele também tivera uma visão em que era orientado a acompanhar os três homens que o procurariam e também para quebrar um preconceito contra os gentios, já que Cornélio era um destes (At 10.9-23). Chegando a Cesareia, na casa de Cornélio, Pedro encontrou um ambiente preparado para recebê-lo. Estavam presentes Cornélio, seus parentes e amigos mais íntimos (At 10.24). Pedro começou sua fala, justificando a razão pela qual aceitou o convite para estar ali e, em seguida, começou a falar de Jesus, de Sua morte e ressurreição, quando o Espírito Santo caiu sobre os presentes: "E dizendo Pedro ainda estas palavras, caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra (...). Porque os ouviam falar em línguas e magnificar a Deus" (At 10.44,46).



Do mesmo modo como aconteceu no dia de Pentecostes, quando "começaram" a falar noutras línguas, assim aconteceu na casa de Cornélio. "(...) Porque os ouviam falar em línguas (...)". Houve uma evidência para corroborar a dádiva recebida.

O Espírito Santo em Éfeso

O apóstolo Paulo chegou à cidade de Éfeso, onde encontrou 12 discípulos deixados por Apolo. Para saber por onde começar, o apóstolo fez uma avaliação de compreensão da fé à qual aqueles irmãos haviam chegado. Para sua surpresa, estavam muito aquém do esperado: "Disse-lhes: Recebestes vós já o Espírito Santo quando crestes? E eles disseram-lhe: Nós nem ainda ouvimos que haja Espírito Santo. Perguntou-lhes, então: Em que sois batizados, então? E eles disseram: No batismo de João" (At 19.2,3). Paulo falava a respeito do batismo com o Espírito Santo; porém eles, na sua ignorância, responderam por aquilo em que haviam sido instruídos, no caso, o batismo pregado por João Batista: um batismo que nada tem a ver com batismo cristão em águas. A razão disso é que Apolo, o primeiro líder daquele grupo, era ainda novato na fé e pouco sabia sobre a doutrina de Cristo, tendo de ser depois instruído pelo casal

Priscila e Áquila (At 18.26). O apóstolo Paulo instruiu-os quanto ao batismo nas águas, mostrando a diferença que há entre o batismo de João Batista e o batismo de Jesus (At 19.4,5). Em seguida, impôs sobre eles as mãos, para que recebessem o Espírito Santo: "E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e falavam em línguas e profetizavam" (At 19.6). Mais uma vez, lê-se que uma evidência sobrenatural veio como sinal para confirmar o recebimento do Espírito Santo. Voltaremos aos casos de Cesareia e de Éfeso para discutir outras questões relacionadas ao batismo com o Espírito Santo. Por ora, fica registrado o testemunho de que, em ambos os casos, falaram em línguas assim que receberam o Espírito Santo.

Casos em que não há referência ao falar em línguas

O livro de Atos funciona como o livro de atas da Igreja primitiva. São relatos de conversão, crescimento da Igreja, curas, batismo com o Espírito Santo, perseguição, obra missionária etc. Apesar do relato de Samaria, em que supostamente falaram línguas, de Cesareia e de Éfeso, não dispomos de outros relatos de conversão seguidos pela glossolalia. Será que isso pontua os dois lugares e nega ter havido a mesma ocorrência em outros casos? Alguns autores, como Bruner, fazem questão de frisar exatamente isso e, como exemplo – aquele que associa o batismo com o Espírito Santo ao batismo nas águas –, citam o caso do eunuco, o qual, depois de ouvir a explanação bíblica de Filipe, pediu para ser imediatamente batizado (At 8.36-38). Não há nota alguma sobre o eunuco haver falado em línguas.

Ora, nasce aqui mesmo, com a questão levantada por ele, um argumento que dissocia o batismo com o Espírito Santo do batismo nas águas. Há pessoas que são batizadas com o Espírito Santo antes de serem batizadas nas águas, como aconteceu na casa de Cornélio: "Respondeu, então, Pedro: Pode alguém, porventura, recurar a água, para que não sejam batizados estes que também, como nós, receberam o Espírito Santo?" (At 10.47). Há pessoas que são batizadas depois, como aconteceu em Samaria: "Porque sobre nenhum deles tinha ainda descido, mas somente eram batizados em nome do Senhor Jesus" (At 8.16). E há também casos de crentes que nunca são batizados com o Espírito Santo. Paulo pergunta: "Falam todos diversas línguas?" (1 Co 12.30), pressupondo que nunca falaram.

Outrossim, em Atos dos Apóstolos, nota-se que alguns assuntos são dados como óbvios, comuns. Não há sempre a necessidade de ficar repetindo as mesmas coisas, porque elas fazem parte do dia a dia da Igreja. Lê-se que a Igreja crescia, "que se multiplicava o número dos discípulos"; "que acrescentava cada dia o Senhor o número dos que se haviam de salvar", mas não se lê todas as vezes que "falavam línguas", porque o foco do autor é outro, e ele não tem de redundar, do mesmo modo como não se lê em todos os casos de conversão que os convertidos foram batizados em água. No dia de Pentecostes, Pedro disse aos ouvintes que eles deveriam ser batizados em água, e foram

(At 2.38,41). Em Samaria, os discípulos foram batizados nas águas (At 8.16). O eunuco foi batizado (At 8.38). Paulo foi batizado (At 9.18) etc. Mas onde se lê que o procônsul da ilha de Pafos foi batizado? (At 13.12). Em Antioquia da Pisídia, muitos creram, mas não se lê que eles foram batizados (At 13.48). Em Derbe, Paulo e Barnabé fizeram muitos discípulos, mas não está escrito que estes foram batizados (At 14.20,21). Em Atenas, Dâmaris, Dionísio, outros se converteram pela pregação de Paulo, mas não se lê que eles foram batizados nas águas (At 17.34). Então, é possível concluir que, nos casos mencionados, não houve batismo em água somente porque o autor não achou necessário detalhar o óbvio? O *argumento do silêncio*, por acaso, é suficiente para negar a continuidade do batismo nas águas? Pode-se dizer o mesmo sobre o batismo com o Espírito Santo?

A importância de pedir para ser batizado

Outro argumento contrário ao que se crê a respeito do batismo com o Espírito Santo diz respeito à necessidade de ser buscado. Os pentecostais aprendem a pedir por essa bênção. Já os que entendem o batismo com o Espírito Santo de modo diferente alegam que não há orientação bíblica alguma que recomende a sua busca.

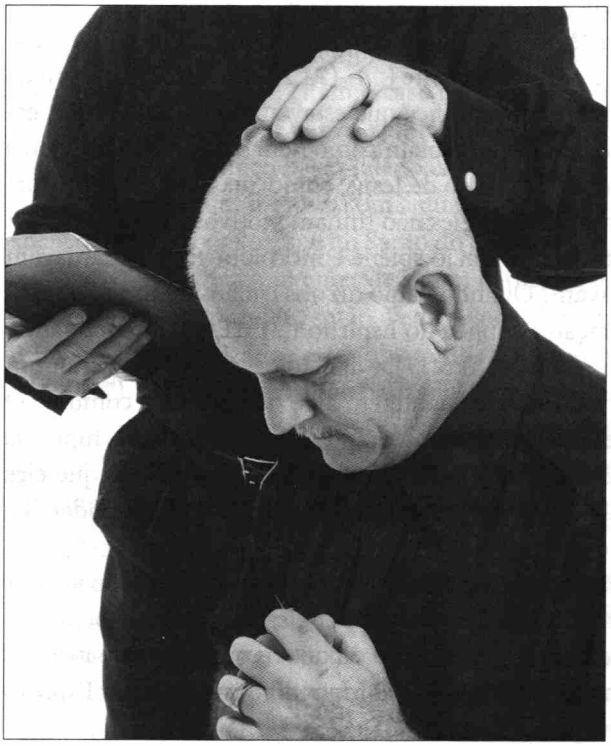
No dia de Pentecostes, não se lê que os discípulos estavam orando para que o Espírito Santo descesse. O que se lê é que, "de repente (...)" (At 2.2), aconteceu. O fato de não estar escrito que eles estavam orando significa que estavam todos quietinhos, esperando comportadamente algo que eles não sabiam como nem quando viria? Depois de tudo o que viveram nos últimos dias ao lado de Jesus, como Sua morte, Sua ressurreição, Suas aparições e Sua ascensão ao céu, eles não tinham motivos para o êxtase? E como é que o crente expressa êxtase em silêncio solene e mórbido? E, se aguardavam algo tão sublime, será que não oravam? Quando Paulo diz aos irmãos de Éfeso: "Orando em todo o tempo com toda oração e súplica no Espírito (...)" (Ef 6.18), ou quando diz aos tessalonicenses: "Orai sem cessar" (1 Ts 5.17), o apóstolo está tentando criar um hábito novo na Igreja ou exortar os irmãos a manterem algo que já lhes é comum? O mais provável é admitir que eles estavam quietos ou orando e louvando? E, na hipótese de que estivessem em silêncio, eles estavam mostrando atitude. Jesus disse que eles deveriam permanecer em Jerusalém até que, do alto, fossem revestidos de poder (Lc 24.29). A atitude é sempre *ativa*, e não *passiva*.

Pedro e João foram a Samaria quando souberam o que estava acontecendo ali, por intermédio de Filipe: "Os quais, tendo descido, oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo" (At 8.15). Por que teriam eles orado para que os crentes – já batizados em água (cf. v. 16) – recebessem o Espírito Santo? Porque o batismo com o Espírito Santo era uma experiência à parte, peculiar.

Jesus, por meio da parábola do amigo importuno, ensina que o Espírito Santo deve ser buscado com insistência. A parábola conta a história de um homem, pai de família, que recebe um hóspede em casa e não tem comida para oferecer-lhe. À meia-noite, vai

à casa de um amigo para pedir-lhe pães emprestados, mas o amigo, que já se recolhera, recusa-se a atendê-lo: "Não me importunes [diz ele de dentro da casa]; já está a porta fechada, e os meus filhos estão comigo na cama; não posso levantar-me para tos dar" (Lc 11.7). Mas a necessidade do amigo hospedeiro impõe a insistência, até que, incomodado, o amigo de dentro cede e lhe entrega o que pede.

Jesus conclui a parábola com algumas explicações: a *primeira* é que a insistência deve fazer parte da oração; a *segunda* é que quem pede recebe; a *terceira* é que Jesus está fazendo referência ao recebimento do Espírito Santo: "Pois, se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai celestial o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?" (Lc 11.13);[16] e a *quarta* é que ninguém recebe uma coisa por outra. A acusação de alguns antipentecostais de que aquilo que os pentecostais recebem é coisa do diabo, e não do Espírito Santo, é, no mínimo, blasfema. Quem daria uma pedra por um pão quando se pede um pão? Ou uma serpente se alguém pede um peixe? Ou ainda um escorpião quando se pede um ovo? Se até pessoas más acertam a resposta, por que Deus erraria ou acintosamente lhe daria algo danoso em lugar daquilo que você pede? (v. 13).



A importância da imposição de mãos

No caso de Éfeso, o que se lê? "E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e falavam línguas e profetizavam" (At 19.6). Houve uma atitude do apóstolo, para que os crentes recebessem o batismo com o Espírito Santo. Não se lê que ele orou, e sim que ele "impôs as mãos sobre eles". Ora, a imposição de mãos é um gesto simbólico, não isolado; antes, vem sempre acompanhado de oração. A investidura ministerial é feita por imposição de mãos, como

16. Por que pedir pelo recebimento do Espírito Santo se todos o têm no ato de conversão? É claro que Jesus está falando de algo diferente da experiência comum da salvação.

foi o caso dos irmãos designados para servirem como diáconos: "E os apresentaram ante os apóstolos, e estes, orando, lhes impuseram as mãos" (At 6.6). Foi também o caso de Timóteo: "Não desprezes o dom que há em ti, o qual te foi dado por profecia, com a imposição de mãos do presbitério" (1 Tm 4.14). Para que não se cometa erro na consagração de obreiros despreparados, o apóstolo Paulo recomenda: "A ninguém imponhas precipitadamente as mãos (...)" (1 Tm 5.22). A simples imposição de mãos – gesto mantido pela igreja até os dias de hoje – tem o poder mágico de tornar alguém diácono, presbítero, evangelista ou pastor? Sua validade exige que ela venha acompanhada de oração. Será que Ananias não orou por Saulo para que ele voltasse a ver e ser cheio do Espírito Santo só por que se lê: " E Ananias foi, e entrou na casa, e, impondo-lhe as mãos, disse: Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que te apareceu no caminho por onde vinhas, me enviou, para que tornes a ver e sejas cheio do Espírito Santo" (At 9.17). Note que a "imposição de mãos" no Novo Testamento é sempre um ato simbólico, porém altamente significativo, pois é um símbolo de autoridade e nunca vem desacompanhado de oração. Contudo, Bruner associa a imposição de mãos ao batismo com água:

A simples imposição de mãos - gesto mantido pela igreja até os dias de hoje - tem o poder mágico de tornar alguém diácono, presbítero, evangelista ou pastor? Sua validade exige que ela venha acompanhada de oração.

> A imposição das mãos dos apóstolos, porém, não era simplesmente uma ajuda à fé dos candidatos, era o acompanhamento normal do batismo (At 9.17-19; 19.5,6; Hb 6.2), isto é, da iniciação, e, como tal, nem como um rito independente de iniciação, nem como uma intensificação da fé dos iniciados tem sua relevância. O que faltava aos samaritanos, dentro das informações que recebemos do texto, não era a imposição de mãos, mas o Espírito Santo (v. 15,16). Em nenhum outro lugar em Atos, a não ser em Atos 19.6, registra-se as mãos dos apóstolos em conexão com o dom do Espírito Santo – nem no Pentecostes, nem nos derramamentos após o Pentecostes, nem sequer na própria conversão de Paulo, onde Ananias, que não era um apóstolo, foi, segundo o relato de Lucas, o agente (ou auditório) da iniciação de Paulo. Até mesmo em Atos 19.1-7, não era a imposição das mãos

A conversão de Paulo

apostólicas que faltava ou foi ensinada, mas, conforme revelará a leitura cuidadosa do texto, a parte necessária era o batismo cristão, do qual a imposição das mãos era, simplesmente, como sempre, uma parte.[17]

Há algumas coisas a serem consideradas nesse comentário de Bruner: a primeira é que ele parece ignorar a imposição de mãos, tanto no caso de Samaria, onde se lê: "Os quais, tendo descido, oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo. (Porque sobre nenhum deles tinha ainda descido, mas somente eram batizados em nome do Senhor Jesus.)" (At 8.15,16), como no caso de Éfeso: "E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e falavam línguas e profetizavam" (At 19.6). Por que há esse esforço para aviltar também a imposição de mãos, como se fosse algo irrelevante em ambos os textos? O que pretende com isso o respeitável teólogo? Será que a menção da imposição de mãos não faz o menor sentido, e, se não faz, por que ela está nos respectivos textos? Como se não bastasse esse esforço, para não ignorar totalmente a

17. BRUNER. p.137,138.

importância das "mãos", ele encontra, para elas, um significado: Bruner as associa ao batismo com água, afinal é preciso usá-las para afundar alguém na água! Contudo, até onde compreendemos o significado do verbo "impor", ele não dá o sentido de "usar", "segurar", "puxar", "manejar", "manusear", "manipular", "bater", "empurrar", "aplaudir" ou outras coisas mais que se possam fazer com as mãos. A "imposição de mãos" é o gesto de colocar as mãos sobre um indivíduo, a fim de transmitir a ele (simbolicamente, é claro) uma investidura, seja ela ministerial, uma cura (At 28.8) ou uma bênção.

O batismo também pode ocorrer de forma espontânea

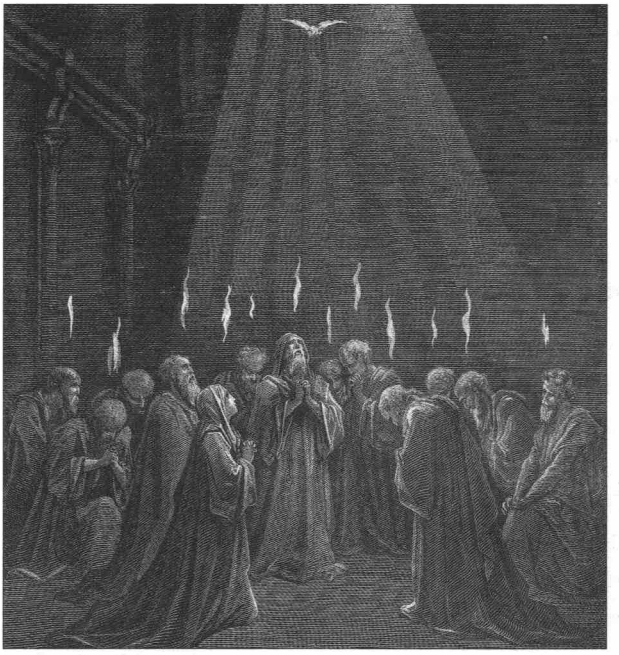
O batismo com o Espírito Santo normalmente é dado ao crente mediante a oração. No caso de Samaria, houve oração (At 8.15), e, no de Éfeso, houve imposição de mãos (At 19.6). É claro que o ato de imposição de mãos, como é comum, é um complemento à oração, como já vimos. Entretanto, há situações em que pessoas são batizadas com o Espírito Santo de modo espontâneo. Acontece de repente, e, em alguns casos, pessoas são batizadas com o Espírito Santo sem saber até mesmo o que está ocorrendo com elas. Foi assim em Cesareia: "E dizendo Pedro ainda estas palavras, caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra" (At 10.44). Já tivemos oportunidade de ver pessoas que adentram ao culto, ouvem a Palavra de Deus, na hora do apelo, entregam sua vida a Cristo e, na hora da confissão, são surpreendentemente batizadas com o Espírito Santo. Começam a falar línguas, e, ao serem perguntadas sobre o que se passou com elas, a resposta é sempre a mesma: "Não sei o que foi, não entendi o que falei, mas foi muito bom".

O falar em línguas não é um transe inconsciente

No dia de Pentecostes, os crentes entraram em êxtase espiritual, porém, não em estado de rebaixamento da consciência. As emoções afloraram a ponto de causar admiração a alguns, suspeita e até zombaria a outros: "E outros, zombando, diziam: Estão cheios de mosto" (At 2.13). Pedro, então, respondeu com a profecia de Joel: "Estes homens não estão embriagados, como vós pensais, sendo esta a terceira hora do dia. Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel" (At 2.15). O êxtase espiritual pode ocorrer por duas razões: porque a força do Espírito Santo é muito grande, e porque o homem é um ser emocional. A acusação empreendida por não pentecostais quanto aos pentecostais de que o falar em línguas possa ser resultado de comportamento em massa, estado de alteração psicológica ou até mesmo manifestação demoníaca chega a ser uma infâmia diante de uma realidade que a própria Bíblia admite como pertinente a um ambiente em que a manifestação do Espírito ocorre, principalmente no início, quando tudo é novidade.

No dia de Pentecostes, os crentes estavam aturdidos com o que experimentavam. Já na igreja de Corinto, os crentes viviam esse êxtase com frequência e sem entendimento: "Se, pois, toda a igreja se congregar num lugar, e todos falarem línguas estra-

Pentecostes



nhas, e entrarem indoutos ou infiéis, não dirão, porventura, que estais loucos?"(1 Co 14.23). Os crentes precisavam entender que tanto a glossolalia como os dons espirituais tinham finalidades espirituais mais elevadas do que simplesmente o deleite espiritual. O ambiente pentecostal, quando saturado pelas expressões livres da glossolalia, pode causar, sim, alguma impressão estranha a quem não sabe do que se trata ou mesmo a algum cristão não acostumado com isso; porém, antes de tirar uma conclusão precipitada, é preciso conferir tudo com as Escrituras. A orientação do apóstolo aos coríntios visava a criar ordem no uso dos dons nos cultos públicos, nos quais pessoas não crentes – a quem ele denomina de indoutos – estivessem presentes. Antes, porém, de extinguir o uso das línguas, o apóstolo orientou os crentes a evoluírem no uso delas: falando um de cada vez (1 Co 14.5) e buscando o dom de interpretação para que todos pudessem entender o que se estivesse falando (1 Co 14.13). E ele não para por aí: pede aos irmãos que profetizem mais do que falem em línguas, para que não apenas um (o que fala línguas e se autoedifica), mas todos possam tirar proveito: "E eu quero que todos vós faleis línguas estranhas; mas muito mais que profetizeis, porque o que profetiza é maior do que o que fala línguas estranhas, a não ser que também haja intérprete, para que a igreja receba edificação" (1 Co 14.5).

Mesmo que a pessoa que fale línguas estranhas não compreenda uma só palavra que pronuncia, ela não perde a consciência, pelo contrário, o crente batizado com o Espírito Santo deve cultivar esse dom e ter o hábito de orar sempre em línguas, por algumas razões, como veremos mais adiante. O falar em línguas estranhas não é um ato inócuo, vazio, sem sentido, embora quem fale não entenda. Primeiro, quando o crente fala língua estranha, ele fala a Deus: "Porque o que fala língua estranha não fala aos homens, senão a Deus; porque ninguém o entende, e em espírito fala de mistérios" (1 Co 14.2); segundo: quando o crente fala língua estranha, ele edifica-se a si mesmo: "O que fala língua estranha edifica-se a si mesmo (...)" (1 Co 14.4).

A importância da oração em Espírito

A glossolalia é um poderoso instrumento espiritual na vida do crente. Se Paulo não concordasse com a glossolalia, ele simplesmente diria aos crentes de Corinto que parassem com aquilo, afinal, as línguas teriam servido apenas para o dia de Pentecostes; mas, em vez disso, ele incentiva os crentes a falarem línguas: "E eu quero que todos vós faleis línguas estranhas" (1 Co 14.5). Ele próprio se ufanava de que falava mais línguas do que todos: "Dou graças ao meu Deus, porque falo mais línguas do que vós todos" (1 Co 14.18). Orar em línguas tem a sua importância.

Orar em Espírito

Paulo chama a oração em línguas de "orar em espírito": "Porque o que fala língua estranha não fala a homens, senão a Deus; porque ninguém o entende, e em espírito fala de mistérios" (1 Co 14.2). A oração "em espírito", portanto, não é compreendida por aquele que a pronuncia – a menos que tenha o dom de interpretação –; por isso, o apóstolo mostra a distinção entre as duas falas da oração: aquela em que a pessoa fala com entendimento – sabendo o que diz –, e aquela em que fala em línguas, sem saber o que diz: "Porque, se eu orar em língua estranha, o meu espírito ora bem, mas o meu entendimento fica sem fruto. Que farei, pois? **Orarei com o espírito**, mas também orarei com o entendimento; **cantarei com o espírito**[18], mas cantarei também com o entendimento" (1 Co 14.14 - grifos do autor). Na Igreja primitiva, a oração em espírito era algo comum: ao instruir os crentes sobre a batalha espiritual que todos enfrentam, Paulo recomenda-os a orarem no Espírito: "Orando em todo tempo com toda oração e súplica no Espírito" (Ef 6.18). Judas, após exortar os crentes a batalharem pela fé que, uma vez, fora dada aos santos, a fim de protegerem-se de homens maus e perniciosos que se introduziram no seio da Igreja, recomenda-os a oração no Espírito Santo: "Mas vós, amados, edificando-vos a vós mesmos sobre a vossa santíssima fé, orando no Espírito Santo" (Jd 1.20).

Ignorância no pedir

Quando oramos em Espírito, expressamos palavras que somente Deus entende: "Porque o que fala língua estranha não fala a homens, senão a Deus" (1 Co 14.2). O Espírito Santo nos subsidia em nossas orações, porque não sabemos exatamente o que pedir e como pedir. É muito provável que cometamos equívocos em alguns pedidos, principalmente quando lidamos com algum tipo de desavença com alguém. Se o nosso coração está afetado e tomado pela raiva, somos capazes de agir como os discípulos de Jesus em Samaria, que desejaram ser imbuídos do espírito de Elias, para fazer descer

---

18. "Cantarei com o espírito" – assim como se ora em línguas, é possível também entoar cântico em língua estranha.

fogo do céu e consumir os samaritanos. Jesus não aprovou o sentimento deles (Lc 9.54,55). É provável, também, que sejamos tentados a pedir algo que, aparentemente, seja bom para nós, mas que não seja exatamente como pensamos; pelo contrário, trata-se de algo que nos traria grandes problemas no futuro. Todavia, como não sabemos pedir, podemos contar com a ajuda do Espírito Santo para isso: "E da mesma maneira também o Espírito ajuda as nossas fraquezas; porque **não sabemos o que haveremos de pedir** como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis" (Rm 8.26 – grifo do autor).

Que línguas são essas?

No dia de Pentecostes, as línguas que falaram eram faladas na terra: " E, correndo aquela voz, ajuntou-se uma multidão e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua. E todos pasmavam e se maravilhavam, dizendo uns aos outros: Pois quê! Não são galileus todos esses homens que estão falando? Como pois os ouvimos, cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos?" (At 2.6-8). Segue uma lista de países ali representados, cujas línguas foram faladas. Por causa disso, os incrédulos da glossolalia preferem acreditar que o evento de Pentecostes fora único, e que as línguas dadas pelo Espírito Santo eram línguas que se podiam entender por pessoas de outras nacionalidades. Essa forma restritiva de tratar a glossolalia não somente ignora as outras ocorrências bíblicas, como também põe em contradição textos em que se recomenda a oração pela busca dos dons, dentre eles, o de interpretar línguas: "Pelo que, o que fala língua estranha, ore para que a possa interpretar" (1 Co 14.13).

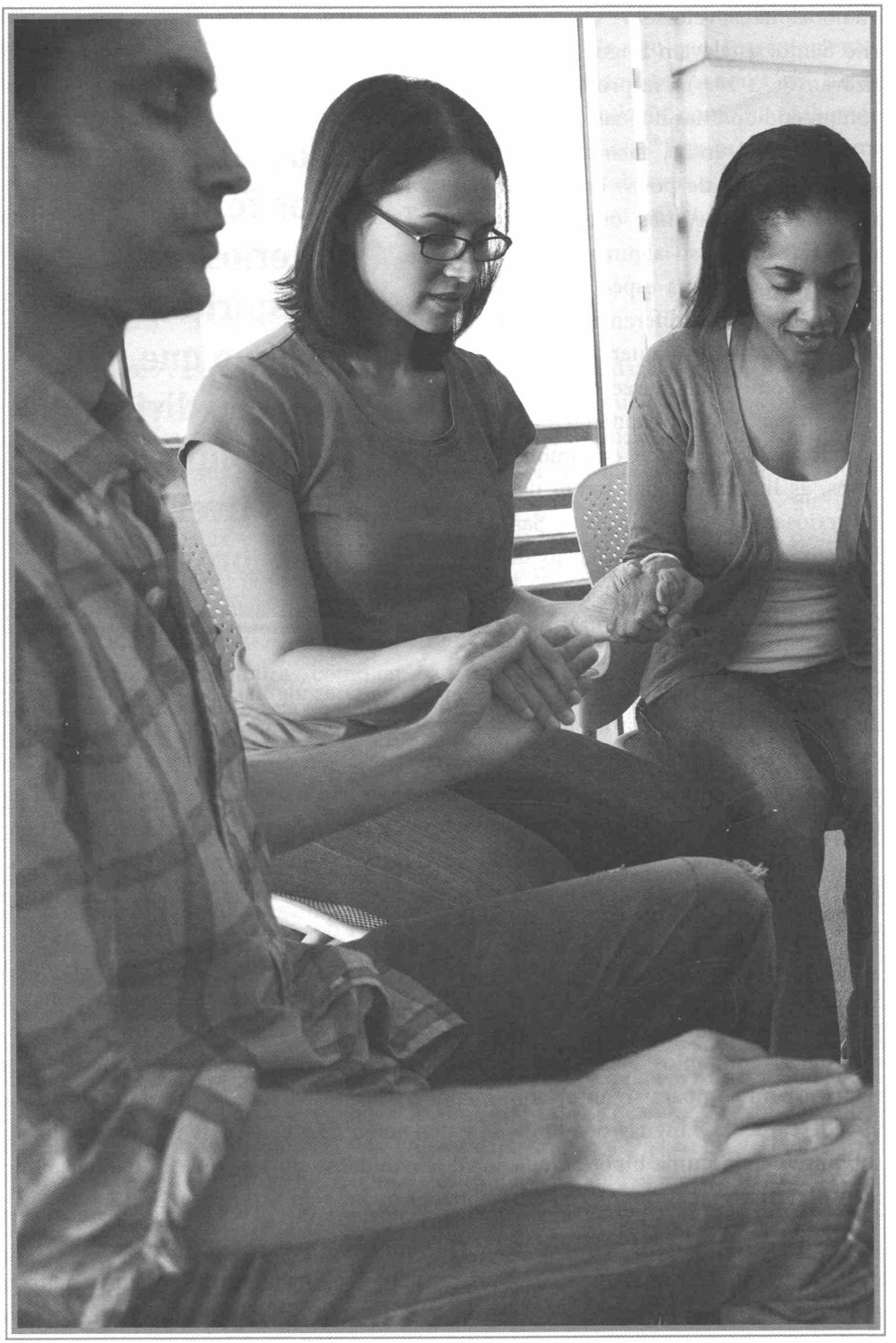
Se alguém deseja falar algum idioma diferente do seu, deve entrar em uma escola e aprender o idioma no qual também deseja fluência. Por que se recomendaria a oração para aprender a falar um novo idioma da terra? Claro que isso tornaria as coisas mais fáceis para todos. Quem fala português oraria para receber o conhecimento do inglês, do italiano, do alemão, e assim por diante, como se Deus colocasse na sua cabeça um *chip* celestial. Mas não é isso o que a Bíblia diz. No dia de Pentecostes, as línguas que os crentes falaram foram línguas da terra, porém quem as falava não sabia o que estava falando. Já no caso de Cesareia, enquanto Pedro pregava, o Espírito Santo caiu sobre todos: "E, dizendo Pedro ainda estas palavras, caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra. E os fiéis que eram da circuncisão, todos quantos tinham vindo com Pedro, maravilharam-se de que o dom do Espírito Santo se derramasse também sobre os gentios. Porque os ouviam falar em línguas e magnificar a Deus" (At 10.44-46). Que língua diferente falariam se havia entre eles somente os que eram da circuncisão, ou seja, somente judeus? Não haveria necessidade de falar nenhum idioma da terra, mas pressupõe-se, obviamente, que o destaque para "línguas" ali faladas serve para ressaltar o sinal de que receberam, de fato, o batismo com o Espírito Santo. O mesmo se pode dizer de Éfeso, onde a presença de estrangeiros não é mencionada: "E, impondo-lhes

Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e falavam línguas e profetizavam" (At 19.6). Na profecia, eram compreendidos, nas línguas, não!

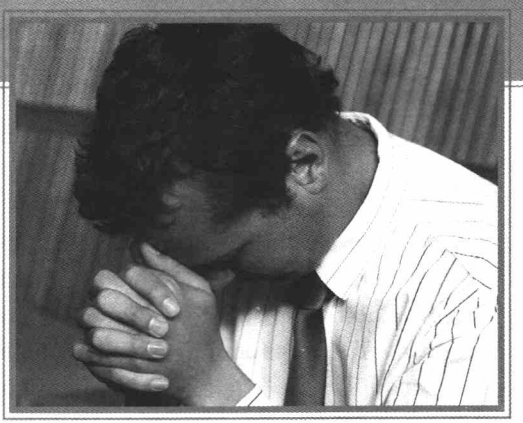
Por que, então, falaram línguas compreensíveis de povos estrangeiros no Pentecostes e, nos outros casos, não? Haveria nisso alguma diferença que justificasse uma espécie de capacitação linguística diferente e que colocasse em dúvida a autenticidade das línguas, como sinal do recebimento do Espírito Santo? Absolutamente não. O que fica evidente é que, em ambos os casos, as línguas faladas foram dadas misteriosamente pelo Espírito Santo, indicando que, por capacitação divina, de modo involuntário, os crentes tiveram um sinal sobrenatural que os impeliu a mostrar publicamente algo inusitado e incomum. Se Deus quisesse, poderia criar algum tipo de sinal diferente da glossolalia para dar prova da manifestação do Espírito Santo; porém Ele escolheu esse. Se parece estranho, e, no entusiasmo, os crentes chegaram a parecer que estavam embriagados, causando uma impressão ruim, isso não importa: essa foi uma escolha divina. Foi assim e continua a ser, e quem vive tal experiência sabe o quanto ela é boa.

O que fica evidente é que, em ambos os casos, as línguas faladas foram dadas misteriosamente pelo Espírito Santo, indicando que, por capacitação divina, de modo involuntário, os crentes tiveram um sinal sobrenatural.

Há uma hipótese levantada por alguns teólogos (não pentecostais) de que as línguas – para eles, faladas apenas no Pentecostes, Cesareia e Éfeso – são as "línguas dos anjos": "Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos e não tivesse amor (...)" (1 Co 13.1). Não há base teológica para afirmar, nem sequer para supor, que a língua estranha dada pelo Espírito Santo seja a língua falada pelos anjos. O apóstolo, nessa mesma epístola em que trata amiúde da questão da glossolalia, em nenhum momento, relaciona-a com anjos. Nesse texto, o escritor sagrado faz simplesmente uso de uma retórica para comparar o amor com qualquer suposta virtude, a fim de exaltar essa virtude cardeal. "Línguas dos homens e dos anjos" são colocadas no imperfeito do subjuntivo como uma hipótese relacional, e não como uma afirmação teológica que identifique as línguas dos anjos com as línguas dadas pelo Espírito (1 Co 12.4-11).



NOMES BÍBLICOS DADOS À SEGUNDA EXPERIÊNCIA



Batismo com o Espírito Santo

O assunto "batismo com o Espírito Santo" foi trazido à tona, pela primeira vez, por João Batista (Mc 1.8; Mt 3.11; Lc 3.16), como vimos no início dessa seção, e referendada por Jesus na Sua despedida da terra: "Porque, na verdade, João batizou com água, mas vós sereis batizados como Espírito Santo, não muito depois destes dias" (At 1.5). Essa é a expressão que os pentecostais mais usam para referir-se à segunda experiência. No meio pentecostal, todos os crentes são estimulados a buscar o batismo com o Espírito Santo, seguindo um costume que vem desde os primórdios do avivamento da Rua Azusa, em Los Angeles. Aprende-se a buscar por essa experiência: seja em um culto fervoroso, quando o pregador inflamado, após terminar seu sermão, chama pessoas à frente para orar por isso; seja em reuniões de oração, como vigílias, congressos, acampamentos; em grupo ou individualmente; na igreja ou na casa de irmãos; no quarto ou onde quer que você esteja. Não há formalidade nem método a não ser orar, pedir, buscar (Lc 11.9,13). Quando se ora em grupo, na igreja, é comum haver um momento de êxtase, no qual os irmãos batizados oram juntos com os que desejam ser batizados, estimulando os candidatos a buscarem, com fervor, pelo batismo, em meio a louvores

e glorificações. O resultado é que sempre há alguém falando em línguas pela primeira vez, concluindo, assim, que tal pessoa foi batizada com o Espírito Santo.

Dom do Espírito Santo

Outra forma de referir-se à segunda experiência é como "dom". No dia de Pentecostes, em resposta à pergunta do povo que chegou atraído pelo que estava acontecendo no cenáculo, Pedro respondeu: "E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados, e recebereis o **dom** do Espírito Santo" (At 2.38 - grifo do autor). Em Samaria, o mesmo apóstolo respondeu ao mágico Simão, quando este ofereceu dinheiro para obter o mesmo poder que os apóstolos tinham sobre as pessoas: "Mas disse-lhe Pedro: O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois cuidaste que o **dom** de Deus se alcança por dinheiro" (At 8.20 - grifo do autor).

Na casa de Cornélio, o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a palavra pregada por Pedro, e isso causou admiração aos irmãos judeus que acompanhavam o apóstolo: "E os fiéis que eram da circuncisão, todos quantos tinham vindo com Pedro, maravilharam-se de que o **dom** do Espírito Santo se derramasse também sobre os gentios" (At 10.45 - grifo do autor). Ao chegar em Jerusalém, em uma pequena assembleia que reunia apóstolos e irmãos judeus – que não entendiam como gentios também pudessem ser dignos de receber a Palavra de Deus (At 11.1,12) –, Pedro relatou o que presenciara na casa de Cornélio: "E lembrei-me do dito do Senhor, quando disse: João certamente batizou com água, mas vós sereis batizados como Espírito Santo. Portanto, se Deus lhes deu o mesmo **dom** que a nós, quando cremos no Senhor Jesus Cristo, quem era, então eu para que pudesse resistir a Deus?" (At 11.16,17 – grifo do autor).

Observe-se que, em todos os casos, o uso do termo *dom* refere-se à segunda experiência – pois já vimos que todos esses textos tratam exatamente disso –, e o apóstolo Pedro ainda o associa ao batismo com o Espírito Santo, acrescentando uma informação a mais, que não consta nos Evangelhos: a de que o próprio Senhor Jesus repetiu as palavras de João acerca do batismo como o Espírito Santo (At 11.16; cf. At 1.5).

O uso do termo *dom* (gr. *dóron*, "dom"; "dádiva", "presente"), nesses casos, nada tem a ver com outros em que o termo faz referência aos *dons espirituais* (1 Co 12.1,4); aos *dons ministeriais* (Rm 12.6,28,30,31; 13.2; 14.1,12,39; Ef 3.7; 1 Tm 4.14; 2 Tm 1.6; 1 Pe 4.10); ao *dom* como *dádiva* ou *oferta* (Hb 5.1; 8.3,4; 9.9; Tg 1.7) ou ao *dom da salvação* (Ef 2.8).

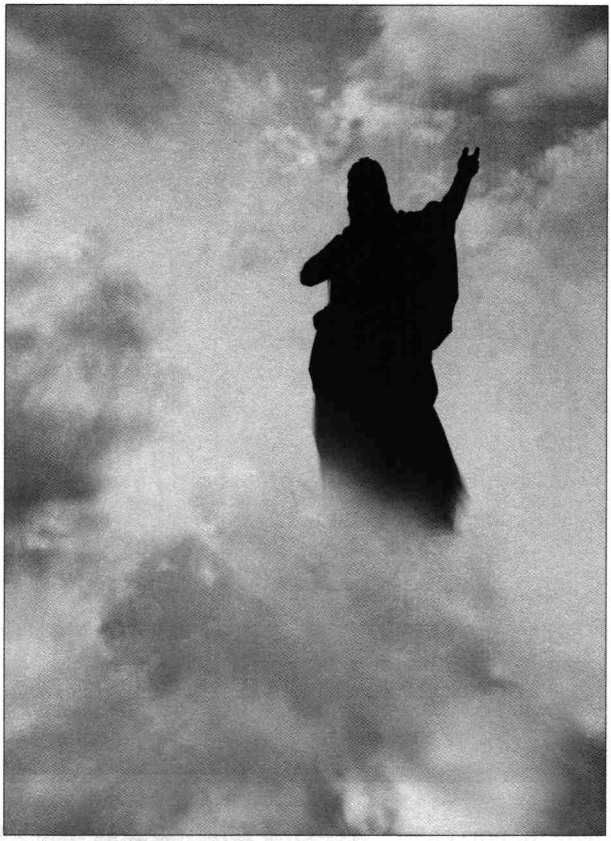
A promessa

A segunda experiência é também conhecida como a "promessa do Pai": "Eis que sobre vós envio a **promessa** de meu Pai; ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder" (Lc 24.49 - grifo do autor). "E, estando com eles, determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a **promessa** do Pai, que (*disse ele*) de mim ouvistes" (At 1.4 - grifo do autor). "Porque a **pro-**

messa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe: a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar" (At 2.39 - grifo do autor).

Jesus havia feito a promessa de enviar o Consolador depois que subisse para o céu: "Todavia, digo-vos a verdade: que convém que eu vá, porque se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, enviar-vo-lo-ei" (Jo 16.7); "Mas, quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei de enviar, aquele Espírito da verdade, que procede do Pai, testificará de mim" (Jo 15.26). Entretanto, há uma peculiaridade entre o envio do Espírito Santo e a promessa do Espírito Santo. Quando a promessa é feita pelo Filho, ela diz respeito à vinda do Espírito Santo à terra, para cumprir uma tarefa específica na salvação; enquanto a referência da promessa feita pelo Pai a respeito do Espírito Santo refere-se ao derramamento do Espírito Santo feito pela profecia de Joel: "E há de ser que, depois, derramarei o meu Espírito sobre toda a carne (...)" (Jl 2.28). A promessa do Pai foi referendada por Pedro, no dia de Pentecostes: "Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel" (At 2.16). Por essa razão, a segunda experiência é também conhecida como "promessa do Pai" ou simplesmente "promessa", e, mais uma vez, o apóstolo Pedro usa o termo *promessa* em seu discurso: "De sorte que, exaltado pela destra de Deus e tendo recebido do Pai a **promessa** do Espírito Santo, derramou isto que vós agora vedes e ouvis" (At 2.33 - grifo do autor).

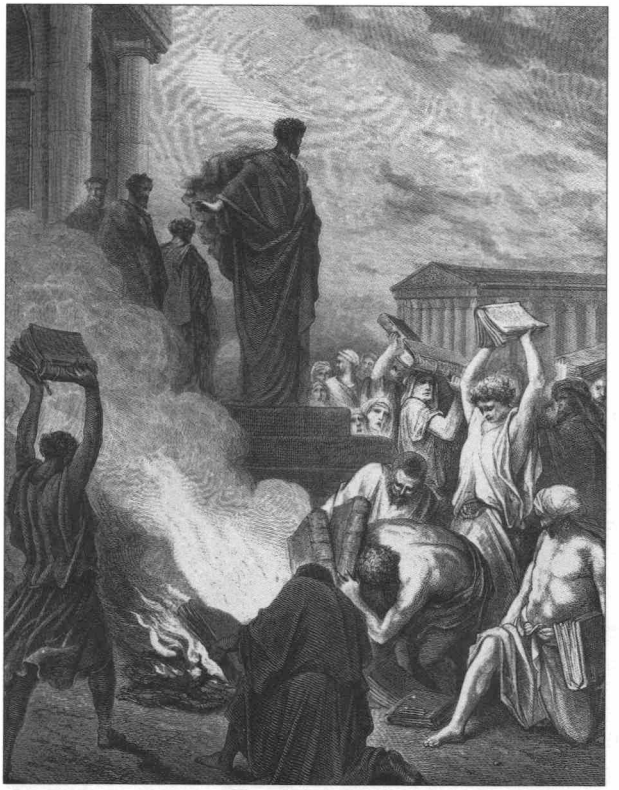
A ascensão de Jesus



O Espírito Santo

Outra expressão peculiar – aparentemente redundante – para referir-se à segunda experiência é simplesmente "Espírito Santo". Recorremos novamente aos casos emblemáticos dos textos que historiam o batismo com o Espírito Santo em Atos, como é o

Paulo em Éfeso



caso de Samaria, conforme já analisamos: "Os quais, tendo descido, oraram por eles para que recebessem o **Espírito Santo**"; "Então lhes impuseram as mãos, e receberam o Espírito Santo, e Simão, vendo que pela imposição das mãos dos apóstolos era dado o Espírito Santo, lhes ofereceu dinheiro, dizendo: Dai-me também a mim esse poder, para que aquele sobre quem eu puser as mãos receba o **Espírito Santo**" (At 8.15,17-19 - grifos do autor). Na casa de Cornélio: "E dizendo Pedro ainda estas palavras, caiu o **Espírito Santo** sobre todos os que ouviam a palavra" (At 10.44 - grifo do autor). "Respondeu, então, Pedro: Pode alguém, porventura, recusar a água, para que não sejam batizados estes que também receberam, como nós, o **Espírito Santo**?" (At 10.47 - grifo do autor). Quando Pedro faz o seu relatório a respeito de sua visita à casa de Cornélio em Jerusalém, ele diz: "E quando comecei a falar, caiu sobre eles o **Espírito Santo**, como também sobre nós ao princípio" (At 11.15 - grifo do autor). Quando Paulo chegou a Éfeso, ele usou simplesmente a expressão "Espírito Santo", para perguntar aos irmãos de lá se já haviam experimentado esse batismo: "Disse-lhes: Recebestes vós já o **Espírito Santo** quando crestes? (...)" (At 19.2 - grifo do autor); "E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o **Espírito Santo**; e falavam línguas e profetizavam" (At 19.6 - grifo do autor). Paulo pergunta aos crentes da Galácia: "Só quisera saber isto de vós: recebestes o **Espírito Santo** pelas obras da lei ou pela pregação da fé?" (Gl 3.3 - grifo do autor); "Aquele, pois, que vos dá o **Espírito Santo** e que opera maravilhas entre vós o faz pelas obras da lei ou pela pregação da fé?" (Gl 3.5 - grifo do autor); "Para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios por Jesus Cristo e para que, pela fé, nós recebamos a promessa do **Espírito**" (Gl 3.14 - grifo do autor).

Há aqui algo que precisa ser muito bem compreendido, para não ser explorado indevidamente, como ousam fazer alguns escritores antipentecostais. O uso da expressão

"Espírito Santo", em todos os casos aqui demonstrados, faz alusão específica à segunda experiência, e não simplesmente à pessoa do Espírito Santo, que todo salvo em Cristo tem. Nenhuma pessoa pode ser salva se o Espírito Santo não operar nela, em primeiro lugar, convencendo-a do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.8), para conduzi-la à salvação. Uma vez convencida pelo Espírito Santo e nascida do Espírito (Jo 3.3), essa pessoa é salva. Como salva, ela se torna habitação do Espírito Santo: "Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?" (1 Co 3.16). Por isso, todo salvo é também selado pelo Espírito:[19] "Em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa" (Ef 1.13); "E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o Dia da redenção" (Ef 4.30; cf. 2 Co 1.22). É evidente que o recebimento do Espírito Santo, no modo como o apóstolo explica, não diz respeito à experiência de conversão, mas fala de uma experiência à parte, exclusiva, que demanda um ato de fé especial; algo peculiar que os leitores entendiam muito bem do que se tratava, como é também comum e facilmente entendido entre os pentecostais.

Temos, portanto, duas situações distintas: uma tomada de modo simples, reduzido, para não ter de usar a expressão inteira: "batismo com o Espírito Santo", contraindo-se por, simplesmente, "Espírito Santo"; e outra que se refere diretamente à pessoa do Espírito Santo como alguém presente na vida do salvo, tenha ele passado pela segunda experiência ou não.

Para quem é o batismo com o Espírito Santo?

Nem todos os crentes gozam da segunda experiência, mas todos podem desejá-la e buscá-la. Pedro foi enfático nisso no dia de Pentecostes: "Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe: a tantos quantos Deus, nosso Senhor chamar" (At 2.39). Ao dizer tais palavras, o apóstolo estava enxergando longe. Ele não estava pensando somente naquele dia, mas no futuro da Igreja, e também não estava pensando somente naquele povo que estava com ele, mas em todo o povo de Deus sobre a face da terra. Assim, recomenda-se à pessoa que acabou de converter-se que se interesse pelo batismo nas águas e também busque o batismo com o Espírito Santo (Lc 11.5-13). Que as igrejas facilitem essa busca ao novo convertido, criando reunião de oração específica para isso, a fim de que mais crentes busquem essa maravilhosa experiência, para o fortalecimento da sua vida espiritual e para também dispor de mais coragem e ousadia para servir ao Senhor (At 1.8).

---

19. O selo do Espírito é também confundido por alguns com o batismo com o Espírito Santo. Essa figura de linguagem estabelece relação direta com a salvação, e não com a segunda experiência.

O batismo é pessoal, e não coletivo

Segundo Bruner, o batismo com o Espírito Santo é sempre uma experiência coletiva, e não individual, porque, nos relatos bíblicos sobre as ocorrências – Pentecostes, Cesareia e Éfeso –, sempre se lê que as pessoas recebiam o Espírito Santo.

> Nem aqui nem em outra parte do Novo Testamento registra-se que o falar em línguas ocorreu em um único indivíduo que o buscou, como é o caso, porém, da maioria das ocorrências pentecostais. Em Atos, nas três ocasiões em que as línguas ocorrem, advém a um grupo inteiro de pessoas de uma só vez, com a profecia, trazendo a iniciação cristã completa, e ocorre, em todos os três casos, independentemente do esforço registrado da parte dos que o receberam. O falar em línguas em Atos é, em todas as três ocasiões, um fenômeno coletivo de fundação de Igreja e da conversão em grupo, nunca a experiência no Espírito subsequente a um indivíduo.[20]

Jamais se deve usar a palavra nunca sem antes se prover de todas as evidências que a Palavra de Deus apresenta. Bruner é taxativo ao restringir a glossolalia ao Pentecostes, a Cesareia e a Éfeso, ignorando a igreja de Corinto e o avivamento de Samaria, conforme tivemos a oportunidade de ver anteriormente. Simão não se encantaria com o poder apostólico de orar pelas pessoas para que elas recebessem o Espírito Santo se não fosse algo espetacular. No entanto, ele também, no seu esforço hermenêutico para negar de toda maneira a realidade da glossolalia, criou mais um argumento: o do batismo coletivo, e não individual. Pensemos, então, no caso de Saulo. Depois que ele teve seu encontro com Jesus a caminho de Damasco, ficou cego e seguiu uma orientação divina: foi à casa de Judas, onde se encontrou com Ananias, e este orou por ele. "E Ananias foi, e entrou na casa, e, impondo-lhe as mãos, disse: Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que te apareceu no caminho por onde vinhas, me enviou, para que tornes a ver e sejas cheio do Espírito Santo" (At 9.17). Não foi uma oração individual? Bruner não exagera quando tenta negar o fato de que a experiência seja também individual, particular? Ah! Teria Saulo falado línguas? Que o próprio Saulo – agora Paulo – responda: "Dou graças ao meu Deus, porque falo mais línguas do que vós todos" (1 Co 14.18). É bom lembrar que, nas três ocasiões – e Bruner dá a entender que as três foram as únicas –, Saulo não esteve presente! Cabe aqui a pergunta feita pelo profeta Miqueias: "Ó vós que sois chamados a casa de Jacó, tem-se restringido o Espírito do Senhor?" (Mq 2.7).

---

20. BRUNER. 1989. p. 149.

OS DONS DO ESPÍRITO SANTO

A era da Igreja é também conhecida como era da graça e a era do Espírito Santo. Da graça, porque, durante o tempo da Igreja na terra, até que ela seja arrebatada, a porta da salvação está aberta e oferecida a todo aquele que crê em Jesus; do Espírito Santo, porque, desde o dia de Pentecostes, quando a Igreja começou, o Espírito Santo nunca a abandonou e é o encarregado de cuidar dela, até que ela se encontre com o Noivo, Jesus.

Para cuidar, dirigir, sustentar e adornar a Igreja, o Espírito Santo manifestou-se a ela com grande poder. Aliás, foi esta palavra que Jesus usou para falar da vinda definitiva do Espírito Santo à terra (Jo 14.6) após a Sua partida para o céu: "Mas recebereis o poder do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra" (At 1.8). Por isso, Ele não chegou tímido, mas com grande expressão. Foram línguas de fogo, som de ventania e mais de uma centena de pessoas falando línguas diferentes, sem nunca as terem aprendido.

Por que razão o Espírito Santo chegaria com tanta pujança naquele ambiente, para um povo que havia conhecido pessoalmente o Senhor Jesus, assistido a muitas das Suas maravilhas e ainda vivia o sabor dos últimos e extraordinários acontecimentos como a Sua ressurreição e ascensão ao céu? E, por que se encolheria depois, quando a Igreja mais precisasse dele? Os que negam a atualidade dos dons do Espírito Santo, além de não apresentar algum texto bíblico convincente de que aquelas atividades do Espírito

cessaram, ainda não reconhecem a importância e a necessidade da ação poderosa do Espírito Santo para a vida da Igreja enquanto ela viver neste mundo.

O batismo com o Espírito Santo, evidenciado pelas línguas no dia de Pentecostes, foi apenas o começo. O Espírito Santo não parou aí. Dons foram dados à Igreja para que ela vivesse em uma dimensão espiritual elevada, fazendo jus à sua vocação na terra. Diferentemente de seitas e religiões que se sustentam por ritos e cerimoniais, a Igreja de Jesus se sustenta pela Palavra viva de Deus e pela concomitante ação contínua e dinâmica do Espírito Santo. Jesus vinculou a vinda definitiva do Espírito Santo à Sua ida para o céu: "Se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, enviar-vo-lo-ei" (Jo 16.7). A Igreja de Jesus não se sustentaria sozinha. Enquanto as seitas e as religiões apresentam um *marketing* favorável – porque elas facilitam a vida dos seus fiéis, dando-lhes liberdade para a prática do pecado e enganando-os com falsas promessas –, o cristianismo bíblico prega uma vida de sacrifício vivo; de renúncia ao mundo, ao pecado e até mesmo à família, quando esta faz oposição; de caminho estreito; de porta estreita; apregoa o dízimo; a separação (santificação) etc.

Quem teria um discurso capaz de atrair pessoas para uma vida desse tipo? Se não for pelo Espírito Santo, ninguém é capaz de fazer Igreja de verdade. Ele opera na conversão, convencendo o pecador da verdade, da justiça e do juízo (Jo 16.8); opera na Igreja e nos crentes individualmente, de muitas maneiras. Nossa atenção, particularmente aqui, está voltada para os dons, e eles apresentam-se em categorias diversas. Em Romanos 12.6-8, o apóstolo Paulo fala de uma diversidade de dons do Espírito: "De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada: se é profecia, seja ela segundo a medida da fé; se é ministério, seja em ministrar; se é ensinar, haja dedicação ao ensino; ou o que exorta, use esse dom em exortar; o que reparte, faça-o com liberalidade; o que preside, com cuidado; o que exercita misericórdia, com alegria".

Em Efésios 4.11, Paulo apresenta outra lista de dons. Dessa vez, são dons ministeriais: "E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores". A terceira lista de dons está em 1 Coríntios 12.8-10: "Porque a um, pelo Espírito, é dada a palavra da sabedoria; e a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra da ciência; e a outro, pelo mesmo Espírito, a fé; e a outro, pelo mesmo Espírito os dons de curar; e a outro, a operação de maravilhas; e a outro, a profecia; e a outro, o dom de discernir os espíritos; e a outro, a variedade de línguas; e a outro, a interpretação das línguas". São três categorias diferentes, tendo, entre elas, apenas um dom em comum: a profecia. Em todos os casos, a fonte dos dons é sempre a mesma: Cristo.

Na primeira categoria de dons aqui apresentada (Rm 12.6-8), com exceção da profecia, que é peculiar às duas outras, os dons de *ministério* (serviço), *ensino, exortação, generosidade, presidência* (liderança) e *misericórdia* são dons que podem ser exercidos a partir de capacitação pessoal de qualquer cristão imbuído de bons propósitos. Os dons ministeriais (Ef 4.11) são dados aos *apóstolos, profetas, evangelistas, pastores* e

doutores, e também podem ser praticados por pessoas vocacionadas e treinadas, porém os dons da terceira categoria (1 Co 12.8-10) são dons sobrenaturais, que somente podem ser exercidos por pessoas que os possuem por intermédio do Espírito Santo. Do mesmo modo como a Igreja precisa dos dons de Romanos 12.6-8 e de Efésios 4.11, ela precisa dos dons de 1 Coríntios 12.10-12. Por que, então, eles estão de fora para alguns? Muitos cessacionistas também acreditam que a Igreja precise desses dons, no entanto, dão uma versão diferente, particular e tendenciosa, para os dons de 1 Coríntios 12.8-10. Mas não há como fazer arranjo sem ferir o texto, a hermenêutica e, é claro, toda a verdade sobre eles.

Os nove dons do Espírito

A nós interessa, particularmente, neste capítulo, um estudo sobre os nove dons do Espírito, porque eles pertencem a uma categoria exclusiva que demanda uma ação direta do Espírito Santo, independentemente da contribuição humana, embora se utilize do ser humano para expressá-los. Além do batismo, evidenciado por línguas estranhas, o Espírito Santo ainda disponibiliza outros nove dons sobrenaturais, os quais devem ser praticados para a edificação da Igreja de Jesus ou não teriam razão para existir.

A igreja de Corinto desfrutava de todos os dons: "De maneira que nenhum dom vos falta, esperando a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo"[21] (1 Co 1.7). O entusiasmo espiritual daquela igreja era grande, embora não seja novidade para ninguém que Corinto fosse uma igreja com grandes problemas de ordem espiritual, social e até moral. Ao tomar conhecimento da situação, Paulo teve o cuidado de tratar de cada assunto de forma ordenada e sistemática. Mostrou-se gentil em alguns assuntos e severo em outros, a ponto de fazer inimigos naquela igreja (2 Co 10.10). O fervor no Espírito precisava de uma certa contenção, porque estavam cometendo excessos. Nas questões sociais que envolviam relacionamentos internos entre irmãos e nas questões morais, como o caso do rapaz que mantinha relações sexuais com a madrasta (1 Co 5), o apóstolo exortou os crentes à prática do bom-senso e ao rigor de atitudes justas; quanto às "práticas pentecostais", o apóstolo se valeu do expediente para trazer elucidação acerca dos dons do Espírito de forma sistemática, estabelecendo ordem com relação ao modo de praticá-los nos cultos públicos.

A ignorância doutrinária sobre os dons do Espírito não impedia a igreja de Corinto de exercê-los. Havia línguas, havia profecia, havia cura divina etc., mas os crentes praticavam aqueles dons sem muita compreensão e em um ambiente de desordem. Paulo disse: "Acerca dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes"

---

21. No texto ARA, o termo está no vocativo: "De maneira que não vos falte nenhum dom", como se ensejasse a necessidade de buscarem-no. No original, lê-se: ὥστε ὑμᾶς μὴ ὑστερεῖσθαι, ἐν μηδενὶ χαρίσματι – *hoste hymas me hystereisthai en medeni charismati* – "a ponto de vós não carecerdes em (de) nenhum dom".

A ignorância doutrinária sobre os dons do Espírito não impedia a igreja de Corinto de exercê-los. Havia línguas, havia profecia, havia cura divina etc., mas os crentes praticavam aqueles dons sem muita compreensão e em um ambiente de desordem.

(1 Co 12.1). Se o apóstolo Paulo não concordasse com os dons, se fosse cessacionista ou se não visse neles tanta relevância, optaria pela sua eliminação. Convenceria a Igreja sobre a importância da instrução e mostraria que o uso daqueles dons poderia causar grandes danos a ela. Mas, se Paulo fizesse isso, certamente estaria indo contra um programa divino para a Igreja. Nem a glossolalia nem os outros dons sobrenaturais se perpetuaram após o pentecostes, por uma questão de ensaio ou de teste, para ver se dariam certo ou não. Os dons vieram para ficar. Vieram para serem praticados. Vieram para fortalecer a Igreja do Senhor Jesus. A própria entrada de Paulo em Corinto foi determinada. Ele desejou que aquela igreja não sofresse as influências do ambiente social da cidade. Corinto era uma cidade grega, cercada por pensadores que não dispensavam a oportunidade de adentrar em uma comunidade "religiosa" para exibir seus pensamentos e apresentar suas propostas filosóficas. Paulo entendeu que a única maneira de vencer os sofismas do pensamento pagão era pelo poder do Espírito Santo: "A minha palavra e a minha pregação não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração do Espírito e de poder para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no poder de Deus" (1 Co 2.4).

A idolatria constituía o estado anterior dos crentes de Corinto. Qualquer ídolo pode ser venerado pelo simples aprendizado, mas Jesus não. A verdadeira adoração ao Senhor Jesus, com o devido reconhecimento do Seu senhorio, é obra do Espírito Santo: "(...) E ninguém pode dizer que Jesus Cristo é o Senhor, senão pelo Espírito Santo" (1 Co 12.3). Após dizer isso, imediatamente o apóstolo parte para a instrução sobre os dons do Espírito. Qual a razão disso? O que parece ser uma mudança repentina de assunto tem, antes, uma íntima relação: os dons e o próprio Espírito Santo, nesse tratado, não constituem um fim em si mesmos, mas um meio de exaltação a Cristo. Além disso, é muito forte a ênfase na Trindade, porque o apóstolo fala do senhorio de Jesus; fala do mesmo Espírito que atua na diversidade de dons; fala do Filho na diversidade de ministérios e fala de Deus (o Pai) na diversidade de operações, e é Ele quem opera

tudo em todos (1 Co 12.4-6). Portanto, nos dons espirituais, encontramos claramente a presença do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Outros cuidados de Paulo ao lidar com esse assunto são: *primeiro*, mostrar que os dons do Espírito Santo são dados individualmente: "Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um (...)" (1 Co 12.7); depois: "Mas um só e o mesmo Espírito opera todas as coisas, repartindo particularmente a cada um como quer" (v. 11). O Espírito, portanto, é o mesmo.[22] *Segundo*, "para o que for útil". Isso quer dizer que os dons do Espírito não são dados à Igreja para deleite espiritual, nem para exibicionismo de poder ou para se fazer algum tipo de balcão de consulta espiritual, conforme praticam os bruxos; mas para o que for útil (necessário). Então, temos de admitir: os dons do Espírito não são mera casualidade na Igreja, nem opção dos crentes, mas uma decisão divina "para o que for útil".

Classificação dos dons espirituais

Os nove dons do Espírito podem ser melhor compreendidos quando categorizados em três ordens em que cada um deles se encaixe: *dons de revelação*, *dons de poder* e *dons de locução*, apesar de Paulo não se ocupar com essa didática. Ele os apresenta na seguinte ordem: palavra de sabedoria; palavra da ciência; fé; dons de curar; operação de maravilhas; profecia, discernimento de espíritos; variedade de línguas e interpretação de línguas.

Dons de revelação

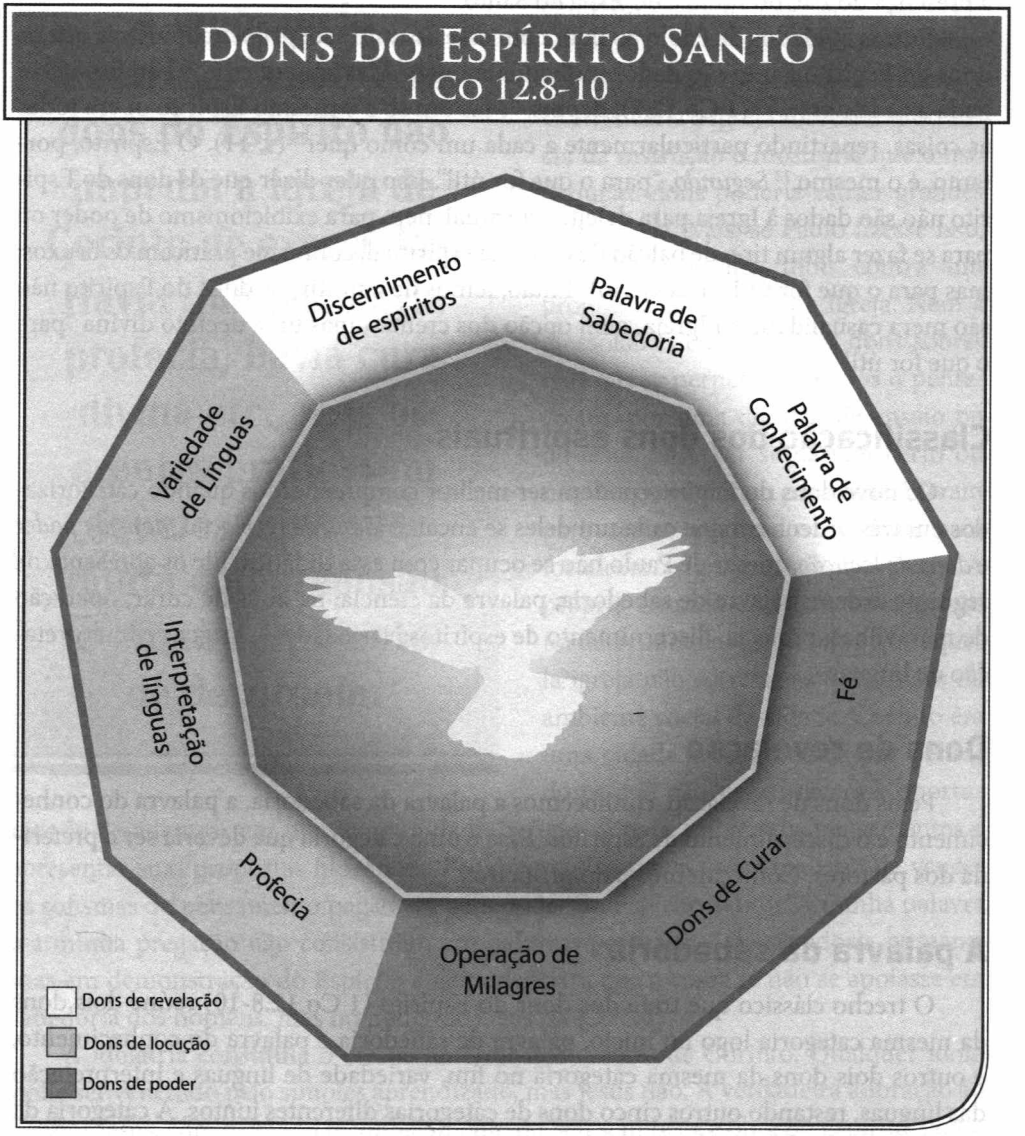
Pelos dons de revelação, conhecemos a palavra da sabedoria, a palavra do conhecimento e o discernimento de espíritos. Essa é uma categoria que deveria ser a preferida dos pastores. Começaremos pelo primeiro:

A palavra da sabedoria

O trecho clássico que trata dos dons do Espírito (1 Co 12.8-10) reúne dois dons da mesma categoria logo no início, palavra de sabedoria e palavra do conhecimento, e outros dois dons da mesma categoria no fim, variedade de línguas e interpretação das línguas, restando outros cinco dons de categorias diferentes juntos. A categoria da revelação é aquela que o apóstolo usa para dar abertura à sua lista; então, é por essa que vamos também iniciar.

---

22. Foi bom Paulo ter dito isso; pelo menos, elimina a possibilidade de engano, já que, para o próprio Paulo, é possível que outro espírito atue no crente quando este perde a simplicidade que há em Cristo: "Mas temo que, assim como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, assim também sejam de alguma sorte corrompidos os vossos sentidos e se apartem da simplicidade que há em Cristo. Porque, se alguém for pregar-vos outro Jesus que não temos pregado, ou se recebeis outro espírito que não recebestes, outro evangelho que não abraçastes, com razão o sofrereis" (2 Co 11.3,4).



A *palavra da sabedoria* é, geralmente, entendida como uma espécie de "palavra de solução", que dissipa contendas ou que traz consigo a solução para um grande e complicado problema. É uma espécie de "palavra que faltava". Dizia o respeitado pastor Estevam Ângelo de Souza: "Às vezes, precisamos mais desse dom do que precisou Salomão para resolver o caso daquelas duas mães que disputavam a mesma criança". A palavra da sabedoria vem como o segredo de um cofre que alguém perdera e que, finalmente, fora dado por revelação. Quase todos se contentam com essa explicação.

Mas é preciso levar em conta o que Paulo expressa sobre sabedoria, particularmente em 1 Coríntios: o modo como ele distingue a sabedoria humana da sabedoria de Deus; qual é, para ele, o objeto da sabedoria; e, finalmente, o que ele quer dizer com "palavra da sabedoria". Antes de pensar em "sabedoria", é preciso levar em conta o termo *palavra*, também aplicado ao dom seguinte: "palavra do conhecimento". O que se nota é que ele não está dando ênfase imediata à "sabedoria", mas à "palavra" da sabedoria: *logos sophías.*

O contexto histórico-cultural de Corinto deve ajudar-nos a compreender o teor das duas cartas[23] dirigidas àquela cidade. Corinto, por ser uma cidade grega de grande expressão comercial na época, situada ao lado do porto do mar Egeu, possuía um grande auditório, o Odeon, onde se reuniam grandes vultos da filosofia e também atores e cantores para noites de espetáculo. Os gregos valorizavam a sabedoria e o conhecimento, e Paulo não é insensível a isso, antes, tira sempre proveito das predileções culturais da

Odeon

23. Na verdade, teriam sido quatro cartas, segundo revelam estudos da Alta crítica. A primeira carta aos coríntios está referida em 1 Coríntios 5.9: "Já por carta vos escrevi que não vos associeis com os que se prostituem". Logo, essa carta referida (perdida) foi anterior à primeira, e, assim, a primeira passa a ser a segunda. A terceira e a quarta estão juntas na segunda carta: o trecho de 2 Coríntios 10-13 é um fragmento da terceira carta, e o trecho de 2 Coríntios 1-10, a quarta carta. Comentários à parte, continuemos a chamar, como de costume, as cartas na ordem em que elas estão colocadas na Bíblia: 1 e 2 Coríntios.

Apóstolo Paulo

localidade em que atua. Não foi o que ele fez em Atenas, quando viu um altar erigido "ao deus desconhecido"? (At 17.23). Corinto também contava com um templo à deusa Afrodite, erguido no alto de uma colina, podendo ser visto de longe. Do templo de Afrodite, com suas 800 sacerdotisas, procediam as normas que regiam a conduta feminina da cidade, variando entre o corte de cabelo e a sensualidade. Nem mesmo a Igreja do Senhor estava ilesa dos costumes vigentes, antes, demonstrava aspectos de assimilação cultural, e isso também interessou ao apóstolo. O que se nota é que os crentes de Corinto eram susceptíveis ao *modus vivendi* da cidade.

Não foi sem propósito que o apóstolo preferiu entrar na cidade de Corinto com demonstração de espírito e de poder (1 Co 2.4), em vez de exibir conhecimento, como fez em Atenas, citando duas correntes filosóficas: epicureus e estoicos (At 17.18,28). No Areópago, ele, sabiamente, adequou-se ao ambiente, mas, em Corinto, preferiu dar ênfase ao poder do Espírito Santo, e deu certo, a Igreja seguiu com ele por esse caminho (1 Co 1.7), e ele dá a razão disso: "Para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no poder de Deus" (1 Co 2.5). Ele jamais se distraiu da importância que os coríntios davam à sabedoria e de quanto a busca pelo conhecimento e pela sabedoria humana interessavam aos crentes da cidade. Paulo era um erudito. Jamais seria contra essa busca, exceto se, de alguma maneira, o conhecimento e a sabedoria deste mundo pudessem afetar a espiritualidade dos crentes, e foi o que percebeu em Corinto.

O apóstolo Paulo mostra, como sempre, grande habilidade para lidar com questões difíceis. Ele estabelece a dicotomia entre a sabedoria deste mundo e a sabedoria de Deus. Para isso, distingue também o homem espiritual do homem natural (1 Co 2.14,15), mostrando a superioridade no entendimento do primeiro em relação ao segundo. Na sessão em 1 Coríntios 2.6-16, o apóstolo faz o preâmbulo do que vai apresentar em 12.8 sobre a palavra da sabedoria: "Todavia, falamos sabedoria entre

os perfeitos[24]; não, porém, a sabedoria deste mundo, nem dos príncipes deste mundo, que se aniquilam; mas falamos a sabedoria de Deus, oculta em mistérios, a qual Deus ordenou antes dos séculos para nossa glória" (1 Co 2.6,7). A sabedoria de que falamos é diferente da sabedoria exibida pelos pensadores deste século. Falamos "a sabedoria de Deus, oculta em mistérios". Há aqui algo que precisa ser notado: uma sabedoria "oculta em mistérios". Certamente, o apóstolo está enxergando aqui algo que vai muito além do que normalmente entendemos por "palavra da sabedoria" (1 Co 12.8), como aquela espécie de "palavra mágica que resolve uma situação difícil". O mistério oculto é Cristo: "Como me foi este mistério manifestado pela revelação como acima, em pouco, vos escrevi, pelo quando ledes, podeis perceber a minha compreensão do mistério de Cristo" (Ef 3.3,4). Esse mistério esteve oculto no Antigo Testamento, porém foi revelado e é Cristo. Mas, para compreender Cristo, não basta conhecer Sua história, é preciso ter a revelação que é dada pelo Espírito Santo. Essa revelação nos fora dada para a "nossa glória". Os gregos eram vaidosos do seu conhecimento e da sua sabedoria. "(...) A ciência incha (...)" (1 Co 8.1). A "palavra de sabedoria" sempre há de nos remeter a Cristo: "Em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência" (Cl 2.3).

A sabedoria de Deus, que é Cristo – não conhecida pelo mundo: "A qual nenhum dos príncipes deste mundo conheceu; porque, se a conhecessem, nunca crucificariam ao Senhor da glória" (1 Co 2.8) –, foi-nos revelada pelo Espírito de Deus: "Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus" (2.10). O homem espiritual, e não o homem natural, entretanto, tem acesso a essa sabedoria: "Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus. Mas nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos

A sabedoria de Deus, que é Cristo - não conhecida pelo mundo: "A qual nenhum dos príncipes deste mundo conheceu; porque, se a conhecessem, nunca crucificariam ao Senhor da glória" (1 Co 2.8) -, foi-nos revelada pelo Espírito de Deus.

24. "Entre os perfeitos" na ARC e "entre os experimentados" na ARA – do grego *teleíois* – "maduros" (Hb 5.14; Mt 5.48; 19.21; Rm 12.2; 1 Co 13.10).

conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus" (1 Co 2.11,12). Trata-se, portanto, de uma revelação direta e gratuita do Espírito de Deus a nós. O apóstolo prossegue: "As quais também falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina, comparando as coisas espirituais com as espirituais" (1 Co 2.13). Assim, por ser espiritual, o crente tem acesso a essa compreensão, porque, segundo Paulo, ele está numa dimensão diferente e tem a mente de Cristo (1 Co 2.16). Mas essa revelação de Cristo não é automática, precisa antes ser buscada em oração. Tiago incentiva os crentes a buscarem a sabedoria: "Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropera; e ser-lhe-á concedida" (Tg 1.5). Paulo coopera com os crentes em oração neste sentido: "Não cesso de dar graças a Deus por vós, lembrando-me de vós nas minhas orações, para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação" (Ef 1.16,17). Rodman Williams comenta:

> A oração de Paulo sugere que o crente não recebe automaticamente sabedoria e revelação espirituais: isso é um dom de Deus. Fica implícito, além disso, que a questão principal numa palavra de sabedoria não é a mensagem em si, mas a sinceridade e a receptividade à sabedoria que Deus concede. Por tal sabedoria revelada (e somente onde há essa sabedoria), pode haver uma verdadeira palavra de sabedoria.[25]

Então, sabemos que há duas espécies de sabedoria: a do mundo e a que vem de Deus; que o homem espiritual está envolvido com a revelação de Deus, e que a sabedoria é o próprio Cristo; mas o que está mesmo em questão é a "palavra" da sabedoria, dada como um dom (*charísmata*) espiritual (1 Co 12.8). Todo crente verdadeiramente espiritual[26] possui a sabedoria, mas o *logos* da sabedoria é como os demais dons, algo a ser buscado. Paulo[27] recomendava aos crentes que procurassem os melhores dons: "Portanto, procurai com zelo os melhores dons" (1 Co 12.31). Sabendo, pois, que a sabedoria não é o foco de 1 Coríntios 12.8, mas a "palavra" da sabedoria, devemos considerar *quem* pode pronunciá-la, a *quem* ela é dirigida e *para que* ela vem.

A primeira questão concentra-se no "quem". Quem pode receber a palavra da sabedoria? Será a liderança da Igreja? Será alguém com destacada capacidade intelectual? Será uma pessoa que tenha grande conhecimento das Escrituras? A resposta simples e objetiva para tais perguntas é simplesmente não! Qualquer dom espiritual está dispo-

---

25. WILLIAMS, J. Rodman. *Teologia Sistemática: Uma perspectiva pentecostal*. São Paulo: Editora Vida, 2011. p. 663.

26. O que, infelizmente, não era o caso de todos os crentes de Corinto (1 Co 3.1); apesar disso, conheciam Cristo. Os carnais certamente não o conheciam num nível almejado, senão eles não cometeriam coisas tão impróprias para um cristão.

27. A despeito do que apregoam os antipentecostais - que situam o homem em posição de constante *passividade* ante à *atividade* do Espírito Santo -, Paulo sempre incentivou a oração pela busca das coisas do Espírito de Deus.

nível a qualquer crente em Jesus que o busque com zelo. Do mesmo modo como algum irmão de pouca cultura secular pode falar línguas ou profetizar, ele pode também ser portador da palavra da sabedoria. Essa palavra não é rebuscada, carregada de técnica de oratória; não vem enfeitada por um vernáculo exuberante. Às vezes, é trazida numa linguagem simples e gramaticalmente defeituosa, mas enche os lábios de um crente iletrado, causando pasmo a quem a ouve. Estêvão, na hora da sua morte, pregava a Palavra de Deus com conhecimento, narrando, com propriedade, a história do seu povo, começando por Abraão e culminando em Jesus. Porém, não era apenas o conhecimento que impressionava os seus algozes, mas a sabedoria com que falava: "E não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito com que falava" (At 6.10). Na palavra de sabedoria, Cristo é sempre exaltado!

A outra questão é "a quem" ela é dirigida. Jesus, por exemplo, pronunciou uma palavra de sabedoria aos principais sacerdotes e aos escribas que lhe indagaram sobre a licitude em pagar-se tributo a César (Lc 20.21-25). Normalmente, os dons do Espírito são aplicados domesticamente, num ambiente de culto ou entre irmãos em Cristo: pessoas sensíveis às coisas de Deus. Mas podem, eventualmente, ser usados fora desse ambiente e surpreender pessoas de fora, como ilustram os dois casos, respectivamente, de Estêvão e de Jesus, diante dos judeus.

A grande pergunta "para que" é que é a questão. A palavra da sabedoria não está limitada a um fórum específico. Pode ser dada coletiva ou particularmente. Ela vem, sim, para oferecer um caminho, uma saída, trazer uma resposta ou um conselho. A palavra de sabedoria não se apresenta como uma espécie de zodíaco ou horóscopo, mas como uma fala segura, proveniente do Espírito Santo, que sonda os corações e é sempre inequívoca. O apóstolo Paulo a sublinha não como um arranjo discursivo para afrontar os pensadores gregos, incluindo-a na lista dos dons espirituais, mas como um dom real do Espírito Santo que transcende a capacidade humana, porque ela também tem um fundo revelador que pode surpreender. Os pregadores do evangelho, quando fazem uso da Palavra de Deus, estando cheios do Espírito Santo, transmitem essa palavra trazendo tanta revelação que – com muita frequência – pessoas os procuram ao final do culto para dizer que obtiveram seguramente de Deus a resposta de que precisavam para uma situação qualquer.

Palavra do conhecimento

Novamente, deparamo-nos com um dom composto: não o conhecimento em si, mas a "palavra do conhecimento" dentro da categoria dos dons de revelação (1 Co 12.8). Alguns textos bíblicos associam a sabedoria ao conhecimento, sem confundi-los (Cl 2.3; Rm 11.33). O conhecimento humano resulta do acúmulo de informações, depositadas no arquivo do cérebro: a memória. A quantidade de conhecimento varia de pessoa para pessoa, e o seu conteúdo tem a ver com o interesse nas informações e no aproveitamento do aprendizado. Desse modo, o crente pode e deve também adquirir

muito conhecimento das coisas de Deus pelo tanto de pregação e de ensino que recebe nos cultos e pela quantidade de literatura que ele acessa, além da Bíblia Sagrada. O conhecimento como processo normal de aprendizagem, entretanto, não é o único que o crente em Jesus pode receber. Há coisas que são entendidas por capacitação especial proveniente do Espírito de Deus. Em Jesus, está a fonte desse conhecimento. Paulo exulta de alegria quando se detém a pensar no conhecimento de Deus. Num brado de júbilo, diz: "Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como do conhecimento de Deus! Quando insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!" (Rm 11.33). Recorremos novamente ao precioso texto de Colossenses: "Em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos" (Cl 2.3). A fonte é Jesus, e a finalidade da manifestação do dom também é sempre Ele.

O conhecimento das coisas de Deus é transmitido a nós pela Palavra, mas não é suficiente lê-la. O Espírito Santo é o maior intérprete. Se não for por Ele, a compreensão real não será alcançada. Além disso, o apóstolo Paulo fala de uma relação tão íntima do salvo com o Senhor que o permite avançar nesse conhecimento por revelação. Após fazer sua oração para que "(...) o Senhor dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação", o apóstolo prossegue, dizendo: "Tendo iluminados os olhos do vosso entendimento (...)" (Ef 1.17,18). Ou seja, esse conhecimento não se adquire nas escolas nem nos livros, mas pelo Espírito Santo.

Não nos esqueçamos de que o apóstolo escreve aos coríntios para tratar dos dons espirituais: uma cidade que, como já vimos, formava um ambiente propício para discorrer sobre a sabedoria e o conhecimento por causa da importância histórica dos gregos em relação a isso. Na tradição grega, a mente humana ocupava o lugar central do cosmos, e, já que o apóstolo tinha de concorrer com o conhecimento humano, no conhecimento divino, ele esmerou-se em mostrar que o conhecimento de Deus segue caminhos que a mente comum não pode alcançar: "Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhes parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente. Mas o homem espiritual discerne bem tudo, e ele de ninguém é discernido" (1 Co 2.14,15). O segundo capítulo de 1 Coríntios, como já mencionamos no item anterior, faz um preâmbulo sobre a sabedoria e o conhecimento que, no capítulo 12, aparecerá de forma composta (palavra da sabedoria e palavra do conhecimento), em forma de dons espirituais. Nesse preâmbulo, o apóstolo Paulo reconhece que o conhecimento, no campo espiritual, é possível mediante a ação do Espírito Santo, mas a "palavra do conhecimento", como dom do Espírito, vai além dessa consideração. Trata-se de um conhecimento sobrenatural, buscado diretamente da mente de Cristo a respeito de pessoas e situações e que deve ser repassado mediante a "palavra"; caso contrário, há o conhecimento, mas não a manifestação do dom. Como observamos no caso anterior, não há o dom da sabedoria nem mesmo o dom do conhecimento, mas o dom da "palavra da sabedoria" e o dom da "palavra do conhecimento".

Pelo dom da palavra do conhecimento, coisas escondidas vêm à tona. Jesus, por exemplo, sabia que a mulher samaritana tivera cinco maridos e, naquele momento, vivia com alguém que não era marido (Jo 4.16-18). Outro exemplo é Jesus com Natanael. Quando Filipe lhe falou sobre Jesus, dizendo: "Achamos aquele de quem Moisés escreveu na lei, e a quem se referiram os profetas: Jesus, o Nazareno, filho de José. Perguntou-lhe Natanael: De Nazaré pode sair alguma coisa boa? Respondeu-lhe Filipe: Vem e vê" (Jo 1.45,46). No encontro com Jesus, Natanael ouviu dele palavras de elogio. Isso o deixou intrigado, e ele perguntou a Jesus de onde Ele o conhecia. O Senhor lhe respondeu: "Antes de Filipe te chamar, eu te vi, quando estavas debaixo da figueira" (Jo 1.48). Esses casos serviram para mostrar a messianidade de Jesus. Porém, há outras situações em que a palavra do conhecimento serve para prevenir algum tipo de situação desagradável, como se constata do caso da invasão do exército siro em Samaria, nos dias do profeta Eliseu: "O rei da Síria fez guerra a Israel e, em conselho com seus oficiais, disse: Em tal e tal lugar, estará o meu acampamento. Mas o homem de Deus mandou dizer ao rei de Israel: Guarda-te de passares por tal lugar, porque os siros estão descendo para ali. O rei de Israel enviou tropas ao lugar de que o homem de Deus lhe falara e de que o tinha avisado, e, assim, se salvou, não uma nem duas vezes" (2 Rs 6.8-10).

A palavra do conhecimento, também conhecida como palavra da ciência, é um dom de revelação que não apenas mostra o poder de Deus em evidência no meio do Seu povo, mas serve para prevenir situações perigosas e trazer conforto.

A palavra do conhecimento pode também ser usada para assinalar algum propósito divino na vida de alguém. Esse é o caso da escolha de Saul para ser rei de Israel, em resposta aos incessantes pedidos do povo para que Samuel lhe ungisse um rei. Depois de consultar Deus várias vezes a pedido do povo, obtendo sempre a mesma resposta de que o tempo para dar-lhe um rei não havia chegado, Deus finalmente decidiu ouvir a voz do povo e orientou o profeta Samuel a ungir como rei o moço que lhe batesse à porta no dia seguinte. Saul, que estava acompanhado do seu moço – um empregado da sua família –, bateu à porta da casa do profeta, sabendo que era vidente, para ver se podia saber do paradeiro das jumentas perdidas de seu pai. Para sua surpresa, foi ungido rei sobre Israel. "Ora, o Senhor, um dia antes de Saul chegar, o revelara a Samuel, dizendo:

Amanhã a estas horas, te enviarei um homem da terra de Benjamim, o qual ungirás por príncipe sobre o meu povo Israel, e ele livrará o meu povo das mãos dos filisteus (...)" (1 Sm 9.15,16). Saul chegou à casa de Samuel, que o convidou a entrar e disse: "(...) Pela manhã, te despedirei e tudo quanto está no teu coração to declararei. Quanto às jumentas que há três dias se te perderam, não se preocupe o teu coração com elas, porque já se encontraram (...)" (1 Sm 9.19,20).

A segunda vez em que o profeta Samuel teve ciência de Saul foi no dia de Samuel apresentá-lo ao povo; porém, Saul, tímido e receoso do cargo que haveria de ocupar, escondeu-se, e o Senhor revelou ao profeta que ele estava escondido na bagagem (1 Sm 10.22).[28] Jesus usou esse dom estrategicamente para ressuscitar Lázaro, em vez de curá-lo. Ele sabia que Lázaro havia morrido quando decidiu ir a Betânia com os discípulos: "Então, Jesus lhes disse claramente: Lázaro morreu (...)" (Jo 11.14). O Senhor deu a Ananias o endereço da casa de um homem da cidade de Damasco chamado Judas, para orar por Saulo, a fim de que tornasse a ver, porque estava cego. Ananias obedeceu. Chegando lá, fez exatamente como o Senhor lhe ordenara (At 9.10-12). Algo semelhante ocorreu com Pedro, que, numa visão, tomou conhecimento de que dois homens o procurariam para levá-lo a Cesareia, à casa de um homem chamado Cornélio, a fim de pregar o evangelho para ele. O modo como o Senhor lhe mostrou aconteceu (At 10.19). O apóstolo Paulo sabia que passaria por dificuldades em Jerusalém, embora esse conhecimento não o dissuadisse da ideia de ir para lá: "E, agora, eis que, ligado eu pelo espírito, vou a Jerusalém, não sabendo o que lá me há de acontecer, senão que o Espírito Santo, de cidade em cidade, me revela, dizendo que me esperam prisões e tribulações" (At 19.22,23).

A palavra do conhecimento, também conhecida como palavra da ciência, é um dom de revelação que não apenas mostra o poder de Deus em evidência no meio do Seu povo, mas serve para prevenir situações perigosas, trazer conforto, desmascarar pecados ocultos e desvendar tramas e conspirações na Igreja do Senhor Jesus. Certamente, haveria mais temor no meio da Igreja de Cristo se buscássemos, com mais dedicação, os dons do Espírito Santo, especialmente um dom como esse. É verdade que ele está presente em muitas igrejas onde o evangelho é levado mais a sério, a santidade é mais presente, e a busca com zelo pelos melhores dons ainda é uma prioridade. A experiência pentecostal confirmará a cada dia o que está prescrito na Palavra de Deus se o povo de Deus não desistir de buscar ao Senhor com vontade e com o coração sincero. Os dons do Espírito estão à disposição dos salvos. Cabe a eles desejarem e buscarem!

---

28. Tais ocorrências são extraídas do Antigo Testamento, mas servem para ilustrar exatamente como funciona o dom da palavra do conhecimento. Era em decorrência desse conhecimento místico, a priori, que alguns dos profetas que tinham essa capacidade sobrenatural de saber das coisas, mesmo sem que alguém lhes contasse, eram chamados de videntes.

Discernimento de espírito

"E a outro, (...) o dom de discernir os espíritos" (1 Co 12.10). Esse é o terceiro dom na ordem dos dons de revelação. Numa melhor tradução, seria "discernimentos", no plural, conforme consta no original (*diakriseis pneutatōn*), pressupondo haver diferentes formas de "julgar" ou "perceber com precisão" uma situação espiritualmente atípica ou irregular. Discernir é "julgar", "distinguir uma coisa da outra". Esse dom tem como finalidade proteger a Igreja do Senhor de misturas e confusões por espíritos enganadores e também por homens de espírito mau, que querem tirar proveito do povo de Deus. Parecido, às vezes, com o dom da palavra do conhecimento, distingue-se por detectar a raiz do problema verificado: sua origem espiritual.

A Igreja primitiva sofreu com a pretensa intromissão de doutrinas alheias à de Cristo, como o gnosticismo, o antinomismo e o judaísmo. O discernimento espiritual foi uma arma necessária para detectar as diferenças e agir com cautela, a fim de resguardar a integridade doutrinária e proteger os crentes do engano e de queda espiritual. Por isso, entre os nove dons listados pelo apóstolo Paulo em 1 Coríntios 12, está presente também esse dom de discernir espíritos.

Alguns dons espirituais comuns no Novo Testamento aparecem também no Antigo Testamento, com a diferença de que, no Antigo, eles eram limitados a alguns poucos homens, enquanto, no Novo Testamento, os dons estão disponíveis a todos os salvos. Assim como a promessa do Espírito Santo diz respeito a todos (At 2.39), os dons espirituais não são exclusividade dos oficiais da Igreja. Paulo incentiva todos os crentes a buscarem com zelo os melhores dons[29] (1 Co 12.31). Uma igreja completa nos dons, amadurecida na doutrina e experiente na fé é, sem dúvida, uma Igreja ideal, segundo o padrão do Novo Testamento; esse padrão é possível à medida que os crentes estão centrados na Palavra e não se distraem com coisas secundárias.

A que espíritos o apóstolo se refere? Certamente a todos: de demônios, de anjos e de homens. A percepção da atuação de espíritos demoníacos, às vezes, é tão clara que parece nem haver a necessidade desse dom para detectá-la; mas, na maioria das vezes, é exatamente esse dom que salva a Igreja de uma situação embaraçosa. Jesus o aplicou muito em Seu ministério. Um exemplo clássico é quando Pedro foi usado pelo diabo para tentar dissuadir Jesus de ir para a cruz. "E Pedro, chamando-o à parte, começou a reprová-lo, dizendo: Tem compaixão de ti, Senhor; isso de modo algum te acontecerá. Mas Jesus, voltando-se, disse a Pedro: Arreda, Satanás! Tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens" (Mt 16.22,23). A sutileza satânica era para confundir qualquer um. Como imaginar um amigo que,

---

29. Por "melhores" dons (gr. *meízona*), o apóstolo não está sugerindo que os dons devam ser buscados por preferência de gosto pessoal, mas os "mais importantes" ou "mais necessários", de acordo com a necessidade vigente.

pouco antes, por revelação divina, havia dito palavras tão certeiras a respeito de Jesus estivesse agora sendo usado pelo diabo? Qualquer um imaginaria que Pedro estivesse apenas sendo solidário, e que Jesus se mostrara um tanto intolerante com ele, não entendendo que tudo o que Pedro queria era protegê-lo! Mas Jesus sabia quem estava por trás de Pedro. Do mesmo modo como Jesus discernia espíritos malignos que surgiam no Seu caminho, Ele também tinha grande percepção para o espírito dos homens, sobretudo quando vinham com perguntas maliciosas, a fim de apanhá-lo em alguma contradição: "E não necessitava de que alguém testificasse do homem, porque ele bem sabia o que havia no homem" (Jo 2.25). A solidariedade demonstrada por Pedro a Jesus *era puro engano satânico.*

Paulo não se satisfez ao ouvir palavras lisonjeiras daquela jovem que o seguia pelas ruas de Filipos, anunciando: "Estes homens, que nos anunciam o caminho da salvação, são servos do Deus Altíssimo" (At 16.17). "E isto fez ela por muitos dias. Mas Paulo, perturbado, voltou-se e disse ao espírito: Em nome de Jesus Cristo, te mando que saias dela. E, na mesma hora, saiu" (At 16.18). A lisonja demonstrada pela jovem a Paulo *era puro engano satânico.*

O apóstolo Pedro também se viu diante de uma situação delicada quando um casal, demonstrando espírito de generosidade, decidiu doar uma grande quantia em dinheiro para a igreja. Ananias e Safira quiseram reproduzir o gesto de Barnabé, que abdicou dos seus bens para dedicar-se totalmente ao serviço de Deus (At 4.36,37). Venderam sua propriedade, retiveram uma parte para si e decidiram depositar a outra aos pés dos apóstolos. Primeiro, chegou o marido. Antes, porém, de receber palavras de gratidão do apóstolo, ouviu dele palavras de reprovação: "Disse, então Pedro: Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo e retivesses parte do preço da herdade? Guardando-a, não ficava para ti? E, vendida, não estava em teu poder? Por que formaste este desígnio em teu coração? Não mentiste aos homens, mas a Deus. E Ananias, ouvindo estas palavras, caiu e expirou. E um grande temor veio sobre todos os que isto ouviram" (At 5.3-5).

Três horas depois, chegou Safira, sem saber o que ocorrera ao marido. Pedro que, por discernimento espiritual, sabia que ela estava mancomunada com o marido para mentir acerca do valor, perguntou-lhe: "(...) Vendestes por tanto aquela terra? Ela respondeu: Sim, por tanto. Tornou-lhe Pedro: Por que entrastes em acordo para tentar o Espírito do Senhor? Eis aí à porta os pés dos que sepultaram o teu marido, e eles também te levarão. No mesmo instante, caiu ela aos pés de Pedro e expirou. Entrando os moços, acharam-na morta e, levando-a, sepultaram-na junto do marido" (At 5.8-10). O casal deu lugar ao diabo para agir na sua vaidade. A generosidade demonstrada por Ananias e Safira *era puro engano satânico.*

Há também situações em que a intenção humana precisa ser discernida para que homens, de espírito mau, não causem danos à obra de Deus. Um exemplo disso é Simão, em Samaria. Antes da sua conversão, ele se dedicava às artes mágicas, porém, de-

pois de convertido, deixou essa atividade. Já era batizado quando Pedro e João chegaram à sua cidade. Os apóstolos eram grandemente usados por Deus em seu ministério. Eles impunham as mãos sobre os crentes, e estes eram batizados com o Espírito Santo. Encantado com aquilo, Simão desejou obter o mesmo poder em troca de dinheiro, "mas disse-lhe Pedro: O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois cuidaste que o dom de Deus se alcança por dinheiro. Tu não tens parte nem sorte nesta palavra, porque o teu coração não é reto diante de Deus. Arrepende-te, pois, dessa tua iniquidade e ora a Deus, para que, porventura, te seja perdoado o pensamento do teu coração; pois vejo que estás em fel de amargura e em laço de iniquidade" (At 8.20-23). A reação de Pedro não foi decorrente do seu caráter ilibado e honesto, mas do Espírito. Pedro discerniu a verdade oculta no coração daquele homem que, acostumado anteriormente com a fama, não se contentava em ocupar um lugar comum no Corpo de Cristo, antes, queria ter proeminência para manter-se no *status* de "grande personagem"[30] na cidade.

No Antigo Testamento, há alguns casos bem conhecidos e frequentemente usados pelos pregadores, como o discernimento que o profeta Eliseu tinha para saber detectar as intenções ambiciosas que subjaziam no coração de seu aluno e ajudante Geazi. Depois que Naamã, o comandante do exército do rei da Síria, foi curado da lepra, ofereceu dinheiro ao profeta como forma de gratidão; porém, Eliseu recusou-se a aceitar. Enquanto Naamã seguia o seu caminho, Geazi correu atrás dele em busca do que ele oferecera ao profeta. Inventou uma mentira em nome de Eliseu, dizendo que o profeta mudou de ideia e que aceitava, sim, o dinheiro. Quando o rapaz chegou à casa do profeta, foi desmascarado. "Então, ele entrou e pôs-se diante de seu senhor. E disse-lhe Eliseu: De onde vens, Geazi? E disse: Teu servo não foi nem a uma parte nem a outra parte. Porém ele lhe disse: Porventura, não foi contigo o meu coração, quando aquele homem voltou de sobre o seu carro, a encontrar-te? Era isso ocasião para tomares prata e para tomares vestes, e vinhas, e ovelhas, e bois, servos, e servas? Portanto, a lepra de Naamã se pegará a ti e à tua semente para sempre. Então, saiu de diante dele leproso, branco como a neve" (2 Rs 5.25-27).

O discernimento de espíritos foi usado também para identificar os verdadeiros e os falsos irmãos e mestres na Igreja primitiva. No Seu discurso escatológico, Jesus já havia prevenido os discípulos acerca dessa gente: "Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas e farão tão grandes sinais e prodígios, que, se possível fora, enganariam até os escolhidos" (Mt 24.24). Hoje, o cuidado deve ser multiplicado. Há muitas novidades teológicas sendo propagadas e reforçadas por literatura perniciosa. A simplicidade de Cristo está sendo afetada pelos sentidos corrompidos, do mesmo modo como Eva deixou de ver aquele fruto, apenas como um fruto proibido, para vê-lo como fruto diferente e desejável. Desse modo, Satanás tem trazido engano a muita gente, abrindo

---

30. Esse comportamento é comum a artistas, atletas e pessoas famosas que se convertem. Não se contentam em sentar e aprender como os demais; mal se convertem e já ocupam os púlpitos, exigindo elevada quantia de oferta e disseminando, muitas vezes, maus comportamentos.

portas para um novo Jesus, um novo espírito e um novo evangelho (2 Co 11.3,4). Depois de dar um forte alerta contra os falsos mestres, o apóstolo João disse: "Isto que vos acabo de escrever é acerca dos que vos procuram enganar" (1 Jo 2.26). E a razão disso é: "Para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por um vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro" (Ef 4.14).

Como se nota, os resultados finais dos casos em que se dão lugar ao diabo ou à de deformidade de caráter, quando trazidos à luz pelo discernimento espiritual, são graves e assustadores. O discernimento dos espíritos é uma poderosa arma que a Igreja do Senhor deve usar em sua defesa contra as astutas ciladas do diabo. O apóstolo Paulo diz: "Para que Satanás não alcance vantagem sobre nós, pois não lhe ignoramos os desígnios" (2 Co 2.11). À medida que o tempo passa, a vinda de Jesus se aproxima. Satanás está intensificando seu trabalho, e, mais do que nunca, a Igreja do Senhor tem de estar atenta e prevenida contra os seus ataques. "Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios, pela hipocrisia dos que falam mentiras e que têm cauterizada a própria consciência" (1 Tm 4.1,2).

Dons de poder

Essa é a categoria dos dons preferida pelos evangelistas, porque engloba a fé, os prodígios e os dons de curar. Os dons de poder foram muito aplicados no ministério terreno de Jesus e também no dos apóstolos. Esses dons ajudam a atrair pessoas para Cristo. As igrejas que hoje dão ênfase aos dons de poder são, geralmente, igrejas numerosas. As pessoas têm problemas, muitos dos quais estão relacionados a áreas da saúde e das finanças. Os evangelistas que dedicam seus respectivos ministérios com a atenção voltada para esses assuntos conseguem atrair grandes multidões. Os dons de poder, como os demais dons, têm como finalidade exaltar a Cristo e trazer benefícios ao povo de Deus. Por isso, devem ser praticados com muito zelo, temor e tremor diante de Deus, para que não se desvie o foco principal, que é a glorificação do nome do Senhor, tornando-se em meios de auferir vantagens pessoais, banalizando, por fim, os propósitos para os quais se prestam.

O que é fé?

O termo *fé* (gr. *pistis*) aparece 244 vezes no Novo Testamento e tem significados variados, podendo ser compreendido nos seus aspectos objetivo e subjetivo, como experiência particular, como experiência coletiva, como crença, como virtude, como atitude, como confiança, como instrumento de salvação, como razão, como ato de justiça, como o próprio evangelho, como modo de vida cristã, como fruto do Espírito e, dentre

outros aspectos, como dom do Espírito Santo. Sua rica e profunda definição dada pelo escritor de Hebreus abre um caminho imenso de reflexão quanto aos significados que a fé carrega consigo: "Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que não se veem" (Hb 11.1).

O termo *fé* (gr. *pistis*) aparece 244 vezes no Novo Testamento e tem significados variados, podendo ser compreendido nos seus aspectos objetivo e subjetivo, como experiência particular, como experiência coletiva.

Fé e salvação

A fé salvadora é o primeiro tipo de fé que todo cristão deve ter. Parece ser a porta de entrada para a "fé que uma vez foi dada aos santos" (Jd 1.3). É a fé, sem a qual não se obtém a salvação. Ela exige confiança no sacrifício de Jesus para a salvação eterna da alma. A fé é o meio para a obtenção de um favor divino, especialmente a salvação: "Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus" (Ef 2.8). "Porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus" (Gl 3.26). Essa fé se adquire ouvindo a Palavra de Deus: "De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus" (Rm 10.17).

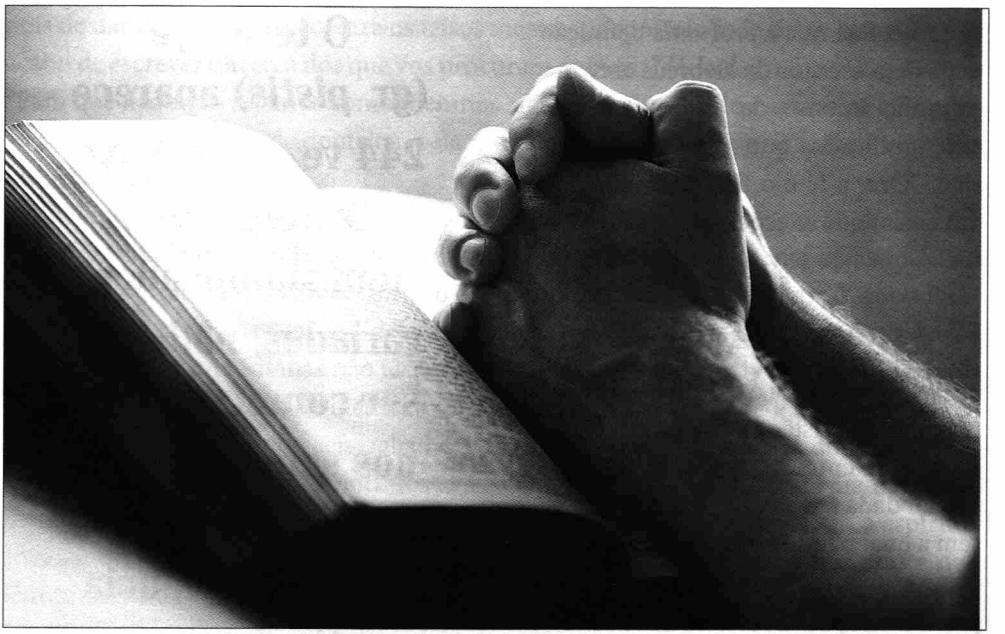
Fé e mensagem

A mensagem do evangelho em que cremos e o qual confessamos e a fé identificam-se tão intimamente que a pregação do evangelho é também chamada de fé: "Mas que diz? A palavra está junto de ti, na tua boca e no teu coração; esta é a palavra da fé, que pregamos" (Rm 10.8). "Mas resistia-lhes Elimas, o encantador (porque assim se interpreta o seu nome), procurando apartar da fé o procônsul" (At 13.8). "Testificando, tanto a judeus como a gregos, a conversão a Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo" (At 20.21).

Fé e evangelho

A fé também aparece como sinônimo não apenas da mensagem, mas do próprio evangelho. "E crescia a palavra de Deus, e em Jerusalém se multiplicava muito o número dos discípulos, e grande parte dos sacerdotes obedecia à fé" (At 6.7). "Sabei, pois,

Fé



que os que são da fé são filhos de Abraão"(Gl 3.7). "E para que sejamos livres de homens dissolutos e maus; porque a fé não é de todos" (2 Ts 3.2). "Mas que se manifestou agora e se notificou pelas Escrituras dos profetas, segundo o mandamento do Deus eterno, a todas as nações para obediência da fé" (Rm 16.26). "E quando chegaram e reuniram a igreja, relataram quão grandes coisas Deus fizera por eles e como abrira aos gentios a porta da fé" (At 14.27; veja, ainda, 1 Co 15.4; Gl 6.10; Fp 1.27).

Fé e justiça

A fé é identificada com a justiça de Deus. "Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: Mas o justo viverá da fé" (Rm 1.17). "Isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que creem; porque não há diferença" (Rm 3.22). "Onde está, logo, a jactância? É excluída. Por qual lei? Das obras? Não! Mas da lei da fé. Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei (...). Se Deus é um só, que justifica, pela fé, a circuncisão e, por meio da fé a incircuncisão, anulamos, pois, a lei da fé? De maneira nenhuma! Antes, estabelecemos a lei" (Rm 3.27,28,30,31).

Fé como modo de vida

"Porque andamos por fé e não por vista" (2 Co 5.7). "Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne

vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim" (Gl 2.20). "Mas o justo viverá da fé; e, se ele recuar, a minha alma não tem prazer nele" (Hb 10.38).

A dimensão da fé

A fé tem uma medida. "Porque, pela graça que me é dada digo a cada um dentre vós que não saiba mais do que convém saber, mas que saiba com temperança, conforme a medida da fé que Deus repartiu a cada um" (Rm 12.3). "De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada: se é profecia, seja segundo a medida da fé" (Rm 12.6). Temos exemplo de fé em baixa: "Ora, quanto ao que está enfermo na fé, recebei-o, não em contenda sobre dúvidas" (Rm 14.1); e temos exemplo de fé em crescimento: "Sempre devemos, irmãos, dar graças a Deus por vós, como é de razão, porque a vossa fé cresce muitíssimo, e a caridade de cada um de vós aumenta de uns para com os outros" (2 Ts 1.3).

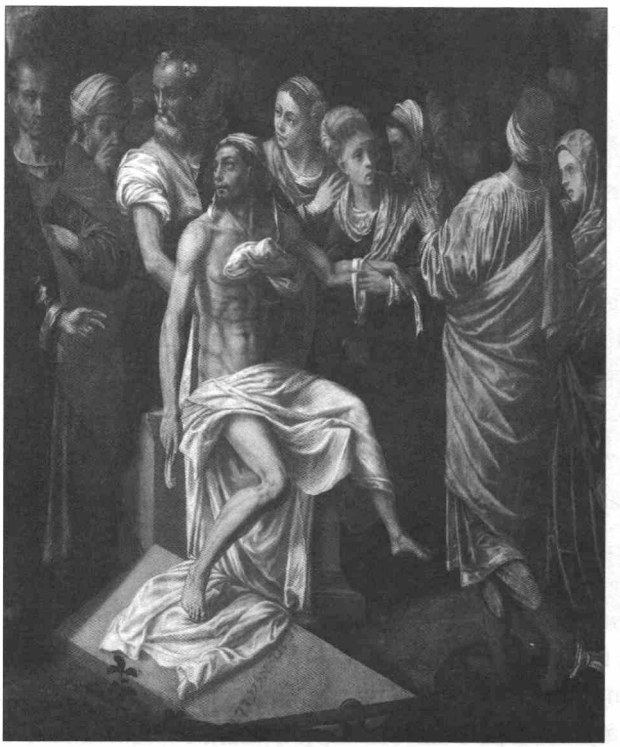
A fé como virtude

A fé aparece como uma das três virtudes cardeais do evangelho e é a primeira delas: "Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor" (1 Co 13.13). "Porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a vossa fé" (1 Jo 5.4). Pode parecer redundância a expressão "vitória que vence", mas o fato é que a fé em si já é uma vitória. Ter fé é um privilégio, afinal, "a fé não é de todos" (2 Ts 3.2). A fé como fruto do Espírito (Gl 5.22) parece enquadrar-se nessa categoria de virtude.

A fé como crença

A fé como conceito de vida espiritual diz respeito às crenças adotadas principalmente no campo doutrinário. Depois que uma pessoa se converte, ela aprende o caminho de Deus, começa a adquirir conhecimento da doutrina e passa a formar conceitos que, depois de um tempo, defenderá vigorosamente. Esse tipo de fé fornecerá as bases da sua vida cristã. Se alguém aparecer com uma doutrina diferente da que aprendeu e crer a respeito de qualquer assunto, de pronto, reagirá, seja para defender-se, seja para combater. Diante de uma situação de conflito ético na igreja de Roma, em que dois grupos debatiam acerca de alimentos e de calendário, de um lado, judeus vegetarianos, e, de outro, romanos que comiam carne, o apóstolo mostrou que as diferenças podiam ser resolvidas pela simples aceitação de um grupo pelo outro (Rm 15.7), porque se tratava de questão secundária. Quanto à fé doutrinária, o apóstolo recomendou que guardassem para si o conceito esposado de fé: "Tens tu fé? Tem-na em ti mesmo diante de Deus" (Rm 14.22). Em outras palavras, que cada um guarde para si as suas convicções de fé.

Jesus cura o paralítico



Fé prodigiosa

Parece que, finalmente, chegamos ao tipo de fé como dom: o "dom da fé" (1 Co 12.9). Claro que a fé, seja em que categoria for, é sempre fruto de uma ação direta do Espírito Santo, mas o dom da fé, particularmente, leva-nos a entender que se trata de um nível superior em que se pode realizar algum tipo de prodígio espiritual. Jesus praticou muitos milagres e, algumas vezes, cobrou dos discípulos uma fé como a dele. Enquanto Jesus esteve com eles, tinham motivo suficiente para desenvolver a fé prodigiosa como o Mestre esperava; mas, depois que o Senhor partiu, todos dependeriam do "outro Consolador", que viria para substituir o Filho de Deus na terra. Desse modo, o que Jesus começou a fazer com os discípulos o Espírito Santo deu continuidade por meio dos Seus dons.

Jesus realizava grandes prodígios, como: a cura de cegos, surdos, paralíticos, leprosos etc., a transformação de água em vinho, a multiplicação de pães e peixes. Ele secou uma figueira, andou sobre o mar, ressuscitou mortos, expulsou demônios. Por Sua causa, ouviu-se, algumas vezes, a voz do Pai soando diretamente do céu, dando testemunho sobre o Filho. A aparência do seu rosto, um dia, brilhou como o sol, saiu vivo da sepultura e ascendeu ao céu na presença de 500 pessoas. Foram coisas extraordinárias e impossíveis de serem realizadas por qualquer ser humano, exceto por alguém vindo do céu!

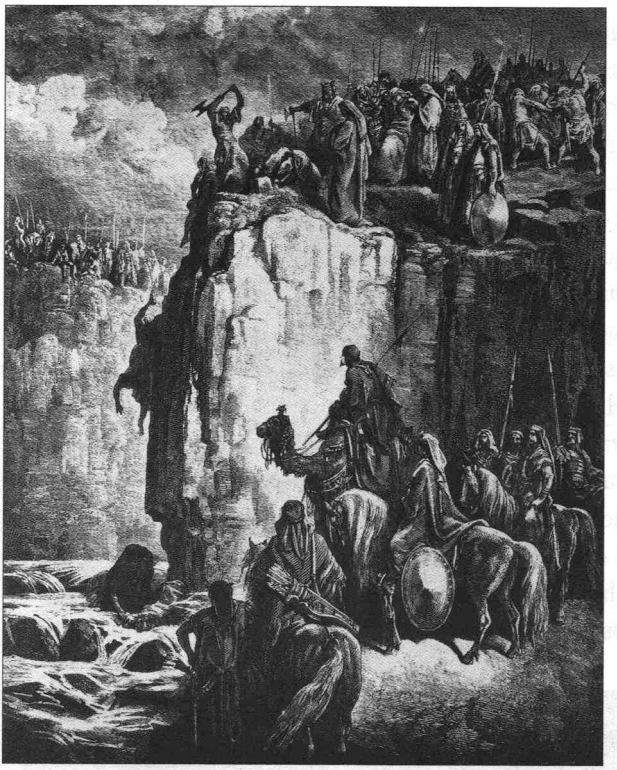
Algumas vezes, o Senhor quis que os discípulos participassem desses prodígios de forma direta. Certa vez, repreendeu-os por falta de fé no meio de uma tempestade, enquanto Ele dormia no barco. Diante da dificuldade, eles acordaram o Mestre para pedir socorro: "Mestre, Mestre, estamos perecendo. E ele, levantando-se, repreendeu o vento e a fúria da água; e cessou, e fez-se bonança. E disse-lhes: Onde está a vossa fé?" (Lc 8.24,25). Outro episódio também ocorrido no mesmo mar, quando os discípulos o atravessavam pela madrugada. O mar estava agitado, e, à quarta vigília da noite, Jesus

foi ao encontro deles, andando sobre o mar. Os discípulos, apavorados, começaram a gritar, achando que fosse um fantasma. Jesus os acalmou, mas Pedro, para assegurar-se de que era mesmo Jesus, disse-lhe: "Senhor, se é tu, manda-me ir ter contigo por cima das águas. E ele disse: vem. E Pedro, descendo do barco, andou sobre as águas para ir ter com Jesus. Mas, sentindo o vento forte, teve medo; e começando a ir para o fundo, clamou, dizendo: Senhor, salva-me. E logo Jesus, estendendo a mão, segurou-o e disse-lhe: Homem de pequena fé, por que duvidaste?" (Mt 14.28-31). Por outro lado, Jesus também elogiou pessoas que demonstraram fé no prodígio. Quando o centurião de Cafarnaum mandou alguns judeus buscarem Jesus para curar seu servo que estava à morte decidiu enviar uns amigos, a fim de desfazer o pedido por intermédio dos judeus. Os amigos levaram a mensagem do centurião a Jesus, que dizia: "Não sou digno de que entres debaixo do meu telhado; e, por isso, nem ainda me julguei digno de ir ter contigo; dize, porém, uma palavra, e o meu criado sarará" (Lc 7.6,7). "E, ouvindo isso, Jesus maravilhou-se dele e, voltando-se, disse à multidão que o seguia: Digo-vos que nem ainda em Israel tenho achado tanta fé" (Lc 7.9).

Jesus exortou os discípulos quando não souberam expelir o demônio que atuava naquele jovem lunático. Eles já haviam aprendido com o Mestre a expulsar demônios (Lc 10.17), mas, dessa vez – Jesus reclamou com eles –, faltou-lhes fé: "E Jesus lhes dis-

Jesus andando sobre as águas

Elias e os 450 profetas de Baal



se: Por causa da vossa pequena fé; porque em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá – e há de passar, e nada vos será impossível" (Mt 17.20). Outra vez, Jesus amaldiçoou uma figueira por não ter fruto: "E disse-lhe: Nunca mais nasça fruto de ti. E a figueira secou imediatamente" (Mt 21.19). A atitude de Jesus não se baseava num estado de intolerância, mas em uma intenção didática sobre um elemento da natureza para provar que a fé age em todas as direções, e que, se os discípulos tivessem fé, fariam o mesmo e muito mais: "Jesus, porém, respondendo, disse-lhes: Em verdade vos digo que, se tiverdes fé e não duvidardes, não só fareis o que foi feito à figueira, mas até se a este monte disserdes: Ergue-te e precipita-te no mar, assim será feito" (Mt 21.21). A didática sobre "transportar monte" é altamente significativa na lição de fé legada por Jesus. O que começou como um fato real de força sobre a natureza – secando a figueira – estendeu-se pela retórica das dificuldades da vida. Não importam quais sejam; elas poderão sair da frente pela força de uma fé pujante e incomparável.

A fé como "dom espiritual" deveria ser mais divulgada, para que, então, fosse também mais buscada. Se comparada à música, poderíamos dizer que essa fé vai de um tom grave a um tom muito agudo, numa tessitura de grande distância. Se pudéssemos comparar esse tipo de fé com o dinheiro, poderíamos dizer que seria a maior fortuna que um ser humano poderia possuir, porque ela é capaz de realizar coisas que o dinheiro não compra. Basta imaginar do que foi capaz o profeta Elias diante do rei Acabe, dizendo que não choveria, senão segundo a sua palavra (1 Rs 17.1); ou quando desafiou os 450 profetas de Baal a fazerem descer fogo do céu e consumir o altar no monte Carmelo. Aqueles profetas não conseguiram, mas ele conseguiu (1 Rs 18.27,37,38). Tanto Elias quanto seu sucessor Eliseu fizeram coisas extraordinárias pela fé, como: trazer chuva; multiplicar azeite e farinha; fazer machado flutuar; ressuscitar mortos; fazer todo um exército inimigo ficar cego; profetizar que haveria comida

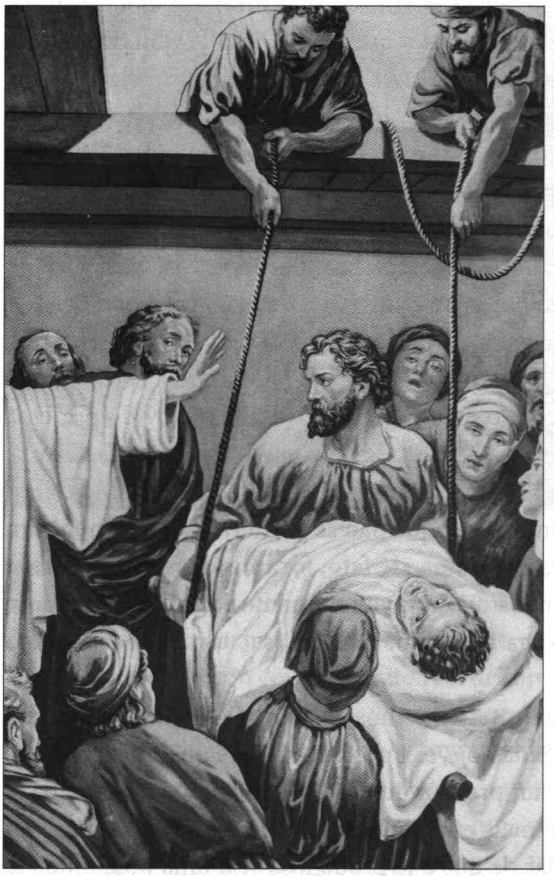
de um dia para o outro depois de um tempo de estiagem e fome; enfim, são histórias lindas e encorajadoras que a Bíblia nos traz e que se realizaram por um tipo de fé que nenhum homem é capaz de ter a não ser pelo Espírito do Senhor. A fé, como dom espiritual, está situada entre manifestações especiais do Espírito Santo conhecidas como dons do Espírito na lista apresentada por Paulo em 1 Coríntios 12.9: "A outro, pelo mesmo Espírito, a fé".

No Novo Testamento, o dom da fé aparece no ministério de Pedro quando oferece "poder de Deus" ao paralítico da porta Formosa, que lhe pede uma esmola: "E disse Pedro: Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, isso te dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda" (At 3.6). Alvoroçado pela cura do paralítico, que de todos era conhecido, o povo se apegou a Pedro e a João como se eles próprios houvessem curado o coxo; porém, Pedro reagiu, dizendo: "Por que olhais para nós, como se por nossa própria virtude ou santidade fizéssemos andar este homem? (...) E, pela fé no seu nome, fez o seu nome fortalecer a este que vedes e conheceis; e a fé que é por ele deu a este, na presença de todos vós, esta perfeita saúde" (At 3.12,16). Foi essa fé que também deu coragem a Estêvão para não desistir de Cristo e aceitar ser morto por apedrejamento: "E Estêvão, cheio de fé e de poder, fazia prodígios e grandes sinais entre o povo" (At 6.8). "E apedrejaram a Estêvão, que em invocação dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito" (At 7.59). Movido por essa fé maior, Paulo, como náufrago num navio que o levava preso para Roma, trouxe uma palavra de encorajamento tanto à tripulação como aos passageiros: "Mas, agora, vos admoesto a que tenhais bom ânimo, porque não se perderá a vida de nenhum de vós, mas somente o navio" (At 27.22). Todos, de fato, foram salvos e se acharam na ilha de Malta, onde Paulo sofreu mais um agravo: enquanto fazia uma fogueira, uma serpente venenosa pendurou-se na sua mão; mas ele, sacudindo a víbora no fogo, nada sofreu.

Ao longo da história da Igreja, muitos testemunhos de fé prodigiosa têm sido colecionados no meio do povo de Deus e, ainda hoje, eles acontecem. Se é possível acontecer, é porque são verdadeiros, e a Bíblia se cumpre. Por que não buscamos mais o dom da fé para que o nome do Senhor seja ainda mais engrandecido na terra e sejamos mais beneficiados pelo Senhor? Por que duvidar de que a fé prodigiosa seja uma possibilidade no nosso tempo como foi nos dias de Jesus na terra? Por que agir como os escribas e os fariseus que desprezavam a fé? (Mt 23.23) Jesus disse: "Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço e as fará maiores do que estas, porque eu vou para o meu Pai" (Jo 14.12). Não é porque um grupo de crentes não gosta de orar e de buscar os dons de Deus que tais dons deixaram de existir, e, até onde nos consta, pelas próprias Escrituras, não há nenhum prazo de validade para essa promessa feita por Jesus!

Dons de curar

Na fé pentecostal, a cura divina tem um lugar especial. Os pentecostais sempre oram por cura, mas há os que oram mais: são os pentecostais da segunda onda,[31] que enfatizaram a cura divina nas suas campanhas de evangelização, sobretudo, aqueles missionários que, dos anos 1950 para a frente, começaram a trabalhar com tendas e percorreram o Brasil ganhando almas para Jesus. Como resultado do seu trabalho, eles plantaram igrejas que são hoje numericamente expressivas e preservam a mensagem de cura divina, tendo muitos testemunhos para contar nessa área.

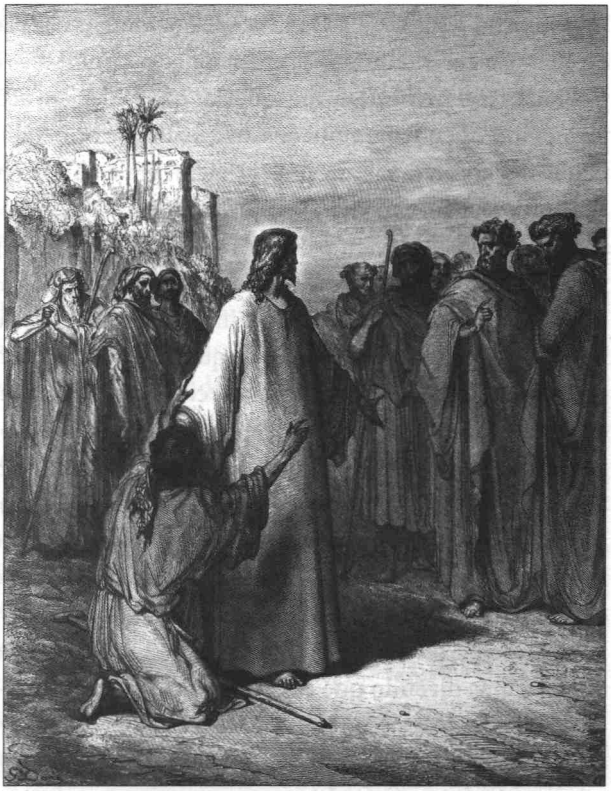


Jesus cura o paralítico

Independentemente do hábito de orar pelos doentes e, muitas vezes, com êxito total sobre a enfermidade, a Bíblia fala da cura divina também como um dom. Mais especificamente ainda como "dons" (no grego, o termo não é simplesmente *charisma*, mas, *charismata*, no plural), dons de curar: "(...) E a outro, pelo mesmo Espírito, os dons de curar" (1 Co 12.9). Por que dons e não, simplesmente, dom? O que Paulo quer mostrar aqui é revelador. Para alcançar a sua compreensão sobre o fato de usar o termo no plural, recorremos ao ponto de vista de alguns autores pentecostais, visto que os autores reformados, por melhores que sejam, não compartilham conosco do mesmo entendimento.

31. Como descreve Paul Freston, analisando o movimento pentecostal em três ondas, que vai do pentecostalismo clássico ao neopentecostalismo. Depois do início do avivamento da Rua Azusa, cuja ênfase era a glossolalia, surgiu uma nova geração de pregadores que deu ênfase à cura divina. No Brasil, o movimento de segunda onda começa com a Igreja do Evangelho Quadrangular, depois, Brasil Para Cristo, Casa da Bênção, Deus é Amor e outras igrejas que, na sua maioria, saíram destas. O movimento evangelístico dessas igrejas deu muita importância a campanhas com a cura divina, enquanto as igrejas da "primeira onda", porque foram as primeiras que começaram, como Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus, nunca fizeram da cura divina a sua bandeira.

Jesus cura o mudo



Paulo torna a falar em "dons de curar" ainda no mesmo capítulo: "E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente, apóstolos, em segundo lugar, profetas, em terceiro, doutores, depois, milagres, depois, dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas" (At. 12.28). Se, nessa vez, ele tivesse usado no singular, poderíamos até achar que, na primeira vez, ele tivesse falado em "dons" como um lapso e, agora, estaria corrigindo; mas ele insiste no plural, porque ou a cura proveniente de dons segue meios diferentes ou há alguns que têm o poder de curar alguns tipos específicos de enfermidade, enquanto outras pessoas têm outros tipos. Exemplo: alguns oram por problemas no estômago, e a cura normalmente acontece; outros têm êxito em orar por alguém que tem problema de coluna; outros oram por doença na pele; outros, por surdez, e assim por diante. No meio pentecostal, parece que a maioria acredita mais na segunda possibilidade, com base em constatações práticas. Mas é possível, também, que uma mesma pessoa, tendo dons de curar, possa ter a graça de ministrar a cura para mais de um tipo específico de enfermidade, podendo orar com êxito sobre uma variedade específica de doenças.

Williams diz: "(...) O dom não são as curas como tais, mas dons ou *charismata* de curas. Assim, aquele que recebe os dons não realiza as curas diretamente; antes, ele simplesmente transmite os dons. Ele é um tipo de 'entregador' que traz os dons aos outros".[32] A singularidade recai sobre o Espírito: "O Espírito é o mesmo" (1 Co 12.4); e sobre a pessoa, que é única: "Repartindo a cada um (...)" (1 Co 12.11). Porém, a capacitação espiritual vem no plural: "dons".

No ministério terreno de Jesus, encontramos o exemplo típico da manifestação de todos os dons, exceto o de línguas estranhas e interpretação de línguas, que viriam mais

32. WILLIAMS. 2011. p. 679.

tarde, a partir do Pentecostes. Entre essas manifestações, as curas são as mais frequentes: "E percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas suas sinagogas, e pregando o evangelho do Reino, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo. E a sua fama correu por toda a Síria; e traziam-lhe todos os que padeciam acometidos de várias enfermidades e tormentos, os endemoninhados, os lunáticos e os paralíticos, e ele os curava" (Mt 4.23,24). O que era comum a Jesus, por ser quem era e para a Igreja também, tornou-se uma possibilidade por intermédio do Espírito Santo. Os apóstolos também realizaram curas: "De sorte que transportavam os enfermos para as ruas e os punham em leitos e em camilhas, para que ao menos a sombra de Pedro, quando este passasse, cobrisse alguns deles. E até das cidades circunvizinhas concorria muita gente a Jerusalém, conduzindo enfermos e atormentados de espíritos imundos, os quais todos eram curados" (At 5.15,16).

Mas as curas também aconteciam por intermédio de quem não era apóstolo, como é o caso de Filipe, que era diácono,[33] quando veio "uma perseguição contra a igreja que estava em Jerusalém; e todos foram dispersos pelas terras da Judeia e da Samaria, exceto os apóstolos (...). E as multidões unanimemente prestavam atenção ao que Filipe dizia, porque ouviam e viam os sinais que ele fazia, pois que os espíritos imundos saíam de muitos que os tinham, clamando em alta voz; e muitos paralíticos e coxos eram curados" (At 8.1,6,7). Agora, quando o apóstolo fala dos dons de curar na lista dos espirituais de 1 Coríntios 12.8-10, ele não está restringindo tais dons aos oficiais, mas dizendo que estão à disposição de todos os crentes.

Algumas questões, entretanto, são levantadas acerca dos dons de curar: quem tem sabe que tem, porque sente algum sinal, ouve alguma voz ou recebe alguma profecia, ou sabe que tem – se é que sabe – por constatação, ou seja, pelos resultados positivos depois de orar por determinados tipos de enfermidades, e estas deixarem a pessoa? Alguns irmãos oram por enfermos, porque são movidos de íntima compaixão pelo sofrimento que uma enfermidade pode causar, e o resultado vem. Com o passar do tempo, alguns percebem que o Senhor os atende quando, por exemplo, oram por crianças enfermas, e elas são curadas. O melhor a fazer, nesse caso, é seguir adiante e desenvolver esse dom. O mesmo acontece quando oram por pessoas que têm enxaqueca, e a cura vem. Chega a parecer uma espécie de especialidade de cura, como na Medicina há especialidades médicas.

As curas podem vir por meio da oração, com ou sem imposição de mãos. Na Bíblia, constatamos tanto um caso como o outro. Pode também vir acompanhada de unção com óleo, recomendada por Tiago: "Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja e orem sobre ele, ungindo-o com óleo, em nome do Senhor; e a oração da fé salvará o doente, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados" (Tg 5.14,15). Os discípulos de Jesus também praticaram a unção com óleo quando realizaram a pequena comissão: "E expulsavam muitos demônios, e ungiam muitos enfermos

---

33. A despeito do que afirmam alguns escritores não pentecostais, que os milagres eram realizados tão somente pelos apóstolos.

com óleo, e os curavam" (Mc 6.13). Há até cura acompanhada de manipulação médica – de acordo com os recursos da época – com emplasto de figos. Quando o rei Ezequias adoeceu, o profeta Isaías recomendou ao rei: "Tomai uma pasta de figos. E a tomaram e a puseram sobre a chaga; e ele sarou" (2 Rs 20.7); ou a de Naamã, que teve de mergulhar sete vezes no rio Jordão para ser curado da lepra (2 Rs 5.14).

A cura divina não é algo incomum entre o povo de Deus. Ela sempre é evocada por meio da oração e em nome de Jesus. Ligada diretamente à oração, em nome de Jesus, está a fé. O dom da fé tem estreita relação tanto com a cura como com o dom de milagres, como veremos a seguir. Mas, atualmente, muitos ingredientes materiais têm sido acrescentados para a obtenção da cura, principalmente por grupos neopentecostais. Eles oram por fotografias; peças de roupas; fazem campanhas de três ou sete dias; copo d'água é deixado sobre o aparelho de rádio durante a oração, e outras coisas mais.[34] Eles se baseiam em textos, como o que diz que a sobra de Pedro curava (At 5.15) ou que os lenços e os aventais que levavam do corpo de Paulo faziam os doentes sararem (At 19.12). Dizem que são "pontos de contato"[35]. O fato é que nenhum desses métodos – nem mesmo a sombra de Pedro ou os panos da roupa de Paulo – é instrumento recomendado como meio de transmissão de cura, embora dê resultado nesses casos; além do mais, foram ações isoladas e contingentes. Alguns argumentam: "Se deu certo lá, por que não tentar aqui?". Outros dizem: "O que vale é a fé". Se usarmos esses expedientes, criaremos exceções e abriremos precedentes para coisas cada vez mais absurdas em nome da fé – caindo, inclusive, na idolatria – tanto quanto a imaginação puder criar, e, com certeza, depois de algum tempo, deixaremos a Bíblia de lado e nos tornaremos como

A cura divina não é algo incomum entre o povo de Deus. Ela sempre é evocada por meio da oração e em nome de Jesus. Ligada diretamente à oração, em nome de Jesus, está a fé. O dom da fé tem estreita relação tanto com a cura como com o dom de milagres.

34. O mesmo que Salomão dizia dos livros: "Não há limites para fazer livros" (Ec 12.12). Assim são eles: criativos para meios de obtenção de bênçãos espirituais.

35. "Ponto de contato" é uma expressão que foi criada por Oral Roberts, evangelista norte-americano que dedicou seu ministério à cura divina.

tantos curandeiros místicos que há no mundo, praticando métodos que a Palavra de Deus não recomenda. A atuação espiritual sobre a cura deixará de ser autêntica para tornar-se manipulação satânica, embora feita em nome do Senhor. O Espírito Santo não pode endossar coisas que Ele não recomendou.

Outro recurso óbvio para a cura é o científico, contra o qual nada se pode dizer. Todos nós, por mais crentes que sejamos, valemo-nos dos recursos médicos: seja pela ingestão de medicamentos, dietas alimentares ou por intervenções cirúrgicas. Jesus reconheceu a importância do trabalho médico (Mt 9.12), pressupondo a necessidade dele para os doentes. Lucas, companheiro de Paulo e autor do Evangelho que leva o seu nome e também do livro de Atos dos apóstolos, era médico (Cl 4.14). O tratamento médico não dispensa a oração. Há muitos doentes cuja recuperação, após serem alvos concomitantes de oração, surpreende os médicos. Podemos dizer que Deus está sempre presente na cura.

A questão principal, no entanto, é decifrar a cura por meio dos dons do Espírito. Será que os dons do Espírito podem associar-se aos outros métodos aqui citados, já que se admite que Deus está sempre presente nas curas, ou eles agem singularmente? Eis uma questão que divide opiniões, uma vez que temos inúmeros relatos de curas tanto no Antigo como no Novo Testamento, e não há textos fora de 1 Coríntios 12.9,28, que tratem desse assunto nos mesmos termos. O uso do plural (dons, em vez de dom) pressupõe o seguinte: 1) se a Bíblia usasse o termo *dom*, essa capacitação divina seria tão abrangente que valeria para todas as enfermidades, indistintamente. Quem tivesse o dom de curar poderia sair por aí, curando toda a sorte de doença; mas esse não é o caso; 2) quando a Bíblia usa o plural, está restringindo-se exatamente para mostrar que, se alguém tem a capacidade de curar, essa capacidade diz respeito a alguns casos específicos, e não a todos, genericamente.

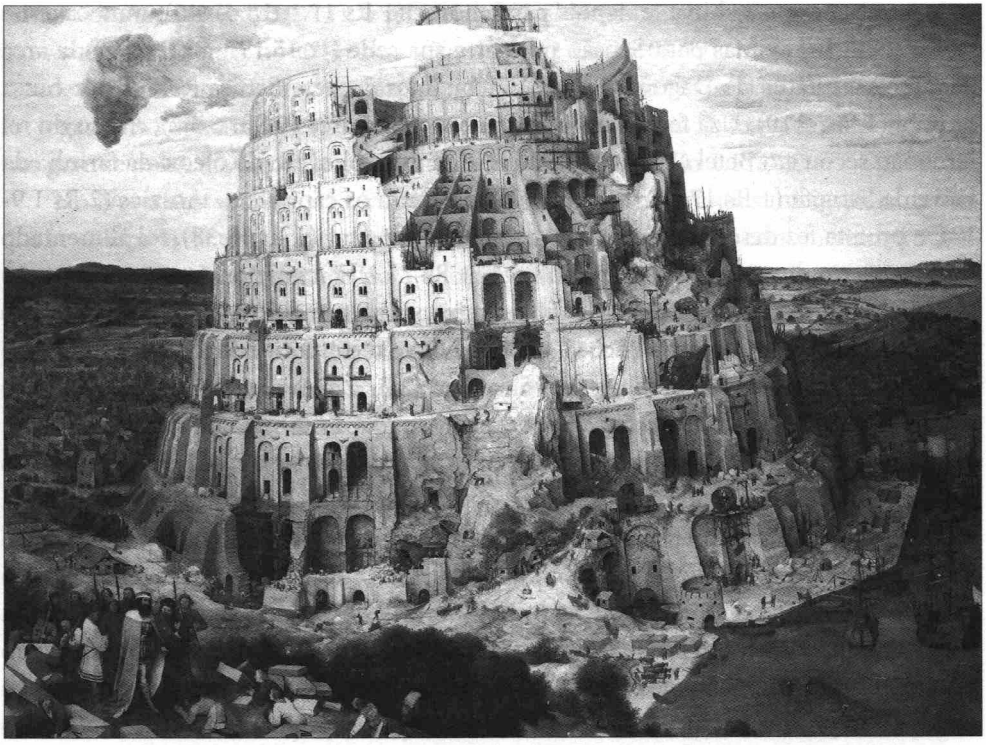
As implicações que se seguem à possibilidade de um indivíduo ser possuidor do dom de curar poderia suscitar nele a vaidade de um espírito messiânico, como se ele fosse o próprio Deus. Já possuindo dons de curar, esses dons se aplicam a alguns casos específicos, mostrando ao servo de Deus, imbuído dessa graça, que ele pode realizar algumas curas; porém, não pode realizar todas. Outra questão preponderante é que, por mais espiritual que seja, o crente imbuído de um dom do Espírito é sempre passivo da ação do Espírito Santo nele. A proeminência, tanto na capacitação como na operação dos dons do Espírito, é do próprio Espírito Santo: "Mas um só e o mesmo Espírito opera todas essas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer" (1 Co 12.11).

Dons de operação de maravilhas

O dom de operação de maravilhas ou "operação de milagres", como consta na versão Almeida Revista e Atualizada, *ènergémata dynámeon*, "a outro, operações de milagres" ou poderes (1 Co 12.10), é mais um dom espetacular que é repartido individualmente aos membros do Corpo de Cristo. Em que consiste esse dom? Consiste

em realizar algum tipo de milagre diferente da categoria anteriormente descrita como curar. O apóstolo admite que nem todos podem operar milagres na pergunta que faz: "São todos (...) operadores de milagres?" (1 Co 12.29), pressupondo duas respostas: 1) que nem todos são capazes; 2) que alguns são capazes. Quem são esses que não se enquadram na resposta inferida na pergunta do apóstolo? Os apóstolos? Ou Paulo está falando de mais um dom que todos os crentes comuns podiam e podem ter? Nas igrejas da Galácia, não havia apóstolos presentes, mas os milagres aconteciam: "Aquele, pois, que vos dá o Espírito e que opera maravilhas entre vós o faz pelas obras da lei ou pela pregação da fé?" (Gl 3.5). A expressão grega é a mesma aplicada em 1 Coríntios 12.10: ἐνεργήματα δυνάμεω, *ènergon dynámeo*, com a diferença de que a forma gramatical grega segue as regras da regência da frase. Assim, vemos que não é possível insistir que os milagres eram atos sobrenaturais que, entre os seres humanos, somente os apóstolos podiam realizar. "A outro (...)". Quem é esse "outro", senão membro da mesma comunidade para a qual o apóstolo envia essa carta?

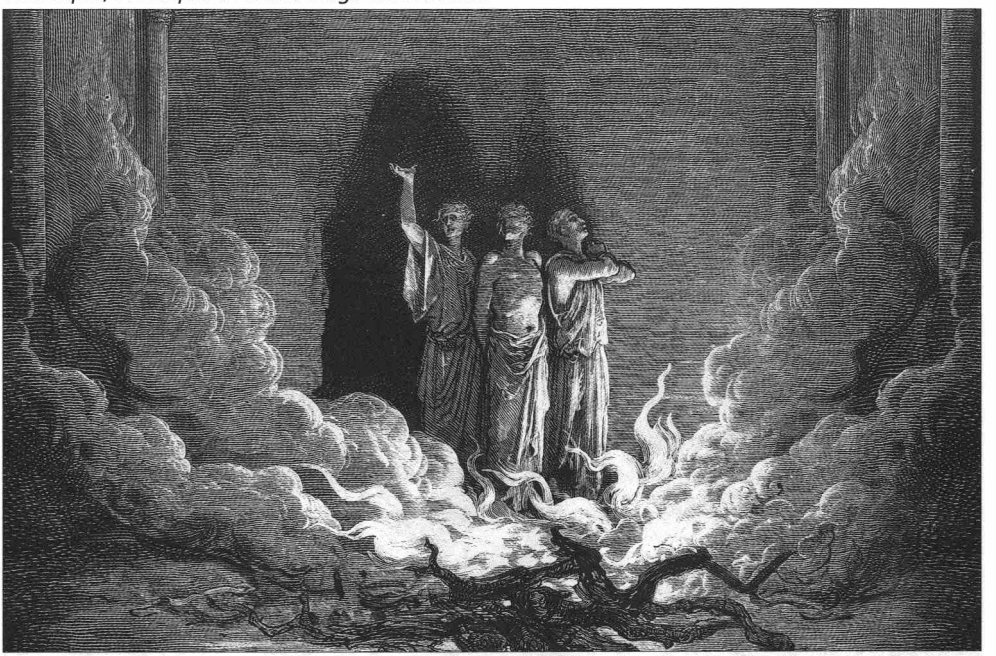
No Antigo Testamento, ocorreram muitos milagres. Em Babel, as línguas foram confundidas (Gn 11.7-9); em Sodoma, os homens ficaram cegos por quererem abusar de anjos (Gn 19.11); Sodoma e Gomorra foram destruídas por fogo da parte de Deus (Gn 19.24,25); a esposa de Ló foi transformada em estátua de sal (Gn 19.26); no monte



A torre de Babel

Horebe, a sarça ardeu, mas não se queimou (Êx 3.2); no chamado de Moisés, o Senhor fez com que a sua vara se transformasse em serpente, e logo voltou a ser vara (Êx 4.2-4); sua mão ficou leprosa e sarou imediatamente (Êx 4.6,7); a vara de Arão transformou-se em serpente, e a imitação do mesmo poder ocorreu com as varas dos magos, e, depois, a vara de Arão engoliu-as (Êx 7.10-12); pragas vieram sobre os egípcios para demonstrar o poder de Deus em relação aos deuses do Egito (Êx 7—12); a abertura do mar Vermelho, a nuvem que guiava o povo durante o dia, e a coluna de fogo à noite (Êx 13.20,21); o maná diário, enquanto o povo caminhava pelo deserto (Êx 16.35); água brotou da rocha (Êx 17.5-7); águas amargas tornaram-se águas doces (Êx 15.24,25); o envio de codornizes para satisfazer um povo que tinha vontade de comer carne (Êx 16.13-35); a terra abriu-se para engolir os rebeldes que se insurgiram contra o líder (Nm 16.31-35); a vara de Arão floresceu e produziu amêndoas (Nm 17.1-8); fogo do Senhor consumiu o altar de holocausto (Lv 9.24); os filhos de Arão sendo consumidos pelo fogo do céu (Lv 10.1,2); a lepra de Miriã e sua respectiva cura (Nm 12.10-15); o envio de serpentes venenosas que picaram o povo, e a respectiva cura deste (Nm 21.7-9); a jumenta que falou (Nm 22.28-31); a abertura do rio Jordão para que os hebreus passassem (Js 3.14-17); as muralhas de Jericó caíram ao chão após o toque das trombetas dos sacerdotes e do grito dos hebreus (Js 6.6-21); o sol e a lua detiveram-se (Js 10.12,13); a força misteriosa de Sansão, cujo segredo estava nos seus cabelos; Elias deu ordem para cessar a chuva, e depois para chover (1 Rs 17.1; 18.41-46); uma caverna se abriu em Leí apenas para Sansão mitigar a sua sede (Jz 15.19); a presença da arca derrubou a estátua de Dagom (1 Sm 5); habitantes de Bete-Semes feridos por causa da arca (1 Sm 6.19); Uzá ferido de morte por tocar na arca (2 Sm 6.6,7); a mão do rei Jeroboão secou em Betel (1 Rs 4.4-6). Elias fez a multiplicação do óleo e da farinha da viúva de Sarepta (1 Rs 17.14); fogo do céu consumiu os capitães de Acazias (2 Rs 1.9-12); o profeta fez descer fogo do céu e consumir um altar (1 Rs 18.38), foi alimentado por um corvo durante a sua primeira fuga (1 Rs 17.4), presenciou uma manifestação de Deus, com voz mansa e delicada, num ambiente precedido por um forte vento que fendia os montes e quebrava rochas, depois, houve terremoto e fogo (1 Rs 19.11,12); Elias foi levado para o céu em um carro de fogo (2 Rs 2.11); a cura das águas de Jericó (2 Rs 2.19-22); covas e vale se encheram de água sem que houvesse chuva (2 Rs 3.16-20); a exemplo de Elias, Eliseu também fez o azeite multiplicar-se na casa de uma viúva (2 Rs 4.1-7); o filho de uma mulher de Suném ressuscitou (2 Rs 4.32-36); comida envenenada foi purificada (2 Rs 4.40,41); vinte pães de cevada alimentaram 100 homens em Gilgal (2 Rs 4.42-44); o general Naamã foi curado de lepra (2 Rs 5.10-14); Geazi foi tomado pela lepra (2 Rs 5.24-27); um machado flutuou (2 Rs 6.5,6); o exército da Síria ficou todo cego quando tentou prender o profeta Eliseu (2 Rs 6.15-18); um ruído provocado pelo Senhor fez o exército da Síria fugir (2 Rs 7.6,7); o morto ressuscitou ao cair sobre os ossos do profeta Eliseu (2 Rs 13.20,21); um anjo acabou com 185 mil homens do exército de Senaqueribe (2 Rs 19.35); o sol retrocedeu, e a sombra voltou dez graus no

Sadraque, Mesaque e Abede-Nego na fornalha



relógio de Acaz (2 Rs 20.9-11); o rei Uzias ficou leproso depois que entrou no templo para acender incenso no lugar dos sacerdotes (2 Cr 26.16-19); Mesaque, Sadraque e Abede-Nego foram jogados na fornalha de fogo e saíram ilesos (Dn 3.19-27); Daniel foi jogado na cova dos leões e nada lhe aconteceu (Dn 6.16-23); Jonas foi engolido por um grande peixe e vomitado com vida depois de três dias (Jn 1.17; 2).

No Novo Testamento, não foi diferente. Jesus realizou grandes milagres, e, depois que se ausentou da terra, por intermédio do Seu Espírito, milagres continuaram a acontecer e não têm prazo marcado para deixar de acontecer, enquanto a Igreja do Senhor estiver na terra. Além das muitas curas, Jesus realizou milagres espetaculares: apaziguou a tempestade (Mt 8.23-27; Mc 4.37-41; Lc 8.22-25); andou sobre o mar (Mt 14.25; Mc 6.48-51; Jo 6.19-21); alimentou cinco mil homens, fora mulheres e crianças (Mt 14.15-21; Mc 6.35-44; Lc 9.12-17; Jo 6.5-13); depois alimentou mais quatro mil, além de mulheres e crianças (Mt 15.32-38; Mc 8.1-9); uma moeda foi encontrada na boca do peixe, para que Jesus pagasse imposto (Mt 17.24-27); apareceram peixes sob a ordem de Jesus, depois que Pedro e os seus haviam tentado pescar a noite toda, sem sucesso (Lc 5.4-11); em Caná da Galileia, a água foi transformada em vinho (Jo 2.1-11); na hora da cruz, a terra escureceu e também tremeu, rochas se romperam, sepulcros foram abertos, e muitos mortos ressuscitaram (Mt 27.45,51,52,53); Jesus adentrou numa casa onde os discípulos estavam com as portas fechadas (Jo 20.19); Jesus desapareceu misteriosamente da frente dos discípulos de Emaús (Lc 24.31); Jesus deu ordem aos discípulos, e eles apanharam 153 grandes peixes (Jo 21.1-11). Os apóstolos, por sua vez, também

Paulo e Silas na prisão

realizaram milagres: a morte de Ananias e Safira por mentirem ao Espírito Santo (At 5.1-10); Elimas ficou cego por tentar dissuadir o procônsul Sérgio Paulo de ouvir a mensagem do evangelho (At 13.8-11); as portas da prisão se abriram para que Pedro saísse (At 12.7-11); a prisão se abriu, em Filipos, enquanto Paulo e Silas oravam e cantavam (At 16.26); a picada da serpente não causou efeito mortífero em Paulo (At 28.35).

No texto em que Paulo apresenta os nove dons do Espírito, ele faz clara distinção entre curas e milagres, tendo como elemento comum, entre os dois casos, que quem irá realizá-los receberá "dons" de curar e "dons" de milagres. Ambos no plural, e isso se deve, certamente, às mesmas razões já expostas no item anterior. Os milagres não têm como objetivo exaltar a pessoa que o realizará, mas sempre a glória de Deus! Eles também não dependerão da vontade humana, mas se manifestarão por decisão do Espírito Santo "para o que for útil" (1 Co 12.7). Ao longo da sua história, a Igreja tem colecionado grandes testemunhos de milagres, como: livramentos de acidentes ou das mãos de homens maus; revólveres com gatilho acionado que não dispararam; suprimento de alimento e até mesmo de dinheiro, em hora de premente necessidade; favela destruída por incêndio, e a casa dos crentes não ser tocada pelo fogo etc. Mas não tenho a intenção de elencar muitos exemplos práticos para não ser insultado pelos antipentecostais,

que sempre nos acusam de fazer teologia em cima de experiência, embora a experiência corrobore as prescrições bíblicas, servindo de prova incontestável da atualidade dos dons. Contra fatos não há argumentos.

Quem vive distante dos dons não pode falar sobre eles, porque pensam que conhecem o assunto. Porém, dizem coisas absurdas sobre os que conhecem e experimentam. Eles nem ao menos se dão ao trabalho de examinar mais de perto o objeto da sua discussão. Lucas, antes de escrever a Teófilo a respeito de Jesus, procurou informar-se minuciosamente de tudo a Seu respeito (Lc 1.3). Quanto aos que preferem estar bem com a comunidade acadêmica, estes não se importam nem ao menos em ler as Escrituras de forma objetiva, sem que procurem dar a elas uma maquiagem de argumentação histórico-cultural, para ver se tais argumentos terminam aceitos. Isso pode passar da mente deles para a mente dos leitores incautos e ignorantes da Palavra. Quando encontram um texto bíblico que lhes parece favorável, usam tal texto por inteiro sem se preocupar com a sua interpretação. Quando lhes faltam textos favoráveis – e lhes faltam muitos –, criam argumentos estranhos e enrolados, principalmente quando se trata de negar a atualidade dos dons do Espírito.

As manifestações do Espírito Santo dadas a "cada um para o que for útil" (1 Co 12.7)[36] incluem dons de operações de maravilhas, acreditem esses inimigos da fé ou não. É claro que tais ocorrências, a não ser no âmbito da providência, não são tão frequentes e comuns, mas são reais e atuais. Milagre é milagre pelo fato de ser raro. Não é como banana, que se compra em grande quantidade na feira. É verdade também que muitos pentecostais têm trazido grandes escândalos ao evangelho, comprometendo as verdades de Deus por propagar coisas que não são reais em busca de lucros financeiros. Cada um responderá a Deus por isso! Mas a mensagem do evangelho deve ser completa e não pode sofrer os danos causados pelos falsos pastores e falsos mestres. Todavia, não é por causa dos que

Milagre é milagre pelo fato de ser raro. Não é como banana, que se compra em grande quantidade na feira. É verdade também que muitos pentecostais têm trazido grandes escândalos ao evangelho.

36. É claro que, para os cessacionistas, esse texto não é para hoje. Se alguém encontrar o cemitério onde esse versículo foi sepultado, por favor, avise para que levemos flores.

não acreditam e se valem de arranjos hermenêuticos para defender suas crenças contra as verdades reveladas na Palavra de Deus que elas se tornam obsoletas. A matemática não se torna ciência inexata só porque alguns não sabem fazer contas.

Dons de locução

Além do batismo com o Espírito Santo, cuja evidência inicial é a glossolalia, o apóstolo Paulo fala também de mais um dom que traz consigo a glossolalia; esse dom é distinto da evidência inicial do batismo. Juntamente com a variedade de línguas está a interpretação de línguas e a profecia. Ambos os dons são inseparáveis. Os três dons formam a categoria dos dons de locução.

A igreja de Corinto, repleta dos dons espirituais (1 Co 1.7), expressava mais a glossolalia. Ainda hoje, é mais comum pessoas falarem línguas estranhas do que interpretarem. Com certeza, precisamos passar a interessar-nos mais por esse dom. Era comum, nos cultos, os crentes – todos ao mesmo tempo – falarem em línguas, causando certa desordem, podendo, com isso, confundir os visitantes. No capítulo 12, Paulo trata de todos os dons conhecidos daquela igreja; mas, no capítulo 14, ele trata mais especificamente dos dons de locução no ambiente de culto público – exatamente porque precisava estabelecer ordem no seu uso e porque os considerava muito importantes. A igreja de Corinto cometia alguns erros por excesso no uso dos dons espirituais. Essa igreja precisava compreender melhor qual a sua necessidade dos dons e suas implicações: "Acerca dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes" (1 Co 12.1). O mau uso dos dons não aviltou a importância deles; antes, serviu de razão para que a Igreja de Jesus ganhasse um verdadeiro tratado teológico sobre eles, por meio do qual poderia nortear-se no interregno da sua jornada neste mundo.

Se Paulo não estivesse de acordo com os dons ou se as práticas equivocadas daquela igreja requeressem a supressão deles, ninguém precisaria ter dúvida de que o apóstolo Paulo não titubearia em fazê-lo; porém, esse não apenas era o caso, como ele ainda incentivou os crentes a cultivarem-no: "Portanto, procurai com zelo os melhores dons (...)" (1 Co 12.31). "E eu quero que todos vós faleis línguas estranhas"; Paulo também quer que eles profetizem: "(...) Muito mais que profetizeis (...)" (1 Co 14.5); "Que fareis, pois, irmãos? Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação" (1 Co 14.26). Nesse preâmbulo, também é cabível salientar o que dizem alguns escritores antipentecostais sobre a situação daquela igreja. Eles associam a glossolalia dos coríntios com a sua experiência pré-cristã no paganismo: "Vós bem sabeis que éreis gentios, levados aos ídolos mudos, conforme éreis guiados. Portanto, vos quero fazer compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus diz: Jesus é anátema! E ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo" (1 Co 12.2,3). Por causa desse versículo, John MacArthur, em seu livro *Carismaticaos*, faz uma péssima associação da experiência carismática dos crentes de Corinto com o seu passado no paganismo:

> Parafraseando 1 Coríntios 12.2, Paulo disse aos crentes de Coríntios que, quando eles adoravam segundo os moldes do paganismo, eram conduzidos por demônios em êxtases nas religiões de mistérios. No entanto, eles estavam introduzindo esses mesmos padrões antigos na Igreja e permitiam que demônios invadissem o culto a Cristo. Eram incapazes de distinguir o que era certo e o que era errado, o que era divino e o que era demoníaco. Também estavam tão desejosos de aceitar qualquer coisa sobrenatural que falharam em distinguir o que era de Deus e o que era de Satanás, resultando em caos absoluto. Em várias circunstâncias, atribuíam os atos de Satanás à obra do Espírito Santo.[37]

Esse autor, no afã de desfazer qualquer crença no poder do Espírito Santo – conforme normalmente fazem os ativistas antipentecostais –, não se preocupa com as implicações das suas palavras. Das muitas acusações que ele faz contra os pentecostais, destaquei algumas, como chamá-los de "ingênuos". Para isso, ele evoca as palavras de John Stott, que dizem: "Eles são entusiasmados, mas ingênuos"[38]. Chama-os de "anti-intelectuais"; "sem entendimento". Compara os pentecostais aos judeus zelosos, desprovidos de entendimento: "Porque lhes dou testemunho de que têm zelo de Deus, mas não com entendimento" (Rm 10.2). Chama a hermenêutica pentecostal de "paupérrima" e, para assegurar-se de que não está sozinho nas suas opiniões, cita Fee Gordon: "Pentecostais e carismáticos tendem a fundamentar a maior parte de seus ensinos em princípios hermenêuticos paupérrimos"[39]. Mas usa de um expediente que qualquer pentecostal sério também não aceitaria. MacArthur cita exemplos bizarros de pentecostais – os quais estão nas redes de televisão norte-americanas – que não representam o verdadeiro pentecostalismo bíblico, generalizando o pentecostalismo. Isso não é honesto!

Como os cessacionistas não dispõem de textos bíblicos que apoiem sua posição, diferentemente dos pentecostais – porque, se os tivessem, usariam-nos de pronto, até mesmo sem a intervenção da Hermenêutica –, e apelam para a Hermenêutica o tempo todo, alegando, como vimos há pouco, que os pentecostais são paupérrimos nessa disciplina. No entanto, a necessidade da Hermenêutica como única saída para a opção da descrença é tanta que eles não percebem que a colocam em nível de canonicidade ao lado da própria Bíblia, como se a Hermenêutica também fosse uma ciência exata, isenta de subjetividade.

O Sr. MacArthur devia ser mais cuidadoso com a sua própria hermenêutica. A sua interpretação de 1 Coríntios 12.2,3 é uma aberração. No texto, há claro indicativo de um contraste entre o que os coríntios foram (éreis) e o que agora são. Prossegue o

---

37. MACARTHUR, John. Carismaticaos. São José dos Campos: Editora Fiel, 1992. p. 479.

38. Ibidem. p. 48.

39. MACARTHUR apud GORDON, D. Fee. *Hermeneutics and Historical precedent*. p. 107.

apóstolo dizendo que o ato de amaldiçoar o nome de Jesus é coisa de quem não tem o Espírito de Deus – o que não é mais o caso deles –, afinal possuem o Espírito de Deus: "Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?" (1 Co 3.16); "Ou não sabeis que o nosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos?" (1 Co 6.19). Quanto a chamar Jesus publicamente de "Senhor" (1 Co 12.3) era um risco que se corria, já que o imperador romano era o único que podia ser chamado de Senhor. Pelo Espírito, os crentes de Corinto eram capazes de correr esse risco.[40]

Havia, sim, naquela igreja, como é comum encontrar em qualquer igreja hoje em dia, alguém diferente, com outro espírito: "Se alguém não ama o Senhor Jesus Cristo, seja anátema; maranata!" (1 Co 16.22). Quem poderia ser esse "alguém"? É qualquer um que não estivesse no mesmo espírito que os demais, e o próprio Paulo identifica uma pessoa assim. Foi um membro daquela igreja que aliciou um grupo para conspirar contra o apóstolo: "Porque as suas cartas, dizem, são graves e fortes, mas a presença do corpo é fraca, e a palavra, desprezível" (2 Co 10.10). Mas, depois da resposta de Paulo (2 Co 10.11-18), corroborada pelo seu testemunho de sofrimentos pela causa do evangelho (2 Co 11.23-29), aquele irmão não foi apenas identificado, mas também humilhado: "Porque, se alguém me contristou, não me contristou a mim senão em parte, para vos não sobrecarregar a vós todos; basta ao tal esta repreensão feita por muitos. De maneira que, pelo contrário, deveis, antes, perdoar-lhe e consolá-lo, para que o tal não seja, de modo algum, devorado de demasiada tristeza" (2 Co 2.5-7).[41] Outrossim, a exceção não faz a regra! Contudo, eu me darei ainda por mais satisfeito em minha resposta a esse terrível mal-entendido de John MacArthur ao transcrever as palavras de Wayne Grudem sobre isso 1 Coríntios 12.2,3:

> Aqui Paulo reconhece o passado pagão de seus leitores e, por causa disso, conclui que precisam de instruções sobre os dons espirituais, pois, de outra forma, seriam "ignorantes" ou "desinformados". No passado, seguiam "ídolos mudos", que não podiam falar palavras de instrução a seus seguidores nem mesmo por intermédio deles. Os coríntios talvez tivessem experimentado coisas muito estranhas nos cultos pagãos (incluindo, provavelmente, exclamações de "maldição" durante o êxtase

---

40. Essa é uma possibilidade de entender o que Paulo quis dizer com "chamar Jesus de Senhor" e não amaldiçoá-lo, afinal, há segredos nas entrelinhas que não podemos entender com exatidão nem mesmo fazer sugestões acerca deles. Um exemplo disso é a menção que Paulo faz sobre o batismo pelos mortos (1 Co 15.29). Com exceção da interpretação dada pelos mórmons - o que rejeitamos -, quem teria bola de cristal para resolver esse assunto que ficou no ar? No entanto, há quem afirme compreender essa matéria. Por mais que precisemos fazer uso da Hermenêutica, eis aí algo que ela não resolve!

41. Veja a explicação sobre as quatro cartas de Paulo aos coríntios, nas quais tratamos da "palavra da sabedoria", nota 23.

> religioso). Mas Paulo diz que isso não acontecerá com a genuína profecia cristã. Se parecer que alguém, sob algum tipo de influência espiritual, esteja amaldiçoando Jesus, isso simplesmente não é do Espírito Santo. Esse tipo de coisa não acontece com os dons do Espírito.[42]

Os versículos 2 e 3 de 1 Coríntios 12 não dão margem para que se tire conclusões exageradas e que se diga coisas tão absurdas sobre os irmãos de Corinto, como se eles ainda pudessem sofrer qualquer tipo de influência do passado nas suas experiências espirituais. Se John MacArthur "percebeu" que as manifestações do Espírito Santo e as dos demônios eram confundidas naquela igreja, Paulo não as "percebeu". Não é possível encontrar nas palavras do apóstolo o que MacArthur, na sua paráfrase, diz que ele disse. Nem há, sequer, insinuação nesse sentido. Que eles "falharam em distinguir o que era de Deus e o que era de Satanás, resultando em caos absoluto", não é coisa que se pode afirmar com responsabilidade sobre uma igreja legítima. Se a igreja de Corinto estivesse em "caos absoluto", não poderia, jamais, receber os reconhecimentos que teve do apóstolo Paulo (1 Co 1.2; 6.11). Esse autor parece ter a presunção de querer ir além do próprio apóstolo na sua percepção a respeito daquela igreja!

Que o passado dos coríntios foi no paganismo e que eles ainda portavam maus hábitos não há dúvida, porém Paulo tratou pormenorizadamente de cada erro, senão, vejamos: 1) a igreja estava dividida internamente em alguns grupos (1 Co 1.12.13; 3.3-7). Para corrigir essas facções, o apóstolo apelou: "Rogo-vos, porém, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que digais todos uma mesma coisa e que não haja entre vós dissensões; antes, sejais unidos, em um mesmo sentido e em um mesmo parecer" (1 Co 1.10). 2) Para o caso do rapaz que abusava da mulher de seu pai, primeiro, o apóstolo se queixou com a Igreja por não haver tomado providência antes e, agora, ele usava de uma atitude mais severa para acabar com aquilo. Decidiu: "Em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, juntos vós e o meu espírito, pelo poder de nosso Senhor Jesus Cristo, seja entregue a Satanás para destruição da carne, para que o espírito seja salvo no Dia do Senhor Jesus" (1 Co 5.4,5). 3) Para o fato de alguns irmãos moverem processos judiciais uns contra os outros, o apóstolo fê-los pensar que aquilo podia ser resolvido entre eles com a intermediação de algum crente maduro, a quem ele chama de sábio: "Para vos envergonhar o digo: Não há, pois, entre vós sábios, nem mesmo um, que possa julgar entre seus irmãos?" (1 Co 6.5). 4). Para os carnais que se entregavam à prostituição, o apóstolo corrige-os: "Não sabeis vós que os vossos corpos são membros de Cristo? Tomarei, pois, os membros de Cristo e fá-lo-eis membros de uma meretriz? Não, por certo. Fugi da

---

42. GRUDEM, Wayne. *O dom de profecia: do Novo Testamento aos dias atuais*. São Paulo: Editora Vida, 2004. p. 131.

prostituição (...)" (1 Co 6.15,18). 5) Para o caso dos casais que se separavam,[43] Paulo recomenda: "Se, porém, se apartar, que fique sem casar ou que se reconcilie com o marido; e que o marido não deixe a mulher" (1 Co 7.11). 6) Quanto a comer coisas sacrificadas aos ídolos, o apóstolo, que conhecia bem o costume da cidade, dá uma resposta sábia. Em Corinto, os pagãos sacrificavam animais aos deuses. Parte da carne ia para o culto, parte, a família comia, e o restante eles negociavam com os açougueiros a preço módico para vender. O crente comprava a carne sem saber a procedência, mas, eventualmente, tratava-se de sobra de culto. Eles questionaram Paulo sobre o que fazer? A resposta simples e prática do apóstolo foi: "Assim que, quanto ao comer das coisas sacrificadas aos ídolos, sabemos que o ídolo nada é no mundo e que não há outro Deus, senão um só"; "Comei de tudo quanto se vende no açougue, sem perguntar nada, por causa da consciência" (1 Co 8.4; 10.25). 7) Já quanto a comer nas festas pagãs, o apóstolo é mais enfático: "Antes, digo que as coisas que os gentios sacrificam, as sacrificam aos demônios e não a Deus. E não quero que sejais participantes com os demônios. Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios; não podeis ser participantes da mesa do Senhor e da mesa dos demônios" (1 Co 10.20,21). 8) Na festa do *ágape*, alguns irmãos comiam e bebiam demais. Paulo exorta: "Mas, se algum tiver fome, coma em casa, para que vos não ajunteis para condenação (...)" (1 Co 11.34).

Paulo conhecia muito bem o passado daqueles crentes, que foram devassos, idólatras, adúlteros, efeminados, sodomitas, bêbados, maldizentes, ladrões e, mesmo cometendo ainda alguns erros no presente, como acabamos de ver, o apóstolo dá um bom testemunho de quem agora são: "E é o que alguns têm sido, mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do Senhor Jesus e pelo Espírito do nosso Deus" (1 Co 6.11; cf. v. 10). Se, para cada caso de irregularidade, o apóstolo prestou ajuda, instruindo, exortando e até expurgando o rapaz incestuoso, entregando-o a Satanás, por que ele seria tão tolerante com um suposto êxtase de "origem demoníaca"? E mais: e se, pelo desejo do sobrenatural, estivessem em "caos total", segundo afirma MacArthur? Que hermenêutica é essa? O próprio MacArthur afirma: "Interpretar a Escritura para que ela diga o que jamais intencionou dizer é um caminho certo para a divisão, o erro, a heresia e a apostasia"[44]. Quando ele parafraseia Paulo, supondo que o apóstolo dizia que eles estavam "introduzindo esses mesmos padrões antigos na Igreja e permitiam que demônios invadissem o culto a Cristo" e "falharam em distinguir o que era de Deus e o que era de Satanás, resultando em caos absoluto", estará ele fazendo uma hermenêutica correta do texto? Esse autor não foi longe demais na sua ilação do presente, com base na experiência passada daquela igreja? E por que Paulo incentivaria ainda mais a prática dos dons, conquanto seguissem os ditames da boa ordem? Confun-

---

43. E a separação, infelizmente, é tão comum nos dias de hoje! O apóstolo faz uma recomendação (v. 11) que deveria ser mais observada pelos crentes.

44. MACARTHUR. 1992. p. 110.

dir as coisas do demônio com as do Espírito Santo certamente não foi coisa dos crentes de Corinto, é coisa desse autor! E ele que, em seus discursos e em outras obras, chega a dizer que os pentecostais cometem o pecado de blasfêmia contra o Espírito Santo não está mais próximo dessa possibilidade ao fazer tal interpretação? Parece que a base com que ele sustenta sua teologia não é exatamente a hermenêutica bíblica, mas a incredulidade! Sua exegese, neste caso, é feita em cima de suposições e preconceitos.

Outra grave acusação feita constantemente contra o povo pentecostal é "fazer teologia a partir da experiência". Esse é um argumento típico de quem não tem elementos para sustentar suas críticas. Os pentecostais encontram inúmeros textos para sustentar-se nas Escrituras; os antipentecostais precisam evocar – para não dizer, "forçar" – a interpretação de alguns textos para sustentar-se na tese do cessacionismo, como, por exemplo, 1 Coríntios 13.10: "Mas, quando vier o que é perfeito, então, o que é em parte será aniquilado". Ora, o "perfeito" a que Paulo se refere é Cristo, e, ademais, o apóstolo Paulo tinha a ideia de que um dia seus escritos, bem como outros escritos apostólicos, formariam um cânon sagrado? Mas eles insistem em dizer que esse "perfeito" seria o "Cânon do Novo Testamento". Isso é hermenêutica ou é um fiasco? Onde está, afinal, o texto bíblico que defende o cessacionismo? E, se evocarmos a história da Igreja para o encontrarmos, tudo o que constataremos é um declínio por parte dos teólogos que deixaram o Espírito Santo para fazer teologia a partir da filosofia. O próprio Lutero insistiu no cessacionismo porque, como os demais, estava longe da experiência pentecostal da Igreja primitiva. E, a propósito, o grande legado que a patrística[45] deixou foram inúmeras heresias!

Se Paulo ou qualquer outro apóstolo entendesse que os dons do Espírito se limitariam apenas ao tempo deles e que, depois da formação do Cânon do Novo Testamento, eles seriam desnecessários, deixariam de dar uma nota sobre isso? Pelo contrário, Paulo incentiva: "E eu quero que todos vós faleis línguas estranhas; mas muito mais que profetizeis, porque o que profetiza é

Outra grave acusação feita constantemente contra o povo pentecostal é "fazer teologia a partir da experiência". Esse é um argumento típico de quem não tem elementos para sustentar suas críticas.

45. Patrística: refere-se aos Pais da Igreja.

maior do que o que fala línguas estranhas, a não ser que também interprete, para que a igreja receba edificação" (1 Co 14.5). O que dizer de tais palavras?

Quanto à experiência, ela não precede ao texto bíblico. Vivemos a experiência porque a conhecemos primeiro nas Escrituras. A Bíblia fala sobre ela e como alcançá-la. Nós fazemos conforme está escrito, e acontece! Não usamos a experiência na frente da Bíblia. A experiência não substitui a revelação, antes, confirma-a!

Os ativistas antipentecostais também chegam a dizer que as línguas ou quaisquer experiências sobrenaturais dos pentecostais não passam de distúrbios mentais. Então, vamos refletir um pouco sobre isso. Se eu não fosse pentecostal, e, na igreja que pastoreio, alguém me dissesse que foi batizado com o Espírito Santo e falou línguas, eu teria alguma reação, como: pedir à pessoa para parar com aquilo, por entender que não seria um comportamento sadio. Se a pessoa insistisse, eu teria de tomar providências mais severas, em primeiro lugar, na tentativa de ajudar aquele membro da igreja a não entrar pelo "caminho da loucura", se fosse o caso, orientá-lo-ia a procurar um médico. Mas, se além daquela pessoa viesse mais alguém dizendo a mesma coisa e depois outras, o que eu deveria fazer? Certamente, reunir o ministério da igreja e tomar uma providência, afinal, poderia tratar-se de um surto mental coletivo. E, se eu soubesse que em outras igrejas estivesse ocorrendo a mesma coisa, o que eu concluiria? Que um surto psicótico atingiu tanta gente ao mesmo tempo? Nesse caso, seriam necessárias muitas clínicas psiquiátricas para atender tantas pessoas, e seria muita coincidência digna de atenção.

Sendo eu um pastor conhecedor das Escrituras, não deveria, antes, procurar nelas alguma explicação para o "fenômeno"? E, se eu encontrasse textos como Atos 2.4,39, que relata um acontecimento parecido em Jerusalém e com promessa para todos os crentes, em todas as épocas; e, depois, se eu encontrasse outros textos, como Atos 10.46; 19.6, e, a seguir, deparasse-me com uma explicação de Paulo em 1 Coríntios 12 e 14, eu não teria de curvar-me diante do fato? Ou insistiria em dizer que isso era coisa do passado, só porque eu *decidi* que tal experiência é coisa do passado? E, se é coisa do passado, como explicar o que estaria ocorrendo no presente em minha igreja?

O que parece hipotético aconteceu no início do século 20, entre inúmeras igrejas conservadoras, como Batistas, Presbiterianas, Metodistas, Luteranas, Menonitas, Episcopais, Congregacionais e outros movimentos históricos nos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que eclodiu o avivamento na Rua Azusa, resultando no nascimento da Igreja Assembleia de Deus!

George C. Bradford, pastor da Primeira Igreja Presbiteriana de El Reno, perto de Oklahoma City, foi batizado com o Espírito Santo em 1966, num acampamento em Ardomore, Oklahoma. Os membros do presbitérios, inconformados, encaminharam-no para um psiquiatra. O psiquiatra, ao ouvi-lo, foi também batizado com o Espírito Santo.[46]

---

46. SYNAN, Vinson. *O Século do Espírito Santo.* São Paulo: Editora Vida, 2009. p. 235.

Acusam-nos de fazer teologia a partir da experiência. Como eles são repetitivos nessa afirmação! Ora, não podemos negar a experiência. Nós de fato a temos, mas isso não nos torna superiores aos nossos detratores. Quando queremos aprender teologia, procuramos os seminários deles. Com eles, aprendemos a hermenêutica; com eles, aprendemos o grego e o hebraico. Deles, recebemos a nossa bagagem teológica. Com eles, apredemos a pensar teologicamente, mas não poderíamos aprender com eles a menosprezar algo tão sublime que eles também podem ter: "Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe: a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar" (At 2.39). Esse texto é cessacionista ou plenamente continuísta? Com respeito à experiência, tudo o que podemos dizer é que contra fatos não há argumentos.

Variedade de línguas

Em pelo menos sete dos nove dons, encontramos respaldo no Antigo Testamento; os dons de variedade de línguas e interpretação de línguas não estão lá, porque esses dons vieram a partir do Pentecostes. Variedades de línguas sugere uma multiplicidade linguística, assim como no caso de curas e de milagres: são dons que vêm no plural. No ato do batismo com o Espírito Santo, as línguas, como sinal da evidência, servem também para a edificação do próprio indivíduo, enquanto as línguas, em forma de dom espiritual, carregam consigo uma mensagem de edificação para toda a igreja, se houver quem as interprete.

"E a outro, variedade de línguas" (1 Co 12.10) – γένη γλωσσῶν, *géne glossoôn*, no grego: "gêneros de línguas". Esse gêneros ou variedades tanto podem significar línguas estranhas – "(...) Não fala a homens, senão a Deus; porque (...) em espírito fala de mistérios" (1 Co 14.2) – , como línguas faladas na terra, sem que a pessoa que fala as tenha aprendido, como ocorreu no dia de Pentecostes – "(...) Porque cada um os ouvia falar na sua própria língua" (At 2.6). Tanto quanto os outros dons, a variedade de línguas também vem para um bem comum (1 Co 12.7,12).

A oração em línguas é uma boa oração, mas deve encontrar seu lugar próprio para proveito espiritual de quem a pratica. Quem ora em línguas não sabe o que está dizendo, mas, se o texto diz que ele "ora bem" (1 Co 12.14), é porque há nisso um mistério, sobre o qual já falamos anteriormente, podendo aqui relembrar: orar em espírito, do mesmo modo que cantar em espírito (1 Co 14.15), trata-se da oração que exprime a Deus coisas para as quais não temos palavras suficientes para exprimir, mas que fazemos por intermédio do Espírito Santo, que intercede por nós com gemidos inexprimíveis (Rm 8.26,27).

Por meio dessa oração em variedade de línguas, o crente também louva a Deus: "Doutra maneira, se tu bendisseres com o espírito, como dirá o que ocupa o lugar do indouto o Amém sobre a tua ação de graças, visto que não sabe o que dizes? Porque realmente dás bem as graças, mas o outro não é edificado" (1 Co 14.16,17) – καλῶς

εὐχαριστεῖς, *kalôs euxaristeîs* – "louvar bem" ou "bem agradecer". Desse modo, mesmo que a minha mente fique sem entendimento, o falar em línguas em oração é edificante, tanto pelo bem-estar que realmente causa a quem tem esse privilégio – pois é um sinal sobrenatural inconteste – como pelos dois motivos: expressar a Deus coisas que não saberíamos e também dar graças a Ele. No dia de Pentecostes, quando falavam línguas, "(...) todos os temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus" (At 2.11). Na casa de Cornélio, começaram a "falar em línguas e magnificar a Deus" (At 10.46). Além disso, "(...) o que fala língua estranha não fala aos homens, senão a Deus; porque ninguém o entende, e em espírito fala de mistérios" (1 Co 14.2). Que mistérios são esses, senão as grandezas de Deus? Quando interpretadas as línguas, pode-se saber um pouco desses mistérios. São palavras de edificação para a igreja ou, às vezes, para uma pessoa que está passando por grande sofrimento, e a palavra vem como consolo do Espírito. Pode ser o anúncio de algum acontecimento bom ou mesmo ruim.[47]

O dom de línguas não é acidental e não é mera continuação do Pentecostes, provocada por pessoas de espírito saudosista ou que gostavam de experiências extáticas e anelavam pelo sobrenatural. É algo que veio para ficar. Paulo – que defendia a glossolalia – encontra base profética para ela no Antigo Testamento ao citar o profeta Isaías: "Está escrito na lei: Por gente doutras línguas e por outros lábios, falarei a este povo; e ainda assim me não crerão, diz o Senhor" (1 Co 14.21; cf. Is 28.11,12). O próprio Paulo se gabava de falar mais línguas do que todos: "Dou graças ao meu Deus, porque falo mais línguas do que todos vós" (1 Co 14.18).

Para que a bênção das línguas não se limite à pessoa que fala, Paulo sugere que ela evite falar em público, a menos que haja intérprete, para que a pessoa que ocupa o lugar do indouto (descrente) não fique confusa, sem entender nada, e, por ouvir tantos falando aquela língua estranha ao mesmo tempo, suspeite de que estejam loucos (1 Co 14.23). Mas não é com a reputação dos crentes que o apóstolo se mostra mais preocupado nesse caso, e sim com o possível desprezo do descrente, o que aumentaria a sua condenação por não se importar com algo tão sublime e incomum. A ordem no falar – dois ou três de cada vez e, se possível, com intérprete (1 Co 14.27) – foi dada à igreja de Corinto, particularmente devido aos excessos praticados por aquela comunidade e, decerto, deve valer ainda para hoje (1 Co 14.37), sem que esse cuidado também não se torne demasiado, a ponto de extinguir essa manifestação do Espírito. No fim dessa argumentação, o apóstolo tem o cuidado de recomendar que não é por que se deve manter a ordem no culto que o falar línguas deve ser proibido (1 Co 14.39). Os mistérios estão na classe dos segredos de Deus com os Seus filhos: "O segredo do SENHOR é para os que o temem; e ele lhes fará saber o seu concerto" (Sl 25.14).

---

47. Como experimentou o falecido pastor David Wilkerson. Dias antes da destruição das torres gêmeas em Nova Iorque, o Senhor lhe deu uma palavra antecipada sobre um terrível acontecimento em sua cidade, e ele a divulgou.

Mas, do mesmo modo como Paulo se preocupa com os indoutos, caso todos falem ao mesmo tempo sem que haja intérprete, ele diz que as línguas são um sinal para eles: "De sorte que as línguas são um sinal, não para os fiéis, mas para os infiéis (...)" (1 Co 14.22). De que modo as línguas constituirão sinal para os infiéis? É que, de algum modo, as línguas provocarão o raciocínio dos descrentes. Terão de perguntar o que significa aquilo, assim como aconteceu em Pentecostes. Os que eram atraídos pelo ambiente extático perguntavam: "Que quer isto dizer?" (At 2.12). Como não imaginar que algo incomum esteja ocorrendo? E que algo incomum é esse que leva as pessoas a falarem línguas desconhecidas, num ambiente de culto; sobretudo, quando alguém tem ainda a capacidade de interpretar? As línguas constituem, evidentemente, um sinal do sobrenatural, responsabilizando ainda mais o descrente a crer e a render-se. Esse dom é dispensado a todos, igualmente, e podem falar: "Eu quero que todos vós faleis línguas estranhas (...)" (1 Co 14.5). Esse incentivo mostra que o apóstolo não estabelece restrição nem suspeita de que esse dom tenha procedência demoníaca, como já denunciamos anteriormente sobre um autor que apresenta essa infame suspeita. Entretanto, não é por que todos podem falar línguas que todos as falam. Pergunta o apóstolo: "Falam todos diversas línguas?". Qual é a resposta óbvia? Não. Nem todos falam. Deus distribui os diversos dons do Espírito ao Corpo, que é a Igreja; dando um ou mais dons a quem quer, diversificando-os entre os membros da Igreja. Por isso, ninguém deve sentir-se maior ou menor. Os dons do Espírito não são instrumentos de vanglória pessoal, nem servem para estabelecer níveis diferentes de espiritualidade. No Corpo de Cristo, toda a glória é dada a Deus.

"E a outro, a interpretação das línguas", diz o texto (1 Co 12.10). Esse não é um dom autônomo como os demais dons. O dom da interpretação está diretamente ligado ao dom da variedade de línguas.

A interpretação de línguas

"E a outro, a interpretação das línguas", diz o texto (1 Co 12.10) – ἑρμηνεία γλωσσῶν, *hermeneia glossôn*, no grego. Esse não é um dom autônomo como os demais dons. O dom da interpretação está diretamente ligado ao dom da variedade de línguas,

ou não faz sentido existir. Nem por isso deixa de ser importante e tão importante que o apóstolo faz questão de mostrar a sua necessidade no culto a Deus. Num culto público, quando alguém fala em línguas, deve haver quem as interprete (1 Co 14.5). Se, na igreja, todos falarem em línguas ao mesmo tempo, ninguém compreenderá nada, e as línguas estranhas devem ser compreendidas. "Pelo que, o que fala língua estranha, ore para que a possa interpretar" (1 Co 14.13).

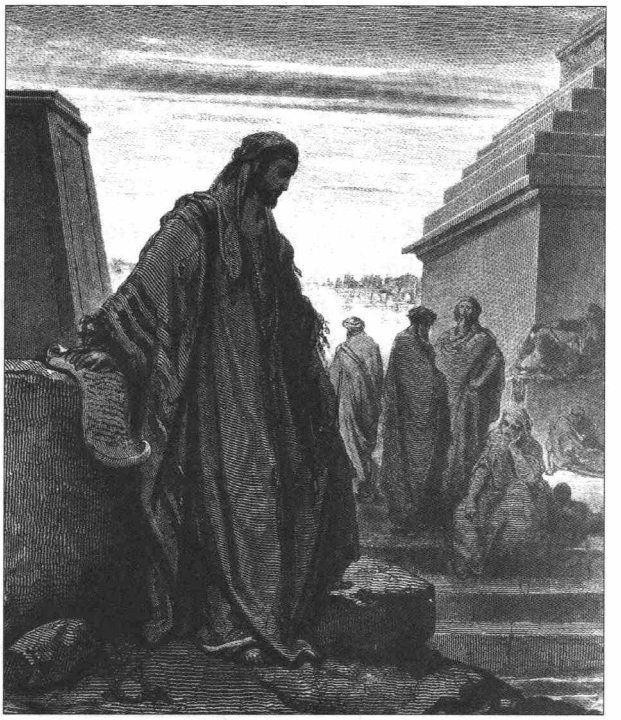
A interpretação de línguas assemelha-se ao dom da profecia, diferindo deste em alguns aspectos: a profecia tem caráter tríplice: *edificar, consolar* e *exortar* (1 Co 14.3); já a interpretação trará à luz o que alguém expressa em línguas, porque elas servem *de intercessão, louvor* e *expressão de mistério*. Paulo mostra interesse em ambos os dons: no dom da profecia e no dom da interpretação de línguas. Num culto público, a ordem e o entendimento não podem ser sufocados: "Que farei, pois? Orarei com o espírito, mas também orarei com o entendimento; cantarei com o espírito, mas também cantarei com o entendimento" (1 Co 14.15). Além do mais, parece ser um desperdício perder o que está sendo pronunciado em línguas, em razão da sua riqueza espiritual.

A interpretação na Bíblia existe para algumas ocorrências anteriores ao Pentecostes, como bem lembra R. Williams: "Nas Escrituras, há a interpretação de sonhos. José e Daniel foram ambos intérpretes de sonhos por intermédio dos quais Deus falou. O próprio Deus fazia interpretação das próprias Escrituras"[48]. A interpretação bíblica, conhecida como Hermenêutica – termo que procede do grego *hermeneia* e significa "interpretar" – é uma ciência que adota regras, levando em conta o contexto literário; o contexto histórico-cultural; a gramática; a correlação com outros textos; a época da escrita; os destinatários e, inclusive, as línguas originais: grego, hebraico e aramaico. Jesus interpretou o que as Escrituras diziam sobre Ele para os discípulos de Emaús (Lc 24.27). Mas há, excepcionalmente, o caso de uma língua estranha interpretada por Daniel. O rei Belsazar deu um banquete a mil homens importantes do seu reino. No banquete, serviu vinho nos utensílios de ouro, prata e materiais nobres, que foram trazidos do templo em Jerusalém, quando o seu pai, o rei Nabucodonosor, destruiu-o. Enquanto fazia sua festa num ambiente de pura orgia (Dn 5.3,4), apareceram "uns dedos de mão de homem" escrevendo na parede. Apavorado, o rei mandou chamar os seus sábios para que decifrassem as palavras, mas ninguém foi capaz disso. A rainha lembrou-se de Daniel e sugeriu ao rei que o mandasse chamar. Daniel começou sua fala exortando o rei pela sua exaltação, profanação do sagrado e por não dar glória a Deus (Dn 5.20,22,23). Em seguida, veio a Daniel a interpretação: "Esta, pois, é a escritura que se escreveu: (מְנֵא מְנֵא תְקֵל וּפַרְסִין) Mene, Mene, Tequel e Parsim. Esta é a interpretação daquilo: (מְנֵא) Mene: Contou Deus o teu reino e acabou. (תְקֵל) Tequel: Pesado foste na balança e foste achado em falta. (פְּרֵס) Peres: Dividido foi o teu reino

48. WILLIAMS. 2011. p. 712.

e deu-se aos medos e aos persas" (Dn 5.25-28). A língua era estranha, porém fora escrita, e não pronunciada, como seria o caso da glossolalia. De qualquer forma, percebe-se que esse relato histórico do Antigo Testamento vem confirmar o fato de que Deus também usa desse expediente (língua estranha) para comunicar algo importante.

O profeta Daniel



A interpretação de Daniel certamente não seguiu o padrão comumente usado por alguém que interpreta ou traduz uma língua estrangeira para a qual se exige habilidade, conhecimento dos termos e conhecimento gramatical. Essa é uma interpretação diferente. No caso da glossolalia, o próprio Espírito Santo dá e Ele mesmo é quem interpreta. Ao intérprete vem a palavra, do mesmo modo como vem nos lábios de quem profetiza. Isso não quer dizer que, eventualmente, o intérprete não compreenda intelectualmente as palavras que ouve em outra língua. Há casos conhecidos de intérpretes que, antes de entregarem a palavra que ouvem em mistério, compreende-as como se fossem na sua própria língua.

O dom de profecia

Encerramos com mais esse dom, da lista dos nove dons do Espírito, conforme apresentados por Paulo em sua carta aos Coríntios (1 Co 12.8-10). Como sempre, para mostrar que os dons são dados individualmente, o apóstolo sempre começa com "e a outro":"E a outro, a profecia" (1 Co 12.10). Dissertar sobre a profecia envolve mais do que um trabalho de desfazer as opiniões incrédulas dos ativistas antipentecostais em relação à atualidade dos dons do Espírito Santo; significa também lidar como outro extremo: o dos que fazem mau uso desse dom, seja em benefício próprio ou de outras pessoas, a quem querem bem, sem levar em conta a seriedade e as implicações de falar levianamente em nome do Senhor. Profetizar é "falar em nome de Deus". Esse "falar" pode se dar tanto em primeira pessoa, como "assim diz o Senhor" ou "Eu sou o Senhor que

fala convosco", ou como Ágabo: "Isto diz o Espírito Santo" (At 21.11). Na terceira pessoa, é quando o profeta diz: "O Senhor manda dizer". Os profetas são mensageiros de Deus.

Profetas do Antigo e do Novo Testamento

No Antigo Testamento, há profetas escritores e os que não escreveram. Dentre os que não escreveram, há nomes conhecidos e muitos desconhecidos. No Antigo Testamento, o profeta exerce um ofício, no Novo Testamento, o profeta exerce um dom. Ainda que, em Efésios 4.11, Paulo fale dos cinco ministérios – apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres –, ele inclui o profeta como um ministério ou ofício – distinto da ideia comum de profeta, como alguém que possui o dom da profecia. Ele está falando de uma figura ligada à do apóstolo, que ajudou a estabelecer as bases da Igreja de Cristo: "Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra de esquina" (Ef 2.20 - pode referir-se também aos escritos proféticos do AT); "O qual, noutros séculos, não foi manifestado aos filhos dos homens, como, agora, tem sido revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas" (Ef 3.5).

A profecia é superior ao dom de línguas

Não se trata de preferência pessoal, nem motivo de vanglória para os que têm o dom da profecia. A Bíblia é que afirma: "(...) Porque o que profetiza é maior do que o que fala línguas estranhas (...)" (1 Co 14.5). Paulo dava preferência a que se falassem mais profecias do que línguas estranhas no culto, porque as línguas estranhas edificam apenas quem fala, mas não trazem fruto para os demais, que não entendem o que se fala, a menos que haja interpretação: "E eu quero que vós faleis línguas estranhas; mas muito mais que profetizeis (...)" (1 Co 14.5). O apóstolo incentiva a busca desse dom, mais do que qualquer outro: "Segui o amor e procurai, com zelo, os dons espirituais, mas principalmente que profetizeis" (1 Co 14.1).

Extensivo a todos

Como os demais dons do Espírito, a profecia é também um dom extensivo. Todos os crentes podem tê-lo: "Mas, se todos profetizarem, e algum indouto ou infiel entrar, de todos é convencido, de todos é julgado" (1 Co 14.24). O apóstolo pretende estabelecer ordem no uso dos dons espirituais nos cultos da igreja de Corinto, e isso inclui também a profecia. Ele não usaria levianamente esse "todos" para dar a ideia de "alguns" ou mesmo de "muitos" se não fosse verdade, ou, então, teria de consertar essa força de expressão depois. [O ato de referir-se a] todos é a todos mesmo. Na lista dos dons, diz: "E a outro, a profecia" (1 Co 12.10). É sempre o mesmo Espírito distribuindo a cada um para o bem de todos: "Todo homem que ora ou profetiza (...). Mas

toda mulher que ora ou profetiza (...)" (1 Co 11.4,5). Esses versículos, mais uma vez, confirmam a abrangência do dom profético (todos podem), e há indistinção entre homens e mulheres.

Um dom sujeito à autoridade

O profeta não pode ter a presunção de usar de autoridade sobre ninguém pelo fato de ser portador de um dom que, em si mesmo, é maior do que os outros. O apóstolo Paulo fala sobre a autoridade ministerial como autoridade superior na Igreja de Deus. O profeta – como é chamado quem tem o dom da profecia (1 Co 12.29) – está abaixo da autoridade ministerial. Paulo deixa isso bem claro no texto em que apresenta a lista dos dons espirituais: "E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente, apóstolos, em segundo lugar, profetas, em terceiro, doutores, depois, milagres, depois, dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas" (1 Co 12.28). Essa hierarquização dos dons visava, particularmente na igreja de Corinto, pôr as coisas nos seus devidos lugares, certamente porque alguns se valiam dos seus respectivos dons para prevalecer em autoridade sobre os outros.[49] Já para o final da sua instrução sobre o uso dos dons, o apóstolo mostra-se ainda mais impositivo: "Se alguém cuida ser profeta ou espiritual, reconheça que as coisas que vos escrevo são mandamentos do Senhor" (1 Co 14.37).

A profecia não é maior que as Escrituras

A autoridade bíblica está acima de tudo e de todos. Ela é a fonte de toda a revelação, e tudo deve ser conferido nela (At 17.10,11). A profecia tem uma finalidade específica, como veremos mais adiante, porém nunca, sob pretexto algum, pode ela ter a presunção de sobrepujar as Escrituras Sagradas; antes, deve ser julgada a partir delas: "Se alguém falar, fale segundo as palavras de Deus" (1 Pe 4.11). "Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça" (2 Tm 3.16). O apóstolo Pedro faz alusão aos profetas bíblicos quando recomenda que os tais sejam acatados com segurança: "E temos, mui firme, a palavra dos profetas, à qual bem fazeis em estar atentos, como a uma luz que alumia em lugar escuro, até que o dia esclareça, e a estrela da alva apareça em vosso coração, sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação; porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo" (2 Pe 1.19-21).

---

49. No meio pentecostal, às vezes, há casos de profetas que enfrentam o ministério da igreja; outros ainda mais ousados querem dirigir a cabeça do pastor com palavras de profecias. A Igreja de Jesus não pode abrir mão da Palavra de Deus escrita: a Bíblia Sagrada. Ali está a autoridade maior, e toda profecia deve estar em acordo com ela.

A função tríplice da profecia

Pela função tríplice da profecia, pode-se compreender qual a finalidade de sua ocorrência na Igreja de Cristo: "Mas o que profetiza fala aos homens para edificação, exortação e consolação" (1 Co 14.3).

Edificação – οἰκοδομεῖ, *oikodómèn.* "O que fala língua estranha edifica-se a si mesmo, mas o que profetiza edifica a igreja" (1 Co 14.4). Quem profetiza fala aos homens. Uma profecia acusatória descaracteriza por completo essa característica de edificar, podendo ser julgada, de pronto, como falsa.

Exortação – παράκλησιν, *paráklesin.* A exortação, diferentemente do que em geral se entende – repreensão, julgamento, condenação – tem o sentido próximo de consolar. Significa, mais precisamente, encorajar.

Consolação – παραμυθίαν, *paramuthían.* Trazer consolo a quem está triste, abatido por alguma razão.

Tipos de profetas no passado

"Havendo Deus, antigamente, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos, nestes últimos dias, pelo Filho" (Hb 1.1). O ministério profético no Antigo Testamento era abundante; mas, depois que Jesus veio ao mundo, aquele ministério cessou. As profecias que temos hoje não têm as mesmas características das profecias do Antigo Testamento, embora se pareçam em muitos aspectos. Entretanto, para melhor compreendermos, é importante que tenhamos uma noção de como era a profecia no Antigo Testamento, que tipos de profetas havia, e como atuou cada profeta no seu momento histórico.

Profetas orais

Os profetas orais traziam mensagens faladas, não deixaram nada escrito, e, se escreveram alguma coisa, seus escritos se perderam e não fazem parte do Cânon Sagrado (a Bíblia). Foram muitos os profetas orais. Alguns se tornaram bem conhecidos devido à sua importância na história bíblica, como Arão (Êx 7.1), Natã (2 Sm 7.2), Elias (2 Cr 21.12), Eliseu (2 Rs 9.1) e outros mais. No Novo Testamento, temos João Batista – embora o seu ministério encerre o profetismo do Antigo Testamento (Lc 16.16). Seu ministério foi importante, mas não deixou nada escrito. O mesmo pode-se dizer de Ágabo, que é chamado de profeta (At 21.10).

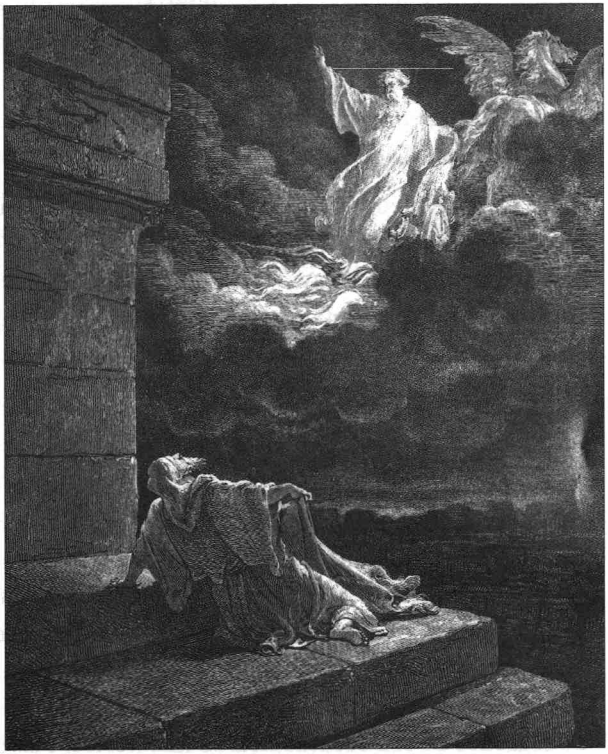
Profetas verbais

Os profetas verbais ou literários são os profetas que escreveram; seus escritos estão incluídos no Cânon Sagrado (a Bíblia). Seus livros estão classificados entre os proféticos, sejam *maiores,* sejam *menores.* Entretanto, há profetas, como Moisés e Samuel, que estão em outras categorias. O profeta Moisés (Dt 34.10) tem os seus escritos clas-

sificados como Leis (Torá ou Pentateuco). O mesmo acontece com o profeta Samuel (1 Sm 3.20), que deixou dois livros que levam o seu nome, porém estão classificados na categoria dos livros históricos, e não proféticos.

Profetas videntes e não videntes

O profeta vidente é aquele que tem os olhos abertos para o sobrenatural. O termo hebraico הָרֹאֶה, *hā·rō·ʾeh*, significa "aquele que vê" ou "vidente" (1 Cr 29.29). O profeta vidente pode ver o mundo espiritual do mesmo modo como vê o mundo natural. Dentre eles, estão Balaão – embora a Bíblia não o considere um bom profeta (Nm 22.31; cf. 2 Pe 2.15); Samuel, que era vidente (1 Sm 9.9); Gade (2 Cr 29.25); Eliseu, que enxergava coisas que outros não viam, como o traslado de Elias para o céu num carro de fogo – coisa que os alunos da escola de profetas não viram (2 Rs 2.10); pôde ver Geazi, quando pedia dinheiro a Naamã, embora não estivesse junto dele; podia ver as tramas do rei da Síria contra Israel, mesmo dentro do seu quarto etc. Isaías viu, com nitidez, o retorno dos judeus do cativeiro babilônico e ainda citou o nome do rei Ciro quase 200 anos antes de o fato ocorrer (Is 45.1). Já alguns profetas, os não videntes, falavam segundo o mandado do Senhor, sem que tivessem olhos para ver o sobrenatural, como, por exemplo, João Batista. Em Israel, esperava-se também que os sumos sacerdotes fossem capazes de profetizar, embora não se esperasse deles o mesmo que normalmente se esperava de um profeta oficial. O *Urim e Tumim* que carregavam nas vestes sacerdotais eram usados para consultar ao Senhor e obter dele alguma palavra ou direção. De acordo com a tradição judaica, eram usados para conhecer a vontade de Deus.



Elias sendo transladado

Profetas pré e pós-cativeiro

O cativeiro babilônico marcou decisivamente a história da nação hebreia. Os profetas pré-cativeiro são todos aqueles que anunciaram a invasão babilônica sobre Judá. Entre estes, estão Isaías, Jere-

mias e os nove primeiros profetas menores. Os profetas pós-cativeiro são Ageu, Zacarias e Malaquias. Os profetas Daniel e Ezequiel escreveram durante o cativeiro na Babilônia.

Profetas verdadeiros e falsos

Entre o povo de Deus, tanto do reino do Sul (Judá) como do reino do Norte (Israel), vez ou outra surgia alguém para profetizar mentiras. Alguns desses profetas mentirosos eram contratados pelo rei, a fim de proferir palavras do seu interesse, na esperança de não sofrer algum tipo de oposição entre o povo.

Nos dias de Jeremias, por exemplo, houve profetas falsos. Jeremias profetizava sobre a invasão babilônica na terra e advertia tanto o rei como a nação a não oferecerem resistência, para não acarretar mais problemas. Jeremias avisava que seriam levados em cativeiro e que ficariam 70 anos nas mãos deles. Os falsos profetas do rei negavam a profecia de Jeremias. Quando os babilônios começaram a fazer suas primeiras incursões, os falsos profetas, não tendo mais como negar o fato, amenizavam, dizendo que, de fato, os babilônios viriam, porém eles padeceriam nas mãos deles por apenas dois anos (Jr 28.10-17). Além de Hananias, levantou-se também o profeta Semaías para proferir mentiras; porém, Jeremias o enfrentou (Jr 29.24-28). Jesus fez severas advertências sobre os falsos profetas (Mt 7.15; 24.11). Os falsos profetas valorizavam mais as cerimônias do que um relacionamento sincero com Deus. Cumprir os rituais do culto sagrado e observar o calendário bastava para eles. Mas não era assim que Deus queria relacionar-se com eles e com o Seu povo.

A procedência das profecias

O povo de Deus está sempre ávido por ouvir a Sua voz por meio da qual possa renovar a esperança. Deus está sempre disposto a falar e tem as suas formas de fazê-lo. É claro que a Sua Santa Palavra, a Bíblia Sagrada, é o meio pelo qual o Senhor está sempre pronto para falar; entretanto, sabemos também que Deus utiliza outros meios, como: sonho (Mt 27.19), visão (At 10.3; 16.9), sinais (Hb 2.4) e profecia, conforme estamos estudando especificamente.

Procedência divina

O que se espera sempre é que toda profecia venha de Deus. Assim é com o dom da profecia: "Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil. Porque a um, pelo Espírito, é dada (...) a profecia" (1 Co 12.7,8,10). Se é pelo Espírito, então, temos de contar com isso. As profecias do Novo Testamento faziam parte do culto a Deus, conforme já vimos, e elas tinham procedência divina, sendo inconfundíveis quanto ao seu conteúdo (1 Co 12.3), e serviam para testificar da presença de Deus no ambiente: "Os segredos do seu coração ficarão manifestos, e assim, lançando-se sobre o seu rosto, adorará a Deus, publicando que Deus está verdadeiramente entre vós" (1 Co 14.25).

Procedência maligna

A profecia deve ter origem em Deus, mas ela também pode ter origem tanto no homem como no diabo. Um exemplo disso: o rei de Israel, Acabe, convidou o rei de Judá, Josafá, para associar-se com ele numa guerra contra os sírios. A pedido de Josafá, o rei consultou os seus profetas, e todos profetizaram segundo a intenção do rei. Todos diziam que ele venceria a guerra. Josafá insistiu, ainda, em chamar mais um profeta. O que restava era Micaías, justamente um profeta que, diferentemente dos demais, falava a verdade conforme o Senhor lhe instruía. Acabe, desgostoso com o pedido, mandou chamar Micaías, que lhe disse a verdade: "Então, disse ele: Vi todo o Israel disperso pelos montes, como ovelhas que não têm pastor; e disse o Senhor: Estes não têm senhor; torne cada um em paz para sua casa" (1 Rs 22.17). Essa não era a profecia que Acabe queria ouvir. Micaías continuou dizendo que teve uma visão de Deus e, por meio dela, ficou sabendo que o Senhor mandara um espírito de mentira que se dispôs a usar todos os seus profetas: "Então, saiu um espírito, e se apresentou diante do Senhor, e disse: Eu o induzirei (...). Eu sairei e serei um espírito de mentira na boca de todos os seus profetas (...)" (1 Rs 22.21,22). A mesma coisa pode acontecer ainda hoje. Paulo adverte: "Não deis lugar ao diabo" (Ef 4.27). Tem havido casos em que pessoas entram em grupo de três ou quatro num culto. Um deles prorrompe em profecia em tom condenatório e intimidador. Se esse "profeta" é interrompido pelo pastor, levanta-se o segundo e, no caso de ser interrompido, levanta-se o terceiro, depois o quarto. Trata-se de um espírito diabólico para confundir o povo e jogar a igreja contra a liderança. "Mas o Espírito expressamente diz que, nos últimos tempos, apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios" (1 Tm 4.1). Há também relatos de pessoas idólatras, ou pagãs (frequentadoras de terreiros de umbanda), que adentram em um culto evangélico e profetizam. Se não corrêssemos esse risco, não haveria necessidade do dom de discernimento de espíritos (1 Co 12.10).

Procedência humana

O profeta Jeremias debateu muito contra os profetas do seu tempo, os quais apoiavam o rei e a nação nos seus erros. A nação estava afundada em pecado e, tanto os profetas como os sacerdotes eram cúmplices daquela situação (Jr 23.10,11). Solidários aos pecados do povo, profetizavam, não segundo a palavra que recebiam de Deus, mas segundo o próprio coração deles: "Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Não deis ouvidos às palavras dos profetas que entre vós profetizam; ensinam-vos vaidades e falam da visão do seu coração, não da boca do SENHOR" (Jr 23.16). Cometiam o pecado recorrente de muitos profetas de hoje: usavam o nome do Senhor para endossar suas próprias falas: "Não mandei os profetas; todavia, eles foram correndo; não lhes falei a eles; todavia, eles profetizaram" (Jr 23.21 cf. 14.14). "Eis que eu sou contra os profetas, diz o SENHOR, que usam de sua língua e dizem: Ele disse" (Jr 23.31).

É grande a responsabilidade de falar alguma coisa em nome do Senhor quando Ele não mandou dizer nada. Entretanto, há muita gente, ainda hoje, usando esse expediente. Uns profetizam para intimidar pessoas, fazendo prevalecer sobre elas os seus interesses. Pessoas incautas e sem o devido discernimento se submetem. Outras, sempre bem intencionadas, dizem palavras de otimismo e encorajamento, apontando sempre para o caminho da felicidade. Profetiza-se a paciente terminal que ainda não é chegada a sua hora, e que o Senhor tem um grande plano para com ele. A pessoa morre e o tal profeta justifica-se, dizendo: "O Senhor falou, mas ela não creu, por isso morreu". O fato é que Deus não falou! Profecias solidárias encorajam pessoas a tomarem decisões sérias, que acabam, muitas vezes, tornando-se em frustração. Por mais bem-intencionado que esteja o profeta, se ele receber uma palavra do Senhor, que se limite a dizer somente aquilo; e, se não receber nenhuma palavra, ele não tem de profetizar para manter o *status* de profeta. Tais profetas são estimulados por aqueles que sempre esperam "uma palavra do Senhor" por intermédio deles. Pior ainda é que não dá para imaginar até onde isso pode levar. Na igreja de Tiatira, havia uma mulher que utilizava sua profecia para seduzir os homens da igreja a se prostituírem e participarem de festas pagãs (Ap 2.20). As coisas de Deus são santas, sérias e verdadeiras!

A profecia pode ser preditiva

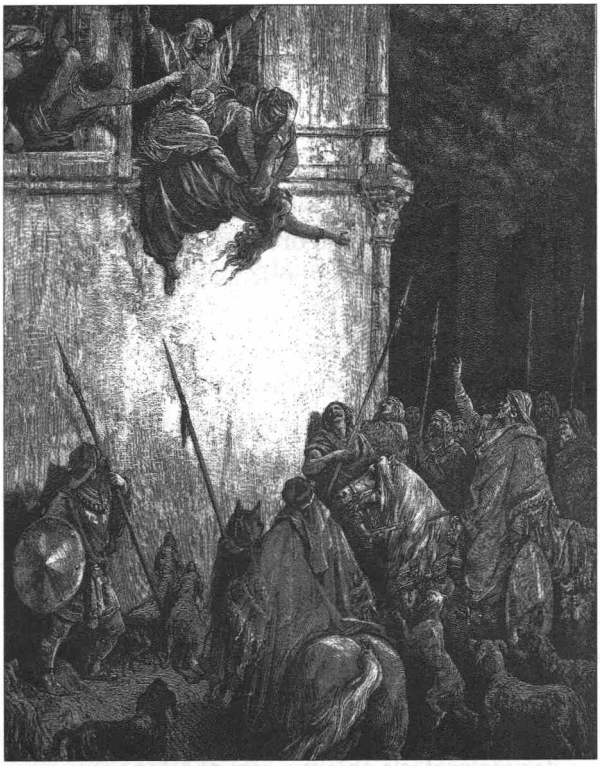
A profecia também pode ter caráter preditivo. Isso era comum nas profecias do Antigo Testamento. Normalmente as profecias eram seguras em suas predições porque o cumprimento era fatal. Normalmente os profetas do Antigo Testamento – tanto os profetas maiores como os profetas menores – vaticinavam alguma bênção ou juízo divino sobre o povo rebelde. Alguns desses vaticínios não se cumpriam se o povo se humilhasse, como ocorreu em Nínive. A profecia de que Nínive seria destruída em "quarenta dias" não se cumpriu (Jn 3.4,10), e isso deixou o profeta Jonas desapontado com Deus; mas o Senhor levou em conta o arrependimento da nação (Jn 4.1). Há também palavra profética do Antigo Testamento em pendência. O próprio Deus fez uma promessa a Abraão sobre o alcance da terra que os seus descendentes possuiriam, mas, até hoje, os judeus não atingiram todo o território prometido (Gn 15.18). Israel nunca estendeu o seu território do Egito até o Eufrates, na Mesopotâmia. O que houve, Deus mentiu? Certamente não. Esta é uma profecia que clama pelo cumprimento, o qual certamente se dará depois que Israel experimentar o seu tempo de prova na Grande Tribulação e o Senhor estabelecer o Seu Reino milenar na terra. Uma das razões por que haverá Milênio: nesse tempo, o Senhor cumprirá as promessas que ainda não se cumpriram.

Profecias do Antigo Testamento

As predições do antigo Testamento normalmente se cumpriam na íntegra. Josué vaticinou o fatídico futuro de quem reconstruísse a cidade de Jericó: seu filho mais velho

morreria (Js 6.26). Muitos anos depois, Hiel a reconstruiu e a profecia de Josué se cumpriu. Abirão, o primogênito de Hiel, morreu (1 Rs 16.34). Um profeta novo foi a Betel, no Norte do país, e, diante do altar em que o rei Jeroboão queimava incenso, o profeta vaticinou: "Altar, altar! Assim diz o SENHOR: Eis que um filho nascerá à casa de Davi, cujo nome será Josias, o qual sacrificará sobre ti os sacerdotes dos altos que queimam sobre ti incenso, e ossos de homens se queimarão sobre ti" (1 Rs 13.2). A profecia se cumpriu na íntegra: "E também o altar que estava em Betel e o alto que fez Jeroboão, filho de Nebate, que tinha feito pecar a Israel, juntamente com aquele altar, também o alto derribou; queimando o alto, em pó o desfez e queimou o ídolo do bosque. E, virando-se Josias, viu as sepulturas que estavam ali no monte, e enviou, e tomou os ossos das sepulturas, e os queimou sobre aquele altar, e assim o profanou, conforme a palavra do SENHOR, que apregoara o homem de Deus, quando apregoou estas palavras" (2 Rs 23.15,16). Elias profetizou que os cães comeriam a carne da rainha Jezabel: "E também acerca de Jezabel falou o SENHOR, dizendo: Os cães comerão Jezabel junto ao antemuro de Jezreel" (1 Rs 21.23). A profecia se cumpriu: "E foram para a sepultar; porém não acharam dela senão somente a caveira, e os pés, e as palmas das mãos. Então, voltaram e lho fizeram saber; e ele disse: Esta é a palavra do SENHOR, a qual falou pelo ministério de Elias, o tisbita, seu servo, dizendo: No pedaço do campo de Jezreel, os cães comerão a carne de Jezabel" (2 Rs 9.35,36). Como estas, há muitas outras, as quais poderíamos apresentar aqui como evidência de que as profecias da parte de Deus sempre se cumpriram na íntegra.

A morte de Jezabel



Profetas do Novo Testamento

No Novo Testamento, algumas pessoas foram conhecidas por causa do dom da profecia, tais como as quatro filhas de Filipe (At 21.9). Não há transcrita nenhuma

profecia proferida pelas filhas de Filipe, apenas a menção de que elas profetizavam. Às mulheres, era vedado o direito de exercer autoridade na Igreja, mas lhes era permitido profetizar. Há também menção do profeta Ágabo, com duas profecias: a primeira, referente a um tempo de fome que haveria em todo o mundo. O mesmo versículo confirma o cumprimento da profecia nos dias de Cláudio César (At 11.17,18). A outra profecia diz respeito a uma prisão que o apóstolo Paulo sofreria em Jerusalém (At 21.10,11). Na igreja de Antioquia, havia "alguns profetas" (At 13.1). Outro exemplo é o de Éfeso, quando Paulo orou sobre os discípulos para que eles recebessem o Espírito Santo, falassem línguas e profetizassem (At 19.6). Além de sabermos que havia profetas na igreja de Corinto, conforme tudo o que estudamos sobre os capítulos 12 e 14 da primeira carta, Pedro também nos dá a entender que havia profetas nas igrejas para as quais destina sua primeira carta: "Se alguém falar, fale segundo as palavras de Deus" (1 Pe 4.11). Tessalônica contava com profetas, por isso o apóstolo Paulo recomenda que as profecias não sejam desprezadas, para o Espírito não fosse apagado (1 Ts 5.19-22). Na igreja de Tiatira, estava Jezabel, uma mulher que se dizia profetisa (Ap 2.20). Há também Barjesus, o falso profeta da ilha de Pafos (At 13.6). Esses casos, exceto os dois últimos, servem para confirmar e consolidar a certeza de que o dom de profecia era comum em todas as igrejas do passado.

A profecia limpa

Por profecia limpa refiro-me à profecia exata, sem interferência do profeta. Trata-se de uma profecia objetiva, sem rodeios e sem erros no seu cumprimento. Essa adjetivação (limpa) é distintiva devido ao fato de que nem todas as profecias que se ouve são totalmente isentas de participação humana. Muitas delas são verdadeiras.[50] Conforme vimos anteriormente, as profecias podem ter origem em Deus, no diabo e no homem. Mas, até mesmo na profecia que tem origem em Deus, há grandes possibilidades de ela carregar consigo um pouco do elemento humano. Isso é possível quando o profeta recebe uma mensagem de Deus e a interpreta segundo o seu coração. Na hora de transmiti-la, ele pode incluir algo do seu sentimento nela. Wayne Grudem chama a nossa atenção para a segunda profecia de Ágabo.

Ágabo profetizou: "E, demorando-nos ali por muitos dias, chegou da Judeia um profeta, por nome Ágabo; e, vindo ter conosco, tomou a cinta de Paulo e, ligando-se os seus próprios pés e mãos, disse: Isto diz o Espírito Santo: Assim ligarão os judeus, em Jerusalém, o varão de quem é esta cinta e o entregarão nas mãos dos gentios" (At 21.10,11). O fato é que não foram os judeus, mas os romanos (gentios) que amarraram Paulo (At 21.33). Os judeus entregaram Paulo aos gentios, mas, na verdade, eram eles que queriam matá-lo, e os gentios salvaram-no (At 22.22; 23.12,15,22-24). Não se pode negar que houve esses dois pequenos equívocos na profecia. Grudem diz:

---

50. O que, infelizmente, pressupõe a recíproca: profecias não verdadeiras.

> Portanto, parece que a melhor solução é dizer que Ágabo teve uma revelação do Espírito Santo quanto ao que aconteceria a Paulo em Jerusalém e verbalizou a profecia, incluindo sua interpretação (e, portanto, alguns erros na exatidão dos detalhes) do que foi revelado.[51]

É possível, portanto, que o elemento humano se misture na interpretação da mensagem, acrescentando algum detalhe que não corresponde exatamente a todo o fato em si. O mais importante é considerar que a profecia de Ágabo foi preditiva e se cumpriu no seu propósito principal. Ela, em primeira instância, serviria para dar a Paulo a opção de não ir a Jerusalém e livrar-se dos sofrimentos que ali o aguardavam. Os irmãos também suplicaram a ele para que não fosse, mas, apesar do aviso, ele preferiu partir: "Mas Paulo respondeu: Que fazeis vós, chorando e magoando-me o coração? Porque eu estou pronto não só a ser ligado, mas ainda a morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus" (At 21.13).

Este é um exemplo bíblico; porém, há muitos na prática que vêm com as mesmas características: a verdade principal, contendo, às vezes, detalhes que não se cumprem. Não se pode dizer que o diabo esteja metido nisso quando sabemos que o profeta é homem ou mulher temente a Deus, mas deve-se entender, no caso de detalhes que não se cumprem, que se trata de algum sentimento do profeta que vaza com a mensagem principal. "E os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas" (1 Co 14.32). Isto significa que quem profetiza deve esmerar-se no dom, através de oração e do exercício do cuidado, para entregar somente o que recebe, ainda que sejam apenas duas ou três palavras.

Não deve ser desprezada

Devido ao fato de muitos irmãos fazerem uso indevido da profecias, a ponto de serem desacreditadas, em muitos círculos pentecostais, elas nem sequer são permitidas. Biblicamente falando, essa postura não é correta: "Não desprezeis as profecias. Examinai tudo. Retende o bem" (1 Ts 5.20,21). Claro que é preciso tomar muito cuidado, sobretudo quando algum estranho diz uma profecia suspeita no meio do culto. Se não houver cuidado, o ambiente se torna tumultuado e as pessoas acabam passando por constrangimento. A Igreja faz bem em orar e em buscar dos dons do Espírito, porque isso não é uma opção, é uma recomendação bíblica como já demonstramos muitas vezes aqui (1 Co 14.1,5,13,39). Deus, algumas vezes, quer falar com o Seu povo por esse meio. Por que não dar crédito?

---

51. GRUDEM, Wayne. O dom de profecia. São Paulo: Editora Vida, 2004. p. 100.

Deve ser avaliada

No Antigo Testamento, o profeta devia ser julgado: "Porém o profeta que presumir soberbamente de falar alguma palavra em meu nome, que eu lhe não tenho mandado falar, ou o que falar em nome de outros deuses, o tal profeta morrerá. E se disseres no teu coração: Como conheceremos a palavra que o SENHOR não falou? Quando o tal profeta falar em nome do SENHOR, e tal palavra se não cumprir, nem suceder assim, esta é palavra que o SENHOR não falou; com soberba a falou o tal profeta; não tenhas temor dele" (Dt 18.20-22). No Novo Testamento, a instrução é para que se julgue, não o profeta, mas a profecia: "E falem dois ou três profetas, e os outros julguem" (1 Co 14.29). Se a profecia não cumprir sua função tríplice: edificar, exortar e consolar, antes, tiver um papel diferente, está claro que ela é suspeita. Além disso, deve estar em harmonia com a Palavra de Deus. Citando uma experiência minha, pessoal, lembro-me de que eu pregava num congresso de jovens, muitos anos atrás, quando fui interrompido por uma jovem que não participava do grupo dos jovens. Ela estava separada. A moça prorrompeu numa mensagem dura contra os jovens, acusando-os de pecado. Já dava para perceber, pelo tipo de mensagem que ela entregava, que algo estava errado, além, é claro, de haver interrompido o pregador, em total desrespeito e falta de ordem. Quando ela disse: "é como diz a minha Palavra: quem não vem pelo amor, vem pela dor", eu a interrompi, educadamente pedindo que ela parasse, e acrescentei: "de acordo com a Bíblia, temos o dever de julgar a profecia e eu me vejo no direito de fazer isso agora, mesmo porque, fui interrompido. Quero dizer que em nenhum lugar da Bíblia está escrito que quem não vem pelo amor, vem pela dor. Essa expressão é folclórica. Peço à irmã que ore para que Deus aperfeiçoe a sua profecia, já que a irmã tem o desejo de ser profeta; mas tenho o dever de dizer que Deus não falou pela sua boca".

Pode vir embutida na pregação

A profecia não tem de ser uma experiência apenas extática. Ela também pode, ocasionalmente, vir embutida numa pregação. Carson diz:

> Suspeita-se, então, que a profecia pode ocorrer com mais frequência do que se reconhece nos círculos não carismáticos e com menos frequência do que se reconhece nos círculos carismáticos. Podemos felizmente concordar que a pregação não pode ser identificada com a profecia, mas qual é o pregador que nunca experimentou, depois de um preparo detalhado para a exposição bíblica, ser interrompido no desenvolvimento de sua pregação com um pensamento novo e poderoso, interrompendo-o e insinuando-se em sua mente, até que o pregador abra espaço para ele e o incorpore em sua mensagem – tudo isso para descobrir, depois do culto, que tal

> inserção parece ter sido a porção que mais tocou as pessoas e que mais foi ao encontro de suas necessidades? Muitos carismáticos chamariam essa mesma experiência de "profecia".[52]

No meio pentecostal, a palavra profética inserida na pregação é reconhecida. Além do modo como a palavra profética se manifesta na pregação, conforme a excelente observação de Carson, pode também ocorrer de uma mensagem profética, direta e exclusiva pelos lábios do pregador. Peço licença ao leitor para compartilhar algo que eu mesmo vivi há alguns anos. Enquanto eu pregava uma mensagem em João 15, sobre a videira verdadeira, no púlpito da nossa igreja, surpreendi-me com umas palavras que, de repente, saíram dos meus lábios e me deixaram muito preocupado. Num rompante, eu disse: "E preparem-se, pois, ainda esta semana, o Senhor colherá uma flor deste Seu jardim". O que significavam tais palavras, que alguém iria morrer? Certamente. Mas eu não entendi por que eu disse aquilo. Apesar de ser pentecostal, eu pregava a mensagem com a mais absoluta serenidade. Minhas emoções não estavam alteradas. Fui para casa pensando naquilo. Lá pela meia-noite, ligou-me um dos pastores auxiliares, dizendo: "O que foi aquilo, pastor Walter?" Ao que eu simplesmente respondi: "Não sei, não sei". A pergunta me deixou ainda mais nervoso. Ajoelhei-me antes de dormir e disse a Deus: "Senhor, eu não entendi por que eu disse aquilo. Se morrer alguém, isso não é bom. Se não morrer, também não é, porque eu não passarei de um falso profeta". Que pavor! Então, pedi a Deus que me ajudasse, e orei: "Senhor, se falei por impulso irresponsável, primeiramente, me perdoa e; por favor, apaga da memória do teu povo aquelas palavras; mas se foi mesmo o Senhor, ajuda-nos a enfrentar o luto, seja lá de quem for" (e no fundo, sinceramente, eu esperava que não fosse ninguém da minha família). Deus, na

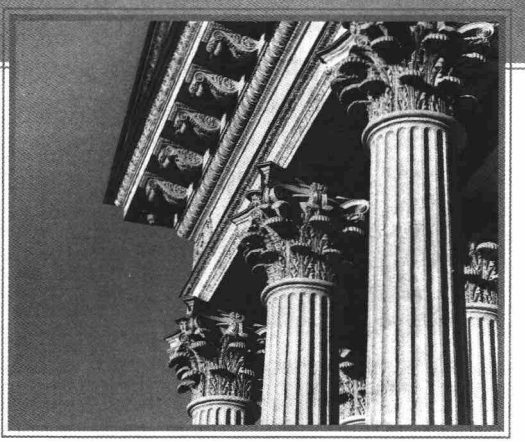
No meio pentecostal, a palavra profética inserida na pregação é reconhecida. Além do modo como a palavra profética se manifesta na pregação, conforme a excelente observação de Carson, pode também ocorrer de uma mensagem profética.

52. CARSON, D. A. *A manifestação do Espírito*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2013. p. 171.

Sua graça, fez alguém esquecer: eu mesmo. Na sexta-feira, recebi a ligação de uma irmã querida, dizendo: "Pastor, a minha mãe foi levada às pressas para o hospital. Ela está enfartando". Corri para o hospital. A filha, que era médica, veio ao meu encontro para trazer a notícia: "pastor Walter, acabo de assinar o atestado de óbito da minha mãe". Lembrei-me da profecia. Pedi licença àquela irmã. Não posso negar que fui tomado de felicidade. Eu dizia: "Yes, yes, o Senhor cumpriu a palavra!".

Vamos aos detalhes agora. A irmã tinha mais de 80 anos de idade. Ela já havia vivido bem. Em seguida, fui a casa, juntamente com a filha, para buscar alguns documentos. Lá, encontramos uma carta escrita pela irmã que faleceu, dizendo: "filha, eu serei recolhida nos próximos dias. Domingo, o Senhor falou comigo pelos lábios do pastor Walter. Já entrei em contato com o crematório da cidade e o preço é *tanto*. Não precisa gastar dinheiro para me enterrar". Diante disso, eu liguei para o meu pastor auxiliar. Primeiro dei a notícia sobre a morte em cumprimento à profecia, depois, pedi a ele que comprasse imediatamente uma tumba coletiva para a igreja em um cemitério evangélico da cidade, a fim de sepultarmos a irmã. Teria sido coincidência a profecia e a morte? Nossa igreja não é tão pequena, mas felizmente não é sempre que morre alguém e justamente naquela semana, conforme fora dito pelos meus lábios! E por que ela estava segura de que a mensagem era para ela, apesar de estar muito bem de saúde? Quanto a mim, não se preocupem caso queiram convidar-me para pregar em sua igreja. Não é comum sair dos meus lábios profecia desse tipo!

UMA AVALIAÇÃO GERAL DE 1 CORÍNTIOS 14



Nesse texto, o apóstolo Paulo esmera-se por corrigir os coríntios quanto à maneira como cultuavam a Deus, fazendo uso desordenado dos dons espirituais. A riqueza de detalhes é grande e fornece muito material para os estudiosos da *pneumatologia*, tanto os pentecostais como os não pentecostais. É um texto recorrente, porque lida especialmente com os dons de locução: *línguas estranhas, interpretação das línguas* e *profecia*. Não se pode estudar essa categoria de dons espirituais sem ver o que o apóstolo Paulo tem a dizer sobre eles.

Depois de ler o que dizem os teólogos reformados, alguns dos quais, totalmente contrários à posição dos pentecostais, observo algumas coisas que chamam fortemente a minha atenção: é a postura deles, tanto em relação ao texto como em relação aos pentecostais. Noto haver um grande esforço da parte deles para afastar as evidências dos dons a fim de pôr ênfase na ordem. Buscam nas entrelinhas alguma coisa que avilte a importância dos dons em si mesmos. Não percebem quão indiscretos se tornam nessa empreitada, a ponto de dar a impressão de que, se pudessem, arrancariam do texto sagrado algumas palavras empregadas pelo apóstolo, nas quais ele incentiva a busca e o uso dos três dons de locução. Em suma, fica escandalosamente claro que, neste

Apóstolo Paulo

texto, eles valorizam mais a forma do que o conteúdo. O que impediria Paulo de acabar com aquilo se quisesse? Será que ele não dispunha de autoridade apostólica suficiente? Sobretudo, é claro, se tais dons não fossem mais necessários, afinal, já havia passado alguns anos desde o Pentecostes. E por que não o fez? Porque estava certo de que aqueles dons não eram resultado de emocionalismo; não eram fruto de fanatismo religioso, nem de leviano entusiasmo pelo sobrenatural: era algo absolutamente divino, independendo da vontade humana. Paulo sabia em que terreno pisava.

Parece que a ordem aqui está invertida: os antipentecostais veem no texto o que os pentecostais deveriam ver, enquanto aqueles deixam de ver o que os pentecostais mais veem. Está na hora de os pentecostais atentarem mais para as instruções sobre a ordem do uso dos dons durante os cultos, e de os antipentecostais enxergarem mais os dons, cuja existência e importância são a razão do próprio texto. Há três tipos de posturas em relação ao texto: a dos continuístas (pentecostais), para os quais essa passagem bíblica vem para valorizar ainda mais os dons, a fim de que não sejam banalizados, afinal, são nobres demais para que não sejam bem aplicados; a dos cessacionistas (antipentecostais), que chegam a menosprezar os dons em favor da ordem no culto; e a dos conformistas, que até aceitam a atualidade dos dons, mas não veem neles grande importância, ou seja, que a igreja pode viver muito bem sem eles.

Se eu não fosse pentecostal, talvez não me sentisse tão à vontade para reivindicar uma melhor postura do meu povo; mas, como sou, sinto-me, não somente à vontade, como também no dever de me pronunciar a respeito do modo como lidamos com os dons, especialmente os dons de locução em nossos cultos. Começo dizendo que estamos em falta com a Bíblia! No pentecostalismo clássico, a glossolalia ocorre com frequência nos cultos, exceto nas igrejas mais antigas e amadurecidas na fé. Os cultos, em geral, são barulhentos e espantosos para quem vem de fora e não conhece nada. Paulo tinha razão ao dizer: "Não dirão, porventura, que estais loucos?" (1 Co 14.23), mas quem está se importando com isso? Há, sem dúvida, uma acomodação histórica que, para ser mudada, custaria um penoso processo de reeducação, podendo, ainda, levar a

igreja a um esfriamento espiritual, é o que se teme. Esse hábito já está tão entranhado que faz parte da cultura pentecostal. Já as profecias não são tão frequentes. As suspeitas em torno das profecias acabaram por abafá-las, embora a Bíblia diga que não devemos desprezá-las. Não é sempre que se ouve profecias em cultos públicos nos meios pentecostais clássicos. A razão é que há muitos casos de profecias preditivas que resultaram em prejuízos às pessoas que venderam casas, trocaram de emprego, mudaram de cidade e até se casaram, mas, depois, entraram em verdadeiro colapso. Por causa disso, há igrejas pentecostais que foram para o outro extremo, proibindo as profecias. No texto bíblico citado, Paulo não diz que devemos impedir a profecia, antes, devemos buscá-la porque é o maior de todos os dons. O que fazer então? Como resposta, eu diria que o crente deve fortalecer-se no conhecimento da Palavra de Deus e cultivar um espírito de temor e tremor diante de Deus; então, deve buscar, sim, os dons, porque Deus não teria criado algo apenas para o começo da Igreja.

Nos círculos neopentescostais, o problema é ainda mais grave, porque cometem excessos, fazem sensacionalismo, principalmente em movimentos de cura divina. Pedem para o paralítico andar sem muletas e ele anda, de modo desengonçado, como normalmente faria sem as muletas. Não houve cura, houve manipulação de massas. Sabemos de casos em que pregadores de cura divina chegam a pagar para algumas pessoas darem testemunhos de curas, mas o real interesse que está por trás é o interesse na fama e no dinheiro. Não é sem motivo que, tanto na opinião pública como no próprio meio evangélico, a reputação do povo pentecostal anda em baixa. Alguns programas de rádio e de televisão causam vergonha pelo baixo nível de pregação e pelas apresentações ridículas que fazem, apresentando um "evangelho" estranho ao da Bíblia. As bizarrices, entretanto, não podem, nem devem servir de base para a veracidade e a atualidade dos dons espirituais. Negar a atualidade dos dons é negar a própria Bíblia.

Não acho que não devemos ser avaliados e criticados. Não podemos tirar a razão dos críticos do pentecostalismo sobre os exageros que eles apontam. Algumas práticas são, de fato, vergonhosas, e outras até escandalosas e ridículas. O que não podemos é concordar com eles quando leem a Bíblia com lentes embaçadas sobre o assunto e quando vão da crítica para o insulto. Essa não é uma forma cristã de lidar com uma doutrina plenamente respaldada pela Bíblia. Eles convencem os que, por formação e hábito, pensam como eles, mas não apresentam argumentos suficientemente fortes para convencer quem tem a experiência e sabe ler as Escrituras. É demais, por exemplo, que John MacArthur trate os pentecostais como ignorantes quando ele mesmo não se dá conta de que comete interpretação absurda das Escrituras[53]. Os exageros nos testemunhos estranhos no meio pentecostal não podem representar todo o pentecostalismo. Nos EUA – de onde vêm todas essas coisas –, há uma gama imensa de

53. Ainda que ele se justifique na introdução do seu livro *CarismatiCAOS* dizendo que não é essa a sua intenção, o próprio título do livro já se constitui um deboche pela generalização.

pregadores da Confissão Positiva com muitos livros escritos, dos quais, uma boa parte foi traduzida para o Português. Eles enfatizam a fé na fé; que você é Deus; que você tem o poder de decretar as coisas que vão acontecer; que, se você não é próspero, você não é filho de Deus; defendem a cura interior em rituais, aparentemente espíritas, praticando uma espécie de hipnose com regressão; ensinam a quebra de maldição hereditária etc. São expoentes de doutrinas e crendices que não gozam do acolhimento dos pentecostais, senão dos neopentecostais; mas, quando esses ativistas querem nos combater, apelam para esses exemplos, como se dissessem respeito aos pentecostais em geral. Em vez de fazer isso, por que não começam por examinar a Palavra de Deus com mais simplicidade? Por que, em vez da simplicidade, dão, à sua fala, o tom de intelectualidade exagerada, tentando fazer combinações de textos apenas para impressionar, criando uma hermenêutica sofisticada para, no final, dizerem uma espécie de "portanto, não é daquele jeito, mas deste"? Por que turvar as águas para que elas pareçam profundas, como diz Friedrich Nietzsche? Na simplicidade dos textos, tanto históricos de Atos dos Apóstolos como nos ensinamentos doutrinários, principalmente dos Coríntios, temos textos abundantes que nos levam a crer que os dons do Espírito Santo foram dados à Igreja para o que for útil – e quem decide o que é ou não útil não somos nós, mas quem os envia – então, fiquemos com a Bíblia.

Apesar dos exageros e até mesmo dos escândalos, não podemos desprezar o que veio para ficar! Antes, é nosso dever aprender com o texto. Se ele nos ensina que, quando se fala em línguas estranhas no culto, devem falar dois ou três, e é preciso haver intérprete (e devemos pedir mais pelo dom da interpretação), devemos também aprender com o mesmo texto que é para se falar em línguas estranhas. Se é para os profetas falarem, cada um por sua ordem, que fale cada um por sua ordem e na hora certa; mas que também que se busque o dom da profecia porque, diz Paulo, é o maior dos dons, e ele ainda diz mais: "que profetizemos". Creio que Paulo estava muito seguro do que dizia! Devemos usar o mesmo peso e a mesma medida para sermos justos, coerentes e obedientes à Palavra de Deus! Como eu já disse bem lá atrás: não se joga a criança junto com a água do banho. Quanto ao meu povo pentecostal, deixo a pergunta: temos alguma opção para estabelecer a ordem no culto diante de 1 Coríntios 14.37? Prestemos muita atenção ao que o texto diz: "Se alguém cuida ser profeta ou espiritual, reconheça que as coisas que vos escrevo são mandamentos do Senhor".

Por que os dons hoje?

Os dons servem para confirmar a mensagem do evangelho! A essa altura do meu trabalho, sou obrigado – pelas circunstâncias, em razão de tudo o que tenho lido sobre as opiniões dos antipentecostais – a ser mais apologético. Defendo, sim, a doutrina carismática porque ela é bíblica e porque ela se confirma na prática. Não usamos a experiência como doutrina, mas entendemos que a experiência serve para assegurar

a importância e a veracidade da doutrina. A experiência é decorrente da doutrina bíblica. As experiências podem, e devem, ser corrigidas e ajustadas ao padrão bíblico, e isso é possível à medida que o emocional passa a dar lugar ao racional; a doutrina não pode ser alterada, nem mesmo ajustada, ao sabor dos antipentecostais, a menos que se reescreva a Bíblia.

Alguns desses autores que fazem oposição ao pentecostalismo argumentam dizendo que homens famosos entre os séculos 17 e 19 nunca falaram em línguas, no entanto, foram grandemente usados por Deus, insinuando que a Igreja não precisa dos dons conforme os pentecostais apregoam para fazer o seu trabalho. Esse argumento parece até convincente caso não houvesse nele algumas implicações importantes. Depois que os apóstolos de Jesus morreram e a Igreja passou a ser guiada e doutrinada pelos Pais Apostólicos, ela entrou em verdadeiro declínio espiritual, chegando à Idade Média completamente fora do padrão apostólico. A Palavra de Deus foi substituída pelos dogmas romanos, até que veio a Reforma Protestante, em 31 de outubro de 1517. Grandes teólogos surgiram, os quais começaram a trazer de volta para o povo o conhecimento da Palavra de Deus. O caminho de retorno para o cristianismo à moda primitiva estava aberto. Cada etapa foi completando-se. Cada um cumpriu o seu papel no interregno da história. Movimentos carismáticos foram surgindo, até que, no ano de 1904, explodiu o grande avivamento da Rua Azusa, em Los Angeles, resultando no pentecostalismo que hoje existe no mundo todo. O argumento de que é possível fazer a obra de Deus sem os carismas pentecostais faz sentido. As denominações históricas provam isso. Será que então estamos chegando a algum acordo? Minha resposta é: não. As denominações históricas chegaram antes dos pentecostais em território brasileiro. Sofreram perseguições pela Igreja Católica e, para se estabelecerem em nosso solo, criaram educandários, alcançando uma classe social mais elevada. Os pentecostais começaram de modo diferente. Luiz Franciscon, presbiteriano italiano que havia experimentado o avivamento da Rua Azusa, chegou ao Brasil em 1910,

Os dons servem para confirmar a mensagem do evangelho! A essa altura do meu trabalho, sou obrigado - pelas circunstâncias, em razão de tudo o que tenho lido sobre as opiniões dos antipentecostais - a ser mais apologético.

dando início à Congregação Cristã no Brasil. Os suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, também alcançados pelo mesmo avivamento que chegou ao norte dos Estados Unidos, onde moravam à época, partiram de Chicago para Belém do Pará e, no ano de 1911, deram início à Igreja de Fé Apostólica; nome que depois foi alterado para Assembleia de Deus.

Os jovens suecos não tinham grande instrução, mas eram imbuídos de muita fé. Batiam nas casas. Ofereciam oração pela família. Se houvesse algum enfermo, oravam para que Jesus o curasse. Pregavam o evangelho com simplicidade e demonstração de poder, do mesmo modo como Paulo fez em Corinto (1 Co 2.4) e em Tessalônica (1 Ts 1.5). O milagre confirmava a pregação; os pecadores se rendiam a Cristo e as igrejas eram plantadas, a ponto de a Assembleia de Deus chegar ao que chegou numericamente. O evangelho pregado com poder, naquele tempo, encaixava-se muito bem à realidade sociológica do povo brasileiro, do mesmo modo como se encaixa muito bem à realidade das nações africanas, onde há muita carência em meio a crenças animistas, com cultos pagãos e grande número de pessoas possessas.

Fazer a obra missionária com a cabeça cheia de letra adquirida nos seminários teológicos, mas sem o devido preparado para enfrentar embates espirituais, é sucumbir em meio a pressões diabólicas insuportáveis. Ou a pessoa chega pronta para lidar na esfera do sobrenatural, como Paulo chegou a Filipos, pronto para expulsar o demônio que atuava na vida daquela jovem que era possuída pelo espírito de adivinhação (At 16.16-18) ou será melhor fazer as malas e voltar.

Permita-me, leitor, usar mais um exemplo pessoal para ilustrar este assunto. Certa vez, acompanhei meu filho, ainda adolescente na época, a um culto matinal numa igreja histórica, da qual seu melhor amigo de escola era membro. O ambiente era agradável, a mensagem era boa, até que, surpreendentemente, uma mulher, que estava assentada uns dois ou três bancos à nossa frente, caiu ao chão endemoninhada. Ela gritava e convulsionava, dizendo ser Satanás. O culto parou. Os diáconos correram para acudir à situação. O ambiente ficou tenso. Pessoas preocupadas, sem saber o que fazer, juntavam-se em grupos de três ou quatro e silenciosamente oravam. Os diáconos e algumas irmãs diziam: "Você está nervosa, acalme-se". Quanto mais tentavam acalmá-la mais ela gritava. Eu preferi não fazer nada, até porque, se eu oferecesse ajuda, eu faria como sei fazer, como pentecostal, que é expulsar o demônio em nome de Jesus. A partir daí, eu poderia ser mal interpretado, correndo o risco de ser expulso da igreja, e os demônios não. É estarrecedor, mas ninguém tratou o assunto como surto demoníaco. Por fim, chamaram a ambulância para levar a mulher alterada!

Será esse o papel da Igreja de Jesus? A preocupação com a ordem do culto é mais importante do que oferecer ajuda a alguém que esteja oprimido pelo diabo? Jesus disse qual a razão do Seu ministério, citando a profecia de Isaías a Seu respeito, na sinagoga de Nazaré: "O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a curar os quebrantados do coração, a apregoar liberdade aos

cativos, a dar vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos, a anunciar o ano aceitável do Senhor" (Lc 4.18,19). Quando enviou em missão os Doze e, depois, os setenta, ordenou-lhes que curassem os enfermos e anunciassem a chegada do Reino de Deus (Lc 10.9). Quando eles voltaram, mostraram-se espantados com os resultados: "E voltaram os setenta com alegria, dizendo: Senhor, pelo teu nome, até os demônios se nos sujeitam" (Lc 10.17). A mensagem do evangelho se reduz unicamente à salvação eterna da alma, sem que haja qualquer manifestação do poder de Deus no presente para acudir e beneficiar uma humanidade tão carente e sofredora? Provavelmente isso não preocupa os teólogos antipentecostais do primeiro mundo, os quais gozam de todos os benefícios que os recursos financeiros podem comprar. Eles não sabem, na prática, o que é carência, o que é a dor da fome e das doenças, para as quais não há resposta humana suficiente. São situações para as quais o poder de Deus é tudo o que se pode ter quando há alguém portando uma mensagem de fé autêntica. Testemunhos legítimos sobre esse poder há em abundância entre os pentecostais!

No meu tempo de seminário, tive uma professora que chamava de alteração emocional aquilo que conhecemos como possessão demoníaca. Disse mais: Jesus expulsou demônios por um tempo; depois, parou, quando entendeu que aqueles surtos eram psicológicos e não espirituais. Esse foi mais um dos absurdos que eu tive de ouvir num seminário tradicional, onde estudei.[54] Provavelmente, ninguém informou ao apóstolo Paulo que aqueles casos eram surtos mentais, e não espirituais, porque ele deu continuidade à prática de exorcizar depois de Jesus! Há um esforço contínuo e absurdo para eliminar a mística do cristianismo. Esses ativistas antipentecostais querem tornar o sobrenatural algo distante no tempo e no espaço, e, tanto quanto for possível, amenizá-lo. Essa, com certeza, é a única forma que eles encontram para lidar com o que está fora do alcance de quem troca a fé pela razão e a oração pelos estudos. Que tal se unissem os dois?

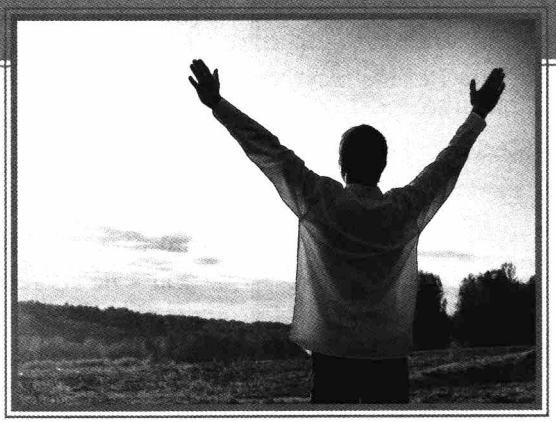
A pregação do evangelho torna-se mais vigorosa quando corroborada pelo poder do Espírito Santo, por isso Jesus disse: "Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra" (At 1.8). Sabemos duas coisas muito importantes, dentre outras, sobre este versículo: a *primeira* é o modo como veio esse poder do Espírito Santo sobre os discípulos (At 2.4), a *segunda* é que estamos dando continuidade ao trabalho iniciado em Jerusalém até que os "confins da terra" sejam alcançados, e nós ainda nem o alcançamos, como, então, abriremos mão desse poder? Na prática, eu diria que a diferença entre fazer a obra de Deus sem esse poder e com esse poder é como trabalhar na lavoura com enxada ou com trator. Que os resultados

---

54. Louvo a Deus por ter adquirido minha formação teológica em seminário tradicional - não pentecostal. Mas, não posso deixar de lembrar-me de coisas que não pude incluir no meu cabedal de conhecimento porque não eram dignas disso.

em crescimento de um e de outro grupo se encarreguem de provar isso. Não há, nisso, nenhum mérito humano, mas de Deus, a quem pertence toda a glória! Ademais: as manifestações do Espírito Santo foram, são e sempre serão necessárias para *confirmar* a pregação do evangelho de Cristo Jesus: "Detiveram-se, pois, muito tempo, falando ousadamente acerca do Senhor, o qual dava testemunho à palavra da sua graça, permitindo que por suas mãos se fizessem sinais e prodígios" (At 14.3); "Como escaparemos nós, se não atentarmos para uma tão grande salvação, a qual, começando a ser anunciada pelo Senhor, foi-nos, depois, confirmada pelos que a ouviram; testificando também Deus com eles, por sinais, e milagres, e várias maravilhas, e dons do Espírito Santo, distribuídos por sua vontade?" (Hb 2.3,4).

A PLENITUDE DO ESPÍRITO



"E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito" (Ef 5.18). Paulo escreve este versículo usando uma característica literária própria da literatura hebraica – afinal, o hebraico era a sua língua principal – trata-se de um paralelismo antitético, onde duas verdades antagônicas são colocadas para, através do contraste existente entre elas, a primeira ressaltar a importância da segunda. A figura do vinho, com seu poder inebriante, serve para ressaltar, do outro lado, os efeitos da atuação plena do Espírito Santo na vida do crente. A ideia do apóstolo é levar o leitor a pensar mais do que em apenas ter o Espírito Santo, o que já é uma grande coisa, mas ser pleno dele (gr. πληροῦσθε, *pleroûsthe*), e ele dá razões imediatas para a importância dessa plenitude: "Falando entre vós com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, cantando e salmodiando ao Senhor no vosso coração, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, sujeitando-vos uns aos outros no temor de Deus" (Ef 5.19-21). Viver num padrão desse é ser feliz o tempo todo. A alegria do vinho é uma alegria da carne; a alegria do Espírito é uma alegria do espírito.[55]

---

55. A dissertação sobre a plenitude do Espírito, neste capítulo, está baseada no meu livro: *O que você pode fazer na plenitude do Espírito*. Rio de Janeiro: CPAD, 1994.

PLENITUDE DO ESPÍRITO SANTO

João Batista - Lc 1.41

9 casos de Atos

2.4 - Pentecostes

4.8 - Pedro

4.31 - Igreja de Jerusalém

6.3,5 - Diaconato

6.10 - Estêvão

9.17 - Paulo no início da fé

11.24 - Barnabé

13.9 - Paulo e o mágico Barjesus

13.52 - A igreja de Antioquia da Psídia

Cheios do Espírito para cultuarem

Paulo mostra grande interesse pelo culto a Deus. Para ele, a atmosfera do culto deve ser criada pelo Espírito Santo, conforme já vimos em 1 Coríntios 14. Deve haver ordem estabelecida para que se aproveite bem tudo quanto o Espírito Santo traz consigo para a edificação de todos (1 Co 14.26). Além dos dons do Espírito, cada um deve ser cheio do Espírito para que, tanto no âmbito vertical – na adoração e louvor a Deus – como no âmbito horizontal – nas relações humanas – haja harmonia.

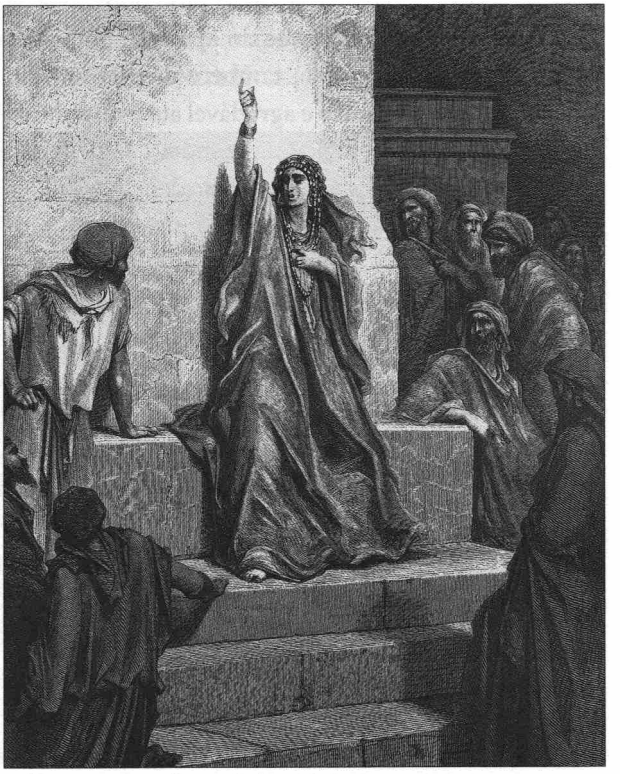
Entoando cânticos espirituais

Sobre os cânticos espirituais, o apóstolo já falou: "Que farei, pois? Orarei com o espírito, mas também orarei com o entendimento; cantarei com o espírito, mas também cantarei com o entendimento" (1 Co 14.15), pressupondo que o cântico com o espírito se dê do mesmo modo que a oração em espírito, que é feita em línguas estranhas, visto que, naquele texto, o apóstolo está estabelecendo a distinção entre o que se fala sem que se entenda e o que se fala e se entende. Se Paulo insiste nisso, é porque esse é, para ele, o padrão normal de culto. A força do cântico e das orações proferidos pelos lábios de quem está cheio do Espírito Santo é demonstrada na própria vida de Paulo, quando ele e Silas, presos em Filipos presenciaram um grande milagre: "Perto da meia-noite, Paulo e Silas oravam e cantavam hinos a Deus, e os outros presos os escutavam. E, de repente, sobreveio um tão grande terremoto, que os alicerces do cárcere se moveram, e logo se abriram todas as portas, e foram soltas as prisões de todos" (At 16.25,26).

Entoando hinos

Na plenitude do Espírito, o apóstolo exalta também a importância dos hinos. O hino é um cântico de exaltação, de homenagem que se presta a um rei, ou alguém muito superior. Seu teor é doxológico. Assim temos o Hino Nacional, o hino à bandeira, o hino do marinheiro etc. Cada um traz consigo uma mensagem de exaltação. Nem todas as nossas canções evangélicas têm a característica de hinos. Temos cânticos de invocação, como "Vem tu, ó Rei dos reis", cânticos de convite, "Vem, ó pródigo!", cânticos de desafio evangelístico, "Eis os milhões", cânticos de guerra, "Pelo Senhor, marchamos, sim", porém os hinos exaltam diretamente a Deus, como: "Grandioso és tu"; "Grande é Jeová" etc. Na Bíblia, temos muitos exemplos de hinos.

Moisés, após ter atravessado o mar Vermelho, cantou *ao Senhor*; na mesma ocasião, Miriã, sua irmã, *enalteceu ao Senhor* (Êx 15.20,21). Débora, depois de livrar os filhos de Israel da mão de Jabim, exaltou *ao Senhor* (Jz 5.3). Quando Ana foi agraciada com a bênção da maternidade, exalçou *ao Senhor* (1 Sm 2.1,2). Maria, ao saber que daria à luz o Salvador do mundo, entoou o conhecido "Magnificat", pois sua alma engrandecia *ao Senhor* (Lc 1.46-55). Zacarias, pai de João Batista, entoou o "Benedictus", dizendo: *Bendito o Senhor* (Lc 1.67-79). Os anjos, por sua vez, após a anunciação do nascimento de Jesus feita aos pastores no campo, entoaram o "Gloria in excelsis Dei", *Glória a Deus nas alturas* (Lc 2.13,14), e Simeão, ao tomar o menino Jesus nos braços, *louvou a Deus* com seu cântico conhecido como "Nunc Dimitis" (Lc 2.25-35).



Débora exaltando o Senhor

Salmodiando

Na esfera do culto, os crentes devem também salmodiar. Recitar os Salmos era uma grande maneira de louvar a Deus nos cultos. Os Salmos são ricos em expressar os mais profundos sentimentos da alma, sejam elas de alegria ou mesmo de angústia. Há alguns autores que se esmeram em compor canções a partir

dos Salmos. Em 1512, Calvino publicou, para uso de sua congregação, em Genebra, um saltério. Hinário que combinou as melhores versões métricas dos Salmos, com melodias compostas e adaptadas pelos músicos mais capazes de sua época. O Saltério Genebrino foi um dos hinários mais usados na História da Igreja, tendo influenciado a publicação de outros.

Cheios do Espírito para agradecerem

"Dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo" (Ef 5.20). Dar graças a Deus por tudo não é uma tarefa tão simples, a menos que tudo na vida esteja correndo a nosso favor e concorrendo para a nossa felicidade; mas, quando as coisas não andam bem e as pressões da vida nos angustiam, torna-se difícil expressar gratidão, mesmo porque a gratidão pode dar a impressão irônica de que Deus é o grande responsável por tudo de ruim que nos esteja acontecendo naquele instante. Apesar disso, Paulo também recomenda: "Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco" (1 Ts 5.18). Na plenitude do Espírito, independentemente das circunstâncias, é sempre possível expressar gratidão.

Cheios do Espírito para conviverem

Está bem claro na mente do apóstolo que a vida na Igreja não se resume aos aspectos do culto. Paulo fala também da comunhão, cujas implicações vão desde um relacionamento amistoso e agradável até a responsabilidade de aturar um irmão menos interessante. Não é difícil compreender a lógica da submissão hierárquica que envolve obediência a Deus (Tg 4.7); às autoridades (1 Pe 2.13,14); aos pastores (Hb 13.17); aos maridos (Ef 5.22); aos pais (Ef 6.1) e aos senhores (Ef 6.5). Já na submissão coletiva – "uns aos outros" – Paulo idealiza um nível de relacionamento que saiba contar com o respeito mútuo, incluindo a ideia de tolerância (Rm 14). Não se trata de uma tarefa fácil. Para cumpri-la, é preciso abrir mão de interesses pessoais e passar a viver em função dos outros.

Paulo entendia bem de seres humanos. Ele sabia que o princípio do desrespeito e da insubmissão se desencadeia no instante em que os interesses pessoais prevalecem, em detrimento dos propósitos que garantem a harmonia e a saúde do corpo de Cristo. Daí, vincula a sujeição mútua ao temor de Cristo: "Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo" (Ef 5.21 ARA). Por outro lado, Paulo compreende que nenhum ser humano é suficientemente forte para assumir o papel de mais fraco a ponto de devotar a outro o direito de primazia sobre ele, a menos que seja municiado pelo poder divino. Isto quer dizer que um crente cheio do Espírito Santo é tão forte que tem humildade bastante para relacionar-se com seus irmãos levando em conta o que o apóstolo recomendou: "Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros" (Fp 2.4).

Efeitos da plenitude do Espírito

Além do que compõe a porção da recomendação apostólica sobre ser cheios do Espírito (Ef 5.18-21), encontramos nove grandes exemplos no livro de Atos dos Apóstolos. Por esse testemunho da História, somos convencidos de que buscar uma vida plena do Espírito Santo é altamente recompensador.

A plenitude do Espírito para os remanescentes

"E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem" (At 2.4). Dias haviam se passado desde que Jesus fora assunto ao céu. Eram quase cento e vinte irmãos que estavam presentes aquele dia no cenáculo quando o Espírito Santo prometido veio.

É no dia de Pentecostes que a promessa de Jesus aos Seus discípulos - "Eu edificarei a minha Igreja"- se cumpre. A data não foi previamente marcada, os crentes não prepararam nenhuma solenidade especial, o número de pessoas era relativamente pequeno, e quem fez a festa foi o Espírito Santo. O "som, como de um vento veemente e impetuoso" (At 2.2) rompe o silêncio e "línguas repartidas, como que de fogo" (At 2.3) criam um novo ambiente. Todos experimentam algo inusitado: o Espírito Santo inunda cada um deles. Lembro-me de quando um professor de teologia, apático à confissão de fé pentecostal, perguntou-me: "Por que falar em outras línguas pelo Espírito?" Insistindo um pouco mais, acrescentou: "Não vejo razão alguma para isso". Minha res-

Cenáculo em Ierusalém

posta foi: "Pergunte a quem decidiu isso". Os anos se passaram, e tomei conhecimento de que ele, agora, estava ensinando aos seus alunos no seminário que, sob a ação do Espírito Santo, os crentes podem falar em outras línguas. Isto também aconteceu no dia de Pentecostes. Por quê? Quem iria pensar em algo assim? Essa é a glória de Deus. Os Seus padrões são completamente diferentes dos nossos. Nada, no terreno espiritual, é sem sentido. Numa aparente quebra de reverência, ouve-se um som que confunde pela sua clareza. Uma multidão heterogênea de raças é tomada de espanto pelo que está acontecendo. Alguns se admiram, outros querem saber o porquê de tudo aquilo; há até suspeita de embriaguez. Enfim, é essa a maneira como o Espírito Santo saúda a "Assembleia dos Santos" no seu primeiro dia de atuação.

Atraindo a multidão

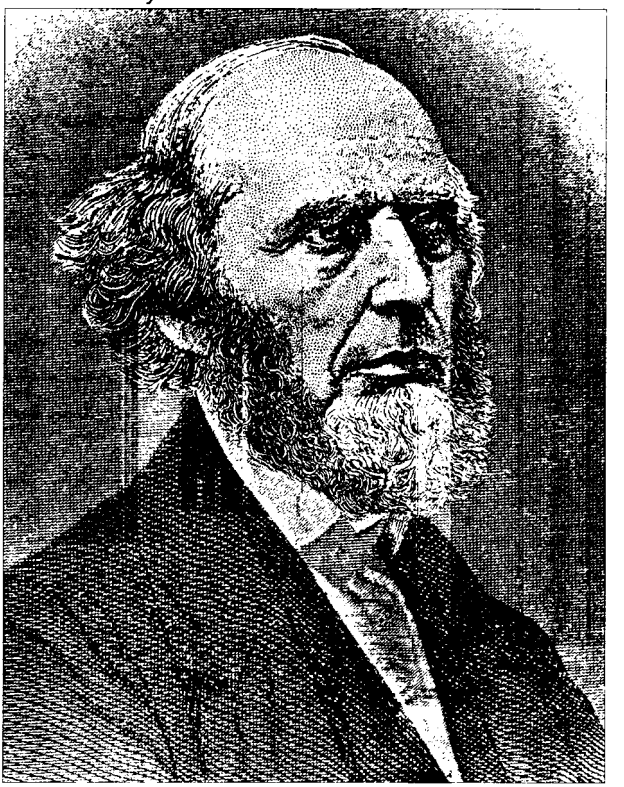
Um dos resultados imediatos da plenitude do Espírito na vida da Igreja é a afluência de multidões ao local onde os crentes se reúnem. Que cena maravilhosa! Multidões vêm chegando para a reunião de culto. Num ambiente onde tudo era absolutamente improvisado, nenhuma programação fora preparada para recepcionar tantos visitantes. Sem panfletos e propaganda, sem convites ou falsas esperanças, numa atmosfera única de espontaneidade, chegam partos, medos, elamitas, naturais da Mesopotâmia, Judeia, Capadócia, Ponto, Ásia, Frígia, Panfília, Egito, Líbia, romanos, cretenses e árabes, num maravilhoso desfile de cores e culturas diferentes. Atrair multidões é o sonho dos evangelistas, o interesse dos pastores, a conquista das igrejas, o propósito de Deus. Isso pode ser comprovado por inúmeras referências bíblicas em que o pronome indefinido "todos" aparece, referindo-se ao interesse salvador de Deus para com os homens. Por exemplo: "O Senhor... é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se" (2 Pe 3.9). O fator primordial dessa conquista, entretanto, precisa ser restaurado. Para atrair multidões, valemo-nos de recursos materiais, oferecendo templos confortáveis, boa música, chamada pela mídia, enfim, um bom marketing, coisas que não deixam de ser meios válidos, mas a primeira força de atração de gente no primeiro culto da Igreja, na sua História, para o ambiente do culto, foi o próprio Espírito Santo.

No poder do Espírito Santo, conseguiremos atrair multidões que, tocadas pelo que virem e ouvirem, não estarão só de passagem. No dia de Pentecostes, Pedro levantou-se para pregar, explicou o que estava acontecendo, e este foi o resultado: "De sorte que foram batizados os que de bom grado receberam a sua palavra; e, naquele dia, agregaram-se quase três mil almas" (At 2.41).

Causando admiração

"E todos pasmavam e se maravilhavam..." (At 2.7). Na plenitude do Espírito, somos capazes de realizar coisas que deixam as pessoas boquiabertas. No dia de Pentecos-

Charles Finney



tes, era admirável a maneira como todos podiam se comunicar, apesar das múltiplas diferenças étnicas. Ao contrário de Babel, onde, por uma manifestação da ira de Deus, só havia confusão. O Espírito Santo é quem nos capacita a fazer o que há de melhor para o serviço de Deus. Tudo o que empreendemos na "força do seu poder" é tão brilhante que arranca dos que o presenciam o entusiástico reconhecimento. Se elaborarmos uma excelente liturgia com um sermão que obedeça a todas as regras da homilética, se tivermos um coro tecnicamente perfeito, se contarmos com uma participação instrumental que prime pelo virtuosismo, com certeza, arrancaremos aplausos da congregação e dos visitantes. Todos nos dirão: "Parabéns pelo seu trabalho. Apreciei muito". Mas, e daí? O que o evangelho lucrou com isso? Quem foi exaltado? O que mudou na vida das pessoas? Por outro lado, podemos desfrutar de tudo isso se tomarmos o necessário cuidado de fazer tudo isso sob a ação plena do Espírito Santo. Os resultados serão bem diferentes. Ao invés dos aplausos, ouviremos: "Que bênção, o Senhor me tocou". O famoso pregador Charles Finney cultivava tanto o poder do Espírito Santo que, quando passava, prendia a atenção de todos. Certa ocasião, ao entrar na fábrica de um conhecido seu, levou os empregados a pararem espontaneamente as máquinas. Os olhos de todos estavam postos no homem de Deus. Alguns, tomados de espanto, começavam a tremer e a chorar. Havia algo de extraordinário em sua vida. Finney não escondia de ninguém o que era. Ele estava seguro de que a maneira mais legítima de se deixar usar por Deus é viver na plenitude do Espírito Santo. A genuinidade da fé que abraçamos, do evangelho que pregamos, da vida que levamos, jamais admitirá qualquer tipo de artificialidade. Nada substitui o poder real do Espírito Santo. Preocupamo-nos demais com a performance no púlpito, mas nada é tão autêntico quanto o poder do Espírito Santo para nos levar a fazer o melhor. Nosso modelo é Jesus, cuja impressão causada era essa: "E, chegando à sua pátria, ensinava-os na sinagoga deles, de sorte que se maravilhavam e diziam: Donde veio a este a sabedoria e estas maravilhas?" (Mt 13.54).

Despertando curiosidade

"E todos se maravilhavam e estavam suspensos, dizendo uns para os outros: Que quer isto dizer?" (At 2.12).

Já que criar uma resposta é bem mais cômodo que descobrir a verdade, as concepções que o mundo tem a nosso respeito nem sempre são as melhores: "Eles estão bêbados" – gritava uma parte da turba. Não havia motivo para essa acusação, como explica Pedro, por ser ainda a terceira hora do dia. Mas, para quem quer caluniar, a incoerência não representa qualquer problema. A lógica do maledicente é sempre a generalidade do mal. O outro grupo – formado por pessoas de bom senso que, vendo algo inédito acontecer, não se precipitaram a fazer afirmações sem o devido conhecimento de causa, possuídas de espírito investigativo – não difamou. Felizmente, tais pessoas constituíam o grupo maior no Pentecostes. Os crentes não estavam exibindo nenhum espetáculo; era o Espírito Santo que agia sobre eles. A curiosidade de que os transeuntes eram tomados não podia ser comparada à daqueles que paravam para ver os camelôs vendendo suas bugigangas pelas ruas da cidade. Eles percebiam tratar-se de um ambiente de seriedade e respeito. Enfim, a curiosidade despertada era mais do que a expressão de um espírito de investigação: era o desejo de entender, misturado à vontade de provar.

Lendo atentamente os Atos dos Apóstolos, é possível ter uma visão clara de como funcionava a Igreja nos primeiros dias. Nesse caso, resta atribuir as falhas atuais ao comodismo misturado ao secularismo, que não eram comuns à Igreja no passado.

Enquanto um grupo zombava de nossos primeiros irmãos, chamando-os, inclusive, de bêbados, outro grupo mais sensível tinha a sua curiosidade aguçada; afinal, algo inusitado estava acontecendo. Teria de haver uma explicação para tudo aquilo. Como a curiosidade desperta a atenção, a mente humana exige um arrazoado. Não há nada que passe pelos nossos sensores que não sofra a prova da razão. Basta um sinal não conferir com o nosso cotidiano para excitar-nos de imediato a interrogação.

Na plenitude para ganhar coragem

"Então, Pedro, cheio do Espírito Santo, lhes disse..." (At 4.8). É extre-

mamente paradoxal a cena de um Pedro medroso e pronto a negar o Senhor ante as autoridades e a que ora presenciamos. Indagado sobre a cura de um homem coxo que jazia à porta Formosa, pelas mesmas autoridades, diante das quais dias antes negara o Senhor, Pedro, cheio do Espírito, tem coragem de dizer: "... em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, aquele a quem vós crucificastes e a quem Deus ressuscitou dos mortos, em nome desse é que este está são diante de vós" (At 4.10). Cheio do Espírito, teve ousadia para afirmar o nome de Jesus e ainda de acusá-los da Sua morte. Antes, o medo; agora, cheio do Espírito, cheio de coragem.

Pedro cura o coxo que jazia à Porta Formosa

Plenitude para orar

"E, tendo eles orado, moveu-se o lugar em que estavam reunidos; e todos foram cheios do Espírito Santo e anunciavam com ousadia a palavra de Deus" (At 4.31). Todas as igrejas evangélicas buscam identificar-se com a Igreja primitiva, por ser este o modelo ideal a ser seguido. No entanto, percebem-se enormes diferenças entre as igrejas que reivindicam para si tais prerrogativas e o cristianismo de Atos dos Apóstolos. Onde está a falha? Não se pode discutir o protótipo. Ele já está feito e é bem simples compreendê-lo. Lendo atentamente os Atos dos Apóstolos, é possível ter uma visão clara de como funcionava a Igreja nos primeiros dias. Nesse caso, resta atribuir as falhas atuais ao comodismo misturado ao secularismo, que não eram comuns à Igreja no passado. Mesmo com um crescimento acelerado, a Igreja não permitia que fosse diluída a essência da sua espiritualidade, pelo contrário: "E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações. Em cada alma havia temor, e muitas maravilhas e sinais se faziam pelos apóstolos" (At 2.42,43). Pedro e João haviam sido presos pelo fato de, em nome do Senhor Jesus, ordenarem a um coxo que andasse. Após a expressiva defesa de Pedro, este e seu companheiro são soltos, sob a condição de não mais falarem no nome de Jesus (At 4.18). Chegando à igreja, expõem a proibição a que lhes querem sujeitar os principais dos sacerdotes e os anciãos

de Israel (At 4.23). A essa altura, não há outro caminho, senão orar, e isso eles sabem fazer muito bem.

Uma oração unânime

"E, ouvindo eles isto, unânimes levantaram a voz a Deus e disseram..." (At 4.24). A unanimidade na oração não significa orar todos ao mesmo tempo, falando cada um uma coisa, o que é muito comum no meio pentecostal. Na oração unânime, estão todos pensando e dizendo a mesma coisa, e não todos falando ao mesmo tempo coisas diferentes. O próprio texto esclarece isso: "... E disseram: Senhor, tu és o que fizeste o céu, e a terra, e o mar, e tudo o que neles há" (At 4.24). O teor da oração está transcrito no texto. Começam exaltando a Deus como Criador, recordam as palavras de Davi sobre os arrogantes que se levantam contra Deus (v. 25), lembram da profecia sobre os que se levantariam contra o Messias (v. 26-29), reclamam das ameaças que as autoridades fazem contra os apóstolos e terminam com um pedido, que não é de vingança, nem de livramento, mas de mais ousadia e poder para pregarem o evangelho (v. 29,30; cf. Hb 2.4).

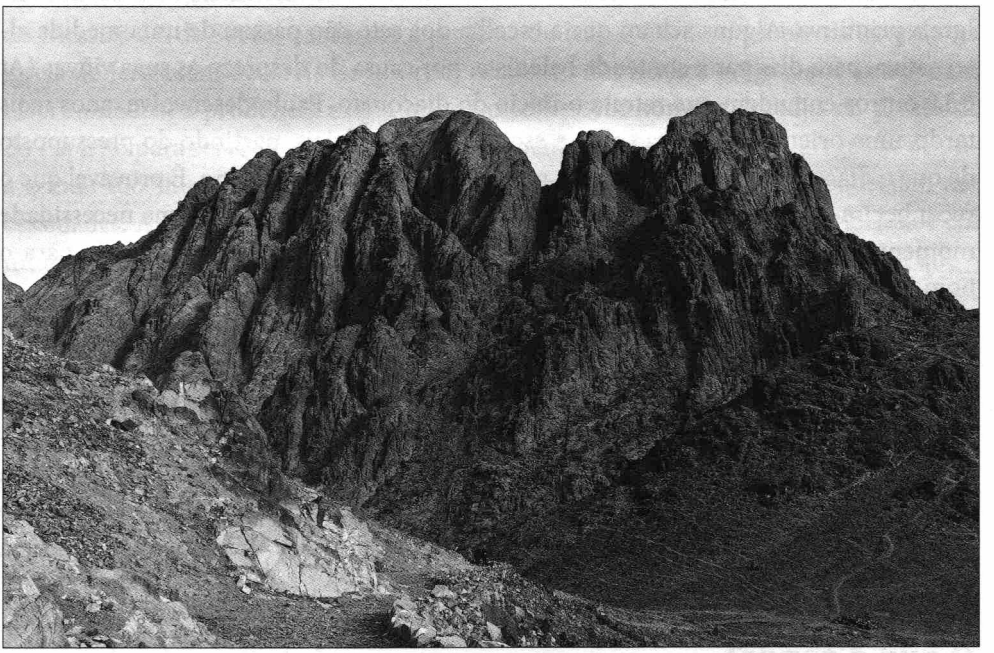
Um pedido certo

A igreja de Jerusalém recebe a primeira ameaça: "Não falem neste nome". Diante disto, qual seria a nossa reação? Certamente, pediríamos ao Senhor que nos livrasse dos perigos iminentes, ou, talvez, que fizesse justiça: "Senhor faça descer fogo do céu sobre essa gente!" Mas, em Jerusalém, não pediram nem livramento, nem castigo aos adversários, pediram coragem! Coragem para enfrentar a adversidade, ainda que isto lhes trouxesse trágicas consequências. Basta ler a história dos primeiros cristãos para constatar quanto sofreram pelo nome do Senhor. O milagre não repousava numa fé prodigiosa, capaz de garantir-lhes o conforto de um evangelho mais livre e mais cômodo. Repousava na intrepidez necessária para fazer progredir o evangelho de Cristo, através da pregação destemida e valorosa da Igreja, num mundo hostil, tendo a confirmação dos sinais (At 4.30). Na oração, os crentes de Jerusalém rogam forças para usar mais a espada do que o escudo.

O mover do Espírito

A descida do Espírito Santo deu-se em meio ao som de um vento veemente e impetuoso, acompanhado de línguas de fogo. Houve barulho e um movimento ainda hoje incompreendido por muitos. Se tal movimento parece estranho, deselegante ou antilitúrgico, não decorre de emoções extravasadas, se bem que as emoções se façam presentes nas manifestações do Espírito Santo; afinal, o Espírito é dinâmico, não estático, e nós somos seres emocionais. O Espírito Santo é Espírito de movimento. Quando a

Foto do monte Sinai



Terra "era sem forma e vazia... o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas" (Gn 1.2). Essa inquietude característica do Espírito Santo é conhecida ainda hoje. Ele não envelheceu nem perdeu o vigor. Há na Bíblia ocasiões em que o Senhor se manifesta no silêncio, como na oração de Ana (1 Sm 1.13) ou quando Elias estava entocado numa caverna no monte Horebe (1 Rs 19.11,12). Todavia, quando Moisés se encontrava no Sinai, o povo, que se achava ao pé do monte, ergueu os olhos e viu que todo o monte tremia grandemente (Êx 19.18). Ao lermos em Atos 4.31 que o lugar em que os irmãos estavam reunidos tremeu, ficamos a conjecturar: será que tremeu como o Sinai? Esta é uma resposta que não teremos aqui. Temos apenas um relato que pode significar tanto um tremor físico quanto retórico, não importa. A intenção do texto é mostrar que algo muito forte mexeu com os crentes. Eles pediram mais ousadia para os apóstolos – vejam que a oração foi na terceira pessoa do plural: "concede aos teus servos que falem com toda a ousadia" (At 4.29) –, e a resposta da "ousadia" veio para todos: "... todos foram cheios do Espírito Santo e anunciavam com ousadia a palavra de Deus" (At 4.31).

Na plenitude para servir

"Escolhei, pois, irmãos, dentre vós, sete varões de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais constituamos sobre este importante negócio. E este parecer contentou a toda a multidão, e elegeram Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo..." (At 6.3,5).

O capítulo seis de Atos é muito discutido quanto à historicidade do diaconato na Igreja primitiva. Alguns acham que a escolha dos sete não passou de uma medida alternativa, para dissipar a contenda helenista, por causa do desprezo às suas viúvas (At 6.1); outros entendem que retrata o início do diaconato. Paulo desenvolve, anos mais tarde, uma orientação básica sobre a escolha desses oficiais, partindo do pressuposto de que o diaconato é uma função tão reconhecida quanto a do bispo. É provável que o reconhecimento dessa atividade, na eclesiologia primitiva, derive de uma necessidade momentânea e que se cristalizou como uma função de elevada importância para o bom funcionamento da Igreja de Cristo.

Se não fosse esse texto, não precisaríamos sentir-nos tão incomodados quanto à escolha dos diáconos para suprirem as necessidades materiais da igreja. Mas, o incômodo persiste na mente e no coração de qualquer cristão comprometido com a Palavra e disposto a vê-la integralmente cumprida. Ser cheio do Espírito era um requisito básico e imprescindível na escolha de cada irmão que viesse a desempenhar a árdua tarefa de "servir às mesas". Qualquer indivíduo, ainda que altamente dotado de capacidade e de sabedoria humanas, enfrentaria sérias dificuldades para desempenhar tal tarefa caso prescindisse deste requisito: a plenitude do Espírito.

O que é servir?

A língua grega contém vários vocábulos para a palavra *servir*, expressando cada um deles um sentido distinto. δουλεύειν, *douleuein*, significa "servir como escravo". O tom está na sujeição do que serve. λατρείαν, *latreia*, significa "servir por salário". No Novo Testamento, o termo recebeu o significado de cumprir deveres religiosos e culturais. Emana daí a palavra *adoração*, cujo significado é o serviço prestado por um escravo ao seu senhor. θεραπεύων, *therapeuon*, designa a voluntariedade do serviço, exprime o cuidado e a preocupação no ato de servir, por isso a palavra é empregada no sentido de servir a Deus. *Leitourgéo*, λειτουργέω, já indica o serviço oficial e público do povo e do Estado. Na Septuaginta[56], significa o serviço realizado no templo sagrado em Jerusalém, já no Cristianismo diz respeito ao serviço da Igreja. *Hypereteo*, ὑπηρετεο, significava originalmente "remar", exprime, de modo especial, a relação para com o senhor, para quem é prestado o serviço. E *diakonei*, διακονῇ, é o serviço inteiramente pessoal, prestado a outrem. Implica uma forma de serviço feito por amor.

Nas mentalidades grega e judaica, o conceito de serviço era muito contrastante. Na primeira, deparamo-nos com uma filosofia dentro da qual o servente é aquele que ocupa uma posição indigna, de humilhante inferioridade. Platão dizia: "Dominar, e não servir, é digno de um homem". Já os judeus dispunham de outra visão de serviço.

---

56. Septuaginta (assim representada: LXX) é a tradução comum do texto hebraico do Antigo Testamento, conhecido como texto massorético, para o grego, feita por 70 tradutores em Alexandria, norte da África, no terceiro século antes de Cristo.

Para eles, o serviço é dignificante. Uma das primeiras características de seu tão esperado Messias é a de Servo, conforme a profecia de Isaías. Como o problema surgido na igreja de Jerusalém decorria de um ressentimento dos irmãos gregos, por se acharem discriminados, a prudência exigia que se escolhessem homens dotados da plenitude do Espírito para servi-los a contento. Ironicamente, nenhum daqueles gregos se dispôs a aceitar tão "humilhante" tarefa, embora fossem do seu grupo os que padeciam necessidades. A ausência da plenitude do Espírito gera o sentimento de inferioridade em muitos cristãos escolhidos a desempenhar o tão nobre ofício de diácono. Claro que o fato de muitas igrejas fazerem do diaconato um degrau na escala hierárquica ministerial vem desmerecendo e subestimando a importância desse ofício. Jesus, porém, enobrece o servir, invertendo o conceito helenista, colocando-se a si mesmo como modelo de servo: "Porque o Filho do Homem também não veio para ser servido, mas para servir..." (Mc 10.45). "Pois qual é maior: quem está à mesa ou quem serve? Porventura, não é quem está à mesa? Eu, porém, entre vós, sou como aquele que serve" (Lc 22.27).

A ideia de "servir à mesa" ganhou um sentido mais abrangente, transformando-se num "estar a serviço de", não importando qual fosse ele. A contemporaneidade dessa ideia, felizmente, é evidente, conquanto se entenda que o diácono é aquele que está à disposição da igreja para a execução de tarefas que vão além de suprir à mesa dos necessitados. Lamenta-se, contudo, que suas funções limitem-se tão somente a de um anfitrião da igreja. Quem é o diácono? É aquele que recepciona, arranja lugares, encarrega-se do ofertório e distribui a Ceia do Senhor. Em algumas igrejas, ele tem atribuições administrativas. Nos dias de Jesus, já havia aqueles que tinham prazer em servir: "E Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, e Suzana, e muitas outras que o serviam com suas fazendas" (Lc 8.3).[57] Jesus acrescenta ainda a importância do servir no Seu discurso escatológico de Mateus 25.42,43: "Porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; sendo estrangeiro, não me recolhestes; estando nu, não me vestistes; e estando enfermo e na prisão, não me visitastes". Jesus fala da atitude relapsa no serviço aos necessitados, atribuindo a si todo o motivo do esforço empreendido pelos homens, como Aquele que, de tais esforços, se beneficia. Os discípulos, na pueril compreensão dos legítimos propósitos do Senhor, guardavam, na sua concepção judaica de Messias, um Cristo de determinação política. Jesus era um κύριος, *kyrios*,[58] não um δεσπότας, *déspota*[59], tanto que um dia os filhos de Zebedeu, Tiago e João, aproximam-se de Jesus para solicitar-lhe uma posição privilegiada no Reino. Eles queriam ser apontados para as duas primeiras secretarias, ao

57. Observe-se que gente de elevado *status* social servia.

58. *Kyrios*, "Senhor que abre o diálogo".

59. *Déspotas*, "Senhor tirano". O termo foi transliterado para o Português: déspota. Trata-se de alguém que governa com tirania; opressor.

lado do Senhor Jesus, quando Ele se assentasse no trono de Davi; afinal, sentiam-se importantes demais para aceitarem qualquer cargo que não fosse de preeminência. Surpreende-lhes, entretanto, a resposta do Senhor Jesus: "... O assentar-se à minha direita ou à minha esquerda não me pertence a mim concedê-lo, mas isso é para aqueles a quem está reservado... Qualquer que, entre vós, quiser ser grande será vosso serviçal. E qualquer que, dentre vós, quiser ser o primeiro será servo de todos" (Mc 10.40,43,44).

Na plenitude para encarar a morte

"Mas ele, estando cheio do Espírito Santo e fixando os olhos no céu, viu a glória de Deus e Jesus, que estava à direita de Deus" (At 7.55).

A Igreja primitiva fez grande progresso em pouco tempo. O vigor da mensagem, corroborada pelos sinais que se seguiam, e a lembrança recente da ressurreição de Cristo enchiam os crentes de entusiasmo. Mas, com a mesma rapidez com que cresceu, chegou também ao comodismo. Era muito bom estar em Jerusalém, sede da Igreja e local onde os apóstolos ministravam. Entretanto, os crentes não estavam atendendo à ordem de levar a mensagem a outras partes do mundo. Deus nos fala, muitas vezes, por meio de dificuldades, e, nesse caso, falou à igreja de Jerusalém pela perseguição. Tudo começou com a morte de Estêvão, um dos sete homens cheios do Espírito Santo, escolhidos para servir às mesas, conforme o capítulo 6 de Atos. Lemos em Atos 8.1: "... E fez-se, naquele dia, uma grande perseguição contra a igreja que estava em Jerusalém; e todos foram dispersos pelas terras da Judeia e da Samaria, exceto os apóstolos".

A Igreja primitiva fez grande progresso em pouco tempo. O vigor da mensagem, corroborada pelos sinais que se seguiam, e a lembrança recente da ressurreição de Cristo enchiam os crentes de entusiasmo.

Estêvão abriu a era dos mártires cristãos, aceitando a morte por troféu, no instante em que, diante das autoridades do Sinédrio (At 6.12), abriu a boca para falar com veemência acerca do Messias. Estêvão morreu apedrejado, mas a sua história ficou. Seu testemunho permanece como um combustível para energizar a vida daqueles que estão desanimados, devido às dificuldades que enfrentam para manter a fé em Jesus.

Uma vida poderosa

Alguns liberais, aderentes do reducionismo teológico[60], insistem em dizer que os sinais, prodígios e maravilhas eram feitos tão somente pelos apóstolos. No entanto, Estêvão não era apóstolo, e está escrito a seu respeito: "E Estêvão, cheio de fé e de poder, fazia prodígios e grandes sinais entre o povo" (At 6.8)[61]. Estêvão podia fazer prodígios e sinais entre o povo só porque era membro da Igreja primitiva? Neste caso, o "poder" deveria ser atribuído ao fator tempo. Mas, em nenhum lugar da Bíblia, isto se configura como doutrina. Então, por que podia Estêvão alcançar tais realizações? A autoridade para realizar prodígios e sinais fora dada pelo Senhor a todos os crentes: "Se pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei" (Jo 14.14). "Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito" (Jo 15.7). Essa é a razão pela qual Estêvão realizava prodígios e sinais. Ele cultivava uma vida em Cristo. O seu testemunho vigoroso de fé, o seu compromisso com a verdade e a sua instrumentalidade a serviço do Reino provam isso. Estêvão era homem cheio do Espírito Santo. Ser cheio do Espírito Santo não é uma simples opção, mas uma obrigação: "Enchei-vos" (Ef 5.18). Ninguém será capaz de viver o cristianismo integral, a menos que se deixe inundar pelo Espírito de Deus.

Autocontrole na adversidade

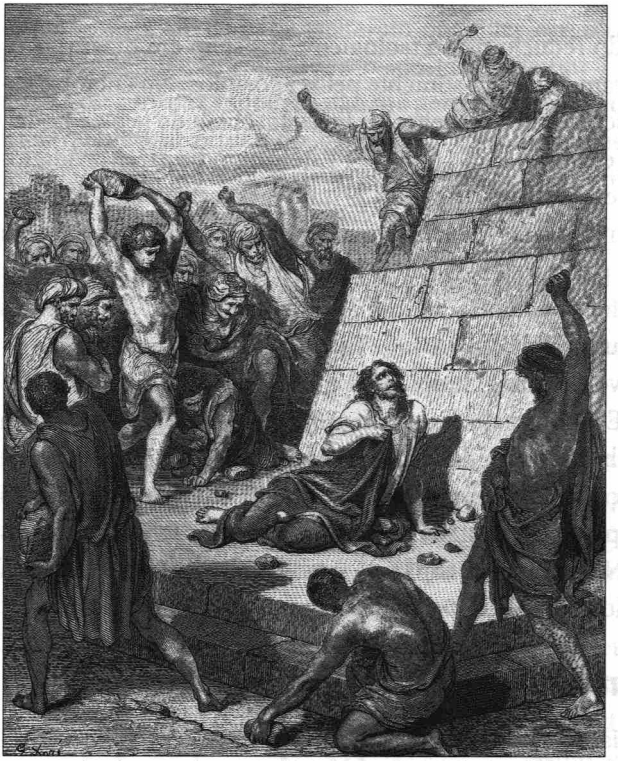
Estêvão estava sendo injuriado. Sua mensagem causava incômodo aos líderes religiosos, que se sentiam ameaçados pela força da fé pregada por ele. Arranjaram falsas testemunhas para deporem contra o servo de Deus: "E levantaram-se alguns que eram da sinagoga chamada dos Libertos, e dos cireneus, e dos alexandrinos, e dos que eram da Cilícia e da Ásia, e disputavam com Estêvão. E não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito com que falava. Então, subornaram uns homens para que dissessem: Ouvimos-lhe proferir palavras blasfemas contra Moisés e contra Deus" (At 6.9-11). "O homem vão cava o mal, e nos seus lábios se acha como que um fogo ardente. O homem perverso levanta a contenda, e o difamador separa os maiores amigos. O homem violento persuade o seu companheiro e guia-o por caminho não bom. Fecha os olhos para imaginar perversidades; mordendo os lábios, efetua o mal... Melhor é o longânimo do que o valente, e o que governa o seu espírito do que o que toma uma cidade" (Pv 16.27-30,32). Segundo a Psicologia, quando alguém é vítima de alguma pressão psicológica, o seu nível de consciência sofre um rebaixamento. Isso é verdade. Quando alguém é subordinado à força, à autoridade e aos gritos de alguém que no momento goza de maior

---

60. Reducionismo teológico é uma expressão que exprime a forma de pensar do liberalismo teológico. Ela se refere às limitações à Bíblia como Palavra de Deus, imposta pelos teólogos dessa linha.

61. Esse também era o caso de Filipe (At 8.7), dos crentes da Galácia (Gl 3.5) etc.

Estêvão



poder do que ele, tende a encolher-se e a inibir o fluxo de suas ideias e de suas palavras. Estêvão estava sendo execrado ante uma multidão que o ridicularizava com ofensas e pedradas. Momento propício para transtornar-se, tremer, embargar a voz e encolher-se todo. No entanto, Estêvão tem força para se manter sóbrio, e coragem para sustentar suas convicções. Seu caráter é forte; seu espírito resiste às pressões do grupo que o rodeia: faz-se mais poderoso que as circunstâncias. Essa disposição interior que agigantava o espírito deste pregador eloquente não decorreu do que alguns chamariam de força de vontade, tampouco de um traço temperamental altamente passivo ante circunstâncias adversas, mas de uma presença. A presença transbordante do Espírito Santo em seu ser que não lhe permitia ceder, calar e recuar, mas ir em frente. Ir até o fim. O mundo, a Igreja, os crentes em geral precisam desse testemunho para saber até onde podem chegar, sem nenhum vestígio de pavor, quando cheios do Espírito de Deus.

Estêvão falava com sabedoria

A arma do tolo é a estupidez e a brutalidade, mas a arma do sábio é a sabedoria, e a sabedoria se impõe à parvoíce, condenando-a e derrotando-a. Os insensatos lançam mão de recursos hediondos, desonestos, descabíveis, imorais, ilegítimos, caluniosos, agressivos para defenderem seus interesses egoístas; os sábios mantêm-se em sua linha, insistindo sempre na mesma tese, porque não são capazes de vender sua consciência pelo ridículo preço de uma trégua sem honra! "E não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito com que falava" (At 6.10). Os algozes não estavam à altura de responder ao argumento sábio de Estêvão. Não porque não tivessem capacidade intelectual para isso, afinal, estava ali o jovem Saulo de Tarso, cujo adestramento intelectual dispensa comentário, mas porque estavam encolerizados e cheios de ódio. A sabedoria de Estêvão não lhes dava outra saída que não fosse ceder, e isso não podiam fazer jamais. Havia um pacto que os comprometia mutuamente, e quebrá-lo seria, do ponto de vista

social, uma imoralidade. Estavam encurralados. A Bíblia diz: "É demasiadamente alta para o tolo toda a sabedoria..." (Pv 24.7).

Estêvão falava no Espírito

Nosso herói não gastava palavras vãs num discurso frívolo e vazio, típico dos políticos que prometem o mundo e não cumprem um "til". Havia calor, eloquência, convicção e verdade: "... E ao Espírito com que falava" (At 6.10). Seu sermão envolvia o compromisso de uma vida. Seria capaz de morrer por ele, e o fez! Não se tratava da sinceridade esquizofrênica de um fanático aturdido por ideias entusiasmantes ou ideais inflamantes. Era a convicção, testificada pelo Espírito Santo em seu ser, de que, se não valesse a pena morrer por Jesus, também não teria qualquer significado viver por Ele, o que é paradoxalmente mais difícil. Sim, porque, para morrer por Ele, bastam algumas horas ou minutos de dedicação, mas, para viver para Ele, é necessário uma vida inteira! Havia espírito em suas palavras, porque o Espírito as produzia. Quem pode resistir a esse poder? Estou profundamente convencido de que a Igreja de Cristo necessita, hoje, mais do que nunca, de pregadores que tenham espírito em suas palavras. De que adiantam sermões tecnicamente bem elaborados, dentro das mais corretas regras de homilética e de teor retórico de fazer inveja aos mais conceituados oradores que o mundo conhece se não houver a unção do Espírito? Precisamos resgatar o teor da pregação de Estêvão. Pregação que ponha os ouvintes em crise. Que provoque neles uma reação pelo confronto de uma mensagem que não ameniza as verdades atinentes à vida e ao pecado, mas que descortine corações e produza os efeitos para os quais ela se destina. O jovem Saulo ouviu Estêvão naquele dia. Consentiu na sua morte. Mas, as palavras daquele mártir cristão trouxeram incômodo ao coração daquele que, um dia, seria o mais notável homem do Cristianismo, haja vista que, anos mais tarde, Paulo faz menção do acontecimento que, com toda certeza, jamais se apagou da sua memória (At 22.20).

Estêvão falava com conhecimento

Enquanto a sabedoria diz respeito à inteligência com que se faz algo ou se fala uma palavra, o conhecimento tem a ver com o nível de informação que se tem sobre o objeto do qual se fala. Se alguém deseja conhecer a História do povo de Israel, em síntese e em pouco tempo, basta ler o discurso de Estêvão, que vai de Atos 6.8 a 7.60. Nesse trecho, temos uma súmula da História do povo da Bíblia. Aí está uma clara demonstração do conhecimento de Estêvão, bem como a sua capacidade de síntese, para um relatório objetivo, simples e direto. Sua mente estava bem, e sua memória, ativa, para não errar na apresentação dos fatos. Para falar tudo isso, Estêvão precisou ter estudado, lido, aprendido. Juntando agora o seu conhecimento adquirido à ação plena do Espírito Santo em sua vida, podia ter a memória aguçada, apesar das emoções abaladas. A plenitude do

Em Estêvão, temos uma amostra do que significa viver intensamente no Espírito. Até mesmo no último instante de sua vida ele dá o fruto típico de alguém que está cheio do Espírito. Isto o capacita a enfrentar a morte com coragem.

Espírito não suprime o conhecimento recebido; aperfeiçoa-o. Não desmerece o conhecimento adquirido; tira proveito dele. Não prescinde da intelecção; incentiva a sua busca. Por ingenuidade espiritual, muitos há que se afastam dos estudos e estribam-se na ignorância como forma máxima de demonstrar o quanto podem ser usados pelo Espírito Santo. Que o Espírito Santo supre necessidades geradas pela ignorância é fato conhecido. Que o Espírito Santo use a nossa ignorância como virtude é uma heresia! Ignorância não é virtude. É pobreza intelectual. O evangelho de Cristo cuida de não deixar ninguém ignorante. O evangelho é esclarecimento: "... E conhecereis a verdade..." (Jo 8.32); o evangelho é: "Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento" (Mt 22.37). O evangelho é compreensão.

Quando Jesus se referiu à ação do Espírito Santo em relação à palavra da nossa pregação, o Mestre partiu do princípio de que o conhecimento adquirido é de vital importância para ser aplicado em hora como essa que Estêvão viveu. O Espírito Santo ativa a nossa memória e faz-nos lembrar daquilo que evidentemente já aprendemos: "Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito" (Jo 14.26). Para que ser, então, cheio do Espírito? Para ter uma memória privilegiada em horas de apuro, assim como Estêvão em seu último sermão.

Estêvão avistou a Glória de Deus

"Mas ele, estando cheio do Espírito Santo e fixando os olhos no céu, viu a glória de Deus e Jesus, que estava à direita de Deus, e disse: Eis que vejo os céus abertos e o Filho do Homem, que está em pé à mão direita de Deus" (At 7.55,56).

Em Estêvão, temos uma amostra do que significa viver intensamente no Espírito. Até mesmo no último instante de sua vida ele dá o fruto típico de alguém que está cheio do Espírito. Isto o capacita a enfrentar a morte com coragem. A despeito das injúrias que lançavam sobre sua vida, como "... de proferir palavras blasfemas contra

este santo lugar e a lei" (At 6.13), o Senhor dá a Estêvão o privilégio de contemplar a glória celestial: vê Jesus em pé à direita de Deus. Mesmo sendo injuriado, caluniado, vítima das injustiças humanas, havia alguém que estava ao seu lado: o Senhor, o "Justo Juiz". A visão da glória, no instante da morte, é um testemunho vivo de que o estado intermediário entre a morte e a ressurreição não é de inconsciência, como pregam alguns. A morte nem é estado de sono para a alma, nem aniquilação. Para o salvo, é a chegada à glória celestial!

Cumpre-se, também, na visão de Estêvão, o que Jesus disse sobre o crente no instante do seu recolhimento: "Em verdade, em verdade vos digo que, se alguém guardar a minha palavra, nunca verá a morte" (Jo 8.51). Os ímpios a enxergam na sua partida. Estêvão morreu sem ver a morte: "... O último inimigo que há de ser aniquilado ..." (1 Co 15.26).

Estêvão perdoou aos inimigos

"E, pondo-se de joelhos, clamou com grande voz: Senhor, não lhes imputes este pecado. E, tendo dito isto, adormeceu" (At 7.60).

Qualquer ser humano seria levado a repudiar seus algozes, por um simples instinto de autopreservação. A reação contra a morte é tão natural num ser vivo que só mesmo sob o efeito de uma força extraordinariamente superior poderá encarar o martírio com espírito de compreensão para com os seus verdugos. A doutrina do perdão, embora se espraie pela Bíblia com muita clareza, é, na verdade, um ensinamento difícil de ser praticado, principalmente nos termos em que Jesus a coloca.

Estêvão agiu em tudo como o seu Mestre no instante de Sua morte na cruz: "... Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem...". (Lc 23.34). Ao pedir que o pecado de seus carrascos não lhes fosse imputado, Estêvão deixou aberta a porta do evangelho para aqueles homens. Entre eles, encontrava-se o jovem Saulo de Tarso, que, mais tarde, entraria pela porta da salvação, e se tornaria o maior expoente da fé cristã de toda a História do Cristianismo.

Na plenitude para evangelizar

O Novo Testamento faz menção de quatro homens com o nome de Filipe: o primeiro é filho de Herodes, o Grande; o segundo, o tetrarca, marido de Cleópatra (Lc 3.1); o terceiro, um dos doze apóstolos do Senhor (Mt 10.3), e o quarto, Filipe, o evangelista da igreja em Jerusalém (At 8.5). Nos primeiros dias da Igreja, os ofícios ministeriais não estavam ainda muito bem assentados. À medida que as necessidades surgiam, separava-se alguém para dar conta delas. Assim, surgiu o diaconato conforme registrado em Atos 6, e, mais tarde, aperfeiçoado conforme a instrução do apóstolo Paulo em 1 Timóteo 3.8-13. Ninguém estava preocupado com títulos. O importante era servir à causa. Filipe não aparece como apóstolo ou pastor. Sua função específica era atender às viúvas gregas no suprimento de suas necessidades materiais como os demais do seu grupo.

Caso já mencionado no capítulo anterior, sobre Estêvão. Para compor o quadro diaconal, era imprescindível que o candidato fosse cheio do Espírito Santo; logo, esperava-se que tal crente tivesse capacidade de produzir além da obrigação imposta pelo cargo que ocupava. Filipe ganhou notoriedade também como evangelista e chefe do próprio lar.

Na plenitude do Espírito para enfrentar perseguição

"... E fez-se, naquele dia, uma grande perseguição contra a igreja que estava em Jerusalém; e todos foram dispersos pelas terras da Judeia e da Samaria, exceto os apóstolos" (At 8.1).

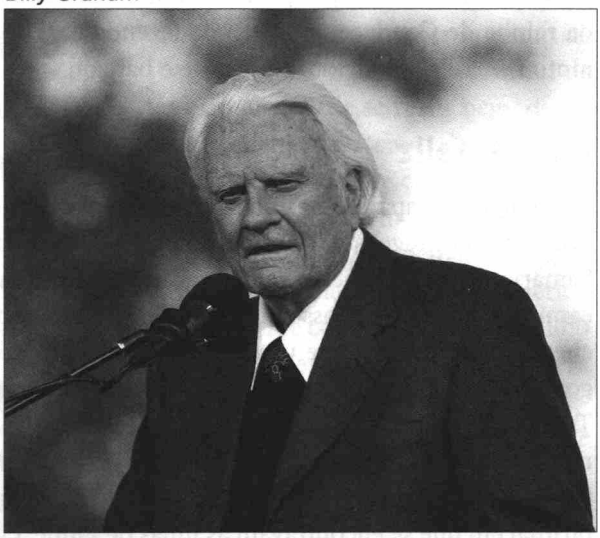
O povo de Deus, em dados momentos de sua história, manifesta algum aspecto de comodismo. Estava muito boa para os crentes a convivência em Jerusalém. Os cultos eram abençoados, a alegria do Espírito era abundante, a comunhão era extraordinária. Mas, estavam esquecendo-se da ordem do Mestre: "... Ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder" (Lc 24.49). A expressão "até que" deveria ter sido levada mais a sério. A intenção do Senhor para com a Sua obra era de expansão, e não de clausura. Para reafirmar esse propósito, o Senhor disse ainda: "Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra" (At 1.8). Uma perseguição irrompe e acaba tornando-se a mola propulsora de uma nova dinâmica evangelística da Igreja (At 8.1). Naturalmente, não é isso que queremos. O próprio apóstolo Paulo instrui os crentes a orarem a Deus para que tenhamos paz da parte das autoridades (1 Tm 2.1,2). Oxalá todo o povo de Deus soubesse aproveitar bem suas oportunidades e trabalhar "enquanto é dia". A igreja em Jerusalém estava guardando só para si o que havia recebido da parte de Deus. Os apóstolos, excepcionalmente, não foram vitimados pela perseguição por estarem ocupados. Mas, os crentes, agora dispersos, propagavam por toda a parte a mensagem do evangelho. Entre os perseguidos, achava-se Filipe, o diácono.

John Wesley

O evangelista notável

Na história do Cristianismo, alguns nomes têm ganhado

Billy Graham



notoriedade por causa do empreendimento evangelístico. A Igreja de hoje conhece nomes da história evangélica como John Wesley, Spurgeon, Charles Finney, John Bunyan, Jonathas Eduard, Moody, Billy Graham e outros. Assim foi Filipe, na Igreja primitiva. Um evangelista cheio do Espírito Santo, capaz de pregar a mensagem salvadora de Cristo e ganhar a atenção de grandes multidões: "E as multidões unanimemente prestavam atenção ao que Filipe dizia, porque ouviam e viam os sinais que ele fazia" (At 8.6). Filipe não era apóstolo, mas operava sinais: "Pois que os espíritos imundos saíam de muitos que os tinham, clamando em alta voz; e muitos paralíticos e coxos eram curados" (At 8.7).

Foi um transmissor de alegria

"E havia grande alegria naquela cidade" (At 8.8). Filipe chegou a Samaria levando alegria. Como devia ser agradável estar ao lado dessa figura brilhante. Jesus, certamente, era uma pessoa alegre, porque vivia o mais profundo sentimento de paz que qualquer ser humano jamais seria capaz de exprimir. Quando os setenta voltaram de sua missão e relataram os resultados da obra, a reação do Mestre foi: "Naquela mesma hora, se alegrou Jesus no Espírito Santo..." (Lc 10.21). Um crente cheio do Espírito Santo não só tem a alegria do Senhor em seu espírito como é um grande transmissor dessa alegria (Gl 5.22).

Um evangelista despretensioso

"E o anjo do Senhor falou a Filipe, dizendo: Levanta-te e vai para a banda do Sul, ao caminho que desce de Jerusalém para Gaza, que está deserto. E levantou-se e foi" (At 8.26,27). Filipe teve coragem para reconhecer que seu tempo em Samaria terminara. Quem, depois de ter alcançado tanto êxito no trabalho, faria o mesmo que Filipe, deixando toda aquela multidão de samaritanos convertidos para se dirigir a um lugar deserto? No entanto, a vaidade de uma posição de destaque não o tocou. Era homem cheio do Espírito Santo (At 6.3,5). O que o Senhor pretendia com aquela mudança? Não demorou muito, e Filipe ficou sabendo. É que, pela estrada que o levaria a Gaza,

passaria um homem que voltava da adoração em Jerusalém. Era um eunuco, oficial da rainha de Candace, ministro da fazenda na Etiópia. Ele lia o profeta Isaías. Filipe juntou-se a ele, anunciou-lhe Jesus e o batizou.

Um pai feliz

Filipe não aparece na Bíblia como um pastor de igreja, mas como diácono e, depois, como evangelista. Ganhou notoriedade pela cruzada evangelística realizada em Samaria e, a seguir, pela evangelização do mordomo-mor da rainha de Candace, no caminho de Gaza. Se fosse um pastor, e não sabemos se o foi depois, já estaria preenchendo satisfatoriamente um requisito esperado dos que exercem esta função: "Que governe bem a sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição, com toda a modéstia" (1 Tm 3.4). Quase no fim de Atos, se lê: "... Filipe, o evangelista, que era um dos sete... Tinha este quatro filhas donzelas, que profetizavam" (At 21.8,9). Lamentavelmente, nem todos os obreiros de Cristo têm a felicidade de ver seus filhos na mesma condição espiritual em que se encontravam as filhas de Filipe. Quantos lutaram por preservar seus filhos na fé e tiveram o dissabor de vê-los, um dia, separando-se do Senhor, fazendo sua opção pelo mundo. Não se pode generalizar, é claro. Cada caso é um caso, e nós nos sensibilizamos por todos aqueles que, a despeito do esforço empreendido por seus pais, acabaram em fracasso. Por esses casos, resta-nos esperar inteiramente na graça (1 Pe 1.13), na esperança de que as orações, um dia, possam alcançá-los como instrui Zacarias 4.6: "Não por força, nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos". Mas, enquanto alguns carregam consigo a tristeza de não terem obtido êxito no trabalho de formação espiritual de seus filhos, outros há que têm a lamentar por si mesmos. Isso porque, quando era o caso de usar a vara e valer-se da autoridade de pais, procrastinaram, fizeram concessões, toleraram erros, sem usar de medida mais austera. Pais que agiram segundo a escola de Eli, o sacerdote, que não soube criar seus filhos, Hofni e Fineias, na doutrina do Senhor. Todos esperamos o melhor para os nossos filhos e, para garantir-lhes esse ideal, esforçamo-nos para dar a eles, segundo as nossas posses, a melhor educação, a mais apurada formação e a mais generosa criação. Mas, o futuro pode trazer-nos surpresas desagradáveis. Que fazer, então? Além de nos valermos de tudo o que a Bíblia tem a nos ensinar sobre o assunto, devemos incluir os nossos filhos em nossas orações e aprender a gastar tempo com eles a fim de orientá-los espiritualmente. A grande razão de muitos pastores não terem seus filhos no evangelho é que se ocuparam demasiadamente com a igreja, e não souberam dedicar atenção para com sua casa, enquanto a Bíblia diz: primeiro a sua casa (1 Tm 3.4). Por outro lado, há também aqueles que exigiram demais dos filhos, desumanizando-os, fazendo deles pequenos seres angelicais, sem direitos ou liberdades. Adultizaram suas crianças. Decretaram-lhes o silêncio clerical: "Filho de pastor tem de ficar de boca calada!" Das diversões infantis, foram privadas; afinal, o cuidado com o "bom exemplo" deve atingir toda a família! Isso é verdade até certo ponto. A criança que é filha de pastor tem

Quando alguém vem para o evangelho, apercebe-se de que os seus conceitos de valores passam por uma reformulação espontânea, à medida que vai se deixando transformar pela renovação diária do entendimento.

os mesmos direitos, gostos e sentimentos que qualquer outro ser humano de sua idade. Tem o direito de brincar, de ter brinquedos, de se vestir bem, de ter roupas adequadas, tem o direito de fazer criancices, de ser criança! Criança filha de pastor tem, inclusive, o direito a um nome, como as demais crianças, de modo que não precise ser referida simplesmente como "a filha" ou "o filho do pastor". O evangelho impositivo gera antipatia e cria traumas. Quando apresentado com amor, produz satisfação e dá futuro.

Enquanto alguns filhos de obreiros estão no mundo por razões como essas, outros estão ocupando os púlpitos das igrejas, fazendo melhor que seus pais. Quando se referem aos seus genitores, o fazem com orgulho: "Meu pai me ajudou". Que bênção! Fico imaginando as filhas de Filipe ouvindo seu pai relatar as experiências enquanto servia às mesas em Jerusalém, ou, então, quando veio a perseguição contra a Igreja e todos tiveram de sair às pressas da cidade, inclusive ele, indo parar em Samaria. Ao relatar como Samaria (e logo Samaria, que era discriminada pelos judeus) o recebera alegremente, à medida que anunciava Cristo, ou quando contava dos coxos que, após a sua oração, saíam correndo. Como não ficavam elas? Certamente, boquiabertas, querendo que seu pai contasse mais. Os testemunhos e os ensinamentos que Filipe trazia para dentro de casa iam cristalizando a fé no coração de suas quatro donzelas. Do que resultou isso? Do fato de ser Filipe um homem cheio do Espírito Santo. Para que ser cheio do Espírito? Para ter a graça e a sabedoria de criar os filhos na inteira sujeição ao Senhor!

Na plenitude para desapegar-se das coisas materiais

A majestosa tríade ser-ter-fazer pode ser encontrada nas vidas de homens de Deus que souberam entender a Sua voz. Eles foram chamados a trilhar a senda que da parte do Senhor lhes era proposta. Alguns, porém, como Barnabé, contentaram-se apenas em "ser" e "fazer", abrindo mão por inteiro do "ter". " Porque era homem de bem e cheio do Espírito Santo e de fé. E muita gente se uniu ao Senhor" (At 11.24). Quando alguém vem para o evangelho, apercebe-se de que os seus conceitos de valores passam por uma reformulação espontânea, à medida que vai se deixando transformar pela renovação

diária do entendimento. Coisas que antes eram tão importantes deixam de ser, e outras que eram desprezíveis passam a ocupar o centro da sua atenção. O conceito ontológico de "ser" é tão importante que ninguém será capaz de "fazer" sem antes passar pelo "ser". *Agere sequitur esse* – "O agir segue o ser" –, diziam os antigos filósofos, e quando alguém tenta tripudiar este princípio na vida espiritual, não consegue ir muito longe.

Deus não nos trata com base no que fazemos ou temos, mas primeiro no que somos. Isso é o que realmente tem valor na esfera espiritual. A vida de Barnabé é um exemplo claro do que estamos dizendo. Sendo um homem que possuía alguma coisa nesta vida, preferiu investir tudo o que tinha e o que era em favor da causa do evangelho, procurando fazer, de bom grado, a obra de Deus.

Um espírito doador

A expectativa pela vinda do Senhor era tanta que os crentes passaram a viver uma espécie de alienação dos interesses do mundo. Os que possuíam alguma propriedade vendiam-nas e depositavam os valores aos pés dos apóstolos. Nada era mais importante do que viver uma vida em comum (At 4.32). Barnabé aparece como um pioneiro dentro desse comportamento, tomando a iniciativa de repartir com os irmãos o que possuía: "Então, José, cognominado, pelos apóstolos, Barnabé (que, traduzido, é Filho da Consolação), levita, natural de Chipre, possuindo uma herdade, vendeu-a, e trouxe o preço, e o depositou aos pés dos apóstolos" (At 4.36,37). Tão grande generosidade revela um sentimento de bondade intrínseca à natureza humana, embora nem todos os doadores dispõem dessa liberalidade de forma inata. Alguns o são por obra do Espírito Santo em suas vidas. Algumas pessoas levam anos até aprenderem a abrir o coração; outras passam a vida no evangelho, e morrem avarentas. Se criássemos um paralelismo entre o moço rico que iniciou um diálogo com Jesus sobre a vida eterna (Mt 19.16-22) e Barnabé, alguns contrastes seriam ressaltados. O moço rico recusou-se a vender o que possuía, quando o Senhor exigiu isso dele, Barnabé o fez sem que lhe fosse exigido. O moço rico desaparece do cenário bíblico tendo como única referência à sua pessoa a "tristeza", enquanto que Barnabé figura entre os melhores modelos de fé cristã. O moço rico, por ser preso às coisas materiais, não conseguiu ganhar nem a própria vida, ao passo que Barnabé não só ganhou a sua vida como ainda levou muitos a ganharem a eternidade (At 11.24). A plenitude do Espírito é o poder detonador de toda espécie de idolatria (Cl 3.5), e nenhum idólatra tem parte no Reino dos céus (Ap 22.15).

Um espírito solidário

O que você diria se alguém trouxesse a notícia de que um terrorista famoso iria estar em sua igreja nos próximos dias para pregar a Palavra? Por certo, a sua primeira reação seria de espanto, principalmente se você fosse um cristão judeu e morasse em Israel. Você e toda a sua igreja se previniriam com uma série de indagações: Será que

é verdade mesmo? Esse homem não virá aqui para tramar um ataque? Como confiar nele? Converteu-se mesmo? A respeito da conversão de Saulo de Tarso, ninguém queria dar crédito à notícia. Achavam que era engodo. Temiam por mais uma cilada do perseguidor dos crentes: "Todos os que o ouviam estavam atônitos e diziam: Não é este o que em Jerusalém perseguia os que invocavam este nome e para isso veio aqui, para os levar presos aos principais dos sacerdotes?" (At 9.21); "E, quando Saulo chegou a Jerusalém, procurava ajuntar-se aos discípulos, mas todos o temiam, não crendo que fosse discípulo" (At 9.26). É numa hora como essa que a igreja precisa ter um Barnabé: um crente cheio do Espírito que sabe dar crédito a quem dele precisa. Aprendemos aqui que um crente cheio do Espírito Santo deve ter o olho bom (Mt 6.22,23). Por certo, alguém cujo olho ainda não era bom pode ter influenciado os demais levantando terrível suspeita sobre a conversão daquele que seria, depois de Jesus, o mais destacado homem do Cristianismo. Além do mais, Barnabé era cheio de amor, e o amor não suspeita mal (1 Co 13.5). Contrariando as medidas de segurança do "Conselho Deliberativo da Sociedade dos Homens sem Fé", tão presente em igrejas de hoje, Barnabé vai em busca desse brilhante e promissor futuro para a Igreja: Saulo de Tarso. "Então, Barnabé, tomando-o consigo, o trouxe aos apóstolos e lhes contou como no caminho ele vira ao Senhor, e este lhe falara, e como em Damasco falara ousadamente no nome de Jesus" (At 9.27). Barnabé agiu como tutor de Saulo. Observou o seu comportamento e viu nele grandes possibilidades de fazer carreira no evangelho. Quando a igreja em Jerusalém passou a sofrer uma fragmentação, por causa da perseguição promovida contra os crentes, alguns emigraram para a Antioquia e anunciaram a salvação. Em Jerusalém, tomaram conhecimento do fato e enviaram Barnabé para lá (At 11.22,23). Novamente, o "filho da consolação" foi à procura do ex-perseguidor da Igreja: "E partiu Barnabé para Tarso, a buscar Saulo; e, achando-o, o conduziu para Antioquia" (At 11.25). Uma crise econômica irrompeu na Judeia, e a igreja em Antioquia prestou socorro aos irmãos necessitados de lá. Barnabé foi encarregado de levar-lhes os provimentos. A essa altura, ele já fez de Saulo um companheiro de viagem: "O que eles com efeito fizeram, enviando-o aos anciãos por mão de Barnabé e de Saulo" (At 11.30). O espírito solidário desse homem que era "cheio do Espírito" impediu a Igreja de cometer uma grande injustiça contra aquele que, um dia, se tornaria o grande "apóstolo e doutor dos gentios". Na plenitude do Espírito, a genuína bondade aparece e, mesmo causando suspeita de ingenuidade, pelo fato de ser autêntica, ela irá às últimas consequências, e só quando concluída é que será claramente entendida.

Os anos se passaram, e Barnabé repetiu o gesto com seu sobrinho João Marcos. Enquanto Paulo, ainda um tanto endurecido, tentou impedir o jovem missionário de acompanhar a dupla em sua segunda viagem, baseado no fato de que ele fracassara na primeira, Barnabé tomou posição: separou-se de seu companheiro, mais maduro o suficiente na fé, para seguir o seu destino missionário na companhia do moço. A intransigência de Paulo naquela hora poderia ter levado o futuro escritor do Evangelho

de Marcos ao desânimo, mas alguém apostou no futuro dele: "E Barnabé aconselhava que tomassem consigo a João, chamado Marcos. Mas a Paulo parecia razoável que não tomassem consigo aquele que desde a Panfília se tinha apartado deles e não os acompanhou naquela obra. E tal contenda houve entre eles, que se apartaram um do outro. Barnabé, levando consigo a Marcos, navegou para Chipre" (At 15.37-39). Mais uma vez, Barnabé acertou. Anos mais tarde, o próprio Paulo faz recomendações especiais a respeito de Marcos: "... Toma Marcos e traze-o contigo, porque me é muito útil para o ministério" (2 Tm 4.11). Quantos valores temos desperdiçado em nossas igrejas por não praticarmos o mesmo gesto de solidariedade e tolerância para com aqueles que, no entusiasmo de "serem" alguém na carreira da fé, deixam de ser vistos na sua potencialidade como obreiros de grande valor para o futuro da Causa! Não basta fazer a oração da Seara (Lc 10.2), é preciso também usar de sensibilidade visual para enxergar aqueles que têm potencial e abrir-lhes o caminho.

Um temperamento conciliador

A estatura espiritual de Barnabé deve servir de modelo para nós. Além de ser homem desapegado das coisas materiais, era desprendido de si mesmo. Não buscava os seus próprios interesses. Conquanto tivesse a certeza de que a obra de Deus estava sendo feita, isso lhe bastava. Barnabé tinha humildade suficiente para conhecer o seu lugar. Sabedor dos seus limites e sem o menor complexo de inferioridade, cede à liderança de Paulo, à medida que esta se mostra mais forte do que a sua. Há muitas pessoas ocupando teimosamente cargos que poderiam ser preenchidos por outros mais eficazes. Mas, a incapacidade para perceber os limites de suas habilidades tanto impede a projeção de novos valores como causa retardamento à obra de Deus, que exige de nós profundo senso de urgência! Assim que a igreja em Antioquia despediu Barnabé e Paulo para a obra missionária, por ordem do Espírito Santo (At 13.2), notamos que a primazia é de Barnabé: "Apartai-me a Barnabé e a Saulo...". O nome de Barnabé figura na frente de Paulo. Na sequência da narrativa, continua aparecendo assim (At 13.7), mas o espírito de líder do segundo confere-lhe naturalmente o primeiro lugar e, assim, a ordem é invertida: "Paulo e Barnabé" (At 13.43,46). O espírito humilde de Barnabé é a demonstração prática de um ensino que, mais tarde, Paulo transmite à igreja em Filipos: "Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo. Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros" (Fp 2.3,4).

Um homem bom

A bondade implica um dos atributos morais de Deus (Sl 34.8), e essa virtude é própria de homens espirituais (Gl 5.22). Os fariseus no tempo de Jesus evocavam para si semelhante tratamento; principalmente, os rabinos, que gostavam de ser chamados

Um homem bom

de "bons mestres". Por essa razão, Jesus recusou ser assim chamado pelo moço rico: Ele sabia o que estava por trás. A bondade é um qualificativo que todos querem atrair para si. Felizmente, mais de noventa por cento dos homens sempre conseguem isso. Se não se fizerem devidamente merecedores em vida, sempre haverá alguém para dizer no dia do seu velório, e com toda a certeza a sua mãe, se ela estiver lá: "Ele era tão bom". A bondade está mais do que explicada no que já estudamos da vida de Barnabé, mas, se a Bíblia faz questão de mencionar esse epíteto, é porque se trata de um tipo realmente raro. Uma boa formação moral assim como um bom perfil podem resultar numa bondade inerente à vida do indivíduo. Muitas pessoas possuem naturalmente esse qualitativo tão nobre, mas, no caso específico de Barnabé, a palavra "bom" é a tradução de *agathós,* e não de *kalós*. Ambas as palavras querem dizer "bom" na língua grega. Quando Paulo fala do fruto do Espírito em Gálatas 5.22, ele usa a palavra *agathoosune,* cuja raiz está identificada com a que diz respeito a Barnabé em Atos 11.24. Essa palavra engloba a ideia de retidão e gentileza. A bondade de Barnabé era o subproduto de uma vida vivida na plenitude do Espírito. Barnabé era um homem cheio do Espírito Santo. A prática da bondade pode ser resultante de um atuar perene do Espírito em nossa vida, mas pode também ser produzida convenientemente no interesse de se conquistar alguma vantagem pessoal. É o caso de políticos que se fazem amigos dos necessitados e até lhes prestam favores em época de eleição. A bondade típica de Barnabé é a que deve caracterizar os crentes em Jesus. Seu peso e seu valor estão sempre à altura de recompensar o mal com o bem.

Um homem de fé

O autor de Atos, com o seu extraordinário poder de síntese, consegue exprimir a essência do caráter de Barnabé, de cujo destaque se faz merecedor em razão de ser um homem cheio do Espírito Santo. A ampla tessitura de fé descrita no Novo Testamento vai desde o princípio singelo capaz de produzir o milagre da salvação até a ousadia prodigiosa de mudar circunstâncias, transpor montes, curar enfermos e operar maravilhas. Fé como atitude perseverante e resoluta. Fé que tem levado muitos homens a trocar o conforto pelo sofrimento, contanto que realizem a obra de Deus. Fé que garante sustento na Obra apesar de uma estabilidade profissional deixada para trás. Esse é o tipo de fé demonstrado por Barnabé. Fé que não pode subtrair do indivíduo nem a paz, nem a felicidade. Ananias e Safira tentaram reproduzir o seu gesto; porém, não tinham fé. Constrangidos por um princípio sociológico de preservação da imagem no grupo, venderam a sua propriedade retendo para si uma parte, enquanto exibiam a outra como se fosse o valor total da venda. A falta de fé tem induzido muitas pessoas a erros irreparáveis. A consciência da falta de fé pode levar-nos a elaborar mecanismos psicológicos de justificativas ou de autodefesa quando somos cobrados a praticá-la. A. W. Tozer diz: "Arranjamos de tal modo as nossas vidas que podemos passar muito bem sem o auxílio divino, enquanto que ao mesmo tempo o temos buscado". A verdadeira fé não se estriba em algo que é evidente, caso contrário, toda vez que a evidência não aparecer, a fé fracassará. A fé demonstrada na vida de Barnabé abrange desde seu desprendimento das coisas terrenas e coragem para viver inteiramente do evangelho até seu companheirismo e solidariedade para com as pessoas e à causa do Evangelho para a qual trabalha, tendo a confirmação do Senhor: "Os passos de um homem bom são confirmados pelo SENHOR..." (Sl 37.23).

Fé que tem levado muitos homens a trocar o conforto pelo sofrimento, contanto que realizem a obra de Deus. Fé que garante sustento na Obra apesar de uma estabilidade profissional deixada para trás.

Um grande ganhador de almas

"E muita gente se uniu ao Senhor" (At 11.24). À luz de Atos 1.8, uma das principais razões de se viver na plenitude do Espírito é a de ser um conquistador de almas: "Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas tanto em

Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra". Barnabé parece ser um homem alegre, gentil, agradável, sempre rodeado de pessoas para ouvi-lo falar das maravilhas de Deus. Enquanto alguns carregam consigo a fama de divisores de igrejas, ou de trazerem escândalo ao evangelho, a Bíblia apresenta Barnabé como um excelente evangelista. Nem podia ser diferente, Barnabé era homem cheio do Espírito, e isso indica que ele era possuído por um fogo divino dentro de si que não lhe permitia calar. É engano satânico pensar que somente os pastores, pregadores e evangelistas famosos podem ganhar almas. Essa é a tarefa de todo crente. Cheios do Espírito Santo, então, não haverá quem os segure. A Bíblia diz: "... o que ganha almas sábio é" (Pv 11.30).

Bar Mitzvah

Na plenitude por ser um vaso escolhido

"...Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que te apareceu no caminho por onde vinhas, me enviou, para que tornes a ver e sejas cheio do Espírito Santo" (At 9.17).

Um pregador está morrendo por causa de sua fé. Uma multidão se credencia pela justiça a decretar-lhe a morte, pois o seu ensino é considerado pernicioso à nação. Alguns dos presentes têm autoridade suficiente para assentir ao ato, entre esses, encontra-se um jovem fariseu, zeloso e dedicado, chamado Saulo, da cidade de Tarso (At 7.58; 22.20). Judeu, nascido na Síria, teve grandes oportunidades em sua vida. Segundo historiadores, aos 13 anos, foi para Jerusalém ganhar a sua maioridade através do *Bar Mitzvá*.[62] Permaneceu em companhia de uma irmã mais velha que ali residia. Foi entregue ao grande mestre de leis judaicas Gamaliel, neto de Hillel, com quem se instruiu em todo o conhecimento das Escrituras veterotestamentárias, acrescentando, ainda, ao seu currículo o direito de cidadania romana.

---

62. *Bar Mitzvá* é uma prática judaica que ocorre quando o menino completa 13 anos de idade. Nesse dia, ele ganha a sua maioridade: passa dos cuidados da mãe para os cuidados do pai. A cerimônia exige que o menino recite ou leia um trecho da Torá - o livro das leis de Moisés - e responda a algumas perguntas sobre os costumes do seu povo.

De temperamento forte, prático e determinado na sua opção pelo farisaísmo, não foi um membro comum, nem pode se enquadrar na crítica divina dirigida aos seus correligionários, dada à seriedade com que encarava os princípios teológicos da sua seita. A menção que faz da sua conduta dentro do judaísmo, anos mais tarde, não deixa qualquer sombra de dúvida quanto à sua idoneidade moral no grupo mais criticado pelo Senhor: "Circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; segundo a lei, fui fariseu, segundo o zelo, perseguidor da igreja; segundo a justiça que há na lei, irrepreensível" (Fp 3.5,6). Se os fariseus em geral não sabiam honrar o próprio grupo, negligenciando o pleno cumprimento do que tanto ensinavam, esse não era, terminantemente, o caso desse homem de Tarso. Pelo contrário, diz ele que "excedia em zelo". É interessante o enfoque dado pelo famoso teólogo Dodd acerca da conversão de Paulo. Dodd encarou a sua experiência de vir a Cristo como a "grande vingança de Deus". Para os fariseus, não era bastante a ressurreição de Jesus como fato comprobatório de Sua divindade. Sua oposição ao ministério de Jesus continuava, mesmo com a notícia da ressurreição. A melhor forma de Deus vingar-se deles seria por meio do impacto causado à maior personalidade dentro do farisaísmo daquela época, convertendo-a e usando-a para falar bem do nome de Seu Filho Jesus.

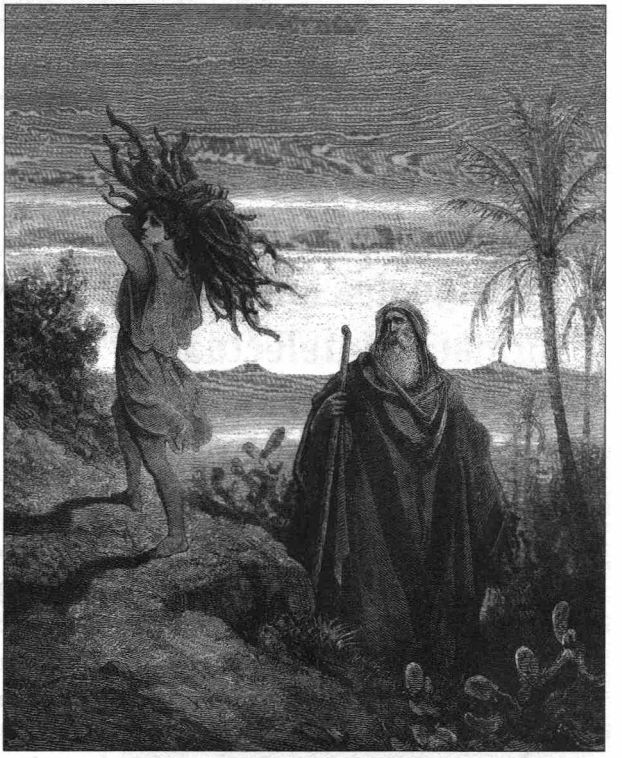
Que paradoxo, um fariseu revoltado contra Cristo e seu grupo fazer-se um com eles e, agora, começar um trabalho de ressarcimento aos danos causados na sua incompreensão e teimosia vividas dentro da sua seita. Isso, porém, não aconteceu de modo tão simples. Lá vai o moço de temperamento colérico à cidade de Damasco, credenciado pelo sumo sacerdote para um trabalho de inspeção nas sinagogas. A intenção é só uma: descobrir traidores, isto é, judeus que estejam acompanhando o grupo iniciado por Jesus. Vai determinado não só a descobri-los, mas pronto para agir, "respirando ainda ameaças e mortes" (At 9.1). Mal sabe ele que está a caminho da sepultura onde serão enterrados seus ideais zelosos. Aquela foi a sua última investida. Havia alguém esperando por ele no caminho: a parte ofendida. O próprio Senhor Jesus o encara. Saulo vê um resplendor de luz e ouve a voz do que fala com ele: "E ele disse: Quem és, Senhor? E disse o Senhor: Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Duro é para ti recalcitrar contra os aguilhões" (At 9.5).

Que ideal não obcecava a mente de Saulo quando ia para Damasco à procura dos cristãos? E para sua surpresa ele se vê prostrado e à inteira disposição do Senhor a quem ele persegue: "... Senhor, que queres que faça?" (At 9.6). A resposta é: "... Levanta-te e entra na cidade, e lá te será dito o que te convém fazer" (At 9.6). Paulo tem um encontro com Ananias na casa de certo Judas. Sua fama como perseguidor é tanta que Ananias reluta com Deus para finalmente atender à ordem de encontrar-se com Saulo (At 9.13). Por que razão o Senhor preparou o encontro de Saulo com um pregador? Por que já não tratou diretamente com ele o assunto da sua salvação? Simplesmente, para não violar um princípio estabelecido por Ele mesmo: a mensagem da salvação foi confiada aos pregadores. Anos mais tarde, o apóstolo Paulo explica este mistério dizendo: "Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria,

aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação" (1Co 1.21). Exatamente o que aconteceu com Cornélio quando os anjos falaram com ele. Recomendaram-lhe um pregador: Pedro (At 10.5,6). A forma lacônica como Lucas narra o encontro de Ananias com Saulo não compromete as verdades acerca dos processos naturais de evangelização, tanto que, no final de todo o trabalho, o perseguidor é batizado, dando, com esse ato, o maior testemunho de sua aceitação à fé que antes perseguia. Ananias ora por ele para que veja (afinal estava cego por causa do resplendor da luz de Cristo que o cercara no caminho) e também para que seja cheio do Espírito Santo. A virtude rogada a Deus por ele é tão necessária e poderosa que catalisa um enorme processo de adestramento na graça divina, apressando a sua habilitação tanto em compreendê-la como em viver dentro dela. Quando Paulo, anos depois, recomenda a todos os crentes que sejam cheios do Espírito Santo, ele sabe, por experiência, da importância de viver uma vida neste molde. A oração de Ananias foi a mais poderosa infiltração da natureza divina em seu ser, capaz de fazer dele a figura mais destacada na história do Cristianismo, depois do Senhor Jesus! Não houve, em dois mil anos de História, alguém cujo trabalho produzisse efeitos tão extraordinários. A sua compreensão, sua revelação, seus escritos, sua doutrina, ainda hoje, são admiravelmente tocantes à alma. Servem de diretrizes básicas por onde se orientam todos os cristãos no mundo inteiro.

Uma vida determinada

"Prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus" (Fp 3.14). Assim, pronuncia-se sobre si mesmo o apóstolo ao escrever à igreja de Filipos. Antes, os seus alvos eram a aniquilação total do Cristianismo, porém, com a mudança de vida, sendo vencido por aquilo que pretendia destruir, faz do evangelho de Cristo o seu maior e único ideal. Paulo entende que a vida cristã não é um mero estado psicológico que se dá por satisfeito com o simples cumprimento de al-



Abraão e Isaque

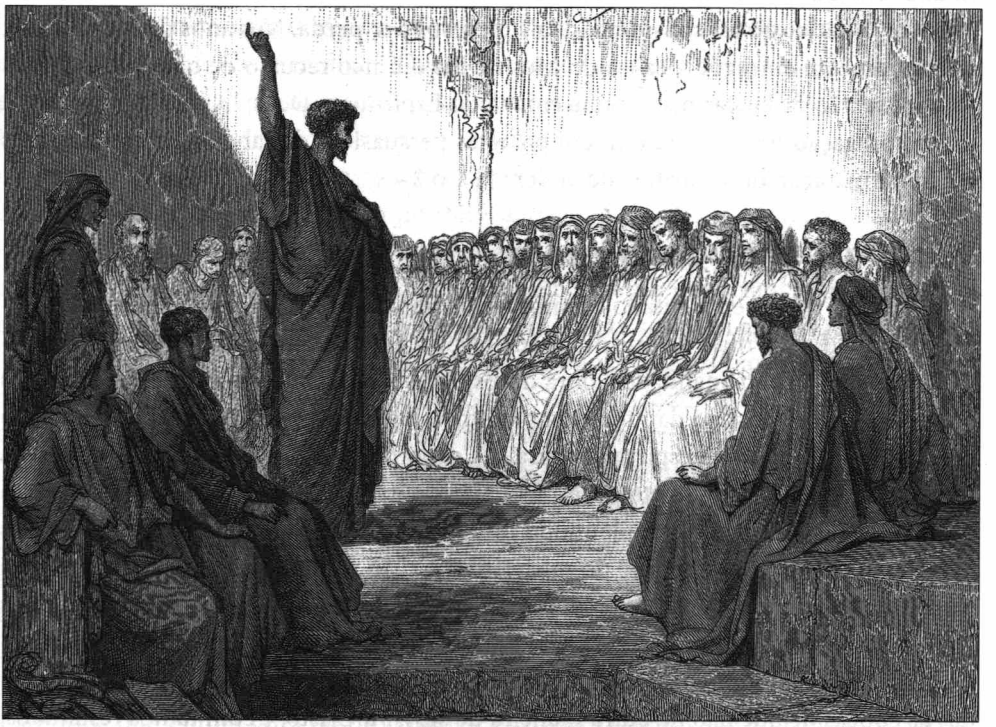
gumas normas e padrões preestabelecidos no conceito geral da fé. A vida na qual imergimos é vida de ação e reação, é sentir e refletir, querer e fazer. Não fomos feitos robôs de programação mística para, num simples acionar de estímulos auditivos, oriundos de uma pregação eloquente, respondermos, frívola e automaticamente, num coro de aleluias e améns.

A vida cristã é vida de sonhos e realizações, de plantio e de colheita, de trabalho e de recompensa, de investimentos e de esperança. É vida de alvos, de determinação, de objetividade e de fixação. Não é uma vida ao "deus-dará". Isto é casuísmo. É vida em que "Deus dará conforme o seu prazer em nos atender naquilo que objetivamente temos proposto diante dele". Abraão teve como alvo voltar com o seu Isaque do Moriá; Josué, possuir Jericó; Salomão, construir o Templo; Daniel, reinvindicar o retorno do seu povo à sua terra; Neemias, reedificar as muralhas; Zorobabel, reedificar o Templo de Jerusalém; Simeão, ver Jesus antes de morrer; e Jesus, morrer pelos nossos pecados. Fato notável: todos estes alcançaram o seu ideal. Além do mais, Paulo tinha uma capacidade extraordinária de olhar para frente sem se deixar afetar pelo passado. Os acontecimentos passados não influíam no seu comportamento. Suas decisões eram claras e objetivas. O apóstolo gozava de saúde mental. Traumas, recalques, frustrações e desapontamentos influem grandemente na história da vida de cada um. Paulo não se permitia neurotizar pelas memórias de um passado ruim. Expurgava-as. Preenchia a mente com o que considerava relevante: "... esquecendo-me das coisas que atrás ficam e avançando para as que estão diante de mim, prossigo..." (Fp 3.13,14).

Os recursos retóricos de Paulo eram invejáveis. A bagagem cultural que trazia consigo dos anos de formação intelectual poderia dar-lhe um excelente grau de notoriedade entre as personalidades mais destacadas na esfera cultural.

Quantas pessoas sofrem de enfermidades no corpo ou na mente por não se desvincularem de lembranças que ferem, massacram e torturam a alma! Vivem remoendo e pensando como tudo poderia ter sido diferente. O velho ditado "águas passadas não movem moinho" é verdadeiro. Enquanto ficamos detidos ao que "poderia ter sido diferente", deixamos de olhar para frente e enxergar o que poderia ser melhor. O futuro sempre nos dá esperança. A esperança transforma-se em sonhos. O sonhos trazem entusiasmo. O entusiasmo é alegria. Façamos como Paulo:

A pregação de Paulo



pensemos nisto! Ainda em Filipenses ele dá o modelo do pensar cristão: "Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai" (Fp 4.8).

Uma vida dirigida pelo Espírito

"E, servindo eles ao Senhor e jejuando, disse o Espírito Santo: Apartai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado" (At 13.2). Partiu com Silas para a segunda viagem missionária. Estando em companhia de Silas, pretendia passar pela Frígia e pela província da Galácia, mas, surpreendentemente, foram impedidos pelo Espírito Santo de pregar o evangelho na Ásia e, depois, na região da Bitínia (At 16.6,7). Quando a ordem é sair, ele sai, mas, quando o Espírito determina que não saia, ele também é sensível para ficar. Andar na plenitude do Espírito, dentre outras coisas, significa deixar-se guiar por Ele, mesmo contrariando planos preestabelecidos.

A pregação de Paulo

Os recursos retóricos de Paulo eram invejáveis. A bagagem cultural que trazia consigo dos anos de formação intelectual poderia dar-lhe um excelente grau de noto-

riedade entre as personalidades mais destacadas na esfera cultural do mundo helenista. Mas, ele já declarara ter considerado tais recursos por perda. Nos anos de maturidade, está totalmente entregue à causa do Mestre. Eis o único recurso de que Paulo faz absoluta questão de lançar mão: o que emana do Espírito de Deus: "A minha palavra e a minha pregação não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração do Espírito e de poder" (1 Co 2.4).

Paulo, o grande doutrinador

Além de ter experimentado, de modo bem abrangente, a ação e a plenitude do Espírito Santo, Paulo, mais do que ninguém, legou à Igreja os mais sublimes ensinamentos a respeito da personalidade e obra do Espírito Santo. O capítulo 12 de 1 Coríntios é um verdadeiro clássico da literatura pneumatológica, pois trata da ação do Espírito na distribuição de dons espirituais para o Corpo de Cristo. Paulo não esconde seus méritos na revelação dos mistérios espirituais, resultantes de uma vida vivida, de modo cada vez mais acentuado, na plenitude do Espírito: "Pelo que, quando ledes, podeis perceber a minha compreensão do mistério de Cristo, o qual, noutros séculos, não foi manifestado aos filhos dos homens, como, agora, tem sido revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas" (Ef 3.4,5). A experiência pessoal e o grau de conhecimento adquiridos sobre o Espírito Santo impeliam Paulo a persuadir os crentes de todas as épocas de que não há outra maneira de servir a Cristo, e com tantos resultados, a não ser sob a plena ação do Santo Espírito.

Na plenitude para enfrentar demônios

"Todavia, Saulo, que também se chama Paulo, cheio do Espírito Santo e fixando os olhos nele, disse..." (At 13.9).

Nem sempre sabemos quando haveremos de defrontar-nos com pessoas possessas de demônios. Frequentemente, o povo de Deus lida com situações emergenciais nessa área, sem que haja qualquer saída que não seja enfrentar, e enfrentar para vencer. Enfrentar para não deixar o nome do Senhor envergonhado. Enfrentar porque esta é a norma! É bem verdade que Jesus ensinou, no episódio do menino lunático, que há certos casos que só são vencidos à custa de oração e jejum (Mt 17.21). Contudo, essa é uma postura que deve ser adotada sempre que o crente vai lidar com possessões demoníacas. A lição ensinada nesse texto, que é uma narração da estada de Paulo na ilha de Chipre, revela a importância de viver uma vida na plenitude do Espírito para realizar a obra de Deus, sem qualquer vínculo ou impedimento, ainda que uma legião de demônios, apossando-se de alguém que exerça influência sobre o mais alto escalão governamental de uma terra, tente criar alguma barreira ou obstáculo. No fim da vida deste valoroso apóstolo dos gentios, ficamos sabendo que, apesar de tantos obstáculos que tivera de enfrentar no decurso de sua carreira, ele pôde trabalhar livremente: "Pre-

gando o Reino de Deus e ensinando com toda a liberdade as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo, sem impedimento algum" (At 28.31). Diz o velho ditado: "Quem entra na chuva tem de se molhar". Quem se propõe a fazer a obra de Deus deve estar preparado para lidar com as mais diversas e embaraçosas situações e, nessas horas, não há como recorrer a um livro, manual de instrução, consultar um professor de teologia ou um experimentado pastor para saber como se orientar no caso. Ou você está cheio do Espírito para aceitar o desafio ou sairá derrotado, frustrado, envergonhado! Por isso, Paulo dá prioridade a uma recomendação necessária, insubstituível, vigorosa e completa: "Enchei-vos do Espírito" (Ef 5.18). Ele sabe da importância desta virtude em sua vida, razão por que a cultiva intensamente e não se vê em apuros nessas horas.

Enquanto pregava para o procônsul Sérgio Paulo, o apóstolo sofria a oposição de um judeu mágico, chamado Bar Jesus, também apelidado de Elimas. Esse tentava dissuadir o governador de ouvir o que Paulo tinha a dizer. Paulo não tolerou aquilo: "Todavia, Saulo, que também se chama Paulo, cheio do Espírito Santo e fixando os olhos nele, disse: Ó filho do diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perturbar os retos caminhos do Senhor? Eis aí, pois, agora, contra ti a mão do Senhor, e ficarás cego, sem ver o sol por algum tempo. No mesmo instante, a escuridão e as trevas caíram sobre ele, e, andando à roda, buscava a quem o guiasse pela mão" (At 13.9-11). Paulo não se intimida nem teme qualquer desforra espiritual posterior ou trabalho de feitiço contra a sua pessoa. Não respeita a amizade que Elimas goza do procônsul. Encara-o! Os olhos são a primeira parte do nosso corpo que se esconde quando as coisas não andam bem. Numa hora de medo ou de susto, a tendência é encobrir os olhos. Paulo, todavia, encara o homem. Quando Jesus envia os setenta discípulos para a missão de evangelizar, eles voltam alegres pelo fato de possuírem autoridade sobre os demônios. Seu relatório a Jesus foi este: "E voltaram os setenta com alegria, dizendo: Senhor, pelo teu nome, até os demônios se nos sujeitam" (Lc 10.17). Jesus incluiu a autoridade de expelir demônios em Seu nome na evangelização (Mc 16.17). Encarar é a maneira correta de quem tem consciência de possuir autoridade para realizar a tarefa.

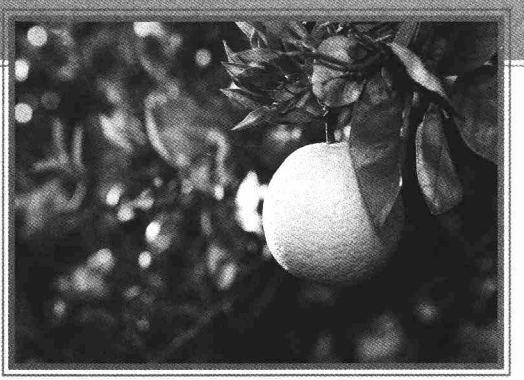
Na plenitude para um viver alegre

Paulo e Barnabé estão trilhando os caminhos de sua primeira viagem missionária, que começa com alguns percalços, como João Marcos, que, da Panfília, resolve voltar por sentir-se desencorajado a enfrentar os desafios da missão. Nossos desbravadores chegam à Antioquia da Pisídia. Paulo e seu companheiro entram numa sinagoga para anunciar o evangelho, primeiro aos judeus (At 13.46). Ganham a simpatia da congregação, que os convida a voltar. No sábado seguinte, sofrem o dissabor de uma divisão movida pela inveja de um grupo de judeus que alicia homens e mulheres importantes a fazerem uso da força para lançá-los fora da cidade. Não saem de mãos abanando. A essa altura, o trabalho já está fundado. Como os judeus não querem receber a mensa-

gem, os evangelistas pregam aos gentios que ali residem: "E os gentios, ouvindo isto, alegraram-se e glorificavam a palavra do Senhor, e creram todos..." (At 13.48). Devido às pressões sofridas naquela cidade por parte dos judeus, tiveram de sair de lá, mas o autor reitera: "E os discípulos estavam cheios de alegria e do Espírito Santo" (At 13.52).

Enquanto o Novo Testamento fala, nada menos que setenta e quatro vezes, em alegria, e é um texto que nos puxa para ela, há uma infinidade de crentes que só falam em lutas, tristezas e sofrimentos. Não sou adepto da teologia que nega o sofrimento. Ele existe, é real e sei que temos de contar com sua incômoda presença, sobretudo, no desempenho da tarefa cristã. Mas, os crentes ainda neófitos da Antioquia da Pisídia estavam alegres apesar das adversidades: "E os discípulos estavam cheios de alegria e do Espírito Santo" (At 13.52). O fato de enfrentarmos lutas, dificuldades por trilharmos um caminho que é estreito, não torna a nossa vida infeliz. Nada pode garantir a uma pessoa mais felicidade que o fato de ser livre, e nós somos verdadeiramente livres. Não pode haver ambiente melhor do que aquele onde prevalece a alegria. Aí, não há murmuração, porque não há razão para isso; não há desânimo, porque a Palavra de Deus se cumpre: "O coração alegre serve de bom remédio, mas o espírito abatido virá a secar os ossos" (Pv 17.22).

O FRUTO DO ESPÍRITO



"Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança. Contra essas coisas não há lei" (Gl 5.22,23).

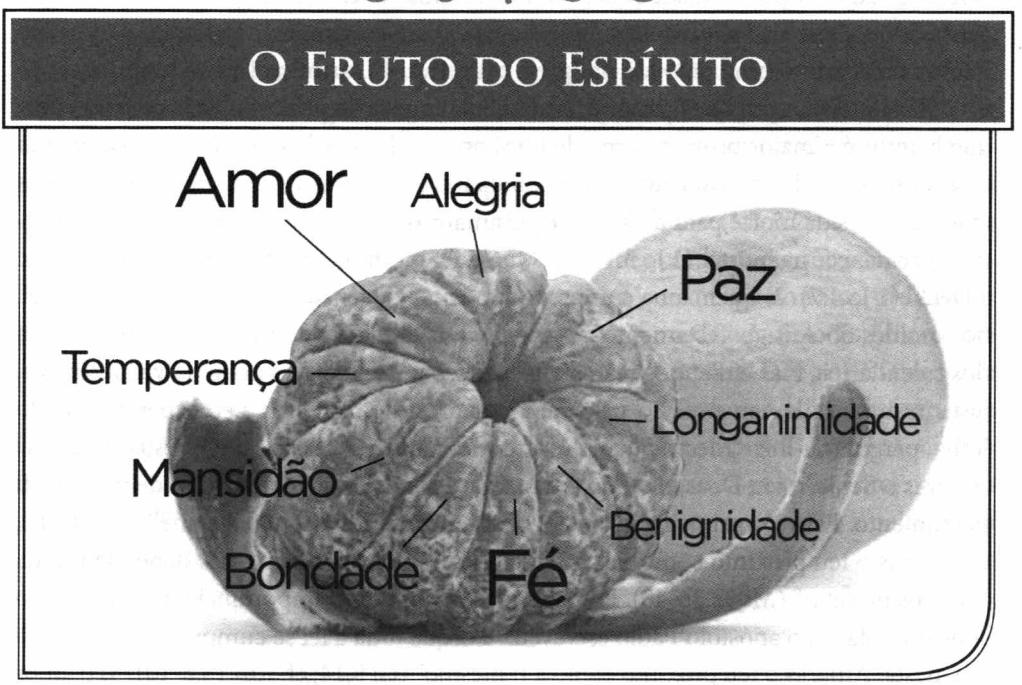
Há diferença entre a plenitude e o fruto do Espírito. Aquela é requerida como algo a ser cultivado pela busca em ambiente propício de devoção, conforme se depreende da orientação apostólica: "E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, cantando e salmodiando ao Senhor no vosso coração, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, sujeitando-vos uns aos outros no temor de Deus" (Ef 5.18-21), já o fruto do Espírito é decorrência natural de uma vida em Espírito. É tudo o que se espera de alguém que nasceu do Espírito (Jo 3.1-21), por isso é fruto. Fruto é resultado, é consequência. Ele está relacionado diretamente ao caráter cristão. Coincidindo com os nove dons do Espírito (1 Co 12.8-10), o fruto consiste em nove graças. Um crente espiritual não há de ser conhecido pelo fervor nem mesmo pelos dons que venha a possuir, mas por essas nove graças que compõem o fruto (no singular). Os crentes de Corinto eram fervorosos, possuíam todos os dons (1 Co 1.7), mas isso não os tornava mais espirituais; pelo contrário, Paulo os chama de carnais e de meninos em Cristo: "E eu, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnais, como a meninos em Cristo" (1 Co 3.1).

Antes de expor o fruto (v. 22), o apóstolo Paulo faz uma recomendação: "Digo, porém: Andai em Espírito e não cumprireis a concupiscência da carne. Porque a carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne; e estes opõem-se um ao outro; para que não façais o que quereis" (Gl 5.16,17). O andar em Espírito é uma condição esperada daquele que nasceu do Espírito (Jo 3). Não é um processo simples, antes, requer consciência, determinação e o exercício da piedade (1 Tm 4.8). É uma troca de vida para a qual é necessária total dedicação, o que inclui oração, vigilância, aprendizado da Palavra de Deus, comunhão cristã, adoração, testemunho de vida e santificação. É quando a vida, nos moldes da carne, dá lugar à vida nos moldes do Espírito, conforme se depreende da compreensão paulina, exarada no sexto capítulo de Romanos. Nesse texto, o apóstolo defende o sepultamento da vida no pecado e o surgimento de uma nova vida em Cristo, a qual deve ser cultivada. Não há meio termo: antes, no pecado, agora, na justiça de Deus: "E, libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça" (Rm 6.18). O cultivo de uma vida no Espírito requer resignação. Não é um processo fácil; porém, é glorioso e é o que se espera de todo salvo. Esse é o verdadeiro preço que se paga para viver a vida nos termos de Deus. Andar no Espírito é identificar-se com o próprio Deus na Sua natureza: "Deus é Espírito" (Jo 4.24). A decorrência desse andar no Espírito está nessas nove graças (v. 22). A vida no Espírito ajusta o crente ao padrão de comportamento ideal, encontrado na própria pessoa de Cristo Jesus. Vejamos, a seguir, no que consiste este fruto.

A língua grega é rica em suas nuances, dando a cada palavra uma importância peculiar. Para o amor, essa língua tem quatro palavras: *ágape, philéo, storge* e *eros*. A primeira forma de amor é *ágape*. Este é o termo usado para se referir ao amor de Deus.

Amor

O amor é o corolário da fé cristã. É a maior de todas as virtudes cardeais: "Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; mas o maior destes é o amor" (1 Co 13.13). A razão é simples: depois que o Senhor nos levar para a glória, não precisaremos mais nem de fé, nem de esperança, mas o amor haverá de perdurar por toda a eternidade. Jesus disse que os Seus discípulos seriam conhecidos pelo amor: "Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos ou-



tros" (Jo 13.35). De maneira equivocada, por muitos anos, os crentes têm sido reconhecidos pelos trajes e pela abstinência de adornos. A atenção é concentrada na aparência pessoal deles. Jesus disse que seremos conhecidos pelo amor. Os fariseus valorizavam muito a aparência, em detrimento de outros valores intrínsecos a uma vida piedosa. Lidar com a aparência é algo fácil, já o amor é um caminho que requer resignação.

A língua grega é rica em suas nuances, dando a cada palavra uma importância peculiar. Para o amor, essa língua tem quatro palavras: *ágape, philéo, storge e eros.* A primeira forma de amor é *ágape.* Este é o termo usado para se referir ao amor de Deus e ao amor requerido dos crentes. Para obter esse amor, é preciso nascer de Deus, porque em Deus está a primeira geração do amor (1 Jo 4.19). O outro tipo de amor vem do termo *philéo,* "amor fraternal". Esse tipo de amor é comum entre amigos e não é preciso ter nascido de Deus para que se tenha esse amor. Às vezes, é empregado também num sentido de amor menor, como "amar fazer alguma coisa" (Mt 6.5). Ele não deixa de ser importante, e a Bíblia o emprega muitas vezes para se referir ao amor familiar, amor à vida etc. (Mt 10.37; Jo 5.20; 12.25). Pode ser também um beijo, como aquele que Judas deu em Jesus (Mt 26.48; Mc 14.44; Lc 22.47). O termo *storge* aparece nos compostos *astorgos* (Rm 1.31; 2 Tm 3.3) e *philostórgos* (Rm 12.10). Já *eros* não é empregado no texto bíblico. O primeiro diz respeito ao amor de uma mãe por sua cria, mormente empregado para o caso de animais. *Eros* é o amor "prazer", amor sexual, que une um homem a uma mu-

lher. O termo tem grande importância no mundo que valoriza a sensualidade. De *eros,* vem suas adjetivações transliteradas, como "erótico" e "erotismo". O amor bíblico que procede de Deus e é aplicado ao crente é *ágape.* Esse é o amor de que trata o apóstolo Paulo no belíssimo hino entoado na Igreja primitiva: 1 Coríntios 13.1-8.

Há três razões por que o amor é fundamental e goza de primazia na fé cristã: 1) porque o amor é a maior prova *externa* de que somos salvos. Sabendo que a prova *interna* está no testemunho do Espírito de que somos filhos de Deus (Rm 8.16). "Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos; quem não ama a seu irmão permanece na morte" (1 Jo 3.14); "... Qualquer que ama é nascido de Deus e conhece a Deus" (1 Jo 4.7). 2) quem ama cumpre toda a lei. A exigência pelo cumprimento da lei, nos moldes do Antigo Testamento – o que incluía a guarda do sábado e a observância dos calendários, luas e dietas –, não diz respeito à Igreja, mas ao povo da velha aliança. Jesus resumiu a lei em uma só palavra: amor. Um intérprete da Lei, experimentando Jesus, perguntou-lhe: "Mestre, qual é o grande mandamento da lei? E Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas" (Mt 22.36-40). Por entender muito bem a importância do amor como substituto da lei, o apóstolo Paulo escreveu: "Porque toda a lei se cumpre numa só palavra, nesta: Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Gl 5.14; cf. Rm 13.8-10). 3) o amor é a motivação legítima da fé cristã: "Portanto, procurai com zelo os melhores dons; e eu vos mostrarei um caminho ainda mais excelente" (1 Co 12.31).

Alegria

A alegria no Espírito Santo não é uma alegria comum, fruto de uma alma satisfeita. A alegria da alma pode advir de um acontecimento agradável qualquer, como o encontrar algo perdido, rever pessoas queridas, cantar "Parabéns a você" numa festa de aniversário, ganhar um presente, ser promovido no emprego etc. Há milhões de motivos para a satisfação e alegria da alma, mas a alegria do Espírito é algo diferente. Ela não depende de nenhuma circunstância para existir. É capaz de coexistir com a tristeza da alma, mesmo quando ela está abatida. A alegria do Espírito dá força para a alma, abrindo diálogo com ela: "Por que estás abatida, ó minha alma, e por que te perturbas dentro de mim? Espera em Deus, pois ainda o louvarei. Ele é a salvação da minha face e o meu Deus" (Sl 42.11).

A "alegria", do grego *chara*, procede da mesma raiz de "graça", *charis.* Ela resulta de um bem-estar espiritual, entusiasmo gracioso e bondoso capaz de nos sustentar dando força, renovando a esperança e trazendo encorajamento. Deus é contrário ao desânimo. Uma vez desanimada, a pessoa se entrega totalmente à derrota. Depois de curar a mulher que sofria de um fluxo de sangue há doze anos, Jesus corrigiu a sua postura:

"E ele lhe disse: Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou; vai em paz" (Lc 8.48). É certo que o desânimo daquela mulher era decorrente de um estado físico. Vertendo sangue por tantos anos, certamente ela estava habituada a viver anêmica e enfraquecida. Mas, agora curada, precisava voltar a erguer a cabeça, respirar fundo e viver com vigor. Há outros casos na Bíblia em que o Senhor dá ordem para que as pessoas não se deixem abater pelo desânimo. Deus fez isso com Josué, quando ficou assustado por ter de assumir o lugar de Moisés na liderança do povo (Js 1.7,9). Jesus deu ordem ao paralítico de Cafarnaum levado em uma maca que tivesse bom ânimo (Mt 9.2), e fez o mesmo aos discípulos no mar revolto (Mt 14.27) e quando lhes comunicou que iria ausentar-se deles (Jo 16.33). É assim que Deus nos quer e é isto que o Espírito Santo produz em nós: ânimo decorrente de uma alegria incomum que é produzida pelo Espírito Santo em nós. Jesus ensejou que a alegria nos discípulos fosse completa. Depois de falar sobre a importância de ter uma ligação íntima com Ele, disse: "Tenho-vos dito isso para que a minha alegria permaneça em vós, e a vossa alegria seja completa" (Jo 15.11; cf. Rm 14.17)). Essa alegria não é produzida pelo homem, é produzida pelo Espírito, por isso é peculiar: "E vós fostes feitos nossos imitadores e do Senhor, recebendo a palavra em muita tribulação, com gozo do Espírito Santo" (1 Ts 1.6).

Paz

Como continuador da obra realizada por Jesus Cristo, o Espírito Santo não deixaria de importar-se com a nossa paz. Jesus disse: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize" (Jo 14.27). O filósofo Epicuro ensinava a *ataraxia*, "tranquilidade mental". Ele dizia que a paz advinha da autonegação dos prazeres e da ênfase posta na mente. A tranquilidade mental é algo que todo ser humano busca. Ele exercita essa tranquilidade quando busca momentos de serenidade em lugar calmo e aprazível e completamente longe de preocupações. Não há nada errado com essa busca pela paz, mas Jesus disse que a paz que Ele nos dá é ainda diferente: "... Não vo-la dou como o mundo a dá". Que paz é essa? Ela é inconsciente, porque acontece no íntimo do nosso ser e irradia-se pela alma tornando-a consciente da sua presença; por isso, é fruto do Espírito. É excepcional, porque é capaz de invadir o nosso ser em momentos difíceis, como, por exemplo, o luto. "E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus" (Fp 4.7). Ela também age como um sinalizador do Espírito Santo em nós, avisando-nos de alguma decisão tomada conforme ou contra a vontade divina: "Seja a paz de Cristo o árbitro em vosso coração..." (Cl 3.15 ARA).

Longanimidade

A longanimidade é a capacidade de transformar em serenidade a provocação à ira. O longânime troca a inquietude pela paciência, a pressa pela esperança. É grandeza

"E ele lhe disse: Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou; vai em paz" (Lc 8.48). É certo que o desânimo daquela mulher era decorrente de um estado físico. Vertendo sangue por tantos anos, certamente ela estava habituada a viver anêmica e enfraquecida. Mas, agora curada, precisava voltar a erguer a cabeça, respirar fundo e viver com vigor. Há outros casos na Bíblia em que o Senhor dá ordem para que as pessoas não se deixem abater pelo desânimo. Deus fez isso com Josué, quando ficou assustado por ter de assumir o lugar de Moisés na liderança do povo (Js 1.7,9). Jesus deu ordem ao paralítico de Cafarnaum levado em uma maca que tivesse bom ânimo (Mt 9.2), e fez o mesmo aos discípulos no mar revolto (Mt 14.27) e quando lhes comunicou que iria ausentar-se deles (Jo 16.33). É assim que Deus nos quer e é isto que o Espírito Santo produz em nós: ânimo decorrente de uma alegria incomum que é produzida pelo Espírito Santo em nós. Jesus ensejou que a alegria nos discípulos fosse completa. Depois de falar sobre a importância de ter uma ligação íntima com Ele, disse: "Tenho-vos dito isso para que a minha alegria permaneça em vós, e a vossa alegria seja completa" (Jo 15.11; cf. Rm 14.17)). Essa alegria não é produzida pelo homem, é produzida pelo Espírito, por isso é peculiar: "E vós fostes feitos nossos imitadores e do Senhor, recebendo a palavra em muita tribulação, com gozo do Espírito Santo" (1 Ts 1.6).

Paz

Como continuador da obra realizada por Jesus Cristo, o Espírito Santo não deixaria de importar-se com a nossa paz. Jesus disse: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize" (Jo 14.27). O filósofo Epicuro ensinava a *ataraxia*, "tranquilidade mental". Ele dizia que a paz advinha da autonegação dos prazeres e da ênfase posta na mente. A tranquilidade mental é algo que todo ser humano busca. Ele exercita essa tranquilidade quando busca momentos de serenidade em lugar calmo e aprazível e completamente longe de preocupações. Não há nada errado com essa busca pela paz, mas Jesus disse que a paz que Ele nos dá é ainda diferente: "... Não vo-la dou como o mundo a dá". Que paz é essa? Ela é inconsciente, porque acontece no íntimo do nosso ser e irradia-se pela alma tornando-a consciente da sua presença; por isso, é fruto do Espírito. É excepcional, porque é capaz de invadir o nosso ser em momentos difíceis, como, por exemplo, o luto. "E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus" (Fp 4.7). Ela também age como um sinalizador do Espírito Santo em nós, avisando-nos de alguma decisão tomada conforme ou contra a vontade divina: "Seja a paz de Cristo o árbitro em vosso coração..." (Cl 3.15 ARA).

Longanimidade

A longanimidade é a capacidade de transformar em serenidade a provocação à ira. O longânime troca a inquietude pela paciência, a pressa pela esperança. É grandeza

de alma, como sugere o próprio termo no original, *makrotumia*, "longa resistência", "grande paciência". O longânime sabe esperar. Não se apressa em agir. Não é inconsequente nos seus atos. Longanimidade é um dos atributos comunicáveis de Deus. É por Sua longanimidade que Ele suporta tanta irreverência dos seres humanos, sem se apressar em mandar juízo contra a humanidade. A longanimidade de Deus se traduz em misericórdia: "As misericórdias do SENHOR são a causa de não sermos consumidos; porque as suas misericórdias não têm fim" (Lm 3.22). A longanimidade de Deus é que leva os homens ao arrependimento para a salvação (Rm 2.4; 2 Pe 3.9,15). Se Deus não fosse longânime conosco, teríamos sucumbido à derrota muitas vezes, mas a Sua paciência em amoldar-nos, segundo o Seu propósito, faz com que Ele estenda o prazo, até que nos faça chegar ao ponto almejado. A longanimidade é esperada dos crentes (Cl 3.12). A longanimidade é irmã gêmea da paciência (Cl 1.11), e a paciência é uma qualidade adquirida ao preço da tribulação: "... a tribulação produz a paciência" (Rm 5.3), já a longanimidade é colocada dentro de nós pelo Espírito Santo, quando andamos em Espírito (Gl 5.16).

Benignidade

Do grego χρηστότης, *chrestotes* é "benignidade", "gentileza", afabilidade", "doçura". Ser benigno é ser gentil. O apóstolo Paulo reconheceu o gesto de Públio, na ilha de Malta, que o recebera benignamente por três dias em sua casa (At 28.7). A benignidade é uma qualidade inerente a todas as pessoas bem-educadas; entretanto, a benignidade como fruto do Espírito carrega consigo a peculiaridade de ser uma disposição sincera, espontânea e natural de afabilidade, própria de quem anda no Espírito. Jesus era benigno. Sua companhia agradava a todos os que o cercavam. Há crentes que, no seu zelo pelas coisas de Deus, tornam-se demasiadamente severos e intransigentes para com os outros. Não é isso que se espera de um crente em Jesus, mesmo que se esmere por ver tudo e todos dentro do padrão almejado de vida cristã, mas que seja tolerante e benigno para com todos: "Antes, sede uns para com os outros benignos, misericordiosos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo" (Ef 4.32).

Bondade

Seria estranho se um cristão não fosse dotado de bondade, quando adora um Deus que é amor! A bondade, do grego ἀγαθωσύνη, *agathosune*, é "gentileza", "brandura", "inclinação para o bem", "indulgência". Pode ser um qualificativo inerente a algumas pessoas, seja pelo temperamento, seja pelo caráter ou por educação, ou como virtude adquirida pelo empenho da vida cristã (Cl 3.12). Há no mundo pessoas boas mesmo entre aquelas que não conhecem a Deus. Tais pessoas são sensíveis a causas alheias, mostrando generosidade em ajudar os outros em suas necessidades. A própria mensagem do evangelho consegue alcançar pessoas para Cristo, exatamente por causa da

bondade inerente. Na Sua explicação sobre a semente que caiu em boa terra – na parábola do semeador (Lc 8.4-15) –, Jesus diz: "e a que caiu em boa terra, esses são os que, ouvindo a palavra, a conservam num coração honesto e bom e dão fruto com perseverança" (Lc 8.15). Mas, a Bíblia também dá exemplo de gente boa, como Barnabé: "Porque era homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé ..." (At 11.24 ARA). Ele era "homem bom" (ἀγαθὸς, *agathós*). Jesus reagiu ao ser chamado de "Bom Mestre" pelo jovem rico que lhe indagou sobre a vida eterna: "Por que me chamas bom? Ninguém há bom, senão um, que é Deus" (Lc 18.19). Ele não recusou o tratamento que lhe foi dado, mas provocou o raciocínio do moço que o fizera. Parafraseando, seria assim: "Se Deus é que é bom, por que você me chama de bom? Por acaso, você me reconhece como Deus? Ou está apenas repetindo comigo o gesto dos mestres da religião que gostam de ser assim chamados?" Não haveria outra razão para Jesus não ser chamado de bom, afinal, quem o seria, de fato, se Ele é Deus?

Ainda que a bondade decorra do Espírito, sendo Seu fruto, ela não dispensa o empenho cristão de buscá-la (Cl 3.12). A bondade decorrente do Espírito carrega consigo um brilho de luz especial.

A bondade como fruto do Espírito é também diferente – como todas as demais graças que compõem esse fruto – de uma bondade comum. O apóstolo Paulo enxergou essa bondade entre os crentes de Roma (Rm 15.14). Reconheceu-a também na vida de Filemom: "Mas nada quis fazer sem o teu parecer, para que o teu benefício não fosse como por força, mas voluntário" (Fm 1.14). E ainda que a bondade decorra do Espírito, sendo Seu fruto, ela não dispensa o empenho cristão de buscá-la (Cl 3.12). A bondade decorrente do Espírito carrega consigo um brilho de luz especial: "Porque o fruto do Espírito está em toda bondade, e justiça, e verdade" (Ef 5.9).

Fé

Tivemos a oportunidade de apresentar algumas peculiaridades acerca da fé no ponto em que tratamos do dom da fé (1 Co 12.9). Ficou, portanto, demonstrado que a fé é apresentada em diferentes sentidos. As origens do conceito de fé determinam seus sentidos e respectivas aplicações. Isso vem desde a literatura grega clássica, passando pela literatura veterotestamentária, pelo judaísmo posterior e pelo pensamento

helênico até culminar no Novo Testamento, onde ainda brota uma aparente semente de discórdia entre Paulo e Tiago, quando a fé se relaciona à justificação, embora Tiago leve a sua discussão entre fé e obras na linha do viver diário, e não na de implicações soteriológicas.

A fé, do grego πίστις, *pistis*, na literatura grega clássica, significa "confiança", "crédito nos negócios", "garantia". O adjetivo *pistoo* tem o significado de "obrigar" a outrem ou a si mesmo; no passado, "ter certeza". O contrário, *apistia*, significa "desconfiança", "falta de confiabilidade", "ser desobediente",[63] daí a sua relação direta com a fidelidade ou a infidelidade.[64] "Nas religiões místicas, a fé significa o abandono de si mesmo à divindade, seguindo sua instrução e seus ensinos, e colocando-se debaixo da proteção dela".[65] No Antigo Testamento, o conceito de fé – ainda não tão desenvolvido como no Novo Testamento –, de acordo com a raiz da palavra נָאַמָן, *ãman*, significa "ser leal", "digno de confiança", "ser fiel" (Nm 12.7; 1 Sm 22.14; Is 8.2; Pv 25.13; 1 Sm 3.20) ou, ainda, "ser incumbido de" (Nm 12.7; 1Sm 3.20; Os 12.1). A partir de Abraão, a noção de fé começa a ser entendida pelo povo da antiga aliança (Gn 15.6). O termo fé aparecerá muitos anos depois, em Habacuque, como profecia (Hc 2.2), e Paulo a desenvolve (Rm 1.7; Gl 3.11), bem como o autor aos Hebreus (10.58). No Novo Testamento, a partir de Jesus, a fé ganha todo o sentido de identidade com a própria mensagem do evangelho.

A fé, além de todas as suas aplicações e peculiaridades, entra nas três principais listas paulinas: 1) na lista dos nove dons do Espírito (1 Co 12.9); 2) na lista das três virtudes cardeais (1 Co 13.13) e 3) na lista das nove graças que compõem o fruto do Espírito (Gl 5.22). Como fruto do Espírito, assim como na categoria de dom espiritual (1 Co 12.9), ela deixa de ser uma obrigação inerente do indivíduo – embora o seja nas demais circunstâncias – para ser o subproduto de uma experiência vital. O Espírito Santo, nesse caso, produz a fé no indivíduo. Como fruto do Espírito, a *pistis* não terá, por exemplo, o mesmo sentido da fé prodigiosa, capaz de operar milagres (1 Co 12.9), mas, na sua identidade com a fidelidade, resultará na prática de justiça.

Mansidão

A mansidão, do grego πραΰτης, *prautes*, era a grande virtude de Moisés a ponto de ser chamado o homem mais manso da terra: "E era o varão Moisés mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a terra" (Nm 12.3). Convenhamos: manter-se manso diante de um povo murmurador e impaciente como o que ele liderou, era uma virtude, no mínimo, celestial. Jesus exaltou a mansidão, colocando-a na lista das

---

63. BROWN, Colin. *O novo dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento*. S. Paulo: 1971. p. 218,219.

64. Fidelidade, conforme também se encontra em algumas versões, o fruto do Espírito (Gl 5.22).

65. Ibidem. p. 220

bem-aventuranças: "Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra" (Mt 5.5). Ele próprio se deu como exemplo de mansidão a ser seguido: "...aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para a vossa alma" (Mt 11.29). Ser manso não é procedimento fácil em determinados momentos da vida. As tensões do dia a dia e alguns incidentes inopinados fazem com que os nossos ânimos se alterem, forçando-nos a agir com mais impetuosidade; afinal, somos humanos. É claro que essas reações estão diretamente ligadas ao perfil temperamental de cada um: os melancólicos tendem a chorar ou a encolher-se quando insultados; já os sanguíneos e os coléricos podem irromper numa ira de fúria incontrolável. O próprio apóstolo Paulo reagiu num julgamento, chamando o sumo sacerdote de "parede branqueada", quando este mandou que o ferissem na boca injustamente; mas, Paulo retratou-se imediatamente, ao saber que se tratava de um sumo sacerdote (At 23.2,3). Para os filósofos da antiga Grécia, como, por exemplo, Aristóteles, a mansidão era uma autodepreciação do indivíduo. Eles não admitiam que uma pessoa pudesse abaixar a cabeça quando ofendida: tinha de reagir! O mundo em que vivemos perfila com o ponto de vista dos filósofos. Não é isso, no entanto, o que se espera de um cristão. Somos convidados, como discípulos de Jesus, a aprender com Ele a lição da mansidão, se quisermos ter descanso na alma, mas podemos gozar gratuitamente dessa graça, sendo subsidiados pela terceira pessoa da Trindade, se andarmos nela.

Temperança

Também traduzida como "domínio próprio", a temperança é a tradução do termo grego ἐγκράτεια, *enkratéia*, que significa "autocontrole". O autocontrole nos auxilia na mansidão. Este termo é empregado pelo apóstolo Paulo quando se refere ao domínio dos impulsos carnais, o que inclui a ira, a gula, a libido e outros sentimentos que podem atrapalhar a corrida cristã rumo à coroa incorruptível: "E todo aquele que luta de tudo se abstém; eles o fazem para alcançar uma coroa corruptível, nós, porém, uma incorruptível" (1 Co 9.25). O termo traduzido por "abstém" é *enkrateúetai*, "se domina". A falta de autocontrole tem levado pessoas a praticarem crimes bárbaros, dos quais sempre se arrependem depois. O autocontrole é o freio que detém nossos ímpetos, quando aflorados por uma situação de estímulo. O autocontrole é a voz da razão a sobrepor-se à da emoção, dizendo: "deixa comigo que eu resolvo". Mas, a razão precisa gozar uma autonomia muito forte sobre a emoção, para que a sobrepuje em momento de provocação. Essa não é uma tarefa fácil, do ponto de vista humano, seja diante de um insulto ou de uma tentação da carne. Se, por um lado, os filósofos gregos eram contrários ao espírito de mansidão, viam como virtude o domínio próprio, a ponto de Aristóteles achar que quem exercia domínio próprio era mais corajoso do que quem vencia seus inimigos numa guerra. Neste sentido, ele pensava como Salomão: "Melhor é o longânimo do que o valente, e o que governa o seu espírito do que o que toma uma cidade" (Pv 16.32). Andar no Espírito é desfrutar, espontaneamente, de virtudes

elevadas que custariam uma vida toda para serem aprendidas, mas que podem fluir naturalmente num só conjunto de graças. Esse é o fruto mais viçoso, cheiroso e saboroso que um crente em Jesus pode desfrutar.

Conclusão

Cabe ressaltar duas palavras, uma sobre os dons do Espírito e outra sobre o fruto do Espírito. Sobre os dons do Espírito, há algumas verdades a serem destacadas: que eles são reais; que devem ser buscados e que devem ser usados com ordem. O ambiente propício para a prática dos dons do Espírito é o culto. Ninguém poderá identificar a espiritualidade de um crente pelos dons espirituais. Quando você está na fila do banco e alguém acha que você passou na sua frente e abre uma discussão, de que valem os dons do Espírito naquela hora? A sua reação refletirá perfeitamente o fruto do Espírito, se você é um crente espiritual. O mesmo acontece no trânsito onde há sempre um apressado irritado que abre o vidro para lhe mandar uma mensagem com a mão ou com a boca, dizendo impropérios. O fruto do Espírito é que lhe dará condições de agir como crente, e não como ímpio, naquela hora.

O fruto, e não os frutos, compõe um conjunto de graças inseparáveis. Cada uma dessas nove graças é distintamente recomendada como algo a ser buscado e cultivado: amor (Mt 22.37); alegria (Fp 4.4); paz (1 Pe 3.11); longanimidade (1 Ts 5.14); benignidade (Ef 4.32); bondade (Cl 3.12 – ARA); fé (Hb 11.6); mansidão (1 Pe 3.4); temperança (1 Tm 3.2,11 – ARA). Mas, quando se trata de vivê-las todas de uma vez, deparamo-nos com um fenômeno de facilitação como se o andar no Espírito as trouxesse automaticamente. Seria uma espécie de aquisição de virtudes supremas adquiridas por atacado! Se para aprender a amar, a ser manso ou longânime, por exemplo, é necessário empreender um grande esforço e, por outro lado, se o andar no Espírito substitui tudo isso, então parece que todo o esforço empreendido no exercício dessas graças se torna desnecessário. Mas, não é assim que se deve entender. Todo aprendizado cristão faz parte do processo de discipulado no qual todos os salvos estão sujeitos, afinal, somos todos discípulos. Ao andar no Espírito, nós nos identificamos com Deus na Sua natureza: Deus é Espírito. Tais qualidades que aparecem em nós como fruto do Espírito são qualidades inerentes ao ser de Deus. Quando andamos no Espírito, as qualidades atinentes a Deus aparecerão em nós de modo natural, entretanto nós não deixaremos de ser homens para nos tornarmos Deus. O cultivo da espiritualidade deve ser contínuo na vida do salvo, a começar do novo nascimento que implica "nascer do Espírito". O nascimento espiritual do cristão impõe a necessidade de crescimento, como o ilustra o processo da vida natural, e esse crescimento inclui o aprendizado de todas as virtudes ou graças que aparecem na lista do fruto do Espírito. O benefício de se viver no Espírito é que Ele força a manifestação dessas graças.

BIBLIOGRAFIA

BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* São Paulo: Editora e Distribuidora Candeia, 1991. 6 v.

BRUNER, Frederick Dale. *Teologia do Espírito Santo.* 2. ed. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1989.

CARSON, D. A. *A manifestação do Espírito.* São Paulo: Edições Vida Nova, 2013.

CHAFER, Lewis Sperry. *Teologia Sistemática.* 2. ed. São Paulo: Editora Hagnus, 1976. 4 v.

CHAMPLIN, R. N, Ph.D. *O Novo Testamento Interpretado.* São Paulo: Editora Hagnus, 2003. 6 v.

CULVER, Robert D. *Teologia Sistemática Bíblica e Histórica.* São Paulo: Shedd Publicações, 2012.

GILBERTO, Antonio et al. *Teologia Sistemática Pentecostal.* Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

GOMES, Ozean; REIS, Roberto. *Pentecostalismo.* Pindamonhangaba, SP: IBAD, 2014.

GRUDEM, Wayne. *O Dom de Profecia.* São Paulo: Editora Vida, 2004.

GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática.* São Paulo: Edições Vida Nova, 1999.

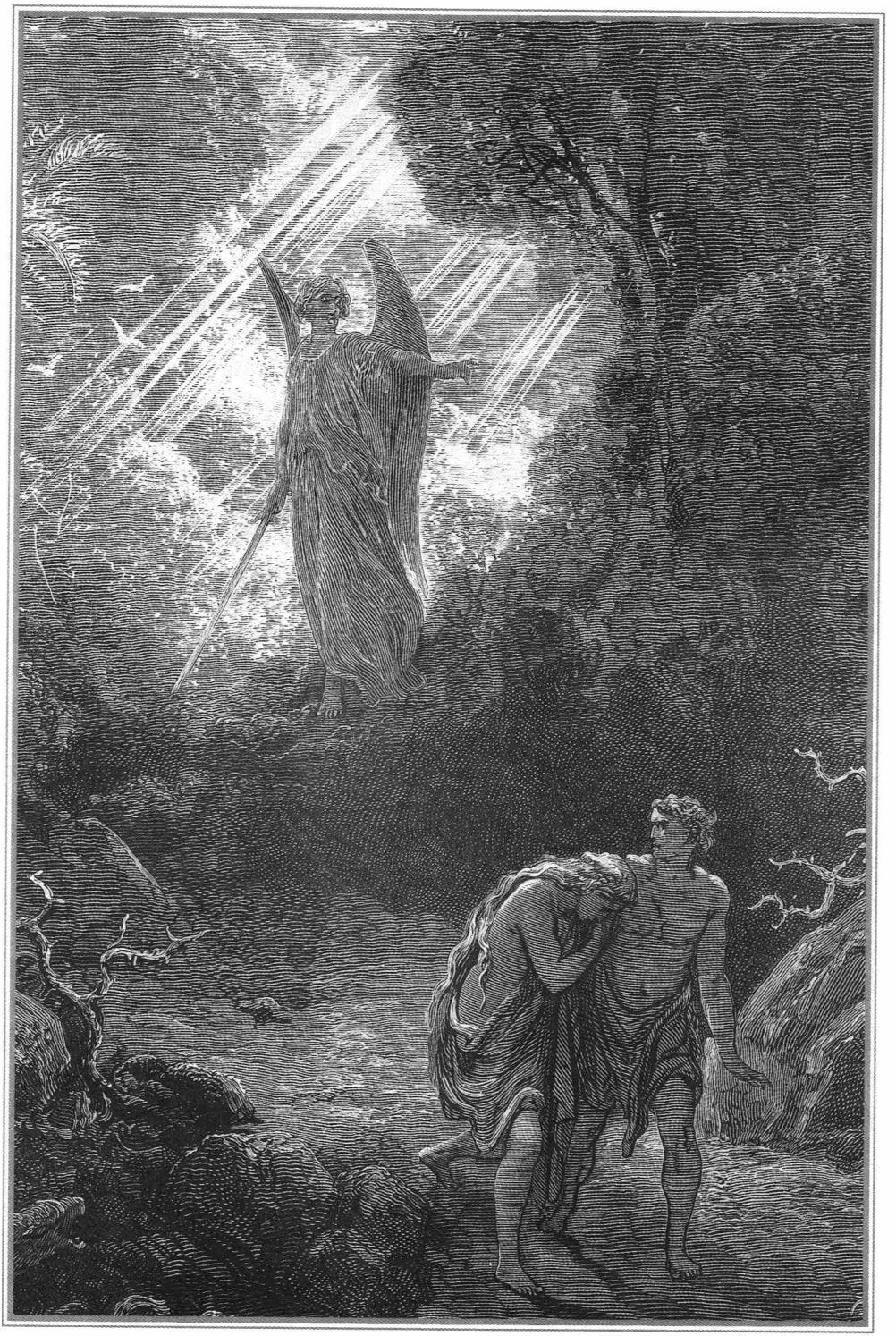
HODGE, Charles. *Teologia Sistemática.* São Paulo: Editora Hagnos, 2001.

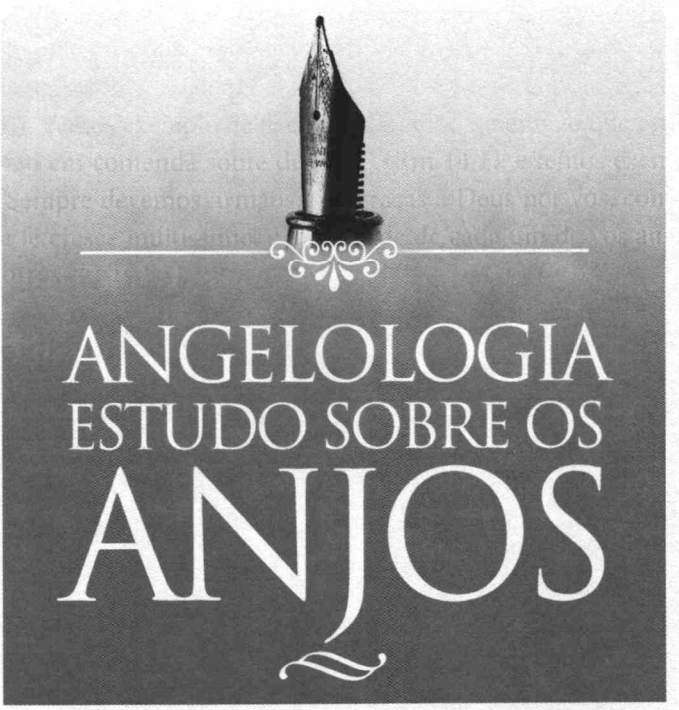
HORTON, Stanley. *Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal.* Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

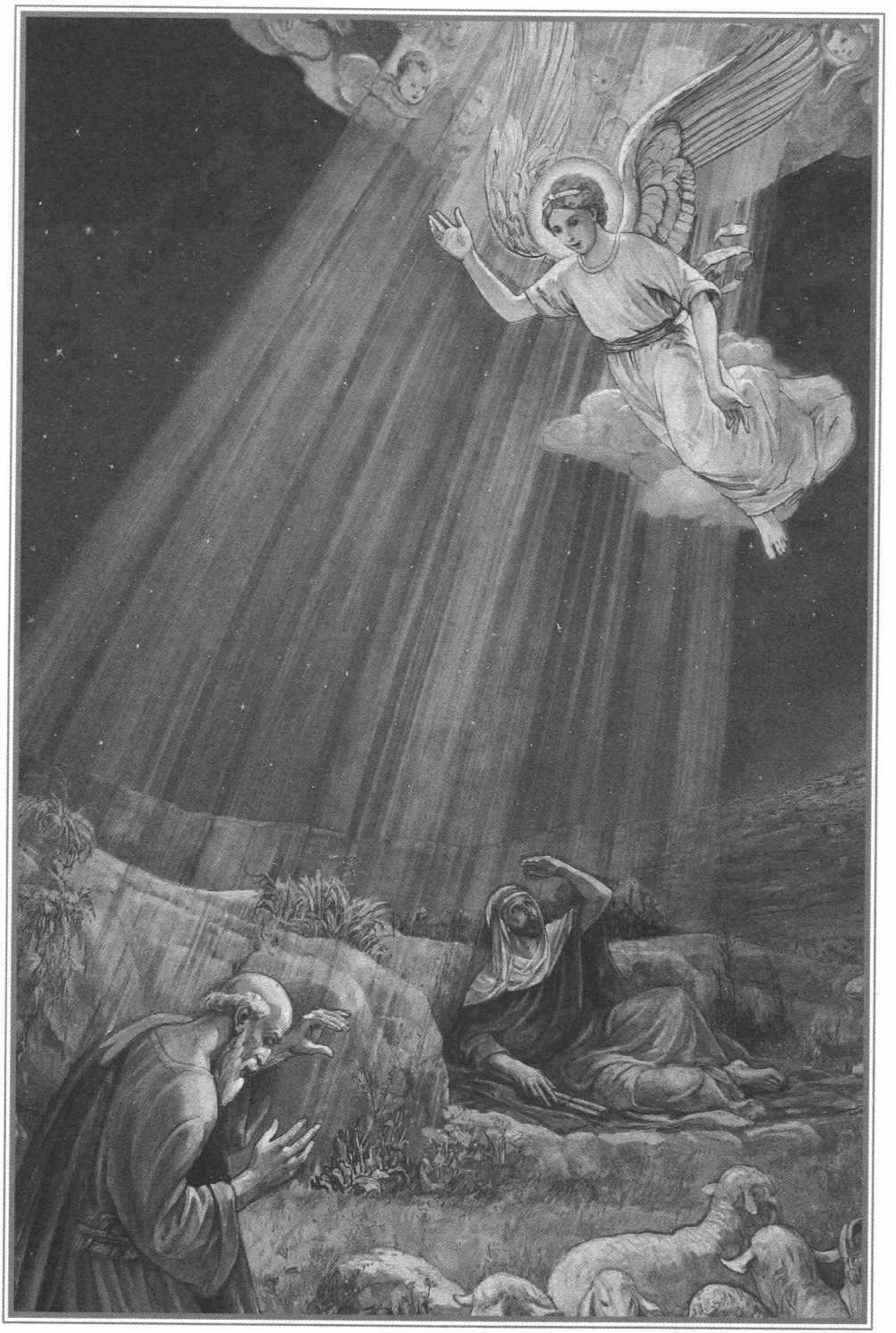
MACARTHUR, John. *Carismaticos.* São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 1992.

SYNAN, Vinson. *O Século do Espírito Santo.* São Paulo: Editora Vida, 2009.

WILLIAMS, J. Rodman. *Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal.* 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 2011.




ANGELOLOGIA
ESTUDO SOBRE OS
ANJOS



SUMÁRIO

PREFÁCIO À ANGELOLOGIA 371

A REALIDADE DOS ANJOS 373
O interesse pelos anjos
O gnosticismo
Os anjos na era patrística
Nova Era, uma religião recente
A opinião dos cristãos
Os anjos a serviço dos santos
Os anjos são seres espirituais
Os anjos em relação aos homens
São seres criados
Podem apresentar-se como homens
Manifestações em glória
Anjos são criaturas especiais
Os anjos são numerosos
Possuem habitação
Entregaram as Leis divinas
Participaram da vida de Jesus

A CLASSIFICAÇÃO DOS ANJOS 385
Diferentes classes de anjos
Nomes dos anjos
Arcanjos
O arcanjo Miguel
Os querubins
Aparência
O querubim ungido
No Éden
Na arca da aliança
Na arte do templo
Os serafins
Gabriel

AS CARACTERÍSTICAS DOS ANJOS 393
Suas características
Os anjos são dóceis
Tranquilizam as pessoas
Corteses ao responderem
São santos

Entoam a santidade de Deus
São chamados de santos pelo Senhor
Os anjos são sábios
São reverentes
Lição para a Igreja
Na santa assembleia
Os anjos são obedientes
Os anjos decaídos
Os anjos fiéis
Eles são festivos

A NATUREZA DOS ANJOS 399
A natureza dos anjos
Aspectos da natureza dos anjos
Os anjos são velozes
Os anjos são assexuados
São fortes
Os anjos são gloriosos
São superiores aos homens
Como os anjos se apresentam
São invisíveis
Os anjos são imortais

O LIMITE DOS ANJOS 405
Uma ação restritiva
Os limites para os anjos
Obedecem a ordens divinas
Não é dada aos anjos a incumbência de evangelizar
Não recebem adoração
A primazia da Igreja sobre os anjos
Participam dos cultos
São expectadores
Serão julgados pela Igreja

AS ATIVIDADES DOS ANJOS 413
São organizados
A ocupação dos anjos
Entregam mensagens proféticas
Fazem predições
Dão interpretações
Participam de eventos proféticos
São adoradores
Os anjos são guerreiros
São guardiões
O anjo da guarda
O anjo individual
O anjo dos pequeninos
Outras tarefas atribuídas aos anjos

Oferecem proteção
Ajudam nas decisões
Acompanham os crentes na morte

O ANJO DO SENHOR.....421
Prefigura a vinda do Filho
Teofania - Deus fazendo-se presente
Toma forma humana
Um anjo incriado
Identificado pelo nome
Recebe adoração
No Novo Testamento
Para estabelecer distinção
Ocasiões especiais
Vaticinando
Dirigindo
Livrando
Castigando
Identifica-se com Jeová
Acompanhou Moisés no êxodo
Possui autoridade absoluta
Suas ações provam Sua divindade
Possui poder para salvar
Chama para a obra
Ele também orienta
Impede maus instintos
Ele também castiga
Anjo assistente

AUTORIDADES ANGELICAIS.....431
O que se entende por principados e potestades
Os termos no original
A hierarquia no mundo espiritual
O lado bom
O lado mau
Potências regionais
A experiência de Daniel
Principados territoriais
O príncipe de Israel
O príncipe da Pérsia
Interesse por Gadara
Interferência no mundo espiritual

O ESTADO ORIGINAL DE LÚCIFER.....437
A teoria da primeira criação
O Éden
O rei de Tiro
Sinete da perfeição

Cheio de sabedoria e formosura
Sua atividade comercial
Portador de luz
Adorador
Seus antigos privilégios

A QUEDA DO ANJO MAIOR....443
Sua presunção pelo poder derrubou-o
Tentou contra a Trindade
O pecado de rebelião
O que é iniquidade
A descoberta do mal
O contraste
O conflito no céu
Levado ao inferno

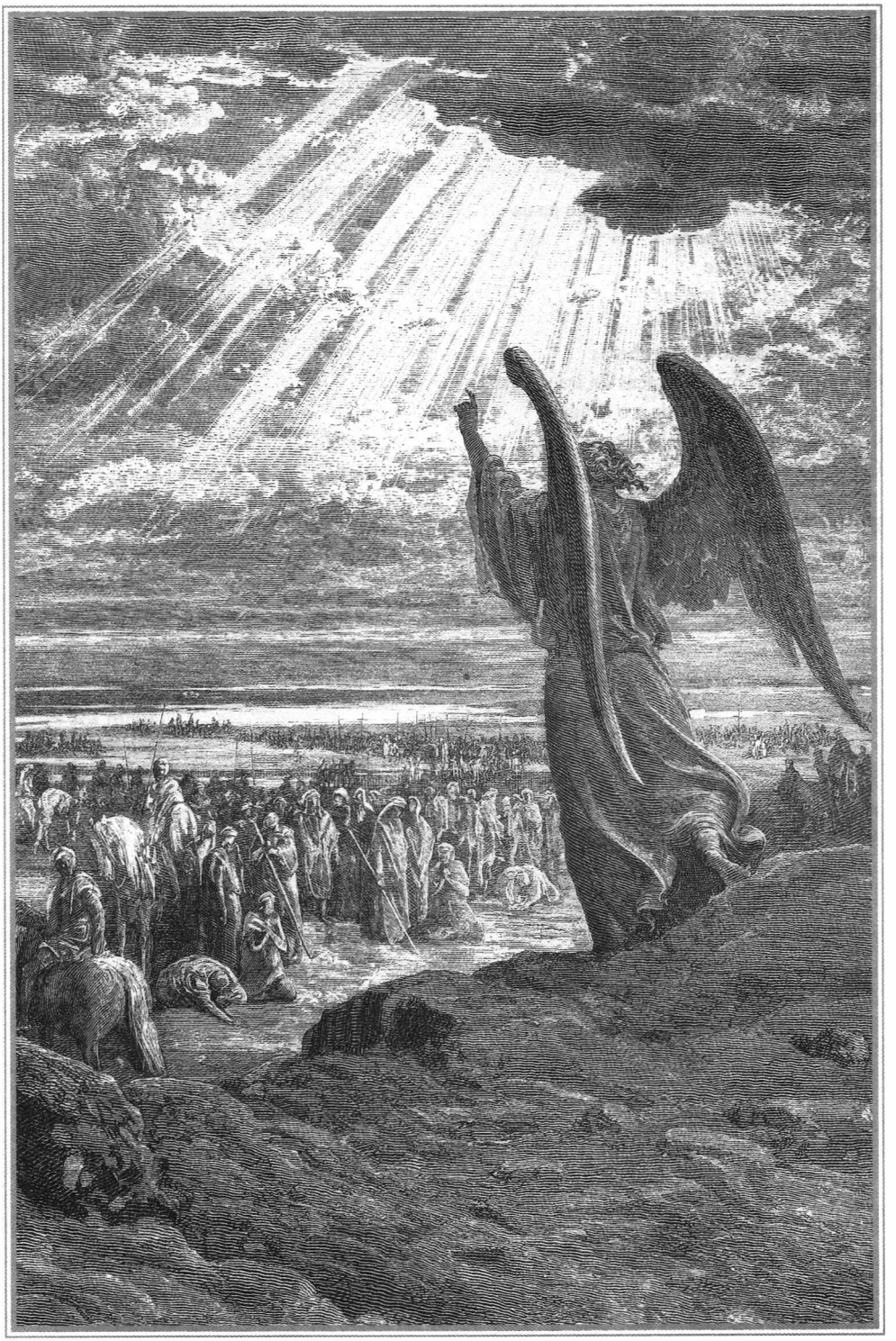
OS ANJOS DECAÍDOS....449
Explicações necessárias
Decisão voluntária
Um exército para Satanás
O uso da cauda
Seus métodos
Os sentidos corrompidos
O pecado imperdoável
Perda da habitação
Limites aos maus
O deus deste mundo
Consciência de posse
O domínio da humanidade
É preciso estar vigilante
O exército de Satanás
A perda do corpo
Perigos que apresentam

QUEM SÃO OS DEMÔNIOS?....457
A origem dos demônios
A teoria do cruzamento dos anjos com mulheres
Refutação a essa teoria
A outra teoria

CARACTERÍSTICAS DOS DEMÔNIOS....465
Em busca de corpos
Objeções ao endemoninhamento
Impingindo enfermidades
São imundos
Disseminam doutrinas
Registros no Novo Testamento

OS ANJOS NOS EVENTOS APOCALÍPTICOS 471
Palavra introdutória
O anjos em relação à Igreja
Participarão do arrebatamento
Virão com a Igreja
Participarão da grande seleção
Reunirão os salvos
Testemunharão as declarações de Jesus
Os anjos identificados
Um anjo assistente
Os anjos das sete igrejas
A grande pergunta
Os anjos tocando as trombetas
Os anjos derramam as taças da ira divina
A prostituta, a Babilônia e o dragão
O dragão
Conclusão

BIBLIOGRAFIA 479



PREFÁCIO À ANGELOLOGIA

Na década de 70 do recente século passado tive o prazer de conhecer Walter Brunelli e nos tornamos amigos. Ele era um jovem pastor com formação teológica, excelente pregador e conferencista excepcional.

Hoje, autor de algumas obras de teologia, articulista de várias revistas evangélicas, Walter se debruça para a realização de uma teologia sistemática dentro do nosso pentecostalismo clássico que mantém uma relação ortodoxa sem radicalismos numa linguagem profunda e sem ranços acadêmicos que engessam uma obra escrita com inspiração.

Dentro das várias doutrinas cardeais , o autor convidou-me a prefaciar a sua obra sobre Angelologia, abrangendo os anjos do bem e os do mal, isto é, os anjos sob a autoridade do Criador e os anjos sob a liderança rebelde de Lúcifer.

O autor, com graça e revelação foi capaz de expor a doutrina de modo exegético e com reiterado estudo, ortodoxia e clareza. Desfez com argúcia e convicção as heresias criadas pelas especulações teológicas e contra a crendice alimentada por ideias ocultistas. Ele escreveu com propriedade e, mesmo que a matéria tenha um caráter acadêmico, o autor evitou os exageros retóricos tão explorados em algumas obras literárias de teologia.

Os modernistas consideram a doutrina dos anjos como algo fictício e supersticioso. Um dos pais da teologia liberal no século 19 chamado Friedrich Schleiermacher fez uma crítica à doutrina dos anjos e questionou a sua importância para o Cristianismo.

Outro teólogo chamado Rudolf Bultmann, contemporâneo de Schleiermacher, chegou a negar a existência dos anjos. Porém, sabemos que essa doutrina é tão importante quanto a existência de Deus porque os anjos são uma realidade na experiência da humanidade.

Esta obra irá contribuir para desfazer as dúvidas acerca dos anjos, da sua natureza e realidade espiritual. Inevitavelmente, o mundo secular não consegue evitar a presença e a atividade de criaturas do mundo espiritual. De um lado, criaturas sinistras e invisíveis, identificadas como demônios, que atuam sobre os destinos da humanidade e a influenciam. Por outro lado, os anjos da parte de Deus que ministram em favor dos que servem a Deus. O que são e como são essas criaturas? A Bíblia é a revelação dos propósitos de Deus no universo e somente a Bíblia é capaz de dar as respostas que a ciência, a filosofia e as religiões não possuem.

Deixo apenas este pensamento: "A criação divina dos mundos físico e espiritual tem sua impressão na história e na experiência humana, revelando o Deus Criador de todas as coisas".

Esta obra de Walter Brunelli vale ser estudada com interesse e com espírito crítico no sentido de absorver todas as nuanças que a matéria vislumbra.

Elienai Cabral

Pastor formado em Teologia pelo IBAD (Instituto Bíblico das Assembleias de Deus) e em Jornalismo pela Escola Assis Chatobriant, além de escritor e comentarista de lições de Escola Bíblica Dominical da CPAD.

A REALIDADE DOS ANJOS

A Bíblia dedica uma atenção especial aos anjos, apresentando-os como seres maravilhosos, criados por Deus para finalidades especiais. A Bíblia tem muito a dizer sobre eles: sua origem, classificação, trabalho, natureza, relação com a vida na Terra, bem como sobre nossa postura em relação a eles. Os anjos são realidade já no início da História bíblica, pressupondo que a criação deles é muito anterior à do homem. São mencionados 108 vezes no Antigo Testamento e 165 vezes no Novo Testamento.

A palavra "anjo" é transliteração do grego de Ἄγγελος, *aggelos*, "angelos" e significa "mensageiro". No hebraico, a palavra para anjos é מַלְאָכִיו, *mal'ak*. Eles seguem ordens divinas: "Porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos os teus caminhos" (Sl 91.11). Sabemos também, pelas Escrituras, que há duas classes de anjos: os bons – que obedecem à vontade de Deus e estão a serviço dos santos: "Não são, porventura, todos eles espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação?" (Hb 1.14) – e os maus – que recebem ordens de Satanás: "Porque não temos que lutar contra carne e sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais" (Ef 6.12).

A Bíblia dedica uma atenção especial aos anjos, apresentando-os como seres maravilhosos, criados por Deus para finalidades especiais. A Bíblia tem muito a dizer sobre eles.

O estudo dos anjos tem despertado interesse em muitas pessoas; mas também tem sido alvo de acirradas discussões. Entretanto, não podemos nos esquecer de que a Bíblia tem muito a dizer sobre eles, e que é um assunto que preenche um dos temas da Teologia Sistemática.

Se a Bíblia dedica tantos textos à atuação dos anjos, por que não nos certificarmos mais acerca desses seres espirituais que atendem a ordens divinas a nosso respeito? As noções históricas a respeito dos anjos, à parte das Escrituras, revelam conhecimento empírico, ou seja, por meio de experiências a respeito deles, de modo semelhante aos anunciados na Bíblia Sagrada. Esculturas e pinturas de anjos encontradas em civilizações antigas à semelhança das descrições bíblicas são indícios de que eram vistos.

Assim como os homens, os anjos também são seres criados. A diferença é que Deus criou apenas um casal humano e deu a ele a incumbência de se reproduzir. Os anjos não se reproduzem, foram criados um a um.

As manifestações angelicais eram comuns nos tempos bíblicos, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Eles foram vistos e ainda podem ser vistos até hoje. São frequentes os relatos de pessoas que dizem ver anjos.

Sendo seres espirituais que atuam a favor dos que hão de herdar a salvação (Hb 1.14), os anjos não devem ser adorados, mas, respeitados pelos homens. Jamais devem ser objeto de zombaria ou desprezo, como se nota por parte de alguns.

Quanto à aparência, os anjos surpreendem: podem manifestar-se em glória ou como homens. A aparição a Abraão e, em seguida, a Ló mostra como eles podem apresentar-se transmutados em forma humana.

O interesse pelos anjos

Em quase todas as religiões, das antigas às modernas, há demonstrações de interesse pelos seres angelicais. A razão disso explica-se, provavelmente, pelas aparições esporádicas, desde tempos remotos, além do fato de a Bíblia trazer muitas informações sobre eles. Na Idade Média, houve muitas discussões acerca desses seres celestiais. Os teólogos, interessados em entender a sua natureza – relação de anjos no espaço físico–,

chegavam a discutir sobre quantos anjos caberiam na cabeça de um alfinete! Inquiriam se os anjos podiam estar em dois lugares ao mesmo tempo, se os anjos da guarda respondem pelas crianças, quando elas morrem etc.

Como crentes em Cristo e apegados à Palavra de Deus, deveríamos demonstrar maior interesse em conhecer esses seres maravilhosos sobre os quais a Bíblia tem tanto a dizer. A ignorância acerca dos anjos tem gerado posturas erradas: uns atribuem a eles condições que não lhes são pertinentes; outros, total desprezo aos seres que participam de suas vidas, como veremos mais adiante. Referindo-se ao interesse e concomitante desinteresse pelos anjos, Culver comenta:

> Os teólogos dialéticos e existencialistas são uma exceção à rejeição geral de anjos e demônios na teologia (...). Um bom livro, relativamente recente, sobre anjos de Mortimer Acler, famoso estudioso, não vendeu muito bem, embora o de Billy Graham, famoso evangelista, seja até que amplamente lido. Por outro lado, sou informado de que muitos compram impulsivamente um livro, até que sóbrio, sobre Satanás de um autor cristão popular. Talvez boas notícias sejam menos interessantes do que más notícias. De forma similar, um tio um tanto irresponsável e vadio, com frequência, tem mais destaque e, portanto, é mais interessante para os sobrinhos de que seu irmão convencional e correto.[1]

É curioso que nem mesmo as obras teológicas mais exaustivas despendam tantas páginas para falar dos anjos. Para Karl Barth, a "ideia bíblica de anjos precisa ser restringida simplesmente à 'existência' de mensageiros, ou embaixadores, plenipotenciários de Deus".[2] Essa afirmação soa um tanto estranha, sobretudo quando proveniente de um teólogo alemão. Os alemães escrevem obras imensas para discutir apenas uma vírgula nas Escrituras, e ele próprio, Karl Barth, ficou conhecido como "escritor por metro" em razão de escrever imensos compêndios de teologia e, no entanto, não "encontrou" tanto assim o que falar sobre os anjos quando eles são mencionados 108 vezes no Antigo Testamento e 165 vezes no Novo Testamento com muitas peculiaridades quanto à sua natureza, caráter, atividades, bem como quanto à sua ocupação nos eventos mais importantes da História! O desinteresse em saber mais sobre os anjos decorre, certamente, de alguns fatores, tais como: 1) o trauma gnóstico. A Igreja primitiva sofreu a intromissão de doutrinas gnósticas, em meados do primeiro século. Tratava-se de uma corrente filosófica vigente em algumas igrejas, que adorava anjos (Cl 2.18); 2) o temor de idolatria aos anjos, por se tratarem de seres sobrenaturais; 3) e o medo de comprometimento eventual com demônios, que se poderiam passar por anjos ver-

---

1. CULVER, Robert D. *Teologia Sistemática Bíblica e Histórica*. São Paulo: Shedd Publicações, 2012. p. 235.

2. Ibidem. p. 235.

dadeiros. Devemos, como servos de Deus e pessoas interessadas em conhecer a Sua Palavra, considerar que o Deus a quem servimos não é Deus de confusão (1 Co 14.33); por isso, jamais permitirá que sejamos enganados, se estivermos comprometidos com Ele. Desse modo, não há por que ignorar e, muito menos, dar pouca importância a um assunto tão importante.

O gnosticismo

O gnosticismo foi uma corrente filosófica que se infiltrou no cristianismo em meados do primeiro século da era cristã. Essa corrente de pensamento filosófico trouxe muitas heresias para o seio da cristandade primitiva, sendo combatida, principalmente, pelos apóstolos Paulo e João, em suas epístolas.

Uma das igrejas que mais sofreu com a presença deles foi a de Colossos. Os gnósticos diziam que os anjos são seres intermediários na relação entre o homem e Deus, devendo, por isso, ser adorados: "Ninguém vos domine a seu bel-prazer, com pretexto de humildade e culto dos anjos, metendo-se em coisas que não viu; estando debalde inchado na sua carnal compreensão" (Cl 2.18). O fato de os anjos serem seres celestiais não os promove à condição divina como se fossem Deus – ou demiurgos[3], conforme acreditavam os gnósticos. Entre os homens e Deus, segundo o gnosticismo, havia camadas formadas por seres angelicais conhecidos como στοιχεῖα, *stoicheia* ou *aeons*. Esses seres são formados por partículas da *pleroma*, ou seja, da plenitude de Deus. Como os crentes de Colossos estavam aceitando essa doutrina, Paulo demitifica a ideia do πληρομα, *pleroma*, na vida dos anjos chamando a atenção dos crentes para o centro da adoração que é Jesus, dizendo: "Porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse" (Cl 1.19), e como os gnósticos negavam a corporeidade de um ser divino – daí o porquê de atribuírem aos anjos essa condição –, o apóstolo não apenas insiste em afirmar que o *pleroma* da divindade está em Cristo como ainda faz questão de salientar que a plenitude divina habita no Seu ser corpóreo: "Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade" (Cl 2.9). Uma das razões por que os gnósticos assim acreditavam era o fato de os anjos serem seres espirituais, desprovidos de corpos, o que os tornaria seres imperfeitos como os homens, e uma vez que são seres espirituais, então estão mais identificados com Deus do que o homem, entretanto deviam saber que, além de os anjos haverem sido criados por Deus, assim como os homens o foram, e apesar de desfrutarem de uma melhor condição do que o homem no presente, em relação a Deus, nenhum anjo foi criado à Sua imagem, conforme à Sua semelhança, como o homem foi. Os anjos assistem e servem aos salvos porque sabem que um dia eles estarão desfrutando da glória celestial na mesma condição do Filho: não apenas

---

3. *Demiurgo*, criatura intermediária entre a natureza divina e a humana, segundo Dicionário da Língua portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda.

como seres espirituais, mas como seres espirituais que preservam consigo os seus corpos ressurretos ou transformados (1 Co 15.51).

Os anjos na era patrística

Alguns Pais da Igreja caíram na tentação gnóstica de adorar anjos. Um dos famosos Pais da Igreja a praticar adoração ao anjos foi Justino, o mártir e apologista cristão (100 d.C. - 167 d.C.). Foi martirizado por causa da sua fé. Em sua obra *Apologia I, 6, ANF, I, 164*, declara: "Tanto a ele (Deus Pai), como ao Filho (que saiu dele (...) e a multidão de outros anjos bons) (...) e ao Espírito profético louvamos e adoramos (...) como fomos ensinados", conforme citação de Culver.[4] Tanto o Sínodo de Laodiceia quanto o Concílio Ecumênico de Calcedônia condenaram a adoração aos anjos. O mesmo autor ainda cita um documento fraudulento conhecido como *A hierarquia Celestial* atribuído falsamente a Dionísio de Atenas (At 17.34) e que foi conhecido da Igreja por volta do ano 500. Esse documento foi aceito por um século pela Igreja Romana. Essa obra falava de nove ordens na hierarquia angelical, as quais exerciam poderes e influências na hierarquia eclesiástica da Igreja Romana.

Nova Era, uma religião recente

Como nova religião (sincrética) que se amplia no mundo, com a pretensão de dar respostas às indagações humanas aproveitando um pouco de cada religião, a Nova Era tem explorado muito a angelologia. Talvez isso se deva ao fato de que, no final dos tempos, segundo a Bíblia, a tarefa angelical seria acentuada. Sabendo disso, o diabo apressa-se para dar a sua versão sobre os seres angelicais. Mais do que nunca, os crentes precisam conhecer bem esta doutrina para se protegerem das heresias que os cercam e para terem conteúdo suficiente a fim de esclarecerem os que estão confusos.

Alguns Pais da Igreja caíram na tentação gnóstica de adorar anjos. Um dos famosos Pais da Igreja a praticar adoração ao anjos foi Justino, o mártir e apologista cristão (100 d.C. - 167 d.C.).

4. CULVER, Robert D. *Teologia Sistemática Bíblica e Histórica*. S. Paulo: Shedd Publicações, 2012. p. 238.

É preciso que se façam advertências severas, principalmente no que tange à literatura que trata dos anjos. É comum encontrar, nas bancas de jornais, revistas com chamadas interessantes a respeito desses seres sobrenaturais. Essa literatura nada tem a acrescentar para os salvos sobre o assunto, pelo contrário, trata-se de literatura perniciosa por suas tendências exotéricas e satânicas. A angelologia deve ser apreciada pelos crentes à luz da Palavra de Deus e reforçada por bons livros de Teologia Sistemática, por ser matéria de âmbito teológico.

A opinião dos cristãos

No meio evangélico, observam-se dois extremos: há os que estão enfatizando os anjos, dando a eles posição indevida, e os que não querem, sequer, falar sobre o assunto. Os anjos não são criações da imaginação humana: são seres criados por Deus. A base do conhecimento que temos sobre eles não está na razão, mas na revelação bíblica.

Os anjos a serviço dos santos

Os anjos vivem em outra dimensão e têm grande interesse pelos seres que foram criados à imagem e à semelhança de Deus. Eles cumprem ordens divinas: "Porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos os teus caminhos" (Sl 91.11) e atuam a favor dos salvos: "Não são, porventura, todos eles espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação?" (Hb 1.14). Portanto, os anjos, nas suas diversas categorias, são seres ocupados. É por meio deles que Deus controla todo o Universo, do macrocosmo ao microcosmo.

Os anjos são seres espirituais

Os anjos aparecem cuidando dos servos de Deus, principalmente em tempos de ameaça e perigo. Há anjo cuidando do profeta Elias quando ele está em fuga, para se livrar das ameaças de Jezabel (2 Rs 1.15), são anjos rodeando o profeta Eliseu quando

um exército da Síria vem para prendê-lo (2 Rs 6.15-17), é um anjo aparecendo na prisão para livrar Pedro por duas vezes (At 5.19; 12.7-10). Esses poucos exemplos não esgotam os relatos nem exaurem o fato de que os anjos estão ocupados fazendo o seu trabalho em favor dos que "hão de herdar a salvação".

Os anjos são seres espirituais

Deus é Espírito. Os anjos de Deus também possuem natureza espiritual (Hb 1.7,13,14). Jesus, após a ressurreição, declarou aos Seus discípulos - que achavam ser Ele um espírito ou fantasma: "Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; tocai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho" (Lc 24.39). Por isso, em geral, não são, normalmente, vistos, exceto por capacidade sobrenatural, concedida, excepcionalmente, a alguns (Nm 22.31; 2 Rs 6.17; Is 6.1-3; Lc 2.8-20; At 27.23). Lemos em Hebreus 1.14 que os anjos são "espíritos ministradores". A natureza dos anjos, portanto, é essa: eles são seres espirituais. Williams comenta:

> Os anjos são espíritos, portanto, sem carne ou osso: são incorpóreos. Agora, por um lado, isso não significa que os anjos não tenham forma. Eles não são nebulosos, informe, amorfos. Os anjos têm existência particular assim como Deus e as pessoas. Por outro lado, ter forma não significa que os anjos possuam algum tipo de corporeidade. Às vezes se pensa que, ocasionalmente, os anjos podem ser vistos como uma luz vaga, vaporosa, que aparece e desaparece. Isso, porém, é impossível aos olhos humanos. Os anjos são espíritos, têm forma, todavia, sem nenhuma corporeidade. Contudo, precisamos acrescentar, de imediato, de acordo com o registro bíblico, que os anjos podem aparecer em forma humana.[5]

Os anjos gozam uma posição de regalias espirituais que os coloca acima dos homens porque estão junto a Deus: "Porque não foi aos anjos que sujeitou o mundo futuro, de que falamos; mas, em certo lugar, testificou alguém, dizendo: Que é o homem, para que dele te lembres? Ou o filho do homem, para que o visites? Tu o fizeste um pouco menor do que os anjos, de glória e de honra o coroaste e o constituíste sobre as obras de tuas mãos" (Hb 2.5-7), constituem exércitos celestiais e obedecem fielmente a Deus (Ap 5.11-13).

Os anjos em relação aos homens

O homem foi criado à imagem e à semelhança de Deus (Gn 1.26); entretanto, devido ao pecado, suas características espirituais sofreram alteração. Por isso, Deus enviou um Salvador para resgatar a *imago dei* (imagem de Deus). Os anjos também

---

5. WILLIAMS, J. Rodman. *Teologia Sistemática, uma perspectiva Pentecostal.* S. Paulo: Editora Vida, 2011. p. 150.

foram criados por Deus. As diferenças entre anjos e homens consistem em que os anjos eram muitos, e a espécie humana, resumida a um casal apenas; os anjos foram criados por Deus, do nada, o homem, por Deus, do pó da terra; os anjos foram criados um a um, os homens, procriados a partir do primeiro casal; desse modo, os anjos não possuem dependência genética como o homem (Rm 5.12). Por terem natureza imaterial, gozam de superioridade em relação ao homem: "Que é o homem mortal para que te lembres dele? E o filho do homem, para que o visites? Contudo, pouco menor o fizeste do que os anjos e de glória e de honra o coroaste" (Sl 8.4,5; cf. Hb 2.6,7).

São seres criados

"Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por ele e para ele" (Cl 1.16). Diferentemente do homem, que continua a se reproduzir, o número dos anjos não é acrescido nem diminuído. Assim como os homens, os anjos também são seres criados. A diferença é que Deus criou apenas um casal humano e deu a ele a incumbência de reproduzir-se. Os anjos não se reproduzem, foram criados um a um.

Deus deu aos anjos uma condição especial de vida. Eles não só compartilham da natureza divina como desfrutam de privilégios nas moradas celestiais.

"Louvai-o, todos os seus anjos; louvai-o, todos os seus exércitos (...). Que louvem o nome do SENHOR, pois mandou, e logo foram criados" (Sl 148.2,5). Os anjos foram criados antes dos homens: "Quando as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam?" (Jó 38.7).

Deus criou os anjos muito antes de criar os homens. Todavia há alguns teólogos, como, por exemplo, Grudem, que ousam arriscar a época, situando-a no sétimo dia da criação, baseados em Gênesis 2.1, que diz: "Assim, os céus, e a terra, e todo o seu exército foram acabados".[6]

6. GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática, atual e exaustiva.* S. Paulo: Edições Vida Nova, 2005. p. 326.

Podem apresentar-se como homens

Apresentar-se como homens

Mesmo sendo seres espirituais (imateriais), podem, ocasionalmente, apresentar-se entre os homens, quando em missão especial. Abraão hospedou anjos em sua casa (Gn 18). Estando em forma humana, os anjos comeram com ele (Gn 18.5-8). Os mesmos anjos foram também hóspedes de Ló (Gn 19). Com base nisso, o escritor da carta aos Hebreus diz: "Não vos esqueçais da hospitalidade, porque, por ela, alguns, não o sabendo, hospedaram anjos" (Hb 13.2). Com estas palavras, o escritor sagrado insinua que podemos, eventualmente, receber em casa alguém que seja um anjo. A propósito disso, o ilustre pregador Billy Graham escreveu um livro em que elenca inúmeros testemunhos de pessoas que foram surpreendidas com hóspedes celestiais. Fatos como esses são testemunhados entre o povo de Deus.

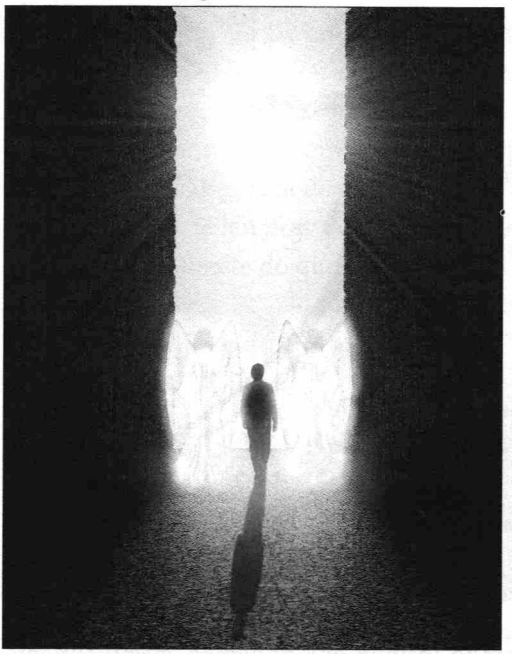
Manifestações em glória

Há, na Bíblia, ocorrências de aparições angelicais em sua forma original, gloriosa. Daniel, depois de haver passado um período de consagração em jejum e oração, em busca de respostas de Deus sobre o futuro do seu povo, relata que estava à beira do rio Hidéquel quando foi agraciado com uma visão angelical: "E levantei os meus olhos, e olhei, e vi um homem vestido de linho, e os seus lombos, cingidos com ouro fino de Ufaz. E o seu corpo era como turquesa, e o seu rosto parecia um relâmpago, e os seus olhos, como tochas de fogo, e os seus braços e os seus pés, como cor de bronze açacalado; e a voz das suas palavras, como a voz de uma multidão" (Dn 10.5,6). A descrição desse ser, parecido com um homem, mas de características sobrenaturais, assemelha-se à mesma que João viu a respeito de Jesus (Mt 28.2-7; Lc 24.4-7; Ap 1.14,15).

Anjos são criaturas especiais

Deus deu aos anjos uma condição especial de vida. Eles não só compartilham da natureza divina como desfrutam de privilégios nas moradas celestiais. Participaram

Manifestações em glória



e participarão dos principais eventos da História divina, e participarão de maneira intensa dos principais eventos futuros, como os registrados no livro do Apocalipse.

Os anjos são numerosos

Os anjos são descritos como "multidões", "exércitos", "inumeráveis", "hostes do céu". O profeta Micaías viu o exército celestial em frente ao trono de Deus (1 Rs 22.19). Daniel viu anjos aos milhares de milhares (Dn 7.10). Moisés declarou: "Disse, pois: O SENHOR veio de Sinai e lhes subiu de Seir; resplandeceu desde o monte Parã e veio com dez milhares de santos (...)" (Dt 33.2). Os pastores do campo viram uma multidão de anjos no céu, louvando pelo nascimento de Jesus (Lc 2.13). Jesus tinha à Sua disposição, caso quisesse, 12 legiões de anjos para acudi-lo quando ia para o Calvário (Mt 16.53). João os viu como *"milhões de milhões e milhares de milhares"* (Ap 5.11).

Se fôssemos levar ao pé da letra, um milhão de milhão seria um trilhão: certamente, o texto apresenta uma hipérbole para indicar que o número dos anjos é avultado. Com certeza, o número dos anjos ultrapassa em muito a soma dos seres humanos.

Possuem habitação

Todo o Universo é habitado por seres espirituais. Na língua hebraica, a palavra "céu" vem sempre no plural, "céus", porque os judeus entendem haver três céus: o primeiro, ao alcance imediato dos homens, o céu atmosférico; o segundo céu é o estrelar; e o terceiro, o lugar onde está situado o trono de Deus.[7] Jesus diz que os anjos estão nos céus (Mc 13.32). Paulo diz que eles são do céu (G1 1.8) e acrescenta a expressão "toda a família nos céus" (Ef 3.15). O apóstolo Paulo afirma que os principados e potestades estão nos lugares celestiais (Ef 6.12). Quando a Bíblia faz menção dos anjos que caíram, refere-se à sua antiga habitação: "E aos anjos que não guardaram o seu principado, mas

7. CHAFER. 2003. p. 436.

deixaram a sua própria habitação, reservou na escuridão e em prisões eternas até ao juízo daquele grande Dia" (Jd 1.6).

Com base no fato de que os anjos possuíam habitações, somado à afirmação de Jesus: "Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito, pois vou preparar-vos lugar" (Jo 14.2), alguns pregadores anunciam que a Igreja está sendo preparada para preencher as moradas que ficaram desocupadas pelos anjos. Isso é especulação. Não podemos fazer afirmação sobre o que não está claramente revelado. Por habitação, entende-se o lugar onde vivem, o céu, não significando, necessariamente, casa no sentido como conhecemos. Jesus fala dos "anjos que estão no céu" (Mc 13.32). Paulo diz: "Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu (...)" (Gl 1.8).

Entregaram as Leis divinas

Em seu último discurso, no momento em que estava morrendo, Estêvão declarou ao seu povo que as Leis divinas foram entregues pelos anjos: "Vós que recebestes a lei por ordenação dos anjos e não a guardastes" (At 7.53).

A citação de Estêvão não é encontrada no Antigo Testamento, mas encontra eco em outros textos do Novo Testamento (Gl 3.19; Hb 2.13). A ideia encontra-se em Jubileu 1.19; Testamento de Daniel 6.2; Josefo, mencionado por Estêvão no seu discurso (At 7.53), e em Filo (Sobre Sonhos. 1.14ss.). Embora tais literaturas não façam parte do Cânon do Antigo Testamento, são dotadas de valor histórico e merecem acatamento quanto a este ponto pelo fato de as palavras de Estêvão, citadas no texto bíblico, serem inspiradas pelo Espírito Santo.

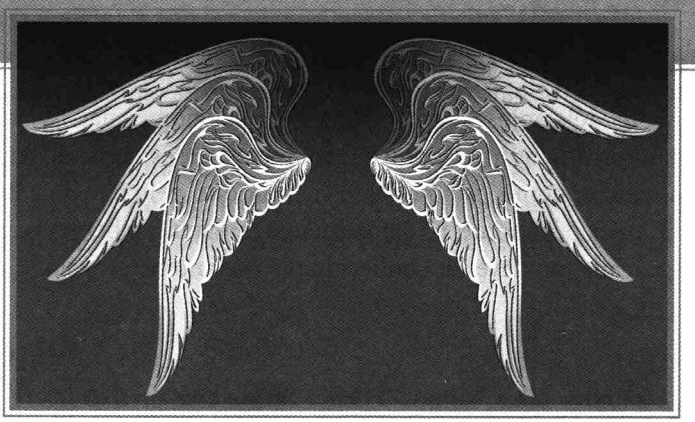
Participaram da vida de Jesus

Jesus é Deus e, como tal, Criador de todas as coisas, juntamente com o Pai (Jo 1.1-3). Sendo os anjos criados por Deus (Cl 1.16), são, evidentemente, inferiores ao Criador; entretanto, lê-se que Jesus foi feito "(...) um pouco menor do que os anjos (...)" (Sl 8.5; Hb 2.7) o que significa que, por um curto período de tempo, Ele foi um pouco menor do que os anjos, enquanto convivia com os homens num corpo mortal igual a eles. Entretanto, o mesmo texto prossegue dizendo: "(...) De glória e de honra o coroaste e o constituíste sobre as obras de tuas mãos".

A vida de Jesus na terra foi contemplada pelos anjos (1 Tm 3.16). Eles anunciaram o nascimento de Jesus (Lc 1.26-38). Quando Jesus nasceu, eles cantaram (Lc 2.13,14). Depois que José, Maria e Jesus cumpriram um tempo de fuga no Egito, um anjo apareceu para José num sonho, avisando que era hora de voltar para sua terra (Mt 2.19). Na tentação de Jesus, eles o serviram (Mt 4.11), no Seu momento de maior agonia, eles estavam de prontidão para socorrer o Filho de Deus (Mt 26.53), na Sua aflição no jardim

do Getsêmani, apareceu um anjo do céu que o confortava (Lc 22.43), na ressurreição, um deles removeu a pedra (Mt 28.2), foram os primeiros a anunciar que Jesus estava vivo (Mt 28.5,6), na Sua ascensão, eles o escoltaram e foram os primeiros a anunciar aos discípulos que, do mesmo modo como subiu aos céus, Ele voltará (At 1.10,11) e, quando o Senhor retornar para julgar o mundo, eles formarão um grande cortejo para acompanhá-lo (Mt 25.31; 1 Ts 4.16; Jd 1.14).

A CLASSIFICAÇÃO DOS ANJOS



Apesar de tratarmos mais tarde da especialidade dos anjos quanto à sua hierarquia, conforme apresenta o texto principal (Cl 1.16), no momento, vamos nos ater a considerar a classificação mais conhecida e específica dos anjos, quais sejam arcanjos, querubins e serafins, incluindo uma nota sobre Gabriel, anjo citado pelo nome.

Essa classificação em ordens hierárquicas segue o plano divino de autoridade. Deus é absolutamente severo nesta questão. O princípio de autoridade sofreu uma tentativa de quebra por parte daquele que foi destituído do céu – conforme estudaremos mais tarde. Deus se mantém no céu. Ele é o cabeça absoluto, soberano, Deus Criador de todas as coisas!

Diferentes classes de anjos

Os anjos são muitos e estão distribuídos em classes diferentes. A organização angelical segue uma hierarquia distinta em cinco principais representações: tronos, θρόνοι, *thrónoi;* domínios, κυριότητε, *kyriótetes;* principados, ἀρχαὶ, *arkaí;* potestades, ἐξουσίαι, *exousíai*; e poderes, *dynámis:* "Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por ele e para ele" (Cl 1.16); "O qual

está à destra de Deus, tendo subido ao céu, havendo-se-lhe sujeitado os anjos, e as autoridades, e as potências" (1 Pe 3.22). Essa classificação refere-se à esfera de governo, a fim de distingui-los dos demais anjos que somam exércitos e atuam diante de Deus, no Universo e diante do homem, em particular.[8]

Não se conhecem nas Escrituras outras categorias angelicais, mas poderemos ter surpresa no céu! A complexidade dos anjos, citada por Paulo, ultrapassa a nossa compreensão, sobretudo por não haver maiores explicações sobre isso (Cl 1.16).

Nomes dos anjos

Curiosamente, dois anjos são mencionados pelos nomes nas Escrituras: Gabriel e Miguel. Seriam os únicos a ter nome? Certamente, esses fatos são indícios de que todos os anjos tenham nome. Não podemos pensar que, pelo fato de a Bíblia mencionar apenas dois anjos pelo nome, os demais não o tenham também. Os anjos têm personalidade; logo, cada um deve ser conhecido pelo seu nome próprio.

Arcanjos

O termo *arch* quer dizer "sumo", "chefe"; assim, esse prefixo refere-se a uma categoria especial de anjos que exercem função superior relativamente aos demais. Eles ocupam os primeiros lugares.

Quanto ao número de arcanjos, há uma forte corrente entre os estudiosos da Bíblia que alega haver apenas um arcanjo: Miguel. Embora a Bíblia cite apenas um arcanjo, ela dá a entender que pode haver outros. No dia do Arrebatamento, o Senhor será acompanhado dos arcanjos: "Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus (...)" (1 Ts 4.16). Se houvesse apenas um arcanjo, a preposição viria articulada "do" arcanjo, porém a preposição é "de", dando ideia de que haja mais de um (como se observa no original). Em Daniel 10.13, Miguel é citado como "um dos primeiros", e não o primeiro.

Não podemos pensar que, pelo fato de a Bíblia mencionar apenas dois anjos pelo nome, os demais não o tenham também.

O arcanjo Miguel

O único arcanjo citado nas Escrituras é Miguel. Ele é o anjo responsável

8. CHAFER, Lewis Sperry. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Hagnos, 2003. v. 1, 2. p. 438.

pela nação de Israel. Quando Daniel orava pela libertação do seu povo do cativeiro babilônico, um homem especial apareceu para dar-lhe satisfação do que ocorria nos bastidores do mundo espiritual. Havia oposição à oração de Daniel por parte do príncipe da Pérsia, e o arcanjo Miguel foi chamado para ajudá-lo: "Mas o príncipe do reino da Pérsia se pôs defronte de mim vinte e um dias, e eis que Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me, e eu fiquei ali com os reis da Pérsia" (Dn 10.13); "Mas eu te declararei o que está escrito na escritura da verdade; e ninguém há que se esforce comigo contra aqueles, a não ser Miguel, vosso príncipe" (Dn 10.21).

Há ainda outras informações sobre esse arcanjo. Na carta de Judas, ele é citado por disputar o corpo de Moisés com o diabo: "Mas o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo e disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou pronunciar juízo de maldição contra ele; mas disse: O Senhor te repreenda" (Jd 1.9) e, no Apocalipse, Miguel e seus anjos aparecem lutando contra o dragão (Satanás) (Ap 12.7). O arcanjo Miguel é citado pelo anjo Gabriel, em uma conversa com Daniel, como o "vosso príncipe" (Dn 10.21).

Os querubins

Curiosamente, há alguns achados arqueológicos, entre os povos assírios, babilônios, persas, hititas e egípcios, de supostos deuses com características semelhantes às descritas na Bíblia sobre os querubins. São peças de artes, algumas ornando palácios reais em que aparecem seres com corpo de homem e rosto de leão, alguns alados, outros com corpo de leão e rosto de homem e assim, seguindo essas variações, percebe-se nesses objetos muitas semelhanças com as descrições bíblicas dos querubins. De onde aqueles povos teriam tirado tais ideias? Ou seriam elas meras coincidências? Tais representações simbólicas, próprias dos hebreus, não teriam iniciado do nada. Também não se pode dizer que aqueles povos haviam recebido influência dos hebreus, porque eram civilizações mais antigas. Provavelmente, eles tenham se inspirado em aparições angelicais – algo que não se pode ignorar no interregno da História humana, tanto entre os hebreus e a Igreja como entre outros povos –, o que vem confirmar a realidade dos seres angelicais.

Muitas são as ordens angelicais. Provavelmente, teremos surpresa no céu a respeito delas. Os querubins, por exemplo, formam uma ordem especial de anjos.[9] Eles representam uma classe de adoradores e são distintos das outras ordens, tanto pela função como pela aparência. Alguns estudiosos não ousam classificá-los entre os anjos, mas como constam entre os seres celestiais, assim como os demais anjos, eles também aparecem em ocasiões especiais e são estudados na categoria dos anjos. Há outros autores que acreditam que esses seres sejam meramente simbólicos.

---

9. Se é que realmente são anjos. São seres celestiais estudados na categoria dos anjos.

Os querubins foram postos por Deus no Éden, assim que o homem pecou, para guardar a sua entrada a fim de que o homem não voltasse lá para comer da árvore da vida que estava no meio do jardim (Gn 3.24). No propiciatório (tampa da arca), havia dois querubins feitos de ouro amassado, voltados um para o outro (Êx 25.18-20; Sl 80.1; Is 37.16; Hb 9.5); segundo o cântico de Davi, um querubim serviu de carruagem para Deus (2 Sm 22.11; Sl 18.10). Tanto em Ezequiel como em Apocalipse, os querubins são apresentados como "seres viventes" (Ez 1 e Ap 4), embora alguns teólogos façam distinção entre os querubins e os seres viventes, mas, ao que tudo indica, trata-se mesmo de querubins.

Aparência

Os querubins podem ter rosto de águia, de leão, de touro e de homem. Não se sabe se são seres mutantes ou se estão definidos assim: uns com um aspecto, e outros com outro.

Os querubins apresentam outras peculiaridades no seu aspecto. Aparecem, às vezes, com quatro asas e, em outras, com seis (Ez 1; Ap 4.8), assemelhando-se também aos serafins (Ez 1.10; cf. Ap 4.7; Is 6.2). O profeta Ezequiel demonstra grande familiaridade com essa categoria de seres celestiais. Descreve, além das asas e dos rostos, as plantas dos seus pés como de uma bezerra (Ez 1.7). Possuem quatro faces e não se viram para andar. Os pés seguem o rumo para o qual cada uma das faces olha (Ez 10.11). Possuem, também, olhos por todo o corpo (Ez 10.12). O profeta ainda fala de rodas movidas pela força desses seres (Ez 1.16,17).

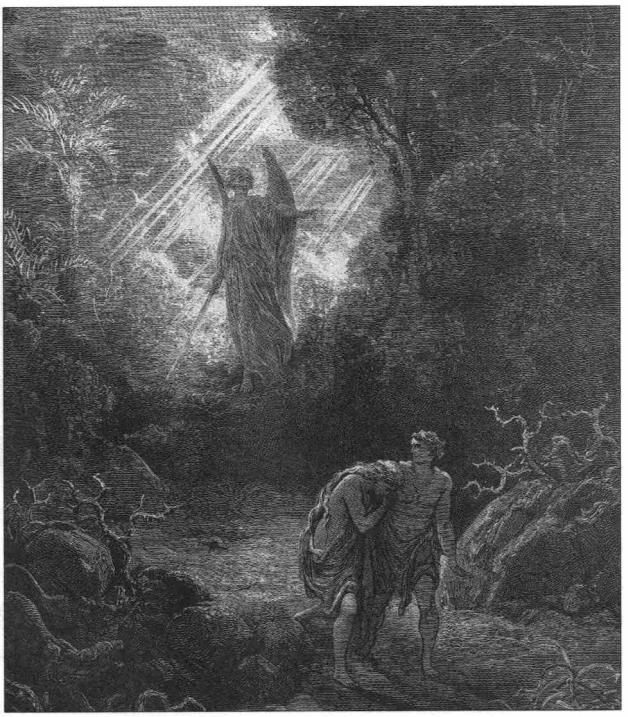
Não se sabe também por que os querubins têm semblantes pluralizados e em forma de animais. Será porque Deus, através deles, honra a Sua criação animal que se estende além da espécie humana? A realidade do mundo celestial difere muito da realidade do mundo terreno. Essa é a razão por que é comum ler-se no Apocalipse que João viu algo "como que". Não é possível expressar exatamente uma ideia com base nos referenciais terrenos, que são apenas o que os homens conhecem. Apresentamos textos que reforçam estudos sobre os querubins, além dos que descrevem o Tabernáculo, como, por exemplo, em Ezequiel 9.3 e no capítulo 10. O salmista Davi menciona em um dos seus cânticos que, em um momento de angústia, invocou o Senhor, e Ele desceu cavalgando sobre um querubim e voou, deslizando sobre as asas do vento (Sl 18.6-10).

No texto de Ezequiel, a palavra *ofanis*, a qual não é conhecida em nenhuma tradução bíblica, aparece no texto de Ezequiel 1.5. O termo hebraico significa "as rodas", que permitem o deslocamento do trono de Deus. Embora no texto haja uma íntima identificação com os querubins, *ofanis* pode, segundo alguns estudiosos, significar também mais uma classe angelical que atuava junto dos querubins.

O querubim ungido

Antes de sua queda, Satanás era um querubim ungido: "Tu eras querubim ungido para proteger, e te estabeleci; no monte santo de Deus estavas, no meio das pedras afogueadas andavas" (Ez 28.14).

No Éden



No Éden

Os querubins exercem a função de guardiões. Quando o homem pecou, o Senhor fechou o jardim do Éden e, para protegê-lo, pôs querubins ao oriente do jardim e uma espada flamejante (Gn 3.24). A razão de ter sido querubins ordenados a guardar o jardim pode estar diretamente ligada ao fato de que Satanás – antigo querubim ungido – contaminou o jardim, introduzindo ali o pecado e degenerando a raça humana. Além disso, deve-se considerar o fato de que os querubins vindicam a santidade de Deus, desse modo, foram colocados ali para impedir que o homem, uma vez posto fora dele, voltasse para comer da árvore da vida (Gn 3.22,24).

Na arca da aliança

Provavelmente, devido ao fato de os querubins estarem posicionados diante do trono, Deus ordenou que se pusessem na tampa da arca da aliança – chamada de propiciatório – dois querubins de ouro voltados um para o outro (Êx 25.17,18; 2 Rs 19.15; Sl 80.1). Os querubins constituem uma ordem muito elevada entre os seres celestiais. As artes feitas em ouro, com a figura dos querubins, nada tinham a ver com a idolatria, mesmo porque a arca era vista apenas uma vez por ano, no dia do *Yom Kipur* (expiação anual), quando o sumo sacerdote entrava no santo dos santos para fazer expiação pela nação. Os querubins de ouro sobre a tampa da arca serviam como símbolos de testemunho de que o sangue havia sido gotejado sobre as pontas do propiciatório, anunciando a justiça de Deus que, um dia, se cumpriria em Cristo. Não era apenas na arte

Na arca da aliança

do propiciatório que o salmista se inspirava para dizer: "O Senhor reina; tremam as nações. Ele está entronizado entre os querubins, comova-se a terra" (Sl 99.1).

Na arte do templo

É curiosa a importância que se dava aos querubins, até nas artes que compunham o Tabernáculo sagrado: "Depois, farás um véu de pano azul, e púrpura, e carmesim, e linho fino torcido; com querubins de obra prima se fará" (Êx 26.31; 36.35). Seguindo orientação divina, Salomão colocou dois querubins de madeira de oliveira, revestidos de ouro, de 4.45 metros de altura por 4.45 metros de asas, quando abertas; um em cada lado interno do templo (1 Rs 6.23-28).

Os serafins

Não há, nas Escrituras, nenhuma outra menção aos serafins. A única referência que se tem nas Escrituras acerca dessa classe de anjos é a que trata da experiência do chamado de Deus ao profeta Isaías (Is 6.1-8). Tudo o que sabemos sobre eles encontra-se nessa passagem. Conhecidos como "seres ardentes", os serafins têm acesso direto ao Trono de Deus e exaltam a Sua santidade e a Sua glória. A tarefa dos serafins está ligada à purificação.

Isaías teve um encontro com os serafins por ocasião do seu chamado para o ministério profético. No auge do seu luto pela morte do rei Uzias, Isaías teve uma visão do "Senhor assentado sobre um alto e sublime trono; e o seu séquito enchia o templo. Os serafins estavam acima dele; cada um tinha seis asas: com duas cobriam o rosto, e com duas cobriam os pés, e com duas voavam" (Is 6.1,2).

Diante da visão aterradora, Isaías sente aflorar o peso do seu pecado e sofre uma sensação de morte: " (...) Ai de mim, que vou perecendo (...) " (Is 6.5), "Mas um dos serafins voou para mim trazendo na mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz; e com ela tocou a minha boca e disse: Eis que isto tocou os teus lábios; e a tua iniquidade foi tirada, e purificado o teu pecado" (Is 6.6,7). O Dr. Scofield escreveu uma nota sobre esses seres, comparando-os com os querubins, em relação ao Templo sagrado, da seguinte maneira: os querubins têm a ver com o altar, enquanto os serafins, com a pia das purificações (Lv 15.11; Mc 7.3).

Gabriel

Representando a classe dos demais anjos, aparece Gabriel. A Bíblia menciona-o pelo nome, sem, no entanto, dar a ele qualquer classificação, seja de arcanjo, de querubim ou de serafim. Entre os judeus, são listados alguns arcanjos, e Gabriel figura entre eles.[10] Alguns dos arcanjos, segundo a tradição judaica (e não segundo a Bíblia) são: Uriel, Rafael, Miguel, Remiel, Jegudiel, Salatiel, Jeremiel e Gabriel, entre outros. Estes nomes de arcanjos não são unanimidade, mesmo entre as linhas existentes do judaísmo.

Gabriel significa "poderoso" e aparece quatro vezes nas Escrituras, sempre como mensageiro ou revelador dos propósitos divinos. Nas suas aparições registradas, temos:

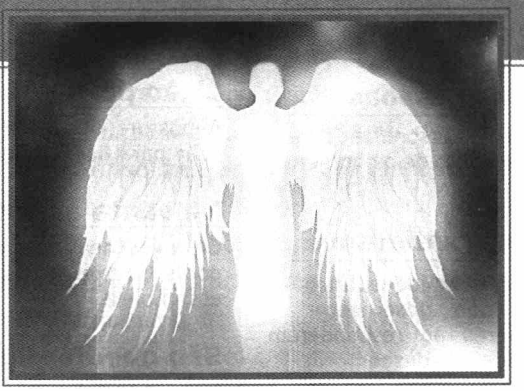
1) a Daniel, para lhe dar revelações escatológicas, isto é, acerca do fim dos tempos (Dn 8.15-27);
2) a Zacarias, para anunciar o nascimento de João Batista (Lc 1.19);
3) a Maria, para anunciar o nascimento de Jesus (Lc 1.26ss.);
4) reaparece a Daniel na revelação das 70 semanas (Dn 9.21).

Embora sejam muitos em número, a Bíblia não revela haver outras categorias angelicais além dessas aqui mencionadas, mas, por elas, pode-se notar que os anjos possuem características peculiares e exercem funções específicas, de acordo com a natureza com que cada espécie foi criada e a designação que fora dada a cada uma por Deus.

Conhecidos como "seres ardentes", os serafins têm acesso direto ao Trono de Deus e exaltam a Sua santidade e a Sua glória. A tarefa dos serafins está ligada à purificação.

10. Disponível em: <pt.wikipedia.org/wiki/Arcanjo>.

AS CARACTERÍSTICAS DOS ANJOS



Caráter, segundo o Novo Dicionário da Língua Portuguesa,[11] "é o cunho especial que distingue as coisas entre si; marca, impressão, índole; feitio moral". Caráter, portanto, é o jeito de ser que cada personalidade carrega dentro de si. Característica é aquilo que descreve; propriedade distintiva fundamental. Para melhor compreensão, falaremos sobre as características dos anjos, pois falar de caráter tornaria mais polêmico o assunto.

Suas características

Cada vez que se lê que um anjo se apresentou a alguém, para trazer uma mensagem ou por outra razão qualquer, nota-se que foi sempre para o bem do indivíduo ou de uma coletividade. Os anjos representam o próprio Deus; por isso, são sempre reverenciados (respeitados) pelos humanos.

Os anjos são dóceis

A mansidão dos anjos decorre da sua natureza espiritual. A mansidão é própria de um ser espiritual (Gl 6.1). Cada vez que um anjo aparecia a alguém, nos tempos do

11. S. Paulo: Editora Universal, 2008, verbete "caráter".

CARACTERÍSTICAS DOS ANJOS

Dóceis

A mansidão dos anjos decorre da sua natureza espiritual.

Tranquilizam as pessoas

A ajuda de Jeová é personificada na figura de um anjo a ponto de os homens o confundirem com Ele.

Corteses ao responderem

Tanto em Pedro como em Judas, encontramos situações que descrevem a cortesia desses seres ao responderem, mesmo numa situação de desconforto.

São santos

Eles vivem diante de Deus e convivem completamente com o Seu ambiente de santidade.

Entoam a santidade de Deus

Os serafins que Isaías presenciou na sua visão entoavam um cântico que mencionava a glória e a santidade de Deus.

Chamados santos pelo Senhor

Há várias ocorrências nos Evangelhos em que o próprio Senhor os chama de "santos".

São sábios

Os anjos são perfeitos, por isso são também chamados de "eleitos".

São reverentes

A reverência tem a ver com a postura em geral.

Lição para a Igreja

A postura dos serafins deve servir de lição para nós, crentes da nova aliança.

Na santa assembleia

Os anjos de Deus, que formam o Seu poderoso exército, assistem a Ele na Sua assembleia.

São obedientes

Outra característica bem similar à exigida dos crentes e claramente notada nos anjos é a obediência.

Decaídos

Há uma clara distinção entre os anjos que caíram e os que permaneceram fiéis a Deus.

Os fiéis

Os anjos fiéis nunca descumpriram uma ordem divina e jamais a descumprirão.

São festivos

Os anjos de Deus são alegres e festivos. Eles não têm motivo para tristeza.

Antigo Testamento, ele chegava dizendo "não temas", porque havia, entre os hebreus, o temor de que se alguém visse um anjo – podendo ser, eventualmente, o próprio Deus – não sobreviveria (Jz 6.22,23; Lc 1.30).

Tranquilizam as pessoas

Por que razão a presença de um anjo causava temor da morte? Por dois motivos básicos: primeiro, por causa de um sentimento hipostático de Javé, ou seja, a certeza de que era o próprio Senhor quem falava por intermédio de um ser manifesto, quer em forma gloriosa, quer em forma humana. A ajuda de Jeová é personificada na figura de um anjo, a ponto de os homens o confundirem com Ele. Segundo, porque o próprio Deus havia dito a Moisés que ninguém que visse a Sua face viveria (Êx 33.20). Desse modo, a certeza de estar diante de um ser sobrenatural causava o receio da morte.

O Anjo do Senhor apareceu a Gideão e dialogou com ele, enquanto malhava trigo no lagar, para despistar os midianitas que roubavam todo o produto da colheita. Falou-lhe palavras encorajadoras; disse-lhe que com a sua força livraria Israel das mãos dos midianitas. Animado, Gideão ofereceu-lhe como presente um cabrito e bolos asmos. O Anjo pediu que ele pusesse a comida sobre uma pedra, e ele o fez. O Anjo estendeu a ponta do seu cajado e, num instante, uma chama consumiu toda a comida. Espantado, Gideão reconheceu que estava diante de Jeová: "Então, viu Gideão que era o Anjo do SENHOR; e disse Gideão: Ah! Senhor Jeová, que eu vi o Anjo do SENHOR face a face. Porém o SENHOR lhe disse: Paz seja contigo; não temas, não morrerás" (Jz 6.22,23).

Corteses ao responderem

Tanto em Pedro como em Judas, encontramos situações que descrevem a cortesia desses seres ao responderem, mesmo em uma situação de desconforto. Referindo-se à insolência dos falsos mestres, Pedro destaca a mansidão dos anjos, ainda que superiores aos homens em força. Essa mansidão se opõe à atitude dos anjos caídos: "Enquanto os anjos, sendo maiores em força e poder, não pronunciam contra eles juízo blasfemo diante do Senhor" (2 Pe 2.11). Judas descreve uma situação em que o arcanjo Miguel, numa disputa com o diabo, não ousou pronunciar contra ele juízo de maldição: "Mas o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo e disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou pronunciar juízo de maldição contra ele; mas disse: O Senhor te repreenda" (Jd 1.9).

São santos

A designação de "santos" na Bíblia é destinada a Israel (Lv 11.44), aos animais do sacrifício (Lv 22.33), aos incensários do fogo no culto (Nm 16.37), aos utensílios sagrados do Templo (Nm l.6), aos profetas (At 3.21), aos apóstolos (Ap 18.20), aos salvos (Rm 1.7) etc. Tudo, enfim, que pertence ao Senhor é tornado santo, porque a natureza dele é santa! Não se pode admitir que um ser espiritual, oriundo de Deus para realizar a Sua obra, não desfrute da mesma natureza de Deus, a qual é santa. Os anjos vivem diante de Deus e convivem completamente com o Seu ambiente de santidade.

Entoam a santidade de Deus

Os serafins que Isaías presenciou na sua visão entoavam um cântico que mencionava a glória e a santidade de Deus: "E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, Santo, Santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória" (Is 6.3). Tais palavras anunciam uma característica própria desses seres maravilhosos.

São chamados de santos pelo Senhor

Há várias ocorrências nos Evangelhos em que o próprio Senhor Jesus os chama de "santos", como: por ocasião da Sua vinda, o Senhor será acompanhado dos "santos anjos" (Mt 25.31). Quem se envergonha de Jesus e de Suas palavras passará pelo mesmo constrangimento diante dele, na presença dos Seus "santos anjos" (Mc 8.38; Lc 9.26). Os mensageiros de Cornélio, quando foram buscar Pedro, disseram que Cornélio recebeu aviso por um "santo anjo" (At 10.22).

Os anjos são sábios

Os anjos são perfeitos, por isso são também chamados de "eleitos" (1 Tm 5.21). São coordenados, harmoniosos, ágeis e não se perdem em suas ações. Quando Abraão tentava persuadi-los a não destruírem Sodoma por causa de seu sobrinho Ló, que habitava lá, perguntou a eles se por cinquenta justos a cidade seria destruída. A resposta foi "não". Abraão foi diminuindo de dez em dez. Seu propósito era convencê-los de que não era necessário tal juízo. Eles logo perceberam a matemática de Abraão. Quando restavam os últimos "dez", eles imediatamente se retiraram e foram a Sodoma cumprir o mandado de Deus (Gn 18.28-33).

Os anjos são perfeitos, por isso são também chamados de "eleitos" (1 Tm 5.21). São coordenados, harmoniosos, ágeis e não se perdem em suas ações.

A sabedoria angelical é superior à dos homens, visto que os homens foram feitos um pouco abaixo deles (Sl 8.5), mas não se pode jamais comparar a sabedoria dos anjos à sabedoria de Deus, que é onisciente (Mt 24.36; Sl 147.5).

Há menções bíblicas a respeito da sabedoria dos anjos. Uma mulher sábia da cidade de Tecoa, ao falar com o rei Davi, comparou a sua sabedoria à dos anjos (2 Sm 14.17,20).

São reverentes

Os costumes estão mudando, mas a reverência deve permanecer a mesma. A reverência tem a ver com a postura em geral. No culto a Deus, é comum ver alguém interromper uma pessoa quando está orando ou mesmo falar alto perto dela. Falar na hora do culto, mascar goma, beber, brincar, distrair-se, dormir, fazer expressão de reprovação a quem canta ou prega etc. constituem-se em atos de irreverência a Deus. Os serafins da visão de Isaías cobriam o rosto e os pés como sinal de reverência a Deus (Is 6.2).

Reverência está ligada diretamente ao culto a Deus. É ato de veneração, respeito absoluto, acatamento. O Senhor exigia reverência do Seu povo diante do Seu santuário: "Guardareis os meus sábados e reverenciareis o meu santuário. Eu sou o SENHOR" (Lv 26.2). Na visão de Isaías, os serafins usavam duas asas para voar, porém as outras quatro asas que possuíam serviam para prestar reverência ao Senhor Deus dos Exércitos. Com elas, cobriam os pés e o rosto (Is 6.2).

Lição para a Igreja

A postura dos serafins deve servir de lição para nós, crentes da nova aliança, que, muitas vezes, não reverenciamos a Deus como deveríamos. Seja na hora do culto, quando a Palavra de Deus está sendo lida ou exposta, seja até mesmo nos encontros sociais, quando, entre nós, há pessoas que fazem piadas com o que é sagrado. A exortação bíblica é: "Pelo que, tendo recebido um Reino que não pode ser abalado, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus agradavelmente com reverência e piedade" (Hb 12.28).

Na santa assembleia

Os anjos de Deus, que formam o Seu poderoso exército, assistem a Ele na Sua assembleia. O salmista refere-se à reverência dos que participam dessa assembleia: "Deus deve ser em extremo tremendo na assembleia dos santos e grandemente reverenciado por todos os que o cercam" (Sl 89.7).

Os anjos são obedientes

Outra característica bem similar à exigida dos crentes e claramente notada nos anjos é a obediência. Fomos eleitos para obedecer (1 Pe 1.2). A Bíblia dá tanta importância à obediência que recomenda aos crentes que, nem sequer, relacionem-se com os desobedientes (2 Ts 3.14). Seria estranho imaginar que um anjo de Deus pudesse ser-lhe desobediente, tal como os homens o são. Deveria também ser estranho o fato de um crente em Cristo ser-lhe desobediente, entretanto, a Bíblia diz muito sobre a desobediência dos crentes. Claro que há diferença de natureza: os anjos não passam hoje pelas mesmas tentações que nós.

Anjo decaído

Os anjos decaídos

Há uma clara distinção entre os anjos que caíram e os que permaneceram fiéis a Deus. Os que caíram foram punidos por sua desobediência (2 Pe 2.4; Jd 1.6). Entende-se, com base em Apocalipse 12.4, que um terço dos anjos caíram: "E a sua cauda levou após si a terça parte das estrelas do céu e lançou-as sobre a terra (...)".

Os anjos fiéis

Os anjos fiéis nunca descumpriram uma ordem divina e jamais a descumprirão. A obediência é fruto da fidelidade deles a Deus. "Bendizei ao SENHOR, anjos seus, magníficos em poder, que cumpris as suas ordens, obedecendo à voz da sua palavra" (Sl 103.20). Eles cumprem integralmente a vontade de Deus: "Bendizei ao SENHOR, todos os seus exércitos, vós, ministros seus, que executais o seu beneplácito" (Sl 103.21; cf. Mt 6.10).

Eles são festivos

Os anjos de Deus são alegres e festivos. Eles não têm motivo para tristeza. Estão diante de Deus e gozam das delícias do céu (Mt 18.10). Quando um pecador se arrepende, há alegria no céu diante deles (Lc 15.10). Quando Jesus nasceu, uma multidão de anjos apareceu no céu, cantando (Lc 2.13; veja também Jó 38.7). À vista do que observamos, entendemos que os anjos têm características próprias dos seres humanos; porém, em nível de perfeição. Não possuem alma nem corpo material. São seres espirituais e gozam de plenitude da natureza espiritual!

A NATUREZA DOS ANJOS

Apesar de mencionar os anjos várias vezes, a Bíblia não revela tudo o que desejaríamos saber acerca desses seres celestiais. Conhecê-los, no entanto, faz parte da teologia cristã; afinal, ninguém pode ignorar a existência e a atuação dos anjos em favor dos que hão de herdar a salvação (Hb 1.14). A Angelologia compõe o quadro da Teologia Sistemática; portanto, deve ser devidamente examinada e conhecida dos crentes.

A natureza dos anjos

O estudo sobre os anjos desperta muitas curiosidades, e a Bíblia não se recusa a respondê-las. As menções bíblicas sobre os anjos decorrem não somente das descrições relatadas pelos que tiveram o privilégio de vê-los nos tempos passados, como também apresentam revelações inspiradas pelo Espírito Santo – o qual deu aos autores a capacidade necessária para relatar fatos relativos à sua natureza. O próprio Senhor Jesus fez referências reveladoras da natureza dos anjos.

Na sistematização do nosso estudo, buscamos textos que oferecem informações sobre a natureza dos seres angelicais. Algumas vezes temos deles uma concepção absolutamente antropomórfica. Essa concepção decorre, evidentemente, das aparições dos anjos em forma humana; e, mesmo quando eles aparecem em glória, há descrições de mãos, rosto, olhos, pés, vestes; enfim, coisas que são dos homens. Culver diz: "Não

NATUREZA DOS ANJOS

São velozes

A natureza dos anjos difere da natureza humana, a começar da corporeidade.

Assexuados

"Porque, na ressurreição, nem casam, nem são dados em casamento; mas serão como os anjos no céu" (Mt 22.30).

São fortes

A Bíblia nunca diz que os anjos são grandes, mas os descreve como fortes.

São gloriosos

São portadores da glória celestial, porque estão diante dela.

Superiores aos homens

Embora os anjos sejam seres criados, eles são superiores aos homens.

São invisíveis

Embora sejam muitos e estejam presentes em todas as atividades humanas, acompanhando-as, não são vistos.

São imortais

O juízo de morte pelo pecado foi feito somente aos homens (Gn 2.17).

há concordância quanto a se os anjos são, ou não, seres corporais. Eles são chamados de 'espíritos'".[12] Alguns Pais da Igreja atribuíam-lhes corpos tênues.[13] Tudo, no entanto, leva-nos a crer que os anjos são, realmente, seres incorpóreos.

Esse antropomorfismo, entretanto, não é absoluto. Os anjos são seres espirituais; portanto, podem ter um aspecto físico variável. Há muita coisa sobre o mundo celestial que ainda não nos foi contada. A Palavra de Deus apresenta apenas uma pequena parcela desse mundo maravilhoso que nos aguarda com tanta surpresa, e que será necessária uma eternidade para se conhecer!

Aspectos da natureza dos anjos

Não se sabe tudo acerca dos anjos; no entanto, pode-se observar algumas revelações bíblicas acerca da natureza deles.

Os anjos são velozes

A natureza dos anjos difere da natureza humana, a começar da corporeidade. Os anjos são espíritos (Hb 1.14), portanto, ainda que sejam retratados na Bíblia em sua forma gloriosa ou mesmo com aparência humana, não dispõem de corpo físico, material, como nós.

A matéria está sujeita às limitações do tempo e do espaço. Para locomover-se de um lugar para o outro, esses dois fatores (tempo e espaço) se impõem. Hoje, com meios de transportes rápidos, como o

12. CULVER. 2012. p. 239.

13. BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. S. Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004. p. 133.

avião, por exemplo, o homem consegue transpor milhares de quilômetros em poucas horas. Para um anjo, a transposição de uma localidade para outra distante é instantânea.

Daniel teve grandes experiências com anjos, na sua velhice especialmente, enquanto buscava entendimento sobre as profecias de Jeremias acerca do cativeiro de seu povo na Babilônia. Seu período de oração e jejum resultou no aparecimento desses seres celestiais: "Estando eu, digo, ainda falando na oração, o varão Gabriel, que eu tinha visto na minha visão ao princípio, veio voando rapidamente e tocou-me à hora do sacrifício da tarde" (Dn 9.21). "E, quanto aos anjos, diz: O que de seus anjos faz ventos e de seus ministros, labareda de fogo" (Hb 1.7).

Nem sempre os anjos são descritos como seres que possuem asas. Há menção de asas nos querubins. Eles aparecem com quatro asas (Ez 1.6) e também com seis (Ap 4.8).

Nem sempre os anjos são descritos como seres que possuem asas. Há menção de asas nos querubins. Eles aparecem com quatro asas (Ez 1.6) e também com seis (Ap 4.8). Os serafins possuem seis asas (Is 6.2). Nas aparições antropomórficas (em forma humana), evidentemente eles não portavam asas. Também não é comum ler-se que possuíam asas em muitas outras aparições em glória. Por que isso é importante? Porque as asas são próprias de aves, para se sustentarem no ar. Os anjos não estão presos à matéria e não dependem da atmosfera para voar. Por serem seres espirituais, encontram-se em outra dimensão em que as medidas de tempo e de espaço não transcorrem como no mundo humano.

Os anjos são assexuados

Um grupo de saduceus interrogou Jesus acerca do casamento. A pergunta deles baseava-se no costume judaico de não desagregar uma mulher da família quando essa ficasse viúva. Um parente mais próximo do falecido deveria casar-se com ela (Dt 25.5). Baseados nisso, os saduceus fizeram uma suposição acerca de uma mulher que enviuvara sete vezes. Quem seria seu esposo quando ela ressuscitasse (Mt 22.23-29)? A resposta de Jesus, carregada de convicção e oportunidade, foi mais abrangente do que eles esperavam. Ele não perdeu a oportunidade de falar-lhes também a respeito dos anjos: "Porque, na ressurreição, nem casam, nem são dados em casamento; mas serão como os anjos no céu" (Mt 22.30). Os saduceus não criam na existência de anjos: "Porque os saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjo, nem espírito; mas os fariseus reconhecem uma e outra coisa" (At 23.8).

São fortes

São fortes

A Bíblia nunca diz que os anjos são grandes, mas os descreve como fortes. Os termos "grande" ou "grandeza" são destinados unicamente a Deus. Quem pode avaliar a força de um anjo? Quem será capaz de resisti-la? São descritos como "fortes". "E vi um anjo forte, bradando com grande voz: Quem é digno de abrir o livro e de desatar os seus selos?" (Ap 5.2).

O apóstolo Paulo alude ao poder dos anjos quando escreve uma palavra de consolo aos crentes de Tessalônica, os quais estavam atravessando um período de tribulação, lembrando-os do Dia do Senhor. Naquele dia, o Senhor Jesus se manifestará com os Seus anjos poderosos e há de vingar-se daqueles que fizeram oposições aos crentes: "E a vós, que sois atribulados, descanso conosco, quando se manifestar o Senhor Jesus desde o céu com os anjos do seu poder" (2 Ts 1.7). Em um brado poético, o salmista Davi conclama também os anjos a unirem-se em um grande ato de celebração a Deus: "Bendizei ao SENHOR, anjos seus, magníficos em poder, que cumpris as suas ordens, obedecendo à voz da sua palavra" (Sl 103.20).

Podemos citar apenas um exemplo que é suficiente para explicar a força de um anjo. Basta recorrer à história de guerra movida por Senaqueribe contra o Reino do Sul nos dias do rei Ezequias. Apenas um anjo deu conta de 185 mil soldados (2 Rs 19.35).

Os anjos são gloriosos

Os anjos são portadores da glória celestial, porque estão diante dela. Moisés, por haver passado um pequeno tempo na presença do Senhor, transmitiu a glória de Deus em seu rosto, a ponto de precisar usar um véu (Êx 34.29-35). O que dizer dos anjos que estão sempre diante do trono (Mt 18.10)?

Na mesma glória com que o Senhor Jesus se manifestará, por ocasião da Sua vinda, os anjos também virão. Todos aqueles que se envergonharam da pessoa de Cristo ou mesmo da Sua Santa Palavra passarão por grande humilhação naquele Dia.

Os anjos, que veem as pessoas e que atuam neste mundo sem serem vistos, presenciarão a cena da grande execração humana. O contraste há de ser grande porque eles virão na mesma glória do Filho e do Pai: "Porque qualquer que de mim e das minhas palavras se envergonhar, dele se envergonhará o Filho do Homem, quando vier na sua glória e na do Pai e dos santos anjos" (Lc 9.26).

São superiores aos homens

Embora os anjos sejam seres criados, eles são superiores aos homens: "Enquanto os anjos, sendo maiores em força e poder, não pronunciam contra eles juízo blasfemo diante do Senhor" (2 Pe 2.11).

Como os anjos se apresentam

Em suas aparições, os anjos impressionam por sua beleza e jovialidade. Daniel ficou impactado com a aparência do anjo que viu quando estava à borda do rio Hidéquel: "E levantei os meus olhos, e olhei, e vi um homem vestido de linho, e os seus lombos, cingidos com ouro fino de Ufaz. E o seu corpo era como turquesa, e o seu rosto parecia um relâmpago, e os seus olhos, como tochas de fogo, e os seus braços e os seus pés, como cor de bronze açacalado; e a voz das suas palavras, como a voz de uma multidão" (Dn 10.5,6). Daniel desfaleceu diante daquela presença gloriosa (Dn 10.8).

Quando as três mulheres, Maria Madalena, Salomé e Maria, mãe de Tiago, foram ao sepulcro de Jesus para ungir o Seu corpo (porque esse era o costume das mulheres), foram surpreendidas com um jovem assentado à direita com uma veste comprida e branca. Aquele jovem anunciou-lhes que Jesus não estava ali, pois havia ressuscitado (Mc 16.7). Aquele jovem era um anjo (Mt 28.2).

São invisíveis

Os anjos, embora sejam muitos e estejam presentes em todas as atividades humanas, acompanhando-as, não são vistos. Uma das razões dessa invisibilidade, certamente, é que os homens não mudem o foco da adoração para eles; entretanto, anjos podem ser vistos, vez por outra, quando é da vontade de Deus permitir essa percepção

a alguns. "O ensino bíblico sobre a existência dos anjos é para nós constante lembrança de que existe um mundo invisível bastante real".[14]

Os anjos são imortais

O juízo de morte pelo pecado foi feito somente aos homens (Gn 2.17). A morte entrou no mundo em consequência do pecado, sujeitando toda a criação a essa condição (Rm 8.20). O homem tornou-se mortal, porque o salário do pecado é a morte (Rm 6.23). Mesmo os anjos que se rebelaram, como seres espirituais que são, experimentaram o banimento da presença de Deus, mas existirão por toda a eternidade, sofrendo o castigo que lhes foi imposto. Quanto aos anjos bons, esses serviram de referência para Jesus em Sua resposta aos saduceus acerca dos salvos que vão morar no céu: "Porque já não podem mais morrer, pois são iguais aos anjos e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição" (Lc 20.36).

Para referir-se à vida dos salvos no céu, o Senhor Jesus costumava usar os anjos como exemplo. Os anjos gozam das regalias próprias do ambiente celestial. Todos os salvos em Cristo desfrutarão das mesmas regalias no Céu. A certeza que podemos ter disso está no fato de Jesus usar sempre os anjos como referência às condições de vida no lar celestial. No Céu, ninguém morre, assim como os anjos (Lc 20.36). Os anjos, portanto, servem de paradigma (referência, testemunho) à promessa que temos da vida eterna.

Nas muitas ocorrências bíblicas que relatam aparições de seres angelicais, eles tanto têm se manifestado em forma humana como em forma gloriosa.

Nas muitas ocorrências bíblicas que relatam aparições de seres angelicais, eles tanto têm se manifestado em forma humana como em forma gloriosa. A impressão que deixam dá condições para que os escritores sagrados os descrevam nas características estudadas; além, é claro, da inspiração através da qual o Espírito Santo capacitou os escritores bíblicos a oferecer-nos tais informações.

14. GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática: Atual e Exaustiva*. 1. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 2005. p. 328.

O LIMITE DOS ANJOS

Embora os anjos sejam também chamados de seres celestiais, eles obedecem a limites impostos por Deus. Anjos são emissários de Deus, mas não têm a presunção de tomar o lugar de Deus. Algumas vezes, um anjo era confundido com o próprio Deus, causando temor àqueles aos quais se manifestava. Às vezes, era o próprio Anjo do Senhor, outras vezes, era outro anjo.

Uma ação restritiva

Um ser espiritual goza de regalias muito distantes do alcance daqueles que estão confinados a um corpo material. A matéria é restrita às condições de tempo e de espaço, além de sofrer deterioração natural. Um corpo espiritual é livre. Assim são os anjos (Hb 1.14).

Existe uma doutrina que trabalha com o pressuposto de que há espíritos vagueando pelo espaço em busca de corpos. Segundo essa doutrina, esses espíritos já possuíram corpos físicos, mas, com a morte, ficaram livres e tentam comunicar-se com o mundo dos vivos. A Palavra de Deus condena essa ideia: "E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo, depois disso, o juízo" (Hb 9.27); "Quando vos disserem: Consultai os que têm espíritos familiares e os adivinhos, que chilreiam e murmuram

LIMITE DOS ANJOS

Obedecem a ordens divinas

São espíritos ministradores e obedecem a ordens divinas para cada situação.

Não evangelizam

Há tarefas que são da competência única dos anjos, e há tarefas que são da competência única dos homens.

Não transmitem mensagem de salvação

Pressupõe-se que os anjos gostariam de evangelizar, já que são mensageiros e têm prazer em entregar a mensagem do Senhor às pessoas.

Não recebem adoração

A adoração deve ser dispensada tão somente ao Deus Trino.

Prática gnóstica

Paulo condena a adoração aos anjos praticada por eles (Cl 2.18).

Participam dos cultos

Em 1 Coríntios 11.10, o apóstolo Paulo fala sobre a presença dos anjos nos cultos.

Serão julgados pela Igreja

A Bíblia não faz menção clara sobre quais anjos iremos julgar.

entre os dentes; – não recorrerá um povo ao seu Deus? A favor dos vivos interrogar-se-ão os mortos?" (Is 8.19). Mas, apesar da compreensão distorcida da verdade, essa doutrina parte do pressuposto de que há espíritos atuando, sejam eles bons ou maus. Segundo a Bíblia, os espíritos bons são os anjos de Deus, e os espíritos maus são demônios, porém eles não podem atender às chamadas humanas, quer para conversar, consultar ou dirigir. Quaisquer manifestações angelicais ocorrem por determinação de Deus. Nenhum anjo tem a liberdade de atender a um pedido humano.

Os limites para os anjos

Se aos anjos não fossem impostos limites, de que não seriam capazes os anjos decaídos?[15] A liberdade humana para tomar decisões estaria completamente arruinada pela ação dos anjos maus, e isso aniquilaria totalmente o plano de Deus para o homem. Mas, os anjos bons, que estão a serviço dos salvos, também não têm liberdade para agir. Eles seguem ordens, conforme mencionado no item anterior.

Obedecem a ordens divinas

Embora sejam muito velozes, podendo transportar-se de uma localidade para outra instantaneamente, um anjo jamais poderá estar em dois lugares ao mesmo tempo. A aparição de um anjo causava sempre temor, mas esse anjo sempre acalmava a pessoa com uma frase serena: "Não temas".

15. Por anjos decaídos, devemos entender não apenas aqueles que estão confinados em prisões eternas, mas também os demônios. Mais adiante, comentaremos sobre a origem dos demônios.

Os anjos são espíritos ministradores (Hb 1.14) e obedecem a ordens divinas para cada situação, fazendo tão somente o que lhes é incumbido por Deus: "Porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos os teus caminhos" (Sl 91.11).

Não é dada aos anjos a incumbência de evangelizar

Há tarefas que são da competência única dos anjos, e há tarefas que são da competência única dos homens. Os anjos prestam atenção ao trabalho da Igreja, mas não podem realizar o trabalho dela, como, por exemplo, a evangelização: "Aos quais foi revelado que, não para si mesmos, mas para nós, eles ministravam estas coisas que, agora, vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho, para as quais coisas os anjos desejam bem atentar" (1 Pe 1.12).

Se aos anjos fosse dada a ordem para pregar o evangelho, não haveria necessidade de eles marcarem encontro entre pregadores e ouvintes, como ocorreu no caso de Filipe e de Pedro. Filipe estava fazendo um grande trabalho em Samaria. Almas estavam convertendo-se ao Senhor, pessoas estavam sendo curadas, e uma grande alegria tomava conta da cidade (At 8.8).

No auge do seu trabalho, Filipe é informado por um anjo que deve sair da cidade e ir para a banda do sul, no caminho que desce de Jerusalém para Gaza (At 8.26). Mal sabia ele qual seria o propósito daquela orientação. No caminho por onde ia, encontrou-se com um eunuco, ministro das finanças da Etiópia. O Espírito Santo disse a Filipe que se aproximasse do carro do eunuco. Observe-se que, para falar intimamente, foi o Espírito Santo. O eunuco voltava de Jerusalém, aonde havia ido adorar o Senhor (At 8.29)[16]. Filipe, portanto, recebeu duas mensagens: uma do anjo, para seguir rumo a Gaza; e outra do Espírito Santo, para se aproximar do carro do etíope. Como ele soube distinguir a voz do anjo e a do Espírito? Certamente, por gozar de intimidade com o sobrenatural. O encontro foi estabelecido. Filipe pregou a Palavra de Deus ao eunuco, e ele se converteu ao Senhor (At 8.36-38).

No caso de Cornélio, a mensagem do anjo foi transmitida ao ouvinte, e não ao pregador. Cornélio era homem piedoso, dedicado à oração; porém, necessitava de que alguém lhe anunciasse a salvação em Jesus, o que prova que ninguém é salvo tão somente por ser bom, piedoso e mesmo de oração: é necessário conhecer Jesus e confessá-lo como Salvador pessoal. O anjo que falou a Cornélio não podia ter dado continuação ao assunto iniciado. Limitou-se a dizer: "(...) As tuas orações e as tuas esmolas têm subido para memória diante de Deus. Agora, pois, envia homens a Jope e manda chamar a Simão, que tem por sobrenome Pedro. Este está com um certo Simão, curtidor, que tem a sua casa junto do mar. Ele te dirá o que deves fazer" (At 10.4-6).

---

16. O eunuco certamente era um prosélito. Prosélito é um estrangeiro que adere à religião judaica.

Cornélio atendeu imediatamente à instrução: mandou chamar Pedro, e esse, ao chegar em sua casa, pregou a Palavra de Deus para ele e para os seus, resultando na conversão de todos (At 10.2,44-48).

Pressupõe-se que os anjos gostariam de evangelizar, já que são mensageiros e têm prazer em entregar a mensagem do Senhor às pessoas. O texto de 1 Pedro 1.12 diz que eles "desejam bem atentar". Contudo, este texto pode também oferecer outro sentido: não o de que os anjos gostariam de fazer o que fazemos, mas de entender o que fazemos. Há ainda outros aspectos que podem ser enfatizados em relação à impossibilidade de os anjos anunciarem o evangelho decorrentes dos seguintes fatores: 1) *identificação com a natureza humana.* Os anjos não conhecem os problemas humanos; logo, não seriam respeitados pelos homens caso fossem aconselhá-los sobre problemas; 2) *identificação com o pecado.* Os anjos não têm as mesmas fraquezas humanas relativamente aos pecados. Eles nem mesmo entenderiam o que se passa no íntimo do ser humano. Só mesmo outro ser humano para entender disso. 3) *identificação com o sofrimento.* Os anjos não conhecem as agruras humanas, como, então, falar com os homens sobre elas? Jesus conheceu as agruras desta vida: "Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado" (Hb 4.15); de igual modo, os pregadores. Quando um homem fala a outro homem acerca da salvação, ele fala como alguém que conhece as dificuldades do mundo material, porque é humano tanto quanto o seu ouvinte; assim, pode transmitir-lhe uma mensagem de fé corroborada pelo testemunho de alguém que, como o seu interlocutor, enfrenta as mesmas lutas. Por isso, Deus designou a tarefa de evangelização aos homens, e não aos anjos: "Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria, aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação" (1 Co 1.21). Paulo vê, nessa decisão, uma verdadeira loucura; 4) *estariam sujeitos à idolatria.* Os seres humanos são muito propensos à idolatria. Se todos os homens pudessem receber anjos para lhes falar a Palavra de Deus, muitos deles poderiam querer adorá-los, já que são seres celestiais; 5) *seriam banalizados.* Se, por um lado, haveria quem quisesse adorar os anjos, por outro lado, haveria seres humanos que os tratariam como seres comuns e não os respeitariam, comprometendo ainda mais a sua irreverência com a divindade e 6) *incompreensão no plano da salvação.* Parece que os anjos não compreendem, como nós, os salvos, o plano da salvação, mas demonstram curiosidade pela revelação dada à Igreja: "Para que, agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus" (Ef 3.10). Eles não entendem o significado da fé, cujo sentido está em esperar sem ver (Hb 11.1), porque eles estão sempre diante do Senhor. Para pregar a Palavra, portanto, Deus designou homens, e não anjos: "Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens (...)" (1 Co 1.25). Embora sejam mensageiros, Deus tem as Suas razões para usar os homens, e não os anjos, na tarefa de evangelização.

Não recebem adoração

A adoração deve ser dispensada tão somente ao Deus Trino, Criador de todas as coisas, e jamais deve ser destinada a um ser criado, mesmo que esse ser desfrute das delícias do Céu. Neste ponto, cabe ressaltar o intento daquele que foi querubim ungido; que, entretanto, perdeu o seu lugar, exatamente por haver cobiçado a posição de semelhança ao Altíssimo, desejando ser adorado (Is 14.14). Esse desejo de ser adorado foi novamente manifesto quando tentou o Senhor, no deserto (Mt 4.9). Nos tempos bíblicos, cada vez que um anjo aparecia, era comum que a pessoa que o visse se prostrasse para prestar-lhe adoração. Quando se tratava do Anjo do Senhor, tal pessoa estava diante do próprio Deus; porém, quando não, o anjo mesmo encarregava-se de proibir-lhe a adoração.

Sobre a prática de adoração de anjos na Igreja primitiva, Culver traz-nos a seguinte informação:

> Um cânone do sínodo de Laodiceia (que correu em algum momento entre 343 e 381) testemunha que a adoração de anjos era praticada por cristãos ignorantes no século IV, proibindo tal prática como idólatra; e um cânone do Quarto Concílio Ecumênico (Calcedônia, em 451), que declarou ecumênicos os cânones de Laodiceia, revelou que essa prática persistia no século V.[17]

O gnosticismo, corrente filosófica que se desenvolveu na metade do primeiro século da era cristã, infiltrou-se nas igrejas, causando grandes problemas. Os gnósticos criam que entre o homem e Deus há seres intermediários, chamados por eles de *aeons*. Esses *aeons* eram os anjos. Paulo condena a adoração aos anjos praticada por eles: "Ninguém vos domine a seu bel-prazer, com pretexto de humildade e culto dos anjos, metendo-se em coisas que não viu; estando debalde inchado na sua carnal compreensão" (Cl 2.18).

A adoração deve ser dispensada tão somente ao Deus Trino, Criador de todas as coisas, e jamais deve ser destinada a um ser criado, mesmo que esse ser desfrute das delícias do Céu.

No livro do Apocalipse, lemos que duas vezes o apóstolo João teve a iniciativa de adorar o anjo que lhe mos-

17. CULVER. 2012. p. 237.

trava os acontecimentos futuros. Em ambas as ocasiões, foi impedido de fazê-lo. Na primeira vez, podemos entender que ele tomou a iniciativa impelido apenas por um ato de respeito (Ap 19.10); mas, ele fez novamente a mesma coisa (Ap 22.8). Por quê? Há, no texto, um aparente conflito literário: é possível que não tenha acontecido uma segunda vez, que o novo texto (22.8) seja apenas uma repetição do que já havia sido mencionado anteriormente (19.10). A impressão que o apóstolo tinha era a de estar falando com o próprio Senhor Jesus; afinal, ele se apresentou como tal: "Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim, o Primeiro e o Derradeiro" (Ap 22.13). Não era Jesus, mas um anjo incumbido de entregar-lhe a mensagem.

Embora a experiência do apóstolo fosse grande, resultando em um livro de 22 capítulos, ela ocorreu em um só dia: o "dia do Senhor" (Ap 1.10). Observe-se que "dia" está em letra minúscula para referir-se a um domingo. Quando se trata do Dia do Juízo, a palavra vem em maiúsculo: "Dia do Senhor". Em sua experiência, João viu a Jesus que falou com Ele (Ap 1.12-18). Depois de ter visto todos os juízos que advirão sobre a terra após o arrebatamento da Igreja, bem como de ser informado sobre o Milênio, o Juízo final, o novo céu e a nova terra e a nova Jerusalém, João é informado de que quem o acompanha é um anjo falando em nome do Senhor, e não Ele próprio (Ap 22.6). É o mesmo que um profeta falando na primeira pessoa (Eu, o Senhor...), nem por isso há de se adorar o profeta. Assim, o anjo que falava com João, e não a pessoa do Senhor Jesus, recusou-se a receber adoração, porque anjos não podem, não querem e jamais aceitarão adoração!

A primazia da Igreja sobre os anjos

Os anjos tomam conhecimento do que há na terra (2 Sm 14.20), mas misteriosamente há algo da sabedoria de Deus que eles aprendem com a Igreja. Paulo diz claramente: "Para que, agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus" (Ef 3.10). Não fica claro, neste texto, se o apóstolo está referindo-se aos anjos bons ou maus, porém, segundo alguns eruditos, ele está englobando os dois lados do mundo angelical.

Participam dos cultos

Ao corrigir a postura das mulheres da igreja de Corinto, que imitavam as sacerdotisas do templo de Afrodite, cortando o cabelo como elas, Paulo diz que as irmãs devem adotar uma postura diferenciada por causa da presença dos anjos nos cultos (1 Co 11.10).

São expectadores

Quando Pedro fala a respeito da impossibilidade de os anjos evangelizarem, com a expressão "os anjos desejam bem atentar" (1 Pe 1.12), sugere que, da parte deles, há

certa curiosidade acerca do que nós fazemos como Igreja. A vida de Jesus na terra foi observada pelos anjos (1 Tm 3.16). Eles observarão também os sofrimentos dos que serão atormentados pelo anticristo (Ap 14.10).

Serão julgados pela Igreja

O apóstolo Paulo fala de algo que, aparentemente, devia ser bem conhecido dos crentes de Corinto:"Não sabeis vós que havemos de julgar os anjos? (...)" (1 Co 6.3). A Bíblia não faz menção clara sobre quais anjos iremos julgar; mas, certamente, está referindo-se aos anjos decaídos (2 Pe 2.4). Por que seria necessário julgar os anjos eleitos? (1 Tm 5.21).

Orígenes (185 d.C. – 284 d.C.), um dos Pais da Igreja primitiva, não fazia distinção entre o espírito humano e o espírito dos anjos. Entendia que o homem fazia parte da mesma categoria espiritual dos anjos antes da queda. O que sabemos é que os anjos desfrutam agora de uma condição superior à humana; porém, no futuro, quando estivermos com Cristo na Sua glória, nossa condição de salvos nos porá em posição superior à deles. A nossa exaltação em corpos gloriosos nos levará à mesma imagem do Filho de Deus (2 Co 3.18). Hoje, não somos capazes de julgar corretamente, nem mesmo as coisas da terra; no futuro, porém, como Igreja, seremos capazes de julgar os anjos.

Por se tratar de duas esferas completamente diferentes – a humana e a angelical – não podemos entender esses seres espirituais apoiados na nossa experiência com Deus. As informações que temos sobre suas limitações devem servir de advertência para nós, a fim de que não venhamos a incorrer em alguma prática ilegítima com relação a eles.

AS ATIVIDADES DOS ANJOS

Dentre as muitas atividades dos anjos relatadas nas Escrituras, tiramos algumas lições para compreendermos como eles atuam. Eles são muitos; formam exércitos numerosos (Sl 103.21; Ap 5.11); atuam em favor dos que hão de herdar a salvação (Hb 1.14) e estão incessante e intensamente ocupados, seja na entrega de mensagens, seja em adoração, seja cuidando de pessoas.

São organizados

Tanto os anjos bons quanto os anjos maus (demônios) formam corporações organizadas. No seu conjunto, eles compõem exércitos: "Disse mais: Pois ouvi a palavra do Senhor: Vi o Senhor assentado no seu trono, e a todo o exército celestial em pé, à sua mão direita e à sua esquerda" (2 Cr 18.18; cf. 1 Rs 22.19). "E, no mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus e dizendo: Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens!" (Lc 2.13,14). "E seguiam-no os exércitos que há no céu em cavalos brancos e vestidos de linho fino, branco e puro" (Ap 19.14). "Tu só és Senhor, tu fizeste o céu, o céu dos céus e todo o seu exército, a terra e tudo quanto nela há, os mares e tudo quanto neles há; e tu os guardas em vida a todos, e o exército dos céus te adora" (Ne 9.6). "Pela palavra do Senhor foram feitos os céus; e todo o exército deles, pelo espírito da sua boca" (Sl 33.6).

ATIVIDADES DOS ANJOS

Entregam mensagens

Sempre se apresentam para transmitir uma mensagem para o futuro ou uma mensagem imediata da parte de Deus.

Fazem predições

O nascimento de Jesus foi anunciado a Maria pelo anjo Gabriel.

Dão interpretações

Gabriel ajudou Daniel a interpretar uma visão (Dn 8.19).

Participam de eventos proféticos

Os anjos também participarão diretamente de eventos proféticos (Mt 24.31).

Estão sempre diante do trono

Os anjos recebem ordens diretamente do trono de Deus, onde têm o privilégio de contemplar a Sua face.

São guerreiros

Apesar de serem conhecidos por sua docilidade, os anjos também são combatentes.

Serão julgados pela Igreja

A Bíblia não faz menção clara sobre quais anjos julgaremos.

Constituem os exércitos celestiais

Formam grandes exércitos e tais exércitos são formados para guerrear

São guardiões

Têm ordens para acompanhar, guardar, proteger, livrar e, às vezes, conduzir os servos de Deus (Sl 91.11,12).

Anjo da guarda

Expressão adotada pela Igreja Católica, portanto, de uso incomum entre os evangélicos.

Anjo individual

Este assunto tem sido alvo de polêmicas, devido ao fato de não haver qualquer texto bíblico específico que o confirme doutrinariamente.

Anjo dos pequeninos

Jesus disse que as criancinhas têm o seu anjo (Mt 18.10).

"Ou pensas tu que eu não poderia, agora, orar a meu Pai e que ele não me daria mais de doze legiões de anjos?" (Mt 26.53). "Em que, noutro tempo, andastes, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que, agora, opera nos filhos da desobediência" (Ef 2.2). "Eu sei as tuas obras, e onde habitas,que é onde está o trono de Satanás (...)" (Ap 2.13). "E o quinto anjo derramou a sua taça sobre o trono da besta, e o seu reino se fez tenebroso; e os homens mordiam a língua de dor" (Ap 16.10).[18]

A ocupação dos anjos

Os anjos fazem jus ao nome "mensageiros", quando entregam mensagens, sejam elas de cunho imediato ou futuro. Além de servirem como mensageiros, eles são também adoradores, guerreiros e guardiões. Os anjos terão total participação nos eventos apocalípticos. Eles trarão juízos sobre a Terra. A intensificação da tarefa angelical será grande no final dos tempos.

Entregam mensagens proféticas

Os anjos sempre se apresentaram para transmitir uma mensagem da parte de Deus, quer para o futuro, quer para o presente. As mensagens trazidas pelos anjos gozavam de credibilidade e o seu cumprimento sempre foi integral.

Fazem predições

O nascimento de João Batista foi anunciado a Zacarias pelo anjo Gabriel (Lc 1.12-19). O nascimento de Jesus também foi anunciado a Maria pelo mesmo anjo (Lc 1.26-33). Um anjo falou a Daniel acerca da Grande Tribulação (Dn 8.23-27). Quando Paulo sofreu um naufrágio a caminho de Roma, recebeu a mensagem de um anjo sobre o que aconteceria com a embarcação: "Porque, esta mesma noite, o anjo de Deus, de quem eu sou e a quem sirvo, esteve comigo, dizendo: Paulo, não temas! Importa que sejas apresentado a César, e eis que Deus te deu todos quantos navegam contigo. (At 27.23,24).

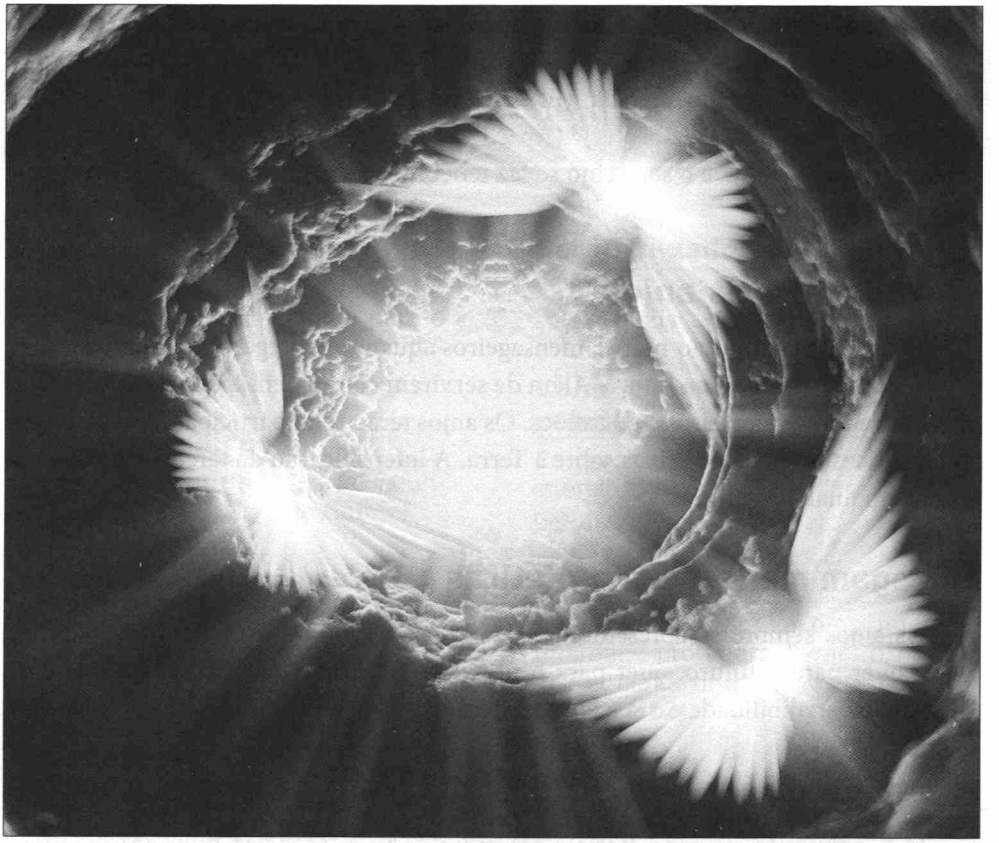
Dão interpretações

Daniel teve uma visão em que apareciam dois animais: um carneiro e um bode peludo. Às margens do rio Ulai, enquanto buscava entender a visão, ouviu alguém pedir em alta voz ao anjo Gabriel que lhe desse o entendimento que buscava.

---

18. STRONG, Augustus H. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Teológica Ltda. 2002. v. 1. p. 656.

Estão diante do trono



O anjo Gabriel veio até ele para fazê-lo entender: "E disse: Eis que te farei saber o que há de acontecer no último tempo da ira; porque ela se exercerá no determinado tempo do fim" (Dn 8.19).

Participam de eventos proféticos

Além de serem portadores de mensagens proféticas, os anjos também participarão diretamente de eventos proféticos: nos juízos (Mt 24.31), conforme descritos nos juízos do Apocalipse; na vinda de Jesus após a Grande Tribulação (Mt 25.31) e também na seleção do trigo e do joio (Mt 13.30,39).

São adoradores

Outra atividade própria dos anjos é a adoração. Ninguém está tão apto para adorar a Deus quanto eles. O ambiente do céu é de plena adoração. Os anjos adoradores, provavelmente, fazem parte de uma categoria exclusiva de anjos. É possível que haja clara distinção de funções, assim como em Israel havia classificação entre as famílias

sacerdotais. Os levitas eram encarregados tão somente do louvor musical no Templo, enquanto os sacerdotes tinham funções específicas na matança e na queima dos animais para o culto.

Não é possível postar-se diante do trono de Deus, se não for para adorar Aquele que é supremo, santo, glorioso, majestoso e que vive para sempre. Os anjos recebem ordens diretamente do trono de Deus, onde têm o privilégio de contemplar a Sua face bendita (Mt 18.10; Lc 1.19). Foi exatamente assim que o apóstolo João os viu (Ap 7.11).

A essa classe de anjos, que estão continuamente diante do trono, foi designada a tarefa exclusiva da adoração — "Louvai-o, todos os seus anjos; louvai-o, todos os seus exércitos" (Sl 148.2). O profeta Isaías os viu adorando (Is 6.1-3). Quando Jesus nasceu, pastores do campo foram notificados por um anjo do grande acontecimento (Lc 2.9-12); em seguida, tiveram uma visão de anjos adorando: "E, no mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus e dizendo: Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens!" (Lc 2.13.14).

Os anjos são guerreiros

Apesar de serem conhecidos por sua docilidade, os anjos também são combatentes. Eles estão à inteira disposição do Senhor para executar as Suas ordens. Os anjos não apenas defendem os interesses de Deus e do Seu povo, mas também punem os Seus inimigos. Um bom exemplo é o caso do rei Herodes, que num dia especial apareceu vestido de trajes reais para falar ao povo, assentado num tribunal. O seu discurso deixou o povo tão entusiasmado, que ele começou a gritar: "Voz de Deus, e não de homem!" (At 12.22b). Herodes aceitou essa ovação do povo, deixando de transferir a glória devida a Deus, e "no mesmo

Anjos guerreiros

instante, feriu-o o anjo do Senhor, porque não deu glória a Deus; e, comido de bichos, expirou" (At 12.22,23).

O profeta Eliseu possuía um dom espiritual, conhecido no Novo Testamento como *palavra do conhecimento* ou *da ciência* (1 Co 12.8). Desse modo, ele podia saber coisas secretas pelo Espírito de Deus. O rei da Síria enviou o seu exército à captura do profeta Eliseu, porque soube que ele informava ao rei de Israel sobre todos os seus planos de guerra. Quando o exército chegou para apanhar o profeta, o moço que o acompanhava ficou apavorado; mas o profeta pediu a Deus que lhe desvendasse os olhos para que visse; e ele viu, no monte, cavalos e carros de fogo ao redor de Eliseu. O exército sírio foi desbaratado pela ação dos anjos guerreiros, que cegaram os soldados inimigos (2 Rs 6.8-23). O versículo 17, particularmente, informa: "E orou Eliseu e disse: Senhor, peço-te que lhe abras os olhos, para que veja. E o Senhor abriu os olhos do moço, e viu; e eis que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, em redor de Eliseu".

São guardiões

Os anjos têm ordens para acompanhar, guardar, proteger, livrar e, às vezes, conduzir os servos de Deus (Sl 91.11,12). Na tradição judaica, descobre-se a crença de que há um anjo guardião para acompanhar a pessoa até o dia da sua morte. É possível, segundo essa crença, que Jó esteja fazendo referência a um anjo que o acompanha: "Se com ele houver um anjo intercessor, um dos milhares para declarar ao homem o que lhe convém, então Deus terá misericórdia dele e dirá ao anjo: Redime-o, para que não desça à cova (...)" (Jó 33.23,24 ARA).

Na doutrina judaica, dizem que tal anjo se parece com a pessoa de quem ele cuida. A literatura judaica usa o termo "anjo da face". Miguel tinha o nome "Príncipe da face". Suriel (outro anjo citado pelo nome entre eles) era chamado de "Príncipe das faces". Outra ideia de anjo guardião baseia-se na mensagem dirigida às setes igrejas da Ásia. Normalmente, entende-se a expressão "ao anjo da Igreja" como uma referência à pessoa do pastor, mas é possível que se trate de um anjo mesmo e que, em razão da autoridade delegada ao pastor, haja entre eles uma identidade intrínseca: "O mistério das sete estrelas, que viste na minha destra, e dos sete castiçais de ouro. As sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete castiçais, que viste, são as sete igrejas" (Ap 1.20).

Entretanto, a ideia de que haja um anjo guardião não deixa de ser uma questão intrigante, quando se sabe que tanto servos fiéis a Deus quanto crianças são vítimas de fatalidades. Nesses casos, cabem muitas perguntas tais como: teria o anjo deixado de cumprir sua missão? Teria ele deixado, por um instante, de vigiar? Sabendo que os anjos agem sob o comando de Deus (Sl 91.11), devemos entender que tais ocorrências não dependem deles, mas da soberana decisão de Deus, que tem o controle absoluto da vida em Suas mãos e sabe o que faz, embora não compreendamos tudo!

O anjo da guarda

Esta é uma expressão adotada pela Igreja Católica, portanto, de uso incomum entre os evangélicos. Provavelmente, a expressão nasceu na Idade Média, quando se dava grande importância e dedicação aos estudos dos anjos. Alguns Pais da Igreja mostraram-se favoráveis à teoria do "anjo da guarda", entre eles estão: Jerônimo, o Pastor de Hermas, Orígenes, Gregório e Pedro Lombardo. Eles baseavam-se no salmo que diz: "O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que o temem, e os livra" (Sl 34.7).

É correto afirmar que cada crente tem um anjo particular, com a missão de acompanhá-lo durante a vida? Este assunto tem sido alvo de polêmicas.

O anjo individual

É correto afirmar que cada crente tem um anjo particular, com a missão de acompanhá-lo durante a vida? Este assunto tem sido alvo de polêmicas, devido ao fato de não haver qualquer texto bíblico específico que o confirme doutrinariamente. Contudo, há ilações a partir de alguns textos descritivos, que dão a entender que cada crente tem um anjo para acompanhá-lo.

Quando Pedro bateu à porta da casa de Maria, mãe de João Marcos — local em que os irmãos estavam reunidos em oração por ele —, e uma menina chamada Rode anunciou a chegada do apóstolo, os irmãos não puderam acreditar que a oração tivesse sido atendida tão rapidamente; eles preferiram acreditar, deste modo, que não era Pedro à porta, mas o seu anjo particular: "E disseram-lhe: Estás fora de ti. Mas ela afirmava que assim era. E diziam: É o seu anjo" (At 12.15). Essa conclusão corrobora a crença de cristãos primitivos de que há um anjo para cada crente. Muitos estudiosos entendem que o anjo que cuidava do profeta Elias era o seu anjo guardião (1 Rs 19.5,7).[19]

O anjo dos pequeninos

Jesus também disse que as criancinhas têm o seu anjo: "Vede, não desprezeis algum destes pequeninos, porque eu vos digo que os seus anjos nos céus sempre veem a face de meu Pai que está nos céus" (Mt 18.10). Alguns estudiosos entendem que os "pequeninos", referidos no capítulo 18 de Mateus, são cristãos semelhantes a crianças, os quais são, realmente, *maiores* no Reino dos céus (Mt 18.1). Com a figura da criança,

19. STRONG, Augustus H. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Teológica Ltda. 2002. v.1. p. 662.

Jesus ensinava a mesma coisa, tanto no sentido literal, quanto no sentido figurado: o cristão deve ser conhecido por sua pureza e simplicidade de coração (Mt 18.1-4; Mc 9.33-37; Lc 9.48).

Outras tarefas atribuídas aos anjos

As atividades angelicais são amplas; quanto mais as estudamos nas Escrituras, mais surpresos ficamos em relação às tais. Na eternidade, com certeza, ficaremos admirados ao conhecer os anjos mais de perto e também surpresos por saber das coisas que eles fizeram em nosso favor, enquanto habitávamos a Terra.

Oferecem proteção

Daniel foi lançado na cova de leões famintos, sob a acusação de orar três vezes ao dia. Essa era a lei para quem cultuasse outro deus. Assim, nem mesmo o rei da Babilônia, que gostava de Daniel, pôde ajudá-lo. O Senhor, porém, ajudou-o por intermédio de um anjo. Na manhã seguinte, quando o rei chegou à cova para averiguar a situação, surpreendeu-se ao ouvir de Daniel as seguintes palavras: "O meu Deus enviou o seu anjo e fechou a boca dos leões, para que não me fizessem dano, porque foi achada em mim inocência diante dele; e também contra ti, ó rei, não tenho cometido delito algum" (Dn 6.22; cf. Sl 34.7).

Ajudam nas decisões

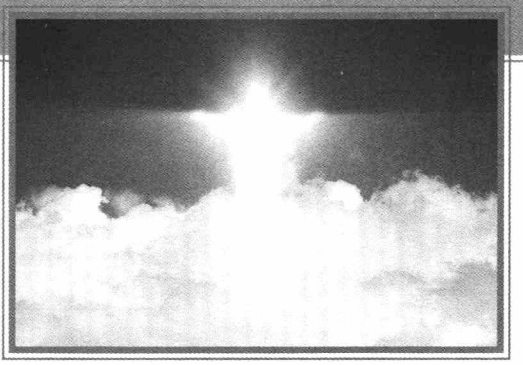
Quando Abraão enviou seu servo Eleazar à terra de Padã-Harã, a buscar uma esposa para o seu filho Isaque, disse a ele que um anjo o acompanharia naquela missão. O servo foi bem sucedido e Isaque se casou com Rebeca (Gn 24.7).

Acompanham os crentes na morte

Para elucidar algumas questões a respeito do futuro da alma após a morte, Jesus falou da morte de dois homens: um rico e outro pobre. Cada um teve um destino diferente. O rico foi levado para um lugar de sofrimento; o pobre, chamado Lázaro, foi para o seio de Abraão (Paraíso). Na morte, Lázaro foi levado pelos anjos àquele lugar: "E aconteceu que o mendigo morreu e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão; e morreu também o rico e foi sepultado" (Lc 16.22). Mais uma vez estamos diante de um texto único que, apesar de ser uma parábola, fala a respeito do assunto. Curiosamente, esse é um texto que não gera tanta discussão quanto os que falam sobre *anjos da guarda*!

Os anjos são dotados de poderes espirituais e atuam segundo os interesses de Deus. É preciso entender que Deus age no vasto universo, de modo organizado, por meio desses agentes poderosos.

O ANJO DO SENHOR



As principais manifestações angelicais ocorridas no Antigo Testamento deram-se por intermédio do *Anjo do Senhor*. A presença do Senhor, em forma angelical, valoriza esses agentes divinos e requer dos estudantes um cuidado especial em suas análises, no sentindo de não o confundir com outros anjos. A manifestação do Anjo do Senhor está, às vezes, tão intimamente ligada à pessoa do Altíssimo que não conseguimos distinguir entre Javé e o Seu Anjo.

Jeová manifestou-se por intermédio do Seu Anjo para amenizar o fulgor da Sua glória; doutra forma, poria em perigo aqueles aos quais se manifestava. Todas as vezes que o Senhor foi visto (e há muitas menções de tais aparições nas Escrituras), Ele manifestou-se por intermédio do Seu Anjo.

Prefigura a vinda do Filho

Não é difícil perceber, nas páginas do Antigo Testamento, que o Anjo do Senhor não é um anjo comum. Trata-se certamente da pessoa do Filho de Deus, antes da Sua vinda. O modo como se manifestou a pessoas ilustres no passado dá a entender que se tratava do próprio Deus Pai ou o Deus Filho. Strong comenta:

> Esses são claros exemplos em que o anjo do Senhor, ou o anjo de Deus, aparece como o próprio Deus, talvez mais especificamente como Deus Filho revestido de um corpo humano por curto tempo a fim de tornar-se visível aos homens.[20]

---

20. STRONG, Augustus H. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Teológica Ltda. 2002. v.1. p. 326.

CARACTERÍSTICAS DO ANJO DO SENHOR

Prefigura a vinda do Filho

Teofania - Deus fazendo-se presente

Toma forma humana

Um anjo incriado

Identificado pelo nome

Recebe adoração

No Novo Testamento

Para estabelecer distinção

Ocasiões especiais

Vaticinando

Dirigindo

Livrando

Castigando

Identifica-se com Jeová

Acompanhou Moisés no êxodo

Possui autoridade absoluta

Suas ações provam Sua divindade

Possui poder para salvar

Chama para a obra

Ele também orienta

Impede maus instintos

Ele também castiga

Anjo assistente

Há interessantes episódios em que o Anjo do Senhor aparece para expressar a vontade divina, de forma tão direta e aterradora, que provoca medo em quem o recebe. Mesmo quando aparecia como homem, sem que dissesse uma só palavra, era temido e respeitado.

Teofania — Deus fazendo-se presente

Teofania (*teophania*) *é* uma palavra grega que significa "manifestação de Deus em algum lugar". O próprio Deus, no passado, manifestou-se na pessoa de Seu Fi-

lho em forma de anjo ou de homem muitas vezes. Como homem, falava normalmente com as pessoas, comia com elas e hospedava-se em suas casas — embora houvesse ocasião em que, apesar de apresentar-se como homem, fazia questão de mostrar que era Deus, preferindo aceitar alimento como oferta de sacrifício (queimado) em vez de comê-lo (Jz 13.15,16). Essa atitude provavelmente ajustou-se à exigência do voto de nazireu feita a respeito de Sansão (Jz 13.14).

Forma humana

Toma forma humana

O Anjo do Senhor geralmente aparecia na forma humana. O texto bíblico faz-nos saber que Ele, por exemplo, sentava-se à mesa e comia com os homens — assim foi na casa de Abraão (Gn 18.6-8). Quando lá chegaram, eram ao todo três varões (Gn 18.2); porém, um deles era o Anjo do Senhor (v. 13). Dois deles seguiram para Sodoma, mas o Anjo do Senhor não os acompanhou naquela missão (Gn 19.1). Às vezes, Ele é mencionado como o *Anjo de Deus* ou simplesmente *Anjo*, com letra maiúscula (Gn 31.11; 48.16). Jacó lutou com o Anjo do Senhor — embora não apareça no texto a expressão "Anjo", sabe-se que era o Senhor, porque Jacó lutou para receber a sua bênção e para saber o nome daquele com quem lutava (Gn 32.26,29).

Um anjo incriado

Em natureza, o Anjo do Senhor difere dos demais: Ele não foi criado, porque Ele é o Verbo eterno (Jo 1.1-3); os demais foram criados por Deus (Cl 1.16). O Anjo do Senhor, segundo algumas fontes, é também chamado de "o Anjo do Eterno", reconhecido pelos judeus como o "Anjo substituto de Javé".

Identificado pelo nome

O nascimento de Sansão foi comunicado a Manoá e à sua mulher pelo Anjo do Senhor. Ele apareceu como homem e despertou curiosidade no casal. Manoá orou a Deus

para que aquele homem voltasse e lhes dissesse tudo o que deveriam saber sobre como cuidar do menino. O Anjo do Senhor tornou a aparecer e os instruiu sobre o voto de nazireu. Manoá, pensando que lidava com um homem de Deus, ofereceu-lhe comida, mas o Anjo respondeu que aceitaria a comida em forma de sacrifício, pois Manoá estava diante do próprio Senhor. Manoá perguntou seu nome, e a resposta foi: "Por que perguntas assim pelo meu nome, visto que é maravilhoso?'" (Jz 13.18b). Maravilhoso é o nome de Jesus (Is 9.6); portanto, não há lugar para dúvida quanto ao Anjo do Senhor ser a própria manifestação de Jesus nos tempos do Antigo Testamento.

Recebe adoração

Outra característica peculiar e exclusiva de Deus: receber adoração. O Anjo do Senhor pediu um cabrito em forma de sacrifício, e Manoá acatou. Não se sabe o que o casal presenciou, mas o texto sagrado diz que o Anjo do Senhor agiu maravilhosamente (Jz 13.19). Na sequência, o Anjo do Senhor, que até então era visto por eles como um homem, surpreendeu-os ao subir para o céu na chama do altar (Jz 13.20).

No Novo Testamento

No Novo Testamento, a expressão "Anjo do Senhor" não mais aparece. Uma vez que Cristo manifestou-se em carne, não havia mais razão de Ele apresentar-se deste modo, como costumava fazê-lo no Antigo Testamento. As menções que temos aparecem em letra minúscula ("anjo do Senhor"), ou seja, um anjo da parte do Senhor — no grego está no *ablativo,* o que indica *procedência* (Mt 2.19; 28.2; At 5.19; 8.26; 12.7,23).

Isso fica claro, por exemplo, na ocasião em que José, Maria e Jesus, refugiados no Egito devido à ameaça de Herodes, são avisados pelo "anjo do Senhor" de que podiam voltar para a sua cidade, pois já haviam morrido todos os que desejavam a morte do menino (Mt 2.19,20). Ora, se Jesus já estava encarnado, o anjo do Senhor que apareceu tinha de ser, necessariamente, outro anjo. Outro incidente é o do anjo do Senhor que removeu a pedra do sepulcro para Jesus sair (Mt 28.2). No caso da soltura de Pedro da prisão, o texto diz claramente que "um anjo do Senhor abriu as portas" (At 5.19). O anjo do Senhor que orientou Filipe a descer para o caminho de Jerusalém para Gaza (At 8.26) não era mais o Filho de Deus, mas, sim, um anjo procedente da parte do Senhor. Encontramos ainda mais dois casos em Atos dos Apóstolos, como: (1) o de Pedro que foi solto da prisão por um anjo do Senhor (At 12.7); e (2) o anjo do Senhor que puniu com a morte o rei Herodes, porque este aceitou lisonjas do povo como se fosse Deus (At 12.22,23).

Para estabelecer distinção

Encontraremos também outras situações em que a referência não se aplica ao Filho de Deus. Nesses casos, a identificação é facilitada, pois lê-se "anjo" e não "Anjo" do

Senhor. O que há de relevante nisso não é apenas a distinção entre as letras maiúscula e minúscula — embora, às vezes, essa distinção deva ser percebida pela interpretação do texto. Relevante também é a distinção que se faz entre anjos bons e maus, pois existem anjos da parte de Deus e os da parte do diabo.

A Palavra de Deus é preventiva. Há nela todo o cuidado de Deus em alertar as pessoas acerca das possibilidades de engano às quais estamos sujeitos. "E não é maravilha, porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz" (2 Co 11.14). O diabo, para assemelhar-se a um anjo de luz, precisa passar por uma *transfiguração* — como bem indica o texto do apóstolo Paulo (gr. *metaschematizetai* = "transforma-se"). Sim, porque ele vive em densas trevas (Ef 6.12; Jd 13).

Ocasiões especiais

Alguns anúncios importantes foram feitos por intermédio de um anjo do Senhor, como o nascimento de crianças, a ressurreição de Jesus e outras situações específicas em que Deus queria intervir diretamente sobre algumas pessoas.

Vaticinando

Um anjo do Senhor anunciou a Zacarias que sua mulher daria à luz um filho, cujo nome seria João Batista (Lc 1.11-18); esse anjo do Senhor era Gabriel (Lc 1.19). Quando José planejava deixar Maria, ao saber que ela estava grávida, um anjo do Senhor apareceu-lhe em sonho para anunciar que, de fato, a gravidez de Maria procedia do Espírito Santo (Mt 1.20). Um anjo do Senhor anunciou o nascimento de Jesus a uns pastores que estavam no campo (Lc 2.9). Quando Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro de Jesus, houve um terremoto; naquele dia, um anjo do Senhor removeu a pedra que lhe fechava a entrada, sentou-se sobre ela e anunciou a elas que Jesus havia ressuscitado (Mt 28.1-6).

Dirigindo

Por ocasião do nascimento de Jesus, o rei Herodes expediu uma ordem para a matança de todo menino recém-nascido. Para proteger o pequeno Jesus, o anjo do Senhor apareceu a José com palavra de direção: "(...) Levanta-te, e toma o menino e sua mãe, e foge para o Egito (...)" (Mt 2.13). Depois que Herodes morreu, o anjo do Senhor tornou a aparecer-lhe, dando-lhe nova palavra de direção: "Levanta-te, e toma o menino e sua mãe, e vai para a terra de Israel (...)" (Mt 2.20). Estêvão recebeu uma palavra de direção do anjo do Senhor para deixar Samaria, rumo ao caminho de Gaza (At 8.26).

Livrando

Pedro e Tiago foram vítimas de uma perseguição movida pelo rei Herodes. Tiago foi morto à espada, e Pedro encarcerado. Enquanto dormia entre dois soldados,

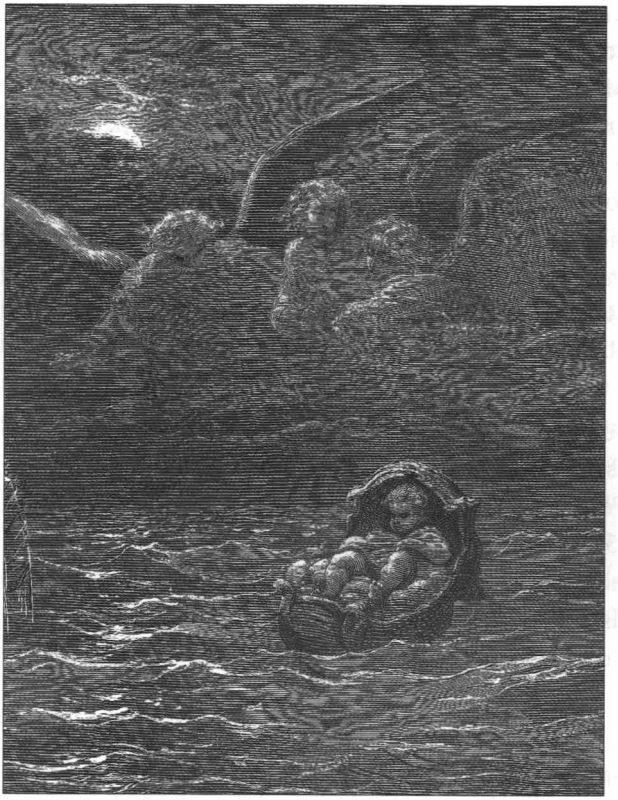
preso com duas algemas, e sentinelas montavam guarda à entrada do cárcere, o anjo do Senhor veio até ele e livrou-o da prisão. Em princípio, Pedro achou que estivesse sonhando, mas, quando já estava na rua, ganhou consciência de que era real a sua libertação (At 12.7-11).

Castigando

O rei Herodes, o mesmo que mandou prender Pedro, vestido com trajes reais, discursava com veemência quando o povo, entusiasmado, começou a gritar: " (...) Voz de Deus, e não de homem!" (At 12.22). Herodes, na sua soberba, aceitou ser chamado de Deus. Resultado: "No mesmo instante, feriu-o o anjo do Senhor, porque não deu glória a Deus; e comido de bichos, expirou" (At 12.21-23).

Identifica-se com Jeová

O nome e o caráter de Jeová estão no Anjo do Senhor. Deus o enviava para representá-lo à altura. Com essa representação, Jeová preservava-se em Sua absoluta santidade e grandeza.



Acompanhou Moisés

Acompanhou Moisés no êxodo

Diante de Moisés, quando este liderava o povo de Israel em direção a Canaã, o Senhor fez-se representar pelo Seu Anjo: "Eis que eu envio um Anjo diante de ti, para que te guarde neste caminho e te leve ao lugar que te tenho aparelhado" (Êx 23.20).

O Anjo do Senhor anunciou que guardaria Israel pelo caminho, levá-lo-ia ao seu destino e destruiria os seus inimigos no capítulo 23 de Êxodo (Êx 23.20,23; 33.2); porém, lê-se que Ele estava presente, ora à frente, ora atrás do povo, já no capítulo 14: "E o Anjo de Deus, que ia adian-

te do exército de Israel, se retirou e ia atrás deles; também a coluna de nuvem se retirou de diante deles e se pôs atrás deles" (Êx 14.19).

Possui autoridade absoluta

O Anjo do Senhor devia ser ouvido e temido pelos israelitas: "Guarda-te diante dele, e ouve a sua voz, e não o provoques à ira; porque não perdoará a vossa rebelião; porque o meu nome está nele" (Êx 23.21).

Suas ações provam Sua divindade

As atribuições do Anjo do Senhor provam a Sua divindade. Esse Anjo é diferente dos demais. Qualquer outro anjo que fala em nome do Senhor é temido e acatado, mas a sua fala assemelha-se a de um profeta que profere uma mensagem na primeira pessoa — "Eu, o Senhor, digo (...)" —, mas esse anjo é apenas portador de uma mensagem. Quando é o Anjo do Senhor trata-se da segunda pessoa da Trindade!

Mesmo que os judeus não compreendessem a salvação do mesmo modo que a Igreja, Deus lhes havia reservado um plano de redenção eterna que eles não compreendiam e ainda não compreendem.

Possui poder para salvar

É preciso entender bem o significado de salvação no Antigo Testamento para não confundi-lo com a doutrina da salvação apresentada no Novo Testamento.

Mesmo que os judeus não compreendessem o conceito de salvação do mesmo modo que a Igreja o assimila, Deus lhes havia reservado um plano de redenção eterna que eles não compreendiam, ainda não compreendem e só compreenderão no futuro (leia Romanos 9—11).

A palavra "salvação" implicava livramento, remissão de pecados e inclusão no rol de povo santificado; além desse entendimento, era sabido que o Anjo do Senhor identificava-se com os sofrimentos do Seu povo. "Em toda a angústia deles foi ele angustiado, e o Anjo da sua presença os salvou; pelo seu amor e pela sua compaixão, ele os remiu, e os tomou, e os conduziu todos os dias da antiguidade" (Is 63.9).

O Anjo do Senhor demonstrava que tinha poder para salvar — atribuição que é própria do Filho de Deus. Mesmo que a salvação estivesse relacionada às circunstâncias da vida, ela incluía o perdão dos pecados.

Chama para a obra

O chamado divino para o ministério implica uma operação completa na vida do escolhido. Moisés passou por verdadeira crise ao ser chamado para liderar o povo de Deus do Egito a Canaã. O seu chamado aconteceu de modo muito especial; por meio de uma visão, o Anjo do Senhor disse-lhe o que deveria fazer: "E apareceu-lhe o Anjo do Senhor em uma chama de fogo, no meio de uma sarça; e olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia. (...) Vem agora, pois, e eu te enviarei a Faraó, para que tires o meu povo, os filhos de Israel, do Egito" (Êx 3.2,10). A mesma experiência teve Gideão ao ser chamado para libertar Israel das mãos dos midianitas: "Então, o Anjo do Senhor lhe apareceu e lhe disse: O Senhor é contigo, varão valoroso (...). Vai nesta tua força e livrarás a Israel da mão dos midianitas; porventura, não te enviei eu?" (Jz 6.12,14).

Depois de haver constatado que estava diante do próprio Senhor, Gideão ofereceu-lhe um sacrifício, e Ele aceitou — o que deixou Gideão apavorado e com medo de morrer (Jz 6.17-22). Nenhum outro anjo ousaria aceitar um sacrifício (porque era assim que se adorava no Antigo Testamento). O único anjo que desejou para si adoração foi o diabo, o antigo querubim ungido (Is 14.14); diante de Jesus, ele ainda insistiu na busca pela adoração (Mt 4.9,10), porém, mais uma vez, saiu sem levar nada!

Ele também orienta

Quando Sara começou a afligir Agar, a escrava egípcia que estava esperando um filho de Abraão, essa saiu pelo deserto, desolada e sem rumo. O Anjo do Senhor encontrou-a junto a uma fonte de água e falou com ela: "Então, lhe disse o Anjo do Senhor: Torna-te para tua senhora e humilha-te debaixo de suas mãos" (Gn 16.9).

Impedem os maus instintos

Impede maus instintos

O episódio de Balaão (Nm 22) é relembrado no Novo Testamento (2 Pe 2.15; Jd 11; Ap 2.14). Por medo, Balaque ofereceu dinheiro ao profeta Balaão para amaldiçoar o povo de Israel, quando este passava por suas terras sob a liderança de Moisés. Em

princípio, Balaão relutou em aceitar a oferta, mas finalmente cedeu e partiu montado na sua jumenta. No caminho, numa via estreita, o Anjo do Senhor apareceu à jumenta. Encurralada, ela apertou o pé de Balaão na parede; depois, deitou-se debaixo de Balaão, que, irritado, espancou-a com o seu bordão. O Senhor abriu a boca da jumenta e ela profetizou; por fim, o próprio Balaão viu o Anjo do Senhor (Nm 22.23-31). Diante do Anjo do Senhor, Balaão prostrou-se sobre a sua face (ato de adoração). O Anjo do Senhor apareceu para impedir que ele fizesse o que pretendia.

Ele também castiga

Depois de Davi ter dado ordem a Joabe, chefe do exército de Israel, para fazer um recenseamento do povo, a ira do Senhor se acendeu contra Israel. O Anjo do Senhor enviou peste sobre a nação, e setenta mil homens morreram, de norte a sul do país (2 Sm 24.15). O Anjo do Senhor estava pronto para destruir Jerusalém, mas mudou de ideia porque viu o arrependimento do rei Davi (2 Sm 24.16,17).

Anjo assistente

Depois de desafiar e vencer os 450 profetas de Baal, Elias foi ameaçado de morte por Jezabel, a esposa do rei Acabe. O profeta estava estressado e precisava de algum tempo para se refazer. O Senhor, então, concedeu-lhe esse tempo necessário. Elias fez uma parada no deserto e deitou-se sob uma árvore.

Havia um anjo que assistia ao profeta. Ali, debaixo da árvore, o enviado do Senhor acordou-o para lhe oferecer comida; Elias comeu e tornou a deitar-se (1 Rs 19.4-6). Observe-se que o texto diz que se tratava de um anjo.

Passado bom tempo de repouso, o anjo tornou a acordá-lo e o estimulou a continuar a sua caminhada: "Levanta-te e come, porque mui comprido te será o caminho" (1 Rs 19.7). Elias já estava desistindo da vida, porém o anjo do Senhor, encorajando-o, disse que o seu caminho ainda era longo. Agora, o mesmo anjo é chamado de "o anjo do Senhor". Se fosse o Anjo do Senhor (o próprio Jesus), não seria descrito apenas como *um anjo*.

AUTORIDADES ANGELICAIS

Devido ao fato de os anjos procederem do Deus todo-poderoso, eles são extremamente fortes e poderosos. Por essa razão, são descritos biblicamente como "*poderes*" e "*potestades*". Subentende-se, pela colocação sequencial de Colossenses 1.16, que há uma ordem decrescente na hierarquia angelical, que se estende de tronos a potestades: "porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por ele e para ele". Isso diz respeito aos dois lados do mundo angelical: tanto o bom quanto o mau. Segundo Culver, "os reformadores repudiaram, com veemência, qualquer hierarquia elaborada de anjos".[21]

O que se entende por principados e potestades

Toda a glória com que são revestidos os anjos bons enaltece-os diante de Deus. A recíproca também é verdadeira no que tange aos anjos decaídos: quanto maior a glória que possuíam quando estavam de pé diante do Altíssimo, tanto maior para eles é a desonra. Há um princípio estabelecido por Jesus, que é válido também no caso dos anjos decaídos: "... E a qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá, e ao que muito

21. CULVER. 2012. p. 241.

se lhe confiou, muito mais se lhe pedirá" (Lc 12.48). No castigo eterno, provavelmente, o nível de sofrimento para os anjos decaídos há de ser proporcional a sua categoria hierárquica original.

A atuação das potências angelicais, portanto, varia de acordo com a posição que lhes foi dada por Deus quando foram criados. Fato é que não dispomos de informações mais específicas acerca de tais posições nessa escala, como, por exemplo, a variação de arcanjo a um anjo comum (no lado bom), e de Satanás a um demônio (no lado mau).

Para compreendermos essa esfera de entes espirituais que estão a nossa volta, precisamos adotar uma postura humilde e buscar a sabedoria divina, a fim de não cometermos equívocos que possam nos remeter a crenças tolas e absurdas. Por outro lado, também, como servos de Deus e portadores de uma mensagem do céu para a humanidade, não podemos estar alheios a um assunto de tanta importância. Precisamos entender situações enigmáticas tanto na Igreja de Cristo quanto lá fora, no mundo.

Os termos no original

Para bem compreender o significado mais específico das categorias hierárquicas apresentadas pela Palavra de Deus, o melhor caminho é apelar para os termos respectivos na língua original.

Príncipes — do hebraico וְשַׂר, (*we-sar*), significa líder, comandante, aquele que dita regras, aquele que tem responsabilidade sobre os outros. Este é o termo que designa o príncipe da Pérsia (Dn 10.13). Os fariseus acusaram Jesus de expulsar demônios, Belzebu (Mt 12.24; Mc 3.22; Lc 11.15). Belzebu vem do aramaico (*be-elzebub*) e significa "senhor da casa".

Principados — do grego ἀρχαὶ (*archai*), é aplicado como "principado". Na hierarquia do reino das trevas, os principados são os que ocupam posições mais elevadas. O termo quer dizer "primeiro" ou "primeiros". Esses seres têm poder próprio e sabem governar e reger — provavelmente devido a esse fato, cobiçaram, juntamente com Lúcifer, um governo superior.

AUTORIDADES ANGELICAIS

- **Príncipes**
- **Principados**
- **Potestades e autoridades**
- **Poderes**
- **Hostes espirituais do mal**

Potestades e autoridades — do grego ἐξουσία (*exousia*). Seres que gozam do privilégio de tomar decisões. São a coroa de um exército (exemplo: o anjo que se mostrou a Davi, disposto a castigar Israel [1 Cr 21.16]). O fato de lermos "porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos os teus caminhos" (Sl 91.11) não significa que os anjos estão esperando, o tempo todo, ordens de Deus para

agir. Assim como os homens, eles são dotados de inteligência e vontade. Claro que os anjos de Deus estão devidamente ajustados à Sua soberana vontade para saberem o que fazer; porém, as categorias angelicais superiores parecem dispor de certa autonomia de ação.

Poderes — alguns são chamados desse modo; a palavra grega para designá-los é δυνάμεως (*dynamis*) (Ef 1.21; 2.2). Esses têm poder para realizar milagres e conceder riquezas, daí a razão de os que compõem o exército de Satanás também realizarem milagres.

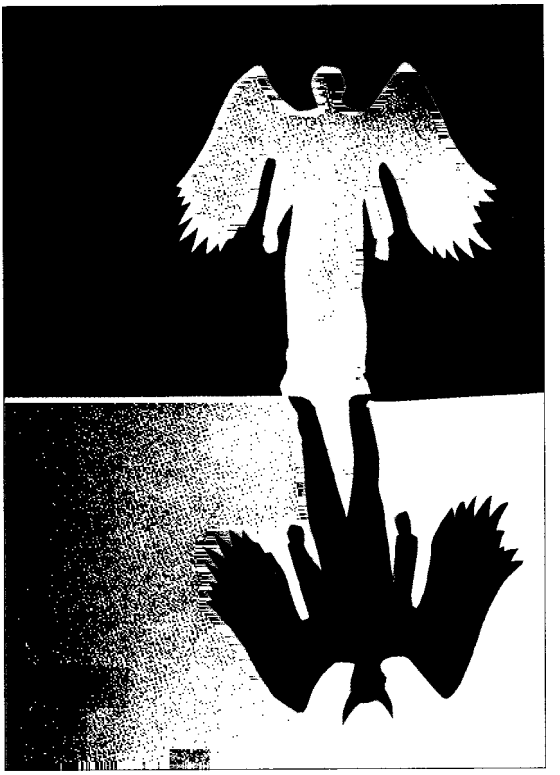
Hostes espirituais do mal — designados no grego como σκότος (*skotos*), significa que vivem na escuridão (Mt 8.12), na cegueira e na ignorância acerca das coisas espirituais. Esses têm o poder de produzir *possessão*, assenhorando-se das vidas que possuem.

A hierarquia no mundo espiritual

O uso dos termos "principados", "potestades", "domínios" e "poderes", como dissemos anteriormente, servem para descrever a hierarquia no mundo espiritual de ambos os lados: o bom e o mau. "Principados" são espíritos (anjos) que exercem autoridade sobre outros que executam tarefas em diferentes áreas. A organização hierárquica atua dentro de um princípio de autoridade indiscutível, não apenas entre os anjos bons, mas também entre os decaídos. No texto bíblico, os mesmos termos são aplicados para fazer referência aos governos humanos (Lc 12.11; Tt 3.1).

O lado bom

As hostes angelicais foram criadas por Deus para servi-lo: "porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por ele e para ele" (Cl 1.16). Portanto, os termos utilizados para descrever as potências angelicais têm sua origem em Deus e designam uma escala hierárquica que varia da maior à menor posição.



Lado bom, lado mau

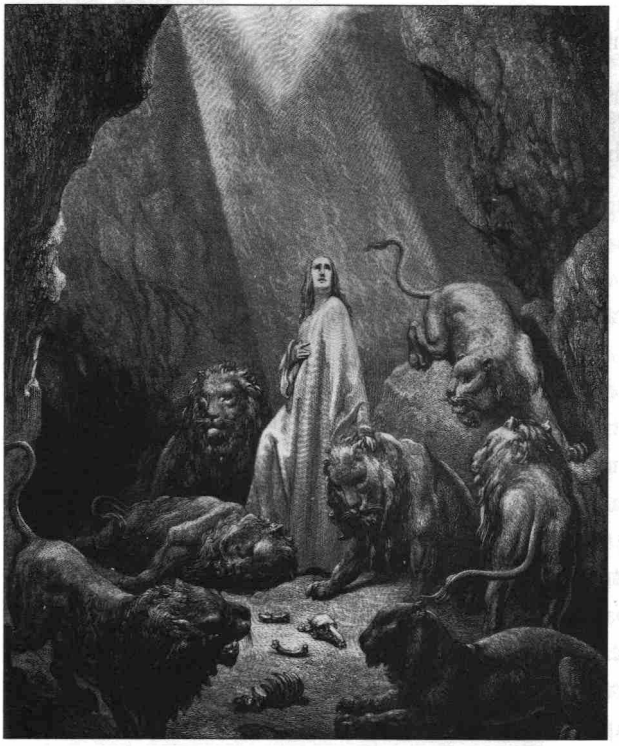
O lado mau

As mesmas expressões são aplicadas igualmente a outra categoria angelical: uma vez, para tratar da guerra espiritual — "porque não temos que lutar contra carne e sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais (Ef 6.12) —; outra vez, aplicada à vitória de Cristo sobre as potências do mal — "E, despojando os principados e potestades, os expôs publicamente e deles triunfou em si mesmo " (Cl 2.15).

Paulo refere-se a essas potências como forças dominadoras do mundo: "em que, noutro tempo, andastes, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que, agora, opera nos filhos da desobediência" (Ef 2.2). Essas forças lutam contra a estabilidade espiritual dos cristãos, mas Paulo é otimista, pois demonstra a impossibilidade de esses seres nos separarem do amor de Cristo (Rm 8.38).

Potências regionais

De uns anos para cá, a Igreja Evangélica começou a interessar-se por "batalha espiritual"; desde então, muitos livros foram escritos e muitos encontros foram promovidos para tratar do assunto. Houve reação dos conservadores e exageros por parte dos promotores dessa teologia, mas alguns pontos, antes negligenciados pela Igreja com respeito à atuação do mundo espiritual das trevas, passaram a ser considerados com apreço e profundidade.



Experiência de Daniel

A experiência de Daniel

Com base em uma experiência de Daniel, começou-se a considerar a existência de anjos poderosos exercendo influência — tanto boa quanto má — nas regiões territoriais.

Daniel orava a Deus para compreender a leitura que fizera do livro do profeta Jeremias, cuja profecia apontava para um período específi-

co de tempo em que os judeus ficariam detidos na Babilônia. Para ter certeza de que estava entendendo a leitura, buscou a Deus e, ao fim de vinte e um dias, o anjo Gabriel apareceu-lhe para dizer o que se passava nos bastidores do mundo espiritual (Dn 10.4,5).

Principados territoriais

No Novo Testamento, não há qualquer texto doutrinário que trate especificamente deste assunto, o que se tem é uma experiência, da qual se podem tirar algumas conclusões; porém, o texto em si apresenta algumas dificuldades, e estas precisam ser todas levantadas, a fim de que não se incorra em equívocos interpretativos.

De uns anos para cá, a Igreja Evangélica começou a interessar-se por "batalha espiritual"; desde então, muitos livros foram escritos e muitos encontros foram promovidos para tratar do assunto.

O príncipe de Israel

Gabriel informou a Daniel que, desde o dia em que ele começou a orar, suas orações foram ouvidas (Dn 10.12); entretanto, levantou-se uma oposição no mundo espiritual e Miguel, o príncipe da nação israelita (Dn 10.21), veio ajudá-lo (Dn 10.13).

Alguns intérpretes, baseados no fato de Miguel ser mencionado como o anjo da nação israelita, acreditam que para cada nação há um anjo (ou principado). Segundo eles, partindo desse pressuposto, haveria um para o Brasil, outro para os Estados Unidos, outro para o Japão e assim por diante. Não se pode concluir, todavia, que seja de fato assim, porque não há outras referências bíblicas que corroborem esta teoria.

O príncipe da Pérsia

Na Antiguidade, a Pérsia venceu o reino babilônico e tornou-se a maior potência mundial. No reino espiritual, havia sobre ela um príncipe que a comandava. Seria ele um anjo bom ou mal? As hipóteses são as seguintes: (a) cada país teria um príncipe sobre si; (b) o príncipe da Pérsia não teria interesse em que o povo de Deus deixasse seu território, porque sua presença ali era garantia de bênção; (c) um anjo do Senhor não poderia militar contra os interesses de Deus, afinal o Reino de Deus não pode ser dividido (Lc 11.17); (d) haveria uma disputa entre principados bons e maus pela hegemonia de um território, assim, conclui-se ser o príncipe da Pérsia um anjo mau; (e) Gabriel teria participado da reunião política entre os reis da Pérsia (eram ao todo 127 províncias, e cada uma tinha o seu rei [Et 1.1]). O texto de Daniel diz: "(...) eu fiquei ali com os reis da Pérsia" (Dn 10.13).

Interesse por Gadara

Uma situação semelhante observa-se na visita de Jesus à terra dos gadarenos. Jesus foi a Gadara, uma das dez cidades de Decápolis, para acudir um homem que sofria de possessão demoníaca. Os demônios que nele estavam suplicaram a Jesus que não os mandasse embora daquela província (Mc 5.10).

Por qual motivo os demônios não queriam deixar aquela região? Com certeza, devido à condição espiritual favorável à atuação deles. Gadara era território israelita, mas sofria a influência da cultura grega. As leis que regiam a nação foram dadas por Moisés, e nelas estava explícita a proibição de se comer carne de porco. Por que haviam tantos porcos naquela província? Porque o povo não se importava em obedecer às leis dadas por Deus (Mc 5.11-14; cf. Dt 14.8). Logo, conclui-se que a desobediência favorecia a ação dos demônios naquela região.

Interferência no mundo espiritual

Como crentes em Jesus, não devemos duvidar que somos sempre ouvidos em nossas orações; entretanto, na passagem bíblica que fala acerca da experiência de Daniel, aprendemos que o mundo espiritual não pode ser negligenciado quando entramos em oração acerca de algum assunto importante.

Daniel orava por algo que, além de ser do interesse de Deus, fazia parte de um plano divino pré-elaborado: Deus havia designado o tempo certo de retorno do Seu povo à sua terra. Daniel entendeu isso quando leu a profecia entregue por Jeremias (Jr 9.2). Enquanto jejuava e orava a respeito do assunto, as hostes espirituais entraram em guerra para causar impedimento, e os anjos do Senhor mobilizaram-se para que o plano fosse completado.

A partir do exposto, entende-se que cada vez que os homens de Deus envolvem-se em uma situação relativa ao mundo espiritual, o reino das trevas levanta-se para frustrar a realização do plano divino. Deste modo, os servos do Senhor precisam intensificar suas orações, porque muitas respostas já dadas por Deus podem sofrer atraso — e até mesmo impedimento — por falta de cooperação humana, quer no discernimento, quer na batalha em oração (1 Ts 5.17). Jesus orava, e jejuava, e insistia para que os Seus discípulos cultivassem uma vida de oração (Mt 26.41; Jo 14.30; 1 Pe 5.8); por isso, Paulo diz que entre nós e os principados e potestades está travada uma guerra (Ef 6.12).

Quando nos referimos aos principados e potestades, devemos nos lembrar de que tanto poderemos falar da hierarquia espiritual dos anjos do Senhor, quanto da dos anjos decaídos. Os principados são, sem dúvida, seres espirituais que estão em posição de comando acima de outros; eles disputam posição para exercer influência e domínio sobre determinadas localidades.

O ESTADO ORIGINAL DE LÚCIFER

O mundo espiritual das trevas tem seu início em Satanás. Ele é a primeira figura da História a dar início ao pecado. Depois dele, vêm os demônios e, finalmente, o homem, que, aliciado por ele, deixou-se enganar e repetiu seu gesto maldoso, ofendendo o Criador. Mas, onde e como tudo começou é o que veremos.

Eis alguém que foi criado perfeito, mas que deixou seu estado original, decaindo de sua posição, tornando-se o ser mais atrevido e cruel do universo: Satanás. Ele tornou-se inimigo de Deus e, subsequentemente, inimigo do ser criado à Sua imagem e semelhança. A maneira mais sábia de se enfrentar um inimigo é conhecê-lo.

Muitas pessoas, por temerem atrair o mal, evitam os estudos sobre Satanás e esquivam-se, inclusive, de fazer qualquer menção a ele. Muitos mitos e superstições foram criados em relação a uma figura sobre a qual as Escrituras tanto revelam.

A teoria da primeira criação

Alguns teóricos, baseados em Gênesis 1.1,2, defendem que o Éden fez parte da primeira criação, há milhões de anos: "No princípio, criou Deus os céus e a terra (...)". Esse Éden, então, seria o primeiro jardim, aqui mesmo na Terra. Nesse caso, Lúcifer seria um ser que abrigava duas naturezas: a espiritual e a material.

Primeira criação

Há objeções a essa defesa. Alguns teólogos evolucionistas incluem na suposta primeira criação os animais extintos, como os dinossauros, por exemplo. A questão de terem existido criaturas pré-históricas é que levanta uma séria questão teológica, pois os que defendem tal teoria são obrigados a acreditar que todos aqueles seres *morreram*, o que seria impossível à luz de Romanos 5.12: "Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram". Não houve morte antes de Adão!

Que Deus possa ter criado os céus e a Terra em um passado remoto e que essa criação ocorreu há cerca de 20 milhões de anos, como pressupõe a Ciência, é factível (Gn 1.1). Entretanto, a narrativa do Gênesis não abre espaço para especulações, nem mesmo para acordos com a Ciência. Devemos aceitá-la pela fé e, no futuro, o que não nos foi contado será esclarecido pelo próprio Deus.

O Éden

No texto de Ezequiel, Satanás está representado na figura do rei de Tiro; no texto de Isaías, ele aparece como *Heylel* ("Lúcifer" ou "Luzeiro", ou ainda "Estrela da Manhã").

Segundo o texto de Ezequiel, Satanás vivia no Éden. Alguns acreditam que esse Éden era o mesmo em que moravam Adão e Eva, mas surge uma dificuldade em relação à sua queda, referida por Isaías: "Como caíste do céu, ó estrela da manhã" (Is 14.12) e também por Jesus: "Eu via Satanás, como raio, cair do céu" (Lc 10.18). Logo, esse Éden podia ser o nome de outro jardim, localizado no céu ou em regiões celestiais.

Mas, se o Éden em que Lúcifer vivia era o mesmo de Adão (na terra), de onde foi que ele caiu como um raio (Lc 10.18)? De todo modo, não importa onde se localizava esse lugar chamado Éden, jardim de Deus, jardim em que Lúcifer habitava. Se na terra ou no céu, como diz Chafer, Satanás, de qualquer forma, "esteve em ambos".[22]

O rei de Tiro

No Antigo Testamento, há dois textos clássicos que são aceitos pela maioria dos teólogos como reveladores da origem e da queda de Lúcifer: Ezequiel 28.11-19 e Isaías 14.12-16. O primeiro, na ordem aqui utilizada (Ez 28.11-19), enfatiza mais a sua origem, e o segundo (Is 14.12-16) trata mais da sua queda.

Embora haja muitas discussões sobre a identidade direta de Satanás nesses textos (em razão do seu contexto imediato e das menções feitas ao rei de Tiro, no texto de Ezequiel, e à Babilônia, no texto de Isaías), após uma exegese bíblica que considera os aspectos literários da época — tais como poesia, figura de retórica própria da literatura hebraica e a duplicidade profética (dupla referência em uma só mensagem) —, chega-se à conclusão de que, sem sombra de dúvida, ambos os textos fazem menção clara à figura de Satanás.

O autor, antes de falar em Tiro, faz alusão a quatro outras nações. São elas: Amom, Moabe, Edom e Filístia. Todas essas menções estão condensadas em 17 versículos, mas, devido à sua importância simbólica como cidade comercial, Tiro ganha 83 versículos. A palavra "comércio" aparece também com um significado sugestivo: "andar de lá para cá". Lewis Sperry Chafer apresenta a opinião de Pember sobre isso. Esse andar de lá para cá sugere um ato de difamação, podendo indicar que esse movimento fazia parte do programa de rebelião contra Deus.[23]

Teria mesmo existido esse rei de Tiro? E se essa passagem bíblica for uma referência a um rei humano, teria ele se encaixado nas condições de ser alguém mais sábio do que Daniel? Alguém "criado", exclusivamente? Um ser perfeito? Há quem diga que o profeta faz referência exclusiva ao rei de Tiro; outros dizem que se trata apenas de uma metáfora; há os que acham que o texto alude tanto àquele quanto a Satanás — o que se conhece como *sensus plenior*[24]. Há também os que entendem tratar-se tão somente da pessoa de Satanás.

---

22. CHAFER. 2003. p. 461.

23. Ibidem. p. 462.

24. *Sensus plenior* é uma expressão latina usada pelos teólogos para fazer referência à ambiguidade profética de um texto.

Estrela caída do céu

Comecemos pela passagem que identifica o antigo querubim com o rei de Tiro. Por mais que alguns estudiosos rejeitem o texto de Ezequiel como fonte reveladora do surgimento de Satanás, há algumas descrições no texto que jamais poderiam aplicar-se a um ser humano mortal. Esse rei de Tiro vivia entre pedras preciosas, era sábio para amealhar riquezas e habilidoso nos negócios (Ez 28.1,3,4,5). Nada há de extraordinário nesse fato, pois qualquer rei pode viver entre pedras preciosas e auferir muitas riquezas por sua capacidade e inteligência nos negócios, bem como pode ser aferidor de medidas, cheio de sabedoria e perfeito em formosura. Porém, há detalhes incomuns, principalmente em se tratando de um rei pagão, que não passaria despercebido.

Deus o declarou mais sábio do que Daniel em desvendar segredos (Ez 28.3). Disse também: "Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti" (Ez 28.15). Somente aqui há quatro pontos que chamam a nossa atenção. O primeiro ponto é: a Bíblia exalta Daniel por sua sabedoria, integridade e justiça (Ez 14.14), porém o rei de Tiro é referido como mais sábio do que o profeta. O segundo é: qual homem no mundo, além do Filho Unigênito de Deus, foi considerado por Ele um ser perfeito? Um rei humano, de carne e osso e pagão seria assim declarado pelo Criador? O terceiro é: Deus, quando quer fazer referência ao início da vida de alguém, diz: "desde o dia em que nasceste", mas nunca: "desde o dia em que

foste criado". Quando o Criador fala da nossa criação, Ele volta ao primeiro homem: Adão foi "formado do pó da terra", nós nascemos, mas esse rei de Tiro foi *criado*. Por que o texto não diz: "desde o dia em que nasceste?". Porque os anjos não nascem e não procriam; eles foram criados um a um. O quarto ponto é: esse rei é chamado de "querubim ungido". Talvez essa categoria angelical seja a mais elevada de todas. Deus usa a figura do querubim em toda a arte do Templo, com destaque no propiciatório — lugar em que foram postos dois querubins de ouro maciço sobre a tampa da arca.

Há uma relação entre o rei de Tiro (referido em Ezequiel 28) e Lúcifer (referido em Isaías 14.12), que forma um paralelismo — do mesmo modo como Isaías identifica Judá e Jerusalém, respectivamente, a Sodoma e Gomorra (Is 1.1,10), ou como Daniel identifica Antíoco Epifânio ao homem do pecado, o anticristo (Dn 9.27; 12.11; Mt 24.15; 2 Ts 2.3,4).

O significado da palavra Tiro é plenamente aplicável a esse ser. No hebraico, rei é מְלֶאכֶת (*meleket*), e Tiro é צֹור (*tsour*), cujo significado é "rocha", "pedra". Lúcifer, portanto, era o "rei das pedras": "Estavas no Éden, jardim de Deus; toda pedra preciosa era a tua cobertura: a sardônia, o topázio, o diamante, a turquesa, o ônix, o jaspe, a safira, o carbúnculo, a esmeralda e o ouro (...)" (Ez 28.13).

Sinete da perfeição

Em Ezequiel 28.12, lemos: "Tu és o aferidor da medida" ou, conforme outra versão (ARA), "Tu és o sinete da perfeição". No hebraico, חֹתֵם *(chotam)* significa "lacrado", "selado", "feito para um determinado fim". Seu fim era a perfeição, ele fora criado na medida perfeita, "perfeito, mas não imutável"!

Cheio de sabedoria e formosura

Em Ezequiel 28.4, lemos: "pela tua sabedoria e pelo teu entendimento alcançaste o teu poder e adquiriste ouro e prata nos teus tesouros". Satanás era cheio de sabedoria — do hebraico חָכְמָה (*hak-mah*), que significa "habilidade", "prudência", "compreensão", "inteligência", "grande talento" — e também cheio de entendimento — do hebraico תְּבוּנִים (*tabuwn*), que significa "capacidade de argumentação", "perspicácia".

Além disso, alcançou "poder" (na NVI, "riqueza") — do hebraico בְּיָפְיֶךָ (*beyapeyeka*), que significa "força", "valor", "armas" — e foi o mais formoso dos querubins. Como imaginar que um ser feito assim pudesse se transformar em diabo?

Sua atividade comercial

A aquisição de riquezas pela prática comercial (v. 4) relaciona-se com a ideia dos deuses da mitologia, cujo poder e força estavam nas riquezas da terra. Por comércio, entendem-se as atividades de transação e persuasão, o que pode ter relação com o seu poder de aliciar anjos.

Portador de luz

No texto de Isaías, o querubim ungido de Ezequiel aparece como הֵילֵל (*Heylel*), que significa "lúcifer" ou "luzeiro", "portador de luz" (Is 14.12). Significa mais precisamente "o que brilha como a luz da manhã". O título "Estrela da manhã" pertence mesmo ao Senhor Jesus (Ap 22.16). Satanás era também chamado de "querubim ungido". As palavras "luz" e "ungido" são aplicadas a Jesus (Jo 12.46; Lc 4.18). Tudo indica que sua tarefa principal era servir o Filho de Deus. Ele era chamado de "querubim da guarda", ou seja, fora designado para proteger (Ez 28.14).

Neste caso, "proteger" não significa "guardar do mal" — afinal o mal ainda não existia —, mas, sim, "assistir", "acompanhar", "assessorar", o que também pode ser entendido como ato de contínua adoração. Em razão da sua queda, a função de assistir ao Filho de Deus foi-lhe tirada e transferida para a Igreja.

Adorador

Uma das principais funções dos querubins no céu é a adoração (Ap 4.8). Lúcifer oferecia também louvor com os seus instrumentos: "a obra dos teus tambores e dos teus pífaros estava em ti" (Ez 28.13). Não se trata de suposição ou mitologia, mas de um fato: o ser criado perfeito transformou-se naquele que não se firmou na verdade, porque não há nele verdade alguma (Jo 8.44). Resta-nos, agora, conhecer o outro lado daquele que foi o mais formoso de todos os anjos de Deus!

Seus antigos privilégios

Chamado de "estrela da manhã" (Is 14.12), Satanás, o querubim da guarda, foi criado inocente; ele era formoso, grande em sabedoria e em entendimento, selado, perfeito, portador de luz e possuidor de riquezas incalculáveis; além disso, caminhava entre pedras afogueadas e habitava o jardim de Deus. Quanto privilégio, para, depois, transformar-se no absoluto oposto do bem, do bom e do belo!

Nas Escrituras, não há assunto que não seja do interesse do povo de Deus. Quem ignora os intentos de Satanás está sujeito a cair nas suas garras a qualquer momento. Para conhecer os seus ardis (2 Co 2.11), é preciso conhecer o máximo possível de sua pessoa.

A QUEDA DO ANJO MAIOR

O querubim ungido, o luzeiro, caiu. Mas, o que aconteceu com o ser denominado "perfeito" pelo próprio Deus? Ezequiel dá-nos uma explicação: "achou-se iniquidade em ti" (Ez 28.15); "elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor" (v. 17); "pela multidão das tuas iniquidades, pela injustiça do teu comércio, profanaste os teus santuários" (v. 18). Isaías traz mais informações: "E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, e, acima das estrelas de Deus, exaltarei o meu trono, e, no monte da congregação, me assentarei, da banda dos lados do Norte. Subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo" (Is 14.13,14).

Em seus pensamentos, Satanás já possuía um trono. Mas, algumas perguntas intrigam homens de todos os tempos: como pôde surgir o mal do bem? Como o coração de Lúcifer contaminou-se? O que saiu errado na criação de Deus? Afinal, como tudo aconteceu? A Bíblia não explica o fato, mas dá-nos uma pista para reflexão.

A atitude de Lúcifer abalou o céu e mudou completamente o curso da História. Por causa do seu ato insolente, o inferno foi criado (Mt 25.41). Desejando assumir um lugar que não lhe cabia, em sua fúria egoísta, Satanás persuadiu um expressivo número de anjos; estes se tornaram vítimas do seu desatino, perderam o brilho da glória de Deus e foram lançados nas mesmas trevas densas que ele: "E a sua cauda levou após si a terça parte das estrelas do céu e lançou-as sobre a terra (...)" (Ap 12.4).

Algumas perguntas intrigam homens de todos os tempos: como pôde surgir o mal do bem? Como o coração de Lúcifer contaminou-se? O que saiu errado na criação de Deus? Afinal, como tudo aconteceu?

Alguns deles já se encontram no inferno (2 Pe 2.4; Jd 6), outros, por sua vez, afligem a vida na terra (Ef 2.2; 1 Jo 5.19) e tentam fazer com que os seres criados à imagem e semelhança de Deus dobrem-se ao senhorio de Satanás, tornando-se, assim, tão miseráveis quanto ele e dignos do mesmo castigo (Mt 25.41).

Enquanto no texto de Ezequiel 28.11-19 encontramos a descrição do estado original de Lúcifer e o motivo da sua queda, em Isaías 14.11-16 encontramos a descrição do seu castigo. Neste último (Isaías), *Heylel* tem a sua queda estrondosa: "Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filha da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações!" (Is 14.12). Esse episódio foi testemunhado por Jesus: "Eu via Satanás, como raio, cair do céu" (Lc 10.18).

Assim como há um entrelaçamento entre Lúcifer e o rei de Tiro no texto de Ezequiel 28, no texto de Isaías 14, a queda da estrela da alva está embutida num contexto em que o profeta faz referência profética à nação babilônica.

A profecia de Isaías segue um estilo poético, e a sua mensagem vem embalada num pacote retórico, que requer habilidade exegética para compreender tanto o cunho profético quanto a revelação espiritual nela contidos.

Sua presunção pelo poder derrubou-o

"Eu subirei ao céu, e, acima das estrelas de Deus" (Is 14.13). Esse texto revela que a intenção de Satanás era destronar o Altíssimo. No Antigo Testamento, a presença manifesta de Deus dava-se sempre entre as nuvens (Êx 19.9; 34.5; 1 Rs 8.11).

Como Satanás conseguiu chegar a esse ponto, sem um momento de reflexão para frear seus impulsos? Provavelmente porque, depois de ultrapassar o seu limite, já não tinha condições de recuar (ainda que por um pequeno instante), e o próprio Deus, certamente, retirou-lhe essa percepção para que ele prosseguisse no seu intento. O caminho luciférico, infelizmente, é o mesmo que muitos seguem ainda hoje. Observe os passos da queda.

A queda de qualquer ser começa com a soberba: "A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito precede a queda" (Pv 16.18). Foi na estrada da soberba que Lúcifer se perdeu! Por esse motivo, a Palavra de Deus recomenda que não se consagrem neófitos

para o ministério (1 Tm 3.6; Ob 1.3). A soberba gera a rebeldia, e o rebelde insurge-se sempre contra a autoridade; ele não respeita nem reconhece hierarquia. O rebelde crê na sua superioridade (Ne 9.17; 1 Sm 15.23). O rebelde separa-se, declarando-se independente de quem é maior, e, se somente quem é maior pode abençoar quem é menor (Hb 7.7; Pv 18.1), o rebelde fica afastado da bênção!

Tentou contra a Trindade

Segundo Kalleb[25], a partir das declarações presunçosas de Satanás (ainda Lúcifer), subentende-se que ele tentou destronar a Trindade divina.

1. Ele quis exaltar seu trono acima das estrelas — o termo "estrelas", do hebraico לְכוֹכְבֵי (*lekowkbê*), é o mesmo aplicado para o Messias (Ap 22.16).
2. Ele quis assentar-se na banda do norte — o Norte é o *lugar do vento*, é o ponto cardeal que dá direção aos navegantes; uma referência, portanto, ao Espírito Santo. O salmista disse profeticamente: "Seu santo monte, belo e sobranceiro, é a alegria de toda a terra; o monte Sião, para os lados do Norte" (Sl 48.2 ARA). O monte Sião fica no lado Norte da cidade de Jerusalém, o Salmo, deste modo, pode estar fazendo uma alusão à saída de Jesus para o Calvário a partir dali.
3. Ele desejou subir acima das mais altas nuvens; assim como Deus se apresenta — no Antigo Testamento, o Senhor manifesta-se entre nuvens.

A inveja de Lúcifer pelo Filho de Deus é claramente vista na Tentação. Sua pretensão era exaltar-se acima daquele a quem servia. Sua obstinação por superar Jesus era tanta que, num encontro com Ele na Terra, tentou negociar o privilégio da adoração: "E disse-lhe: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares" (Mt 4.9).

O pecado de rebelião

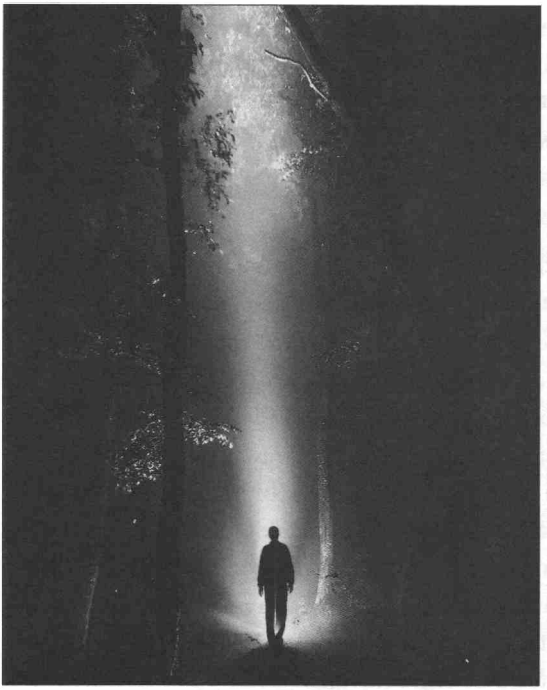
A rebelião é o pecado mais traiçoeiro que existe, pois talvez seja o único que o praticante não percebe estar cometendo. Infelizmente, ainda hoje, este é o pecado que as pessoas mais praticam, induzidas por Satanás.

Quando uma pessoa rouba, sabe que roubou; quando mente, sabe que mentiu; quando se prostitui, sabe que se prostituiu e, assim por diante; mas, quando se rebela, nunca admite que se rebelou, por isso este pecado está ligado diretamente à feitiçaria: "Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria" (1 Sm 15.23). Quem pratica a rebelião fica completamente cego, magnetizado por um propósito de sedição. A rebelião começa com a insubmissão à autoridade. Ela busca aliados e dispõe-se a um enfrentamento. Desconhece limites e subverte a ordem, mas sempre faz tudo em nome do bem e da justiça. Uma simples leitura da pequena epístola de Judas é suficiente para se ter noção de como será o terrível fim dos rebeldes.

---

25. KALLEB, Degel. *O caminho de Lúcifer*. São Paulo: Editora Maná, 2000. p. 62.

Surgimento do mal



O que é iniquidade

Iniquidade, do hebraico עַוְלָתָה (*awlatah*), é maldade, perversidade, injustiça, atitude violenta. São, por exemplo, os atos de crueldade dos homicidas que atacam pessoas, muitas vezes, indefesas; o abuso sexual de crianças inocentes; o espancamento de crianças e mulheres; os maus tratos a idosos; a exploração do trabalho infantil; as crianças que perambulam pelas ruas das grandes cidades, pedindo esmolas para sustentar adultos aproveitadores; os bandidos que, com arma em punho, invadem residências, obrigando famílias a se renderem a seus instintos bestiais; os filhos que matam seus pais; os pais que matam seus filhos; a violência no trânsito; as guerras entre traficantes e policiais, dentre outros. Estes são quadros relatados, comum e diariamente, na avançada sociedade do século 21 (2 Tm 3.1-5). Onde está a origem disso tudo? No iníquo! Naquele que, um dia, foi um querubim ungido.

A descoberta do mal

De repente, o mal foi "achado" nele. A palavra "achar", nesse texto, é אנמצ, *matsa*, que significa "descobrir", "inventar". Assim, ele "inventou" o mal. O mal não estava originalmente nele, porque ele saiu de Deus, que é absolutamente perfeito. Por mais que nos esforcemos para encontrar uma causa, esse tema continuará um mistério. O problema de Lúcifer foi descobrir-se um ser perfeito — perfeito, mas não imutável. Dessa atitude audaciosa, *criada* em seu coração, resultou o primeiro pecado.

O contraste

O fato de ele ter sido o único ser declarado perfeito pressupõe haver o estado de imperfeição. O respeitado escritor Degel Kalleb[26] comenta:

> No momento que Deus criou a perfeição, e Deus só criou a perfeição, passou a existir o estado, a potencialidade da imperfeição (...). Ele criou tudo perfeito, a partir

26. KALLEB, Degel. *O caminho de Lúcifer*. São Paulo: Editora Maná, 2000. p. 50.

daquele momento, passou a existir o estado de imperfeição. A imperfeição, na realidade, não existia, existia só o estado. A imperfeição como fato não existia.

Seguindo a linha de raciocínio desse autor, concluímos que uma coisa é o estado de imperfeição, outra é o *fato*; deste modo, o estado de imperfeição poderia perdurar para sempre, sem causar problema algum; porém, Satanás interessou-se pelo contraste, como se dissesse: "Se sou como sou (perfeito), então, já me pareço com Deus e os demais seres estão todos abaixo desse nível". Assim, ele transformou o *estado* de imperfeição em *fato*. A sua conclusão instigou-o à vanglória.

O conflito no céu

O apóstolo João teve uma visão prospectiva (futura) e, ao mesmo tempo, retrospectiva (passada) no céu. O Senhor voltou com ele no tempo, para mostrar-lhe o clima criado por ocasião da grande rebelião (Ap 12.7-9).

Satanás foi expulso do céu com a velocidade e a explosão de um raio (Lc 10.18; Is 14.12). Aquele que na sua altivez queria estar acima do próprio Deus foi condenado ao mais profundo abismo (Is 14.15). Ele tornou-se também alvo de escárnio (Is 14.16,17). Depois que o plano escatológico for todo cumprido, Satanás será, finalmente, lançado no lago de fogo e enxofre onde sofrerá castigo eterno (Ap 20.10). O destino dos que fazem a sua vontade será o mesmo (Mt 25.41).

Conflito no céu

O caminho aberto por Lúcifer tinha uma descida íngreme, e esta ele desconhecia. Aquele caminho levou-o ao mais profundo abismo, mas, infelizmente, ele não quis trilhar sozinho aquela estrada, ele levou consigo anjos e tenta levar também os homens.

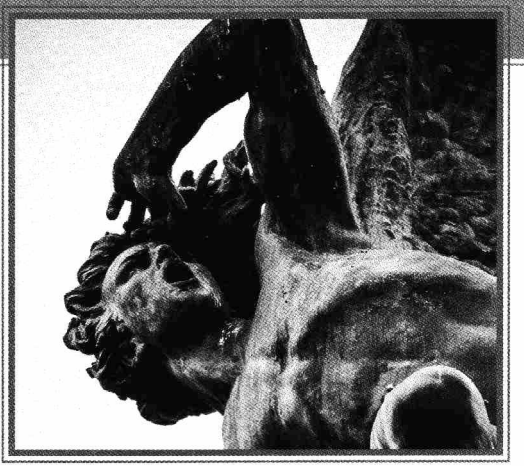
Levado ao inferno

Lúcifer experimentou o oposto de tudo o que desejava para si: de luzeiro, tornou-se o senhor das trevas. Aquele que habitava os altos céus foi condenado ao mais profundo abismo: "E, contudo, levado serás ao inferno, ao mais profundo do abismo" (Is 14.15).

Ao contrário dos anjos que já estão presos no tártaro (2 Pe 2.4), Satanás ocupa, simultaneamente, tanto as regiões abissais (profundezas do abismo) — onde parece ter o seu trono (Ap 9.11) —, quanto as regiões terrenas e celestiais (Ap 12.9; Jó 1.6; Ef 6.12).

Mas a profecia de Isaías ainda não foi cumprida integralmente; resta uma descida irrevogável e definitiva de Satanás ao inferno, e isso se cumprirá no plano escatológico de Deus: "E o diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde está a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre" (Ap 20.10; cf. Is 14.15).

OS ANJOS DECAÍDOS



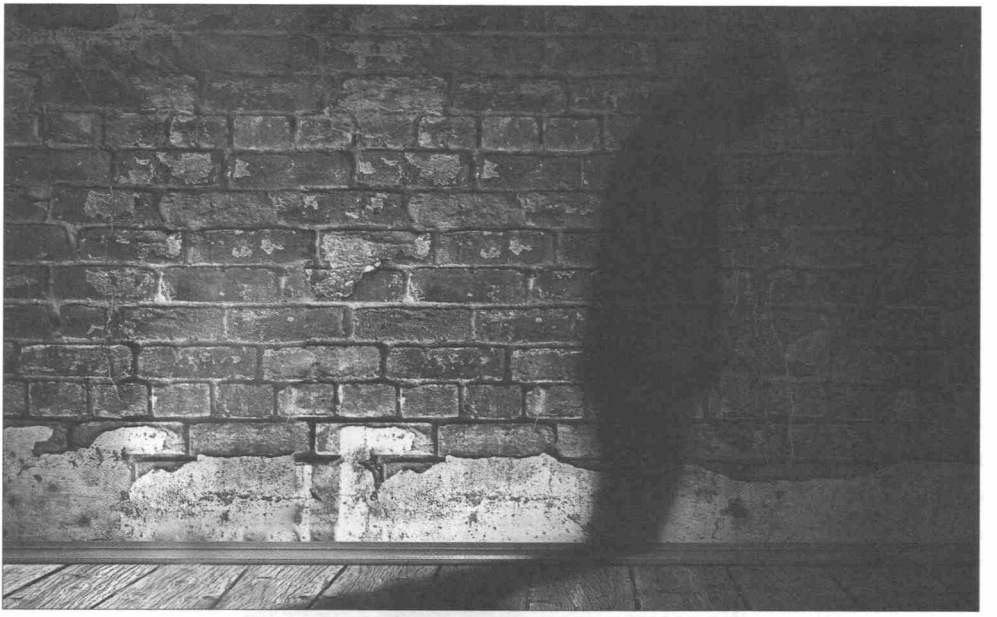
Satanás não age sozinho. Ele tem um exército de anjos decaídos que atuam com ele. Diz o consagrado escritor Anibal Pereira Reis em seu livro *O Diabo*: "Os demônios são numerosíssimos que multiplicam a presença de Satanás, dando a impressão de ser praticamente onipresente".

Disse um tolo a um sábio: "Satanás não existe. Ele é fruto da imaginação", ao que o sábio lhe respondeu: "Meu caro amigo, se Satanás não existe, alguém certamente está desempenhando muito bem a função dele". De fato, o mundo não poderia estar onde está sem que houvesse por trás dele um reino maligno atuando.

Explicações necessárias

Os principais textos bíblicos que tratam da queda dos anjos são os seguintes: 2 Pedro 2.4: "Porque, se Deus não perdoou aos anjos que pecaram, mas, havendo-os lançado no inferno, os entregou às cadeias da escuridão, ficando reservados para o Juízo"; Judas 1.6: "e aos anjos que não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação, reservou na escuridão e em prisões eternas até ao juízo daquele grande Dia"; Apocalipse 12.4,7,9: "E a sua cauda levou após si a terça parte das estrelas do céu e lançou-as sobre a terra; (...) E houve batalha no céu: Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão; e batalhavam o dragão e os seus anjos, E foi precipitado o

Pecado imperdoável



grande dragão, a antiga serpente, chamada o diabo e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele". Quando isso teria ocorrido? A Bíblia não estabelece uma época, porém, alguns teólogos arriscam em dizer quando, mais ou menos, isso teria acontecido. Grudem diz: "Antes de Satanás ter tentado Eva no jardim (Gn 3.1), certo número de anjos pecou e se rebelou contra Deus (2 Pe 2.4; Jd 1.6). Esse evento ocorreu aparentemente depois do sexto dia da criação, quando 'viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom' (Gn 1.31), mas fora isso a Bíblia nada mais nos revela".[27] Outros teólogos preferem acreditar que a rebelião no céu aconteceu num passado muito remoto.

Estes são os textos que tratam da queda dos anjos que seguiram Lúcifer em sua rebelião contra Deus. A partir dessas Escrituras, tira-se conclusões variadas com respeito à atuação ou não desses seres no mundo presente. Alguns estudiosos entendem que os anjos decaídos não estão soltos, e que os espíritos maus que atuam no mundo pertencem a outra categoria. Outros entendem que uma parte está presa e que a outra está solta, como veremos mais adiante.

Decisão voluntária

Os anjos não são autômatos (robôs) que agem mecanicamente, servindo a Deus como que por uma programação. Deus, certamente, não sentiria prazer em receber

27. GRUDEM. 2005. p. 327.

uma adoração programada, mas voluntária; uma adoração que parta do mais profundo do coração do ser criado, como verdadeira prova de amor. Tomás de Aquino disse:

> Os anjos decaídos não aceitariam a salvação, e isso é parte de sua explicação porque Cristo assumiu a natureza humana não angelical. Em sua visão, os anjos, como seres puramente espirituais, têm um entendimento imediato da verdade. Sendo assim, um anjo tem tal clareza de entendimento que quando ele faz uma escolha, ela é imutável.[28]

Assim, estar com Ele ou insurgir-se contra Ele foi uma decisão voluntária, quando houve a separação dos dois grupos: os que permaneceram e os que caíram do céu, acompanhando o seu líder e mentor, Satanás.

Um exército para Satanás

Enquanto gozava de posição privilegiada entre as pedras afogueadas, Lúcifer vivia rodeado de anjos, os quais comandava. Seu acesso e sua autoridade sobre eles facilitaram o seu trabalho de persuasão. Tinha o poder de seduzir, de magnetizar, de hipnotizar, de encantar como faz um feiticeiro e, assim, muitos se deixaram levar por suas propostas tentadoras (Ap 12.4).

O uso da cauda

A Palavra de Deus não usa expressões ou figuras sem que haja sentido nelas. O texto bíblico diz que a cauda foi o instrumento usado por ele: "E a sua cauda levou após si a terça parte das estrelas do céu e lançou-as sobre a terra" (Ap 12.4). Num antigo conceito hebraico, cauda tem os seguintes significados: a parte robusta, prazerosa e agitada do corpo. Lúcifer tinha mais força do que os demais anjos; encheu-os de prazer com a proposta de serem deuses e promoveu grande agitação no céu.

Seus métodos

Com seu poder de sedução, fez com que os anjos parassem para ouvi-lo. Repetiu o seu método com Eva. O apóstolo Paulo mostra-se preocupado com a possibilidade de Satanás continuar aplicando o mesmo método ainda hoje (2 Co 11.3). A sua maior forma de sedução acontece pela conquista da mente!

Os sentidos corrompidos

De que maneira os sentidos de Eva foram corrompidos? Basta lembrar que o ser humano possui cinco sentidos. Na proposta de comer o fruto proibido, Eva não via aquele fruto como os demais do jardim: havia nele uma beleza diferente; um cheiro diferente;

---

28. AQUINO, Tomás de. *Súmula contra os gentios*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

tocar nele foi cogitado por ela como mais um desejo proibido; o terrível som da voz da serpente soava-lhe como algo agradável e, por último, o sabor viria como a completude da sedução. Pronto: o golpe fatal fora dado. Os sentidos corrompidos colaboraram para que o limite imposto fosse quebrado. A simplicidade de Cristo, por sua vez, capacita-nos para vermos as coisas exatamente como elas são, sem qualquer sofisma (2 Co 10.4 ARA).

O pecado imperdoável

Uma parte dos anjos cometeu pecado: "Porque, se Deus não perdoou aos anjos que pecaram" (2 Pe 2.4a). A primeira observação que se deve fazer aqui está no fato de eles terem "pecado". A segunda é que Deus não lhes perdoou e jamais os perdoará. Nem mesmo o sacrifício de Cristo pode expiar o pecado cometido por eles: "visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas, para que, pela morte, aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo, e livrasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão. Porque, na verdade, ele não tomou os anjos, mas tomou a descendência de Abraão. Pelo que convinha que, em tudo, fosse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus, para expiar os pecados do povo" (Hb 2.14-17). Jesus morreu pelos homens, e não pelos anjos decaídos.

Perda da habitação

A palavra grega para *habitação* usada neste texto é οἰκητήριον, *oiketérion*, e significa *domicílio*. Alguns autores entendem que ela também diz respeito ao corpo celestial, usando a declaração de Paulo: "E há corpos celestes e corpos terrestres" (1 Co 15.40a). Assim, esses anjos teriam deixado os seus corpos e passado a viver como espíritos incorpóreos pelo mundo.

A outra base usada para elucidar "habitação", não apenas como *domicílio*, mas também como *corpo*, está na explicação dada pelo apóstolo Paulo, acerca da morte do salvo: "Porque sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus" e ele pros-

Revestir-se da habitação implica possuir um corpo. Portanto, a perda da habitação, pelos anjos que pecaram, tanto diz respeito ao domicílio (céu) como ao corpo angelical.

segue dizendo: "E, por isso, também gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação, que é do céu" (2 Co 5.1,2). Revestir-se da habitação implica possuir um corpo. Portanto, a perda da habitação, pelos anjos que pecaram, tanto diz respeito ao domicílio (céu) como ao corpo angelical. Tornando-se seres desincorporados, eles buscam corpos para deles se servirem.

Limites aos maus

Os demônios que se encontram no mundo não podem ser considerados bons e inofensivos. O príncipe deles é chamado por Jesus de Apolion (Ap 9.11), mas eles também estão sob os limites traçados por Deus; caso contrário, já teriam destruído por completo a humanidade ou, no mínimo, fariam de cada ser humano um instrumento corporal de uso deles. Em outras palavras, todos os seres humanos seriam endemoninhados, mas não são. Todavia, esses espíritos sairão de onde estão pelo período de cinco meses para tentar os habitantes da terra durante a Grande Tribulação (Ap 9.1-12). Cabe ainda perguntar: quem é Apolion, seria o próprio diabo? O apóstolo Paulo fala de um príncipe das potestades do ar que, agora, opera nos filhos da desobediência (Ef 2.2). Tudo se parece.

O deus deste mundo

Satanás é chamado pelo apóstolo Paulo de "o deus deste século" (2 Co 4.4). Do mesmo modo como o Reino de Deus conta com a atuação dos Seus anjos, o mundo das trevas, que tem Satanás como rei, depende da atuação dos seus espíritos maus.

Consciência de posse

Quando Satanás se encontrou com Jesus na tentação, ofereceu-lhe os reinos deste mundo em troca de adoração (Mt 4.8,9). Não se intimidou, antes, apresentou-se como proprietário do mundo. Pode parecer uma atitude impostora, mas foi verdadeira. Desde a apostasia, o mundo passou a estar sob a égide do diabo: "Sabemos que somos de Deus e que todo o mundo está no maligno" (1 Jo 5.19).

O domínio da humanidade

A Bíblia não ameniza o fato de que Satanás está no controle da humanidade por meio dos seus anjos, denominados pelo apóstolo Paulo de "potestades do ar": "E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados, em que, noutro tempo, andastes, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que, agora, opera nos filhos da desobediência" (Ef 2.1,2). O ritmo da humanidade segue a regência de Satanás.

É preciso estar vigilante

Se o número dos anjos decaídos é muito grande e boa parte deles está solta pelo mundo, não podemos, ingenuamente, ignorar a sua atuação, antes, devemos estar precavidos, valendo-nos das instruções que as Sagradas Escrituras nos trazem e fortalecermos o nosso espírito para os embates espirituais contra eles e, sem receio algum, enfrentá-los no nome de Jesus (Ef 6.10-18)!

O exército de Satanás

Satanás quis para si um exército, porque ele não daria conta de agir sozinho no mundo. O seu trabalho é corromper tudo o que é bom, mas sua maior guerra é contra o homem e, principalmente, contra os redimidos do Senhor. Do mesmo modo como ele aliciou anjos no céu, procura aliciar crentes para fazerem a sua vontade. Por essa razão, a Palavra de Deus nos previne: "Sede sóbrios, vigiai, porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar. Ao qual resisti firmes na fé, sabendo que as mesmas aflições se cumprem entre os vossos irmãos no mundo" (1 Pe 5.8,9). De acordo com o apóstolo Pedro, o trabalho do diabo em torno dos crentes causa aflição e acontece no mundo todo. Para melhor discernir isso, a recomendação é prestar atenção àqueles que promovem a rebelião dentro das igrejas, induzindo pessoas contra o santo ministério, produzindo infâmias, calúnias, ruins suspeitas, difamação, gerando divisão, arrancando gente que foi alcançada com o custo de muitas lágrimas.

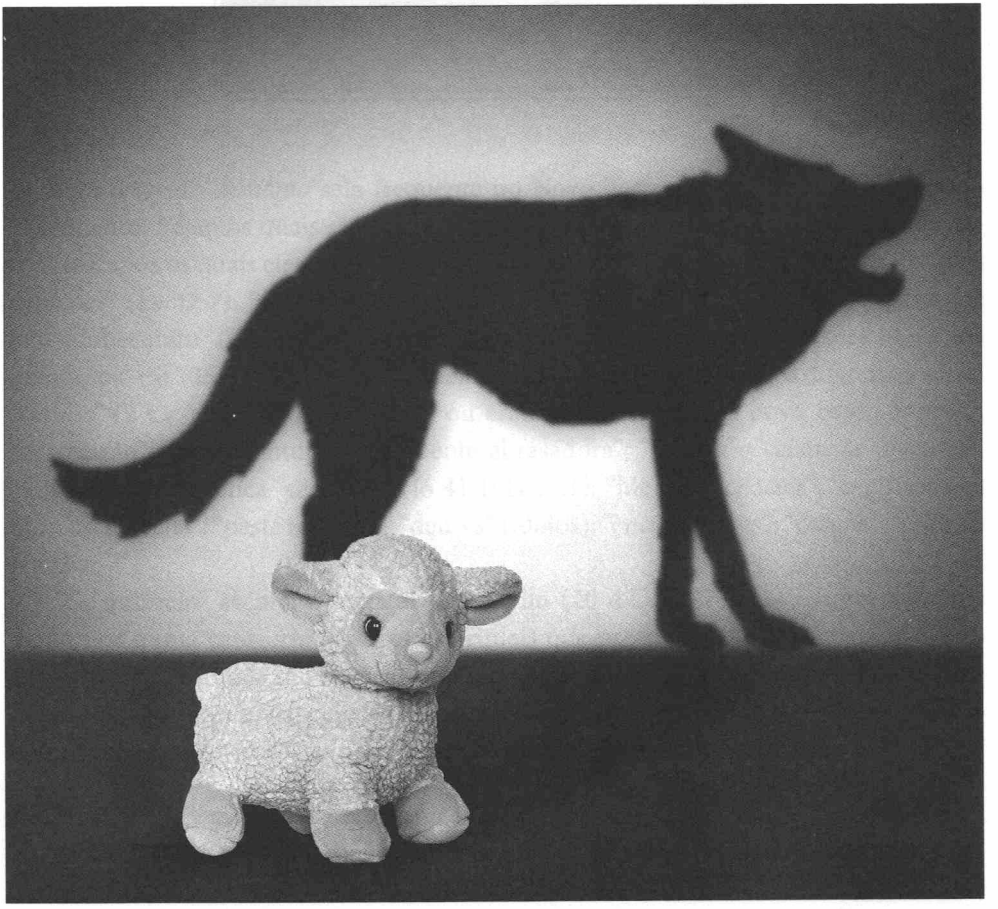
Exército de Satanás

A perda do corpo

O corpo no céu é cheio de glória. A Bíblia promete que, quando um crente morre, ele ganha um corpo espiritual (2 Co 5.1). Falando sobre a glória desse corpo, o apóstolo Paulo diz: "E há corpos celestes e corpos terrestres, mas uma é a glória dos celestes, e outra, a dos terrestres" (1 Co 15.40). Nesses corpos celestiais, os anjos tinham poder de locomoção instantânea, mas perderam essa condição como punição por terem se rebelado contra Deus. Agora, como espíritos soltos, procuram corpos para sentirem sensações através deles.

Perigos que apresentam

É preciso usar o discernimento espiritual para não se deixar enganar por espíritos malignos que, eventualmente, podem aparecer como anjos do Senhor para trazer mensagens falsas, fazendo revelações em total desacordo com a Palavra de Deus.

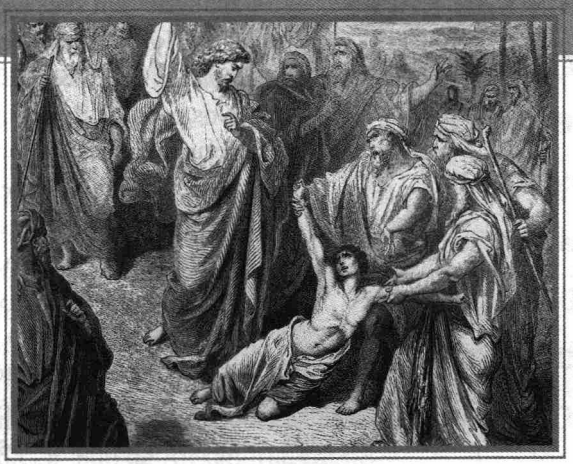


Perigos que apresentam

Exemplo disso foi a aparição do *"anjo Maroni"* a Josef Smith, dando-lhe instruções extravagantes como a liberdade de um homem poder se casar com até dez mulheres! Outras aberrações também estavam incluídas nas suas falsas revelações. Para resumir, dessa visitação, nasceu a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, conhecida como a Igreja Mórmon. E claro que fatos semelhantes a esse não invalidam a possibilidade de um salvo ter, eventualmente, uma visitação angelical, mas é sempre preciso valer-se do discernimento espiritual (1 Co 12.10).

O cristão entende perfeitamente que a Bíblia declara que o diabo existe e o seu objetivo é destruir a obra de Deus. Não é preciso ter medo da ação do inimigo. Basta somente confiar no poder de Jesus, na Sua presença em nossas vidas e ser vigilante, como está escrito em Tiago 4.7.

QUEM SÃO OS DEMÔNIOS?



Embora o termo *demônio* seja frequente no Novo Testamento, é restrito no Antigo Testamento. Vejamos quais são: "E nunca mais sacrificarão os seus sacrifícios aos demônios, após os quais eles se prostituem: isto ser-lhes-á por estatuto perpétuo nas suas gerações" (Lv 17.7); "Sacrifícios ofereceram aos diabos, não a Deus; aos deuses que não conheceram" (Dt 32.17); "Demais disto, sacrificaram seus filhos e suas filhas aos demônios" (Sl 106.37). Entretanto, a ideia é repleta pelo uso de termos diferentes como "sátiros" (2 Cr 11.15 ARA; Is 34.14); ou eram concebidos pelo povo como "pestes"; "destruição"; "terror noturno"; "serpente abrasadora"; "saraiva"; "criaturas uivantes"; "Leviatã", que significa "serpente" (Jó 41.1; Is 27.1); "hienas"; "chacais"; "espíritos dos mortos"; "flecha"; "peste maligna"; "deuses" (ídolos); "encantadores"; "magos"; "espírito familiar".[29]

No primeiro século, o escritor judeu Filo (20 d.C. – 42 d.C.) escreve sobre os demônios numa categoria de seres espirituais que preenchem todo o cosmos. Tanto anjos como demônios são mensageiros de Deus. Ele segue o estilo helenista de que demônios são seres bons, cujo significado é "destino", ou também pode ser entendido como "espírito protetor" ou mesmo ser chamado de "bom demônio".[30]

---

29. VAILATTI, Carlos Augusto. *Manual de Demoniologia*. São Paulo: Editora Fonte Editorial, 2011. p. 58-73.

30. Ibidem. p. 84.

Quem são os demônios? Os demônios são seres espirituais da maldade que atuam poderosamente no reino das trevas e são representados, em tudo o que fazem, por seu príncipe, o diabo.

Outro escritor dessa época é Flávio Josefo, que, como Filo, segue o pensamento helenístico, com a diferença de que, para ele, o demônio é um ser terrível. Ele usa a expressão "espírito maligno" em seus escritos.[31]

No grego clássico, às vezes, o *daimonion* aparece como *Theós* (Deus). Nos escritos de Homero, o demônio é considerado uma força divina ou uma espécie de divindade secundária. Já na Mesopotâmia, quando os rios Tigre e Eufrates inundavam, achavam que os poderes demoníacos estavam à solta. No Egito, achavam que as enfermidades e as calamidades naturais eram causadas pelos demônios. Eles categorizavam os demônios por regiões: aéreas; e terrestres.[32]

A origem dos demônios

Quem são os demônios? Os demônios são seres espirituais da maldade que atuam poderosamente no reino das trevas e são representados, em tudo o que fazem, por seu príncipe, o diabo. Eles também buscam corpos para se satisfazerem e para executarem suas obras más com o propósito de destruir pessoas, as quais usam. Apesar de toda a sua força, eles podem ser vencidos e controlados pelo poder que há no nome de Jesus (Lc 10.17; At 8.7; 16.18). No Novo Testamento, lemos muito acerca de demônios, mas a Bíblia não revela claramente a origem deles, suscitando daí algumas conjecturas, ainda que possam ser os anjos decaídos, como veremos.

Segundo boa parte dos estudiosos, os demônios não pertencem à mesma classe dos anjos decaídos. Trata-se de outra categoria de espíritos maus e arruaceiros que atuam no mundo, causando problemas à vida em geral e que, não obstante terem Satanás como seu chefe, não fazem parte dos que foram expulsos com ele do céu. Eles separam os anjos decaídos dos demônios com base no texto de Judas 1.6 que diz: "E aos anjos que não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação,

31. VAILATTI, Carlos Augusto. *Manual de Demoniologia*. São Paulo: Editora Fonte Editorial, 2011. p. 85-87.

32. CHAMPLIN, R. N.; BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia e Filosofia*. São Paulo: Editora Candeia, 1991. v. 2. p. 48.

reservou na escuridão e em prisões eternas até ao juízo daquele grande Dia". Há uma repetição deste texto em 2 Pedro 2.4. A lógica dessa posição repousa no fato de que eles foram postos em prisão, desse modo, como eles poderiam ter se transformado em demônios? Para resolver o problema, recorrem à antiga tese apresentada por escritores judeus do segundo século antes de Cristo e aceita por alguns Pais da Igreja até o quarto século da era cristã.

A teoria do cruzamento dos anjos com mulheres

Segundo uma antiga tradição – aceita por muitos eruditos hoje – os demônios são frutos do cruzamento entre os filhos de Deus e as filhas dos homens, conforme a narrativa de Gênesis 6.1-4. Há duas interpretações para o texto de Gênesis 6.1-4: uma *sobrenaturalista* e outra *naturalista.* A interpretação de que os demônios resultam do cruzamento entre os filhos de Deus e as filhas dos homens é a *sobrenaturalista.* Documentos antigos que trazem consigo essa teoria são os seguintes: a) contexto judaico: *Septuaginta* (terceiro século a.C.); Enoque 6.4; 7:1.2 (segundo século a.C.); Jubileus 4.15; 5.6 (primeiro século a.C.); 2 Enoque 18 (primeiro século d.C.); Baruque 56.10-14 (primeiro século d.C.); *Documento de Damasco*, de Qumrã, CD 2.16-19 (primeiro século d.C.); Filo de Alexandria, *De Gigantibus* 6-7 (primeiro século d.C.); Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas* 1.73 (primeiro século d.C.); *Gênesis Apócrifo* 2.1 (primeiro século d.C.); *Targum Pseudo-Jonatan* de Gn 6.1-4 (segundo século d.C.). b) No contexto cristão: Justino Mártir, 2 Apologia 2.5 (segundo século); Irineu de Lyon, *Demonstração*18; *Contra Heresias* 16.2 (segundo século); Atenágoras, *Um apelo aos cristãos* 24 (segundo século); Clemente de Alexandria, *Miscelâneas* 5.1,10 (segundo século); Tertuliano, *Sobre a idolatria* 9; *Contra Marcião* 5.18; *Sobre o véu das virgens* 7 (segundo e terceiro séculos), Lactâncio, *Instituições Divinas* 2.15 (terceiro e quarto séculos); Eusébio de Cesareia, *Preparação* 5.5 (terceiro e quarto séculos); Ambrósio de Milão, *Noé e a arca* 4.8 (quarto século); Jerônimo, *Hebreus* 6.4 (quarto e quinto séculos); e Suplício Severo, *História* 1.2 (quarto e quinto séculos).[33]

O livro de *Enoque o Etíope,* também chamado de *I Enoque,* uma obra antiga, citada por Judas (Jd 1.14) que veio à tona desde que uma coleção de 900 textos foi encontrada no interior de 11 cavernas em Qumrã, entre as quais constavam "treze ou mais livros 'Apócrifos do Antigo Testamento', os sessenta e cinco livros 'Pseudoepígrafos do Antigo Testamento', as inúmeras composições de Filo e Flávio Josefo (...), numerosos e antigos *Papiros mágicos judaicos* de milhares de inscrições".[34] No texto, há várias referências ao cruzamento dos filhos de Deus com as filhas dos homens: "E eles tomaram

33. VAILATTI, Carlos Augusto. Artigo intitulado *Os filhos de Deus e as filhas do homem*, Revista Vértices, nº. 15, 2013. Departamento de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de S. Paulo. O artigo pode ser encontrado na Internet.

34. ETÍOPE. *O livro de Enoque.* São Paulo: Editora Entre Tempos, 2015. p. 21.

esposas para si mesmos, e cada um (respectivamente) escolheu uma mulher para si, e eles começaram a procurá-las" (Enoque 7.1). "E acontecerá nesses dias que os filhos dos eleitos e dos santos (descerão) do alto céu e a sua semente se tornará uma com a dos filhos dos homens" (Enoque 39.1). Esses textos dão uma noção do que defende esse autor do passado.

A crença na teoria do cruzamento de anjos e mulheres, dando origem aos demônios, era muito ampla no passado. Essa forma de pensar sofreu uma interrupção no quarto século por dois motivos, segundo o Dr. Larkin:

> A primeira, porque a adoração de anjos havia sido estabelecida, e se os 'filhos de Deus' de Gênesis 6.1-4 foram anjos e caíram, então os anjos poderiam cair novamente, e que essa possibilidade afetaria adoração dos anjos. A segunda razão era que o celibato havia se tornado uma instituição da Igreja, e se foi ensinado que os anjos no céu não se casam, e ainda que alguns deles seduzidos pela beleza da feminilidade vieram do céu para satisfazer sua propensões amorosas, uma fraqueza de espécie semelhante em um dos 'anjos terrenos' (celibatários) poderia ser a mais prontamente desculpada. No século 18, a 'interpretação angelical' foi revivida, e agora é amplamente sustentada pelos eruditos da Bíblia.[35]

Trata-se, portanto, de uma teoria antiga que voltou a ganhar força entre os eruditos. Por encontrar o seu endosso a essa teoria nas grandes Teologias Sistemáticas, há hoje uma geração de intelectuais nos meios acadêmicos teológicos que a aderem com naturalidade. O texto bíblico básico usado para defender essa teoria diz: "E aconteceu que, como os homens começaram a multiplicar-se sobre a face da terra, e lhes nasceram filhas, viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas; e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram. Então, disse o SENHOR: Não contenderá o meu Espírito para sempre com o homem, porque ele também é carne; porém os seus dias serão cento e vinte anos. Havia, naqueles dias, gigantes na terra; e também depois, quando os filhos de Deus entraram às filhas dos homens e delas geraram filhos; estes eram os valentes que houve na antiguidade, os varões de fama" (Gn 6.1-4).

A interpretação dada por essa corrente é a seguinte: os "filhos de Deus" são os anjos. Essa afirmação está baseada em Jó 1.6; 2.1 e 38.7. Esses textos dão a entender que a expressão "filhos de Deus" refere-se aos anjos, assim, ao ler em Gênesis 6.1-4 a expressão "filhos de Deus", eles deduzem que o texto esteja dizendo que anjos, atraídos pela beleza feminina, mantiveram relações com mulheres e, daquela relação, nasceram seres gigantes נְפִלִים (*nephilim*) e valentes, formando uma geração má. Por causa daquela geração má, veio o dilúvio. Segundo essa teoria, os espíritos daqueles seres, por serem híbridos – semi-humanos e semiangelicais –, quando pereceram pelas águas do dilúvios, não foram para o céu nem para o inferno, tornaram-se demônios.

---

35. CHAFER, Lewis Sperry. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Hagnos, 2003. p. 527.

Refutação a essa teoria

Apesar de haver grande número de eruditos que aceitam essa possibilidade, cabe ressaltar que nem todos perfilam com eles. Levantamos aqui nossas indagações e falhas encontradas nessa teoria:

1. "Havia, naqueles dias, gigantes na terra; e também depois, quando os filhos de Deus entraram às filhas dos homens e delas geraram filhos; estes eram os valentes que houve na antiguidade, os varões de fama" (Gn 6.4). Gigantes, portanto, já existiam naqueles dias, antes da geração dos filhos de Deus com as filhas dos homens.
2. Por que os demônios são praticantes do mal e estão intimamente relacionados ao diabo se não fazem parte daqueles que se rebelaram juntamente com ele e foram expulsos do céu? Em que momento da história teriam se associado a ele?
3. Satanás não poderia apoderar-se deste mundo se estivesse sozinho. Ele não é onisciente nem onipresente. Como conseguiria tanto se não lhe sobrassem anjos aliciados por ele no passado? Como atingiria de forma tão potente os seus intentos? Está claro, tanto pelas evidências como por relatos bíblicos, que os demônios o têm por seu príncipe Belzebu (Mc 3.22).
4. A terra, nos dias do dilúvio, não era tão populosa. Por maior que fosse o número dos gigantes, os quais se "transformaram em demônios", como poderiam tornar-se em tantos? Há inúmeros casos de possessões registrados na Bíblia em que um só indivíduo portava uma legião, ou seja, cerca de seis mil demônios.
5. Pressupõe-se que tais anjos eram bons, porque são chamados de "filhos de Deus" (não decaídos). Nesse caso, além dos que caíram do céu com Lúcifer, houve necessariamente outra baixa no céu – mas não por conta de Lúcifer – e isso pressupõe que o pecado estava plantado lá, o que também seria impossível! Os anjos que se mantiveram fiéis são chamados de "eleitos" (1 Tm 5.21), ou seja, "selados". Isto quer dizer que, depois de Lúcifer e dos seus aliciados, tornou-se impossível a queda de outro anjo qualquer.
6. Como e quando os anjos começaram a sentir atração pelas mulheres se eles são assexuados (Mt 22.30; Mc 12.25)? Exceto, é claro, no caso de assumirem forma humana, e isso é bem comum nas Escrituras. Mas os anjos assumem forma humana para se comunicarem com os homens, atendendo a algum propósito de Deus. O que se depreende dessa lógica de que "filhos de Deus" são anjos é que estariam passeando por aqui sem propósito, mesmo porque eles estão sob ordens (Sl 91.11) – sem propósito ou mandato divino – em forma humana e, ao verem as mulheres, sentiram desejo sexual por elas.
7. O Dr. Larkin, cujas palavras são destacadas por Chafer, opondo-se à tese de que "os filhos de Deus" refere-se aos descendentes de Sete, sublinha o fato de que os descendentes do cruzamento entre os filhos de Deus e as filhas dos homens eram gigantes, como se isso fosse um privilégio exclusivo daquela raça: "(...) Mais estranho ainda

Davi e Golias

que, quando eles se casaram, a descendência deles tornou-se uma raça de 'gigantes' ou de 'homens poderosos'".[36] Ora, aqueles não são os únicos gigantes mencionados na Bíblia. Para acentuar a valentia daqueles homens, a Bíblia inclui sua compleição física, do mesmo modo que faz com o gigante Golias (1 Sm 17.23,24,49). A Bíblia fala de Isbi-Benobe, Safe, Golias (o geteu) e o gigante de seis dedos em cada mão e em cada pé. Eles procediam de uma geração de gigantes (2 Sm 21.15-22). A Bíblia fala dos *zanzumins*, gigantes que antes habitavam na terra dos amonitas (Dt 2.18-21); as terras que Josué deu às duas tribos e meia que ficaram aquém do Jordão era terra de gigantes (Js 12.4; cf. Dt 3.13); os filhos de Anaque eram gigantes (Nm 13.33). Por alguma deformidade glandular, é possível que seres humanos normais tenham formado colônias de gigantes, em algum processo semelhante ao dos pigmeus, pequenas pessoas que vivem na África Central, só que num processo inverso, ou seja, homens que cresceram demasiadamente.

36. CHAFER. 2003. v. 1. p. 526.

8. A hierarquia angelical é a mesma dos demônios. A Bíblia descreve os anjos em categorias hierárquicas, alegando que eles foram criados por Deus: "porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por ele e para ele" (Cl 1.16). Segundo lemos na Bíblia, essas categorias angelicais tanto dizem respeito aos anjos bons como aos demônios. Paulo diz que a nossa luta é "contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais" (Ef 6.12). Por que lutar contra esses seres espirituais se eles estão todos presos? Por que os descendentes dos *nephilins* (supostamente transformados em demônios) estariam na categoria de principados e potestades (seres criados por Deus - Cl 1.16) contra os quais lutamos?
9. A Bíblia não diz que todos os anjos foram postos em prisão, ela diz "Quanto aos anjos". Os textos de Pedro e de Judas não dizem que os anjos foram postos em prisão, mas diz "quanto aos anjos". Não está eliminada a ideia oferecida pelos próprios textos de Pedro e de Judas – porque ambos são iguais – de que "quanto *aos*" quer dizer: "quanto àqueles que". O texto de Apocalipse é ainda mais claro: Satanás "foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele" (Ap 12.9). Ora, tanto em Pedro como em Judas, o texto diz que anjos foram lançados em prisão. Em Apocalipse, lemos que os anjos foram lançados na terra, onde pode haver dois destinos distintos: prisões e terra. Conforme muitos acreditam, uma parte está presa no Tártaro devido ao seu elevado grau de ferocidade, e haveria maiores danos ao planeta se tais demônios estivessem soltos; ademais, revelações trazidas por Pedro e por Judas destacam o castigo eterno destinado aos rebeldes. Para alguns, isso está longe de ser uma realidade futura, na verdade, já está em andamento.
10. Contrariando a tese sustentada a partir de Gênesis 6.1-4, o Dr. Richard Sturz diz duas coisas importantes: 1) "A Bíblia rejeita claramente o conceito de que o mundo espiritual é composto de seres que, antes, eram humanos, e, agora, são espíritos. Esses espíritos são claramente distintos quanto à sua natureza. Os seres humanos mortos são guardados para o julgamento de acordo com a vida que levaram na carne"; 2) "É provável que as passagens em Pedro e em Judas 9 sejam prolépticas, ou seja, descrevem os acontecimentos como se tivessem ocorrido no passado, mas referem-se a um evento futuro. A queda final é registrada em Mateus 25.41 e em Apocalipse 20.1-3,10".[37]
11. Um artigo do Dr. Carlos Augusto Vailatti, publicado em uma revista da Universidade de São Paulo, junta documentos da tradição judaica e da tradição cristã em sua análise do texto de Gênesis 6.1-4, ele conclui dizendo que uma porção do texto inclui o "fragmento de uma antiga lenda (...). O fato de a interpretação mitológica

37. STURZ, Richard. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2012. p. 235.

de Gênesis 6.1-4 ser a mais antiga e a que prevaleceu ao longo dos primeiros séculos de história indica que a compreensão mitológica foi entendida pelos exegetas dessa passagem bíblica como a forma mais coerente de entendê-la e aquela que transmitia, de forma mais adequada, o seu real sentido".[38]

A outra teoria

Contrariando essa doutrina, há a interpretação *naturalista*, a qual entende que a expressão "filhos de Deus" (Gn 4.1-6) refere-se aos descendentes de Sete, o filho de Adão que substituiu Abel, o qual fora morto por Caim (Gn 4.8). Os descendentes de Sete foram os primeiros seres no mundo a invocar Deus (Gn 4.14). A interpretação *naturalista* considera que esse texto não tem nenhuma relação com a origem dos demônios.

Os que rejeitam a teoria de Gênesis 6.1-4 para a origem dos demônios preferem pensar que nem todos os anjos decaídos foram postos no Tártaro, exceto os mais ferozes, os quais poderiam causar maiores danos à terra se fossem soltos, e os que ficaram soltos se transformaram em demônios. Wayne Grudem, por exemplo, questiona a expressão "filhos de Deus" como quem se refere aos anjos:

> Os anjos são seres imateriais, e, segundo Jesus, não se casam (Mt 22.30), fatos que lançam dúvidas sobre a ideia de que os "filhos de Deus" eram anjos que tomaram por esposas mulheres humanas. Além do mais, não há nada no próprio *contexto* de Gênesis 6 que indique que "os filhos de Deus" devem ser interpretados como anjos (...). É bem mais provável que a expressão "filhos de Deus" aqui (como em Dt 14.1) se refira a pessoas pertencentes a Deus e que, como Ele, andam na justiça (repare como Gênesis 4.26, como introdução a Gênesis 5, assinala o início da linhagem de Sete ao mesmo tempo em que o nome do Senhor começou a ser invocado).[39]

A expressão "filhos de Deus", no Antigo Testamento, como bem sabemos, não tem o mesmo significado no Novo Testamento. Neste, o termo se refere aos nascidos de Deus. Contudo, a expressão no Antigo Testamento pode não se restringir aos anjos porque ela também diz respeito à humanidade (Dt 14.1). Insiste Grudem: "Portanto, os 'filhos de Deus' em Gênesis 6.2 são homens justos na imitação do caráter de seu Pai celeste, e as 'filhas dos homens' são mulheres ímpias que eles desposaram".[40] Enos, o filho de Sete, foi a primeira pessoa a invocar o nome do Senhor (Gn 4.26).

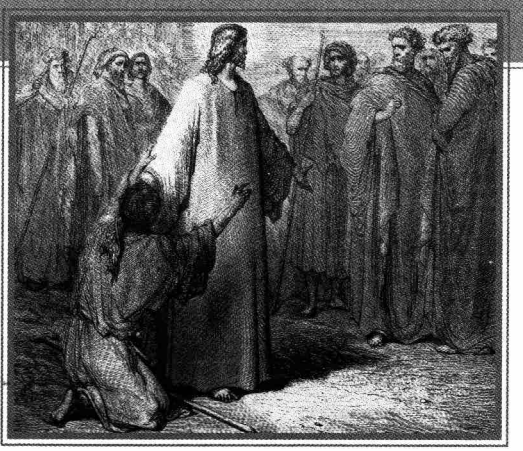
---

38. VAILATTI. 2013.

39. GRUDEM, Wayne, *Teologia Sistemática, Atual e Exaustiva*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2005. p. 336.

40. Ibidem. p. 336.

CARACTERÍSTICAS DOS DEMÔNIOS



Há, no Antigo Testamento, pouca menção aos demônios: "E nunca mais sacrificarão os seus sacrifícios aos demônios, após os quais eles se prostituem: isto ser-lhes-á por estatuto perpétuo nas suas gerações" (Lv 17.7). Esta lei coibia a prática de cultos abusivos entre os hebreus que incluíam práticas de orgias. "Sacrifícios ofereceram aos diabos, não a Deus; aos deuses que não conheceram, novos deuses que vieram há pouco, dos quais não se estremeceram seus pais" (Dt 32.17). Esses cultos incluíam sacrifícios de crianças aos demônios: "Demais disto, sacrificaram seus filhos e suas filhas aos demônios"(Sl 106.37).

Na cultura grega, os demônios eram tidos como divindades, sendo, portanto, adorados como tais. O apóstolo Paulo combateu tal prática, e, estranhamente, viu-se obrigado a advertir os crentes de Corinto a não participarem de tais cultos (1 Co 10.20). O apóstolo só deve ter feito tal advertência porque, talvez, alguns irmãos de Corinto achassem aquilo normal!

O reino das trevas é organizado e continua lutando para atrapalhar os planos de Deus com a humanidade. Seu alvo é alcançar o ser que Deus criou à Sua imagem e semelhança, a fim de descaracterizá-lo e mantê-lo afastado de Deus.

Em busca de corpos

Os demônios, por serem espíritos sem corpos, buscam corpos para desfrutar de sensações através deles, bem como para destruí-los. Para os céticos, o endemoninhamento é problema mental, e não espiritual. Entre eles, encontram-se os teólogos liberais, defensores de que as ocorrências de endemoninhamento são metáforas. Mas, como responde Lewis Chafer: "Uma metáfora dificilmente poderia entrar num bando de porcos e ser precipitada para uma destruição instantânea".[41]

O melhor exemplo para ilustrar este fato é o endemoninhado gadareno. Os demônios que nele agiam cometiam verdadeiras barbaridades: tratava-se de um espírito imundo (Mc 5.2) que habitava entre os sepulcros (Mc 5.3); era extremamente forte; era perigoso (ninguém o conseguia amansar); não dormia nem de dia nem de noite; feria-se com pedras (Mc 5.4,5). Reconheceu Jesus quando o viu (Mc 5.7); identificou-se como legião (Mc 5.9). Reconhecendo a autoridade imbatível de Jesus, o espírito que falava no homem pediu-lhe que não os enviasse para fora daquela província, afinal, a ilegalidade espiritual daquele lugar era propícia para atuação demoníaca (Mc 5.10). Finalmente, os demônios lhe pediram para entrar numa manada de porcos, e Jesus os atendeu. Os porcos se precipitaram no mar e morreram (Mc 5.12,13).

Os demônios, por serem espíritos sem corpos, buscam corpos para desfrutar de sensações através deles, bem como para destruí-los. Para os céticos, o endemoninhamento é problema mental, e não espiritual.

Há outros casos de endemoninhamento nas Escrituras, como o do jovem lunático. Enquanto Jesus estava no monte da transfiguração com Pedro, Tiago e João, os demais discípulos se debatiam na tentativa de expulsar o demônio que atuava na vida de um rapaz, lançando-o no fogo e na água, simultaneamente. Quando Jesus chega, o pai do rapaz intercede pelo filho, queixando-se ao mesmo tempo que os Seus discípulos não tinham sido capazes de resolver o problema: "e trouxe-o aos teus discípulos e não puderam curá-lo" (Mt 17.16). Na narrativa de Marcos 9.14-29, temos mais alguns esclarecimentos: tratava-se de uma casta. "Esta casta", diz o Senhor (Mc 9.29), ou seja, uma espécie determinada

41. CHAFER. 2003. v. 1. p. 455.

de demônios, o que indica haver diferentes espécies de demônios agindo em pessoas que delas se apossam. A mulher cananeia que vivia nas partes de Tiro e de Sidon veio ao encontro de Jesus, clamando desesperadamente em busca de socorro pela filha que estava miseravelmente endemoninhada (Mt 15.21-28). Contudo, há também exemplo de possessão demoníaca em que o possesso não apresenta atitude de um esquizofrênico, antes, procura ser agradável e, nesse caso, somente o discernimento de espírito é capaz de revelar a verdade sobre o caso. Assim foi com a jovem adivinha da cidade de Filipos, na Macedônia, que andava pelas ruas da cidade anunciando a respeito de Paulo e Silas: "Estes homens, que nos anunciam o caminho da salvação, são servos do Deus Altíssimo. E isto fez ela por muitos dias. Mas Paulo, perturbado, voltou-se e disse ao espírito: Em nome de Jesus Cristo, te mando que saias dela. E, na mesma hora, saiu" (At 16.17,18).

Objeções ao endemoninhamento

Para as Ciências, o endemoninhamento é tido apenas como transtorno de personalidade, tratando-se, portanto, de situação explicável. Entretanto, os casos registrados de possessões demoníacas apresentam situações que vão além de simples convulsões acompanhadas de mudança de voz e de agressividade. Fenômenos como levitação; excreção de objetos pelo vômito ou pela pele, como: pregos, lâmina de barbear, agulhas, cordões, pedaços de arame e outros objetos mais; uma força, que está além da capacidade física natural da pessoa, para levantar objetos pesados com uma mão ou com os dentes; essas são constatações. Para tais situações, ninguém oferece explicação, e não há como oferecer, pois são transcorrências próprias do mundo sobrenatural. Rudolf Bultmann perguntava se a demonologia "não era uma fuga para uma cosmovisão mitológica antiquada?"[42]. É sempre bom quando céticos, principalmente aqueles que usam de zombaria às práticas de exorcismo, deparam-se com situações dessa natureza. Se os endemoninhamentos são coisas da mente, e não eventos espirituais, como explicar os casos bíblicos relatados no ministério de Jesus e no ministério dos apóstolos? Eles interpretaram mal os casos com que lidaram?

Impingindo enfermidades

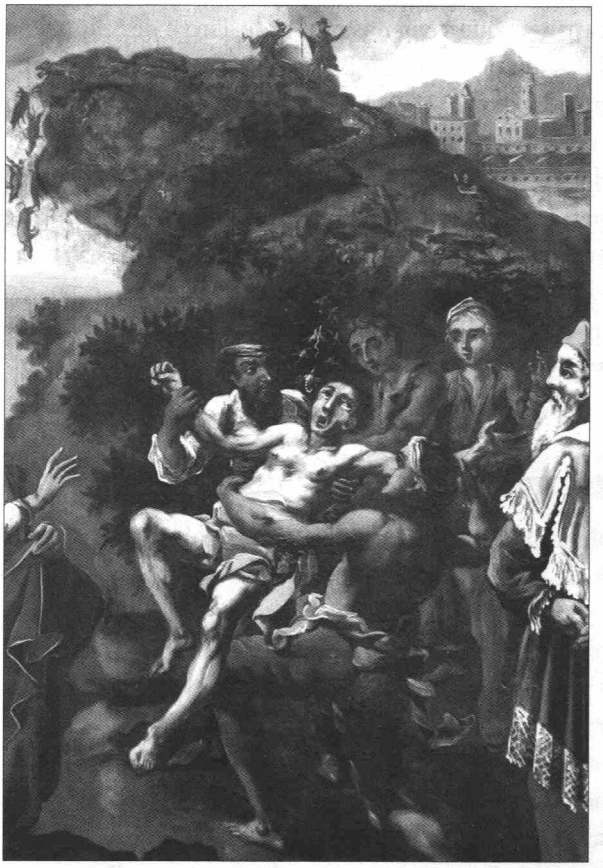
Jesus libertou pessoas que eram possuídas de enfermidades causadas por espíritos, como a mulher que andava curvada havia 18 anos (Lc 13.11). Demônios que causavam mudez (Mt 9.32,33); cegueira (Mt 12.22); o jovem lunático (Mc 9.18).

Jesus curava todos os "oprimidos do diabo" (At 10.38). Observe que os espíritos malignos que atuam (demônios) estão relacionados como agentes diretos do diabo!

---

42. BULTMANN, R. *Jesus Christ and Mytology*. Nova Iorque: Scribner, 1959. p. 65.

Gadareno



São imundos

O espírito que se apossou do gadareno é chamado de espírito imundo (Mc 5.2). Jesus deu autoridade aos Seus discípulos para expulsarem espíritos imundos (Mt 10.1); o espírito que atua no ímpio, e o deixa quando esse se converte, é chamado de imundo (Mt 12.43). Os demônios estão presentes em todos os setores da atividade humana e agem também na natureza, contrariando leis, provocando acidentes e conturbando a ordem natural das coisas.

Disseminam doutrinas

O apóstolo Paulo previne os crentes quanto às doutrinas de demônios que seriam abundantes nos últimos tempos: "Mas o Espírito expressamente diz que, nos últimos tempos, apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios" (1 Tm 4.1). Nunca se viu tantas aberrações doutrinárias como ultimamente. A Igreja de Jesus precisa enfrentar o mundo tenebroso do mal. As doutrinas de demônios estão espalhadas no âmbito religioso e até mesmo dentro de igrejas evangélicas. De vez em quando, surge algum modismo teológico que encanta os incautos, e gera divisões no Corpo de Cristo. Isso sem nos estendermos para os conceitos filosóficos da nova moralidade que atingem a vida pública através de leis que contrariam os princípios naturais e éticos compatíveis com o pensamento cristão.

Registros no Novo Testamento

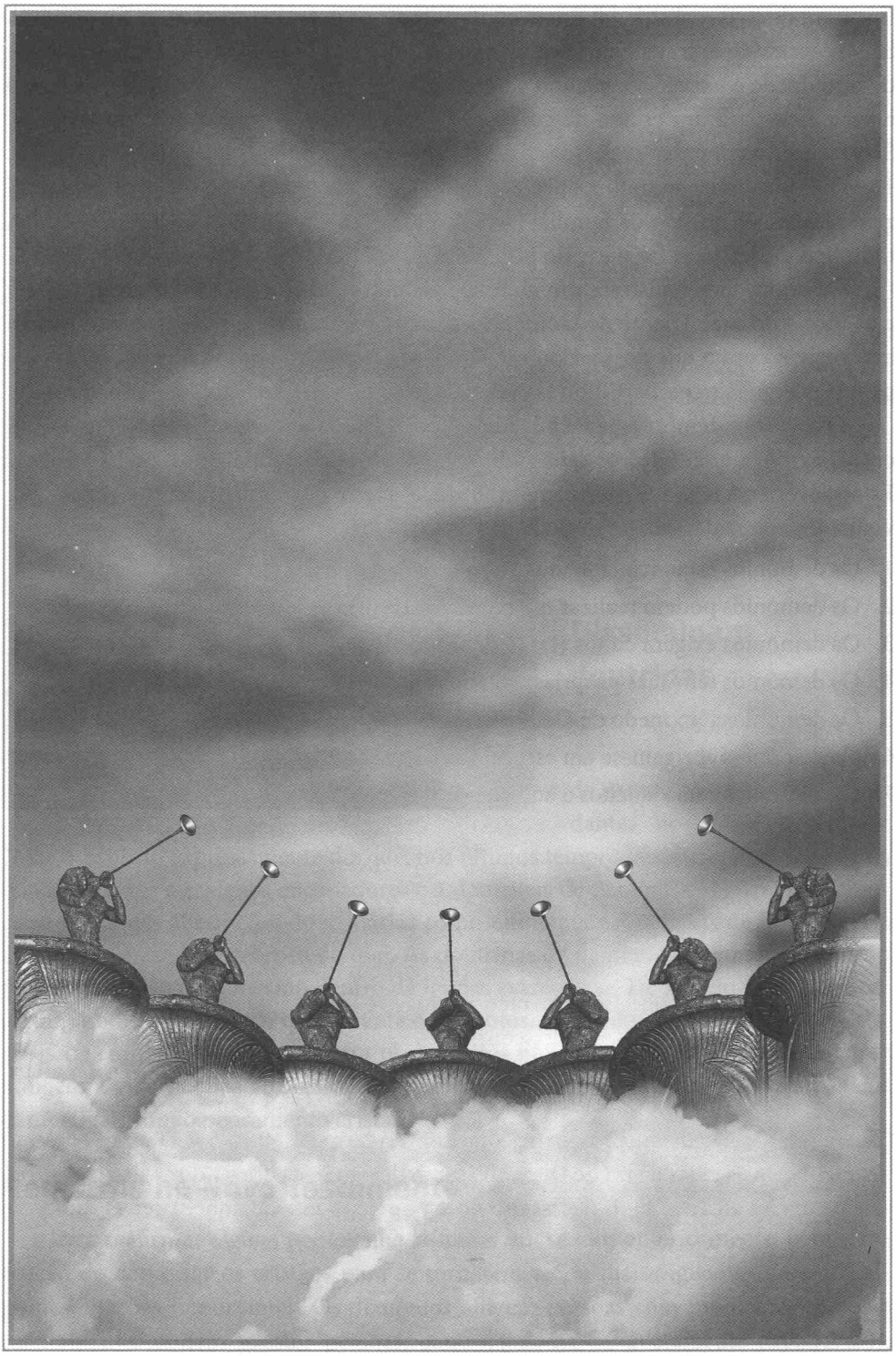
Para reafirmar alguns pontos que já foram abordados anteriormente, com a intenção de despertar os cristãos para se tornarem ainda mais vigilantes, faremos algumas citações importantes. Os demônios afligem pessoas com problemas físicos e mentais. Eles podem possuir pessoas, controlando-as completamente (Mc 5.1-20).

Inspiram doutrinas distorcidas para confundir até os próprios cristãos, se for possível. São os agentes que trabalham incentivando a idolatria, a imoralidade e todos os tipos de iniquidade e perversão, usando adolescentes, jovens, homens e mulheres, levando a sociedade para um estado de corrupção sem limites (1 Co 10.20,21; Ap 9.20,21). São capazes de prender as pessoas em situações desagradáveis e de longa duração (Lc 13.11). Podem falar usando a boca dos homens (Mt 8.28,29). Provocam brigas e trazem dissensões no seio da família, levando casais à separação ou a desatinos, enfim, todo tipo de desgraça faz parte do programa de ação dos demônios.

Os evangelhos registram um contínuo conflito espiritual entre as forças do bem e as forças do mal. Diante de tantos males, não precisamos ficar amedrontados nem apreensivos com o que possa acontecer conosco. Jesus tem autoridade sobre esses espíritos malignos e compartilhou tal autoridade com os Seus discípulos (Lc 9.1; 10.17).

O chefe dos demônios já foi julgado e receberá a sua sentença (Lc 10.18; Ap 20.10), o que significa que todos os seus súditos também estão condenados à derrota final. Estas advertências são de suma importância, a fim de que os cristãos estejam sempre vigilantes acerca das ciladas de Satanás:

1. Os demônios estão relacionados aos ídolos (1 Co 10.20; Ap 9.20);
2. Os demônios podem realizar milagres (Ap 16.14);
3. Os demônios exigem cultos (Lv 17.7; Sl 106.37);
4. Os demônios têm suas próprias doutrinas (1 Tm4.1);
5. Os demônios têm medo de Deus (Tg 2.19);
6. Os demônios abrigam-se em escombros (Ap 18.2);
7. Os demônios estão sujeitos à autoridade dos crentes (Lc 10.17).



OS ANJOS NOS EVENTOS APOCALÍPTICOS

Palavra introdutória

Deus não age sozinho. Ele dá às criaturas, tanto aos homens como aos anjos, a oportunidade de participarem com Ele dos eventos da história. Os anjos se mostram presentes na história da revelação bíblica de Gênesis a Apocalipse. Eles estão em perfeita sintonia com Deus, subordinados às Suas ordens em tudo o que fazem.

As atividades angelicais serão intensificadas no final dos tempos. O arrebatamento da Igreja será marcado por alarido (som e vozes) e "com voz de arcanjo" (1 Ts 4.16). Os juízos apocalípticos serão executados pelos anjos: "E vi os sete anjos que estavam diante de Deus, e foram-lhes dadas sete trombetas" (Ap 8.2). Ao toque de cada trombeta, haverá um desencadeamento de tragédias sobre a terra (Ap 9.13-15; 11.15). O mesmo ocorrerá com as taças da ira de Deus que serão derramadas, trazendo catástrofes sobre o planeta (Ap 15.1; 16.1). É necessário despir-se de todo e qualquer preconceito para mergulhar na revelação bíblica acerca desses seres extraordinários que não são fantasmas nem querem pôr medo em ninguém, pelo contrário, são dóceis, amorosos e presentes, principalmente na vida dos salvos, para guardá-los e transmitir-lhes mensagens e orientações celestiais, como justifica o próprio nome: "mensageiros".

Após o arrebatamento, o Senhor passará um tempo com a Igreja, o qual é denominado "Bodas do Cordeiro". Nesse tempo, ocorrerá o Tribunal de Cristo em que cada crente será galardoado pelas obras realizadas.

O anjos em relação à Igreja

Jesus mencionou os anjos várias vezes, incluindo-os nas respostas às perguntas feitas pelos saduceus, visto que essa seita judaica não acreditava na existência dos anjos. Jesus dá muita importância às atividades angelicais nos eventos escatológicos e alerta os Seus ouvintes a não os subestimarem (Mt 24.31; Lc 12.8). Os juízos vindouros sobre toda a face da terra serão trazidos pelos anjos.

Participarão do arrebatamento

Escrevendo aos Tessalonicenses, Paulo relembra aos crentes que a ressurreição dos salvos, a qual se dará no mesmo instante do arrebatamento, será anunciada angelicamente ao som de vozes e de trombeta de Deus: "Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro" (1 Ts 4.16). Além disso, sabe-se, de acordo com o Apocalipse, que os anjos participarão dos eventos subsequentes ao arrebatamento da Igreja.

Virão com a Igreja

Após o arrebatamento, o Senhor passará um tempo com a Igreja, o qual é denominado "Bodas do Cordeiro". Nesse tempo, ocorrerá o Tribunal de Cristo em que cada crente será galardoado pelas obras realizadas (1 Co 3.10-15), enquanto na terra, estarão ocorrendo os piores horrores que a humanidade jamais experimentou. No final desse tempo de sete anos, o Senhor Jesus voltará com a Sua Igreja para julgar as nações (Cl 3.4). Nessa ocasião, os anjos virão juntos: "E ele enviará os seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus" (Mt 24.31). O apóstolo Paulo confirma esse aparecimento em glória do Senhor Jesus, no qual será acompanhado dos anjos do Seu poder: "E a vós, que sois atribulados, descanso conosco, quando se manifestar o Senhor Jesus desde o céu, com os anjos do seu poder" (2 Ts 1.7).

Participarão da grande seleção

Jesus declarou que há duas espécies de pessoas dentro das igrejas: o trigo e o joio. O trigo foi plantado por Deus; o joio, pelo maligno (Mt 13.39). É triste ter de admitir que algumas pessoas que estão no seio da igreja, cantando, orando, relacionando-se com o Corpo de Cristo, e até pregando, foram trazidas pelo maligno. Mas, foi Jesus quem disse isso: "O inimigo que o semeou é o diabo; e a ceifa é o fim do mundo; e os ceifeiros são os anjos (...). Mandará o Filho do Homem os seus anjos, e eles colherão do seu Reino tudo o que causa escândalo e os que cometem iniquidade" (Mt 13.39,41). Isso implica no fato de que os anjos acompanham as atividades da igreja e sabem detectar os diferentes.

As igrejas estão sempre sujeitas a abrigar, em seu seio, o joio. Estes são aqueles que causam contendas, murmurações, divisões; que espalham o que foi juntado; enfim, trazem danos à obra do Senhor. O joio produz uma semente narcótica chamada cizânia, que, misturada ao trigo, envenena-o. Não compete aos crentes, nem à liderança da igreja, a tarefa de separar o joio do trigo. Haverá um momento de seleta e o Senhor designou os anjos para fazê-la. A percepção que se tem do texto bíblico é que esse trabalho angelical é escatológico, porém, é possível que essa seleta já esteja sendo feita pelos anjos. Às vezes, sai alguém que causava males à obra de Deus e a liderança fica triste, afinal, nenhuma igreja e nenhum líder quer perder os seus membros; mas, depois que tal pessoa sai, muita coisa do que ela fez ou plantou aparece, e tudo o que resta à igreja do Senhor, a começar pela liderança, é dar graças a Deus pela limpeza.

Reunirão os salvos

De acordo com as palavras de Jesus, caberá aos anjos a tarefa de reunir os salvos no dia da Sua vinda em glória. Haverá, ainda, uma segunda oportunidade de salvação durante a Grande Tribulação, entretanto, os salvos daquele período padecerão. Quando o Senhor se manifestar em glória com os salvos (Cl 3.4) – e, para se manifestarem glória, significa que já estarão com Ele na glória –, os salvos da Grande Tribulação serão reunidos pelos anjos. Dos quatro cantos da terra, os salvos serão encontrados e juntados. "E ele enviará os seus anjos e ajuntará os seus escolhidos, desde os quatro ventos, da extremidade da terra até a extremidade do céu" (Mc 13.27). Os anjos saberão identificar os salvos.

Testemunharão as declarações de Jesus

O Senhor designou um tempo para cada coisa, entretanto, há alguns acontecimentos que não se sabe exatamente em qual época ocorrerão; sabe-se apenas que ocorrerão. O Senhor Jesus fará duas declarações: uma a respeito dos que tiveram orgulho do Seu nome, e outra dos que se envergonharam do nome dele. Ambas as declarações

terão os anjos como testemunhas: "E digo-vos que todo aquele que me confessar diante dos homens, também o Filho do Homem o confessará diante dos anjos de Deus. Mas quem me negar diante dos homens será negado diante dos anjos de Deus" (Lc 12.8,9). Isso nos faz pensar no grau de respeito que o Senhor tem pelos anjos e na importância da colaboração deles na realização do trabalho da Igreja. O apóstolo Paulo demonstrou compreender a ação testemunhal dos anjos nas atuações terrenas dos salvos. Ao asseverar responsabilidade pastoral, concernente ao tratamento que Timóteo havia de dispensar aos ministros, o apóstolo apela para o testemunho dos anjos: "Conjuro-te, diante de Deus, e do Senhor Jesus Cristo, e dos anjos eleitos, que, sem prevenção, guardes estas coisas, nada fazendo por parcialidade" (1 Tm 5.21).

Os anjos identificados

Nenhum livro da Bíblia apresenta mais os anjos do que o livro do Apocalipse. João os viu em grande quantidade. Também foram mostrados a ele os juízos de Deus sobre a terra, todos executados pelos anjos do Senhor.

Um anjo assistente

Embora João tivesse visto o Senhor Jesus em meio a sete castiçais, com vestes até os pés, com cinto de ouro pelo peito, cabeça e cabelos como a branca lã, com olhos como chama de fogo, Seus pés reluzentes, uma espada saindo de Sua boca, o rosto resplandecendo como o sol; e Ele próprio dizendo ser o Primeiro e o Último, que fora morto, mas ali estava vivo, declarando ter as chaves da morte e do inferno (Ap 1.13-18), foi um anjo quem lhe mostrou as coisas que iriam acontecer no futuro: "Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que brevemente devem acontecer; e pelo seu anjo as enviou e as notificou a João, seu servo" (Ap 1.1). Esse anjo reaparece algumas vezes no texto do Apocalipse, falando com ele (Ap 19.10; 22.8,9).

Anjos das sete igrejas

Os anjos das sete igrejas

A mensagem recebida pelo apóstolo João devia ser entregue às sete igrejas da Ásia Menor. Curiosamente, o destinatário

é o anjo de cada igreja (Ap 2.1,8,12,18; 3.1,7,14). Esse anjo é comumente aceito como sendo o pastor de cada igreja, embora há quem pense ser um anjo guardião, posto por Deus para cuidar de cada igreja. Se for mesmo um anjo celestial, e não o pastor, estamos diante de, pelo menos, cinco casos em que o anjo é acusado por apresentar falhas, e a expressão é: "Tenho, porém, contra ti que". Sempre, o Senhor tem algo contra um desses anjos. Seria difícil imaginar que um anjo do Senhor tivesse atitude imperfeita, restando, como possibilidade, a crença de que tais anjos sejam realmente figuras humanas responsáveis pela direção do rebanho de Deus. Mas, por que são chamados de anjos? Não apenas por serem mensageiros de Deus para entregar a mensagem divina ao povo, mas porque o Senhor os vê da mesma maneira como vê os anjos.

A grande pergunta

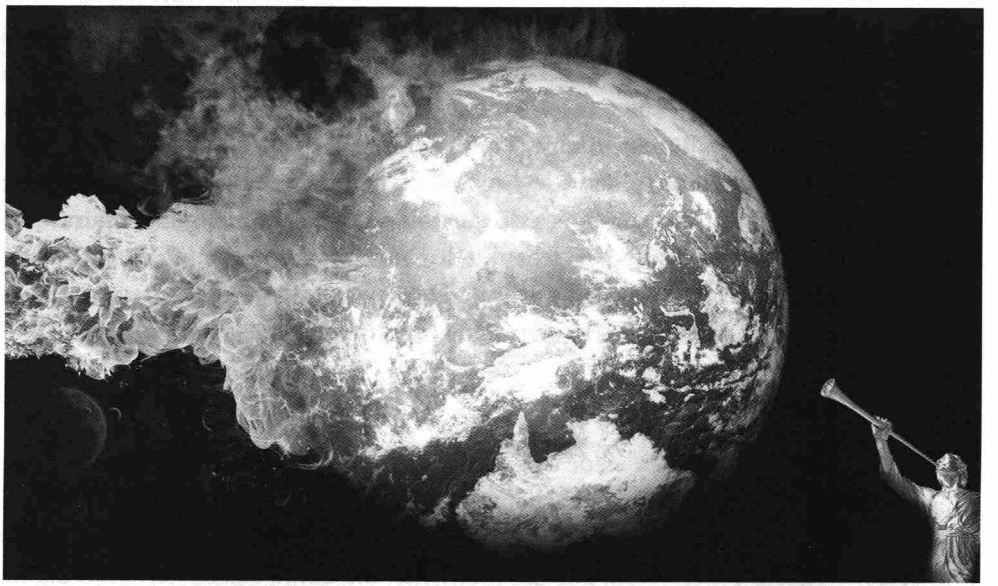
Uma situação intrigante sucede à pergunta de um anjo sobre um livro selado que ninguém, nem no céu, nem na terra, nem debaixo dela, era digno de abrir. "E vi um anjo forte, bradando com grande voz: Quem é digno de abrir o livro e de desatar os seus selos?" (Ap 5.2). João viveu, por um momento, um clima de consternação diante de uma situação enigmática. Que livro era aquele cujos selos ninguém, em todo o universo, era digno de desatar nem mesmo de olhar para ele, exceto o Cordeiro? E por que João chorou se ele nem conhecia o seu conteúdo (Ap 5.3,4)? João foi consolado por um dos 24 anciãos, anunciando-lhe que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, que venceu, – ele falava de Jesus – era digno de abrir o livro (Ap 5.5). Não se tem registrado qual o conteúdo das palavras daquele livro, porém, sabe-se que cada selo aberto implica um juízo sobre a terra. Alguns intérpretes supõem que se trata de um livro que contém a história da humanidade desde os seus primórdios.

Os anjos tocando as trombetas

Enquanto os seis selos estão abertos, João tem algumas visões de acontecimentos trágicos vindo sobre a terra. São quatro cavalos trazendo guerra, fome, morte; no quinto selo, viu as almas dos mártires clamando pela vingança do seu sangue; no sexto selo, há um abalo na terra e nas potências do céu, porém é a partir do sétimo selo que os anjos entram em ação.

Assim que o sétimo selo é aberto e sete anjos aparecem recebendo, cada um, uma trombeta; surge outro anjo com um incensário de ouro. João fica sabendo qual é o significado do incensário: as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que está diante do trono (Ap 8.1-3). Isso é altamente significativo: nenhuma oração é desperdiçada, nem mesmo aquelas cujo resultado parece não ter vindo. "E o anjo tomou o incensário, e o encheu do fogo do altar, e o lançou sobre a terra; e houve depois vozes, e trovões, e relâmpagos, e terremotos" (Ap 8.5). O peso das orações de "todos os santos" foi sentido pelo planeta Terra.

Primeira trombeta



A primeira trombeta toca. A partir de então, o que se tem é uma sucessão de juízos promovidos pelos anjos ao tocarem, cada um, a sua trombeta. Ao toque da primeira trombeta, a terça parte da terra é queimada. Dá para imaginar os efeitos ecológicos dessa destruição do verde?

Ao toque da segunda trombeta, algo grande cai ardendo em fogo, matando a terça parte que está no mar. Por que João chama de algo e não de estrela? Por tratar-se de algo que ele ainda não conhecia: provavelmente uma bomba. As nações, no auge do seu desespero, abrirão fogo umas contra as outras sem saber que estão operando em juízo divino.

Ao toque da terceira trombeta, cai do céu uma estrela que destrói a terça parte das águas. Há previsões científicas sobre a possibilidade de queda de grandes asteroides sobre a Terra.

Ao toque da quarta trombeta, parte do sol e parte da lua são afetados, trazendo escuridão sobre a Terra. Depois disso, um anjo voa pelo céu, bradando os três "ais": "Ai! Ai! Ai dos que habitam sobre a terra, por causa das outras vozes das trombetas dos três anjos que hão de ainda tocar" (Ap 8.13).

A quinta trombeta anuncia o primeiro "ai". Trata-se de uma grande dor. Abre-se o inferno e, dele, saem gafanhotos que, por cinco meses, atormentarão os homens com dores como se fossem mordidos por escorpiões. Os feridos desejarão a morte, porém, não conseguirão morrer (Ap 9.1-12).

A sexta trombeta anuncia o segundo "ai". Quatro anjos que estão presos no rio Eufrates serão soltos e matarão a terça parte dos homens. Parece tratar-se de anjos ferozes que cumprirão uma agenda (Ap 9.13-16). Mesmo assim, a dureza do coração humano será tão grande que os homens não se arrependerão (Ap 9.20,21).

A sétima trombeta anuncia o terceiro "ai". Essa trombeta provocará a ira das nações porque chegou o tempo de se galardoar os profetas e os santos em geral, ao mesmo tempo de destruir os que destroem a terra. Trata-se de um paralelismo entre o que se passa no céu (o Tribunal de Cristo) e o que se passa na terra. O lado bom é a recompensa dos santos, referida aqui como *"o segredo de Deus"* (Ap 10.7; cf. 11.18). Surpresa!!!

Observação importante: esta trombeta nada tem a ver com a que Paulo menciona em 1 Coríntios 15.52, assim como a trombeta mencionada em Mateus 24.31. As sete trombetas, aqui apresentadas, relacionam-se a sete juízos da Grande Tribulação.

Os anjos derramam as taças da ira divina

Embora pareçam suficientes todas as desgraças já ocorridas na terra, descobre-se que ainda há outros sete anjos incumbidos de derramar sete taças da ira de Deus sobre ela (Ap 15.1). As sete taças da ira de Deus são uma resposta à impiedade humana. Impiedade (gr. *asebéia)* quer dizer "falta de temor a Deus". O capítulo 16 do Apocalipse descreve o derramar de cada uma dessas taças e os efeitos que elas produzem sobre a terra. Tais vinganças têm relação direta com a causa religiosa. Há referências claras ao indiferentismo dos homens perante o Deus Santo e digno de ser adorado (Ap 15.3.4; cf. 16.2,6,9,11,14).

A prostituta, a Babilônia e o dragão

Depois de todos os acontecimentos trágicos, há uma nota específica para três grandes poderes, os quais merecem uma derrocada singular. Trata-se do poder religioso. Quanto sangue derramado de pessoas piedosas que se insurgiram contra tal poder (Ap 17.1,2). Um dos sete anjos que derramaram as sete taças convida João para ver aquela cidade destruída pelo fogo (Ap 17.6,7,16). A mulher identificada como a grande prostituta tem na testa uma inscrição: "Mistério, a Grande Babilônia, a Mãe das Prostituições e Abominações da Terra" (Ap 17.5). Agora, outro anjo desce do céu, proclamando a queda da Grande Babilônia (Ap 18.1,2), sobre a qual os reis da terra lamentarão (Ap 18.9,10). O golpe fatal contra ela é desferido por um anjo com uma grande pedra que lança no mar (Ap 18.21).

O dragão

De todos os males causados, quer por pessoas, quer por instituições, nenhum deles se compara aos males causados pelo dragão, o diabo, causador absoluto de todas as desgraças universais. Um anjo desce do céu com a chave do abismo e uma grande cadeia na sua mão e prende o dragão por mil anos (Ap 20.1-3). Os sobreviventes do planeta que foram julgados dignos desfrutarão dos mil anos de paz que se seguirão sobre a Terra. Mas, para que haja paz, é necessário que aquele que atormentava as nações

Dragão

seja preso. Após um breve período de soltura, ele será definitivamente lançado no lago do fogo onde sofrerá eterno castigo (Ap 20.7-10).

Conclusão

O fato de acreditarmos na existência e na concomitante participação de seres celestiais, além da Trindade divina, não nos torna politeístas, visto que a categoria angelical, embora espiritual, não se encontra no mesmo nível do Pai, do Filho e do Espírito Santo, antes, trata-se de uma classe criada, assim como a humana, e que atende à Trindade divina prestando-lhe serviço, do qual, nós, como membros do Corpo de Cristo, somos também alvos. Já uma vez, na história da Igreja, houve a prática de adoração aos anjos quando o gnosticismo – corrente filosófica vigente em meados do primeiro século – se introduziu no seio da Igreja, ainda nos dias de Paulo, e semeou suas heresias, as quais foram por ele combatidas, apesar de que essa prática estendeu-se em alguns grupos até o quarto século.

O estudo sobre os anjos constitui-se doutrina bíblica e, como tal, merece atenção e o respeito da Igreja, e isso se deve não somente ao fato de eles serem tão mencionados, como também serve de alerta para que, como Igreja do Senhor Jesus, não venhamos a cair em perigo por falta de vigilância e conhecimento. Além dos espíritos maus que rodeiam os crentes, na tentativa de tragá-los (1 Pe 5.8), ainda há o risco de contaminação pelo fanatismo religioso e alguns que, no entusiasmo pelos anjos, desejam cultuá-los. Os anjos têm sido homenageados e até evocados através de cânticos que dizem: "o anjo está passando"; "toque no anjo para receber a tua bênção"; "o anjo hoje vai te abençoar" etc. Alguns explicam essa "devoção" aos anjos, tomando como base a experiência de Jacó. Ele dizia: "Não te deixarei ir, se me não abençoares" (Gn 32.26). A bênção que Jacó evocou não foi de um anjo qualquer, mas do Anjo do Senhor: o próprio Senhor Jesus manifestado no Antigo Testamento em forma angelical!

BIBLIOGRAFIA

BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática.* 2. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.

BULTMANN, R. *Jesus Christ and Mytology.* Nova Iorque: Scribner, 1959.

CHAFER, Lewis Sperry. *Teologia Sistemática.* 2. ed. São Paulo: Editora Hagnos, 1976. 4 v.

CHAMPLIN, R. N.; BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* São Paulo: Editora e Distribuidora Candeia, 1991. 6 v.

CULVER, Robert D. *Teologia Sistemática Bíblica e Histórica.* São Paulo: Shedd Publicações, 2012.

ETÍOPE. *O livro de Enoque.* São Paulo: Editora Entre Tempos, 2015.

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia Sistemática.* 1. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 2007.

GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática.* São Paulo: Edições Vida Nova, 1999.

HODGE, Charles. *Teologia Sistemática.* São Paulo: Editora Hagnos, 2001.

HORTON, Stanley. *Teologia Sistemática*: uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

KALLEB, Degel. *O caminho de Lúcifer*: a revelação da trajetória de um anjo. 1. ed. São Paulo: Editora Maná, 2000.

MACARTHUR, John. Carismaticaos. S. José dos Campos, SP: Editora Fiel, 1992.

STRONG, Augustus H. *Teologia Sistemática.* São Paulo: Editora Teológica Ltda., 2002.

TOWNS, Elmer L. *Theology for Today.* Mason, OH: Cengage Learning, 2008.

WILLIAMS, J. Rodman. *Teologia Sistemática:* uma Perspectiva Pentecostal. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 2001.

Estrada do Guerenguê, 1851 - Taquara
Rio de Janeiro - RJ - Cep: 22713-001
Tel: (21) 2187-7000
www.editoracentralgospel.com

TEOLOGIA
PARA
PENTECOSTAIS

UMA TEOLOGIA
SISTEMÁTICA EXPANDIDA

A MAIOR OBRA PENTECOSTAL DE TEOLOGIA SISTEMÁTICA DO BRASIL

VOLUME 02

CRISTOLOGIA - Trata da pessoa de Cristo como o Logos divino; Sua encarnação; Sua natureza humana e divina; Seus ofícios de Profeta, Sacerdote e Rei; a Messianidade de Jesus; Sua morte expiatória, ressurreição e exaltação.
Prefácio: Pr. Jefferson Magno

PNEUMATOLOGIA - Esse tema ganha destaque especial nesta obra porque apresenta, de forma apologética, a ação viva do Espírito Santo na Igreja. Trata do assunto que constitui uma das mais acirradas controvérsias históricas movidas pelos antipentecostais contra a atualidade dos dons do Espírito, conforme crida e praticada pelos pentecostais.
Prefácio: Pr. Esequias Soares

ANGELOLOGIA - Um estudo sobre os anjos, sua classificação, atividades, hierarquia e importância. Trata também da queda do anjo maior; a formação do reino de Satanás; os anjos maus e as diferentes teorias sobre a origem dos demônios.
Prefácio: Pr. Elienai Cabral

DEMAIS VOLUMES

Vol. 01	História da Teologia Cristã Bibliologia Teontologia	Vol. 03	Antropologia Hamartiologia Soteriologia	Vol. 04	Eclesiologia Escatologia História do Movimento Pentecostal

O Pastor Walter Brunelli tem levado a Palavra de Deus a muitos países em Igrejas, conferências, seminários, cruzadas evangelísticas e através do programa TV Bereana, exibido em diversos canais de televisão e via internet. Por onde passa, contribui para o crescimento do Corpo de Cristo com mensagens impactantes, conforme a orientação do Espírito Santo.

- Graduado em Teologia pela Faculdade de Teologia da Igreja Metodista Livre, de São Paulo
- Graduado pela Escola Superior de Teologia de São Leopoldo, RS
- Pós-graduado em Didátida do Ensino Superior pela Universidade Presbiteriana Mackenzie
- Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie

Pr. Presidente da Assembleia de Deus Bereana, em São Paulo
www.walterbrunelli.com.br

CENTRAL GOSPEL
impactando vidas e conquistando vitórias

Estrada do Guerenguê, 1851 - Taquara
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22713-001
PEDIDOS: (21) 2187-7000
www.editoracentralgospel.com

ISBN: 978-85-7689-475-9
9 788576 894759 33012